

A DIVULGAÇÃO INTERNACIONAL DA ARQUITECTURA PORTUGUESA 1976-1988

CRISTINA EMÍLIA RAMOS E SILVA

A DIVULGAÇÃO INTERNACIONAL DA ARQUITECTURA PORTUGUESA 1976-1988

Cristina Emília Ramos e Silva

UNIVERSIDADE DO PORTO

PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO SERRA HENRIQUES

2023

*aos meus pais, pelo apoio de sempre
ao Alberto e à Francisca, por tudo fazer sentido*

Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, em Janeiro 2016

O presente trabalho de investigação foi suportado pela bolsa de investigação SFRH / BD / 69058 / 2010 da Fundação Ciência e Tecnologia (FCT) do Governo português; sem a qual não teria sido possível realizá-lo.

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Gonçalo Furtado, orientador da presente dissertação, pelo método, pela exigência, pelo constante incentivo e pelas suas observações de grande acuidade que pontuaram o avanço do trabalho.

Às personalidades que tivemos a oportunidade de entrevistar, pelas informações que prestaram, cruciais para a nossa investigação: Alessandro Mendini, Alexandre Alves Costa, Anton Capitel, Enrique Sobejano / Fuensanta Nieto, Francesco Marconi, Francisco Pires Keil do Amaral, François Burkhardt, Jacques Lucan, José Charters Monteiro, José Paulo dos Santos, Josep Lluís Mateo, Luis Fernández-Galiano, Luiz Cunha, Martin Keiding, Michel Toussaint, Nuno Portas, Pedro Brandão, Peter Testa, Pierluigi Nicolin, Pierre-Alain Croset, Raul Hestnes Ferreira, Tomás Taveira, Toshiaki Tange, Toshio Nakamura, Wilfried Wang, Yehuda Safran e a título póstumo a Duarte Cabral de Mello.

A Carlos Castanheira pela dedicação de muito do seu tempo para connosco partilhar a sua experiência.

A Álvaro Botero Escobar, António Belém Lima, Brigitte Fleck, Christian Roul / François Bouchaudy / Philippe Bogacz, Manuel Graça Dias, Geoff Markham, Oriol Bohigas e Xan Casabella López por terem tido a amabilidade em disponibilizar também documentos originais dos seus arquivos.

A Markku Komonen pelos documentos que nos disponibilizou e pela sua sincera disponibilidade em envolver-se com a nossa investigação, dando-nos indicações que se revelaram valiosas para o seu desenvolvimento.

A Petra Čeferin pela sua amabilidade em partilhar connosco o seu trabalho e pelo entusiasmo.

A Kenneth Frampton por nos ter recebido demoradamente e pela leitura dos nossos artigos.

A Álvaro Siza pelo envio de documentos e pela leitura daquilo que fomos publicando; e à Anabela Monteiro por o facilitar.

Às instituições que diligentemente nos proporcionaram o acesso a material significativo para a nossa investigação; na pessoa de Antonietta Bucci do Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão, Barbra Prine, assistente administrativa do MIT List Visual Arts Center, Clara Brea Bermejo da Biblioteca do Colégio Oficial de Arquitectos da Galiza, Nigel Brown do Institute for Housing and Urban Development Studies na Holanda, Petteri Kummala da Biblioteca do Museu de Arquitectura Finlandesa, que diligentemente redireccionou de forma

certeira o nosso pedido; e Nuno Guerreiro, Anizio Aguiar, Pedro Moreira e Ana Maia da Biblioteca da FAUP, que incansavelmente nos atenderam.

A todos os professores do PDA 2008 / 2009 por impulsionarem o prazer pela leitura e estudo da arquitectura abrindo novos caminhos a explorar, nomeadamente os professores Domingos Tavares, Carlos Guimarães, Rui Ramos, que também nos prestou informações do seu arquivo importantes para a nossa investigação, Virgílio Pereira e a título póstumo, a Marieta Dá Mesquita, por ter partilhado connosco a sua inspiração.

A António Neves e a António Choupina por além da sua amizade terem disponibilizado informações e documentos, e a Maria Conceição Melo que ainda nos ofereceu a sua curiosidade contínua e leitura atenta.

A Javi Esteo pela tradução do catalão num verão quente espanhol. A Laia Vilaubi por ter rigorosamente enviado as digitalizações que lhe solicitámos.

A Maria Tavares e Pedro Flores, colegas do PDA, que se tornaram amigos e companheiros decisivos nesta viagem.

A Luís Valentim, Mariana Barrias e Susana Araújo por terem gentilmente aliviado a carga burocrática.

Ao Alberto, pelas ajudas menos académicas, mas sobretudo por ser um interlocutor indispensável na discussão das mesmas, bem como na tradução de algumas.

A Cláudia Loureiro, a amiga de sempre, uma palavra muito especial, por ser a responsável por tudo isto.

A família Montoya, pela paciência com as ausências e cuidados com a neta e sobrinha, a família Silva, por isso e tudo o resto, a família alargada, Teresa Simões, Lourdes Santos, Margarida Alves, Glória Silva, Ana Santos, Elisabete Goulão, Magda Carvalho, Tiago Carvalho, João Ventura, Paula Barros por carinhosamente suavizarem o dia-a-dia.



ÍNDICE

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	12
CONTEXTOS: NACIONAL, INTERNACIONAL E TEMÁTICO	28
1. O ANO SEMINAL: 1976	64
1.1. Das hesitações à determinação: até 1976	67
1.2. O surgimento de um <i>núcleo duro</i> : 1976	116
ANEXO AO CAPÍTULO 1: documentos ilustrativos	154
2. O PERÍODO CHARNEIRA: 1977 – 1983	166
2.1. O pensamento e a obra de Álvaro Siza como objecto de atenção	175
2.2. A arquitectura portuguesa no centro da divulgação internacional	217
2.3. A divulgação nos países do <i>núcleo duro</i>	260
ANEXO AO CAPÍTULO 2: documentos ilustrativos	288
3. A PROLIFERAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO: 1984 – 1988	312
3.1. A continuidade da presença em algumas revistas	316
3.2. O envolvimento de anteriores e novos intermediários culturais	363
3.3. A divulgação no cruzamento de diferentes correntes	404
3.4. A consagração internacional de Siza	444
ANEXO AO CAPÍTULO 3: documentos ilustrativos	462
CONCLUSÃO	492
BIBLIOGRAFIA	510
ÍNDICE INTERMEDIÁRIOS CULTURAIS E AUTORES DAS OBRAS	564
BIOGRAFIA	572

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objecto de trabalho a divulgação internacional da produção arquitectónica portuguesa no período temporal entre os anos de 1976 e 1988.

Situa-se no âmbito da Teoria e História da Arquitectura, versando a Historiografia da arquitectura portuguesa, em particular estuda os processos da sua divulgação em meios disciplinares internacionais. Aproveitando o afastamento proporcionado pelo cenário de observação se localizar no exterior, acreditamos poder encontrar uma nova perspectiva para a historiografia da arquitectura portuguesa, que venha a iluminar caminhos teóricos outros e a própria produção arquitectónica, contribuindo assim para aqueles campos disciplinares, fomentando uma discussão que se pretende enriquecedora.

Trata-se de uma primeira abordagem a um tema de grande dimensão, na qual se pretendeu encontrar mais do que uma ideia geral de divulgação, uma rede de ideias que contribuíram para a consolidação da visibilidade possuída actualmente pela produção arquitectónica nacional. Conscientes de que seria um projecto dificilmente atingível circunscreveu-se, com todo o rigor, como se descreve adiante.

Quando iniciámos os trabalhos de investigação vivia-se uma altura em que termos como a *globalização* e *internacionalização* vinham sendo aplicados à arquitectura, tendo mesmo sido usado o termo *exportação*, sinal da esperança crescente que o território internacional corporizava para o campo disciplinar nacional, acrescentando assim maior sentido de oportunidade à nossa dissertação, que se detém sobre o interesse pela arquitectura portuguesa fora das fronteiras geográficas da sua construção.

Importa precisar que Espanha, Itália, e sequentemente França foram os países que tiveram uma importância seminal prolífica na divulgação da arquitectura portuguesa, e onde se fez ouvir mais intensamente os seus ecos. Outros países integraram o circuito da divulgação da arquitectura portuguesa contribuindo para o seu reconhecimento como na Europa, a Alemanha, o Reino Unido, a Dinamarca, a Finlândia, a Holanda, a Suíça, a Bélgica, a Áustria, a Grécia; e

fora da Europa, o Japão, os Estados Unidos da América, o Canadá, o Brasil, a Argentina, a Colômbia, entre outros.

Percorreremos estes territórios ao ritmo da atenção prestada à arquitectura portuguesa.

A razão que está na base da ambição acima referida de conquistar o território internacional tem a sua origem no período entre 1976 e 1988, durante o qual teve início e se consolidou o reconhecimento internacional actual da arquitectura portuguesa, o qual permite equacionar agora aquela pretensão como alcançável.

O ano de 1976 constitui um ano seminal, na medida em que pela primeira vez foram publicados artigos, realizados congressos e exposições, em vários países em simultâneo, designadamente Espanha, Itália, França e Alemanha, através de convites e reflexões efectuados por intermediários culturais estrangeiros. É também a partir de 1976 que a sua divulgação se torna mais intensa e extensa, com presença regular nas edições internacionais da especialidade, participação frequente em congressos, objecto de exposições e de artigos de autores internacionais.

A afirmação anterior não significa que a arquitectura portuguesa não tenha sido publicada ou exibida internacionalmente, como é demonstrativa a participação de Portugal em exposições internacionais no século XX, ou recuando ainda mais, ao ano de 1795, à publicação pelo arquitecto Irlandês James Cavanagh Murphy de desenhos do Mosteiro da Batalha acompanhados por textos, que segundo Varela Gomes constituiu a primeira publicação de arquitectura portuguesa na Europa moderna, num “*álbum fundador do movimento neo-gótico internacional*”¹. O que queremos dizer é que houve uma mudança na divulgação internacional da arquitectura portuguesa, caracterizada por uma mais frequente participação em eventos internacionais.

Naturalmente, para compreender esta mudança foi necessário recuar ao período anterior a 1976, com o objectivo de identificar as características da divulgação internacional da arquitectura portuguesa realizada anteriormente e de encontrar os agentes e as circunstâncias da referida mudança. Assim, passámos em revista

¹ Murphy foi o nome escolhido para uma revista académica editada pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, por Paulo Varela Gomes; em http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/revistas/murphy2 e em http://www1.ci.uc.pt/murphy/murphy/murphy%20_%20projecto%20editorial.html, ambos acedidos a 7/2/2014.

sineticamente a representação estatal internacional ao nível da arquitectura e a divulgação do trabalho de alguns arquitectos durante o Regime do Estado Novo, pós 1933.

O ano de 1988 marca por um lado a estabilização da divulgação internacional da arquitectura portuguesa ocorrida nos anos anteriores, tanto relativamente à quantidade de eventos onde figurou por ano, como relativamente aos temas e arquitectos divulgados, de entre os quais se destaca a obra de Siza; e por outro lado, 1988 marca igualmente o aumento exponencial de eventos internacionais em que a arquitectura portuguesa participa nos anos seguintes.

É ainda de destacar que 1988 foi o ano em que foram atribuídos quatro prémios internacionais a Siza, os primeiros internacionais que recebeu, sendo de quatro origens geográficas diversas: de Espanha, a Medalha de Ouro de Arquitectura do Conselho Superior dos Colégios de Arquitectos, da Comunidade Europeia, o prémio Mies Van der Rohe, da Finlândia, a medalha Alvar Aalto, e dos Estados Unidos da América, o Prémio Prince of Wales da Universidade de Harvard. Estes antecederam em quatro anos a atribuição do Pritzker, um prémio que se caracteriza por se constituir como consagração de carreira.

A definição dos anos de 1976 e 1988 como balizas temporais para a nossa investigação não pretende mascarar a importância de datas marcantes como a Revolução do 25 de Abril de 1974 e a entrada de Portugal em 1986, para a então designada Comunidade Económica Europeia, pois estes acontecimentos tiveram consequências no crescente interesse internacional pela arquitectura portuguesa, como é sinal evidente por exemplo, a atribuição do prémio Mies van der Rohe, da Comunidade Europeia a uma obra de Siza. No entanto, optámos por definir datas relativas a acontecimentos disciplinares decisivos para a nossa investigação, os quais têm habitualmente um desfase temporal relativamente àqueles acontecimentos de ordem social e política.

A presente dissertação tem como objectivo essencial abarcar e perceber o processo da divulgação internacional da arquitectura portuguesa contemporânea entre 1976 e 1988. Não nos interessa portanto, analisar as obras em concreto, nem sob que hipotéticas influências terão sido construídas, nem mesmo avaliar a justeza com que se escreveu sobre elas ou sobre os seus autores, inclusivamente nos meios internacionais.

Para abarcarmos o processo de divulgação internacional, pretendemos cartografar o mapa da rota da sua divulgação, identificar os intermediários

culturais envolvidos, determinar as suas acções, indagar sobre as suas motivações e enquadramentos teóricos, identificar os seus percursos e cruzamentos com outros intermediários, bastante frequentes dada a mobilidade geográfica e trocas intensas entre divulgadores de arquitectura, tanto em contextos das escolas de arquitectura, como nas equipas redactoriais de periódicos da especialidade, em conferências e exposições, ou mesmo em situações de carácter informal. Em simultâneo, pretendemos revelar como se foi construindo e qual o discurso sobre a arquitectura construída em Portugal a nível internacional.

Pelas características da investigação, e em particular dadas as referidas trocas intensas que se verificaram entre protagonistas nacionais e estrangeiros, esta dissertação inclui uma narrativa de sequência de episódios internacionais com relevância que ultrapassa o âmbito da arquitectura nacional.

Pretendemos ainda aferir ideias que entretanto se generalizaram sobre a divulgação internacional da arquitectura portuguesa, como a relevância dos intermediários culturais portugueses na projecção internacional da arquitectura e na construção do seu processo interpretativo, a importância do SAAL na encomenda internacional a Siza e na divulgação internacional da arquitectura nacional, o surgimento do tema ‘escola do Porto’, entre outros.

Por outro lado, sendo desde logo óbvia a importância de Siza no reconhecimento internacional da arquitectura portuguesa pretendemos objectivar o seu protagonismo na divulgação internacional.

Demonstraremos como se deu a aproximação entre as abordagens teórico - críticas internacionais e a arquitectura portuguesa, bem como revelaremos o papel dos intermediários culturais nacionais e estrangeiros no seu posicionamento internacional.

Verificaremos se as abordagens teórico - críticas sob as quais se delineou a resposta global e comunicativa face à abstracção do Movimento Moderno, ofereceram uma perspectiva de integração no momento do nosso estudo, da produção arquitectónica portuguesa. Esclareceremos se a arquitectura portuguesa foi simplesmente um argumento mais, utilizado como uma peça a movimentar num maior e complexo jogo teórico, cujo centro se encontra fora do território nacional, ou se pelo contrário, a arquitectura portuguesa contribuiu de forma inovadora com formulações enriquecedoras para o universo teórico internacional, constituindo um epicentro arquitectónico, usando a terminologia de Petra Çeferin. Nesta dissertação defendemos a tese consubstanciada pela segunda hipótese.

Deste trabalho podem ser retiradas diferentes resultados e ilações com interesses vários que vão desde aspectos mais teóricos a aspectos mais pragmáticos, quer no campo da prática disciplinar como da sua divulgação.

A presente dissertação interessará desde logo à comunidade de teóricos que reflectem sobre arquitectura e de historiadores que se ocupam dos tempos contemporâneos. Com um sentido utilitário mais imediato a dissertação poderá interessar a críticos e comissários, pois numa altura em que se multiplicam as iniciativas nacionais de promoção internacional de arquitectura, parecem-nos importante que estejam conscientes das percepções internacionais da arquitectura portuguesa, para que a mensagem que pretendem passar seja lida pelo público-alvo. Por outro lado, esta dissertação poderá também apontar estratégias de divulgação a estes intermediários culturais, para que mantenham visível a arquitectura portuguesa no contexto global. Atendendo à posição que Portugal partilha com outros países europeus no campo da arquitectura, esta dissertação poderá interessar também a pessoas destes países; e ainda a estrangeiros que acompanham a arquitectura portuguesa, contribuindo assim para o aprofundamento do seu conhecimento.

Parece-nos que o público desta dissertação pode na realidade ser muito alargado e abranger diversos sectores do campo da arquitectura, facto que certamente reforça a sua pertinência.

Embora a investigação se concentre num período de tempo um pouco maior que uma década esta foi bastante extensa de forma a atingir a maior acuidade possível, tendo sido circunscrita de acordo com critérios rigorosos, os quais passamos a dar conta.

A delimitação do objecto de trabalho corresponde a um universo de eventos ocorridos fora das fronteiras nacionais, nos quais foi divulgada a arquitectura construída em Portugal. Os eventos considerados são: publicações, em livros e em edições periódicas, exposições, conferências, congressos e atribuição de prémios. Para a determinação do contexto geográfico da divulgação internacional da arquitectura portuguesa são considerados os locais de realização desses eventos, contexto esse que valorizamos em detrimento da nacionalidade ou da residência dos divulgadores. Este critério é relevante uma vez que a mobilidade de alguns protagonistas é bastante grande, e por outro lado, permite a inclusão de protagonistas portugueses frequentemente determinantes na divulgação internacional da arquitectura nacional. Não foram considerados eventos com

a participação de protagonistas estrangeiros ocorridos em território nacional, por estes não contribuírem directamente para a divulgação internacional da arquitectura portuguesa.

O universo das fontes que nos permitiu aceder a estes eventos são documentos escritos publicados, cuja informação foi complementarmente contrastada com entrevistas a protagonistas envolvidos. Pelo que a presente dissertação privilegia sobretudo factos que tiveram uma tradução documental, em detrimento de outros como possam ser actividades lectivas em universidades estrangeiras, atribuição de títulos honoríficos por academias internacionais, conferências sem registo escrito, presença de estudantes portugueses em universidades estrangeiras, entre tantos outros, os quais podem ter contribuído para a divulgação internacional da arquitectura portuguesa, mas que são mais dificilmente acessíveis e / ou relatáveis. No entanto, será feita a sua referência sempre que forem identificados no decorrer da investigação, mas sem preocupação em sermos exaustivos, pela sua característica frequente de menor visibilidade.

Assim, as fontes documentais escritas publicadas sob a forma de livros, periódicos, catálogos, actas de congressos e de prémios são o objecto de trabalho privilegiado. São consideradas aquelas que se detêm sobre a arquitectura portuguesa coeva da sua edição ou realização, pelo que sempre que utilizarmos a expressão arquitectura portuguesa estamo-nos a referir à realizada no período temporal próximo da data da publicação ou da realização do evento. São consideradas aquelas que se detêm sobre a arquitectura realizada em Portugal, sendo que o trabalho de arquitectos portugueses realizado fora do território nacional é tratado nos casos em que este é inerente.

Importa referir que se revestiram de especial importância os documentos escritos nas línguas espanhola, italiana, francesa e inglesa, pela elevada audiência que alcançam, os quais foram analisados. Documentos produzidos noutras línguas são enumerados ao longo da dissertação.

No total foram considerados aproximadamente quatrocentas entradas, distribuídas por uma selecção de duzentos e cinquenta números de edições periódicas, cinquenta livros e cem catálogos, o que se traduz em, aproximadamente, setecentos itens distribuídos por artigos, entrevistas e memórias descritivas.

Em termos operativos começámos por construir o universo das fontes documentais escritas mediante acesso a bibliografias gerais e sobretudo de

arquitectos que viram a sua obra divulgada, cujo registo constituiu o ponto de partida para a nossa investigação.

Seguiu-se a recolha dos documentos junto de alguns centros bibliotecários de relevo nacionais e internacionais, de outras instituições internacionais, bem como de alguns intervenientes. De entre os centros bibliotecários nacionais são exemplo a Biblioteca Municipal do Porto, a Biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, da Universidade de Aveiro, da Universidade de Coimbra, da Universidade de Lisboa, o Centro de Documentação 25 de Abril, a Biblioteca de Arte da Fundação Gulbenkian. De entre os centros bibliotecários internacionais são exemplo a Biblioteca do Colégio de Arquitectos da Galiza, do Colégio de Arquitectos de Sevilha, do Colégio de Arquitectos da Catalunha, da Fundação Mies Van der Rohe, do Real Instituto de Arquitectos Britânicos (RIBA), do Instituto de Estudos da Habitação e Desenvolvimento Urbano (IHS) e da Biblioteca Frances Loeb da Universidade de Harvard. De entre as instituições internacionais são exemplo o Pavilhão de Arte Moderna de Milão e o Centro de Artes Visuais do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Pessoas que nos disponibilizaram documentos foram nomeadamente Siza Vieira, Manuel Graça Dias, António Belém Lima, Pedro Brandão, Rui Ramos, Geoff Markham, Markku Komonen, Brigitte Fleck, Petra Čeferin, Xan Casabella López, Oriol Bohigas e Christian Roul / François Bouchaudy / Philippe Bogacz, parte do colectivo Francês Opus Incertum.

Os documentos foram registados de acordo com a sua origem geográfica e segundo ordem cronológica, o que desde logo permitiu um esboço do mapa da divulgação internacional da arquitectura portuguesa ao longo dos anos do período considerado, o que constitui um dos objectivos da dissertação. Na prossecução dos mesmos, foi sendo gradualmente aprofundada a análise de tais documentos, passando pela identificação dos seus intervenientes e categorização dos eventos, retirando o máximo de informação possível sobre as circunstâncias da sua ocorrência. Numa fase posterior, foram seleccionados os textos significativos sobre a caracterização geral do trabalho dos arquitectos referidos, que não se circunscrevem a análise de obras específicas, por entendermos serem nestes casos mais restritos e menos elucidativos. Foram igualmente objecto de particular atenção entrevistas e textos reflexivos por parte dos arquitectos autores das obras, por serem testemunhos dos tempos vividos, que em conjunto com os dos críticos, contribuem para a aferição e traçado de um quadro geral e complexo.

As informações assim obtidas foram enquadradas por outras de carácter mais geral através de leituras sobre os eventos em causa, os percursos e os interesses dos intermediários culturais e ainda sobre contexto da disciplina nos países em foco.

Aquelas informações foram ainda complementadas pela realização de entrevistas às pessoas envolvidas. A selecção dos entrevistados, que se pretendeu o mais alargada possível, teve na sua base a análise prévia dos documentos escritos, e outros critérios como a avaliação do seu empenho na divulgação da arquitectura portuguesa em cada evento e ao longo do tempo, os contextos em que cada evento foi realizado e o pioneirismo temporal e ou geográfico e ou temático.

A pertinência da realização de entrevistas foi avaliada sempre a partir da análise prévia dos documentos escritos e sequente apreciação da sua relevância. Foram realizadas entrevistas a protagonistas nacionais e estrangeiros de forma a enquadrar o(s) evento(s) em que estiveram envolvidos. De entre os protagonistas seleccionados, conseguimos entrevistar: Alessandro Mendini, Alexandre Alves Costa, Álvaro Botero Escobar, Anne Hagelskjaer, António Belém Lima, Anton Capitel, Brigitte Fleck, Carlos Castanheira, Christian Roul / François Bouchaudy / Philippe Bogacz, Duarte Cabral de Mello, Enrique Sobejano / Fuensanta Nieto, Francesco Marconi, Francisco Pires Keil do Amaral, François Burkhardt, Geoff Markham, Jacques Lucan, José Charters Monteiro, José Paulo dos Santos, Josep Lluís Mateo, Kenneth Frampton, Luis Fernández-Galiano, Luiz Cunha, Manuel Graça Dias, Markku Komonen, Martin Keiding, Michel Toussaint, Nigel Browne, Nuno Portas, Peter Testa, Pierluigi Nicolin, Pierre-Alain Croset, Raul Hestnes Ferreira, Tomás Taveira, Toshiaki Tange, Toshio Nakamura, Wilfried Wang, Xan Casabella e Yehuda Safran.

A realização destas entrevistas foi sendo feita a par com outras actividades de investigação conduzidas entre os anos de 2009 e 2015. Foram realizadas através de vários meios, por correio electrónico, por telefone, por vídeo-conferência e presencialmente, tendo neste último caso envolvido deslocações aos Estados Unidos da América, a Espanha e Lisboa.

Apesar de termos preparado as respectivas entrevistas e envidado todos os esforços para a sua concretização não nos foi possível obter respostas de intervenientes como Daniele Vitale, Eduard Bru, Janet Abrams, Laurent Beaudouin, Marc Emery, Michael Newman, Oriol Bohigas, Paolo Portoghesi, Paul Chemetov e Vittorio Gregotti. No entanto, nos casos mais importantes de

Vitale, Beaudouin e Gregotti foi possível colmatar algumas das falhas através de entrevistas ou de artigos seus publicados mais recentemente, os quais indicaremos oportunamente.

As informações prestadas pelos entrevistados foram usadas a dois níveis. O primeiro, como forma de obter rastros de documentos que seguimos no sentido de completar a investigação. O segundo nível como meio de obtenção de informações, usadas no corpo da dissertação quando entendidas como pertinentes, sendo sempre devidamente identificadas em notas de rodapé.

Importa equacionar a utilização de entrevistas em trabalhos de investigação.

A sua utilização como fonte primária remonta a meados do século XX nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, onde se foi desenvolvendo e ganhando contornos de um ramo de disciplina, com direito a departamentos específicos em universidades como Columbia e Berkeley, e a milhares de horas de entrevistas gravadas disponíveis em bibliotecas para consulta pública, a qual recebeu o nome de história oral². Está associada à feitura da história dos grupos minoritários por ser um meio que permite ouvir aqueles que “não têm voz”, ao contrário das elites que se encarregam de escrever a sua própria história.

Também a arquitectura foi abordada por projectos de história oral.

Mencionamos a título meramente exemplificativo o projecto de história oral dos Arquitectos de Chicago, que tem como objectivo recolher as experiências de vida dos arquitectos que realizaram intervenções naquela cidade; os arquivos de entrevistas biográficas a vários arquitectos da Biblioteca Britânica disponíveis para audição na internet; o livro de John Peter, cujo projecto de história oral documenta o movimento moderno através de entrevistas a vários arquitectos; ou mais recentemente um livro de Hans Ulrich Obrist e Rem Koolhaas realizado com base em entrevistas aos arquitectos ainda vivos envolvidos no movimento da arquitectura metabolista no Japão³.

² DOEL, Ronald E, “Oral History of American Science: a Forty-Year Review”, Science History Publications Ltd, Provided by the NASA Astrophysics Data System, 2003, p. 349, consultado em <http://goo.gl/FiHVqg> a 31/5/2014.

³ Com início em 1983, o projecto de história oral dos Arquitectos de Chicago foi acolhido pelo Departamento de Arquitectura do Instituto de História de Arte de Chicago, disponível em: <http://digital-libraries.saic.edu/cdm/landingpage/collection/caohp> acedido a 31/5/2014. <http://www.bl.uk/reshelp/findhelprestype/sound/ohist/ohcoll/oharch/architecture.html> acedido a 31/5/2014; <http://sounds.bl.uk/Oral-history/Architects-Lives> acedido a 9/6/2014. PETER, John, *The Oral History of Modern Architecture: Interviews With the Greatest Architects of the Twentieth Century*, Nova Iorque, Harry N. Abrams, 1994. KOOLHAAS, Rem,

Segundo Luísa Tiago de Oliveira, a responsável pela primeira cadeira de história oral leccionada em Universidades portuguesas em 2001 no ISCTE – IUL, a introdução da história oral em Portugal “*é recente e não está solidamente institucionalizada*”⁴.

Oliveira chama a atenção para o facto de haver trabalhos sobre a Revolução em Portugal onde era usada a história oral realizada por estrangeiros na década de 80, nomeadamente por Nancy Bermeo (1986) e Charles Downs (1989), bem como algumas teses portuguesas pioneiras da área da Sociologia como a de António Barreto (1984)⁵. Oliveira remete a sua institucionalização em Portugal para o início da década de 90 do século passado com um programa de história oral no Centro de Documentação 25 de Abril⁶.

Oliveira refere a tese de António Bandeirinha, em 2002, como exemplo do aumento considerável do número de teses que recorrem ao recurso da história oral⁷. Alexandre Alves Costa no prefácio do livro que teve origem na referida tese de Bandeirinha, intitulado *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, celebra ter sido possível realizar entrevistas às pessoas que ainda se lembravam dos acontecimentos daquela época, contrariando assim a “*espécie de apagamento*” da sua história⁸. Bandeirinha, no preâmbulo do referido

OBRIST, Hans Ulrich, *Project Japan: Metabolism Talks*, Colónia, Taschen, 2011. De facto, Obrist vem desenvolvendo o seu próprio projecto de história oral, o qual designa como *Interview Project*. BAPTISTA, Luís Santiago, MELÂNEO, Paula, “Entrevista a Hans Ulrich Obrist. ‘A esperança de ser um contributo para a empatia no planeta’”, *Arq/a*, n. 98, 99, 2011, p. 18 – 23.

⁴ OLIVEIRA, Luísa Tiago de “A História Oral em Portugal”, *Sociologia. Problemas e Práticas*, 63, 2010, p. 139-156, disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n63/n63a08.pdf> acedido a 3/6/2014. Podemos apontar como exercício pioneiro em Portugal a recolha sobejamente conhecida realizada por Michel Giacometti nas décadas de 60 e 70 do folclore nacional, à semelhança do que também foi feito nos EUA e no Reino Unido.

⁵ Acrescem as teses de Sánchez Cervelló (1993) e na área da Sociologia de Afonso de Barros (1986) e João Freire (1988). Ibidem.

⁶ Ibidem. Desde então foram sendo desenvolvidos alguns projectos noutras instituições nomeadamente no Museu da Pessoa na Universidade do Minho, no Museu da Luz, na Academia da Marinha, entre outros. A partir de 2006 foram realizados congressos sob aquele tema, foram escritos livros com grande impacto público em que parte da sua informação está baseada em entrevistas, como a biografia de Álvaro Cunhal da autoria de José Pacheco Pereira (1999; 2001; 2005).

⁷ Ibidem.

⁸ COSTA, Alexandre Alves, “Prefácio”, in José António Bandeirinha,, *O Processo*

livro, afirma que as entrevistas que realizou a 66 chefes de brigada, das quais resultaram 20 horas de registo oral, constituíram uma “*fonte documental de relevo*”⁹.

Nós servimo-nos da história oral como um instrumento que produz fontes, cujos problemas relativos à veracidade ou objectividade são aliás transversais às fontes documentais escritas. Oliveira sintetiza os pontos a ter em conta: ter presente que a entrevista é relacional, e que, portanto, resulta da interacção entre entrevistador e entrevistado; e atender ao desfazamento temporal entre a produção da memória e a data de acontecimento dos factos, o que dado o conhecimento posterior dos acontecimentos ocorridos poderá conduzir a uma releitura por parte do entrevistado¹⁰.

Em nossa opinião e em suma, o avisado cruzamento das fontes, das várias origens, isto é, sejam elas orais ou escritas, é no mínimo esclarecedor, pois os documentos sejam eles contemporâneos ou posteriores aos acontecimentos, contaminados por um conjunto de factores culturais, políticos, económicos, sociais e estéticos do momento em que foram produzidos são dados que também constituem matéria de trabalho por caracterizarem a época do estudo, elementos enriquecedores da investigação.

Identificamos como problema que subjaz, cuja evidência é talvez maior no caso dos testemunhos orais, a questão da subjectividade em investigação. Nesse sentido foram determinantes para nós a leitura dos textos “The fictions of factual representation” de Hayden White¹¹ e “o que é um autor” de Michel Foucault¹², por trazerem para a discussão a inexistência de neutralidade, desde logo, no uso da linguagem na escrita dos textos, segundo White, e a influência do autor na produção dos seus textos e inclusivamente nos de outros como ‘instauradores da discursividade’, segundo Foucault.

SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, p. 9.

⁹ BANDEIRINHA, José António, “Preâmbulo”, in ibidem, p. 15.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ WHITE, Hayden, “The Fictions of factual representation”, in Dana Arnold, *Reading Architectural History*, Londres, Nova Iorque, Routledge, 2002, p. 24 - 34.

¹² FOUCAULT, Michel, “o que é um autor?”, Vega, 1992, 3ª ed., p. 29 – 87.

Por último, importa referir as importantes opiniões que fomos recebendo ao longo dos vários momentos em que fomos expondo o nosso trabalho durante a sua elaboração em congressos e em publicações, com arbitragem científica, os quais enriqueceram a nossa dissertação.

De entre esses momentos destacamos: a apresentação da investigação no 12º Congresso dos Arquitectos, em 2009, sob o título “A Internacionalização da arquitectura portuguesa (1974 - 2009)”; a publicação na plataforma digital ResDomus, do grupo de investigação FCT Atlas da casa (CEAU) / FAUP, em 2010, de um artigo sobre o Portugal dos Pequeninos que nos permitiu fazer uma incursão sobre o período do Estado Novo, intitulado “Portugal Pequeno”; a publicação na plataforma digital no número 3 da revista Joelho do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra e a participação no congresso Architectural Currents II, Architecture and its Geographical Horizons, na Universidade de Lincoln, no Reino Unido, ambos em 2012, onde expusemos duas abordagens àquele que definimos como o primeiro período da dissertação, sob os títulos “Ideias da Arquitectura portuguesa em viagem” e “The Portuguese Architecture’s ideas in an European geography. A cartography 1974-1976”, respectivamente; a participação no II Encontro Internacional organizado pelo HetSci sob o tema Internacionalização da Ciência e Internacionalismo Científico na Universidade de Évora, onde expusemos uma abordagem ao segundo período da nossa dissertação, sob o título “A Divulgação Internacional da Arquitectura portuguesa, 1977 – 1983”, a publicação de um artigo intitulado “Investigando a Internacionalização: as lições da primeira obra além – portas do mais mediático arquitecto Português” no número 229 do Boletim dos Arquitectos, dedicado à reconstituição do percurso que levou a Siza a construir a sua primeira obra além-fronteiras, ambos em 2013; a participação no IV Colóquio Internacional de Doutorandos /as do CES, em Coimbra, e no congresso ICDHS – 9th International Committee for Design History and Design Studies 2014: Tradition, Transition, Trajectories, Major or Minor Influences?, na Universidade de Aveiro, ambos em 2014, onde expusemos duas abordagens ao último período da nossa dissertação, sob os títulos “A construção do Conhecimento internacional sobre a Arquitectura portuguesa, anos 80 do séc. XX” e “Identity of Portuguese architecture in the media reflexes of global”, respectivamente; a participação no Seminário *The site of discourse. Thinking architecture through publication*, organizado pelo IHA Instituto de História de Arte e pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, em Lisboa em 2015, onde expusemos parte das conclusões da dissertação, sob o título “A arquitectura portuguesa no “centro” da divulgação internacional entre

1960 / 80: integração no conceito regionalismo crítico e difusão do conceito de escola do Porto”. Está ainda prevista uma deslocação a Espanha à Universidade de Navarra em 2016 para participarmos no X Congreso Internacional Historia de la Arquitectura Moderna Española, sob o tema Arquitectura Importada y Exportada En España y Portugal (1925-1975), com uma comunicação intitulada “La proyección internacional de la arquitectura portuguesa entre 1933 y 1974: de las indecisiones a la determinación”.

A estrutura desta dissertação espelha os objectivos e a metodologia desenvolvida para os alcançar.

Abordámos desde logo os contextos da divulgação.

A nível nacional, fizemos uma análise sintética da historiografia da arquitectura portuguesa sob a perspectiva que entendemos a ter dominado, a relação da arquitectura portuguesa com o que se passava internacionalmente; uma vez que alguns dos seus autores são os mesmos que fizeram a divulgação da arquitectura portuguesa além-fronteiras. A nível internacional, foi importante fazermos uma muito breve aproximação em traços largos às grandes linhas dos contextos disciplinares em países como Espanha, Itália, França, Reino Unido e EUA, por se constituírem como locais determinantes para a divulgação da arquitectura nacional. Foram também identificados e analisados os trabalhos realizados próximos do nosso objecto de investigação, tendo concluído que este se encontra fora do estado da arte existente, vindo por isso colmatar uma lacuna. Tal conduziu à clarificação do âmbito do nosso tema e à procura e definição dos instrumentos conceptuais adequados ao seu tratamento.

Este capítulo dá conta destes contextos essenciais à presente dissertação.

No seguimento da metodologia de investigação e por nos parecer mais adequada à exposição da dissertação, estruturamos cronologicamente em três capítulos o período da divulgação internacional da arquitectura portuguesa de que nos ocupamos, intervalos de tempo marcados por características diferentes.

Em cada um dos capítulos referimos e caracterizámos os eventos mais significativos, privilegiando sobretudo o quadro das relações entre eventos e intermediários culturais, de forma a reconstituir o mais próximo possível as complexidades existentes, orientados pelas suas linhas de força, ao mesmo tempo que demos conta da construção de um património teórico divulgado internacionalmente sobre a arquitectura portuguesa.

Assim, o primeiro capítulo é marcado pelo ano de 1976, ano seminal, por terem ocorrido eventos relevantes, que marcaram uma diferença relativamente aos eventos anteriores, ocorridos durante o anterior Regime, determinando as características da divulgação internacional da arquitectura portuguesa de 1976 em diante. Pelo que este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira parte, abordámos sinteticamente a divulgação internacional durante o Estado Novo, através de eventos marcantes e destacando os arquitectos cuja obra foi divulgada internacionalmente. A segunda parte é exclusivamente dedicada ao ano de 1976, à profusão de eventos onde figurou a arquitectura portuguesa que ocorreu em vários países, que designámos como *núcleo duro*.

O segundo capítulo abrange o período que decorreu entre os anos de 1977 e 1983, que se constituiu como um período de charneira. Apesar de um relativo pequeno número de eventos em que a arquitectura portuguesa figurou, neste período foram sendo alargadas as bases da sua divulgação internacional. Este capítulo foi subdividido em três partes definidas por características marcantes da divulgação naquele período. A primeira parte é definida pelo interesse que tanto a obra como o pensamento do arquitecto Siza despertam a nível internacional, plasmado na publicação de entrevistas suas e nos eventos de carácter monográfico em que figurou. Na segunda parte damos conta da presença da arquitectura portuguesa em pleno debate internacional sobre as respostas ao movimento moderno. Na terceira parte é referida a continuidade da divulgação da arquitectura portuguesa nos países que constituíram o que designámos como núcleo duro, precisamente pela sua permanência na rota de divulgação da arquitectura nacional.

O terceiro capítulo da dissertação abrange o período que decorre entre os anos de 1984 e 1988, que se constitui como um período de proliferação de eventos e consolidação da divulgação internacional da arquitectura portuguesa. Este capítulo foi subdividido em quatro partes. A primeira parte detém-se sobre as publicações periódicas que fazem uma divulgação continuada da arquitectura nacional nas suas páginas. A segunda parte dá conta da importância do trabalho de alguns intermediários culturais, tanto daqueles que já tinham realizado eventos onde a arquitectura portuguesa tinha figurado, como daqueles que se interessam pela primeira vez neste período pela arquitectura nacional e realizam eventos de divulgação com impacto relevante. Na terceira parte é patente a profusão de eventos onde figura a arquitectura nacional na sua diversidade acolhida em meios de tendências diferenciadas. O capítulo encerra na quarta

parte com um culminar da divulgação da arquitectura portuguesa através da consagração internacional de Siza.

No fim de cada um destes capítulos é apresentado um anexo onde foram agrupados cronologicamente, e dentro de cada ano, pela mesma ordem geográfica, documentos significativos que trazem mais valias gráficas à presente dissertação. Estes documentos são na sua maioria reproduções de fontes primárias de difícil acesso, sendo que muitas delas foram-nos cedidas pelos protagonistas. Acrescem sempre que possível, documentos gráficos relativos aos eventos como correspondência trocada entre as pessoas envolvidas relativa à sua preparação, notícias de jornal, cartazes, um cartão postal, fotografias de exposições e das pessoas envolvidas obtidos junto destas, das instituições e outros encontrados ao longo destes anos em plataformas digitais.

A dissertação termina com a conclusão na qual é feita a avaliação dos resultados da investigação de entre os quais são salientados os mais abrangentes e mais relevantes aspectos.

CONTEXTOS

nacional, internacional e temático

CONTEXTOS

nacional, internacional e temático

Atendendo a que o tema que nos ocupa é a divulgação internacional da arquitectura portuguesa é interessante notar que a historiografia da arquitectura construída no nosso país, feita por portugueses, foi muitas vezes elaborada numa fronteira entre o nacional e o internacional. A breve aproximação aos traços gerais desta historiografia impõe-se com maior veemência por alguns dos seus autores serem os mesmos que contribuíram para a divulgação além-fronteiras da arquitectura portuguesa no período abordado, sobretudo Nuno Portas ou Alexandre Alves Costa.

As maiores distâncias entre as reflexões dos autores portugueses resultam das diferentes avaliações sobre a contemporaneidade ou o desfasamento entre a prática arquitectónica portuguesa e as práticas Europeias e Norte Americanas.

Portas na década de 70, Ana Tostões na década de 90, e mais recentemente Pedro Gadanho nos anos 2000, contam-se entre aqueles que entendem que a arquitectura nacional padeceu dum encerramento em relação ao que se passava fora de portas, agravada por uma falta de tradição de reflexão teórica¹³. Portas fez coincidir esse encerramento com o período desde meados do século XVIII até meados da década de 60 do século XX, com excepção de pouco mais que uma dúzia de anos entre 1925 e 1938, em que se construíram as primeiras obras de arquitectura de cariz modernista, sem atraso em sintonia com a vanguarda internacional¹⁴.

Porém, é de salientar que Tostões em 2013, num texto com algumas contradições como detalharemos adiante, escreveu sobre os inúmeros contactos de vários arquitectos portugueses com o que se passava internacionalmente a nível

¹³ PORTAS, Nuno, “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação”, in Bruno Zevi, *História da Arquitectura Moderna*, II Vol., Lisboa, Arcádia, 1973, p. 687 – 744; TOSTÕES, Ana, *Os verdes Anos na Arquitectura portuguesa dos Anos 50*, Porto, FAUP, 1997; e GADANHÓ, Pedro, “Escassez & Deslocação”, in Pedro Gadanho, Luís Tavares Pereira, (coord.), *influx. arquitectura portuguesa recente*, Porto, Civilização, 2004, 2ª ed. (1ª edição 2003), p. 148 – 155.

¹⁴ PORTAS, Nuno, “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal...”, p. 687 – 744.

disciplinar, desde o final dos anos 20 até meados de 70 do século passado¹⁵. Importa lembrar que estamos a falar de um universo de profissionais que em 1938 era de 60 arquitectos, e em 1975, de 740 inscritos na Associação de Arquitectos Portugueses¹⁶.

A relação entre Portugal e o estrangeiro está associada numa certa extensão ao tema da existência de uma identidade na arquitectura portuguesa. André Tavares observa que pelo facto de muitos estudos se realizarem consciente ou inconscientemente sob esta preocupação da determinação da especificidade nacional, “*é fácil compreender que os diferentes objectos analisados confluem na constatação inequívoca de uma modernidade tardia e sem ruptura*”¹⁷.

No entanto, Alves Costa que tem provado a existência de uma especificidade na arquitectura nacional patente em invariantes desde a arquitectura românica até à década de 40 do século XX¹⁸, não a encara como uma consequência de um qualquer encerramento ao exterior, mas sim como um traço da sua condição “*universalista*”.

Vale a pena lembrar o que Alves Costa escreveu: “*Enquanto abraçava o Caetano Veloso, fui pensando que se a minha pátria é a língua portuguesa, há muito mais que, se não era, passa a ser. E de repente percebi que conforme me ia sentindo cada vez mais português, mais me ia orgulhando de ser brasileiro.*”

De acordo com Tavares, o que mais distancia as opiniões de Portas de Alves Costa é o valor atribuído aos alegados desfasamentos nacional / internacional, enquanto o primeiro considera negativo, Alves Costa entende como um facto natural, consequência de uma certa desatenção ao que se passava no estrangeiro¹⁹.

Num ponto, Portas, Alves Costa²⁰ e Tostões estão de acordo, no valor do Inquérito à Arquitectura Regional portuguesa realizado em 1955 - 60 por ter apontado vias de saída para a arquitectura nacional. Para Portas e Tostões este momento significou a recuperação de Portugal relativamente ao que se passava internacionalmente²¹.

No entanto, para Rute Figueiredo a realização do Inquérito foi uma consequência do conhecimento do que se passava internacionalmente. O conteúdo publicado nas revistas do Reino Unido serviu de inspiração para a abertura de um “*inquérito*” sobre a estética arquitectónica portuguesa em 1902, na revista *Construção Moderna*, onde se valorizava o popular até aí esquecido, constituindo-se como o antecessor do Inquérito. Pedro Vieira de Almeida citado por Figueiredo refere que o Inquérito à Arquitectura Regional portuguesa realizado pelos arquitectos na década de 50 terá ficado longe das necessidades que D. José Pessanha identificou aquando da abertura da rubrica na dita revista²².

É de referir que quando o objecto de análise são as obras construídas entre a década de 60 e de 80 em Portugal, autores como Portas e Mendes em 1991, Manuel Graça Dias em 1994, Sérgio Fernandez em 1997 e Paulo Varela Gomes em 1995²³, partem do pressuposto que os arquitectos portugueses tinham

¹⁵ TOSTÕES, Ana, “A diáspora ou a arte de ser português”, *Camões - revista de Letras e Culturas Lusófonas – Da identidade da arquitectura portuguesa*, n. 22, 2013, p. 23 – 40.

¹⁶ NETO, Maria João de Mendonça e Costa Pereira, “Processo de profissionalização da arquitectura em Portugal – da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos à Ordem dos Arquitectos”, *Revista Lusófona de Arquitectura e Educação*, n. 4, 2010, p. 40; e CABRAL, Manuel Villaverde, (coord.), BORGES, Vera, Relatório Profissão: arquitecto /a, Lisboa, estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos, 2006, p. 22.

¹⁷ TAVARES, André, *Tráficos do Moderno: episódios da presença do betão armado nas estratégias dos projectos de arquitectos portugueses*, Tese de Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2008, p. 42, 43.

¹⁸ COSTA, Alexandre Alves, Prova de Agregação, Aula Novembro de 1994, Porto, Edições Faup, 2ª edição, 2007; e COSTA, Alexandre Alves, “Notes pour une caractérisation de l’architecture portugaise”, in *Architectures à Porto, 1940-1986*, Liège, Pierre Mardaga Editeur, 1990, p. 14 – 41.

¹⁹ TAVARES, André, *Tráficos do Moderno...*, p. 41; SERPA, Luís (coord.), *Depois do Modernismo*, Lisboa, 1983.

²⁰ COSTA, Alexandre Alves, “A Problemática, a Polémica e as Propostas da Casa portuguesa”, in *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura portuguesa, Outros Textos sobre Arquitectura portuguesa*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2007, p. 59 – 72.

²¹ PORTAS, Nuno, “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal ...”, p. 687 – 744; TOSTÕES, Ana, *Os verdes Anos na Arquitectura portuguesa*

²² FIGUEIREDO, Rute, *Arquitectura e Discurso crítico em Portugal (1893-1918)*. Lisboa: Edições Colibri, 2007, p. 336, 337. Outro sintoma da atenção que os intelectuais prestavam aos seus congéneres internacionais é a abertura em simultâneo de uma outra rubrica sobre “*arquitectura estrangeira*”. Ibidem, p326, 327.

²³ PORTAS, Nuno, MENDES, Manuel, *Arquitectura portuguesa Contemporânea, Anos Sessenta / Anos Oitenta*, Porto, Fundação de Serralves, 1991; trata-se de um catálogo de uma exposição sobre arquitectura que teve lugar na Fundação de Serralves entre 23

conhecimento do que se passava contemporaneamente a nível internacional e identificam influências internacionais nos edifícios. Por exemplo, Ana Vaz Milheiro, em 2005, demonstrou a continuidade linguística entre o trabalho de arquitectos internacionais e nacionais referindo-se a casos do período posterior à década de 70 do século passado²⁴.

Porém, mesmo assim temos de dizer que no caso de Portas e Mendes embora as influências internacionais sejam referidas, demonstram contraditoriamente alguma resistência em referir correntes específicas, afirmando no mesmo texto recusar “*categorias críticas pré-constituídas por referentes externos, ou pelo menos o seu dogmatismo*” e citam Tainha para reforçar as suas razões, pois adoptá-las “*denota uma total disponibilidade, de mau presságio, para aceitar tudo que de fora nos chega. Nisso se esvai o nosso vigor cultural, e nos dividimos artificialmente por conta de outrem; nisso nos adiamos indefinidamente*”²⁵.

Como vimos, a historiografia sobre a arquitectura portuguesa pós 25 de Abril não se distancia das categorias de análise usadas para os períodos anteriores, baseadas na distância / proximidade entre o que se passava dentro e fora das fronteiras nacionais. É de notar que Varela Gomes no seu texto sobre a arquitectura portuguesa entre 1969 e 1994²⁶ atribui à proximidade do pós-modernismo pelos arquitectos de Lisboa, a causa do agudizar da relação Norte / Sul, plasmada no episódio da exposição *Onze arquitectos do Porto* na sequência da recusa em participarem na exposição organizada em Lisboa no início da década de 80. Varela Gomes refere-se à exposição intitulada *Depois do Modernismo* de Janeiro de 1983, dedicada às artes em geral e onde foi incluída

uma secção sobre arquitectura, de iniciativa de Luís Serpa, que veio a ser o proprietário da galeria de arte *Cómicos*, a única a expor arquitectura em Portugal naquele tempo. Nas palavras de Graça Dias, os arquitectos que participaram, “*esforçaram-se por mostrar que a cultura arquitectónica portuguesa estava viva, que bebia (com moderação) as imagens internacionais e que havia uma geração nova disposta a explorar outros filões criativos*.”²⁷ Notamos que a própria montagem da exposição recordava a ‘Strada Novissima’ na exposição “Presença do Passado” da Bienal de Veneza de 1980, dirigida por Paolo Portoghesi, pois os expositores tinham a forma de casas de duas águas com dimensão para se poder entrar e perfilavam-se ao longo de uma rua.

É de salientar que na carta que os arquitectos Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo Souto de Moura e Sérgio Fernandez do Porto enviaram a explicar a recusa do convite, também eles fazem uma breve resenha da produção arquitectónica em Portugal no século XX sustentada na relação entre a arquitectura nacional e o que se passava internacionalmente, assumindo de uma forma natural o que designam como a “*condição de cruzamento de culturas*” na arquitectura nacional²⁸. Esta carta foi exibida na exposição, tendo sido ampliada, para preencher cinco ou seis ‘casas – expositores’ que estavam à espera dos elementos enviados pelos do Porto; tendo também sido publicada no respectivo catálogo²⁹. Em Abril de 1983 inaugurava no Porto a resposta àquela exposição de Lisboa, chamada *Onze Arquitectos do Porto*³⁰. Nós diríamos que este episódio da arquitectura nacional

de Maio e 7 de Julho de 1991; FERNANDEZ, Sérgio, “Arquitectura portuguesa, 1961 – 1974”, in Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (org.), *Portugal, Arquitectura do Século XX*, Munique, Prestel, 1997, p. 54 – 63; DIAS, Manuel Graça, “Veinte años de libertad. La arquitectura portuguesa desde la Revolución”, A&V, Monografias de Arquitectura y Vivienda, n. 47, 1994, p. 4 – 13; GOMES, Paulo Varela, “Arquitectura, os últimos vinte e cinco anos”, in Paulo Pereira (dir.), *História da Arte portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 1995, p. 547 – 591.

²⁴ MILHEIRO, Ana Vaz, “Arquitectura portuguesa 2000-2005: um guia temporário”, in *2G Dossier Portugal 2000-2005*, Barcelona, editorial Gustavo Gili, 2005, p. 4-19.

²⁵ PORTAS, Nuno, MENDES, Manuel, *Arquitectura portuguesa Contemporânea*, ... p. 83, 86.

²⁶ GOMES, Paulo Varela, “Arquitectura, os últimos vinte e cinco anos”, in direcção de Paulo Pereira, *História da Arte portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 1995, volume 3, “Arquitectura portuguesa do século XX”, p. 547 – 591

²⁷ DIAS, Manuel Graça, “Veinte años de libertad. La arquitectura portuguesa desde la Revolución”, A&V, Monografias de Arquitectura y Vivienda, n. 47, 1994, p. 7. Participaram os arquitectos Manuel Vicente e Luiz Cunha, com desenhos, João Paciência, com projectos não construídos, Charters Monteiro com o Plano Integrado de Setúbal, Maria Manuel Godinho de Almeida e Duarte Cabral de Mello com o conjunto da cooperativa em Vila Nova da Caparica, Bernardo Daupias Alves e Carlos Lemmonde de Macedo com a reurbanização da Quarteira, sendo que Varela Gomes destaca pela qualidade das obras a participação de Belém Lima, Júlio Teles Grilo, Carrilho da Graça, João Vieira Caldas e Jorge Farelo Pinto, que revisita a linguagem da arquitectura do Estado Novo nas duas escolas secundárias, uma em Guimarães e outra em Torres Vedras. GOMES, Paulo Varela, “Arquitectura, os últimos vinte e cinco anos”, in Paulo Pereira (dir.), *História da Arte portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 1995, p. 570.

²⁸ DIAS, Adalberto, SOUTINHO, Alcino, COSTA, Alexandre Alves, SIZA, Álvaro, TAVARES, Domingos, MOURA, Eduardo Souto, FERNANDEZ, Sérgio, in SERPA, Luís (coord.), *Depois do Modernismo*, Lisboa, Depois do Modernismo, 1983, p. 114 – 128.

²⁹ FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno. Sete Entrevistas*, Porto, Dafne Editora, 2011, p. 66, 67. SERPA, Luís (coord.), *Depois do Modernismo*, Lisboa, 1983.

³⁰ GOMES, Paulo Varela, “Arquitectura, os últimos vinte e cinco anos” ..., p. 570.

apresenta um certo paralelismo em diferido, com a polémica que ocorreu nos EUA entre os ‘whites’ e os ‘greys’.

É de sublinhar que quando Jorge Figueira escreveu em 2002 sobre um tema tão específico e com uma predisposição fortemente identitária como a história da escola do Porto foi indicando em que medida o que se passava a nível disciplinar internacionalmente informava o desenvolvimento da Escola³¹. Notamos ainda que nos últimos textos mencionados escritos nos anos 90 não foi feito com frequência referências ao reconhecimento internacional da arquitectura portuguesa, numa altura em que tal já era notório; o que em nosso entender demonstra uma certa renitência em afirmar a integração no debate internacional disciplinar da arquitectura portuguesa; fazendo parecer que a ideia de periferia e o isolamento estavam de facto enraizados naqueles autores.

Quando falamos em divulgação internacional importa ter em mente o contexto disciplinar em alguns países importantes no mapa da divulgação da arquitectura portuguesa como Espanha, Itália, França, Reino Unido e EUA.

Como veremos, Espanha foi um país permeável à arquitectura portuguesa cujas razões argumentamos prenderem-se com a óbvia proximidade geográfica, bem como com um certo paralelismo nas condições sócio - políticas e uma certa afinidade entre as culturas arquitectónicas de ambos os países, propiciando assim as aproximações entre os seus protagonistas, fazendo com que a divulgação internacional da arquitectura portuguesa favorecesse também da abertura ao estrangeiro da arquitectura espanhola.

Também em Espanha há autores que afirmam que nem sempre houve uma estreita ligação da arquitectura espanhola com o debate disciplinar internacional, atribuindo a causa desse isolamento à Guerra Civil, entre 1936 e 1939³². Há quem afirme que o futuro reconhecimento da arquitectura espanhola se deveu à vontade dos arquitectos retomarem o desenvolvimento do Movimento Moderno interrompido pela referida Guerra, numa altura em que os outros países já o tinham abandonado³³.

³¹ FIGUEIRA, Jorge, *Escola do Porto: um Mapa Crítico*, Coimbra, edarq, Edições do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2002.

³² MACKAY, David, “Spain”, in Vittorio Magnago Lampugnani (ed.), *The Thames and Hudson Encyclopaedia of 20th Century Architecture*, Londres, Thames and Hudson, Nova Iorque, Harry N. Abrams, Inc., 1986, p. 313; RUIZ CABRERO, Gabriel, *El Moderno en España. Arquitectura 1948 – 2000*, Sevilha, Madrid, Tanais Ediciones, 2001.

³³ RUIZ CABRERO, Gabriel, *El Moderno ...*

É conhecida a discussão sobre a divisão das escolas de Madrid e de Barcelona no final da década de 60 e inícios de 70³⁴, à semelhança do que veio a acontecer mais tarde em Portugal, na década de 80, entre Lisboa e Porto.

Madrid, influenciada pela arquitectura orgânica propalada por Zevi, teve no trabalho de Saenz de Oiza um dos seus expoentes³⁵. É reconhecido o património teórico que Oriol Bohigas e Frederico Correa levaram para a escola de Barcelona, comprometido com o lugar de intervenção arquitectónica e com as necessidades das populações³⁶. Influenciados pelo legado do GATEPAC e GATCPAC, extensões em Espanha dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM), tendo sido o último sucessivamente substituído na Catalunha pelo grupo R e depois pelos Pequenos Congressos (PPCC)³⁷. Bohigas participou activamente nas últimas duas organizações, sendo co-responsável em conjunto com Carlos de Miguel de Madrid pela organização dos PPCC, bem como foi também o principal responsável pela participação de arquitectos portugueses naqueles congressos, o que se revelou de grande importância para a divulgação internacional da arquitectura portuguesa como veremos.

Por outro lado, foi num PPCC que Siza tomou conhecimento do livro de Robert Venturi, *Complexidade e Contradições*, o que como Domingos Tavares testemunhou impressionou Siza e os arquitectos do Porto³⁸.

A queda do regime ditatorial em Espanha, em 1975, teve consequências no panorama da arquitectura com o surgimento de escolas de outras regiões de Espanha, que se juntaram a Madrid e Barcelona, como Sevilha, País Basco e a Galiza, esta última influenciada por Sota e por Siza, sinal da intensificação nas relações entre o Norte de Portugal e a Galiza³⁹.

³⁴ FERNÁNDEZ, Ángela Rodríguez, “La Revisión Crítica de la Arquitectura Moderna en Las Revistas Españolas. Los primeros artículos de Rafael Moneo y la conciencia de la superación de la ortodoxia moderna”, in José Manuel Pozo, Héctor García-Diego Villarías, Izaskun García (coord.), *Las revistas de arquitectura (1900-1975): crónicas, manifestos, propaganda*, Pamplona, T6 ediciones, 2012, p. 771, 772.

³⁵ MACKAY, David, “Spain” ... p. 313; RUIZ CABRERO, Gabriel, *El Moderno...*

³⁶ MONTANER, Josep Maria, *Después del movimiento moderno. arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1983, p. 198 – 201.

³⁷ MACKAY, David, “Spain” ... p. 313; RUIZ CABRERO, Gabriel, *El Moderno ...*

³⁸ TAVARES, Domingos, *Da Rua Formosa à Firmeza*, Porto, Edições do curso de arquitectura da e.s.b.a.p., 1985, 2ª ed., p. 55; FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno*, Porto, Dafne Editora, 2011, p. 22, 40.

³⁹ RUIZ CABRERO, Gabriel, *El Moderno ...* p. 85 – 89.

Outro arquitecto que se destaca no panorama espanhol difícil de caber em catalogações, é Rafael Moneo, pelo ecletismo da sua cultura arquitectónica e das suas práticas como profissional e docente⁴⁰. Moneo deu aulas em Madrid, conseguiu a cátedra em Barcelona e assumiu o cargo de director da Escola de Design de Harvard, entre 1984 e 1990⁴¹. Foi importante para a divulgação da arquitectura portuguesa por ter escrito sobre Siza e por o ter designado como professor convidado em Harvard nos finais da década de 80 como veremos.

Itália foi um país que no pós-guerra se destacou pelo intenso debate disciplinar que ali ocorreu, palco de discussão de várias correntes, em algumas das quais a arquitectura portuguesa foi chamada a participar, como veremos.

Relembramos correntes surgidas em Roma, a arquitectura orgânica preconizada por Bruno Zevi e a arquitectura neo-realista, apoiada como inspiração no influente mundo do cinema, representada por arquitectos como Ludovico Quaroni, e ainda outra surgida no Norte de Itália, comumente designada como neo-liberty, reflectida entre outras nas obras tardias do escritório de que o arquitecto Ernesto Nathan Rogers, BBPR⁴². É célebre a troca de argumentos entre Reyner Banham e Rogers nas páginas da *Architectural Review* e da *Casabella Continuità* respectivamente, na qual Banham acusa os Italianos de terem abandonado o movimento moderno, afirmação que Rogers recusou.

Destacamos a figura de Rogers pela sua importância na criação de um “*projecto cultural e arquitectónico*” que influenciou vários arquitectos jovens italianos na década de 60⁴³, mas sobretudo por ter sido uma forte influência assumida por pessoas que contribuíram decisivamente para a divulgação da arquitectura

portuguesa: Vittorio Gregotti, Bernard Huet e Kenneth Frampton, como veremos nos próximos capítulos.

Lembramos ainda Aldo Rossi, uma das pessoas que pertencia ao referido grupo em torno de Rogers, para quem a história teve elevada importância, e que lançou na XV Trienal de Milão de 1973 o movimento designado *Tendenza*⁴⁴. Charters Monteiro e Daniele Vitale foram seus discípulos, tendo-se estabelecido uma relação de amizade entre o Português e Rossi o que o trouxe a Portugal algumas vezes, e Vitale tornou-se num divulgador da arquitectura portuguesa, como veremos nos capítulos seguintes. Rossi foi também o mentor de um encontro que ocorreu em Santiago de Compostela em 1976 que contou com a participação de arquitectos portugueses e onde terá conhecido Siza, como detalharemos no capítulo seguinte.

Paolo Portoghesi ao definir a sua postura coincidente com um historicismo revivalista, designadamente na referida exposição *A Presença do Passado* na Bienal de Veneza de 1980, levou ao esclarecimento de posições, nomeadamente de Frampton que se recusou a participar na organização daquele evento e conduziu à organização de uma referida exposição de resposta em França em 1982 designada *La modernité... un projet inachevé*, tendo a arquitectura portuguesa ilustrado as posições nestas duas reacções.

Mellini, na esteira deste revivalismo historicista, contribuiu para a divulgação da arquitectura de Tomás Taveira, que também participou em algumas reuniões do Studio Alchimia, a que pertencia Mellini e Ettore Sottsass entre outros, o qual era um grupo de discussão entre profissionais.

Por último, é interessante notar que a exposição de desenhos de arquitectura em galerias de arte, como a que referimos em Lisboa em 1983 e como as que veremos em meados da década de 80 a nível internacional, com desenhos de Manuel Graça Dias, Luiz Cunha, Troufa Real e Tomás Taveira no último capítulo, tiveram o seu paralelo em Itália com desenhos de Portoghesi, Rossi e Massimo Scolari, e em Nova Iorque com as galerias Leo Castelli e Max Protch⁴⁵.

⁴⁰ MONTANER, Josep Maria, *Después del movimiento moderno...* p. 198 – 201.

⁴¹ RUIZ CABRERO, Gabriel, *El Moderno ...* p. 70. Rykwert relaciona o lugar académico de Moneo em Harvard com a influência que Sert terá tido quando exilado nos EUA no final dos anos 30 assumiu um lugar naquela Escola. RYKWERT, Joseph, “Introducción”, Xavier Gëll (ed.), *Arquitectura Española Contemporánea. La década de los 80*, Barcelona, Gustavo Gili, 1990, p. 13, 14.

⁴² São referidas as últimas obras de Ignazio Gardella, Franco Albini e as primeiras obras de Carlo Aymonino, Gregotti / Meneghetti / Stoppino ou Gae Aulenti e mais tarde as obras de Guido Canel, Gabetti e Isola e Aldo Rossi. É de referir que Rogers foi director da revista *Casabella Continuità* entre 1954 e 1965. MONTANER, Josep Maria, *Después del movimiento moderno...* p. 95.

⁴³ Nomeadamente Aldo Rossi, Carlo Aymonino, Manfredo Tafuri, Giorgio Grassi, Guido Canella, Gae Aulenti, Marco Zanuso, Luciano Semerani, Giancarlo de Carlo e Vittorio Gregotti. Ibidem, p. 139.

⁴⁴ Em torno de Rossi movimentavam-se pessoas como Ezio Bonfanti, Rosaldo Bonicalzi, Daniele Vitale e Massimo Scolari, o autor do texto considerado fundador da *Tendenza*, publicado no livro intitulado *Architettura Razionale* que integrava o projecto de Rossi para a Trienal. LOPES, Diogo Seixas, “Tendenza: the Sound of Confusion”, comunicação apresentada por Diogo Seixas Lopes no Colóquio Geschichte und Theorie im Architekturunterricht, Bibliothek Werner Oechslin, Novembro 2009.

⁴⁵ MONTANER, Josep Maria, *Después del movimiento moderno...* p. 216; NESBITT,

Argumentamos que, por oposição à divulgação da arquitectura portuguesa em Espanha ou em Itália, que como vimos em traços largos encontrou canais de afinidade, a sua divulgação em França entre 1976 e 1988 resultou de um interesse marginal relativamente ao que se passava no campo disciplinar naquele país.

De facto, o contexto disciplinar em Portugal e em França mostrava substanciais diferenças. O envolvimento do Estado Francês, naquele período, quer através do lançamento de obras públicas, quer na defesa da arquitectura e sua qualidade, é incomparável com o do Estado Português. Em Portugal, só a partir da entrada na então Comunidade Económica Europeia, em 1986, se começou a fazer sentir os efeitos do investimento público, com a excepção pontual do efémero programa de construção de habitação, entre 1974 e 1976, conhecido como SAAL, quase involuntário e reprimido logo que possível; e só em 2014 terminou o prazo de transição para a revogação do Decreto-Lei que em 1973 tinha aberto a prática de arquitectura a outros profissionais que não arquitectos.

São conhecidas as medidas de Giscard d'Estaing de promoção da arquitectura sob a forma de Decreto-Lei no final da década de 70 do século passado⁴⁶. Em termos da escala da construção em França é incomparável à portuguesa; pois ficaram conhecidos os conjuntos de habitação designados como 'grands ensembles', designadamente aqueles desenhados por Ricardo Bofill, apesar da tentativa de promoção por parte do poder central de construção de habitação individual, bem como os 'grands projets' lançados por François Mitterrand, no âmbito dos quais se completaram o Parc de La Villette de Bernard Tschumi, o arco de La Defense de Johan Otto von Spreckelsen, a Ópera da Bastilha de Carlos Ott, entre outros edifícios de carácter monumental⁴⁷.

Kate (editor), *Theorizing a New Agenda for Architecture, an anthology of architectural theory 1965-1995*, New York, Princeton Architectural Press, 1996, p. 28.

⁴⁶ O Decreto-Lei promulgado em 1977 obrigou nomeadamente ao recurso aos serviços dos arquitectos e à criação de um conselho de arquitectura e urbanismo que devia informar sobre a qualidade da arquitectura quem desejava construir, referia também a criação de uma delegação interministerial, cuja finalidade era promover a qualidade da arquitectura pública e a generalização da realização dos concursos, a criação de um instituto de investigação em arquitectura, e ainda o evento dos "1000 dias da arquitectura", que não chega a ser completado porque o Presidente não foi reeleito. Tal como afirma Jacques Lucan a intenção daquele conjunto de iniciativas era tornar "a arquitectura numa questão de interesse e debate públicos"; bem como uma resposta à crise do petróleo de 1973 que segundo Lucan, fez baixar em dez anos, entre 1973 e 1984, praticamente para metade o número de habitações em construção em França. LUCAN, Jacques, *Architecture en France (1940 – 2000): Histoires et Théories*, Paris, Le Moniteur, 2001, p. 251, 252.

⁴⁷ Lucan aponta como razões para o sucesso de Bofill a publicidade assegurada, o recurso à pré-fabricação e a tendência francesa para se rever na arquitectura clássica. François

A inauguração do Centro Georges Pompidou, em 1977 por Giscard d'Estaing, marcou aquilo que se considera ter sido o início do fenómeno high tech, que teve anos mais tarde outro exemplo destacado, o Instituto do Mundo Árabe de Jean Nouvel, e que dificilmente entrou em Portugal.

Sobre o impacto internacional de tal intensa actividade construtiva em França, sobretudo em Paris, as opiniões dividem-se entre aqueles que entendem ter ascendido a um lugar de destaque na cena mundial como Jean-Louis Cohen, Monique Eleb, Leonardo Benevolo e Gregotti; e aqueles que entendem não ter contribuído para a reflexão sobre arquitectura e urbanismo, como Jacques Lucan e Bohigas, tendo o último escrito que se continuava a desenvolver o conceito de monumentalidade como se uma "nova torre Eiffel" pudesse resolver todas as questões e colocar a França na primeira linha da arquitectura internacional⁴⁸.

Como dizíamos, o interesse pela arquitectura portuguesa em França partiu de personalidades que tinham uma visão crítica relativamente ao que se passava naquele país, como Bernard Huet que participou activamente na discussão sobre o rumo do ensino de arquitectura, de seus discípulos como Jacques Lucan, de Paul Chemetov crítico da reposição da exposição *A presença do Passado* de

Mitterrand deu continuidade aos projectos similares do seu antecessor Giscard d'Estaing, nomeadamente a transformação da Estação d'Orsay em Museu e a transformação dos matadouros de La Villette em Cidade das Ciências e da Indústria. Mitterrand lançou em 1982 o programa que ficou conhecido como os 'grands projets', através da realização de concursos para construir obras públicas de grande dimensão e de vocação cultural em Paris, tendo em vista a comemoração do bicentenário da revolução francesa. Entre os 'grands projets' foram construídos o novo Ministério das Finanças, concurso ganho por Paul Chemetov e Borja Huidobro com Christian Devillers e Émile Duhart-Harostéguy, que permitiu libertar espaço para levar a cabo a reformulação do Louvre incluindo a construção daquela que vem a ser a famosa pirâmide em vidro do Louvre, por Ieoh Ming Pei, a Cidade da Música em La Villette, concurso ganho por Christian de Portzamparc. Em nosso entender a segunda fase dos 'grands projets' retomados em 1989, após a reeleição de Mitterrand, não introduziu nenhuma mudança significativa no panorama da arquitectura francesa. Segundo Lucan, as intenções em intervir na cidade voltam a falhar e os projectos escolhidos para a Biblioteca Nacional de França, concurso ganho por Dominique Perrault, para o pavilhão nacional para a exposição Universal de Sevilha de 1992, concurso ganho por Jean-Paul Viguier e Jean-François Jodry com François Seigneur, e para o Centro internacional de Conferências em Paris, concurso ganho por Francis Soler, enquadram-se no mesmo tipo de projectos escolhidos na primeira fase dos 'grands projets': formas simples e de fácil apreensão. Ibidem, p. 267 – 269, 302 – 314.

⁴⁸ Ibidem, p. 302 – 307; COHEN, Jean-Louis, ELEB, Monique, "Paris in the Mirror of Time", in Jean-Louis Cohen, Monique Eleb, *Paris Architecture 1900 – 2000*, Paris, Norma Éditions, 2000, p. 8, 9; BENEVOLO, Leonardo, *Historia de La Arquitectura Moderna*, Barcelona, Gustavo Gili, 2002, 8ª ed., p. 1122 – 1128.

Portoghese no ano de 1981 em Paris, e de gerações mais novas como Laurent Beaudouin e Christine Rousselot, com detalharemos nos próximos dois capítulos.

Tanto no Reino Unido como nos EUA existiram várias correntes de arquitectura que se desenvolveram com contribuições de ambos os lados do Atlântico, tendo a arquitectura portuguesa figurado em algumas.

Porém, tal como afirmámos no caso francês, este não foi o caso por exemplo do high tech, que encontrou terreno fértil em sociedades industrialmente mais desenvolvidas como aqueles dois países e também no Japão; nem o caso do novo brutalismo, que teve no casal Smithson um dos seus expoentes e em Reyner Banham um dos seus defensores. Os Smithsons foram também membros do Independent Group, um dos precursores da pop art, que nos anos 50 demonstravam o seu interesse pela cultura norte americana e que por sua vez influenciaram Robert Venturi⁴⁹.

A discussão movimento moderno versus pós-moderno esteve bastante presente naqueles países, tendo ficado conhecida a referida polémica entre os ‘whites’ e os ‘greys’ nos EUA, a exposição intitulada *The Architecture of the École de Beaux-Arts* no Museum of Modern Art (MoMA) em 1975⁵⁰ e a defesa pelo príncipe Carlos do estilo pós-moderno no Reino Unido, no final da década de 80.

Andreas Papadakis, dono da editora britânica Academy Editions, que publicou em 1977 o livro de Charles Jencks no qual cunhou o termo arquitectura pós-moderna, terá desenvolvido uma relação de proximidade com Taveira, tendo-o convidado para um congresso em Londres como veremos no último capítulo, e publicado em 1990 uma monografia sobre o arquitecto português. É ainda de referir, sem que saibamos explicar as razões, que a edição portuguesa de um

livro anterior de Jencks, resultante do doutoramento obtido na Universidade de Londres sob a orientação de Reyner Banham, em 1970, intitulado *Movimentos Modernos em Arquitectura*, tem na capa uma fotografia do edifício das Amoreiras de Taveira⁵¹. Taveira foi também publicado nos EUA, na revista *Progressive Architecture* e no Reino Unido nas revistas *Art & Design* e *Architects' Journal* no período da presente dissertação, como veremos no último capítulo.

Louis Kahn, com uma carreira marcada por um forte cunho pessoal, atraiu o interesse de arquitectos portugueses que se deslocaram aos EUA para trabalhar com ele, como Hestnes Ferreira entre 1963 e 65, posteriormente Manuel Vicente e Alberto Souza Oliveira. Foi durante aquele período que Hestnes conheceu Huet, o que foi decisivo para a edição do seminal número 185 da revista *L'Architecture d'Aujourd'Hui* de 1976, como veremos no próximo capítulo.

Outra corrente que se foi desenhando desde o final da década 60 nos EUA, consagrada pelo MoMA no final da década de 80, também com seguidores na Europa foi o desconstrutivismo⁵², sem que tenha tido paralelo na arquitectura portuguesa naquele período. No entanto, Peter Eisenman, um das suas figuras centrais, teve contacto com a arquitectura nacional, aquando da sua participação nos PPCC em Vitória em 1968, onde estiveram presentes Portas, Siza, Távora e Cabral de Mello, noutra altura por ocasião de uma viagem aos EUA efectuada por um grupo de arquitectos espanhóis na qual Portas também participou e ainda, quando foi pensada a possibilidade, embora não se tenha vindo a concretizar, de publicação do trabalho de Siza na revista *Oppositions* no início da década de 70, dirigida por si, como detalharemos no próximo capítulo.

Esta revista era uma das editadas pelo Institute for Architecture and Urban Studies de Manhatthan (IAUS) de que Eisenman foi o seu fundador em 1967,

⁴⁹ MONTANER, Josep Maria, *Después del movimiento moderno...* p. 71, 153.

⁵⁰ Os ‘whites’ defendiam a continuação da arquitectura dita ‘International Style’ através da construção de formas puras, e os ‘greys’ defendiam uma arquitectura matizada na esteira do livro de Venturi *Complexidade e contradição em arquitectura*. Cinco arquitectos auto designados Conference of Architects for the Study of the Environment (CASE) realizaram um encontro no MoMA em 1969, que deu origem a um catálogo escrito por Kenneh Frampton, Arthur Drexler e Colin Rowe, com posfácio de Philip Johnson. Os cinco arquitectos eram Peter Eisenman, Michael Graves, Charles Gwathmey, John Hejduk e Richard Meier, os quais vieram a ficar conhecidos como os “Cinco de Nova Iorque” por associação ao título do catálogo que veio a ser editado em 1972 intitulado *Five Architects*. Estes eram os ‘whites’ que provocaram a escrita de cinco ensaios, por igual número de arquitectos, os ‘greys’: Romaldo Giurgola, Allan Greenberg, Charles Moore, Jaquelin T. Robertson, and Robert A. M. Stern. NESBITT, Kate (ed.), *Theorizing a New Agenda...* p. 27.

⁵¹ JENCKS, Charles, *Movimentos Modernos em Arquitectura*, Lisboa, Edições 70, 1987.

⁵² Esta corrente teve o seu momento de consagração no MoMA numa exposição organizada por Mark Wigley e Philip Johnson em 1988 intitulada *Deconstructivist Architecture* onde foram exibidos trabalhos de Peter Eisenman, Frank Gehry, Zaha Hadid, Coop Himmelblau, Rem Koolhaas, Daniel Libeskind e Bernard Tschumi. https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/6526/releases/MOMA_1988_0029_29.pdf?2010, acedido a 10/9/2014. Mais uma vez há uma proximidade entre os EUA e o Reino Unido, plasmada no nível formativo, pois de acordo com Montaner, foram duas escolas, uma em Nova Iorque e outra em Londres, a Cooper Union dirigida por Hejduk e a Architectural Association (AA) dirigida por Alvin Boyarsky respectivamente, onde nos anos oitenta foi promovido o ambiente experimental onde se formaram alguns daqueles arquitectos referidos. MONTANER, Josep Maria, *Después del movimiento moderno...* p. 231.

tendo funcionado até 1985⁵³. Cabral de Mello trabalhou naquele Instituto no início da década de 70, onde entre muitos outros trabalhava também Frampton⁵⁴. Este terá sido um dos primeiros contactos de Frampton com a arquitectura portuguesa, que veio a divulgar extensivamente no âmbito da corrente regionalismo crítico, cujo desenvolvimento do conceito e intersecção com a arquitectura nacional detalharemos no terceiro capítulo.

O estado da arte que serve de base a esta dissertação sobre a divulgação internacional da arquitectura portuguesa 1976 - 1988 aborda o impacto que a arquitectura portuguesa teve no estrangeiro. Para tal não parece existir nenhuma obra de fôlego. Existem no entanto, algumas aproximações que abordam aspectos parcelares os quais não cobrem o nosso objecto de estudo. Na maioria das vezes a sua abordagem é inserida noutros temas que constituem ao interesse principal dos autores, ou acabam por constituir o pretexto para o desenvolvimento de outros temas alheios à divulgação.

Passamos a referir os estudos que de alguma forma se relacionam com o nosso tema explicando a sua importância para a nossa investigação.

Como afirmámos na introdução fizemos recuar a nossa investigação até 1933.

O facto de termos encontrado estudos relativos a representações portuguesas em Exposições Universais em épocas anteriores àquele ano levou-nos a confirmar a nossa opção. Pois é patente nos trabalhos de Helena Souto que se detém sobre aquelas Exposições a partir de 1851 até 1929⁵⁵, que estamos bastante longe das premissas que informam a arquitectura contemporânea o que torna definitivamente impossível qualquer estabelecimento de ligação com o nosso estudo e o seu objecto. Nomeadamente quando começaram a ser construídos pavilhões nacionais como forma de representação em 1867, os

primeiros pavilhões portugueses foram da autoria de arquitectos franceses, ou por portugueses com formação ou influenciados pelas Academias de Belas Artes Francesas, como em 1900, sendo todos atravessados pelo eclectismo em voga na época, inclusivamente nos pavilhões de início do século XX⁵⁶.

No entanto, a situação é diferente aquando da participação portuguesa na Exposição de Paris, em 1937, com um pavilhão de Keil do Amaral e nas Exposições de Nova Iorque e São Francisco, em 1939, com pavilhões de Jorge Segurado como escreveu Margarida Acciaiuoli⁵⁷ e que desenvolveremos no próximo capítulo.

Embora o artigo de Ana Tostões aborde a internacionalização da arquitectura portuguesa entre o final dos anos 20 e o final dos anos 70 do século XX⁵⁸, parecendo aparentemente estarmos perante o mesmo tema que nos ocupa, na realidade o objecto de estudo de Tostões difere do nosso, o que conduz a conclusões diferentes. Argumentamos que Tostões, sem que, no entanto, o tenha definido, entende por internacionalização da arquitectura portuguesa todos os contactos que os arquitectos portugueses tiveram com a arquitectura internacional; centrando-se sobretudo neste sentido, isto é, do interesse dos portugueses pelo que se passava no estrangeiro e não no sentido inverso, que é aquele que domina a nossa investigação.

O tema que subjaz ao artigo de Tostões é o da actualização da arquitectura portuguesa relativamente às correntes internacionais suas contemporâneas; pelo que dentro deste enquadramento, conseguimos perceber a sua afirmação sobre o processo de internacionalização da arquitectura portuguesa ter começado nos anos 20 e culminado no final da década de 70, pois segundo a autora, a referida actualização ocorreu de tal forma que no final do seu período de estudo, os estrangeiros passaram a atentar no que se fazia em Portugal. No entanto, nós que

⁵³ No seio deste instituto foi editada a referida revista *Oppositions* (de 1973 a 1981), em conjunto com outras duas publicações, o boletim informativo designado por *Skyline*, a revista *October* e vários livros, nomeadamente a tradução de *L'Architettura della Città*, de Aldo Rossi em 1982. NESBITT, Kate (editor), *Theorizing a New Agenda for Architecture, an anthology of architectural theory 1965-1995*, New York, Princeton Architectural Press, 1996, p. 23.

⁵⁴ Naquele Instituto colaboraram entre outras pessoas, Mario Gandelsonas, Anthony Vidler, Colin Rowe, Diana Agrest, Joseph Rykwert, Michael Graves e Susana Torre.

⁵⁵ Souto tratou este tema na sua tese de mestrado, que foi posteriormente publicada em livro: SOUTO, Maria Helena, *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*, Lisboa, Colibri, 2011; e no artigo escrito em conjunto com João Paulo Martins: SOUTO, Maria Helena, MARTINS, João Paulo, "Pavilhões portugueses Nas Exposições Universais do Séc. XIX", in PEREIRA, João Castel – Branco (coord.), *Arte Efêmera em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 352 – 379.

⁵⁶ O Pavilhão Português na exposição de Paris em 1900 foi da autoria de Ventura Terra cuja construção foi supervisionada por José Luís Monteiro, sem que se tenha distinguido das representações anteriores como notaram os franceses. Segundo a autora o estilo D. João V, já usado no pavilhão de Paris em 1889, seria o escolhido nas primeiras exposições do início do século XX: na Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1922, no pavilhão de Honra pelos arquitectos Cottinelli Telmo, Luís Cunha e Carlos Ramos, no pavilhão das Indústrias pelos arquitectos Carlos e Guilherme Rebello de Andrade e na Exposição Ibero-americana de Sevilha em 1929 pelos arquitectos Rebello de Andrade. Ibidem.

⁵⁷ Este livro resulta da sua tese de doutoramento sob o mesmo tema: ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo, 1934 – 1940*, Livros Horizonte, 1998.

⁵⁸ TOSTÕES, Ana, "A diáspora ou a arte de ser português", *Camões - revista de Letras e Culturas Lusófonas – Da identidade da arquitetura portuguesa*, n. 22, 2013, p. 23 – 40.

nos centramos especificamente sobre a divulgação da arquitectura portuguesa no estrangeiro, não entendemos que este seja um processo contínuo que remonte aos anos 20 do século passado, mas sim um processo claramente diferente de épocas anteriores, cujos inícios se podem encontrar no final da década de 60, sendo que o ano de 1976 constitui um marco no desenvolvimento da divulgação, como veremos. A confirmar a nossa afirmação está também o facto de os arquitectos portugueses protagonistas dos contactos referidos por Tostões serem na sua larga maioria diferentes daqueles que protagonizam os momentos que ocupam o nosso estudo.

Por outro lado, não deixa de ser paradoxal que a autora ocupe o seu artigo documentando os inúmeros contactos que os arquitectos portugueses estabeleceram de diversas formas com o estrangeiro e, simultaneamente, pontue o mesmo artigo com expressões como: “*apesar da censura prévia e do isolamento em que a cultura portuguesa sobrevivia*”⁵⁹, salientando de seguida o papel da revista *Arquitectura*, renovada pela entrada de uma nova comissão editorial em 1957 marcada por Carlos Duarte e Nuno Portas na divulgação de teorias internacionais onde não são assinalados quaisquer traços da censura, e já perto do final do artigo, escreva “*para a saída do isolamento [da arquitectura portuguesa]*.”⁶⁰ Relativamente ao período específico de final dos anos sessenta e inícios de setenta que Tostões aborda de uma forma genérica, não concordamos com vários pontos. Desde logo não podemos concordar com a importância praticamente exclusiva que atribuiu aos Pequenos Congressos realizados na sua maioria em Espanha, como a origem da divulgação internacional da arquitectura portuguesa, pois houve todo um conjunto de várias outras acções que contribuíram de forma determinante, as quais detalharemos no corpo da dissertação. Por outro lado, também consideramos que Tostões amplifica em demasia o interesse da crítica espanhola, italiana e francesa relativamente à operação SAAL, pelo menos no que diz respeito especificamente à arquitectura, de entre as componentes sociais e políticas que aquela operação envolveu, como deixaremos claro.

Importa, no entanto, reter do artigo de Tostões a proximidade dos arquitectos portugueses com o que se passava na cena da arquitectura internacional nas décadas anteriores ao nosso estudo. Lembramos alguns exemplos dessa proximidade por nos permitir um enquadramento dos profissionais da época.

Pardal Monteiro, entre outras iniciativas, participou no corpo editorial da revista *L'Architecture d'Aujourd'Hui (L'Ojd)* em 1930, tendo mesmo a sede da revista passado para o seu ateliê em Lisboa durante os anos da II Guerra Mundial⁶¹. Foi também membro da Réunion Internationale d'Architectes (RIA), que posteriormente se transformou em União Internacional dos Arquitectos (UIA)⁶². Carlos Ramos promoveu a abertura ao estrangeiro da Escola de Belas Artes do Porto enquanto seu director, bem como as suas participações nas reuniões UIA onde chegou a ocupar o lugar de vice-presidente entre 1959 e 1963⁶³. Entre muitos outros arquitectos portugueses que foram participando naquelas reuniões destacamos Teotónio Pereira como delegado português para o Habitat⁶⁴.

⁶¹ Pardal Monteiro terá continuado como correspondente da *L' Ojd* em Portugal até ao ano da sua morte em 1957. Monteiro lançou-se ainda na criação de uma revista Ibérica, com edição partilhada entre Lisboa e Madrid, designada *Nuevas Formas – Novas Formas*, entre 1940 e 1942. Ibidem, p. 24; e TOSTÕES, Ana, Fotobiografias Século XX, Direcção de Joaquim Vieira: Pardal Monteiro, Lisboa, Círculo de Leitores, 2009, p. 71, 73, 74, 75, 194. Segundo Tostões, Monteiro terá publicado no número 4 da *L'Ojd* em 1934 e no número 5 de 1939. “L’Institut Supérieur Technique à Lisbonne”, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, ano 5, 4ª série, n. 4, 1934, p. 58 – 60; e “Église de Notre-Dame de Fátima à Lisbonne”, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, ano 10, n. 5, 1939, p. 34 – 35. TOSTÕES, Ana, “A diáspora ou a arte de ser português”, *Camões - revista de Letras e Culturas Lusófonas – Da identidade da arquitetura portuguesa*, n. 22, 2013, p. 24, 25, 39. Por seu lado, Sofia Reis indica outra publicação de Monteiro numa *L' Ojd* em 1934: ““Immeuble ‘Ford’ à Lisbonne”, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Janeiro 1934, p. 32. REIS, Sofia Borges Simões dos, *74-86 Arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa*, Dissertação de Mestrado orientada pelo professor arquitecto Mário Kruger, Departamento de Arquitectura da FCT da Universidade de Coimbra, 2007. Apesar dos esforços desenvolvidos durante a presente dissertação não nos foi possível verificar nenhuma destas publicações nos anos 30 da *L'Ojd*.

⁶² Tal participação proporcionou-lhe a oportunidade de realizar várias viagens, designadamente à URSS, a Itália, Checoslováquia, Hungria e Paris, bem como uma visita à Exposição Internacional de Paris de 1937. TOSTÕES, Ana, “A diáspora ou a arte de ser português”, ... p. 24, 25.

⁶³ Tostões dá o exemplo da organização de um curso de Verão UIA em 1957 na ESBAP, com a presença de vários arquitectos estrangeiros como Gunter Wilhelm, Robert Auzelle, Guy Lagneau e Alfred Roth. Ibidem, p. 25, 26, 27.

⁶⁴ Os outros arquitectos portugueses que foram participando nas reuniões do UIA ao longo dos anos foram: Januário Godinho, Celestino de Castro, Manuel Alzina de Meneses, Fernando Mesquita, Fernando Távora, Manuel Fernandes Sá, Keil do Amaral, Alberto José Pessoa, João Andresen, Manuel Tainha, Nuno Portas e Bartolomeu Costa Cabral. Ibidem, p. 26, 27.

⁵⁹ Ibidem, p. 30.

⁶⁰ Ibidem, p. 39.

Viana de Lima liderou a participação portuguesa nos CIAM, tendo sido nomeado delegado português, fundou o grupo CIAM Porto com Távora entre outros, no âmbito do qual publicou o livro de Rogers⁶⁵. É sobejamente conhecida a participação de Viana de Lima e de Távora na reunião do Team X em Otterlo em 1959.

A atracção pela arquitectura brasileira e de Le Corbusier levou arquitectos portugueses à França ao Brasil, como por exemplo Nadir Afonso⁶⁶. E se a arquitectura brasileira foi exposta no Instituto Superior Técnico de Lisboa, em 1949, também a arquitectura portuguesa foi exibida na II Bienal do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, em 1954, através do Bairro das Estacas da autoria de Ruy d'Athouguia e Formosinho Sanchez, que referiremos no corpo da dissertação, a propósito de outras publicações internacionais da obra de Athouguia⁶⁷.

Tostões refere ainda a atracção pelo mundo anglo-saxónico com as saídas de muitos arquitectos portugueses tendo como destino essa área geográfica com objectivos formativos; bem como outras viagens proporcionadas pela atribuição de múltiplas bolsas pela Gulbenkian a artistas e a arquitectos, como foi exemplo Távora e a sua conhecida viagem de seis meses dos EUA ao Japão; Alcino Soutinho, Pedro Vieira de Almeida, entre outros⁶⁸.

⁶⁵ Os outros membros do grupo CIAM Porto eram António Veloso, João Andresen, Agostinho Ricca, Cassiano Barbosa, Arménio Losa e Oliveira Martins. Viana de Lima tornou-se correspondente em 1947 da revista *Techniques & Architecture*, na qual Tostões afirma terem sido publicadas algumas obras de sua autoria; no entanto, apesar dos esforços desenvolvidos durante a presente dissertação não conseguimos obter dados mais precisos, nem verificar a sua existência. Ibidem, p. 27, 28.

⁶⁶ São exemplo para além de Nadir Afonso, Fernão Simões de Carvalho, Maurício de Vasconcelos e Delfim Amorim. Ibidem, p. 28.

⁶⁷ A *Exposição de Arquitectura Moderna Brasileira* realizou-se na sequência do enorme sucesso da anterior exposição realizada no MoMA em Nova Iorque, em 1942 e seguintes publicações. Ibidem, p. 28.

⁶⁸ Tostões refere entre outras as estadas formativas de Hestnes Ferreira, nos primeiros anos da década de 60, posteriormente de Manuel Vicente, no final da década de 60, e de Alberto Souza Oliveira, nos primeiros anos da década de 70, sob o magistério de Louis Kahn, nos EUA, o trabalho de Duarte Cabral de Mello no Institute for Architecture and Urban Studies (IAUS) de Peter Eisenman nos EUA, entre 1970 e 1972, o estágio de José Pulido Valente (1969) no Reino Unido, os estudos de Manuel Fernandes Sá na Universidade de Manchester, o mestrado de Mário Krüger na Universidade de Birmingham, em 1972 e o seu posterior doutoramento em Cambridge, em 1978. Ibidem, p. 28 - 36.

No âmbito do seu trabalho de investigação sobre o SAAL, António Bandeirinha refere alguns aspectos da divulgação internacional daquele processo⁶⁹.

Decerto condicionado pelo seu enfoque, Bandeirinha atribui destacada importância à divulgação do SAAL no conjunto da divulgação internacional da arquitectura portuguesa; o que nos parece algo precipitado porque algumas das publicações internacionais referidas versam sobretudo questões políticas e sociológicas⁷⁰. Por exemplo, apesar de Bandeirinha referir relativamente ao livro de Francesco Marconi e Paula Oliveira de 1977 sobre o SAAL que “*ensaia uma tentativa de descentralização das ciências sociais, para incidir na problemática mais ligada às questões de projecto e sistematização metodológica*”, foi o próprio Marconi que nos comentou em entrevista que o interesse internacional pelo SAAL residia não na sua arquitectura, mas sim nos aspectos políticos e sociológicos⁷¹. Também não podemos concordar com a afirmação de Bandeirinha relativamente ao número 185 da *L'Ojd* de 1976 quando escreve que o tema em destaque era o SAAL, desde logo pelo espaço ocupado naquela edição e porque Hestnes, um dos mentores daquele número, em entrevista não nos identificou como uma das prioridades⁷². Teremos oportunidade de abordar detalhadamente estes dois casos no desenvolvimento da presente dissertação. É, no entanto, justo referir que quando Bandeirinha menciona a referência de Frampton ao SAAL, a enquadra numa apreciação mais global da obra de Siza⁷³.

⁶⁹ A tese de doutoramento sobre aquele tema foi apresentada por Bandeirinha em 2001. Na primeira parte do capítulo sexto do seu livro Bandeirinha uma síntese de alguns documentos escritos sobre aquele tema, da qual nos interessa os que se referem à arquitectura do SAAL, publicados no estrangeiro no período do nosso estudo, os quais abordaremos no corpo da presente dissertação. BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, p. 221 - 237. Apesar dos esforços desenvolvidos não tivemos acesso aos números 4 da revista *Città Classe* de 1975 e ao número 620 da revista *Panorama* de 1978.

⁷⁰ Nomeadamente o número 30 da revista *CAU* de 1975, as referências feitas ao SAAL no livro HATCH, C. Richard, (ed.), *The Scope of Social Architecture*, Nova Iorque, New Jersey Institute of Technology, Van Nostrand Reinhold Company, 1984, entre outros. BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, p. 221, 222.

⁷¹ O livro de Francesco Marconi e Paula Oliveira intitula-se *Politica e progetto: un' esperienza di base in Portogallo*, foi editado pela Feltrinelli Economica Editrice em 1977. Ibidem, p. 227. MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.

⁷² Ibidem, p. 221. FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.

⁷³ Ibidem, p. 231.

Bandeirinha menciona ainda a alegada relação entre o SAAL e a internacionalização da encomenda de Siza sem se posicionar. Cita a opinião defendida por Alves Costa, sobre a influência do SAAL na prática profissional de Siza, como uma continuidade que teve como corolários Kreuzberg, Haia e Malagueira; e a de Paulo Varela Gomes, que quanto ao aspecto da divulgação e encomenda internacionais da obra de Siza, atribui grande importância ao SAAL⁷⁴.

No entanto, no texto citado por Bandeirinha, Varela Gomes demonstra alguma hesitação quanto ao peso da sua influência. Apesar de insistir na projecção internacional do SAAL, e de escrever que “*A Escola do Porto tornou-se uma expressão conhecida pela imprensa arquitectónica de todo o Mundo e Álvaro Siza foi colado ao SAAL como expoente maior da Escola*”, parece de seguida ponderar um pouco a importância daquele processo na divulgação internacional de Siza, ao afirmar que os críticos internacionais que escreveram sobre o arquitecto Português queriam “*saudar o seu talento*”, e em simultâneo o SAAL, não em particular os seus projectos do SAAL; afirmando que “*Siza voou para o estrangeiro nas asas de um equívoco, pelo menos em parte*.”⁷⁵. Mas por outro lado, Varela Gomes quando explica sumariamente a razão da realização da primeira obra de Siza em solo internacional, afirma que a razão do convite a Siza para se apresentar ao concurso para a reconstrução do bairro do Kreuzberg foi, este ter sido classificado como “*“arquitecto de participação”*”⁷⁶, explicação que em nosso entender pode ser interpretada como simplista, como veremos com o desenvolvimento da nossa dissertação.

Neste texto, Varela Gomes tinha por objectivo fazer a síntese da arquitectura construída em Portugal nos últimos vinte e cinco anos, entre 1969 e 1995⁷⁷, referindo de passagem um pequeno número de eventos que são objecto do nosso estudo, os quais passamos a enumerar.

Faz referências equivocadas a primeiras publicações quanto à obra de Siza num número da *Hogar y Arquitectura* de 1967, como sendo a sua primeira publicação

⁷⁴ Ibidem, p. 234, 236, 237.

⁷⁵ GOMES, Paulo Varela, “Arquitectura, os últimos vinte e cinco anos”, in Paulo Pereira (dir.), *História da Arte portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 1995, vol. 3, “Arquitectura portuguesa do século XX”, p. 565.

⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ Ibidem, p. 547 – 59.

internacional, e num número da *Controspazio* de 1972, como sendo a sua primeira publicação fora do contexto ibérico; embora destaque em nossa opinião acertadamente, a importância de Gregotti, autor de um artigo na *Controspazio*, na divulgação internacional de Siza⁷⁸. Varela Gomes refere ainda de passagem a realização da exposição itinerante *Tendências da Arquitectura*, criticando o facto de não representar quaisquer tendências, mas só cinco autores, pois só Manuel Vicente seria um “*verdadeiro ‘chefe de escola’*”, sem se deter mais⁷⁹. Por último, demora-se mais no evento que ocorreu na escola de arquitectura de Clermont-Ferrand em 1987, mas sobretudo no conteúdo dos textos escritos para o catálogo pelos portugueses Alves Costa, Mendes e Portas⁸⁰.

Encontrámos alguns registos em trabalhos de investigação relativos a eventos no estrangeiro onde figurou a arquitectura portuguesa.

Elza Lopes, numa tese orientada por Gonçalo Furtado, aponta a década de 80 como o culminar da divulgação internacional da arquitectura portuguesa⁸¹. Na tese de Maria Almeida, centrada nos processos construtivos de Távora, Siza e Souto de Moura, encontrámos uma lista de publicações e de algumas exposições dedicadas aos três arquitectos, desde 1942 até 2001⁸². Sofia Reis, cujo objectivo era estudar a arquitectura portuguesa a partir dos artigos publicados no *Expresso* e *Jornal de Letras* entre 1974 e 1986, refere de passagem alguns artigos sobre arquitectura portuguesa publicados em revistas periódicas da especialidade⁸³. Inês Rodrigues, num artigo que aborda as relações entre as Escolas de Barcelona e do Porto, no período entre 1961 e 1974, faz referência às publicações de arquitectura portuguesa no número 68 da revista *Hogar y Arquitectura* de 1967, num número da *Serra D’Or* de 1968, num número da revista *Arquitecturas Bis*

⁷⁸ Ibidem, p. 550, 553.

⁷⁹ Ibidem, p. 577.

⁸⁰ Ibidem, p. 579.

⁸¹ LOPES, Elza, *Arquitectura portuguesa Face à Globalização*, Orientação de Professor Doutor Gonçalo Furtado, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2011 – 2012.

⁸² ALMEIDA, Maria Rita Pais Ramos Abreu, *A Emergência da Arquitectura portuguesa no Contexto Europeu no Pós-Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, com orientação de Madalena Cunha Matos*, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, Julho de 2004.

⁸³ REIS, Sofia Borges Simões dos, *74-86, arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa 1974-1986*, com orientação de Mário Kruger, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2007.

de 1974, acrescenta a realização dos Pequenos Congressos em Tomar em 1967 e a participação de Siza no ano seguinte noutra edição dos referidos congressos realizada em Espanha e ainda, a participação de Portas no Curso y Conferencias de Valência, San Sebastián e Sevilha e no Simpósio de Castelldefels⁸⁴, todos por nós tratados na presente dissertação.

Há também teses, que realizadas fora do âmbito do nosso tema, são contributos importantes para a nossa dissertação, nomeadamente teses monográficas sobre arquitectos onde são listadas as publicações no estrangeiro dos seus projectos, como a que Graça Correia realizou sobre Ruy d'Athouguia⁸⁵ e a que José Borges escreveu sobre Eduardo Anahory⁸⁶. Outras teses monográficas trazem contributos específicos pelo aprofundamento do seu estudo e que constituem dados importantes para o nosso trabalho. Nomeadamente aquela elaborada por Ana Tostões sobre os edifícios da Gulbenkian⁸⁷, onde surge um apontamento sobre as publicações internacionais deste edifício, e o trabalho realizado por Nuno Correia que reconstitui a história dos Pequenos Congressos onde participaram arquitectos portugueses, realizados em Espanha entre 1959 e 1967 e em Portugal em 1967⁸⁸.

Da dissertação de doutoramento de Pedro Gadanho interessa-nos o enquadramento teórico elaborado sobre a mediação entre a produção e a recepção da arquitectura, entendida enquanto prática e produção cultural⁸⁹, por entendermos que se aproxima do nosso âmbito temático.

⁸⁴ RODRIGUES, Inês Lima, “‘No Son Genios Lo Que Necesitamos Ahora’ Las Relaciones Entre La Escuela de Barcelona y La Escuela de Oporto A Través de Las Revistas (1961 – 1974)” in *Las revistas de arquitectura (1900 – 1975) crónicas, manifiestos, propaganda. Actas Preliminares*, Pamplona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra, 2012, p. 635 – 822.

⁸⁵ CORREIA, Graça, *Ruy Jervis d'Athouguia – A Modernidade em Aberto*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008.

⁸⁶ BORGES, José António Brás, Eduardo Anahory, percurso de um designer de arquitectura, dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura, Lisboa: Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, 2010

⁸⁷ TOSTÕES, Ana, *Fundação Calouste Gulbenkian. Os edifícios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, *Edifícios Centrais*, 2006.

⁸⁸ CORREIA, Nuno, *O Nome dos Pequenos Congressos. A primeira geração de encontros em Espanha 1959-1967 e o pequeno congresso de Portugal*, Barcelona: Universidade Politècnica da Catalunya, ETSAB, 2009/2010

⁸⁹ GADANHO, Pedro, *Arquitectura e mediatização generalista, 1990-2005: uma crítica cultural do campo arquitectónico*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2007.

Nas suas conclusões Gadanho reflecte sobre a *reflexividade* que se gera em torno da relação entre arquitectura contemporânea e os media e, apesar da sua maior exposição ao público perturbar a sua *autonomia*, abre-se por outro lado uma possibilidade de construção de uma nova *representatividade e legitimidade social* do campo e da produção arquitectónica no âmbito do quotidiano. Conclui que a mediatização tem influências sobre a prática arquitectónica e que estas podem ser positivas desde que sejam asseguradas algumas condições, nomeadamente o maior envolvimento dos actores do campo da arquitectura no campo mediático.

Conscientes desta permeabilidade referida por Gadanho, entre arquitectura e media, interessou-nos seleccionar de entre um conjunto de estudos sobre esta relação aqueles que entendemos melhor enquadrar o âmbito temático da presente investigação.

De Beatriz Colomina tomámos como referência a definição ‘instituição arquitectura’, a qual enquadra a presente dissertação, na seguinte formulação: “*o modo como a arquitectura é produzida, divulgada, distribuída e consumida é parte da ‘instituição arquitectura’ - isto é, do modo como o papel da arquitectura na sociedade é percebido e definido na época da (re)produção em massa e da indústria da cultura.*”⁹⁰.

Este conceito é associado a outro, ‘arquitectura é um acto interpretativo’⁹¹, que inclui actos como a publicação em revistas, em livros e a realização de exposições de arquitectura como actos de arquitectura. Argumentamos que na génese deste conceito está a interpretação como o acto essencial que define a arquitectura. De acordo com Colomina, a arquitectura é interpretada segundo diferentes tipos de discurso, nomeadamente como teoria, crítica, história e manifesto ou

⁹⁰ COLOMINA, Beatriz, “Architectureproduction”, in Kester Rattenbury (ed.), *This Is Not Architecture. Media constructions*, Londres, Nova Iorque, Routledge, 2002, p. 215. Colomina acrescenta que a recuperação deste conceito para a arquitectura se deve a Manfredo Tafuri que o retomou de Walter Benjamin, concretamente dos seus artigos intitulados “O Autor como produtor” de 1934 e a “A obra de arte na era da reprodução mecânica” de 1936. Ibidem, p. 209, 210. O artigo de Colomina foi originalmente publicado em 1988 como “Introduction: On Architecture, Production and Reproduction” in Beatriz Colomina (ed.), *Revisions: Papers on Architectural Theory and Criticism*, Nova Iorque, Princeton Architectural Press. p 6 – 23.

⁹¹ COLOMINA, Beatriz, “Architectureproduction”... p. 207, 208.

através de formas de representação como o desenho, a escrita e as maquetas⁹². Revistas, livros, jornais, exposições, programas de rádio e televisão nos quais a arquitectura é divulgada, fizeram alargar a audiência da arquitectura a quem Colomina chama de consumidores, consumando-se a entrada da arquitectura na indústria cultural, levantando questões sobre o autor da obra relativamente à ‘reprodução’, bem como sobre os intervenientes naquela indústria⁹³.

Importa enquadrar o estudo de Colomina numa reflexão alargada ao contexto da sociedade contemporânea, constatando que os novos intervenientes surgidos no acto interpretativo de Colomina são designados como intermediários culturais.

Invocamos para esta reflexão Laura Bovone⁹⁴, Scott Lash, John Urry⁹⁵ e Cláudia Madeira⁹⁶. Estes autores partilham uma visão positiva sobre as possibilidades que se abrem através da acção dos intermediários culturais, por constituírem brechas na hegemonia da globalização, uma vez que a ‘mediação’ se encontra disseminada para além das instituições manipuladoras de massas.

Bovone, Lash e Urry identificam as ambivalências e reflexividade como características identitárias pós-modernas, onde a reflexividade surge como forma de produção de sentido, de elaboração sobre a identidade. Bovone identifica como fonte de alimentação da reflexividade a informação, que para Lash e Urry coincide com as novas estruturas de informação e comunicação⁹⁷. Neste contexto a identidade sofre contínuas alterações, a qual por estar desenraizada é forçosamente reflexiva, pois volta sempre a auto-interrogar-se. Bovone afirma: “*A crise de identidade é um trabalho contínuo da identidade sobre si própria*”⁹⁸.

⁹² São exemplo as vanguardas do início do século XX ou arquitectos como Le Corbusier que viram nas revistas espaços de produção de arquitectura. Ibidem, p. 207, 213.

⁹³ Colomina avança ainda que a arquitectura publicada tem consequências na arquitectura construída, para além da capacidade dos media em lançar autores e tendências. Ibidem, p. 209 - 220.

⁹⁴ BOVONE, Laura, “Os novos intermediários culturais, considerações sobre a cultura pós-moderna” in Carlos Fortuna, *Cidade, Cultura e globalização*, Celta, 1997.

⁹⁵ LASH, Scott, URRY, John, *Economies of signs and space*, Londres, Sage Publications, 1999.

⁹⁶ MADEIRA, Cláudia, *Novos notáveis, os programadores culturais*, IV Congresso Português de Sociologia.

⁹⁷ LASH, Scott, URRY, John, *Economies of signs and space*, Londres, Sage Publications, 1999, p.6.

⁹⁸ BOVONE, Laura, “Os novos intermediários culturais ... p. 110.

É neste contexto onde predomina a informação e a necessidade de elaborar sobre, que surgem os intermediários culturais. Bovone estende os conceitos de Habermas sobre os meios de comunicação de massas aos intermediários culturais, como sendo os sujeitos que fazem o encontro entre o potencial autoritário e o potencial emancipatório. Os intermediários culturais situam-se nessa encruzilhada de lógicas diferentes “*de informação e de mercado, comunicativas e comunicativas de massas, de pesquisa intelectual e de expressividade, de conservação e de emancipação*”⁹⁹.

Madeira afirma que estes têm uma função demiúrgica “*‘criam’ o criador*”, pois ao atribuírem espaço a cada artista nas suas críticas, exposições e programações estão a determinar a visibilidade da sua produção e consequentemente a sua carreira¹⁰⁰. O papel do intermediário cultural não se esgota na mediação que começa na obra acabada e consiste em entregá-la ao público para consumo através de vários meios, pois ao fazer o enquadramento da produção artística intervém igualmente na formação do público, na criação de condições para a recepção das obras, o que constitui uma fase a montante da produção. Este tipo de cruzamento de influências, de retroacções e determinações recíprocas, abre espaço para que os intermediários ganhem uma crescente importância.

Em sintonia com Bovone, Madeira explica que a acção dos intermediários culturais recai obviamente sobre os artistas, mas simultaneamente sobre si próprios. Ao fazerem as suas escolhas estão a traçar a sua carreira, construindo aquilo que Giddens¹⁰¹ designa por curriculum oculto, que não se prende tanto com a formação académica formal, mas com a relação de proximidade que o intermediário cultural tem com o campo artístico e o mercado, o que dá ao público confiança nestas personagens enquanto pontos de acesso de sistemas abstractos, pois eles são a representação física desses sistemas, que põem em contacto artistas e público. Define-se assim aquilo que Madeira designa como

⁹⁹ Ibidem, p.116. “*os novos intermediários culturais, enquanto comunicadores, não se podem subtrair à ambivalência implicada em qualquer mediação simbólica ou movimento cultural. Com efeito, enquanto comunicadores pós-modernos, eles transmitem e constroem uma cultura que já se sabe ser ambivalente e que convive, naturalmente, com a sua própria ambivalência.*” in Ibidem, p.118

¹⁰⁰ “*Longe de ser um devaneio moderno, o problema geral colocado pela mediação é velho como o mundo.*” (Hennion citado em Cláudia Madeira). Madeira estudou os intermediários culturais numa abordagem que fez ao teatro. MADEIRA, Cláudia, *Novos notáveis ...*

¹⁰¹ Giddens referido por Cláudia Madeira. MADEIRA, Cláudia, *Novos notáveis ...* p.6.

quadro de interacção contextual, que sintetiza desta forma: “*Esse ‘jogo de relações’, [com os artistas, o público, a crítica e eventualmente a organização cultural], mantido por cada programador no seu ‘microcosmos’ cultural, articula-se com os restantes programadores, definindo-se um determinado panorama cultural (mais ou menos miscigenado).*”¹⁰²

Os protagonistas dos eventos que constituem o objecto da presente dissertação podem, pois, considerar-se como intermediários culturais. Arquitectos, editores de revista da especialidade e curadores de exposições de arquitectura participam dos processos acima descritos, porventura com um grau maior de complexificação, pois os próprios arquitectos assumem várias vezes o papel de curadores, de editores de revistas ou a autoria de artigos sobre arquitectura, para além de por vezes serem também ‘fazedores’ de arquitectura, desenvolvendo não raras vezes estas actividades em simultâneo.

Alguns estudos foram sendo feitos sobre a ‘instituição arquitectura’ e sobre a sua relação com os meios de divulgação em particular. Estes estudos têm sido objecto de congressos, dos quais resultaram listas bibliográficas, na sua maioria constituídas por edições internacionais.

Referimo-nos por exemplo, a um congresso realizado na Escola Superior Técnica de Arquitectura da Universidade de Navarra, em Pamplona, em Maio de 2012, sob o tema “Las revistas de arquitectura (1900 – 1975) crónicas, manifestos, propaganda”; e a outro congresso realizado no Centro Canadano de Arquitectura em Maio de 2004 sob o tema “Architectural Periodicals in the 1960s and 1970s”. No âmbito deste último congresso, Hélène Janniére e France Vanlaethem recolheram uma lista de bibliografia temática, na qual recuaram até à década de 70 do século XX, tendo encontrado estudos sobre publicações de várias nacionalidades, desde chinesas a norte americanas e inclusivamente portuguesas, através da menção ao trabalho de Marieta Dá Mesquita, entre outras origens¹⁰³

Alguns destes estudos são influenciados por uma abordagem que tem origem na teoria de Bourdieu, nos quais é procurado analisar aquele tema sob a perspectiva

da arquitectura como ‘campo de produção cultural’. O conceito de campo é um dos principais conceitos de Bourdieu, que o entende como um espaço em permanente alteração, pela interacção dos ‘agentes’ envolvidos e as suas constantes ‘mudança de posição’. Sendo evidente a importância da contribuição daquele conceito para a reflexão sobre arquitectura, sobretudo, porque este implica um ‘pensamento relacional’¹⁰⁴, não nos interessa a sua aplicação estrita à arquitectura, entendida de forma mais alargada acima referida, como ‘instituição arquitectura’. De facto, depois do nosso declarado interesse pelo quadro de interacção dos intermediários culturais não podíamos aderir às teorias de Bourdieu, uma vez que, a mudança para uma organização baseada em estruturas de informação que pressupõe o conceito referido, retirou importância à organização social com base em classes, organização esta que sustém as teorias de Bourdieu, o que constitui desde logo para nós uma contradição de princípio difícil de ultrapassar.

Hélène Lipstadt, uma das autoras que se destaca pelo trabalho desenvolvido sob a perspectiva teórica de Bourdieu, reconhece a dificuldade de aplicação daqueles princípios à arquitectura.

Inicialmente, esta não foi a abordagem que utilizou no seu doutoramento em 1979, como pudemos comprovar através de um artigo que a autora gentilmente nos cedeu¹⁰⁵. Lipstadt estudou aquela que é considerada por muitos a primeira revista profissional de arquitectura, sobretudo pelo pioneiro domínio e tratamento da imagem, a qual teve a duração de quarenta e oito anos e manteve um interesse elevado por parte do público, a *Revue Générale de l'Architecture*, editada por César Daly, fundada em 1839 em França¹⁰⁶. Só mais tarde, em 2000, Lipstadt começou a desenvolver a aplicação dos conceitos de Bourdieu à arquitectura¹⁰⁷, disciplina a que este não se tinha dedicado. Lipstadt concretizou a aplicação daqueles conceitos ao domínio dos concursos da arquitectura, mas

¹⁰⁴ LIPSTADT, Hélène, “Experimenting with The Experimental Tradition, 1989-2009: On Competitions and Architecture Research”, in Magnus Rönn et al. (org.), *The Architectural Competition: Research Inquiries and Experiences*, Stockholm, Axlbooks, 2010, p. 58.

¹⁰⁵ LIPSTADT, Hélène, “The building and the Book in César Daly’s *Revue Générale de l'Architecture*”, in *Architectureproduction*, 1988, p. 24 – 55.

¹⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁷ LIPSTADT, Hélène, “Experimenting with The Experimental Tradition ... p. 54.

¹⁰² Ibidem, p. 4.

¹⁰³ Inclui estudos sobre publicações belgas, suíças, alemãs, japonesas, holandesas, holandesas, australianas, italianas, espanhola, britânicas, suecas, búlgaras, noruegueses, da Argentina, União Soviética em http://www2.cca.qc.ca/pages/Niveau3.asp?page=irha_bibliographie_periodiques&lang=eng acedido em 2/7/2014

reconhece a dificuldade da sua generalização à arquitectura, sobretudo pela falta de autonomia do seu campo, dada a sua interdependência com os campos da ‘economia’ e do ‘poder’¹⁰⁸.

Esta constatação reforça a nossa opção pelo conceito de intermediários culturais, o qual também põe em evidência o sistema de inter-relações e sendo mais flexível enquadra melhor objecto da presente dissertação, sendo por isso mais exegético.

De facto, partilhamos a atitude de Pedro Vieira de Almeida, um dos fundadores de uma certa tradição teórica e crítica da arquitectura em Portugal desde os anos 60, que sem negar a contribuição de cada uma das disciplinas para a evolução da teoria da arquitectura, sustenta em 2012, que esta não se pode “*estruturar nem como discurso filosófico nem como discurso científico*”¹⁰⁹. Vieira de Almeida refere-se a tentativas de “*‘sociologicizar’, de ‘psicologicizar’ e ‘antropologicizar’*” bem como a aproximação à análise linguística¹¹⁰. Apesar de Vieira de Almeida entender que a teoria da arquitectura se deve manter em contacto com outras áreas do saber, defende a sua autonomia¹¹¹.

Neste sentido, também pela sua autonomia, interessa-nos o conceito desenvolvido por Petra Čeferin designado como Epicentro Arquitectónico (EA), o qual retrata vários casos ocorridos a nível internacional. Este conceito surge em nosso entender, na esteira do contexto traçado atrás, na medida em que concretiza os referidos espaços de liberdade no interior do processo de globalização. Argumentamos que a arquitectura portuguesa constitui mais um caso de entre os que Čeferin descreve como EAs, precisamente a partir do momento que definimos para o estudo da nossa dissertação 1976 - 1988.

O trabalho desenvolvido por Čeferin foi-nos aludido em conversa por Markku Komonen, o que nos levou a contactar a autora. Čeferin é uma arquitecta eslovena que depois de ter estudado o caso da afirmação internacional da arquitectura finlandesa da década de 60 alargou o seu interesse a outros casos internacionais de emergência de arquitecturas locais, conduzindo-a ao desenvolvimento do

referido conceito de EA¹¹². Em 2006 e 2007, Čeferin organizou um ciclo de conferências com especialistas sobre vários EAs, que vão desde a arquitectura brasileira do final da década de 40 até meados da de 60 até à arquitectura espanhola na transição do século XX para o XXI¹¹³.

O conceito EA interessa-nos desde logo por superar o que Ignasi de Solà-Morales designa como o recorrente ‘modelo centro-periferia’¹¹⁴, que como veremos foi usado para descrever a arquitectura portuguesa até ao período do nosso estudo e inclusivamente, a sua divulgação internacional. EA também não assenta em classificações *a priori*, relativas à localização dos países onde estes acontecem. A esta qualidade de não ser limitado geograficamente junta-se outra de também não ser limitado estilisticamente, não defendendo determinadas correntes arquitectónicas em detrimento de outras, o que nos parece desde logo permitir uma abertura à compreensão cabal destes acontecimentos. Pode, no entanto, afirmar-se que subjaz ao EA uma atenção crítica à globalização¹¹⁵.

¹¹² Čeferin desenvolveu a sua tese de doutoramento nas Faculdades de Arquitectura da Universidade de Tecnologia de Helsínquia e da Universidade de Liubliana, a qual se centrou no caso da arquitectura Finlandesa e deu origem ao livro publicado em 2003: ČEFERIN, Petra, *Constructing a Legend, The International Exhibitions of Finnish Architecture 1957 – 1967*, Helsínquia, SKS, 2003. Posteriormente, Čeferin realizou um período de investigação na Graduate School of Architecture, Planning and Preservation da Universidade de Columbia, pelo que agradece a Kenneth Frampton e a Mary McLeod pelas profícuas conversas que tiveram e que contribuíram para a formulação do conceito EA.

¹¹³ O ciclo de conferências teve lugar no Museu de Arquitectura de Liubliana. Os outros casos apresentados foram: a arquitectura Mexicana nas décadas de 50 e novamente na década de 70, a arquitectura Japonesa no período pós II Guerra Mundial, a arquitectura Suíça desde a década de 70 em diante, a arquitectura Norte Americana entre 1966 e 1988, a arquitectura Holandesa na década de 80, na fase de declínio dum EA, a arquitectura Finlandesa do final das décadas de 50 e de 60, e foi ainda questionado se a arquitectura Eslovena poderia configurar no futuro um EA. Em 2008, foi publicado um livro com origem naquele ciclo de conferências: ČEFERIN, Petra, POŽAR, Cvetka, (ed.), *Architectural Epicentres. Inventing Architecture, Intervening in Reality*, Liubliana, Architecture Museum, 2008.

¹¹⁴ SOLÀ-MORALES, Ignasi, “Arquitectura Española del Siglo XX. Tres ideas para una interpretación”, *Guía de Arquitectura de España 1920 – 2000*, Madrid, Tanais Ediciones, 1998, p. 17 - 20.

¹¹⁵ Tal atenção crítica à globalização foi plasmada num outro ciclo de conferências organizado por Čeferin em 2009, intitulado “The next Step: Project architecture”, no qual foi questionado se a arquitectura pode ter um papel crítico num tempo dominado pelo capitalismo global. Teve como convidados Frampton, Fernández-Galiano, Rado Riha, Vittorio Aureli e William S. Saunders. http://www.culture.si/en/ARK_-_Institute_for_Architecture_and_Culture acedido em 13 de Novembro de 2014.

¹⁰⁸ LIPSTADT, Hélène, “Can ‘art Professions’ Be Bourdieuean Fields of Cultural Production?: The Case of the Architecture Competition”, *Cultural Studies*, 17: 3-4, 2003, 390-419. Lipstadt, Hélène, “Experimenting with The Experimental Tradition ...

¹⁰⁹ ALMEIDA, Pedro Vieira de, “A criação teórica. Theoretical Creation”, *JA*, n. 244, 2012, p. 111 – 115.

¹¹⁰ Ibidem, p. 112.

¹¹¹ Ibidem, p. 114.

Em Portugal, Jorge Figueira desenvolveu uma designação que aponta no sentido do EA, mas ainda influenciada pelo ‘modelo *centro-periferia*’, pois tenta compensar a posição de partida desfavorável, chamando à arquitectura portuguesa dos anos sessenta / anos oitenta, ‘periferia perfeita’¹¹⁶. Periferia perfeita é mesmo a primeira parte do título da tese do seu doutoramento, onde escreve no seu resumo “*Falamos assim de ‘periferia perfeita’, porque no sentido pleno de uma vivência pós-moderna, deixando de ser avaliada face a um centro hegemónico ou “moderno”, a arquitectura portuguesa pode finalmente ser ‘maior’.*”¹¹⁷ Figueira entende que aquele é um período que marca o início de uma nova vitalidade da arquitectura portuguesa, mas atribui em grande parte a factores exógenos a razão da sua valorização, especificamente à condição do tempo pós-moderno¹¹⁸. Porém, é de assinalar que Figueira conceda um enfoque positivo ao termo periferia.

Em nosso entender, o conceito EA questiona se de facto o início da obsolescência do modelo *centro-periferia* começou com a crise pós-moderna, a qual é habitualmente datada da década de 60 / 70 do século XX, como por exemplo por Solà-Morales, embora Josep Maria Montaner alargue aquela fase a toda a segunda metade do século XX¹¹⁹. Como o conceito EA abarca fenómenos ocorridos em datas anteriores a estas e em contextos muito diversos, tem uma maior autonomia, o que lhe confere uma maior capacidade exegética, servindo à compreensão de uma grande variedade de situações. Esta qualidade conduziu provavelmente Čeferin à procura da razão de ser de cada EA, intrínseca a cada um e comum a todos.

A razão de ser de um EA baseia-se num conceito de qualidade da arquitectura que Čeferin designa como ‘momento X’ em que é identificado uma obra, um

projecto, um desenho ou uma formulação teórica como soluções excelentes¹²⁰. Čeferin explica que aquele momento é parcialmente uma ilusão, mas com consequências concretas, que estimula os outros profissionais a encontrarem o seu ‘momento X’ no seu próprio trabalho, sendo um ponto de partida e simultaneamente um objectivo¹²¹. Pelo que este ‘ilusório momento X’ cria um tremor que altera a ordem instituída, alterando a forma de pensar mesmo sobre os edifícios existentes¹²². Outra característica da qualidade do EA é constituir uma excelente resposta às circunstâncias locais, inclusivamente estratégias políticas do país e simultaneamente ser uma boa resposta a nível global¹²³.

Čeferin aprofunda o conceito de ‘momento X’ procurando perceber qual a forma de exercer a arquitectura que leva a alcançá-lo¹²⁴.

No processo de desenhar a arquitectura as condições existentes não servem para informar o problema porque o arquitecto está a desenhar para outras condições futuras que não se sabem quais são ainda, pelo que não pode testar a sua solução, tratando-se assim de um processo experimental; a própria solução EA provoca a situação emergente¹²⁵. Siza fez afirmações em 1977 que se aproximam precisamente desta noção que Čeferin descreve. Siza disse que o seu trabalho “*é simplesmente uma participação num movimento de transformação com implicações muito maiores*”¹²⁶, acrescentando mais adiante que “*não se deve fixar a imagem do momento de transformação. Quando se faz um trabalho concreto, há um tempo para esse trabalho, mas a transformação em curso não pára, vai sempre mais longe; eu sou sensível ao momento que se segue*”¹²⁷.

¹²⁰ ČEFERIN, Petra, “Introduction. Inventing Architecture, Intervening in Reality”, in Petra Čeferin, POŽAR, Cvetka, (ed.), *Architectural Epicentres. Inventing Architecture, Intervening in Reality*, Liubliana, Architecture Museum, 2008, p. 12, 13.

¹²¹ Ibidem, p. 13, 14.

¹²² Ibidem, p.14.

¹²³ Ibidem, p.15.

¹²⁴ Ibidem, p.17 - 20.

¹²⁵ Ibidem, p. 18.

¹²⁶ ROUSSELOT, Christine, BEAUDOIN, Laurent, “entretien avec Álvaro Siza”, *AMC*, n. 44, 1978, p. 33.

¹²⁷ Ibidem, p. 35.

¹¹⁶ FIGUEIRA, Jorge Manuel Fernandes, *A Periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitectura portuguesa, anos 60 – Anos 80*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura orientada pelo Professor Catedrático Alexandre Vieira Pinto Alves Costa, apresentada no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009.

¹¹⁷ Ibidem, p. 1.

¹¹⁸ Ibidem, p. 1, 454.

¹¹⁹ SOLÀ-MORALES, Ignasi, “Arquitectura Española del Siglo XX. Tres ideas para una interpretación”, *Guía de Arquitectura de España 1920 – 2000*, Madrid, Tanais Ediciones, 1998, p. 17 - 20.. MONTANER, Josep Maria, *Después del movimiento moderno...* p. 71.

No entanto, Čeferin lembra que o arquitecto que alcança o momento X trabalha com a situação existente, é o seu material de trabalho, o qual questiona e não aceita acriticamente nem rejeita totalmente¹²⁸. Mais uma vez Siza fez afirmações que vêm de encontro a estas de Čeferin, pois explicou que em dado momento fez uma autocritica aos projectos das suas primeiras casas, que se encerravam à envolvente por não gostar dela, atitude que passou a ver como moralista e que modificou¹²⁹. Mais tarde, Siza continuou explicando que todo o contexto é importante, seja ele feio ou bonito, e que é preciso trabalhar com esse conjunto de dados¹³⁰.

Čeferin continua deixando claro que não se trata da apologia da constante novidade, que toma como seu termo de comparação o existente, pois o EA intervém no próprio critério do existente¹³¹. Encontramos mais uma vez sintonia entre esta formulação de Čeferin e outra de Siza, quando ele declara que não há invenções em arquitectura, mas sim transformações um pouco abstractas, as quais “*por vezes obedecem a situações concretas correspondendo à evolução social*”¹³². Estas citações de Siza servem neste âmbito unicamente para sublinhar a coincidência entre alguns pontos da formulação de Čeferin sobre EA e o pensamento de Siza sobre arquitectura, que por ser inesperada é em nosso entender merecedora do destaque dado.

Continuando a seguir a linha de raciocínio de Čeferin, esta afirma não há uma uniformidade de respostas, nem em termos formais, nem nos critérios usados para responder às situações nos casos EA¹³³. Čeferin justifica a prossecução de EA, quer pelos arquitectos, quer pelos clientes que estão predispostos a pagar este esforço que serve mais a arquitectura em si do que os seus legítimos desejos de terem simplesmente uma obra, pelo facto de através deste processo serem mostradas novas forma de pensar, demonstrando que “*o existente não representa o horizonte final do possível*”, o que em tempos de capitalismo global e totalitário

não é de menor importância. Čeferin acrescenta que se pode avaliar o sucesso dos EAs através das consequências físicas e imateriais, nomeadamente das novas obras construídas e do discurso da arquitectura como publicações, exposições e formulações teóricas¹³⁴.

Juan Pablo Bonta alerta para as complexidades daquilo que designa como o processo interpretativo da arquitectura¹³⁵. Bonta abordou este tema na década de 70 do século passado e apesar de Adrian Snodgrass e Richard Coyne terem uma opinião oposta à nossa¹³⁶, entendemos que posteriormente Colomina abriu espaço a que o acto de projectar também fosse considerado como um acto interpretativo, em conjunto com as publicações e realização de exposições, como afirmámos atrás. Certo é que Bonta fazia na altura uma clara distinção entre essas duas áreas de actividade, afirmando inclusivamente que quando os arquitectos escrevem se comportam como críticos e não como arquitectos¹³⁷. Embora não possamos concordar com essa visão separatista e estanque entre aquelas actividades, é para nós bastante interessante atentar na análise de Bonta sobre a(s) forma(s) como se processa a divulgação de arquitectura.

Bonta realizou um estudo baseado na divulgação do pavilhão de Barcelona de Mies, tendo definido o processo interpretativo como um ciclo que vai da “*passagem da cegueira às respostas pré-canónicas, logo a interpretação canónica e a sua disseminação, e finalmente o silêncio e o esquecimento*”¹³⁸. Sendo que explica que o ciclo pode nem sempre completar-se, as fases podem sobrepor-se, o esquecimento pode não ser definitivo e dar origem a todo um novo ciclo¹³⁹.

Bonta explica que a maior diferença entre as respostas pré-canónicas e as canónicas, cujo conteúdo até pode ser similar, reside no envolvimento social,

¹³⁴ Ibidem, p.15.

¹³⁵ Consultámos a edição espanhola: BONTA, Juan Pablo, *Sistemas de significación en arquitectura*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1977.

¹³⁶ SNODGRASS, Adrian, COYNE, Richard, *Interpretation in Architecture. Design as a way of thinking*, Londres, Nova Iorque, Routledge, 2006, p. 3.

¹³⁷ BONTA, Juan Pablo, *Sistemas de significación en arquitectura*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1977, p. 217, 245 – 252.

¹³⁸ Ibidem, p. 203.

¹³⁹ Para além de estes ciclos se aplicarem a obras podem também dizer respeito a estilos de arquitectura. Ibidem.

¹²⁸ ČEFERIN, Petra, “Introduction. Inventing Architecture, Intervening in Reality”... p. 21.

¹²⁹ TEIXIDOR, Pepita, “Álvaro Siza Vieira. Entrevista realitzada a Porto, l’abril de 1983”, *Quaderns*, n. 159, 1983, p. 42.

¹³⁰ VIEIRA, Álvaro Siza, “Condensar ela complessità”, *Casabella*, n. 526, 1986, p. 12.

¹³¹ ČEFERIN, Petra, “Introduction. Inventing Architecture, Intervening in Reality” ... p.20.

¹³² “Interview d’ Álvaro Siza”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980, p. 2.

¹³³ ČEFERIN, Petra, “Introduction. Inventing Architecture, Intervening in Reality” ... p.21, 22.

pois as primeiras são individuais e as segundas são partilhadas e repetidas por um grupo, revestindo por isso de um carácter definitivo as primeiras tentativas de interpretação¹⁴⁰. O processo de formação dos cânones não é por adição, mas antes por filtração, para eliminar contradições e adequar aos temas que interessam à sociedade em cada momento, muitas vezes também com o objectivo de classificar e integrar as obras em correntes¹⁴¹. Mais uma vez é o alargamento do envolvimento social, que segundo Bonta determina a passagem da interpretação canónica para a fase da disseminação, embora considere ser difícil estabelecer os limites entre uma e outra, pois entende ser o momento em que aquelas respostas alcançam um público mais alargado, acabando por se traduzir numa repetição de conceitos¹⁴². Em seu entender cada (re)publicação num novo meio funciona como um prémio, concretizando a famosa afirmação que nestes casos “o meio é a mensagem”¹⁴³.

Argumentamos que o período que abordamos na presente dissertação coincide com as fases das interpretações pré-canónicas e canónicas do discurso internacional sobre a arquitectura portuguesa. Prestaremos atenção ao cânone, mas também aos contributos dissonantes.

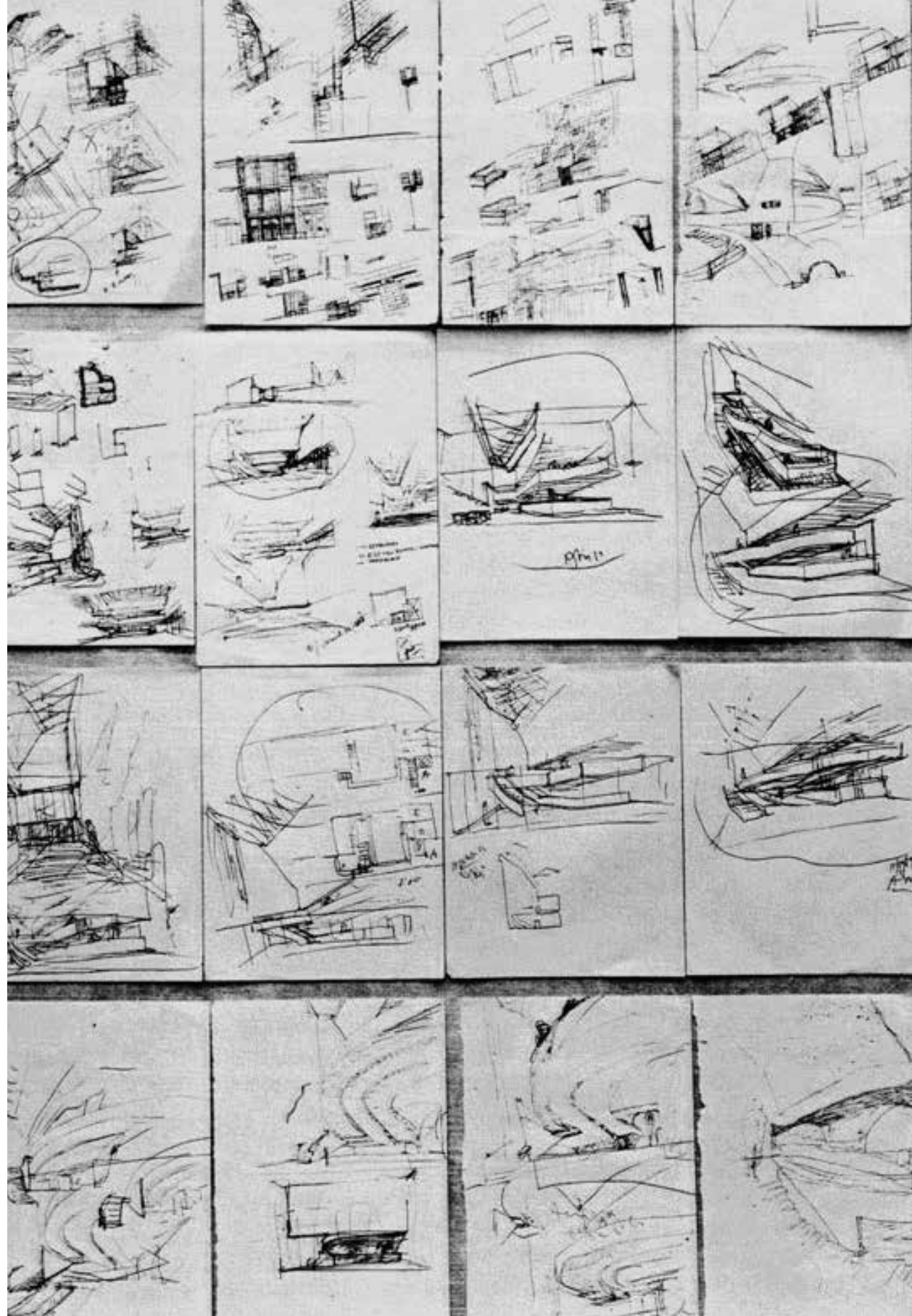
É com esta moldura, que enquadra a instituição arquitectura, influenciada pela actuação dos intermediários culturais em particular no ciclo do processo interpretativo da arquitectura, contribuindo para a constituição da arquitectura portuguesa como um epicentro arquitectónico, que nos abalançamos ao estudo da sua divulgação internacional entre os anos de 1976 e de 1988, animados pelo elevado interesse que desperta e por intuirmos que ao nos determos sobre questões específicas e concretas, estas podem contribuir para a alteração da percepção do quadro geral.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 156 – 160.

¹⁴¹ Ibidem, 162 – 167, 174 – 185.

¹⁴² Ibidem, p. 195 – 200.

¹⁴³ Ibidem.



O ANO SEMINAL: 1976

1

O ANO SEMINAL: 1976

Passamos a tratar neste capítulo aquele que, tal como referimos na introdução, consideramos ser o ano seminal para a divulgação internacional da arquitectura contemporânea portuguesa, o ano de 1976, bem como o período que lhe antecedeu. Assim, ficam patentes tanto as diferenças, como a forma como começou a ser deliendada a divulgação internacional da arquitectura portuguesa que marcou aquele ano e os seguintes.

Podemos afirmar que o surgimento de interesse por parte dos intermediários culturais internacionais sobre a arquitectura portuguesa contemporânea, manifestado pela sua integração num espaço significativo em publicações, congressos ou exposições, eventos estes que ocorrem praticamente em simultâneo em vários países, de uma forma consistente e persistente no tempo, tornou-se visível no ano de 1976.

Esclarece-se que tal não significa que a arquitectura portuguesa não tenha sido publicada ou exposta no estrangeiro nos anos anteriores a 1976¹⁴⁴, mas sim, que a partir dessa data a sua divulgação começou a assumir características diferentes. Desde logo o facto de se ter tornado mais generalizada, pois apesar de ter ocorrido a sua participação em mais que um evento internacional por ano e em países diferentes antes de 1976, a geografia do local de realização do evento era mais restrita, bem como o número de eventos pós 1976 vai aumentando. Por outro lado, a abordagem à arquitectura portuguesa começou a ser aprofundada, tendo sido tentado em alguns eventos a compreensão do seu contexto alargado, mesmo quando o objecto de reflexão era a obra de arquitectos considerada individualmente. Antes de 1976, as publicações na sua generalidade resumem-se à apresentação estrita do projecto, ao seu material gráfico, desenhos e fotografias, acompanhados por vezes da memória descritiva elaborada pelo arquitecto – autor, sem que fosse objecto de reflexão de autores / críticos internacionais. No ano

¹⁴⁴ A aproximação ao estudo da divulgação da arquitectura portuguesa no ano de 1976 e no período anterior foi avançada por nós no artigo: SILVA, Cristina Emília R, FURTADO, Gonçalo, “Ideias da Arquitectura portuguesa em viagem”, Coimbra, Joelho, revista do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, n.3, 2012; acedido em <http://98.130.112.242/index.php/joelho/article/viewFile/415/351> a 20/10/2013.

de 1976 surgiram eventos com as características acima referidas em Espanha, Itália e França e Alemanha, com a participação de arquitectos portugueses, designadamente Siza comum a todos eles.

Para melhor explicitar o que acabámos de afirmar, sobre as diferenças na divulgação da arquitectura portuguesa antes e depois de 1976, este capítulo da presente dissertação subdivide-se em duas partes: na primeira, fazemos uma síntese relativamente ao período anterior a 1976, e na segunda concentramo-nos no ano de 1976.

1.1.

Das hesitações à determinação: rumo a 1976

Neste período, importa considerar outro acontecimento que se junta ao universo de eventos por nós definido na introdução, a representação nacional em Exposições Internacionais através da construção de Pavilhões, pois a sua relevância é significativa quando acontece sob uma governação centralizadora e autoritária, como foi o caso.

Argumentamos que, no entanto, o Estado Novo nem sempre teve uma posição perfeitamente definida quando se fazia representar no estrangeiro através da arquitectura. A análise das arquitecturas sob as quais o regime se fez representar internacionalmente faz-nos secundar a opinião de Vieira de Almeida, segundo a qual o Poder não impôs uma única arquitectura, embora não estejamos em condições de precisar se as razões se prenderam com desconhecimento, indecisão ou incapacidade, ou a sua conjugação.

Cabe, no entanto, esclarecer que esta opinião não é partilhada por outros autores portugueses que se dedicaram àquele período; de facto a leitura da influência das políticas do Estado Novo na produção da arquitectura portuguesa cria divisões. Os arquitectos Nuno Teotónio Pereira e José Manuel Fernandes defendem que o Estado foi sempre bastante directivo nas suas políticas e implacável para quem lhe era contrário¹⁴⁵. O arquitecto Nuno Portas e posteriormente a arquitecta Ana Tostões¹⁴⁶ definem início dos anos 40, mais precisamente a Exposição do Mundo Português segundo Tostões, como o momento em que esse poder passa a ser exercido, tendo escapado a esse controlo por exemplo algumas encomendas da indústria da electrificação, das quais resultaram pousadas e barragens interessantes, outras da câmara de Lisboa e, já mais tarde, a promoção de habitação pelas Caixas de Previdência, sinais da afirmação do Movimento Moderno em Portugal a que Tostões se dedicará posteriormente na sua

¹⁴⁵ FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Nuno Teotónio; “A Arquitectura em Portugal” in *Arquitectura*, 142, 1981.

¹⁴⁶ PORTAS, Nuno, “A evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação” in ZEVI, Bruno, *História da Arquitectura Moderna*, [s.l.], Arcádia, 1973. TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitectura portuguesa dos Anos 50*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1997.

dissertação de doutoramento¹⁴⁷. Apontam o primeiro congresso dos arquitectos em 1948, realizado com patrocínio oficial, como a primeira oportunidade para dar voz ao descontentamento com as opções do Poder político. Por seu lado, como avançávamos, Vieira de Almeida considerou não ter havido da parte do Poder, habilidade, conhecimento e clareza suficientes para ter imposto uma arquitectura dita de Regime, sendo as suas obras resultados frouxos do zelo de funcionários de pequenos poderes de repartição ou encenações enfraquecidas pelo débil sentido de ritual político, aliás inexistente, por contraste por exemplo ao que se passava na Alemanha¹⁴⁸.

Passaremos em revista de uma forma sintética a arquitectura dos pavilhões de Portugal nas Feiras Internacionais de Paris em 1937, de Nova Iorque e de São Francisco em 1939, de Bruxelas em 1958 e de Osaka em 1970 e também, a selecção das obras para a exposição itinerante pelo Reino Unido e Washington (1957 e 58 respectivamente), igualmente de iniciativa estatal, que no seu conjunto, em nosso entender, suportam a afirmação que fazemos quanto às hesitações do Regime relativamente à sua representação internacional no campo da arquitectura.

Segundo Margarida Acciaiuoli, a arquitectura dos pavilhões com que Portugal se fez representar nas três primeiras exposições internacionais sob o regime do Estado Novo, em Paris em 1937, em Nova Iorque e S. Francisco em 1939, é sintomática da degeneração de um compromisso inicial, por si só já difícil de conseguir.

O pavilhão de Paris da autoria do então jovem arquitecto Francisco Keil do Amaral (1910-1975), cuja actividade veio a ser marcada pelo empenhado questionamento do rumo da arquitectura entre a rejeição da tendência tradicionalista e a problematização da arquitectura moderna, foi o vencedor de um concurso que tinha como base a conciliação entre o “moderno” e o “nacional”¹⁴⁹. Apesar deste compromisso lançado por António Ferro (1895-

1956), director do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), ex-jornalista temido pela ala mais conservadora do Poder, se ter revelado difícil de concretizar, importa salientarmos uma afirmação de Acciaiuoli por ser balizadora daquilo que entendemos ter sido um salto mais significativo do que o que tendemos a valorizar a esta distância. Acciaiuoli escreve relativamente àquele pavilhão que “*Terminava assim a primeira grande etapa de Ferro com a liquidação senão total pelo menos parcial dos revivalismos que desde o princípio do século haviam alimentado as nossas participações no estrangeiro.*”¹⁵⁰

O pavilhão de Keil, conciliatório como o próprio assumiu, era constituído por dois volumes distintos, com grandes áreas de planos de fachada cegos, destacando-se num deles a aposição do escudo nacional¹⁵¹. Segundo Acciaiuoli, aquela que parecia ter sido uma vitória dos “modernos” mostrou-lhes que tal não era possível sem atender à tradição e por outro lado, deu argumentos aos tradicionalistas que a modernização da arquitectura poderia ocorrer dentro da tradição¹⁵²; questão esta, que se estenderá e problematizará de diferentes formas pelos anos seguintes. Se para os arquitectos modernos em geral e até para o próprio Keil, aquela acabou por ser uma afirmação frouxa de uma modernidade que se pretendia mais vigorosa, parece-nos no entanto representar para a sociedade alargada uma modernidade “q.b.”, pelo que depreendemos da caricatura que surgiu numa publicação humorística designada *Sempre Fixe*, onde o pavilhão foi apelidado de “caixa de fósforos”¹⁵³, expressão ainda hoje usada em Portugal, em particular pelo público não especializado, para apelar certos exemplos de arquitectura contemporânea.

A discussão sobre o ‘grau’ de modernidade da arquitectura nas representações internacionais de Portugal deixou de se colocar, pois essa opção foi totalmente abandonada, dois anos depois, em 1939, em Nova Iorque e em São Francisco.

Acciaiuoli adiantou algumas razões, nomeadamente um “retraiamento voluntário” perante a crença no progresso, inclusivamente agora também expressado pelo próprio Ferro, e a eleição como público-alvo dos emigrantes portugueses que viviam na América do Norte¹⁵⁴. A falta de tempo para a preparação da exposição

¹⁴⁷ TOSTÕES, Ana, *A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015.

¹⁴⁸ ALMEIDA, Pedro Vieira, *A Arquitectura no Estado Novo, uma leitura crítica, Os Concursos de Sagres*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002, pp. 38, 39. É de notar a filiação de Vieira de Almeida no Partido Comunista Português reveladora da sua independência ideológica. Informação obtida junto de Maria Helena Maia, viúva de Vieira de Almeida, em conversa; 30 de Setembro de 2015, Lisboa

¹⁴⁹ ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo, 1934 – 1940*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 39 - 73.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 45.

¹⁵¹ Ibidem, p. 47, 48.

¹⁵² Ibidem, p. 44 – 46.

¹⁵³ Ibidem, p. 46 - 48.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 76 – 83.

foi a razão aventada para a não realização de um concurso de arquitectura para o pavilhão, tendo Ferro dirigido o convite a Jorge Segurado (1898-1990) para desenhar os dois pavilhões¹⁵⁵. Uma opção segura, dado Ferro saber da anuência daquele arquitecto com os seus actuais propósitos de uma representação portuguesa de feição claramente mais tradicional nacionalista¹⁵⁶. Assim, em Nova Iorque, enquanto a Finlândia se fazia representar com um pavilhão da autoria de Alvar Aalto e o Brasil com um pavilhão desenhado por Lúcio Costa, Portugal encontrava nas referências a uma certa história da arquitectura portuguesa a legitimação para o seu pavilhão, usando nomeadamente o granito como revestimento, as ameias como forma de coroar o edifício e o arco de volta perfeita para assinalar a entrada¹⁵⁷. Segundo Acciaiuoli, foram também as igrejas românicas do Norte do país que informaram o desenho de Segurado do pavilhão de São Francisco¹⁵⁸.

Portugal voltou a alterar o rumo da sua trajectória na representação no primeiro evento que retomou as exposições internacionais pós Segunda Guerra Mundial, o pavilhão nacional na Exposição Internacional de Bruxelas em 1958. O pavilhão foi desenhado por Pedro Cid (1925-1983), vencedor de um concurso organizado para o efeito, o qual consideramos como um edifício modernista. É de salientar que na altura alguns arquitectos portugueses, como Portas, questionavam aquela opção, por já não estar actualizada com as necessidades e especificidades da arquitectura nacional¹⁵⁹, o que no fundo se trata de mais uma manifestação da discussão que referimos sobre os caminhos que a arquitectura deveria percorrer algures entre a tradição e a modernidade.

Outra iniciativa praticamente contemporânea da referida participação portuguesa em Bruxelas, de responsabilidade da Sociedade Nacional de Informação, a nova designação da anterior Sociedade Nacional de Propaganda, em conjunto com o Sindicato Nacional dos Arquitectos¹⁶⁰, foi a organização de uma exposição de

arquitectura intitulada *Contemporary Portuguese Architecture*. A exposição esteve patente no Building Centre, em Londres, entre 8 a 23 de Novembro de 1956, fez itinerância por várias cidades inglesas até ao início de 1957, tendo também sido exibida nos EUA, onde esteve patente no Smithsonian Institution, em Washington, em 1958¹⁶¹. Entendemos que esta exposição, dominada pelo programa de habitação através de obras de 1951 a 1958, foi marcada por uma selecção de edifícios que consideramos serem modernistas.

A selecção efectuada para esta exposição terá sido ampliada em 1958¹⁶². De acordo com o catálogo da exposição editado aquando da sua exibição nos EUA esta incluiu obras de 1951 a 1958 dos arquitectos: Viana de Lima (1913-1991), Conceição Silva (1922-1982), Fernando Távora (1923-2005), Teotónio Pereira (1922-2016), Manuel Tainha (1922-2012) e o referido autor do Pavilhão de Bruxelas, Pedro Cid, entre outros¹⁶³ [fig. A1.1].

É de salientar que esta exposição teve eco no estrangeiro, precisamente graças à contemporaneidade da arquitectura nacional. Kidder Smith, no seu livro intitulado *The New Architecture of Europe* de 1961, fez referência à exposição como sinal de mudança na arquitectura portuguesa que permitiu a construção de um número significativo de edifícios que tornaram possível aquela mostra, a qual em seu entender teria sido inviável anos antes¹⁶⁴ [fig. A1.2]. E, acrescentamos nós, sem aquela exposição talvez não tivesse acontecido a referência à arquitectura portuguesa no seu livro. Smith destaca como obras com particular qualidade

¹⁶¹ Tostões avançou como razões para a realização desta exposição com itinerância por estes países, por um lado a descoberta por parte do governo da importância estratégica da arquitectura e por outro, o reactivar de relações com os países vencedores da guerra. TOSTÕES, Ana, “A diáspora ou a arte de ser português”, *Camões - revista de Letras e Culturas Lusófonas – Da identidade da arquitetura portuguesa*, n. 22, 2013, p. 28, 29.

¹⁶² FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XX*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1974, p. 450.

¹⁶³ Os restantes arquitectos que viram trabalhos seus integrarem aquela exposição foram: Cassiano Barbosa (1911-1988), Formosinho Sanches (1922-2004), Ruy d'Athouguia (1917-2006), Agostinho Ricca (1915-2010), Bartolomeu Cabral (1929), Alberto Pessoa (1919-1985), Maurício Vasconcelos (1925-1997), Hernâni Gandra (1914-1988), João Abel Manta (1928), Raul Ramalho (1914-2002), Januário Godinho (1910-1990), Manuel Laginha (1919-1985), João Esteves, António Freitas (1925-2014), Arménio Losa (1908-1988). Acedemos a este documento por indicação de António Neves: Secretariado Nacional de Informação, Sindicato Nacional dos Arquitectos, *contemporary portuguese architecture 1958*, Washington D. C., The Smithsonian Institution, 1958.

¹⁶⁴ Este livro teve uma primeira edição em 1961 pela editora The World Publishing Company. Tivemos acesso à segunda edição: SMITH, G. E. Kidder, *The New Architecture of Europe*, Norwich, Pelican Books, 1962, p. 282.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 85, 86.

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 81, 86 - 88.

¹⁵⁸ Apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível encontrar uma imagem deste Pavilhão. Ibidem, p. 99, 100.

¹⁵⁹ Nuno Portas citado em: TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitectura portuguesa dos Anos 50*, Porto, Faup Publicações, 1997, p. 127.

¹⁶⁰ O Sindicato Nacional dos Arquitectos delegou nos arquitectos Celestino de Castro e José Rafael Botelho. Ibidem, p. 166.

os edifícios de habitação na Infante Santo de Alberto Pessoa (1919-1985), Hernâni Gandra (1914-1988) e João Abel Manta (1928) e o Bairro das Estacas em Alvalade de Ruy d'Athouguia (1917-2006) e Formosinho Sanches (1922-2004), ambos presentes na referida exposição, aos quais acrescentou o Pavilhão de Feiras Internacionais de Lisboa (FIL) de Keil do Amaral (1910-1975), que integrou no grupo de edifícios com programa similar mas mais modesto que os de Pierluigi Nervi em Turim e Paris¹⁶⁵.

Através do Pavilhão Português em Bruxelas e da exposição itinerante *Contemporary Portuguese Architecture* pode depreender-se que no final da década de 50, as instituições estatais nacionais admitiam que o país fosse representado no estrangeiro através da arquitectura moderna. No entanto, não sem ser feita uma chamada de atenção, pois no prefácio do catálogo da exposição, apesar de ter sido salientado a representatividade da selecção relativamente à arquitectura construída em Portugal e referido o acompanhamento pela arquitectura portuguesa das “*tendências modernas*”, escreve-se que aquela é temperada pelas características e condições do país¹⁶⁶, o que no entender do(s) autor(es) confere à selecção a exacta medida da sua referida ‘representatividade’.

Esta atenção sobre a adequação da arquitectura às condições do país, mais especificamente a procura pelo que seria a arquitectura portuguesa, que referimos atrás, ainda que se revestindo de formas diferentes, remonta à segunda metade do século XIX tendo-se prolongado pelo século XX¹⁶⁷, e em nossa opinião esteve presente como pano de fundo no Estado Novo, que há falta de ideias mais claras e propositivas foi influenciado pelas que lhe antecederam. Entendemos que aquela procura estava em muito associada à ideia de construção da nação, pelo que a busca *do que é ser português* não é de todo provinciana ou ingénua, é pelo contrário quiçá manifestação de cosmopolitismo, acompanhando o que se fazia ao mesmo tempo em Inglaterra, na Alemanha e na França¹⁶⁸. Esta questão no campo disciplinar da arquitectura entendemos só ter sido cabalmente

resolvida com a realização do estudo à arquitectura regional em Portugal, levado a cabo entre 1955 e 1960 pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, financiado pelo Ministério das Obras Públicas, permitindo a partir dali em diante abraçar outras questões e desenvolvimentos da arquitectura em Portugal.

Falta determo-nos sobre a última representação nacional através da arquitectura realizada ainda sob o regime do Estado Novo, o pavilhão na Exposição Universal de Osaka em 1970. Desenhado por Frederico George (1915-1994), Daciano da Costa (1930-2005) e pelo designer António Garcia (1925-2015) este pavilhão deixou para trás a discussão sobre ser ou não ser moderno, por entendermos tratar-se de um edifício próximo do estilo pós-moderno [fig. A1.3].

Argumentamos que o facto da equipa, que para além da componente arquitectura integrou profissionais com forte vocação para o design, ser responsável pelos vários aspectos da representação portuguesa no Japão, desde o desenho da arquitectura do pavilhão ao seu projecto expositivo, projecto de mobiliário e comunicação gráfica, terá levado a que os seus esforços se centrassem numa vontade de comunicação com o público. Os reflexos desta preocupação que especulamos ter sido preponderante estão plasmados na memória descritiva do projecto do pavilhão na qual se afirmou procurar um “*tratamento expressivo e simbólico*”, cuja forma “*é dominada pela pirâmide oblíqua do seu corpo central. Esta pirâmide apontando para o céu, em conjunto com as várias abas laterais pontiagudas é uma evocação de velas, rosa dos ventos, compasso de marear e catedral, elementos por si próprios simbólicos da presença portuguesa no mundo. Esta forma geral, visível à distância, distingue o pavilhão dos pavilhões que lhe estão próximos.*”¹⁶⁹ Este é um discurso sobre arquitectura distante dos proferidos até então relativamente às representações nacionais em solo estrangeiro.

Em suma, as representações de Portugal no estrangeiro oscilaram entre a conciliação possível entre o moderno e o português no Pavilhão de Paris de 1937, a exaltação nacionalista nos Pavilhões de Nova Iorque e de S. Francisco de 1939, o moderno no Pavilhão de Bruxelas de 1958 e na selecção das obras para a exposição itinerante pelo Reino Unido e Washington em 1957 e 58, e o pós moderno no Pavilhão de Osaka de 1970.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 282 – 285.

¹⁶⁶ Ibidem.

¹⁶⁷ Rute Figueiredo no seu livro *Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)* identifica e descreve com bastante clareza o surgimento desta questão. Vide FIGUEIREDO, Rute, *Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)*, Lisboa, Colibri, 2007.

¹⁶⁸ O tema da construção da nação foi desenvolvido por Rui Ramos. Vide RAMOS, Rui, “A segunda Fundação (1890-1926)” in *História de Portugal*, (dir. José Mattoso), vol. VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 565 – 574.

¹⁶⁹ Extractos da *Memória Descritiva e Justificativa do Ante-Projecto do Pavilhão de Portugal na Exposição Japonesa Universal e Internacional de Osaka, 1970*, citados em: MATOS, Ana Sofia R. F. da C. P. S. de, *Zeitgeist – O Espírito Do Tempo António Garcia – Design e Arquitectura nas décadas de 50-70 do século XX. Depois da obra, o futuro*, Tese de Mestrado em Museologia e Museografia, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2006, p. 37, 38.

Assim, podemos afirmar que as representações nacionais no campo disciplinar da arquitectura em território internacional reflectiram praticamente todos os mais significativos debates disciplinares internacionais com maior ou menor ambiguidade e acerto temporal.

Paralelamente, a actividade individual dos arquitectos portugueses teve expressão internacional. A partir do ano de 1958 encontrámos registos de uma publicação regular, com frequência anual, de obras de arquitectura portuguesa em edições internacionais.

Esta publicação foi marcada pelo predomínio de revistas de origem francesa, de entre as quais se destacou a revista *L' Architecture d'Aujourd'Hui (L'Ojd)*, até 1965. O ano de 1966 marcou a alteração da origem geográfica daquelas publicações, a qual passou a ser dominada por Itália e Espanha; constituindo a estreia deste país no mapa da geografia da divulgação da arquitectura portuguesa.

É de notar que no período de 1958 a 1965, à excepção da atrás referida exposição itinerante, os eventos onde surgiu a arquitectura portuguesa concretizaram-se todos através de publicações em edições periódicas ou ocasionais. O país com maior número de publicações foi a França, tal como referimos, (12 em 25), tendo a esmagadora maioria destas publicações ocorrido em edições da revista *L'Ojd* (10 em 12). Encontrámos dois casos de publicação de arquitectura portuguesa em França naquele período que não na *L' Ojd*, um na revista da *UIA – Revue de L' Union Internationale des Architectes* e outro no livro da autoria de Robert Auzelle. Para além da França ocorreram publicações de arquitectura portuguesa em Itália, na Alemanha, na Inglaterra, na Suíça e no Brasil. O profissional português que esteve presente na esmagadora maioria das publicações acima referidas foi Eduardo Anahory, que abordaremos adiante.

A entrada da Espanha na rota da divulgação da arquitectura portuguesa em 1966, como referimos, em conjunto com a assunção de maior protagonismo por parte de Itália relativamente ao período anterior, indicia a importância determinante que aqueles dois países terão no período pós 1976 na expansão e consolidação da divulgação da arquitectura nacional. Por outro lado, é assinalável o quase desaparecimento da França do referido mapa da divulgação internacional da arquitectura portuguesa.

Entre 1966 e 1975, a Espanha detém o maior número de eventos (16 em 40), seguida de Itália (13 em 40), e os restantes eventos estão disseminados por diversos países como Reino Unido, Suíça, Dinamarca, Alemanha, EUA, Argentina e França.

A referida alteração do mapa da divulgação internacional da arquitectura portuguesa terá certamente muitas razões, de entre as quais aventamos como talvez as mais decisivas, o provável desinteresse de Marc Émery, director da *L'Ojd* entre 1968 e 1973, pela arquitectura nacional, revista que como vimos tinha até àquela data assegurado praticamente a sua divulgação em França; e a afirmação de Portas como divulgador da arquitectura portuguesa, o qual se movimentou naqueles anos por países como Espanha e Itália, como desenvolveremos adiante.

Como afirmámos acima, destacamos o caso da divulgação internacional da obra de Anahory (1917-1985) por se revestir de excepcional relevância devido à elevada quantidade de publicações internacionais que a sua obra mereceu desde o final da década de 50 até meados da de 60¹⁷⁰. Pelo que inferimos que o facto de não ter concluído o curso de arquitectura não parece ter prejudicado a divulgação da sua obra.

Nomeadamente, mediante publicação em praticamente um número por ano na revista *L'Ojd*, no período compreendido entre 1958-65¹⁷¹ [fig.s A1.4 e A1.5]. Na revista *Domus* teve presença num número por ano entre 1960 e 66, com excepção do ano de 1965. No ano de 1962, foi ainda publicado na revista Alemã *Moebel Interior Design*. Esta publicação ocorreu no seguimento da publicação na *Domus*, através da qual Oriol Bohigas tomou conhecimento da sua obra¹⁷².

Bohigas era à época correspondente da referida revista Alemã em Espanha. Aproveitou ter conhecido o arquitecto português José Aleixo de França Sommer Ribeiro numa recepção no RIBA de Londres para estabelecer contacto com Anahory e concretizar a publicação do seu trabalho na *Moebel Interior Design*¹⁷³.

Houve anos em que o seu trabalho foi publicado em várias edições e em países diferentes, como por exemplo em 1963, ano em que o seu trabalho surgiu na *Domus* em Itália, na *L'Ojd* em França, na *DBZ - Deutsche Bauzeitschrift* na

¹⁷⁰ A informação sobre as publicações da obra de Anahory foi recolhida em BORGES, José António Brás, em *Eduardo Anahory, percurso de um designer de arquitectura*, dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, 2010; p. 217, 218; e no arquivo de Rui Ramos.

¹⁷¹ A regularidade da publicação de Anahory nas páginas da *L'Ojd* teve como excepção os anos 1960 e 1964 em que tal não aconteceu, tendo no entanto, sido editado duas vezes em 1962 e 1963.

¹⁷² CORREIA, Nuno, *O Nome dos Pequenos Congressos. A primeira geração de encontros em Espanha 1959-1967 e o pequeno congresso de Portugal*, Barcelona, Universidade Politécnica da Catalunha, ETSAB, 2009/2010, p. 24.

¹⁷³ Ibidem.

Alemanha, na *Architectural Review* no Reino Unido, na *Bauen+Wohnen* na Suíça e na *Arquitectura* no Brasil¹⁷⁴. A casa Aiola terá sido publicada na revista Alemã *Neue Wohnhauser*, na francesa *Connaissance des Arts*, na Suíça *33 Architekten-Ein Familienhauser*, nos EUA na *House Beautiful* e no livro *Vacation Houses: an International Survey*¹⁷⁵.

Foram as obras realizadas por Anahory em Portugal entre 1955 e 1974, que granjearam um maior reconhecimento internacional. Importa, no entanto, ter presente o percurso de Anahory. As viagens e estadias que Anahory realizou no estrangeiro ao longo da sua vida, resultaram numa extensão do seu círculo de relações profissionais e pessoais, assim como influenciaram o seu trabalho. Anahory trabalhou como pintor, ilustrador, cenógrafo, figurinista e apesar de, como dissemos, não ter chegado a concluir o curso de arquitectura, como arquitecto¹⁷⁶. Com apenas 22 anos viajou para Nova Iorque com o objectivo de trabalhar no pavilhão português da World's Fair de 1939¹⁷⁷. Viveu várias temporadas no Brasil¹⁷⁸, onde colaborou com os arquitectos Oscar Niemeyer e Eduardo Reidy, entre outros, coincidindo com uma época em que a arquitectura moderna brasileira estava em elevado desenvolvimento e usufruía de reconhecimento internacional¹⁷⁹. Viveu em Paris, entre 1945-48¹⁸⁰, realizou uma viagem de estudo com a duração de um trimestre à Suécia, Noruega, Dinamarca e Finlândia, em 1963, onde procurou trabalhar com Alvar Aalto¹⁸¹.

¹⁷⁴ No ano de 1965 o seu trabalho mereceu a atenção na *L'Ojd* em França, país onde também teve o seu trabalho publicado na *UIA - Revue de L'Union Internationale des Architectes* e apesar de neste ano não ter sido publicado na *Domus*, foi-o na italiana *Lotus International*, repetindo-se a sua edição na revista *DBZ* na Alemanha e na *Bauen+Wohnen* na Suíça.

¹⁷⁵ Apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível precisar os anos destas edições com excepção do livro KASPER, Karl, *Vacation Houses: an International Survey*, Nova Iorque, Praeger, 1967.

¹⁷⁶ O percurso de Anahory é descrito por José A. B. Borges, na referida tese de mestrado, *Eduardo Anahory...* 2010.

¹⁷⁷ BORGES, José A. B., *Eduardo Anahory...* 2010, p. 31.

¹⁷⁸ Entre 1940-45, (ibidem, p. 37), 1952-55 (ibidem, p. 49), e 1974-83, (ibidem, p. 166). Na década de 70 a sua actividade profissional repartia-se por Angola e Brasil, (ibidem, p. 162). Regressou a Portugal em 1983 onde morreu em 1985, (ibidem, p. 168).

¹⁷⁹ Em 1943 ocorreu a exposição no Museu de Arte Moderna (MoMA) em Nova Iorque que viria a dar origem ao sobejamente conhecido catálogo "Brasil Builds".

¹⁸⁰ BORGES, José A. B., *Eduardo Anahory, ...* 2010, p. 41.

¹⁸¹ Ibidem, p. 124.

Foi correspondente da revista francesa *L'Ojd* entre 1959 e 1963 e é conhecida a sua amizade com Gio Ponti, fundador e director da revista italiana *Domus*¹⁸². Algumas destas relações pessoais terão certamente facilitado a publicação do trabalho de Anahory, sendo que a sua qualidade terá sustentado a opção dos editores pela sua publicação persistente.

Para além de Anahory, outros arquitectos portugueses viram os seus trabalhos publicados em edições internacionais, na década de 60 e inícios da de 70. No entanto, e apesar de não ter incluído Anahory, podemos afirmar que a selecção dos arquitectos que integraram a exposição itinerante acima referida *Portuguese Contemporary Architecture* foi mais inclusiva e abrangente que os eventos posteriores. Pois alguns destes arquitectos são divulgados internacionalmente nos anos imediatamente posteriores, de entre os quais um menor número é encontrado com certa frequência pós 1976, enquanto que outros deixam de ter visibilidade internacional. De entre os arquitectos seleccionados para esta exposição pode nomear-se como aqueles que viram a sua obra publicada internacionalmente nos anos seguintes: Fernando Távora, Nuno Teotónio Pereira, Ruy d'Albuquerque, Formosinho Sanches, Alberto Pessoa, Januário Godinho e Viana de Lima. Por sua vez, deste grupo pode referir-se sobretudo Távora, mas também Teotónio Pereira como arquitectos que viram a sua obra divulgada internacionalmente pós 1976, e ainda Manuel Tainha cuja obra participou em eventos internacionais já na década de 90. É de referir que relativamente ao arquitecto Conceição Silva, apesar dos esforços empreendidos não nos foi possível determinar em que anos ocorreu a sua publicação internacional no decorrer da pesquisa da presente dissertação¹⁸³.

No ano de 1966, Teotónio Pereira viu publicada a sua moradia em Sesimbra na *Schöner Wohnen*, e em 1972, o edifício Franjinhãs no livro *A arquitectura Moderna* do italiano Gillo Dorfles¹⁸⁴, cuja referência se resumiu à publicação

¹⁸² Ibidem, p. 58.

¹⁸³ Encontrámos referências a publicações das obras de Conceição Silva em revistas internacionais como a *D.B.Z. - Deutsche Bauzeitschrift*, *Concrete Quarterly* 84, *A.W. - Architektur Und Umwelt*, *Maison de Vacances au Soleil - Office du Livre - Fribourg*, *Encyclopédie de L'Architecture Nouvelle*. É de referir que Conceição Silva foi viver para o Brasil em 1975, onde permaneceu até à sua morte em 1982. CONCEIÇÃO SILVA, João Pedro, CONCEIÇÃO SILVA, Francisco Manuel (coord.), *Francisco da Conceição Silva, arquitecto, 1922 / 1982*, Sociedade Nacional de Belas Artes, 2007, p. IV, VI.

¹⁸⁴ Foi consultada a edição portuguesa DORFLES, Gillo, *A arquitectura Moderna*, Lisboa,

de uma fotografia do edifício. O livro referido de Dorfler também incluiu uma imagem da Fundação Calouste Gulbenkian, dos arquitectos portugueses Alberto Pessoa, Ruy d'Athouguia e Pedro Cid¹⁸⁵. Com as imagens destas duas obras Dorfler encerrou a referência à arquitectura portuguesa contemporânea, a qual não lhe mereceu qualquer linha de texto.

De uma forma talvez algo inesperada e por razões que não conseguimos descortinar, a sede da Fundação Gulbenkian não teve muito eco internacionalmente. Encontrámos registo da sua publicação em França, na revista cultural *L'Oeil* número 181 de 1970, no Reino Unido, no número 645 da *Architectural Design* de 1973¹⁸⁶ e na Suíça, no número 395 da revista cultural *DU* de 1974¹⁸⁷ [fig. A1.6]. No entanto, apesar da sua grande extensão, quarenta e cinco páginas, este artigo na revista *DU* dedicou-se praticamente na sua totalidade à colecção de arte do Museu e não à arquitectura do edifício.

Um dos co-autores da Fundação Gulbenkian, Ruy d' Athouguia, viu a sua obra participar em eventos internacionais, ainda que com um carácter esparso no tempo. Encontrámos registo de publicações na revista Suíça *Bauen+Wohnen*, na Alemã *Innendekoration / Architektur Und Wohnform*¹⁸⁸ e no livro *Das Haus des Architekten*, em 1955, editado na Suíça¹⁸⁹ [fig. A1.8]. A obra o Bairro das Estacas que realizou em co-autoria com Formosinho Sanches, foi publicada no número 57 da revista *L'Ojd* no ano de 1958 [fig. A1.7] e como referimos atrás, no livro *The New Architecture of Europe* de 1961. Esta obra integrou a II Bienal de

Arquitectura de S. Paulo de 1954, onde obteve uma menção honrosa¹⁹⁰, sendo o júri composto por Gropius, Sert, Aalto, Rogers, Brathke, Reidy e Lourival Gomes Machado¹⁹¹.

De Távora foi publicada a Escola Primária do Cedro no número 123 da *L'Ojd* de 1965¹⁹² [fig. A1.9]. Este número da revista teve como tema “Escolas e Universidades” onde são apresentados exemplos de edifícios com programas de ensino em vários países, sendo a Escola do Cedro publicada antes do corpo principal da revista, sem que por isso apareça no seu índice.

Como afirmávamos no início, as publicações que tivemos acesso deste período anterior a 1976 restringiram-se na sua maioria ao projecto e quando muito a um breve texto descritivo.

Destoa desta caracterização aquele que é para nós um dos primeiros exemplos da dedicação de maior espaço à arquitectura portuguesa contemporânea em edições internacionais, o número um da série *World Architecture* de 1964¹⁹³. Neste número foi apresentado o trabalho dos arquitectos Januário Godinho, Viana de Lima, Fernando Távora, os quais também tinham integrado a referida exposição *Contemporary Portuguese Architecture*, e Siza, o que desde logo permitiu uma leitura mais abrangente daquilo que se fazia em Portugal na época. A escolha destes arquitectos deve-se a Luiz Sarmento Carvalho e Cunha que foi contactado pela equipa editorial do livro *World Architecture* dirigida por John Donat, para publicar um artigo sobre arquitectura portuguesa, sem que tenha percebido como chegaram ao seu contacto, tal como nos explicou em entrevista¹⁹⁴. No primeiro volume desta série, o referido Luiz Cunha escreveu sobre a arquitectura do Norte de Portugal¹⁹⁵, deixando expresso no seu texto a possibilidade de vir a escrever

Edições 70, 1986, Figura LXVIII.3. Como explica o editorial datado de 1971, a primeira edição deste livro teve lugar em 1954, tendo na altura da quinta edição, sido acrescentado os capítulos sobre a evolução da Arquitectura Mundial de 1950 a 1970, sobre a semiótica e teoria arquitectónica.

¹⁸⁵ Ibidem, figura LXVIII.2.

¹⁸⁶ Estas indicações foram obtidas em TOSTÕES, Ana, *Fundação Calouste Gulbenkian. Os edifícios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Edifícios Centrais, 2006, p. 216, mas apesar dos esforços empreendidos não conseguimos obter mais informações.

¹⁸⁷ GASSER, Manuel, “The Calouste Gulbenkian Museum in Lisbon”, *DU*, n. 395, 1974, Janeiro, p. 2 – 47.

¹⁸⁸ CORREIA, Graça, *Ruy Jervis d'Athouguia – A Modernidade em Aberto*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008, p. 14. A autora indica a década de 50, sem precisar o ano.

¹⁸⁹ Acedemos a este documento por indicação de António Neves. WINKLER, Robert, *Das Haus des Architekten, La Maison de l'Architecte, Architect's Homes*, Zúrique, Verlag Gisberger, 1955, p. 174 – 176.

¹⁹⁰ O Bairro das Estacas ganhou uma das duas Menções Honrosas atribuídas na 2ª Bienal de S. Paulo, Brasil. CORREIA, Graça, *Ruy Jervis d'Athouguia – A Modernidade em Aberto*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008, p. 104.

¹⁹¹ TOSTÕES, Ana, “A diáspora ou a arte de ser português”, *Camões - revista de Letras e Culturas Lusófonas – Da identidade da arquitetura portuguesa*, n. 22, 2013, p. 28.

¹⁹² “École primaire à Vila Nova de Gaia, Portugal. Fernando Távora, architecte.”, *L' Architecture d' Aujourd' Hui*, n. 123, 1965 / 1966.

¹⁹³ DONAT, John, (Coord.) *World Architecture One*, Londres, Studio Books London, 1964.

¹⁹⁴ CUNHA, Luiz, entrevista telefónica, 14/11/2011.

¹⁹⁵ CUNHA, Luiz Sarmento de Carvalho e Cunha, “Portugal. The search for an Authentic Architecture” in John Donat (coord.), *World Architecture One*, Londres, Studio Books London, 1964, p.84 – 93.

sobre a arquitectura do centro e sul do país nos números seguintes¹⁹⁶, o que não se veio a concretizar. O artigo incluiu textos da autoria de Távora, onde discorre sobre como a sua relação com a arquitectura se alterou, com a destruição do mito da sua pertença ao mundo do inatingível e de Siza, que descreve o seu processo de projecto da casa de Chá da Boa Nova¹⁹⁷ [fig. A1. 10, 11 e 12].

Donat terá tido conhecimento de Távora e de Siza, pelo arquitecto português Pancho Guedes, que visitara algumas das suas obras em 1960, aquando duma viagem à Europa¹⁹⁸. O *World Architecture One*, o primeiro livro da série editada no Reino Unido, apresentou obras de vinte e dois países diferentes, entre os quais Portugal¹⁹⁹. Refira-se que a série *World Architecture* tinha por objectivo fomentar uma crítica da arquitectura internacional²⁰⁰, tendo saído mais dois volumes, nos quais constatamos que Portugal já não é referenciado, ainda que tenha sido mantido o capítulo referente a Moçambique, com obras de Pancho Guedes.

De acordo com que Cunha nos disse em entrevista, esta pode ter sido a primeira publicação internacional da obra do arquitecto português Siza²⁰¹.

O próprio Luiz Cunha já tinha visto as ilustrações que fez para o livro de Robert Auzelle serem publicadas em França em 1962, no seguimento da convivência entre ambos na Câmara Municipal do Porto²⁰². No mesmo ano, estas ilustrações

foram referenciadas na *L'Oja*²⁰³. Tal colaboração, entre Cunha e Auzelle, repetiu-se em artigos publicados na revista francesa *Urbanisme*²⁰⁴. Quatro anos mais tarde, em 1966, terão sido publicadas duas igrejas de Luiz Cunha na revista italiana *Rocca*²⁰⁵.

Como avançávamos, começam a desenhar-se neste período as características gerais da divulgação internacional da arquitectura portuguesa que se desenrolará pós-1976, como é exemplo a referida publicação na *World Architecture One*, pelos arquitectos visados e pelo maior espaço dedicado. Passam também a entrar em cena intermediários culturais internacionais que reflectem sobre o trabalho dos arquitectos portugueses, cuja representação será mais frequentemente alargada para lá da simples representação do projecto ou da obra e da respectiva memória descritiva, passando a fazer parte do corpo principal da revista, tornando-se nalguns casos figuras centrais de entrevistas, e não raras vezes apresentados em conjunto, o que permite desde logo uma leitura mais contextualizada e completa.

Esta transformação também se ficou a dever em muito ao envolvimento de arquitectos portugueses, que demonstraram ter uma determinação maior quando comparada com as hesitações demonstradas pelo próprio Regime, como descrevemos atrás.

Especial destaque neste processo deve ser dado ao arquitecto Portas que teve um papel seminal e determinante nesta fase que retratamos. Portas realizou inúmeras viagens enquanto director da revista *Arquitectura*, como quadro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil²⁰⁶ e também motivadas pelos seus

¹⁹⁶ Ibidem, p. 85.

¹⁹⁷ O artigo é ilustrado por um desenho da Pousada de Pisões de Januário Godinho, sendo dado maior destaque à escola Primária em Bragança de Viana de Lima, à Escola do Cedro em Vila Nova de Gaia de Távora e à Casa de Chá da Boa Nova de Siza, através da publicação de desenhos e fotografias. Ibidem, p. 84 – 93. TÁVORA, Fernando, in ibidem, p.89, 90; VIEIRA; Álvaro Siza, “Restaurant by the sea, Boa Nova” in ibidem, p.92, 93.

¹⁹⁸ MILHEIRO, Ana, “No fim do Mundo”, in Pancho Guedes (coord.), *Manifestos, Ensaios, Falas, Publicações*, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2007, p. 6, 8.

¹⁹⁹ Os vinte e um países referidos neste primeiro número são: Japão, USA, México, Venezuela, Espanha, Brasil, Moçambique, Israel, Grécia, Itália, Polónia, Hungria, França, Suíça, Alemanha, Holanda, Finlândia, Suécia, Noruega, Reino Unido e Canadá.

²⁰⁰ DONAT, John, “Introduction”, in John Donat (coord.), *World Architecture One*, Londres, Studio Books London, 1964, p.8.

²⁰¹ CUNHA, Luiz, entrevista telefónica, 14/11/2011.

²⁰² Esta informação foi obtida através de entrevista a Luiz Cunha via telefone em 14/11/2011, mas apesar dos esforços empreendidos não nos foi possível encontrar mais informações sobre o livro: AUZELLE, Robert *Plaidoyer pour une organisation consciente de l'espace - le roman prosaïque de Monsieur Urbain* ed.Vincent, Freal, & Cie, 1962. Luiz Cunha trabalhara na Câmara Municipal do Porto entre 1957 e 1966 e Robert Auzelle colaborara com aquela Câmara entre 1956 e 1965.

²⁰³ CUNHA, Luiz, entrevista telefónica, 14/11/2011. Apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível encontrar tais referências nos números do ano de 1962 daquela revista francesa.

²⁰⁴ Idem. Apesar dos esforços empreendidos não nos foi possível encontrar mais informações sobre estas publicações.

²⁰⁵ Igreja dos Padres Dominicanos em Fátima e Igreja de São Mamede de Negrelos em Santo Tirso. Idem. Apesar dos esforços empreendidos não nos foi possível encontrar mais informações sobre estas publicações.

²⁰⁶ Portas exerceu as funções de director da revista *Arquitectura* nos anos entre 1958 e 1970. A entrada de Portas para a revista é praticamente simultânea com uma alteração do seu formato e uma mudança de direcção. O Director anterior, Alberto José Pessoa foi substituído por Frederico Sant'Ana no número 59, de Julho de 1957. Portas inicia imediatamente a sua colaboração, embora só venha a integrar a Comissão Directiva em 1958, juntamente com Carlos Duarte, Frederico Sant'Ana, José Daniel Santa Rita e Nikias Skapinakis. Portas em entrevista à revista *Ler*, em 2012, afirma que a revista *Arquitectura*, de que fazia parte, servia como meio de produção de crítica, elemento essencial à promoção da arquitectura nacional no estrangeiro. MARQUES, Carlos Vaz, “Nuno Portas Continuar a Narrativa”, *Ler*, n. 115, 2012, p. 32. Portas trabalhou no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) em 1963 - 1981.

interesses pessoais, em particular o cinema. Foi este interesse de Portas que o influenciou a usar aquilo que nos disse em entrevista ter sido uma estratégia que o governo francês seguia na época para a divulgação do ‘cinema de autor’: designada como ‘La politique des auteurs’²⁰⁷. Por isto, Portas entende consistir em divulgar um tema principal e outro secundário, bem como destacar um autor de entre um conjunto de outros dois ou três de segundo plano²⁰⁸. Quanto aos temas, Portas avançou com a divulgação da arquitectura de autor e dos estudos e obras sobre o programa da habitação social; e quanto aos autores, Portas avançou com Siza, em simultâneo com Fernando Távora do Porto, Teotónio Pereira e Manuel Tainha de Lisboa²⁰⁹.

Atendendo à influência dominante que Portas teve no espaço internacional neste período, pois esteve na origem das publicações estrangeiras, as quais como se demonstrará foram seminais para as publicações posteriores, inclusivamente também ao nível dos conteúdos, poderá estar na sua actuação a explicação para o ‘desaparecimento’ da menção a alguns arquitectos portugueses da cena internacional da arquitectura, nomeadamente os que referimos terem integrado a exposição *Portuguese Contemporary Architecture* do final da década de 50. Portas corroborou a nossa hipótese ao afirmar que “os ‘inimigos’ da altura eram os arquitectos ‘modernistas’”²¹⁰, precisamente a categoria onde podem ser integrados os arquitectos identificados atrás como tendo deixado de surgir no panorama internacional especializado.

No entanto, essa parece ser uma atitude também levada a cabo por outros arquitectos, nomeadamente de gerações anteriores a Portas. Eduardo Souto de Moura no prefácio do livro *Ruy d’Athouguia, a modernidade em aberto*, ao reconhecer o seu desconhecimento sobre o trabalho de Athouguia, afirma crer

que este tenha tido na sua origem uma intencional desvalorização do trabalho daqueles arquitectos em favor de novas linguagens, referindo-se neste caso à actividade de Keil do Amaral como divulgador na revista *Arquitectura*²¹¹.

Em suma, importa-nos destacar que a actividade de arquitectos como Portas, à qual se juntou a de outros portugueses, como por exemplo Hestnes Ferreira, entre outros, e vários arquitectos internacionais, como Vittorio Gregotti, Rafael Moneo, Oriol Bohigas e Bernard Huet, entre muitos outros, como veremos, foi muito mais assertiva e eficaz que toda a máquina de um regime que se mostrou muito hesitante e errática.

Como afirmámos, Portas divulgou internacionalmente arquitectos e temas, nomeadamente Siza e as operações SAAL, que são retomados e desenvolvidos pelos intermediários culturais internacionais, nos anos seguintes, sobretudo e nomeadamente por Gregotti, Moneo e Bohigas. Foram eles, entre outros, quem Portas conheceu e ‘cultivou contactos’ nas suas frequentes viagens, pois como nos disse em entrevista “são coisas que levam tempo”²¹², mas que demonstraram terem sido prolíferos.

De entre estes contactos, destaca-se por exemplo, um encontro que teve num café de Milão com Gregotti e Rossi, promovido por Gregotti que Portas já conhecia, que possibilitou trocar livros acabados de editar pelos três autores: *Arquitectura para hoje* (1964) de Portas, *O território da arquitectura* (1966) de Gregotti e *A arquitectura da cidade* (1966) de Rossi²¹³. É também importante a participação de Portas em algumas sessões dos Pequenos Congressos (PPCC) em Espanha, iniciativa dos arquitectos Bohigas e Carlos de Miguel²¹⁴, pelas consequências que teve na divulgação da arquitectura portuguesa. Portas teve um papel

²⁰⁷ Portas assistiu a uma reunião da redacção da revista *Cahiers du Cinema*, nos Champs Élysées, onde discutiam precisamente a ‘política dos autores’. PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011. A origem da expressão é atribuída por alguns ao cineasta francês François Truffaut. Portas na referida entrevista à revista *Ler*, em 2012, faz aquilo que entendemos ser uma releitura à posteriori, na medida em que desvaloriza a sua obra construída. Afirma que por reconhecer que Siza tinha maior qualidade, quis na altura promovê-lo principalmente a ele, e depois à sua obra e à de outros colegas. Entendemos que tal não é totalmente fiel aos acontecimentos, uma vez que promoveu todos os arquitectos que entendeu em simultâneo, incluindo as obras em que participou. MARQUES, Carlos Vaz, “Nuno Portas Continuar a Narrativa”, *Ler*, n. 115, 2012, p. 32.

²⁰⁸ PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Idem.

²¹¹ MOURA, Eduardo Souto, “HIATHOUGUIA e o ‘Mapa’”, in Graça Correia, *Ruy Jervis d’Athouguia – A Modernidade em Aberto*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008, p. 6.

²¹² PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

²¹³ Idem. Portas explicou-nos que o seu livro *Arquitectura para hoje* era um programa pedagógico para os últimos três anos para a Escola de Arquitectura Lisboa, onde entrara como professor. Neste livro pretendia “ligar ciências humanas, tecnologias, ambiente e linguagem arquitectónica, entre modernidade e história”. Portas acrescenta que o seu livro sobre urbanística seria editado em 1969 com o título *A cidade como arquitectura*. PORTAS, Nuno, entrevista por correio electrónico 23/2/2015.

²¹⁴ Para uma informação detalhada sobre estes Pequenos Congressos consultar: CORREIA, Nuno, *O Nome dos Pequenos Congressos. A primeira geração de encontros em Espanha 1959-1967 e o pequeno congresso de Portugal*, Barcelona: Universidade Politécnica da Catalunha, ETSAB, 2009/2010.

determinante na participação de Siza num daqueles Congressos, onde Siza conheceu pessoalmente Gregotti, que viria a ser um dos principais divulgadores da sua obra²¹⁵. É igualmente assinalável a sua viagem aos EUA em 1968 à Design Conference em Aspen, Colorado inserido num grupo constituído por Bohigas, Moneo, Correa e Domènech entre outros²¹⁶.

Estes contactos foram reforçados por outras pessoas, nomeadamente por Cabral de Mello²¹⁷, que nas suas frequentes visitas a Espanha na década de 60, contactava com arquitectos e editores, muitas vezes a pedido de Portas para a revista *Arquitectura*.

Passamos a detalhar as circunstâncias de alguns destes encontros por serem esclarecedoras do desenvolvimento da divulgação internacional da arquitectura portuguesa.

Começamos pela participação portuguesa nos referidos PPCC. Ora, como referimos no capítulo Contextos, os PPCC davam continuidade ao trabalho e às ideias desenvolvidas pelo grupo GATCPAC e posteriormente pelo grupo R, mantendo-se a influência dos CIAM e posteriormente do Team X nestes sucessivos grupos. O modelo das reuniões dos PPCC era baseado nas reuniões do CIAM / Team X com apresentação de projectos seguida de sessões de discussão. Nuno Correia refere a mesma crença na capacidade de ultrapassar colectivamente as situações difíceis, para o que a experiência de Coderch e Correa de participação nas reuniões do Team X em muito terá contribuído²¹⁸.

Bohigas havia tentado anteriormente atrair a participação de portugueses nos PPCC. Em 1961, na sequência do conhecimento que travou com o arquitecto José Aleixo de França Sommer Ribeiro numa recepção no RIBA, em Londres, como referimos acima, a propósito da sua tentativa de obtenção do contacto de Anahory, Bohigas convidou Sommer Ribeiro para assistir ao 4º PPCC que se realizaria em Córdoba em Outubro desse ano, sendo o convite extensível a outros

arquitectos portugueses que ele entendesse²¹⁹. No entanto, nem Sommer Ribeiro nem Sotto-Mayor, que Sommer terá convidado, chegaram a estar presentes nessa sessão dos PPCC²²⁰. A presença portuguesa só veio a concretizar-se seis anos depois do primeiro convite, em 1967, com as participações de Portas e Anahory no 8º PPCC em Tarragona²²¹.

A participação de Portas teve como consequência a realização em Portugal ainda em Dezembro do mesmo ano, de um Congresso similar em Tomar²²² [fig. A1. 13]. O programa deste evento incluiu uma visita a Lisboa, para conhecer os Olivais, e ao Norte, a obras de Siza.

Outra consequência deste PPCC foi o artigo de Bohigas publicado no número 101 da revista espanhola *Serra d'Or*, no ano seguinte, sob o título “A Portugal també els arquitectes fan la guerra pel seu compte”²²³ [fig. A1.15]. *Serra d'Or* era uma revista de vocação cultural, abordando temas como música, arte, crítica de livros e arquitectura, cujas origens remontam a 1949, católica, anti-franquista, pró - Catalunha e editada na íntegra em Catalão²²⁴. Bohigas que escreveu vários artigos nesta revista protagonizou a divulgação e defesa da vertente da arquitectura neo-realista de origem italiana²²⁵.

Argumentamos que foi com este enquadramento teórico, que Bohigas escreveu o artigo sobre a arquitectura em Portugal, servindo como ilustração dos princípios que defendia. Bohigas realçou a semelhança entre as condições sócio - políticas em Portugal e Espanha²²⁶. No seu artigo recua aos anos vinte para falar de

²¹⁹ Ibidem, p. 25.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

²²² Ibidem.

²²³ O artigo é ilustrado por pequenas fotografias do restaurante da Boa Nova, da Cooperativa do Lordelo, da piscina de Leça de Siza, do mercado da Vila da Feira de Távora e do bairro dos Olivais Sul de Portas e Costa Cabral. BOHIGAS, Oriol, “Disseny, Arquitectura i Urbanisme: A Portugal també els arquitectes fan la guerra pel seu compte”, *Serra D'Or*, n. 101, 1968, p. 59 – 61.

²²⁴ CUECO, Jorge Torres, GÓMEZ, Raul Castellanos, CALABUIG, Débora Domingo, “Serra D'Or, 1979 – 70: Hacia una Arquitectura Realista”, in *Las revistas de arquitectura (1900 – 1975) crónicas, manifestos, propaganda. Actas Preliminares*, Pamplona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra, 2012, p. 813 – 822.

²²⁵ Ibidem.

²²⁶ BOHIGAS, Oriol, “Disseny, Arquitectura i Urbanisme: A Portugal també els arquitectes fan la guerra pel seu compte”, *Serra D'Or*, n. 101, 1968, p. 59.

²¹⁵ PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

²¹⁶ Bohigas no seu diário dá conta dos contactos que manteve com Banham / Hollein / Dennis Crompton e Eisenman durante esta viagem. CODDOU, Flávio, “La Génesis de Arquitecturas Bis”, in José Manuel Pozo, Héctor García-Diego Villarias, Izaskun Garcia (coord.), *Las revistas de arquitectura (1900-1975): crónicas, manifestos, propaganda*, Pamplona, T6 ediciones, 2012, p. 415.

²¹⁷ PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011; e MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14 /12/2011.

²¹⁸ CORREIA, Nuno, *O Nome dos Pequenos Congressos*. ... 2009/2010, p. 5.

arquitectos como Cristino da Silva, Cassiano Branco, Carlos Ramos e Rogério de Azevedo que afirma terem ensaiado uma certa modernidade, à semelhança de outros arquitectos em Madrid na mesma época, cujos desenvolvimentos em seu entender foram coarctados pelas circunstâncias políticas²²⁷. Bohigas continua o seu artigo seguindo cronologicamente as gerações de arquitectos portugueses²²⁸. Menciona Keil do Amaral e Arménio Losa para lhes elogiar a sua capacidade de resistência²²⁹. Continua com Távora e Teotónio Pereira para mostrar alguma evolução na arquitectura, em seu entender devido a contactos internacionais, mais uma vez em paralelo com a arquitectura espanhola da década de 50, e assinala a revista *Arquitectura* como motor de uma mudança cultural²³⁰. Encerra o seu artigo com a geração de Portas, que cita e elogia o seu percurso e interesses disciplinares, Carlos Duarte e Víctor Figueiredo²³¹. Refere Pedro Vieira de Almeida como o primeiro crítico e teórico de arquitectura português, e destaca de entre todos, Siza, como o arquitecto mais brilhante, juntamente com Távora, a figura fundamental da arquitectura no país²³². Bohigas destaca a importância da influência italiana, que referimos acima informar a actividade de divulgação de Bohigas, na arquitectura portuguesa²³³. A caminho do fim do seu artigo, Bohigas refere que dada a manutenção das difíceis circunstâncias sócio - políticas em Portugal, resta aos arquitectos lutarem sozinhos, residindo neste ponto a justificação do título do artigo, tentando em simultâneo construir arquitectura com interesse e conclui, afirmando que estes arquitectos merecem melhores condições de trabalho²³⁴.

Os arquitectos portugueses continuariam a marcar presença nos PPCC, em Vitória em 1968 e em La Garriga em 1970.

²²⁷ Ibidem, p. 59.

²²⁸ Ibidem, p. 60. 61.

²²⁹ Ibidem, p. 60.

²³⁰ Ibidem.

²³¹ Ibidem, p. 61.

²³² Ibidem.

²³³ Ibidem.

²³⁴ Ibidem.

Portas teve um papel determinante em convencer Siza a participar no Congresso em Vitória²³⁵. Para além de Portas, que fez uma apresentação de Siza e como referimos, o próprio Siza que expôs o seu trabalho, estiveram presentes Távora²³⁶ e Cabral de Mello²³⁷. Como referimos atrás, terá sido aqui que Gregotti conheceu pessoalmente Siza²³⁸. Ressalte-se que neste colóquio também estiveram presentes protagonistas internacionais como Peter Eisenman e falava-se uma diversidade de línguas²³⁹.

Em La Garriga estiveram presentes para além de Portas, Távora, Siza e Cabral de Mello, Manuel Tainha²⁴⁰. Este congresso foi objecto de um artigo de Manuel Vásquez Montalbán no número 416 da revista espanhola *Triunfo* de 1970, com o título “Coloquios en La Garriga. Racionalismo, Arquitectura, Butifarras y Musica Dispersa”²⁴¹ [fig. A1. 14]. *Triunfo* foi uma revista publicada nas décadas de 60 e 70 politicamente de esquerda e com uma postura de resistência cultural ao Franquismo²⁴². Montalbán informa que o Congresso foi organizado pelo estúdio PER de Barcelona, constituído por Tusquets, Clotet, Bonet e Cirici, tendo estado presentes trinta e três arquitectos, na sua maioria espanhóis, cinco portugueses e um colombiano, apesar do convite ter sido dirigido a espanhóis, portugueses, italianos e latino-americanos²⁴³. Segundo Montalbán, Gregotti justificou a sua falta de comparência por não ter conseguido acabar o projecto que queria apresentar no Congresso²⁴⁴. A maior parte do artigo é dedicada à análise da conferência de Clotet, referenciando também as conferências de Luís Peña,

²³⁵ PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

²³⁶ Idem.

²³⁷ MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14 /12/2011.

²³⁸ PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

²³⁹ Para além do Espanhol, Português, Italiano, Francês e Inglês falava-se também o Basco e Catalão. MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14 /12/2011.

²⁴⁰ CORREIA, Nuno, *O Nome dos Pequenos Congressos...* 2009/2010, p. 30.

²⁴¹ Montalbán era na altura jornalista, tendo-se tornado num conhecido escritor Espanhol. MONTALBÁN, Manuel Vasquez, “Coloquios en La Garriga. Racionalismo, Arquitectura, Butifarras y Musica Dispersa”, *Triunfo*, n. 416, 1970, p. 16 – 19; acedido em <http://www.triunfodigital.com/mostrador.php?a%F1o=XXV&num=416&imagen=16&fecha=1970-05-23> a 31/3/2014.

²⁴² <http://www.triunfodigital.com/index.php> acedido a 1/4/2014.

²⁴³ Ibidem, p. 16.

²⁴⁴ Ibidem.

Juan António Solans, Manuel Solá Morales, Saénz de Oíza e do colombiano Samper²⁴⁵. Sobre as intervenções dos portugueses, Montalbán afirma que Portas serviu de introdução à conferência de Samper, ao falar dos bairros económicos em Portugal e no Mundo Latino-americano²⁴⁶. Montalbán critica o silêncio dos arquitectos portugueses, Siza, Tainha e Távora, que o justificaram pelo facto das circunstâncias de trabalho em Portugal não serem boas; e relata que Siza se recusou a tirar conclusões do encontro, pedindo a manutenção da informalidade que tinha caracterizado em seu entender e bem, o congresso até ali²⁴⁷. O artigo de carácter jornalístico é, no entanto, atravessado por um certo tom literário, opinativo e alguma comicidade.

Como também referimos, Portas integrou uma visita de estudo aos EUA, no ano de 1968, num grupo composto por Bohigas, Moneo, Correa, Domènech, Busquets, Miquel Milà, Xavier Rubert, André Ricart, Antonio Fernández Alba e Antoni Blanc²⁴⁸. Siza terá sido convidado para se juntar à viagem, mas não pode fazê-lo²⁴⁹. Este grupo foi a uma Conferência de Design que teve lugar em Aspen, no Colorado, promovida pela IBM²⁵⁰. A conferência era dedicada à história, urbanismo, arquitectura e desenho, sob o título *Europe versus America*²⁵¹.

Aqui tiveram oportunidade de contactar directamente com Eisei, Reyner Bahnam, Hans Hollein e Dennis Crompton²⁵². Siza relata que quando

reencontrou algumas destas pessoas no PPCC, que supomos ter sido naquele que se realizou em La Garriga em 1970, elas lhe falaram com bastante entusiasmo do livro *Complexidade e Contradição* de Robert Venturi de que tinham tomado conhecimento na viagem, o qual lhe ofereceram, como referimos no capítulo Contextos²⁵³.

Após esta viagem aos EUA, Portas afirma ter redireccionado os seus interesses e destinos da América do Norte para a América do Sul²⁵⁴.

No entanto, temos notícia que Portas deu várias conferências em Espanha nomeadamente no Curso e Conferências de Valência, San Sebastián, Sevilha²⁵⁵ e participou no Congresso de Castelldefels intitulado *Arquitectura, Historia y teoría de los Signos* [fig. A1. 18]. Encontrámos registos de duas conferências que Portas proferiu em Barcelona em Dezembro de 1974 por iniciativa de professores de Urbanismo da Escola Superior Técnica de Barcelona; uma no Colégio de Arquitectos da Catalunha e Baleares em Barcelona intitulada *Política Urbana y Vivienda en Portugal*²⁵⁶ e outra, no dia seguinte, na Escola Superior Técnica de Barcelona intitulada *Portugal: Realidad Urbana, Política de Vivienda y Papel del Técnico* à qual se seguiu um colóquio²⁵⁷.

Como dizíamos, Portas participou no Congresso de Castelldefels tendo sido publicado um artigo de sua autoria intitulado “Teoría de las tipologías como estructuras generativas en el marco de la producción urbana”²⁵⁸ no livro editado sobre o Congresso em 1974²⁵⁹. Este livro foi editado dois anos depois da realização

²⁴⁵ Ibidem, p. 16, 17, 19.

²⁴⁶ Ibidem, p. 19.

²⁴⁷ Ibidem. É de referir que Montalbán criou uma personagem, um arquitecto dos Estados Unidos, que corporizou os dilemas da profissão dos arquitectos de Barcelona de uma forma tão convincente durante dois anos entre 1969 e 1971 que Bohigas quis conhecer o dito arquitecto. VEGA, Célia Marín, “CAU. Disidencia desde la Arquitectura (1970 – 1974)”, in José Manuel Pozo, Héctor García-Diego Villarías, Izaskun García (coord.), *Las revistas de arquitectura (1900-1975): crónicas, manifestos, propaganda*, Pamplona, T6 ediciones, 2012, p. 673, 674.

²⁴⁸ BOHIGAS, Oriol. *Dit o Fet. Dietari de records II*. Edicions 62, Barcelona, 1992, p. 153 citado em CODDOU, Flavio, *La génesis de Arquitecturas Bis*, in José Manuel Pozo, Héctor García-Diego Villarías, Izaskun García (coord.), *Las revistas de arquitectura (1900-1975): crónicas, manifestos, propaganda*, Pamplona, T6 ediciones, 2012 p. 415. Tivemos notícia da presença de Busquets através de Portas. PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

²⁴⁹ FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno*, Porto, Dafne Editora, 2011, p. 40.

²⁵⁰ BOHIGAS, Oriol. *Dit o Fet. Dietari de records II*. Edicions 62, Barcelona, 1992, p. 153 citado em CODDOU, Flavio, *La génesis de Arquitecturas Bis...* 2012, p. 415.

²⁵¹ Ibidem.

²⁵² Ibidem.

²⁵³ FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno*, Porto, Dafne Editora, 2011, p. 22, 40.

²⁵⁴ PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

²⁵⁵ “Nuno Portas al Poder”, *Arquitecturas Bis*, n.2, 1974, p. 31; no entanto, e apesar dos esforços empreendidos não conseguimos obter mais informações.

²⁵⁶ PORTAS, Nuno, “Política Urbana y Vivienda en Portugal”, in *Conferencias de Nuno Portas, Campos Venuti*, Luis López, Barcelona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Cátedra de Urbanismo, Seminario de Urbanismo, 1975, s/ p.

²⁵⁷ PORTAS, Nuno, “Portugal: Realidad Urbana, Política de ... 1975, s/ p.

²⁵⁸ PORTAS, Nuno, “Teoría de las tipologías como estructuras generativas en el marco de la producción urbana”, in Tomàs Llorens, *Arquitectura, historia y teoría de los signos: el symposium de Castelldefels*, Barcelona, Publicaciones del Colegio Oficial de Arquitectos de Cataluña y Baleares, La Gaya Ciencia, 1974, p. 185 – 201.

²⁵⁹ LLORENS, Tomás, *Arquitectura, historia y teoría de los signos: el symposium de Castelldefels*, Barcelona, Publicaciones del Colegio Oficial de Arquitectos de Cataluña y Baleares, La Gaya Ciencia, 1974.

do Congresso que ocorreu entre 14 e 18 de Março de 1972²⁶⁰. Foi organizado pela Comissão de Cultura do Colégio de Arquitectos da Catalunha e Baleares, tendo a edição do livro ficado a cargo de Tomàs Llorens e sido editado pelo Colégio de Arquitectos em conjunto com a editora la Gaya Ciència²⁶¹. Para além de Portas participaram também no livro e no congresso, entre outros, Bohigas, Juan Pablo Bonta, que mencionámos no capítulo Contextos a propósito do enquadramento temático, Geoffrey Broadbent, Alexandre Cirici, Françoise Choay, Alan Colquhoun, Eisenman, Charles Jencks e o próprio Tomàs Llorens²⁶². É atribuído a Llorens o papel decisivo na organização do Seminário de Castedefells, graças ao facto de ter dado aulas, entre 1972 e 1984, em Portsmouth Polytechnic²⁶³. Este terá sido o primeiro encontro fora do mundo anglo-saxónico e italiano sobre a apropriação do discurso estruturalista pela arquitectura capaz de reunir tantos arquitectos e filósofos, na esteira de outros realizados no Reino Unido e nos Estados Unidos²⁶⁴.

Antón Capitel corrobora que foi Portas quem deu Siza a conhecer em Espanha nos referidos PPCC, pois ele já era conhecido naquele país como urbanista, tendo no início da democracia espanhola trabalhado em Madrid no Plano Geral, sendo também reconhecido pelos seus livros e pela actividade política que assumiu em Portugal²⁶⁵. De acordo com Capitel, Portas era naquela época mais conhecido em Espanha que Siza, situação que se inverteu com o tempo²⁶⁶.

Na sequência deste esforço de divulgação, Portas publicou vários artigos sobre a arquitectura portuguesa e a obra de Siza em revistas internacionais, as quais começam a dedicar-lhes maior atenção.

²⁶⁰ Ibidem.

²⁶¹ Ibidem.

²⁶² Ibidem.

²⁶³ CODDOU, Flavio, “La Génesis de *Arquitecturas Bis*” ... p. 415.

²⁶⁴ LABORDA GIL, Xavier, “Esplendor social de la lingüística y el Simposio de Arquitectura de 1972 em Castelldefels”, in CLAC Círculo de la Lingüística aplicada a la Comunicación, Universitat de Barcelona, v. 39 / 2009; citado por CODDOU, Flavio, “La Génesis de *Arquitecturas Bis*”..., p. 414, 415.

²⁶⁵ CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.

²⁶⁶ Idem.

A primeira consequência está plasmada no número 68 da revista espanhola *Hogar y Arquitectura* de 1967, o qual é quase inteiramente dedicado ao trabalho de Siza, acompanhado de artigos de Portas e de Vieira de Almeida, sobre a arquitectura que se fazia em Portugal na época e sobre o arquitecto português²⁶⁷ [fig. A1. 16]. Como refere Carlos Flores no editorial do referido número, existia um desconhecimento por parte dos arquitectos espanhóis sobre a arquitectura portuguesa²⁶⁸. Foi publicada posteriormente a correspondência trocada entre Portas e Siza para a preparação deste número da revista espanhola, na qual também é feita referência a correspondência trocada com Vieira de Almeida. Na carta publicada, Siza descreve o que pensa de cada projecto e conta como decorreram os processos²⁶⁹.

Tal como referia Portas atrás citado, a consolidação destes contactos internacionais levava tempo, como é exemplo a notícia no número 78 de 1963 na revista portuguesa *Arquitectura* de Portas de uma visita naquele ano de intercâmbio à revista *Hogar Y Arquitectura em Madrid*²⁷⁰. A *Hogar y Arquitectura* era uma revista bimestral da “Obra sindical del Hogar”, constituída em 1955 para se tornar o instrumento de comunicação das actividades desta associação pública cujo objectivo era apoiar a construção de casas económicas para colmatar a sua falta no pós-guerra civil²⁷¹. Esta revista era editada por Flores desde 1962²⁷².

²⁶⁷ Neste número 68, Carlos Flores dedicou 52 páginas à obra de Siza num total de aproximadamente 85. São apresentadas várias obras de Siza, através de elementos gráficos e de texto, nomeadamente as casas e o centro paroquial em Matosinhos, o restaurante Boa Nova, o monumento cívico aos calafates, uma casa na Maia, a Cooperativa no Lordelo, a piscina em Leça e uma casa em Matosinhos. *Hogar y Arquitectura*, n. 68, 1967, p. 36-71. PORTAS, Nuno, “Sobre la Joven generacion de arquitectos portugueses”, ibidem, p. 77 – 84; ALMEIDA, Pedro Vieira, “Un Analisis de la Obra de Siza Vieira”, ibidem, p. 72 – 76.

²⁶⁸ FLORES, Carlos, “La obra de Álvaro Siza Vieira”, ibidem, p. 34, 35.

²⁶⁹ ANGELILLO, A. (ed.), *Álvaro Siza. Writings on architecture*, Milão, Skira, 1997, p. 147 – 153.

²⁷⁰ Esta referência à visita à revista *Hogar y Arquitectura* em Madrid terá sido publicada na página 43 na secção ‘Noticiário, Exposições, Crítica’ do número 78 de Maio de 1963 da revista *Arquitectura*. Na mesma secção terá também sido referida uma permuta com a revista *Casabella*, a qual aparentemente, não se traduziu em resultados concretos para a divulgação da arquitectura portuguesa naquela revista, uma vez que tal só veio a acontecer em 1982. CORREIA, Nuno, *O Nome dos Pequenos Congressos...* 2009/2010, p. 24.

²⁷¹ LASSO-DE-LA-VEGA-ZAMORA, Miguel, “Algunas notas sobre la participación de la obra sindical del hogar de Madrid en la política de vivienda durante el período 1939-1959”, *Actas del congreso internacional Los años 50: La arquitectura española y su compromiso con la historia*, Pamplona, T6 Ediciones, 2000, p. 151, 154; acedido em: <http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/23517/1/2000%2016.pdf> a 2/3/2013

²⁷² <http://www.mcenbiografias.com/app-bio/do/show?key=flores-carlos> a 2/6/2013.

Interessa fazer um parêntesis para referir dois pontos.

Primeiro para constatar a actualização por parte dos arquitectos portugueses relativamente às questões disciplinares que se colocavam à época a nível internacional. Portas afirma lembrar-se do impacto que o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* teve em Flores quando lho mostrou, pois em Espanha, tal ainda só estava iniciado²⁷³. Com esse objectivo, Flores deslocou-se a Portugal para falar com Keil do Amaral, acabando por realizar sozinho o inquérito em Espanha²⁷⁴.

O outro ponto, para mostrar que apesar da afirmação de Flores sobre a ignorância da arquitectura portuguesa pelo público espanhol e da inegável importância do caderno sobre Siza, este não foi o primeiro arquitecto português a ver publicado trabalhos seus nas páginas da revista *Hogar y Arquitectura*. O próprio Portas, que partilha a autoria com Costa Cabral do Bairro de Olivais Sul, no ano anterior, em 1966, no número 62 da *Hogar y Arquitectura*, viu publicado as “Viviendas económicas en Olivais-Sul. Lisboa”, e no número 64 do mesmo ano saiu o artigo intitulado “Urban equipment en Portugal” de Francisco Pires Keil do Amaral e José de Santa Bárbara.

Mais tarde, em 1971, os dois últimos autores publicaram no número 94 daquela revista, novo artigo intitulado “Portugal: Raices de un Townscape”. Estes e o referido artigo sobre Siza totalizam as publicações de trabalhos de arquitectos portugueses na revista *Hogar y Arquitectura* durante a sua existência, que se estendeu entre 1955 e 1977 com periodicidade bimensal. Por seu lado, Keil do Amaral que havia conhecido Flores numa viagem de férias que fez a Madrid, explicou-nos em entrevista que estas foram as únicas publicações internacionais²⁷⁵.

É de assinalar que Siza quando recebeu a Medalha de Ouro atribuída pelo Conselho Superior dos Colégios de Arquitectos de Espanha, praticamente vinte anos depois, em 1988, lembrou que a publicação que considera ter sido a sua primeira monografia foi precisamente o referido número 68 da revista *Hogar y*

Arquitectura de Flores²⁷⁶. Tal como desejava Flores na carta que lhe escreveu, Siza afirma que aquela publicação lhe deu ânimo para continuar o seu trabalho²⁷⁷.

Para além dos movimentos de Portas no sentido da criação de oportunidades para a divulgação internacional da arquitectura portuguesa é também de salientar o carácter seminal que os seus textos assumiram naquilo que podemos chamar de corpo teórico que se foi constituindo sobre a obra de Siza nestes primeiros anos, e que podemos designar de interpretações pré-canónicas, como referimos no capítulo Contextos. Portas escreveu e publicou textos sobre outros protagonistas da geração de Siza e de anteriores, mas são os seus textos sobre Siza que ecoam nos textos dos intermediários culturais internacionais, por ser este o tema que maior atenção suscitou. Há interpretações que perpassam nos textos de Portas que coincidem com o discurso proferido pelos intermediários culturais internacionais, como passaremos a detalhar. Queremos, no entanto, notar que estes autores, inclusivamente Portas, partilhavam de um contexto teórico comum que discutiam e sedimentavam em encontros e artigos que continuaremos a assistir nos anos posteriores como vimos e continuaremos a exemplificar.

Começamos por nos deter no texto de Portas publicado no referido número 68 da *Hogar Y Arquitectura* de 1967.

Antes porém, queremos referir o texto de Vieira de Almeida publicado nesse número, o qual é atravessado por claras influências da semiótica. Este texto parece-nos vir na sequência de um ensaio seu intitulado “El espacio en la Arquitectura”, que terá chamado a atenção de personalidades internacionais como Philip Thiel, Bruno Zevi, Chombart de Lawve²⁷⁸, mas neste caso do seu artigo sobre Siza não teve repercussões nos textos de intermediários culturais internacionais.

Portas, no seu texto, depois de fazer uma leitura da produção e dos arquitectos portugueses desde o final do século XIX, centra-se no trabalho de Siza, que afirma destacar-se de entre os arquitectos portugueses e ter “importância a nível europeu”²⁷⁹. Aponta desde logo como condição do trabalho de Siza o

²⁷⁶ VIEIRA, Álvaro Siza, “Palabras de agradecimiento de D. Álvaro Siza”, *Arquitectos*, n. 108, 1989, p. 45.

²⁷⁷ Ibidem.

²⁷⁸ ALMEIDA, Pedro Vieira, “Un Analisis de la Obra de Siza Vieira”, *Hogar y Arquitectura*, n. 68, 1967, p. 72.

²⁷⁹ PORTAS, Nuno, “Sobre la Joven generacion de arquitectos portugueses”, *ibidem*, p. 82.

²⁷³ PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

²⁷⁴ AMARAL, Keil do, entrevista, Aveiro, 13/1/2012.

²⁷⁵ Idem.

facto de este ter acesso só a programas de pequena dimensão, justificando-o pelo enquadramento da sua vida profissional na cidade do Porto²⁸⁰. De acordo com Portas, o Porto por oposição a Lisboa, por estar mais distante do centro do Poder, ficou afastado dos investimentos e da pressão imobiliária, o que deixou espaço para que os arquitectos de maior qualidade conseguissem controlar as mais importantes intervenções no centro histórico²⁸¹. Este é um dos aspectos que Portas noutros artigos designará e desenvolverá como fazendo parte de uma situação global e complexa que caracteriza o trabalho de Siza, como estando à margem. A estas características de isolamento geográfico e de afastamento dos investidores, juntará outras que indicaremos. Esta condição permitiu que os arquitectos desenvolvessem aquilo a que Portas chama de uma “obra individual - como a de Távora e agora a de Siza – procurando um alto grau de maturidade e de continuidade de linguagem”, que hoje se designa comumente como ‘arquitectura de autor’²⁸².

É de referir que em 1969, é editada na revista *Architecture, Formes et Fonctions*, na Suíça, a Casa de Chá de Siza, restringindo-se à publicação dos elementos gráficos de projecto e um breve texto²⁸³. Este projecto está integrado numa parte da revista designada por “Panorama mondial / World Panorama” representando “Portugal” junto de outros 19 países²⁸⁴. Estranhamente, o texto que acompanha os desenhos e fotografia está publicado em português e o seu autor não é identificado.

Na sequência da mudança de destino das viagens de Portas em direcção à América do Sul, acima referida, é publicado no número 49 da revista *Argentina*

²⁸⁰ Ibidem, p. 82, 84.

²⁸¹ Ibidem, p. 84.

²⁸² Sobre os arquitectos de Lisboa, Portas afirma que estes beneficiaram com o “contacto com os meios de ‘criação indirecta’ como é o exercício da crítica, a formulação de programas, a investigação (programática ou tecnológica), a experiência de novas formas de organização do trabalho no escritório” e que pelas circunstâncias específicas de trabalho as “manifestações culturalistas tornam-se mais evidentes e polémicas nas obras de Lisboa – experiências de integração histórica de Teotónio Pereira – Portas, expressão dos conteúdos da vizinhança em Figueiredo – Lobo e Prtas – Cabral – Pereira (Olivais), manifestações do novo modo brutalista em Tainha”. Ibidem, p. 84.

²⁸³ “Portugal. Casa de Chá e Restaurante Matosinhos. Arquitecto: A. Siza Vieira”, *Architecture, Formes et Fonctions*, 1969, p. 246.

²⁸⁴ Os restantes países são Austrália, Bélgica, Cuba, Alemanha, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Israel, Itália, Japão, México, Holanda, Polónia, Suíça, Turquia, Rússia, EUA, Jugoslávia.

Cuadernos Summa Nueva Visión de 1970, um artigo de sua autoria, intitulado “Arquitecturas Marginadas en Portugal”²⁸⁵.

Este número 49 intitula-se “Arquitecturas marginadas de la Península Ibérica”. Apesar do título sugerir uma maior abrangência territorial é uma edição totalmente dedicada à arquitectura em Portugal, como referido, à Catalunha e ao País Basco, com textos intitulados “Arquitecturas marginadas en Cataluña”²⁸⁶ e “El desarrollo de la tradición moderna en el País Vasco”²⁸⁷, respectivamente.

O artigo de Portas é o mais extenso, no qual se dedica a obras anteriores a 1970, de duas gerações de arquitectos; uma, que ele define ter surgido na década de 50, representada por Távora, Tainha e Teotónio Pereira, e a geração seguinte, representada por Siza, Costa Cabral e o próprio Portas²⁸⁸.

Como dizíamos, relativamente ao seu texto publicado no número 68 da revista *Hogar y Arquitectura* de 1967, a condição de estar ‘à margem’ continua a ser desenvolvida por Portas. Portas aprofunda e recoloca este processo que denomina de marginalização, sendo o seu texto citado no editorial da revista por contribuir para a definição de ‘arquitecturas marginalizadas’²⁸⁹. É de observar que este texto de Portas é pontuado por noções que provêm da semiótica. Desta vez, ao contrário do artigo anteriormente mencionado, não refere a questão geográfica, até porque inclui nesta apresentação arquitectos do Porto e de Lisboa, sem referir as diferenças entre eles, mas sim valorizando os contributos de todos. Assim, não coloca a tónica na dimensão dos programas a que os arquitectos têm acesso, tal como tinha feito no artigo anteriormente referido no número 68 da *Hogar y Arquitectura*, mas antes na luta / contestação contra o contexto cultural

²⁸⁵ PORTAS, Nuno, “Arquitecturas marginadas en Portugal”, *Cuadernos summa-nueva visión*, n. 49, 1970, p. 6 – 24.

²⁸⁶ GIRBAU, F. Lluís Domenech, “Arquitecturas marginadas en Cataluña”, ibidem, p. 3 – 5.

²⁸⁷ ERRAZU, Juan Daniel Fullaondo, “El desarrollo de la tradición moderna en el País Vasco”, ibidem, p. 25 - 32.

²⁸⁸ O artigo sobre Portugal tem a extensão de 13 páginas, o artigo sobre a Catalunha tem 6 páginas, e o referente ao País Basco tem 10 páginas. PORTAS, Nuno, “Arquitecturas marginadas en Portugal”, ibidem, p.24. São publicadas fotografias e desenhos de várias obras em Portugal, nomeadamente do Bairro Olivais Sul da autoria de Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas, da Cooperativa do Lordelo e das piscinas de Leça de Siza Vieira, da escola Primária localizada no Bairro Olivais Sul da autoria de Manuel Tainha, do edifício conhecido por “Franjinhas” de Teotónio Pereira e da Câmara Municipal de Aveiro de Fernando Távora.

²⁸⁹ *Cuadernos summa-nueva visión*, n. 49, 1970, p.2.

português dominante²⁹⁰. Esta contestação não se refere ao sentido político e imediato do termo, mas ao facto dos arquitectos insistirem em trazer à luz a complexidade do real e colocarem questões que incomodam. Por essa razão os arquitectos ou são afastados do poder, ou absorvidos por este, esvaziando as suas ideias de significado. Para Portas também não é uma questão de adopção de linguagens; nacionalista ou International Style. Mas está para além dessa questão de forma: “*Porque na estrutura conceptual, isto é, como linguagem, introduzem preocupações, intenções – significados / significantes – marginais aos interesses dominantes dos grupos de decisão dos programas.*”²⁹¹ Conclui que incomodam porque são obras que fazem propostas de outra organização das forças sociais e de vida. Em síntese o estar à margem do contexto cultural dominante neste texto traduz-se no questionar os princípios programáticos.

Até aqui e de acordo com os dois textos de Portas analisados, a condição de estar ‘à margem’ do trabalho de Siza, verifica-se no isolamento geográfico, no distanciamento em relação aos investidores e no questionar dos princípios programáticos.

Em 1972, no número 9 da revista italiana *Controspazio*, Portas publicou outro artigo sobre Siza, o qual é acompanhado por outro sob o mesmo tema da autoria de Gregotti²⁹² [fig. A1.17].

Entendemos que é de sublinhar a importância desta publicação por vários motivos: por ter lugar em Itália, um país que terá um papel primordial na divulgação internacional da arquitectura portuguesa nos anos seguintes, pelo facto de Gregotti fazer uma apresentação do trabalho de Siza, o que constitui a primeira abordagem por um autor internacional ao trabalho do português, com um texto seminal para o corpo teórico que se vem a constituir relativamente ao trabalho de Siza e, finalmente, porque Gregotti revelará vir a ser de capital importância na divulgação da arquitectura portuguesa em Itália e internacionalmente.

Este texto de Gregotti será publicado ao longo do tempo: no número 185 da revista *L'Ojd* em 1976, no catálogo com título “Álvaro Siza Architetto 1954-1979” da exposição monográfica dedicada a Siza, que ocorreu no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão em 1979 e, posteriormente no livro monográfico sobre o trabalho de Siza, o qual teve uma primeira edição bilingue, Italiano e Inglês, pela Electa em 1986, tendo recebido o título *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession*, e segunda edição bilingue em Espanhol e Português, tendo recebido o título *Álvaro Siza, Álvaro Siza, Profèssion Poética / Profissão Poética*, editado em 1988 pela Gustavo Gili²⁹³.

Como referimos atrás, Gregotti conheceu pessoalmente Siza na sessão dos PPCC em Vitória em 1968. Posteriormente, em 1971, na sequência de uma viagem a Lisboa para proferir uma conferência na Faculdade de Arquitectura a convite de Portas, Siza recebe-o em sua casa, dá-lhe a conhecer o seu trabalho e fazem uma viagem juntos pelo Minho²⁹⁴. Siza oferece um exemplar do *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* a Gregotti²⁹⁵. É na sequência destes encontros que surge o artigo de Gregotti sobre Siza Vieira na *Controspazio*. A relação de amizade entre Siza e Gregotti manter-se-á ao longo dos anos, cultivada por vários encontros, nomeadamente: em Lisboa, pós-revolução de 1974, a convite de Portas enquanto secretário de Estado da Habitação, para realizar um bairro em Setúbal, onde estavam presentes Siza e Manuel Salgado; em visitas às obras SAAL de Siza; em Berlim, quando ambos trabalhavam no IBA; em Veneza, quando Siza ali deu aulas; em Milão, a propósito da exposição monográfica de Siza organizada por Gregotti, em 1979, a qual analisaremos no próximo capítulo; nas obras em Belém na década de 80 e em Milão na década de 90; na realização de um projecto conjunto para Málaga, não construído, e no Doutoramento

²⁹³ GREGOTTI, Vittorio, “La passion d’Alvaro Siza, selon Vittorio Gregotti”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976, p.42. GREGOTTI, Vittorio, “Architetture recenti di Alvaro Siza”, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d’Arte Contemporânea di Milano, 1979, p. 9 – 12. *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986. *Álvaro Siza, Profèssion Poética / Profissão Poética*, Barcelona, Gustavo Gili, 1988.

²⁹⁴ “Modernismo senza dimenticare la storia” Conversazione con Álvaro Siza, *Casabella*, n. 744, 2006, p. 73.

²⁹⁵ “Álvaro Siza è un architetto fuori moda...” Conversazione con Vittorio Gregotti, *ibidem*, p. 72.

²⁹⁰ PORTAS, Nuno, “Arquitecturas marginadas en Portugal”, *ibidem*, p. 6.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 8.

²⁹² Ambos os artigos são acompanhados por elementos gráficos, fotografias de edifício, ou de maquete e desenhos de obra, de vários trabalhos de Siza, nomeadamente Casas de Caxinas, Piscina Quinta da Conceição, Casa no Porto, Casa em Moledo do Minho, Complexo Av. Afonso Henriques, Banco em Vila do Conde e Banco em Oliveira de Azeméis. PORTAS, Nuno, “Note sul significato dell’architettura di Álvaro Siza nell’ambiente portoghese”, *Controspazio*, n. 9, 1972, p. 24, 25; e GREGOTTI, Vittorio, “Architetture recenti di Álvaro Siza. Presentazione di Vittorio Gregotti”, *ibidem*, p. 22 - 24.

Honoris Causa de Gregotti no Porto em 2003²⁹⁶.

Em ambos os textos, de Portas e de Gregotti, está presente a ideia de ‘margem’, a qual classificamos como uma interpretação pré-canónica.

Nós entendemos que o texto de Portas pode ser sintetizado através de uma chave de leitura que se subdivide em duas, a posição de Siza à margem tanto ao nível geográfico como no campo disciplinar da arquitectura, sendo que a primeira tem consequências directas e está integrada em parte na segunda. Portas retoma o tópico da condição geográfica como condicionante da encomenda do texto publicado na *Hogar y Arquitectura*, e desenvolve, concretizando a problemática de linguagem da arquitectura de Siza que sintetizou no texto publicado na revista *Cuadernos Summa Nueva Visión*, ambos por nós analisados anteriormente na presente dissertação.

Portas acrescenta à marginalidade geográfica como razão da não encomenda de grandes dimensões a Siza, uma outra justificação, o hábito que se instalou de fazer as encomendas maiores a grandes gabinetes com estruturas complexas, justificando dessa forma a sua eficiência, os quais são na realidade extensões dos grupos económicos, normalmente bancos ou sociedades imobiliárias²⁹⁷. Acrescenta assim ao tópico do isolamento geográfico, o facto de Siza não acreditar na demagogia das ‘grandes organizações’.

Segundo Portas, o problema da não existência de trabalhos de grandes dimensões reside no facto de não permitir experimentações que em termos disciplinares precisam dessas grandes encomendas para ocorrer. E é neste ponto que aquela que elegemos como a primeira chave de leitura deste texto de Portas interfere na segunda chave de leitura. No entanto, é justo que se diga que Portas entende que a linguagem de Siza se continua a desenvolver. Desta forma, concluímos nós, o facto de Siza estar à margem relativamente aos investidores, situação favorecida pela sua distanciação geográfica, com tradução no tipo de encomenda, tem implicações directas na posição, também ela à margem, em termos disciplinares, a qual começa desde logo por se verificar em termos da sua própria pequena estrutura de produção.

Sobre o posicionamento de Siza relativamente ao campo disciplinar da arquitectura, Portas entende que o arquitecto é uma alternativa “ao academismo rural – imperial imposto pelo regime fascista” e aos “raros e pobres exemplos de introdução do vocabulário racionalista europeu (de importação francesa, via Brasil)”²⁹⁸. Identifica as referências que permitem a constituição desta alternativa, as revistas italianas, *Metron*, *Casabella*, *L'Architettura*, e os autores, Zevi, Argan, Rogers, Albini, Ridolfi, Fiorentino, Quaroni, il Tiburtino, Falchera e ainda Alvar Aalto²⁹⁹. A influência de Aalto, apesar de ser menos codificável que Wright ou Corbusier foi alargada a vários arquitectos portugueses, ainda que Siza tenha sido aquele que o tenha assimilado mais profundamente³⁰⁰. Numa conjuntura que privilegiava o mimetismo, Siza continuou a servir-se de contributos racionalistas, característica que Portas ilustra com dois exemplos: a nível da textura o contraste dos materiais, e ao nível urbano, a descontinuidade entre a pré-existência e a nova intervenção³⁰¹.

Em suma, podemos afirmar que Siza está à margem em termos disciplinares, tanto ao nível da sua pequena estrutura de produção, favorecida pelo isolamento geográfico o que por sua vez favorece o afastamento dos investidores, como por ter adoptado uma postura própria de manipulação dos vários e de quase todos os códigos disponíveis, que designamos como uma atitude exclusiva inclusiva. Se acrescentarmos a estes, o questionar dos princípios programáticos, que encontramos no texto publicado no número 49 da revista *Cuadernos Summa Nueva Visión* de 1970 acima referido, completamos o quadro que Portas traçou até aqui sobre a condição de estar à margem.

O texto de Gregotti, que como referimos acima se pode considerar o primeiro escrito por um autor internacional sobre o trabalho de Siza, caracteriza-o, à semelhança de Portas, como estando à margem, e identifica essa condição como a razão do sucesso do seu trabalho; o que para nós constitui a súplica daquele texto.

Gregotti começa por caracterizar Siza como um “*arquitecto fora de moda (...) fala pouco, timidamente (...) com palavras comuns, em tom baixo*”, fazendo realçar por contraponto, como ele é “*no mundo um, de entre os dez ou quinze arquitectos*” capaz de surpreender uma cultura que é tendencialmente

²⁹⁶ GREGOTTI, Vittorio, “A revolução dos cravos: 1974”, *Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, Da identidade da arquitetura portuguesa*, n. 22, 2013, p. 97.

²⁹⁷ PORTAS, Nuno, “Note sul significato dell’architettura di Álvaro Siza nell’ambiente portoghese”, *Controspazio*, n. 9, 1972, p. 25.

²⁹⁸ Ibidem, p. 24.

²⁹⁹ Ibidem.

³⁰⁰ Ibidem.

³⁰¹ Ibidem.

indiferente³⁰². Depois de analisar várias obras do arquitecto português, conclui o artigo dizendo que o seu sucesso não é assinalável só pelo facto do seu talento se desenvolver num país pobre, sem tradição de arquitectura recente, ou por se construir como oposição à humilhação do povo português, mas que a razão profunda do seu sucesso reside no encontro da sua subjectividade com o que o rodeia³⁰³. “*Das pequenas ocasiões de trabalho, das muitas desilusões e exclusões da parte do contexto*”³⁰⁴ conduzem-no a um isolamento, que orientado pela sua paixão pela arquitectura, levaram-no a encontrar o seu centro. Gregotti na última frase chega mesmo a usar a palavra - margem, “*ora verifica com as mãos a qualidade das margens ainda que saiba que tudo que é essencial está para lá: à direita, à esquerda, no alto: fora.*”³⁰⁵

Em suma, nós depreendemos das palavras de Gregotti, que a situação à margem de Siza relativamente à cultura arquitectónica nacional e internacional, ao contexto cultural português dominante e ao afastamento dos investidores está no centro do seu sucesso. Por outras palavras, Gregotti aceita a condição de Siza estar à margem, sobejamente desenvolvida por Portas, como analisámos, e acrescenta às definições de Portas o ponto relativo ao facto de Siza se constituir como uma alternativa à cultura arquitectónica internacional, para definir a condição de estar à margem, como a razão do sucesso do arquitecto português. Sucesso este de tal forma grande, que é capaz de surpreender a referida cultura disciplinar internacional. Esta condição à margem é potenciada por uma atitude muito pessoal, exclusiva, como já afirmava Portas, que neste caso Gregotti atribui ao confronto com o real, e que apelidamos de uma atitude exclusiva de confronto com o real.

Para completar a apresentação que Gregotti fez de Siza devem ser mencionados os outros aspectos identificados pelo autor, para além dos por nós atrás mencionados que partilha com Portas.

O primeiro prende-se com a dificuldade de descrição das obras de Siza, tanto crítica como literariamente e inclusivamente em termos gráficos, ressaltando

que talvez o conto seja o género literário que melhor poderia descrevê-las³⁰⁶. Para Gregotti, nem desenhos nem fotografias são capazes de descrever as obras³⁰⁷.

O autor atribui esta dificuldade à dimensão temporal, aquela naturalmente envolvida no processo de aproximação às obras e a outra dimensão temporal implícita, aquela que Gregotti designa como “*arqueologia pessoal*”³⁰⁸.

No conceito de arqueologia pessoal, Gregotti encerra aquilo que entende como o método de trabalho do arquitecto português. Descreve-o como uma sobreposição de estratos onde se encontram as pesquisas, tentativas e erros do arquitecto nos trabalhos precedentes, partindo sempre do seu próprio legado, os quais vão sendo acumulados e depurados até ao trabalho final³⁰⁹. Este processo, de acordo com Gregotti, repete-se na forma como Siza modifica e potencia o contexto, reconhecível na condição física na obra final, sem qualquer mimetismo, mas em diálogo, emprestando uma nova interpretação ao conjunto, naquilo que designa como o uso da linguagem situacional³¹⁰, o que corresponde àquilo que designámos como atitude exclusiva de confronto com o real. Nesta relação com o contexto torna-se visível uma terceira dimensão temporal, a dimensão histórica³¹¹.

Gregotti leva a questão da descrição literária mais longe e afirma que a própria técnica do conto literário está presente nas obras de Siza, pela encenação dos processos de aproximação através da definição de sequências de espaços³¹². Esta afirmação está na base da comparação que Gregotti estabelece entre Venturi e Siza, no uso comum a ambos desta técnica que advém do uso da linguagem situacional, ainda que considere que o primeiro o faz num sentido mais literário e o segundo é mais disciplinar nas suas pesquisas³¹³.

³⁰⁶ Ibidem, p. 22.

³⁰⁷ Ibidem.

³⁰⁸ Ibidem.

³⁰⁹ Ibidem.

³¹⁰ Ibidem, p.22, 23.

³¹¹ A relação de Siza com o contexto é sobejamente ilustrado por Gregotti através das obras que o autor descreve, como a piscina das Marés em Leça da Palmeira, os bancos de Oliveira de Azeméis e de Vila do Conde, a intervenção na Avenida Afonso Henriques. Ibidem, p. 22.

³¹² Gregotti dá como exemplos as seguintes obras: piscina da Quinta da Conceição, casa na Avenida dos Combatentes e as habitações em Caxinas. Ibidem, p. 23, 24.

³¹³ Ibidem, p. 23.

³⁰² GREGOTTI, Vittorio, “Architetture recenti di Álvaro Siza. Presentazione di Vittorio Gregotti”, *Controspazio*, n. 9, 1972, p. 22.

³⁰³ Ibidem, p. 24.

³⁰⁴ Ibidem.

³⁰⁵ Ibidem.

É por último de salientar relativamente a esta publicação no número 9 da *Controspazio* o facto do director da revista *Controspazio* ser Paolo Portoghesi³¹⁴, um teórico influente no campo da arquitectura contemporânea internacional. Portoghesi foi o fundador da *Contropazio* em 1969, mantendo-se como seu director até 1983³¹⁵. Esta revista é considerada por alguns como o principal difusor em Itália do pós-modernismo³¹⁶. De facto, este número 9 da revista *Controspazio* coloca em lugar de destaque para além de Siza, Léon Krier³¹⁷, um arquitecto cuja obra se enquadra na corrente designada como pós-modernismo. Portoghesi veio a ser em 1980 o responsável pela exposição “A Presença do Passado” na Bienal de Veneza a qual ganhou projecção internacional como um evento icónico da arquitectura pós-moderna revivalista.

Em nosso entender, a publicação do trabalho de Siza acompanhado por um artigo de Gregotti, ao lado do trabalho de Krier, num número da revista *Controspazio* dirigida por Portoghesi, significa essencialmente que em certos momentos nem as correntes teóricas estão tão claramente definidas, nem os seus divulgadores se encontram em posições tão distanciadas, como vem a acontecer com o ulterior desenvolvimento das suas posturas ou como vem a posicionar por vezes a posterior descrição histórica. É no entanto justo aventar que esta publicação numa revista aparentemente com uma linha editorial tão definida pode também ser testemunho da relevância que o arquitecto português já detinha no panorama internacional da disciplina. Por outro lado, a frequente reescrita da história faz exercícios variados, tentando demonstrar como em arquitectura “o contrário também é verdadeiro”, isto é, como a obra de um autor pode ser analisada sob a perspectiva de diferentes correntes³¹⁸, sendo, portanto, pacífico a publicação da mesma obra em revistas com linhas editoriais aparentemente pouco consentâneas.

³¹⁴ Paolo Portoghesi ocupa as funções de director da revista *Controspazio* nos anos 1969 a 1983.

³¹⁵ CROCI, Valentina. “The Italian Architectural Press”, *Architectural Design*, n. 3, 2007, p. 106.

³¹⁶ Ibidem.

³¹⁷ A apresentação do trabalho de Siza ocupa 19 páginas, e a parte dedicada a Krier 11 páginas, num total de 58 que aquele número da revista apresenta.

³¹⁸ Um exemplo recente da releitura da obra de Siza é a tese de doutoramento de Jorge Figueira na qual se propõe demonstrar como Siza é um arquitecto pós-moderno. FIGUEIRA, Jorge, *A periferia Perfeita. Pós- Modernidade na Arquitectura portuguesa, Anos 60 – Anos 80. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura*, apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009.

Como demonstrámos, Portas merece especial destaque no processo de alteração da divulgação internacional da arquitectura portuguesa por ter fomentado eventos com consequências determinantes. Como demonstraremos, o seu legado relativamente à divulgação internacional, em particular da arquitectura de Siza, perdurou no tempo.

Porém, outras pessoas e outros encontros, que relataremos a seguir, ainda que sem terem contribuído com a produção de eventos concretos, tiveram certamente um papel importante e terão deixado caminhos abertos para a divulgação internacional da arquitectura portuguesa. Interessante é pensar nestes e provavelmente noutros encontros que haveria para contar, os quais são mais difíceis de descobrir, pois ‘dos fracos não reza a história’ e eles têm alguma timidez em aparecer, que a terem sido consequentes poderiam ter escrito outras páginas sobre a divulgação internacional da arquitectura nacional.

Por exemplo, podia ter acontecido uma publicação no início da década de 70 sobre Siza nos EUA.

Como referimos no capítulo Contextos, Cabral de Mello colaborou no Institute for Architecture and Urban Studies (IAUS), em Nova Iorque, desde Setembro de 1970 até ao final de 1972. O convite foi realizado por Eisenman, director do Instituto, logo após a sessão do referido PPCC em Vitória, em 1968³¹⁹. Mello trabalhou naquele Instituto com uma bolsa americana, indicada por Eisenman. Ali contactou para além de Eisenman, com Kenneth Frampton, Mário Gandelsonas, Diane Agreste, Joseph Ryckwert, Anthony Vidler, Colin Rowe, Michael Graves, Emílio Ambasz e Susana Torre, entre outros³²⁰. A presença de Cabral de Mello no IAUS trouxe manifesta visibilidade à arquitectura portuguesa ainda que não tenha havido resultados concretos. Como exemplo ilustrativo desta afirmação é o facto de Eisenman ter proposto a Mello publicar o trabalho de Siza na revista *Oppositions*, editada pelo IAUS, mas por falta de disponibilidade de Siza, tal não chegou a concretizar-se³²¹. Se se tivesse concretizado as rotas da divulgação internacional da arquitectura portuguesa teriam sido as mesmas? Por outro lado, até que ponto este contacto precoce terá sensibilizado Frampton para a arquitectura portuguesa como veio a acontecer mais tarde?

³¹⁹ MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14 /12/2011.

³²⁰ Idem. Para um mais completo conhecimento da actividade deste Instituto consultar FRANK, Susan, IAUS, *the Institute for Architecture and Urban Studies: an insider's memoir*, Bloomington, Author House, 2010.

³²¹ MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14 /12/2011.

Anos antes, na década de 60, Siza poderia ter sido publicado na revista italiana *L'architettura*. *Cronache e storia* de Bruno Zevi.

Charters Monteiro, que como sabido estudou em Milão entre 1963 / 69, recolheu elementos junto do arquitecto português nas férias de Verão de 1964, a pedido de Portas, que por sua vez tinha sido contactado por Zevi³²². Portas terá conhecido Zevi numa viagem que fez a Itália em 1958³²³. No entanto, e na sequência de posições reaccionárias que Zevi tomou perante os estudantes de arquitectura, Charters recusou-se a concluir o trabalho, ficando a publicação sem efeito³²⁴.

Por outro lado, a simples frequência de estudantes portugueses em escolas de arquitectura internacionais não é inócua. Charters afirma que a sua presença e a do colega José Sousa Martins causava curiosidade entre os alunos italianos, os quais eram pouco conhecedores da arquitectura portuguesa³²⁵. Charters explica que teve como preocupação sempre que o âmbito das disciplinas o permitia, fazer trabalhos que dessem a conhecer a arquitectura portuguesa, para além de ter levado vários exemplares do Inquérito à Arquitectura Popular, que naquela data ainda não estava concluído em Itália³²⁶, tal como também não estava em Espanha, como afirmámos acima.

Outra relação importante que se prolongou no tempo foi a que Charters estabeleceu com Rossi, professor com quem realizou a tese final do curso. Charters começou a tradução do livro de Rossi, *A Arquitectura da Cidade*,

(1966), para português em 1970/71, o qual foi publicado em 1977³²⁷. O interesse de Rossi por Portugal traduziu-se em várias visitas, nomeadamente no 1º de Maio de 1974 e em 1978 numa viagem desde Sevilha pela costa até ao Rio Minho com Charters³²⁸. A fotografia dos palheiros de Mira que integra a Autobiografia Científica de Rossi, publicada em 1981, foi precisamente tirada nessa viagem por Charters³²⁹. Foi nessa viagem que Rossi desenhou uma proposta para um edifício em Setúbal³³⁰, o qual ficou conhecido por ‘Bacalhau’, e cujos desenhos estão no MoMA em Nova Iorque. Este edifício fazia parte de uma proposta desenhada pela equipa coordenada por Charters e Martins³³¹. Foi desenhado a várias mãos entre Milão, Lisboa, Zurique e Veneza, pelo Fabio Reinhart, Arduino Cantafora, Gianni Braghieri, Max Bosshard, Martins e o próprio Charters, estando os trabalhos concentrados no escritório de Rossi em Milão. Apesar de terem sido feitos desenhos de execução do edifício, este não chegou a ser construído.

Charters viu trabalhos seus serem publicados e expostos em Itália, nomeadamente o projecto para a Porta Ticinese em Milão que constituiu a sua tese de fim do curso³³². Este projecto foi publicado no número 7 da *Lotus International* de 1970, tendo-se juntado neste caso a publicação da Escola Superior de Serviço Social que consistia numa adaptação do claustro da Sapiência de Filipe Terzi na Faculdade de Psicologia de Coimbra. O projecto para a porta Ticinese foi

³²² MONTEIRO, Charters, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.

³²³ ALMEIDA, Maria Rita Pais Ramos Abreu, *A Emergência da Arquitectura portuguesa no Contexto Europeu no Pós-Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, com orientação de Madalena Cunha Matos*, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, Julho de 2004, p. 93. É de referir que a referência à arquitectura portuguesa numa publicação de Zevi veio a ocorrer na edição em Portugal da *História da Arquitectura Moderna* de Zevi. A edição portuguesa deste livro foi feita pela Arcádia em dois volumes, tendo o primeiro saído em 1970 e o segundo em 1973. No primeiro volume foi incluída uma introdução, datada de 1967; e no segundo volume foi publicado um capítulo dedicado à arquitectura em Portugal, ambos da autoria de Portas. PORTAS, Nuno, “prefácio”, in Bruno Zevi, *História da Arquitectura Moderna*, Lisboa, Arcádia, vol. I, 1970, p. 7 - 23. PORTAS, Nuno, “A evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação”, in Bruno Zevi, *História da Arquitectura Moderna*, Lisboa, Arcádia, vol. II, 1973, p. 687-745. Por último, é de acrescentar que a primeira edição do livro de Zevi saiu em 1950; e que por exemplo, na edição espanhola de 1980 não há qualquer texto de Portas sobre a arquitectura em Portugal. ZEVI, Bruno, *Historia de la Arquitectura Moderna*, Barcelona, Poseidon, 1980.

³²⁴ MONTEIRO, Charters, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.

³²⁵ Quanto a presenças estrangeiras, os estudantes italianos estavam habituados aos Gregos, como resultado dos pagamentos de dívidas de guerra de Itália para com a Grécia. Idem.

³²⁶ Entregou um dos exemplares do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal ao professor Alpagó - Novello oriundo do Tirol italiano que desenvolvia trabalhos similares. Idem.

³²⁷ A tradução do livro tardou por vários motivos, entre os quais o facto de Charters ter sido preso em 1972 durante dois anos, e depois os momentos agitados que se viveram no pós-revolução de 1974. Quando em 1975 / 76 a tradução estava concluída, a editora Cosmos de Manuel Rodrigues teve que atrasar a sua publicação por razões financeiras. Idem.

³²⁸ Rossi terá visitado pela primeira vez Portugal em 1965 / 66. Charters acredita que a Península ibérica teve um efeito muito importante em Rossi, como de uma pós-formação de aproximação ao real. Idem.

³²⁹ Idem. O livro a *Autobiografia Científica* de Rossi foi publicado originalmente em 1981 nos EUA pela MIT Press, tendo sido traduzido para Italiano só em 1990, depois de terem sido feitas traduções para várias línguas, nomeadamente para Japonês, em 1986.

³³⁰ Idem.

³³¹ A proposta da equipa coordenada por Charters foi desenhada sobre um plano de Fundo Fomento da Habitação e usou como base num fogo (T3, T4), desenvolvido conjuntamente pela divisão de Edifícios do LNEC e pelos serviços do Fundo Fomento da Habitação, concretamente por José Semide. Idem.

³³² Este projecto foi realizado no curso de Rossi, cujo assistente era Adriano Di Leo. O curso tinha o patrocínio do Centro Nazionale delle Ricerche – Roma (C.N.R.). Tratava-se da finalização de um projecto urbano para Milão, Porta Ticinese, intitulado *Milano - Porta Ticinese – Un progetto per la città*, 1969. Do seu grupo faziam parte: Anna Maria di Marco, Massimo Fortis, Emanuele Levi Montalcini, Paola Marzoli e Daniele Vitale.

ainda publicado no periódico *Rinascita* em 1970, no catálogo “Bibliografia di Architettura e Urbanistica” da Libreria La Città em 1971, no livro “Architettura Razionale” de 1973. O projecto para a Escola Superior de Serviço Social foi exposto na XV Trienal de Milão de 1973³³³.

Como referimos no capítulo Contextos, a exposição da secção de arquitectura comissariada por Rossi realizada na XV Trienal de Milão traduziu-se num gesto fundador do movimento que veio a ser internacionalmente conhecido como *Tendenza*, lançado por Rossi³³⁴. Foram expostos para além do referido projecto de Charters, projectos de arquitectos como Leon Krier, James Stirling, Leslie Martin, Gyuseppe e Alberto Samonà, Oswald Mathias Ungers, Robert Krier Peter Eisenman, Michael Graves, John Hejduk e Richard Meier entre outros³³⁵. Esta exposição terá sido reorganizada por Leon Krier sob a perspectiva urbanística e posteriormente apresentada em Londres em 1975 sob o título *Rational Architecture*³³⁶, mas não nos foi possível confirmar no decurso da presente dissertação se o projecto de Charters integrou esta reedição da exposição.

A 25 de Abril de 1974 dá-se em Portugal a Revolução dos Cravos com um alargado significado político e social, tornando-se num acontecimento que exponenciou o interesse internacional sobre o país e como corolário pela sua arquitectura. Uma situação que estava a ser seguida atentamente a nível internacional e que frequentemente alia o momento social de excepção à arquitectura, como testemunha a notícia saída em Janeiro de 1974, na revista inglesa *Building* com o título “N. Teotónio Pereira arrested in Portugal”³³⁷.

³³³ Todas as indicações das publicações foram obtidas junto de Charters, mas apesar dos esforços empreendidos não nos foi possível obter mais informações.

³³⁴ LOPES, Diogo Seixas, “Tendenza: the Sound of Confusion”, comunicação apresentada por Diogo Seixas Lopes no Colóquio Geschichte und Theorie im Architekturunterricht, Bibliothek Werner Oechslin, Novembro 2009; acedido em [http://barbaslopes.com/np4/32/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=140&fileName=TENDENZA.pdf](http://barbaslopes.com/np4/32/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=140&fileName=TENDENZA.pdf) a 18/11/2014.

³³⁵ FIGUEIRA, Jorge, *A periferia Perfeita. Pós- Modernidade na Arquitectura portuguesa, Anos 60 – Anos 80...*, 2009, p. 146; e em <http://web.mit.edu/4.163J/BOSTON%20SP%202011%20STUDIO/Urban%20Design%20Docs/03.%20Urban%20Design%20Reader/L.%20Krier%20Urban%20Components.pdf> acedido a 15/2/2014.

³³⁶ Ibidem.

³³⁷ “N. Teotónio Pereira arrested in Portugal”, *Building*, n. 6814(2), 1974, p. 31.

Portas continua a ter um papel relevante neste período³³⁸, encontrando-se no motor do desenvolvimento da arquitectura portuguesa, desta feita com predomínio para o papel de promotor da sua construção, no âmbito da sua actividade como Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, cargo que ocupa em 1974 até 1975.

A medida mais conhecida que implementou foram as conhecidas operações SAAL, Serviço Ambulatório de Apoio Local. Esta iniciativa era algo que se intuía no espírito do momento, sendo conhecidas acções similares de apoio à auto-construção na América Latina; ou mesmo em experiências como na Holanda, Dinamarca e Suécia onde associações cooperativas faziam a recuperação das casas sem objectivo de lucro, sendo muitas vezes integrada a mão-de-obra com objectivos economicistas, ou no Reino Unido, onde o Estado apoiou financeiramente obras de reparação e melhoria em habitações existentes³³⁹.

³³⁸ Encontrámos neste período um texto de Portas num dicionário editado em Espanha. Portas colaborou como correspondente português no *Diccionario Ilustrado de la Arquitectura Contemporánea* de Gerard Hatj sendo a terceira edição revista por Laureano Sabater de 1975. Neste dicionário surgem duas entradas sob os nomes “Portugal” e “Siza Vieira, Álvaro”. É de notar que tendo nós tido acesso à primeira e terceiras edições deste Dicionário, verificarmos que na primeira edição, datada de 1964, não existe nenhuma referência à arquitectura em Portugal. A segunda edição data de 1970. A entrada “Portugal” é assinada por Portas e a “Siza Vieira, Álvaro” por Andreu, ainda que o texto sobre Siza seja recortado de textos da autoria de Portas. Portas no artigo sobre “Portugal” faz uma breve resenha histórica da arquitectura recente em Portugal, realçando a geração que trabalhou na década de 50, Távora, Teotónio Pereira e Costa Cabral, e a geração seguinte, Siza, Pedro de Almeida e o seu próprio; à semelhança do que tinha feito no artigo “Arquitecturas Marginadas en Portugal”, citado anteriormente. O artigo é ilustrado por uma imagem do Bairro de Olivais Sul, da autoria de Costa Cabral e Portas. PORTAS, Nuno, “Portugal”, in Gerd Hatje (org.), Laureano Sabater (revisão 3ªed.), *Diccionario Ilustrado de la Arquitectura Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1975, p. 271, 272. No seu texto, Andreu depois de fazer uma brevíssima nota biográfica de Siza, refere as quatro casas em Matosinhos, a vivenda unifamiliar na Boavista, o restaurante Boa Nova em Matosinhos, casa unifamiliar na Maia, cooperativa do Lordelo, piscina de Leça em Matosinhos, e casa unifamiliar em Matosinhos, como elementos de apoio para análise do trabalho do arquitecto. ANDREU, Laureano Sabater, “Siza Vieira, Alvaro”, in ibidem, p. 295, 296. É de referir que a mesma editora original deste dicionário, a francesa Fernand Hazan, publicou outro dicionário que teve edições em Espanha, intitulado *Diccionario de arquitectos. De la Antigüedad a nuestros dias*, em 1981, que resultou do alargamento do período desde o renascimento europeu até à actualidade, para incluir áreas geográficas que no entender dos editores estão na vanguarda da arquitectura como a Espanha e a América Latina entre outras. Nesta edição foi feita uma breve referência a Siza, pelo que inferimos que é um arquitecto considerado pelos responsáveis do dicionário como de vanguarda. RIVERA, Pilar Cos i, “SIZA VIEIRA, Álvaro (Matosinhos (Portugal), 1933)”, *Diccionario de arquitectos. De la Antigüedad a nuestros dias*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1981, p. 386, 387. É de referir que esta trata-se da segunda edição em Espanha, tendo a primeira ocorrido em 1971.

³³⁹ Charters mencionou que a experiência na América Latina foi referida pelo arquitecto Luís Vassalo Rosa numa Assembleia Geral no Técnico em Maio de 1974, na qual Portas também participava. MONTEIRO, Charters, entrevista, Lisboa, 14/12/2011. MARCONI, Francesco,

Em Portugal vinham sendo desenvolvidas algumas iniciativas nesse sentido, nomeadamente as preconizadas pela Federação das Caixas de Previdência, entre outras³⁴⁰. Assim, o tema da habitação social interessava à Europa, por se debater com problemas de falta de habitação um pouco por todo o seu território.

Demonstraremos de seguida que nos anos imediatamente a seguir à Revolução dos Cravos, pelas circunstâncias esboçadas, a arquitectura nacional participa em eventos internacionais envolta no compromisso sócio-político que se vivia e debatia, sendo que a arquitectura de Siza assume um certo destaque e autonomia.

Um exemplo do que acabamos de afirmar é o número 2 da revista espanhola *Arquitecturas Bis* de 1974, no qual a referência à arquitectura portuguesa fica em segundo plano relativamente ao momento de excepção que se vivia.

Embora este número tenha sido editado em Julho de 1974, os três artigos que referem a realidade portuguesa publicados são escritos em Abril, Maio e Junho de 1974, muito em cima da revolução e por ela muito influenciados. O artigo “¿Spínola en Barcelona?” de Manuel Solá-Morales, publicado na primeira página, refere-se de facto à aprovação do Plano da Comarca de Barcelona, comparando o seu processo à nova situação política em Portugal³⁴¹. O artigo “Portugal e o seu futuro” de Juan António Solans é atravessado pelas questões políticas que em seu entender se colocam naquele momento de mudança política em Portugal, nomeadamente problemas relacionados com a demografia, a especulação imobiliária e o problema da falta de habitação³⁴². O artigo “Nuno Portas al Poder” consiste numa tradução para Espanhol de alguns parágrafos de uma entrevista a Portas realizada pelo jornal Lisboeta *O Século*, a 12 de Junho de 1974, enquanto Secretário de Estado da Habitação e do Urbanismo³⁴³. Antes da reprodução dos parágrafos escolhidos é feita uma biografia sintética de

Portas³⁴⁴, em tom elogioso. É afirmado que Portas era conhecido e respeitado em Espanha por ter assistido aos PPCC, ter participado no Curso e Conferências de Valência, San Sebastián e Sevilha, no Simpósio de Castelldefels em Barcelona e por ter mantido relações com profissionais espanhóis partilhando o interesse pelos últimos desenvolvimentos da disciplina³⁴⁵. É ainda acrescentado que finalmente as circunstâncias em Portugal mudaram, tornando-se propícias para que o conhecimento e o mérito de Portas sejam usados em favor do país, nomeadamente enquanto membro do governo³⁴⁶.

A *Arquitecturas Bis* era uma revista independente de qualquer estrutura institucional, editada pela La Gaya Ciência, dirigida por Rosa Regàs. Publicada entre 1974 e 1985 sem periodicidade regular devido à falta de recursos e de tempo dos seus redactores, teve na sua base uma iniciativa de arquitectos de Barcelona e de Madrid, sendo que em 1974 colaboravam os arquitectos Bohigas, Correa, Lluís-Domenèch, Moneo, Hélio Piñon, Solà-Morales e o referido filósofo Tomás Llorens³⁴⁷. A revista pretendia ser plural, um lugar de confronto de ideias, não ter uma linha definida, de que é demonstrativo habitualmente não ter editoriais³⁴⁸. É de referir que a revista *Arquitecturas Bis* mantinha relações com outras revistas congéneres no estrangeiro, como a *Oppositions* e a *Lotus*, plasmadas nos encontros que ocorreram entre estas revistas em Cadaqués em 1975 e em Nova Iorque em 1977³⁴⁹.

A recentemente alterada situação política em Portugal e as suas consequências sócio-disciplinares são também objecto de atenção do número 30 de Março / Abril de 1975, da revista espanhola *CAU: Construcción, Arquitectura, Urbanismo* editada pelo Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de Cataluña y Baleares.

Trajectórias, (em preparação).

³⁴⁰ Maria Tavares apresentou a tese de doutoramento à FAUP em Janeiro de 2015 sobre a actividade da Federação das Caixas de Previdência. Outros exemplos são a recuperação de habitações degradadas, nomeadamente as precursoras Brigadas de Estudos Locais, no Porto, no Barredo, liderada por Fernando Távora, ou em Lisboa, o Plano das Galinheiras por Maurício Vasconcelos e Bruno Soares, e em Chelas com a Prodac (Associação de Produtividade de Autoconstrução). DAVID, Brigitte “Le SAAL ou l’exception irrationnelle du système”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976, p.60.

³⁴¹ SOLÁ-MORALES, Manuel, “¿Spínola en Barcelona?”, *Arquitecturas Bis*, n. 2, 1974, p. 1, 10.

³⁴² SOLANS, Juan António, “Portugal e o seu futuro”, *ibidem*, p. 31.

³⁴³ “Nuno Portas al Poder”, *ibidem*, p. 31, 32.

³⁴⁴ *Ibidem*, p. 31.

³⁴⁵ *Ibidem*.

³⁴⁶ *Ibidem*.

³⁴⁷ Para informações mais detalhadas consultar CODDOU, Flávio, “La Génesis de Arquitecturas Bis”, in José Manuel Pozo, Héctor García-Diego Villarías, Izaskun Garcia (coord.), *Las revistas de arquitectura (1900-1975): crónicas, manifestos, propaganda*, Pamplona, T6 ediciones, 2012, p. 411-418. Llorens e a editora La Gaya Ciência foram por nós mencionados anteriormente a propósito do congresso de Castelldefels.

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 411, 414.

³⁴⁹ *Ibidem*, p. 415.

Esta revista foi publicada entre 1970 e 1984, sem uma periodicidade definida, com a preocupação dominante de debater questões relevantes para a classe profissional que representa e não tanto mostrar projectos de arquitectura. O facto de ser editada por uma associação profissional, dita de segunda, à qual não se lhe reconhecia uma capacidade de reflexão até então, permitia-lhe uma liberdade maior do que a que tinha a revista *Cuadernos de Arquitectura* editada pelo do Colégio de Arquitectos da Catalunha, mais centrada na produção dos escritórios de arquitectura, permitindo inclusivamente aos arquitectos escrever na *CAU* o que não escreviam na *Cuadernos*³⁵⁰. Apesar da direcção inicial, que na prática era exercida por Manuel Vázquez Montalbán, jornalista que referimos atrás pela seu artigo na revista *Triunfo* em 1970 sobre os PPCC, que marcou indelevelmente o carácter da revista se ter demitido em 1974, não ocorreram grandes alterações nos anos seguintes, pelo menos até 1977, ano em que novas mudanças na equipa de redacção restringiram a revista aos temas do Colégio³⁵¹.

A aproximação que é feita a Portugal neste número é bastante abrangente quanto aos aspectos que aborda, que incluem a política, a economia, a sociologia e a morfologia urbana, como revelam os títulos que compõem o dossier de aproximadamente oitenta páginas, designadamente: “Estructura y relaciones de producción”, “La herencia de Salazar. Sanidad”, “Construcciones clandestinas en la región de Lisboa”, “La operación Saal”, “Los movimientos sociales urbanos”, “Programa económico del gobierno” e o “Boletín del MFA”, entre outros³⁵².

Em todo o período de publicação desta revista, doze anos, houve duas referências à arquitectura em Portugal, o número que acabámos de referir e o número 36 de

1976, também ele atravessado por questões sócio-profissionais, de acordo aliás com a referida vocação da revista, através do artigo “Los arquitectos ante la sindicación en Portugal”³⁵³.

Chega até nós o testemunho da participação de Siza num seminário em Sevilha, Espanha, em 1975, no qual partilhou a sua experiência sobre o SAAL, perante uma sala cheia de estudantes. O texto da sua comunicação foi publicado em 1979 na edição número 3 da revista *Separata. Literatura, Arte y Pensamiento*³⁵⁴ [fig. A1.19]. É um depoimento atravessado por um tom poético que deixa como travo final a nostalgia pelo fim do programa SAAL, não acabando sem uma nota de esperança corporizada na referência aos cravos vermelhos.

Muitos anos mais tarde, em 1997, este texto é reeditado por Antonio Angelillo na editora italiana Skira, num livro com edição em italiano e em inglês³⁵⁵. Esta dupla edição é reveladora da extensão da audiência que a editora crê ter os textos do arquitecto português, bem como, neste caso particular, da pertinência deste testemunho escrito em 1979.

Ainda que sendo um acontecimento prosaico, é de assinalar a T-shirt do MFA com cravos desenhados que Bohigas vestia num congresso em San Sebastián pouco depois do 25 de Abril intitulado “Os Tempos do racionalismo”, onde também estavam presentes Rob Krier e Massimo Scolari, entre outros³⁵⁶.

³⁵³ TERRÉS, Juan Zamora, “Los arquitectos ante la sindicación en Portugal”, *CAU: Construcción, Arquitectura, Urbanismo*, n. 36, 1976, p.63 - 70. A avaliação da frequência da referência à arquitectura portuguesa na revista *CAU* foi feita através da consulta dos índices existentes no repositório digital dialnet, acedido em <https://dialnet.unirioja.es/> a 21/10/2012. Neste repositório estão em falta os números 26, 27, 28, 47, 48 e 49 da revista, os quais apesar dos esforços empreendidos não nos foi possível encontrar no período da presente dissertação.

³⁵⁴ O texto é ilustrado por fotografias, desenhos, esboços e desenhos rigorosos, das obras nos bairros de São Victor e da Senhora das Dores, acompanhados por legendas extensas e explicativas. SIZA, Álvaro, “1975. Memoria de Sevilla”, *Separata. Literatura, Arte y Pensamiento*, n.3, 1979, p. 28 – 39.

³⁵⁵ Neste livro que dá primazia à palavra escrita, o texto é acompanhado por um único desenho da autoria de Siza. ANGELILLO, Antonio, *Álvaro Siza. Writings on Architecture*, Milão, Skira, 1997, p. 166 – 169.

³⁵⁶ Este é um testemunho de Souto de Moura que ainda estudante, talvez do terceiro ano, se deslocou para assistir ao referido congresso com Adalberto Dias. FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno...*, 2011, p. 48; e MOURA, Eduardo Souto, “A cidade é funcional”, *Jornal de Notícias*, 30 de Janeiro de 1979 reproduzido em *Relatório de Estágio de Arquitectura de Eduardo Souto de Moura* (1981 – 1982), [policopiado], p.7 citado em FIGUEIRA, Jorge, *A periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitectura portuguesa, Anos 60 – Anos 80...*, 2009, p. 290.

³⁵⁰ VEJA, Célia Marín, “CAU. Disidencia desde la Arquitectura (1970 – 1974)”, in *Las revistas de arquitectura (1900 – 1975) crónicas, manifestos, propaganda. Actas Preliminares ...*, 2012, p. 671 – 678.

³⁵¹ Ibidem, p. 677, 678.

³⁵² “Portugal, Año Cero”, *CAU: Construcción, Arquitectura, Urbanismo*, n. 30, 1975, p. 29 – 44; ALMEIDA, Alves de, “Estructura y relaciones de producción”, *Ibidem*, p. 45 – 51; “La herencia de Salazar. Sanidad”, *Ibidem*, p. 52; e “La herencia de Salazar”, *Ibidem*, p. 66 – 68; SOARES, Luís Bruno de, “Estructura urbana de Lisboa”, *Ibidem*, p. 52 – 65; BARATA, Teresa, “Construcciones clandestinas en la región de Lisboa”, *Ibidem*, p. 69 – 80; TEIXIDOR, Carles, “La política de la vivienda”, *Ibidem*, p. 81 – 90; TEIXIDOR, Carles, “La operación Saal”, *Ibidem*, p. 91 – 100; FERREIRA, Vitor Matias, “Los movimientos sociales urbanos”, *Ibidem*, p. 101 – 106; “Comisión coordinadora de la inter-comisiones. Sobre la vivienda”, *Ibidem*, p. 107; “Programa económico del gobierno”, *Ibidem*, p. 108 – 110; “Boletín del MFA”, *Ibidem*, p. 111. Dos artigos com autoria identificada só dois são assinados por um autor estrangeiro, Carles Teixidor. Este número da revista conta com a participação dos autores portugueses Alves de Almeida, Luís Bruno Soares, Teresa Barata e Vitor Matias Ferreira.

Como referimos acima, a arquitectura de Siza encontra um espaço próprio de divulgação internacional no qual a atenção é dirigida especificamente ao seu trabalho. Temos notícia de uma exposição realizada na Dinamarca e a publicação de um artigo número 4 da revista *Arkitekten* de 1975 sobre Siza.

Apesar dos esforços empreendidos durante a presente dissertação não nos foi possível obter mais informações sobre a realização da exposição, nem confirmar a existência de uma segunda exposição em 1976 sobre Siza, da qual tivemos notícia. A escola de Arquitectura de Aarhus negou que tivesse tido lugar nas suas instalações mas também não conseguimos confirmar que tal tivesse ocorrido na Royal Danish Academy of Fine Arts, Escola de Arquitectura em Copenhaga, como nos foi sugerido³⁵⁷.

O artigo do número 4 da *Arkitekten* cujo título pode ser traduzido como “Siza – o arquitecto sobrevivente no Porto” é bastante breve e tem por objectivo dar notícia de uma exposição, à qual acrescenta uma também breve descrição do trabalho de Siza. A assinatura é feita pelas iniciais JB - FP. Anos mais tarde, em 1987, é publicado um outro artigo sobre arquitectura portuguesa na mesma revista *Arkitekten*, estando este assinado por Jorge Braga³⁵⁸, o que dada a coincidência das iniciais nos leva a deduzir que um dos autores poderá ser a mesma pessoa, portanto um português. Tentámos junto do actual director da revista, Martin Keiding, obter a confirmação desta hipótese bem como obter informações sobre a exposição, mas ele não nos soube informar. No artigo é referido que a exposição dará destaque ao trabalho do arquitecto português através de fotografias, esboços, desenhos rigorosos, fotografias de maquetas e da exibição de diapositivos. Acrescenta ainda que o catálogo contará com textos de Gregotti e Portas³⁵⁹.

A arquitectura portuguesa é referida numa série notavelmente concebida e produzida em Itália pela *Lotus International* (*Lt I*) dedicada ao tema da Casa.

Embora esta série não esteja tão directamente conotada com posturas políticas como os eventos ocorridos em Espanha que referimos acima, é possível perceber a influência de correntes filosóficas em sintonia com os tempos que se viviam. A série é constituída por um conjunto de três números, 8, 9 e 10, com início em 1974 e conclusão em 1975, sendo publicados habitação social em Portugal e o trabalho de Siza.

O número 8 de 1974 corresponde ao reaparecimento da revista após quatro anos sem qualquer edição. Surge com características diferentes: o nome passa de *Lotus*, que tinha começado a ser editada em 1963, a *Lotus International*, a periodicidade passa de anual a semestral até ao número 11 de 1976, e depois disso a trimestral, sendo mais frequente a sua edição também em inglês³⁶⁰. Bruno Alfieri era o editor dos primeiros números 8 e 9, e Pierluigi Nicolini era redactor em todos eles, sendo que no número 10 acumula com o cargo de editor. O número 8 também marca a entrada de um conselho executivo permanente³⁶¹ constituído por personalidades nacionais e internacionais, para além de vários colaboradores internacionais, como por exemplo Aulenti, Gregotti, Rykwert, Frampton e Huet, entre outros³⁶². Todas estas mudanças demonstram e imprimem à revista uma preocupação de acompanhamento da actualidade, inclusivamente internacional; o que é simultaneamente revelador da importância que a arquitectura portuguesa assume no panorama internacional por ser objecto de publicação numa revista que persegue estes objectivos.

No número 9 da *Lt I* são publicados projectos de Siza através de elementos gráficos: casa unifamiliar no Porto, conjunto de habitações em Caxinas e habitações económicas na Bouça³⁶³. No número 10, na sequência do artigo:

³⁶⁰ <http://www.editorialelotus.it/web/about.php> a 27/7/2012.

³⁶¹ Ibidem.

³⁶² O conselho era constituído por: Gae Aulenti, até 1990, Gregotti, até 1981, Christian Norberg-Schulz, até 1990, Lionello Puppi, até 1977 e Joseph Rykwert, até 1990. Oriol Bohigas e Kenneth Frampton juntaram-se a este conselho executivo em 1976 até 1990. Em 1982 passam a fazer parte Mario Botta, Francesco Dal Co, até 1990, e em 1984 Bernard Huet, até 1990, Werner Oechslin, até 1990 e Ignasi de Solà-Morales. Anthony Vidler também integrou este conselho desde 1985 até 1990. Ibidem.

³⁶³ “Álvaro Siza Vieira. Gruppo di abitazioni a Caxinas, 1970”, *Lotus International*, n. 9, 1975, p. 54, 55; “Álvaro Siza Vieira. Casa Unifamiliare a Oporto, 1967 – 70”, ibidem, p. 56, 57; “Álvaro Siza Vieira. Studio per abitazioni economiche a Oporto, 1974”, ibidem, p. 59, 60.

³⁵⁷ HAGELSKJAER, Anne, entrevista por correio electrónico, 3/12/2012. De facto, no artigo publicado na revista *Arkitekten* número 4 é feita referência a uma exposição que terá lugar de 26 de Maio a 16 de Junho, depreendemos que em 1975, o ano da publicação do número 4 da revista; não sendo feita qualquer referência a uma exposição no ano seguinte, o que nos tornou ainda mais difícil confirmar a ocorrência da mostra em 1976. B., J., “Siza - en overlevende arkitekt fra Oporto”, *Arkitekten*, n. 4, 1975, p. 144.

³⁵⁸ Apesar dos esforços empreendidos durante a investigação da presente dissertação não nos foi possível aceder a este documento.

³⁵⁹ Apesar dos esforços empreendidos não tivemos acesso a este documento no período da presente dissertação. O catálogo terá recebido o título “Álvaro Siza”.

“Il Portogallo dopo il 25 Aprile”, são apresentados o despacho ministerial que instaura as operações SAAL e os desenhos da operação SAAL em Setúbal, Forte Velho, e o plano de Urbanização da Moita³⁶⁴.

É de sublinhar a importância do facto da arquitectura portuguesa ser trazida para o editorial de ambos os números respectivos como exemplos ilustrativos das ideias que fundamentaram a publicação, uma vez que estes foram concebidos no âmbito de uma série informada e cuidada, tal como referimos.

No número 9, são editados entre outros Norberg-Schulz, Heidegger, Tafuri e Frampton; no número 10, são retratados edifícios de habitação e operações urbanísticas numa área alargada que vai desde Istambul, passando pela Escandinávia, Alemanha entre outros e onde repetem Frampton e Norberg-Schulz juntamente com outros nomes como Stirling, Mathias Ungers ou Aulenti. No editorial do número 9 é referida a existência de uma divisão na forma de abordar a casa, entre um obsessivo rigor geométrico e o entendimento do habitar como um fenómeno em si mesmo que interessa captar, que entendem estar patente tanto no texto de Norberg-Schulz, como na comparação implícita entre os projectos de Siza e de Rob Krier³⁶⁵. Dualismo este, por sua vez “*sacralizado de uma forma exemplar na oposição filosófica entre dois especiais devotos da arquitectura como Ludwig Wittgenstein e Martin Heidegger.*”³⁶⁶ No editorial do número 10 a arquitectura portuguesa é apontada como exemplo de saídas para uma nova política de habitação, na qual, no entender do autor, a Europa terá que se envolver no futuro próximo³⁶⁷. São mencionados a recuperação dos elementos tradicionais do urbanismo como a praça, a rua, o quarteirão, na urbanização da Moita, e o estabelecimento de uma política de habitação que procura soluções para as necessidades daqueles que estão ‘à margem’ socialmente³⁶⁸.

Assinalamos que a arquitectura portuguesa aparece como exemplificação de grandes narrativas da arquitectura internacional e não, como algumas vezes se pretende circunscrever, a uma narrativa que valoriza aspectos particulares dessa realidade maior, e que por se dedicar às margens servem-se do trabalho da arquitectura nacional para sua autolegitimação. Argumentamos que este é mais um fundamento para considerarmos a arquitectura portuguesa como um Epicentro Arquitectónico, tal como defendemos na presente dissertação e referimos no capítulo introdutório.

³⁶⁴ “Portugal alter 25th April”, *Lotus International*, n. 10, 1975, p. 34; “SAAL Operation at Setúbal – Forte Velho”, *ibidem*, p. 35, 36; “Diário do Governo, 6 Agosto 1974 – Dispatch”, *ibidem*, p. 37; “Development plan of Moita near Lisbon 1975”, *ibidem*, p. 38 - 42.

³⁶⁵ “Editorial”, *Lotus International*, n. 9, 1975, s/ p.

³⁶⁶ *Ibidem*.

³⁶⁷ “Editorial”, *Lotus International*, n. 10, 1975, s/ p.

³⁶⁸ *Ibidem*.

1.2.

O surgimento de um núcleo duro: 1976

Como referido no início deste capítulo e na sequência do quadro anteriormente traçado, o interesse consistente e persistente no tempo de autores internacionais pela arquitectura portuguesa, expresso mediante eventos específicos e concessão de espaço em eventos internacionais, começou no ano de 1976. Neste ano surgiram eventos com a participação de arquitectos portugueses em quatro países em simultâneo, pela primeira vez: Espanha, Itália, França e Alemanha. Designamos este grupo de países como núcleo duro, por ser o principal e permanente difusor da arquitectura portuguesa, ao qual se juntarão outros países. Passamos a detalhar cada um destes eventos.

Em linha com os eventos referidos na última parte do ponto 1 deste capítulo 1, é publicada uma referência à situação social em Portugal pós-revolução de 25 de Abril, desta feita relativamente aos problemas de habitação, no número 39 da revista espanhola *Jano Arquitectura* de 1976.

Este número é dedicado aos “Movimientos sociales urbanos”, sendo aberto por uma recolha de ideias junto de Manuel Castells³⁶⁹ e fechado por outro texto similar de recolha de opiniões de Henri Lefebvre³⁷⁰. A preocupação central deste número da revista reside nas condições em que vive a maior parte da população, sendo realizado por sociólogos que recolheram experiências e informação das situações em França, Reino Unido, Itália e Portugal. O editorial da revista afirma que se deve resgatar o papel decisivo dos arquitectos e urbanistas na resolução do problema da habitação. O texto sobre Portugal aborda as particularidades do processo político revolucionário e pós-revolucionário, a crise da habitação em Portugal, a exigência de habitação por parte do que designam como ‘massas’ e desenvolvimentos na resolução deste problema³⁷¹ [fig. A1. 20].

Na continuidade do que se passou nos anos imediatamente anteriores a 1976, por nós atrás analisado, embora agora com um enfoque marcadamente mais disciplinar, a arquitectura portuguesa foi chamada a participar em eventos internacionais na sequência do seu envolvimento directo nas circunstâncias sociais da época, referimo-nos obviamente às operações SAAL, mantendo-se igualmente um certo destaque e autonomia relativamente à arquitectura de Siza.

Em 1976, em Itália, Bruno Alfieri publicou na *Lotus International* (*Lt I*) e na *Casabella*, enquanto director de ambas, o trabalho de Siza no número 11 da *Lt I*, e as operações SAAL em um número de cada uma das revistas: no número 13 da *Lt I* [fig. A1. 21] e no número 419 da *Casabella*³⁷² [fig. A1. 22]. Porém, o trabalho de Siza também é publicado nestes dois números enquanto autor da intervenção em São Victor, intervenção que aliás domina o número 13 da *Lt I*.

Apesar do nome de Alfieri estar associado às duas revistas naquele momento, Chiara Baglione afirma no seu livro *Casabella 1928 – 2008*, que segundo a secretária da revista *Casabella* Myriam Tosoni³⁷³, Alfieri não teve qualquer papel na gestão da revista no tempo em que foi nomeado seu director, entre Maio de 1976 a Janeiro de 1977, tendo esse trabalho sido efectivamente realizado por Carlo Guenzi³⁷⁴. De resto, Baglione não dedica aos sete números editados nesse período qualquer reflexão. É de referir que Nicolín continuava a acumular os cargos de redactor e editor na *Lt I*. A nomeação de Alfieri como director da *Casabella* esteve relacionada com a mudança de propriedade da revista, a qual foi adquirida pela Industrie Grafiche Editoriali, com quem Alfieri colaborava e que em 1976 altera o nome para Gruppo Editoriale Electa³⁷⁵. Esta aquisição conduziu ao afastamento de Alessandro Mendini³⁷⁶ e a uma reestruturação editorial que

³⁷² “Competition for a restaurant at Pico do Arreiro, centre-west zone of the isle of Madeira, Álvaro Siza Vieira”, *Lotus International*, n. 11, 1976, p. 154 – 157; VIEIRA, Álvaro Siza, “L’isola proletária come elemento base del tessuto urbano”, *Lotus International*, n. 13, 1976, p. 80 – 93; e MARCONI, Francesco, “Portugal – Operação SAAL”, *Casabella*, n. 419, 1976, p. 2 – 21.

³⁷³ A senhora Myriam Tosoni ficará conhecida do público da revista *Casabella*, mais tarde, através da publicação no final de cada número, dos cartões postais a ela enviados por Jacques Gubler entre 1982 e 1995.

³⁷⁴ BAGLIONE, Chiara, *Casabella 1928-2008*, Milão, Arnoldo Mondadori Editore, Mondadori Electa Spa, 2008, p. 393.

³⁷⁵ Ibidem.

³⁷⁶ A revista *Casabella* foi fundada em 1928. Alessandro Mendini foi seu director entre Junho de 1970 a Maio de 1976; em <http://casabellaweb.eu/the-magazine/the-editors-i-direttori/> acedido a 7 de Janeiro de 2012.

³⁶⁹ DALMAU, Josep, “Manuel Castells: La interacción entre el Estado y los movimientos sociales urbanos”, *Jano Arquitectura*, n. 39, 1976, p. 21 – 24.

³⁷⁰ DALMAU, Josep, “Henri Lefebvre: La urbanización y el Estado”, ibidem, p. 59 – 76.

³⁷¹ CENTRE D’ESTUDIS D’URBANISME RICARD BOIX - JORDI BORJA, “Movimientos urbanos en Portugal”, ibidem, p. 47 – 58.

Alfieri afirma ter sido o objectivo do seu mandato³⁷⁷, tendo depois dado lugar à direcção de Tomás Maldonado³⁷⁸. De facto, quem tratou da publicação do artigo sobre a arquitectura portuguesa foi Guenzi, segundo testemunho de Francesco Marconi, o autor do dossier publicado na *Casabella*, que se encontrou com Guenzi em Milão para acordarem os termos da publicação³⁷⁹. Este é o primeiro artigo sobre a arquitectura portuguesa publicado na *Casabella* no período do nosso estudo, 1976-1988, e será o único até 1982, data em que Gregotti assume a sua direcção.

O trabalho de Siza publicado no número 11 da *Lt I* é um concurso para um restaurante no Pico do Arreiro na Ilha da Madeira.

De acordo com a estrutura deste número da revista a escolha do seu projecto é informada por uma questão teórica previamente enquadrada por um autor, à semelhança de por exemplo da apresentação de Oswald Mathias Ungers por Gregotti, Aldo Rossi por Vittorio Savi e Gino Valle por Francesco Dal Co³⁸⁰, sendo intercalado por textos de outros autores³⁸¹. O projecto de Siza forma um grupo com um trabalho de Gregotti Associati e dois de Mário Botta, sendo antecidos por um texto de Joseph Ryckwert intitulado “Learning from the street”³⁸². A publicação vai além da estrita apresentação do projecto e aprofunda

³⁷⁷ Alfieri citado por Chiara Baglione em BAGLIONE, Chiara, *Casabella 1928-2008...* 2008, p. 393.

³⁷⁸ A direcção da revista *Casabella* por Tomás Maldonado estender-se-á entre Janeiro de 1977 a Março de 1982.

³⁷⁹ MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.

³⁸⁰ Os restantes casos são: os irmãos Krier apresentados por Antoine Grumbach e Aldo Van Eyck por Pierluigi Nicolin. GREGOTTI, Vittorio, “Oswald Mathias Ungers”, *Lotus International*, n. 11, 1976, p.12; SAVI, Vittorio, “Aldo Rossi”, *ibidem*, p.42; GRUMBACH, Antoine, “The Krier Brothers”, *ibidem*, p.63; NICOLIN, Pierluigi, “Aldo Van Eyck – the web and the labyrinth”, *ibidem*, p.107, 108. Este texto é seguido de trabalhos da autoria de Aldo Van Eyck, um de Herman Hertzberger e outro de Piet Blom; e DAL CO, Francesco, “Gino Valle – the need for architecture”, *ibidem*, p.173, 174.

³⁸¹ Os autores são: Julius Posener, Mário Gandelsonas, Burghart Schmidt e Alfred Lorenzer. POSENER, Julius, “Critique of the criticism of functionalism”, *ibidem*, p. 5 – 11; GANDELSONAS, Mario, “Massimo Scolari – Theoretical landscapes”, *ibidem*, p.60 – 62; SCHMIDT, Burghart, “Functionalism and rationalism”, *ibidem*, p. 97; LORENZER, Alfred, “The pathos of functionalism”, *ibidem*, p. 102-106.

³⁸² De Gregotti Associati é publicada a Universidade de Calábria, de Mario Botta são publicados uma escola em Morbio Inferiore e uma casa unifamiliar em Ticino. “University of Calábria, sketches, Gregotti Associati”, *ibidem*, p. 146 – 154; “High School and secondary school at Morbio Inferiore, 1972, Mario Botta”, *ibidem*, p. 158 – 167; “One-family house, Riva San Vitale, Ticino,

o trabalho do arquitecto, na medida em que é apresentado o processo que está na base do projecto de concurso, o qual é documentado pelos inúmeros esboços produzidos acompanhados de legendas. Foram consideradas por Siza três hipóteses de implantação, sendo escolhida e desenvolvida até à fase de desenhos rigorosos de plantas e cortes, a que conforma uma ponte que une duas cotas altas e que possibilita um percurso na cobertura do restaurante.

Em nosso entender, trata-se de mais um exemplo, à semelhança da publicação por nós atrás referida do trabalho de Siza no número 9 da *Lt I* de 1975, em que o trabalho de Siza serve para ilustrar grandes narrativas da arquitectura internacional, constituindo mais um argumento para a arquitectura portuguesa se configurar como um Epicentro Arquitectónico, tal como argumentado no capítulo introdutório.

Como referido as operações SAAL são publicadas no número 13 da *Lt I* e no número 419 da *Casabella*.

No referido número da *Lt I* o objecto de atenção é a intervenção SAAL em São Victor, da autoria de uma equipa coordenada por Siza, sendo antecida por um texto que nos parece constituir uma carta de intenções da Brigada Técnica intitulada “Linee di azione dei tecnici in quanto tecnici”³⁸³. É de referir, por ser sintomático dos tempos que se viviam, que este texto termina com uma citação de Che Guevara: “A qualidade é o respeito pelo povo”³⁸⁴.

O dossier que abre o número 419 da revista *Casabella* tem o título “Portugal – Operação SAAL”³⁸⁵.

É constituído pela publicação de vários projectos SAAL no Porto, Coimbra e em Lisboa³⁸⁶. Como referimos acima o autor deste dossier é o arquitecto Francesco

1974, Mario Botta”, *ibidem*, p. 168 – 172; e RYKWERT, Joseph, “Learning from the street”, *ibidem*, p.137 – 145.

³⁸³ Esta intervenção subdivide-se em duas zonas: São Victor e Senhora das Dores, sendo documentada por textos descritivos, desenhos, esboços, fotografias. “Linee di azione dei tecnici in quanto tecnici”, *Lotus International*, n. 13, 1976, p. 87.

³⁸⁴ *Ibidem*.

³⁸⁵ MARCONI, Francesco, “Portugal – Operação SAAL”, *Casabella*, n. 419, 1976, p. 2 - 21.

³⁸⁶ Os projectos são documentados através de desenhos, fotografias e textos descritivos. São publicadas as seguintes intervenções: Massarelos, Miragaia, Leal, Lapa, Antas, São Victor, todos no Porto; Conchada em Coimbra; Quarteirão de Santo António e Torres, em Camarate, Lisboa; Quinta das Fonecas, Quinta da Calçada, Portugal Novo, Monte Coxo e Bacalhau também em Lisboa. *Ibidem*.

Marconi, que também é o autor do desenho do autocolante de uma Associação portuguesa de Moradores³⁸⁷ reproduzido na capa daquela revista.

Importa referir o contexto da publicação deste artigo bem como o percurso do arquitecto Marconi, por ter sido um dos arquitectos que visitou Portugal no contexto da revolução do 25 de Abril, tendo tomado a decisão singular de ficar no país a coordenar uma equipa das operações SAAL em Coimbra. Tal teve consequências directas na divulgação internacional da arquitectura portuguesa, como é desde logo o referido número 419 da *Casabella*.

A primeira visita de Marconi a Portugal tinha acontecido em 1972 numa viagem de férias, ainda enquanto estudante de arquitectura em Roma. Marconi disse-nos em entrevista que o ensino da arquitectura em Itália naquela época estava bastante politizado, estando a tónica colocada na vertente social da arquitectura, tanto pelos professores como pelos estudantes, tendo muitos destes participado nos movimentos sociais dos bairros das periferias de Roma, entre os quais se contava o próprio Marconi³⁸⁸. Quando estas polémicas se centravam mais próximo do campo disciplinar da arquitectura, a discussão balizava-se entre o alojamento das pessoas que viviam em condições precárias, em mega - edifícios em zonas vazias e periféricas das cidades, como são exemplo o complexo ZEN em Palermo de Gregotti ou o Corviale em Roma de Mário Fiorentino, e a sua manutenção nos bairros onde viviam³⁸⁹; posições informadas por teorias e lógicas opostas. Marconi sensibilizado por esta sua experiência bastante próxima das questões sociais, depois da referida visita a Portugal, manteve o interesse no país tendo sido informado pelos seus amigos do que se passava durante e depois de eclodir da Revolução de 25 de Abril³⁹⁰. Como ele próprio afirma: “*Portugal era então visto de modo algo romântico, no sentido de poder vir a consubstanciar os ideais da então designada esquerda.*”³⁹¹ Quando voltou a Portugal em 1975, dada a sua experiência em Itália, integrou uma equipa SAAL em Coimbra, na qual coordenou durante dois anos as associações de moradores de Fonte do Bispo,

³⁸⁷ MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.

³⁸⁸ MARCONI, Fancesco, *Trajectórias*, (em preparação).

³⁸⁹ Ibidem.

³⁹⁰ Ibidem.

³⁹¹ Ibidem.

Conchada, Portela, Quinta da Nora e Relvinha³⁹². Marconi reforça afirmando que estas actividades não se restringiam à resolução de questões técnicas mas, pelo ambiente cultural, político e social que se vivia em Portugal na época, acreditou que “*iria dar finalmente um contributo a uma revolução social através da prática da arquitectura*”³⁹³.

Numa das muitas viagens que fez a Roma, foi Franco Purini, com quem tinha colaborado naquela cidade, que bastante interessado na sua experiência no SAAL lhe sugeriu que escrevesse a sua história³⁹⁴. Segundo Marconi, Purini queria dizer que fosse registando todos os factos no momento da sua ocorrência, à semelhança de um ‘Diário de Bordo’, através do registo escrito, entrevistas, fotografias e filmes, o mais detalhadamente possível³⁹⁵. Movido por esta ideia, Marconi contactou Emilio Battisti, por saber que este arquitecto estava ligado à editora Fretinelli, o qual se mostrou desde logo interessado numa publicação sobre o SAAL³⁹⁶. Assim, em co-autoria com Paula de Oliveira foi publicado pela Fretinelli, em Itália, em 1977, o livro com o título *Politica e progetto: un’esperienza di base in Portogallo*³⁹⁷, reeditado posteriormente em Espanha em 1978³⁹⁸, que analisaremos posteriormente no decurso da presente dissertação.

Durante o tempo de preparação deste livro e com o objectivo de manter o interesse internacional pelo SAAL, Marconi tomou a iniciativa de perguntar a Purini, que era também na época colaborador da *Casabella*, se haveria interesse por parte daquela revista em publicar um artigo sobre o SAAL³⁹⁹. Purini fez a mediação que conduziu ao encontro referido acima entre Guenzi e Marconi em Milão, durante o qual Guenzi se mostrou bastante interessado pelo tema, tendo deixado à consideração de Marconi o conteúdo do artigo e o convite para fazer

³⁹² Ibidem.

³⁹³ Ibidem.

³⁹⁴ Ibidem.

³⁹⁵ MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.

³⁹⁶ Ibidem.

³⁹⁷ OLIVEIRA, Paula de, MARCONI, Francesco, *Politica e progetto: un’esperienza di base in Portogallo*, Milão, Feltrinelli Economica Editrice, 1977.

³⁹⁸ OLIVEIRA, Paula de, MARCONI, Francesco, *Política y proyecto: una experiencia de base en Portugal*, Barcelona, Gustavo Gili, 1978.

³⁹⁹ MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.

a capa da revista⁴⁰⁰. Como também referido acima, Marconi explicou-nos que optou por reproduzir um autocolante da associação de moradores de Relvinha - Coimbra, desenhado por si, que era usado como obtenção de receita através da sua venda, onde estava escrita a seguinte frase: “*A cultura popular incentiva a organizar*”⁴⁰¹. Porém, a frase que se encontra no autocolante reproduzido na capa do número 419 da *Casabella* é “*A casa do proletário não pode sair do seu salário*”.

Segundo Marconi o interesse internacional pelo SAAL residia no carácter sociológico - político da operação e não na arquitectura construída no âmbito daquela iniciativa⁴⁰². Marconi afirma que o interesse residia na “*politização da figura do arquitecto*” cujo papel em muitos casos ultrapassava o de técnico, em resposta aos movimentos dos moradores dos bairros degradados⁴⁰³.

Para além das publicações referidas em que Marconi esteve envolvido, como o artigo na *Casabella* 419 e o livro em co-autoria com Paula Oliveira publicado em Itália e em Espanha, envolveu-se também na organização de uma exposição sobre o SAAL. Marconi ao perceber o interesse que as universidades italianas tinham pela experiência SAAL naquela época, participou na organização de uma exposição itinerante por aquelas instituições. A exposição foi acompanhada por conferências, realizadas por Portas, Siza e Alves Costa que se deslocaram a Itália em conjunto com aquele propósito⁴⁰⁴ em 1977; evento que detalharemos no próximo capítulo.

Marconi dá testemunho de uma consequência da divulgação internacional do SAAL. Renzo Piano, que no final da década de 70 estava a concluir o Centro Pompidou em França, trabalhava num projecto-piloto de recuperação do centro histórico de Otranto em Itália, com o patrocínio da Unesco⁴⁰⁵. O objectivo consistia em fazer uso de tecnologias ligeiras e sobretudo trazer a população para a participação na recuperação do centro histórico onde residia e cuja intenção era que lá permanecesse. Piano, bastante interessado na experiência SAAL

⁴⁰⁰ Ibidem.

⁴⁰¹ Ibidem.

⁴⁰² Ibidem.

⁴⁰³ Ibidem.

⁴⁰⁴ MARCONI, Francesco, *Trajectórias*, (em preparação).

⁴⁰⁵ Ibidem.

em Portugal, contactou Marconi que naquela altura estava em Paris, por saber que este tinha trabalhado numa Brigada Técnica⁴⁰⁶. Assim, Marconi colaborou na definição de uma estratégia segundo a qual a participação da população se traduziria numa economia de custos da intervenção e, em simultâneo, na melhoria da mão-de-obra local, mais preparada tecnologicamente para operações de restauro⁴⁰⁷. Em Junho de 1979 foi realizado o projecto-piloto designado “O laboratório de Bairro” com o patrocínio da Unesco que segundo Marconi “*alterou o modo de perspectivar e recuperar os centros históricos*”⁴⁰⁸. Inclusivamente, no livro *Antico è bello: il recupero della città* de autoria de Renzo Piano, Magda Arduino e Mario Fazio, publicado em 1980 pela editora italiana Laterza, terá sido incluída uma referência à brigada SAAL de Coimbra⁴⁰⁹.

Como referimos a arquitectura de Siza continua a conquistar um espaço próprio de divulgação.

É disso exemplo o número 12 da revista espanhola *Arquitecturas Bis (AB)* de 1976, através de dois artigos que reflectem sobre o trabalho do arquitecto português da autoria de Moneo e de Bohigas. Estes artigos têm um carácter marcadamente disciplinar e por isso diferente dos primeiros artigos sobre arquitectura portuguesa publicados no número 2 da *AB*, por nós anteriormente referidos.

Moneo e Bohigas na altura eram arquitectos com vasta experiência editorial e ambos fundadores da revista *AB*, como referimos atrás. Moneo integrou conselhos de redacção de várias revistas, nomeadamente da *Arquitectura e Nueva Forma* em 1967, onde se manteve praticamente dois anos, coincidindo com o início da sua actividade docente em Madrid⁴¹⁰. Posteriormente, em 1974, quando já dava aulas em Barcelona há três anos, foi um dos fundadores da revista

⁴⁰⁶ Ibidem. Marconi trabalhou em Paris entre 1977 e 1982.

⁴⁰⁷ Ibidem.

⁴⁰⁸ MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.

⁴⁰⁹ Idem. De acordo com Marconi a referência é feita na página 120. Apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível encontrar a publicação referida.

⁴¹⁰ FERNÁNDEZ, Ángela Rodríguez, “La Revisión Crítica de la Arquitectura Moderna en Las Revistas Españolas. Los primeros artículos de Rafael Moneo y la conciencia de la superación de la ortodoxia moderna”, *Las revistas de arquitectura (1900 – 1975) crónicas, manifiestos, propaganda. Actas Preliminares*, Pamplona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra, 2012, p. 771.

*AB*⁴¹¹. Bohigas era um arquitecto com uma actividade bastante intensa, envolvido na organização dos PPCC, como vimos na primeira parte deste capítulo, na escrita de artigos em várias revistas como a *Destino*, *Arquitectura*, *Lotus*, *CAU*, *La Mosca* e *Serra D'Or*, tendo também nós referido na parte inicial deste capítulo um artigo de sua autoria na última revista, e pertenceu inclusivamente aos conselhos de redacção das últimas duas revistas, tornando-se num nome de referência do panorama cultural e da arquitectura espanhola, desde a década de 60 do século XX⁴¹².

O texto de Moneo intitulado “Arquitecturas en las Margenes” que abre o número 12 da *AB* é também um editorial que tem como objectivo explicar a razão da publicação no mesmo número dos trabalhos dos arquitectos Josep Maria Jujol e Siza⁴¹³. É de salientar a publicação deste editorial, pois a revista *AB* caracterizava-se precisamente pela não existência de editoriais, como sinal da vontade de estabelecer uma comunicação directa⁴¹⁴, como referimos na primeira parte deste capítulo. O texto de Bohigas intitulado “Álvaro Siza Vieira”⁴¹⁵ trata-se de uma reflexão sobre o percurso de Siza⁴¹⁶.

Este texto foi reeditado no mesmo ano, com pequenas alterações das quais daremos conta adiante no número 185 da revista *L'Ojd* e no livro *Once Arquitectos*⁴¹⁷, publicado pela mesma editora da revista *AB*, La Gaya Ciência. O livro *Once Arquitectos* é da autoria de Bohigas, no qual o texto sobre o arquitecto português é publicado tal como tinha sido no número 12 da revista *AB*⁴¹⁸. Este livro consiste na recolha de textos escritos por si, na sua maioria já publicados,

⁴¹¹ Ibidem, p. 772

⁴¹² CODDOU, Flávio, “La Génesis de Arquitecturas Bis”... p. 411 - 414.

⁴¹³ MONEO, Rafael, “Arquitecturas en las Margenes”, *Arquitecturas Bis*, n. 12, 1976, p.2 – 4.

⁴¹⁴ CODDOU, Flávio, “La Génesis de Arquitecturas Bis”...p. 414, 415.

⁴¹⁵ BOHIGAS, Oriol, “Álvaro Siza Vieira”, *Arquitecturas Bis*, n. 12, 1976, p.11 – 18.

⁴¹⁶ O texto é acompanhado de desenhos e imagens dos seguintes trabalhos: a piscina da Quinta da Conceição, piscina de Leça, casas no Porto e em Moledo do Minho, projecto para a Avenida Afonso Henriques, Agências Bancárias em Vila do Conde e em Oliveira de Azeméis, e grupo de habitações de Caxinas. Ibidem.

⁴¹⁷ BOHIGAS, Oriol, *Once Arquitectos*, Barcelona, La Gaya Ciencia, 1976, p. 207 – 226.

⁴¹⁸ As obras que ilustram este texto são as mesmas, com excepção relativa à omissão da piscina da Quinta da Conceição. Ibidem.

sobre onze arquitectos, colocando Siza junto dos nomes de: Lluís Domènech i Montaner, Vittorio Gregotti, Herman Hertzberger, Josep Maria Jujol, Ivan Leonidov, Vico Magistretti, Konstantin S. Melnikov, Josep Lluís Sert, Aldo van Eyck e Robert Venturi.

A coincidência do título, “Arquitecturas en las margenes”, do editorial assinado por Moneo com “Arquitecturas marginadas de la Peninsula Iberica” o número 49 da revista *Cuadernos Summa-Nueva Visión* de 1970, ou mais precisamente com o título do artigo de Portas publicado neste mesmo número da revista Argentina, “Arquitecturas marginadas en Portugal”, reforça o que temos vindo a demonstrar e que se trata da coincidência entre as interpretações pré-canónicas propaladas por Portas e as de alguns intermediários culturais internacionais, designadamente nos aspectos que envolvem a condição do trabalho de Siza estar ‘à margem’. Passamos a analisar este e outros aspectos do texto de Moneo.

Dada a especificidade de ser um editorial como afirmámos atrás, Moneo estabelece um paralelismo entre os percursos dos arquitectos Jujol e Siza, por ambos, em seu entender, se encontrarem no final de um período: o Modernismo e o Movimento Moderno, respectivamente⁴¹⁹. Moneo analisa como ambos “*vivem as fronteiras dos respectivos estilos*”⁴²⁰, reagindo de uma forma muito pessoal e própria a essa condição. Relativamente à arquitectura de Siza, Moneo atribui à “*vontade de não estilo [...] ao rigor que a qualidade dá*” os seus factores distintivos⁴²¹. Explica que ‘o não estilo’ advém do confronto de Siza com o real, sem quaisquer ferramentas definidas à priori⁴²².

Moneo cita o texto de Gregotti publicado no número 9 da revista *Controspazio*, por nós atrás referido, para reiterar a particular relação do arquitecto com o lugar, o que apesar do uso de diversas linguagens dá unidade ao seu variado trabalho⁴²³. Moneo afirma que Siza integra referências a Le Corbusier, Loos, Lloyd Wright e Aalto nas suas obras, e muitas vezes com sobreposições de referências diferentes numa mesma obra, demonstrando também que o Movimento Moderno afinal

⁴¹⁹ MONEO, Rafael, “Arquitecturas en las Margenes”, *Arquitecturas Bis*, n. 12, 1976, p.2 – 4.

⁴²⁰ Ibidem, p.2.

⁴²¹ Ibidem, p. 3.

⁴²² Ibidem.

⁴²³ Ibidem, p. 4.

ainda pode ser útil, sem prejudicar a integridade do seu trabalho⁴²⁴. De acordo com Moneo, estas referências são sempre usadas na medida da sua utilidade para a resolução do problema⁴²⁵ e não com um qualquer propósito retórico. Trata-se portanto daquilo que designámos como atitude exclusiva inclusiva, quando analisámos o texto de Portas publicado no número 9 da *Controspazio* de 1972, na primeira parte deste capítulo.

Moneo desenvolve a relação de Siza com o lugar, detalhando aquilo que designámos como atitude de confronto com o real, a propósito do texto de Gregotti no número 9 da revista *Controspazio*. Moneo afirma que Siza ao responder sempre ao essencial, ao concreto, faz uma arquitectura económica e dessa forma nos faz ver o próprio real que até à sua intervenção não conseguíamos vislumbrar⁴²⁶. No entanto, segundo Moneo, este real não se restringe ao lugar, pode também significar o programa, os meios de construção, ou outros temas⁴²⁷, que Siza coloca no centro da problemática a resolver dependendo do projecto. Moneo ao desenvolver a sua argumentação inverte a posição que habitualmente se atribui ao lugar na obra de Siza, e em vez de lhe atribuir a posição primordial, o ponto de partida do seu trabalho, coloca-o na posição final, afirmando que o seu trabalho acaba na criação de um lugar⁴²⁸. Assim, Moneo distende o conceito de real, pelo que acrescentamos a palavra alargado ao que passamos a designar como atitude de confronto com o real alargado.

Moneo termina o seu texto destacando a invulgaridade de Siza se preocupar com o particular e não com o genérico, o que até seria mais natural pela natureza do acto de construir; e questiona se Siza não terá que abandonar esta ‘criação de lugar’ e dedicar-se à arquitectura entendida enquanto modo de fazer genérico⁴²⁹. Esta formulação lembra questão a que Bohigas coloca no seu texto no mesmo número da revista sobre o que poderá implicar a provável mudança de escala na metodologia de Siza, que analisaremos de seguida.

⁴²⁴ Ibidem.

⁴²⁵ Ibidem.

⁴²⁶ Moneo ilustra esta afirmação com exemplos de duas obras: uma na periferia do Porto e o projecto da Avenida Afonso Henriques. Ibidem, p. 3,4.

⁴²⁷ Esta afirmação é ilustrada com a obra em Caxinas. Ibidem, p. 4.

⁴²⁸ Ibidem.

⁴²⁹ Ibidem.

Em suma, para além da evidente coincidência de título acima referida, podemos afirmar que Moneo aceita a condição de Siza estar à margem colocando a tónica no aspecto de estar à margem do seu tempo, que considera ser o fim do Movimento Moderno; portanto, tal como referido no texto de Gregotti, encontra-se naquela condição que designámos como à margem da cultura arquitectónica internacional. Quando Moneo refere, à semelhança de Portas, que Siza adopta uma atitude pessoal distintiva de outras e que usa várias linguagens, está a referir-se àquilo que apelidámos de atitude exclusiva inclusiva; e quando refere à semelhança de Gregotti, a particular relação de Siza com o lugar, aprofundando-a, está a referir-se àquilo que passamos a designar como uma atitude de confronto com o real alargado.

Bohigas no texto do referido número 12 da *AB*, intitulado “Álvaro Siza Vieira”, impregna de uma interpretação pessoal pontos analisados por Portas, Gregotti e Moneo.

Relativamente à escala da encomenda de Siza, tal como Portas, Bohigas refere a condição de estar à margem dos investidores e as consequências que esse facto tem na dimensão da encomenda⁴³⁰. Enquanto Portas referia que apesar disso, Siza continua a desenvolver a sua linguagem, Bohigas menciona a possibilidade de virem a existir alterações metodológicas⁴³¹. É aliás com uma observação sobre a ‘marginalidade’ do projecto de Caxinas relativamente “às grandes linhas de produção”, como são exemplos os edifícios do gabinete SOM, e à “capacidade de influência histórica” de um projecto modesto como o de Caxinas que conclui o texto, acabando por opinar que a sua atitude metodológica poderá ser circunstancial e que ao encarar novos programas, à escala urbana, poderá gerar outras metodologias⁴³². Situação que Bohigas antevê, por entender que o 25 de Abril marca uma mudança relativamente à escala dos trabalhos de Siza⁴³³; ponto em que se distancia dos intermediários culturais até agora mencionados. Bohigas dá como exemplo os dois projectos que o arquitecto se encontra a desenvolver no centro do Porto, na sequência da iniciativa de Portas que enquanto membro do governo deu início a projectos de readaptação formal e social urbana⁴³⁴.

⁴³⁰ BOHIGAS, Oriol, “Álvaro Siza Vieira”, *Arquitecturas Bis*, n. 12, 1976, p.13.

⁴³¹ Ibidem, p. 16.

⁴³² Ibidem.

⁴³³ Ibidem, p. 13.

⁴³⁴ Ibidem.

Tal como Gregotti e Moneo, Bohigas analisa a obra do arquitecto português como uma atitude inovadora na Europa, ainda que não seja caso isolado⁴³⁵, portanto, acrescentamos nós, coincide com aquilo que designámos como estar à margem da cultura arquitectónica internacional. À semelhança de Portas, Bohigas considera Alvar Aalto como a referência para o trabalho de Siza, assimilado de forma aprofundada, sendo de acordo com ambos, facilitado pelo facto de Aalto ser o arquitecto menos ‘ideológico’⁴³⁶ termo usado por Bohigas, ou menos ‘intelectual’, termo usado por Portas⁴³⁷, de entre os seus contemporâneos.

Bohigas concorda com Portas sobre a arquitectura de Siza partir do racionalismo⁴³⁸. Porém, relativamente àquilo que apelidámos de atitude exclusiva inclusiva por parte de Siza identificada por Portas e Moneo, Bohigas prefere antes afirmar que a linguagem racionalista é trabalhada por Siza de uma forma similar à do Maneirismo, salientando aquilo que designa como a “*artisticidade do artefacto arquitectónico*”⁴³⁹. Com base neste conceito, Bohigas estabelece uma comparação entre Siza e o trabalho de outros arquitectos, são eles Aldo Van Eyck, Hans Hollein e Aldo Rossi e distancia-o de alguns seguidores de Kahn que se apoiam numa atitude mais compositiva⁴⁴⁰.

Também em sintonia com Portas, Moneo e Gregotti, Bohigas atribui uma importância primordial à relação de Siza com o real sem que isso signifique qualquer mimetismo⁴⁴¹, coincidindo com aquilo que designámos como atitude exclusiva de confronto com o real. No entanto, Bohigas discorda em parte de Gregotti quando este compara a obra de Siza com a de Venturi, por entender que a linguagem situacional em Siza decorre de termos disciplinares e não através de uma “*decantação ideológica e inclusivamente literária*”⁴⁴², aliás argumento

⁴³⁵ Ibidem, p. 11.

⁴³⁶ Ibidem, p.11.

⁴³⁷ Ibidem p.11 e PORTAS, Nuno, “Note sul significato dell’architettura di Álvaro Siza nell’ambiente portoghese”, *Controspazio*, n. 9, 1972, p. 24.

⁴³⁸ Ibidem p.11 e PORTAS, Nuno, “Note sul significato dell’architettura di Álvaro Siza nell’ambiente portoghese”, ibidem, p. 24.

⁴³⁹ BOHIGAS, Oriol, “Álvaro Siza Vieira”, *Arquitecturas Bis*, n. 12, 1976, p.11.

⁴⁴⁰ Ibidem.

⁴⁴¹ Ibidem, p.12, 15, 16.

⁴⁴² Ibidem, p. 15.

avanzado pelo próprio Gregotti⁴⁴³. Mas Bohigas concede em reconhecer que ambos têm a mesma atitude que Bohigas classificou de maneirista, tal como referimos, “*na recomposição semântica e sintáctica de outras linguagens*”⁴⁴⁴.

Siza marca presença num evento organizado por Gregotti, uma exposição dedicada ao tema “Europa - America, Centro Storico – suburbio”, a qual teve lugar entre 31 de Julho e 10 de Outubro de 1976, no âmbito da Bienal de Veneza.

A disciplina da arquitectura na Bienal de Veneza ainda não tinha o protagonismo que tem actualmente. Gregotti foi o director da Secção de Artes Visuais da Bienal de Veneza entre 1975 e 1978 e foi nessas funções que organizou três exposições de arquitectura em 1976 e uma em 1978. Mais tarde, em 1979, a arquitectura ganha autonomia, sendo nesse ano nomeado como director daquela Secção Paolo Portoghesi, o qual organiza em 1980 a célebre referida exposição “La presenza del passato”, de que falaremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

Como dizíamos, a exposição contou com a participação de Siza, o qual integrou o grupo dos arquitectos europeus seleccionados como representativos da cultura arquitectónica do velho continente, em contraponto àquela expressa pelos arquitectos na América. Para além de Siza integraram a mostra pelo grupo europeu arquitectos como Carlo Aymonino, Giancarlo De Carlo, Joseph Martorell / Oriol Bohigas / David Mackay, Aldo Rossi, Alison e Peter Smithson e James Stirling, entre outros⁴⁴⁵. Entre os representantes seleccionados do lado Americano encontram-se arquitectos como Emílio Ambasz, Peter Eisenman, John Hedjuk, Richard Meier, Charles Moore, Robert Stern, Robert Venturi / John Rauch / Denise Scott Brown, entre outros⁴⁴⁶. Esta Bienal fomentou o encontro e troca de ideias, nomeadamente através de um debate de abertura entre a grande maioria dos participantes, reproduzido no catálogo sob o título “Quale Movimento Moderno”⁴⁴⁷. Segundo Siza, terá sido exibida outra referência à

⁴⁴³ GREGOTTI, Vittorio, “Architetture recenti di Álvaro Siza. Presentazione di Vittorio Gregotti”, *Controspazio*, n. 9, 1972, p. 23.

⁴⁴⁴ BOHIGAS, Oriol, “Álvaro Siza Vieira”, *Arquitecturas Bis*, n. 12, 1976, p.15.

⁴⁴⁵ Os restantes arquitectos europeus seleccionados foram: AUA, Hans Hollein, Lucien Kroll, Taller de Arquitectura Oswald Mathias Ungers e Aldo Van Eyck.

⁴⁴⁶ Os restantes arquitectos americanos seleccionados foram: Raimund Abraham, Craig Edward Hodgetts, César Pelli e Stanley Tigerman.

⁴⁴⁷ O debate realizou-se no dia 1 de Agosto de 1976 no Pallazo del Cinema, no Lido. Meier, Moore

arquitetura em Portugal, mas não feita por um arquitecto português, através da exposição do projecto vulgarmente conhecido como o ‘bacalhau’ de Rossi para Setúbal, por nós referido na primeira parte deste capítulo⁴⁴⁸.

Siza afirma ter conhecido Venturi nesta Bienal, mas por ele ser muito reservado conversaram pouco⁴⁴⁹. Siza reconhece que apesar de ter elogiado junto de Denise Scott-Brown o livro *Complexidade e Contradição* como sendo o livro de Venturi, lapso que ela imeditamente corrigiu acrescentando a sua autoria, ela conversou bastante⁴⁵⁰.

As expressões ‘centro histórico’ e ‘subúrbio’ escolhidas para a designação da Bienal eram evocativas da oposição entre a Europa e a América que se propunha levar a debate. Este foi o objectivo da Bienal e aquele que o catálogo editado em 1978 pretendeu transmitir⁴⁵¹. No entanto, este catálogo não reproduziu de uma forma completamente fiel a exposição, pois os materiais reproduzidos têm alguma diferença em relação aos expostos e inclui textos escritos propositadamente para o catálogo, nomeadamente o de abertura assinado por Gregotti⁴⁵². Por isso, afirma Franco Raggi, o seu responsável, assume-se como um catálogo crítico, cujo título lhe parece mais rigoroso que o da Bienal, uma vez que os arquitectos americanos elaboraram projectos imaginários enquanto que os europeus levaram projectos reais, sendo por isso designado como “Europa – América architetture urbane – alternative suburbane”.

No texto da autoria de Siza com que é iniciada a publicação dos seus trabalhos, o arquitecto afirma ter sido sua intenção expor os esboços como forma de documentação do trabalho de aproximação através do instrumento de desenho

e Pelli, embora tivessem trabalhos na exposição, não participaram no debate. “Quale Movimento Moderno”, in Franco Raggi, *Europa / América, Architetture urbane alternative suburbane*, Venezia, Edizioni “La Biennale di Venezia”, 1978, p 174 - 182.

⁴⁴⁸ FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno...* p. 41.

⁴⁴⁹ FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Modern...* p. 4, 41.

⁴⁵⁰ Ibidem.

⁴⁵¹ RAGGI, Franco, *Europa / América, Architetture urbane alternative suburbane*, Venezia, Edizioni “La Biennale di Venezia”, 1978.

⁴⁵² GREGOTTI, Vittorio, “Introduzione”, in Franco Raggi, *Europa / América, Architetture urbane alternative suburbane*, Venezia, Edizioni “La Biennale di Venezia”, 1978, p. 7.

à solução final, num processo lento e paciente⁴⁵³ [fig. A1.23]. De facto, os seus trabalhos são expostos através de uma profusão de esboços acompanhados de breves memórias descritivas⁴⁵⁴, à semelhança da publicação no número 11 da *Lt I* do mesmo ano atrás referida. O texto de Siza voltou a ser publicado em 1979 no número 22 da revista *Lotus International*⁴⁵⁵ e no catálogo da exposição *Álvaro Siza Architetto 1954-1979*⁴⁵⁶ que referiremos adiante.

No catálogo é reproduzido parte do referido debate de abertura sob o título “Quale Movimento Moderno”⁴⁵⁷. Na reprodução da intervenção de Siza, o arquitecto referiu o que explicou mais detalhadamente na entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978, que referiremos no próximo capítulo, sobre o seu método de trabalho não se ter alterado com a revolução de 25 de Abril de 1974, mas sim as circunstâncias. Segundo Siza, o seu trabalho estava enquadrado pela relação com o poder, que afirmou ter sido de indiferença, uma situação que Siza explicou não ser possível para De Carlo, tal como o próprio afirmou na intervenção que fez anteriormente quando se referiu a Siza, mas foi essa a circunstância de Siza que lhe deu espaço para desenvolver as suas pesquisas, deixando-o mais preparado para em face da alteração política ter uma maior capacidade de actuar e lidar com o poder⁴⁵⁸.

Siza, em conjunto com outros arquitectos portugueses, integra um evento internacional que ocorreu em Espanha, em Santiago de Compostela: o I Seminário Internacional de Arquitectura Contemporânea, (I SIAC)⁴⁵⁹, entre 27 de Setembro e 9 de Outubro. Teve como director Rossi, tendo sido editado um

⁴⁵³ “Álvaro Siza”, in ibidem, p. 56. No catálogo, os projectos de Siza apresentados são: a reestruturação da Marginal de Leça, o edifício na Avenida Afonso Henriques, no Porto, a filial de um banco em Vila do Conde, o conjunto de casa unifamiliares em Caxinas, o grupo de casas no Barredo e em S. Victor. Ibidem, p 56 - 61.

⁴⁵⁴ Ibidem.

⁴⁵⁵ VIEIRA, Álvaro Siza, “Il procedimento iniziale. Tre Opere.”, *Lotus International*, n. 22, 1979, p. 49.

⁴⁵⁶ VIEIRA, Álvaro Siza, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Álvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milão, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d'Arte Contemporânea di Milano, 1979, s/p.

⁴⁵⁷ “Quale Movimento Moderno”, in Franco Raggi, *Europa / América ...* p 174 - 182.

⁴⁵⁸ Ibidem, p 180, 181.

⁴⁵⁹ O I SIAC ocorreu entre 27 de Setembro e 9 de Outubro de 1976.

catálogo em 1977 intitulado “Proyecto y ciudad historica”⁴⁶⁰. Este foi o primeiro de vários seminários internacionais com uma periodicidade bienal que tinham a cidade como tema principal. O segundo aconteceu em Sevilha em 1978, depois do qual Charters realizou a viagem com Rossi pelo litoral de Portugal atrás referida; seguiram-se o de Barcelona em 1980, de Nápoles em 1982, e o último aconteceu na Suíça em 1984⁴⁶¹.

Charters, co-fundador destes seminários, afirma terem participado no I SIAC, o qual teve a duração de treze dias, à volta de quatrocentas pessoas, entre suíços, alemães, holandeses, franceses, britânicos, espanhóis obviamente e portugueses⁴⁶².

Neste seminário a cidade de Santiago de Compostela foi dividida em áreas de projecto, que serviram de base a propostas de trabalho elaboradas durante o workshop. Os grupos foram coordenados por Gianni Braghieri / Vittorio Savi, Yago Bonet / César Portela, Rafael Batar / Manuel Gallego, Salvador Tarragó / Carlos Martí e Bruno Reichlin / Fábio Reinhardt. Integravam o último grupo os portugueses: Eduardo Souto de Moura, Adalberto Dias, Maria Teresa Fonseca e Maria da Graça Nieto Guimarães.

Este workshop era informado por projecções de filmes e documentários, visitas a exposições e edifícios e conferências de vários arquitectos internacionais. Rossi abriu o Seminário com duas conferências e encerrou-o com uma avaliação final. Ao longo dos dias foram proferidas conferências por arquitectos como Bonet Correa, Daniele Vitale, B. Reichlin, F. Reinhardt, Mário Gandelsonas, Carlo Aymonino, Josef Kleihues, James Stirling e dos portugueses Siza e Charters, entre outros⁴⁶³. Siza proferiu uma conferência sobre o projecto da Avenida da Ponte e as experiências SAAL no Barredo e em S. Victor, ambas no Porto⁴⁶⁴.

⁴⁶⁰ TARRAGÓ, Salvador, BERAMENDI, Justo G., (org.), *Proyecto y ciudad historica*, Santiago de Compostela, Publicacións do Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1977.

⁴⁶¹ Segundo Charters Monterio, os Seminários em Nápoles e na Suíça já não tiveram a presença de Aldo Rossi. MONTEIRO, Charters, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.

⁴⁶² Ibidem.

⁴⁶³ As restantes conferências foram proferidas por: Fernández Longoria, Ruesga e Villanueva, V. Savi, Javier Unzueta, Consolascio, Bosshard, Concha Feler, S. Tarrago, Luís Peña Ganchegui, Oswald Mathias Ungers. Charters realizou a sua conferência em conjunto com Artur Pires Martins, José da Nóbrega e José Lopo Prata.

⁴⁶⁴ VIEIRA, Álvaro Siza, “Tres intervenciones en la ciudad de Oporto”, in Salvador Tarragó, Justo G. Beramendi, (org.), *Proyecto y ciudad historica*, Santiago de Compostela, Publicacións do

A conferência de Charters e do restante grupo centrou-se na cidade de Lisboa, relatando a sua história desde o séc. XII até ao período pós 25 de Abril, e as experiências do SAAL que ali tiveram lugar, fazendo a comparação com as outras que aconteceram no Porto e Algarve⁴⁶⁵. Estas conferências foram alvo de elogios, nomeadamente na conferência final de Rossi, salientando o envolvimento dos técnicos com as populações⁴⁶⁶.

Segundo Charters terá sido neste encontro em Santiago de Compostela que Rossi conheceu Siza, por seu intermédio⁴⁶⁷. No entanto, no mesmo ano, Rossi e Siza também se encontraram na Bienal de Veneza, que acabámos de referir, e dada a quase coincidência das datas não podemos confirmar aquela afirmação. Os encontros entre Siza e Rossi prolongar-se-ão ao longo do tempo, designadamente quando ambos deram aulas em Bogotá e nas reuniões de distribuição do trabalho para a construção na Giudecca, em Veneza, de acordo com o plano de Siza que tinha ganho o concurso⁴⁶⁸. É de mencionar de passagem que Siza atribui a sua vitória naquele concurso a Huet, o director da *L'Ojd*⁴⁶⁹. Como referido, este seminário movimentou muita gente e por isso proporcionou muitos encontros, nomeadamente o almoço de Siza com Stirling⁴⁷⁰. Souto de Moura menciona que Stern terá dado uma conferência no ISIAC⁴⁷¹, mas não encontramos o seu registo no catálogo. Também refere a presença de Távora e Fernandez no Congresso, os quais terão acompanhado Siza ao seminário⁴⁷².

É já conhecida a polémica que terá ocorrido entre galegos e alguns portugueses e os discípulos de Rossi, por os primeiros questionarem a corrente que já vinha ganhando consistência teórica e defensores, conhecida como *Tendenza*, por nós referida no capítulo Contextos. Siza afirma que aqueles alunos clamavam por

Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1977, p.85 - 101.

⁴⁶⁵ MONTEIRO, José Charters, NOBREGA, José da, PRATA, José Lopo, MARTINS, Artur Pires, “La ciudad de Lisboa”, in ibidem, p.147 - 164.

⁴⁶⁶ ROSSI, Aldo, “Comunicaciones leídas en la sesión de clausura”, in ibidem, p.293.

⁴⁶⁷ MONTEIRO, Charters, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.

⁴⁶⁸ FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno...*, p. 42.

⁴⁶⁹ Ibidem.

⁴⁷⁰ Ibidem.

⁴⁷¹ Ibidem, p. 49.

⁴⁷² Ibidem, p. 48.

participação popular, Souto de Moura explica que também se insurgiam contra o método, que implicava primeiro estudar a morfologia, de seguida a tipologia e depois fazer o projecto, e questionavam a importância atribuída às tipologias⁴⁷³. Nestes dois relatos a que tivemos acesso depreendemos que as questões levantadas parecem ter sido pertinentes e eram actuais. No entanto, os dois concordam que aquelas questões foram silenciadas com relativa facilidade pela inteligência de Rossi, como se tratasse de uma mera rebeldia de alunos, acabando por serem desvalorizadas pelos próprios protagonistas, como Souto de Moura⁴⁷⁴.

Evento marcante, com repercussões que se fizeram sentir por muitos anos, as quais identificaremos nos próximos capítulos, foi a publicação da arquitectura portuguesa no número 185 da revista francesa *L'Ojd*.

Como referimos anteriormente, a arquitectura portuguesa tinha sido publicada com alguma regularidade na *L'Ojd* entre 1958 e 1965, isto é no período anterior à direcção de Marc Émery (1968 - 1973). A *L'Ojd* foi fundada em 1930 por André Bloc que foi seu director até 1966. Quando Marc Émery criou uma revista própria, a *Métropolis*, de uma certa forma como contestação à situação de passividade que se vivia na *L'Ojd* naqueles tempos, alheada das grandes questões disciplinares internacionais⁴⁷⁵, a direcção da *L'Ojd* acabou por o expulsar do cargo⁴⁷⁶. Émery levou a decisão a tribunal, tendo a *L'Ojd* sido forçada a readmiti-lo como director⁴⁷⁷. Entretanto a direcção da *L'Ojd* foi assumida por Huet entre 1974 e 1977, uma figura que como referimos no capítulo Contextos lutava pela renovação da arquitectura em França. Huet encontrou no seu percurso pessoas que o inspiraram. Depois de se ter formado nas Beaux – Arts, viajou com bolsas para Milão onde encontrou Ernest Nathan Rogers e em seguida, para os EUA onde estudou com Louis Kahn⁴⁷⁸. Huet conheceu Hestnes Ferreira precisamente na Universidade da Pensilvânia, em 1963, quando ambos estudavam com Louis Kahn, tendo mantido contacto desde então⁴⁷⁹, até à morte de Huet.

⁴⁷³ Ibidem, p. 42, 48 e 49.

⁴⁷⁴ Ibidem.

⁴⁷⁵ DANTEC, Jean-Pierre Le, “La période Huet, une entreprise critique”, *L'Architecture d' Aujourd' Hui*, n. 272, 1990, p. 174, 176.

⁴⁷⁶ FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.

⁴⁷⁷ Idem.

⁴⁷⁸ “Fragments d'un entretien”, *L'Architecture d' Aujourd' Hui*, n. 272, 1990, p. 179.

⁴⁷⁹ FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.

Huet teve um papel preponderante na renovação do ensino Universitário da arquitectura em França, que ainda era dominado pelo ensino das Beaux - Arts, nomeadamente na fundação e desenvolvimento da Unité Pédagogique 8 (Up8). Os seus tempos na direcção da revista *L' Ojd* foram marcados pela continuação deste seu trabalho que começou pelo ensino e continuou pelo ataque aos interesses instalados, que no seu entender obstaculizavam uma prática enriquecedora da arquitectura em França⁴⁸⁰. De facto, várias pessoas ligadas à UP8 integraram a equipa editorial da *L'Ojd*⁴⁸¹. Huet pretendia dar continuidade ao espírito com que André Bloc tinha fundado a revista em 1930⁴⁸². A sua actividade editorial surpreendeu o meio da arquitectura francês levando a que a comissão editorial da revista se demitisse no Verão de 1975⁴⁸³, tendo Claude Parent, um dos primeiros demissionários, integrado a direcção da revista *L'Architecture Française*, juntamente com outros da comissão editorial, que se posicionou como oponente à revista *L'Ojd*⁴⁸⁴. Huet foi bastante crítico com as políticas do Estado e na sequência de uma crítica sua à Ordem dos Arquitectos, por entender que esta só defendia os interesses dos grandes escritórios de arquitectura, a *L'Ojd* foi alvo de um processo em tribunal que perdeu⁴⁸⁵. A actividade editorial de Huet também teve como consequência que seus os dias à frente da revista estivessem contados⁴⁸⁶.

Entretanto e enquanto director da revista, talvez por influência do seu percurso inicial, Huet imprime à *L'Ojd* um carácter internacional aproximando-a sobretudo de Itália, dando por exemplo espaço às teses de Rossi, Aymonino e estabelecendo uma relação com o Instituto de História da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Veneza dirigido por Tafuri, que era autor regular de artigos na revista⁴⁸⁷. Argumentamos que esta aproximação de Huet a Itália é coerente com o interesse que demonstrou pela arquitectura portuguesa.

⁴⁸⁰ Ibidem.

⁴⁸¹ LUCAN, Jacques, *Architecture en France (1940 – 2000): Histoires et Teories*, Paris, Le Moniteur, 2001, p. 245, 246.

⁴⁸² . Ibidem, p.245.

⁴⁸³ DANTEC, Jean-Pierre Le, “La période Huet, une entreprise critique”, *L'Architecture d' Aujourd' Hui*, n. 272, 1990, p. 178.

⁴⁸⁴ LUCAN, Jacques, *Architecture en France (1940 – 2000...* 2001, p. 245.

⁴⁸⁵ Ibidem.

⁴⁸⁶ DANTEC, Jean-Pierre Le, “La période Huet, une entreprise ... 1990, p. 178.

⁴⁸⁷ LUCAN, Jacques, *Architecture en France ...* 2001, p. 246.

Huet consagrou inteiramente o número 185 a Portugal, cujo dossier se intitulou “Portugal An II” [fig. A1. 24]. Hestnes afirma que este número foi a segunda tentativa de publicação por Huet de arquitectura portuguesa na *L’Ojd*⁴⁸⁸. Após o 25 de Abril de 1974 Huet ficou interessado em fazer uma publicação sobre a arquitectura que se fazia em Portugal, empreendimento que tentou levar a cabo no início do ano de 1975⁴⁸⁹. No entanto, o grupo económico proprietário da revista, o Groupe Expansion, que também publicava um periódico económico e estava ligado aos grupos financeiros, não o permitiu por não querer dar ênfase aos tempos do PREC que se viviam na altura em Portugal⁴⁹⁰. Argumentamos que a concretização desta intenção também poderá estar relacionada com a demissão em bloco da comissão editorial no Verão de 1975, por nós atrás referida.

De acordo com Hestnes, Huet achava importante publicar arquitectura portuguesa para trazer um novo impulso à arquitectura francesa que ele entendia estar em decadência, baseando-se na repetição de modelos⁴⁹¹. Esta ideia é expressa no editorial de Huet intitulado “Portugal An II”, onde refere a emergência de Portugal no plano internacional da arquitectura, que na sua opinião era até ali invisível⁴⁹². Entende que a Revolução dos Cravos chamou a atenção para o país e que o futuro passava pela experiência portuguesa⁴⁹³.

Quando efectivamente se avançou para a publicação, a estrutura do número foi discutida entre Huet e Hestnes⁴⁹⁴. Tinham basicamente três linhas de orientação geral para o dossier: dar um impulso à consagração de Siza, cuja divulgação estava em expansão; divulgar a arquitectura contemporânea e fazer uma retrospectiva da arquitectura do século XX. Hestnes propunha as pessoas para escreverem artigos e Huet emitia a sua opinião. A montagem do número foi um processo que levou algum tempo e que levou a vários encontros em Portugal e em Paris. Estes encontros incluíram as pessoas que colaboravam na revista e que eram na sua maioria alunos de Huet, para além de uma secretária geral da revista, que exercia antes de Huet ser o director e que permaneceu posteriormente.

⁴⁸⁸ DANTEC, Jean-Pierre Le, “La période Huet, une entreprise ... 1990, p. 178.

⁴⁸⁹ Ibidem.

⁴⁹⁰ Ibidem.

⁴⁹¹ Ibidem.

⁴⁹² HUET, Bernard, “Portugal An II”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

⁴⁹³ Ibidem.

⁴⁹⁴ FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.

Hestnes envolveu-se na organização e na produção do material. Explicou-nos em entrevista que a realização deste número foi bastante interessante porque fez convergir várias pessoas⁴⁹⁵. Lembra uma ida ao Porto com Manuel Vicente para entrevistar Távora com o objectivo de obter informação para um artigo que integra a revista⁴⁹⁶. Tal aconteceu por pura coincidência na noite em que o carro de Alves Costa foi alvo de uma bomba, tendo eles ouvido o estrondo⁴⁹⁷. No editorial, Huet deixa bem explícito o agradecimento a Hestnes e ao seu colaborador Manuel Miranda pela sua contribuição para a concretização do dossier⁴⁹⁸.

De acordo com a estrutura geral definida, o dossier é organizado cronologicamente. Um primeiro período que se estende de 1930 a 1940, um segundo, entre os anos de 1948 a 1961, um terceiro que decorre entre 1961 a 1974 e por fim, um último período que retrata a contemporaneidade. Cada um dos quatro capítulos que corresponde a um período abre com um texto de carácter teórico e de enquadramento geral da época, sendo seguido da apresentação de várias obras de arquitectos representativas do período, acompanhadas de sintéticas legendas de carácter interpretativo ou de enquadramento de cada uma das obras ou do autor e é encerrado pela apresentação do trabalho de um arquitecto ao qual atribuíram maior destaque no respectivo período.

O primeiro capítulo abre com um texto de José Augusto França intitulado “1939/1948: le fascisme pur et dur”⁴⁹⁹. O arquitecto destacado é Cassiano Branco cuja apresentação fica a cargo de Gomes da Silva, sendo publicados trabalhos de outros arquitectos como Carlos Ramos, Pardal Monteiro, Keil do Amaral, Viana de Lima a Arménio Losa entre outros⁵⁰⁰.

⁴⁹⁵ Idem.

⁴⁹⁶ Idem.

⁴⁹⁷ Idem.

⁴⁹⁸ HUET, Bernard, “Portugal An II”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

⁴⁹⁹ FRANÇA, José Augusto, “1939/1948: le fascisme pur et dur”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976, p. 2 - 4

⁵⁰⁰ Os projectos e obras de Cassiano Branco apresentados são: o teatro Éden, as obras de uma habitação, do Hotel Vitória, de quatro edifícios de habitação (dos quais um projecto não realizado), de um quiosque, o projecto de um abrigo no Rossio, do café Cristal em Lisboa, do Coliseu do Porto, do Plano da Costa da Caparica, do Portugal dos Pequeninos e da Cidade do Filme Português da autoria de Cassiano Branco. SILVA, Gomes da, “Cassiano Branco (1898/1970): l’exception et la règle”, *ibidem*, p. 8 – 14. Depois do artigo de enquadramento de França são publicados desenhos e fotografias de várias obras de vários arquitectos: do Teatro Éden de Cassiano Branco, do Pavilhão do Instituto de Oncologia de Carlos Ramos, da Escola dos Engenheiros de Pardal Monteiro, do

O segundo período é introduzido por um texto de Vicente com o título “1948 / 1961: espoirs déçus et remous culturels”, autor que também apresenta os trabalhos de Távora, o arquitecto destacado neste período⁵⁰¹. Outros arquitectos publicados são nomeadamente Januário Godinho, Cottinelli Telmo, Maurício de Vasconcelos, Formosinho Sanchez, Ruy d’ Athouguia, Teotónio Pereira, Costa Cabral, entre outros⁵⁰².

O terceiro período abre com um texto de Carlos Duarte designado “1961/1974: L’ouverture néo-capitaliste”⁵⁰³. Os arquitectos destacados são Teotónio Pereira, João Paciência e Vítor Figueiredo. Uma obra de Teotónio Pereira e Paciência é acompanhada de um texto da autoria de M. C. G. (Marie-Christine Gangneux); e o trabalho de Vítor Figueiredo é objecto de dois textos, um de Cabral de Mello e outro de Portas⁵⁰⁴. Os outros arquitectos publicados são nomeadamente Vasco Lobo, Chorão Ramalho, Santiago Pinto, Costa Cabral, Portas, Silva Gomes, Conceição Silva, entre outros⁵⁰⁵.

edifício na Avenida Casal Ribeiro de João Simões, da Igreja da N. S.ª de Fátima, de uma habitação e da sede da Ford em Lisboa de Pardal Monteiro, do Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Paris de Keil do Amaral, de uma casa no Porto de Viana de Lima, de um edifício de Arménio Losa, de um projecto de um estádio de Cristino da Silva e das escadarias da cidade universitária de Coimbra de Cottinelli Telmo

⁵⁰¹ VICENTE, Manuel, “1948 / 1961: espoirs déçus et remous culturels”, ibidem, p. 15, 16. As obras de Távora são acompanhadas de breves descrições críticas da autoria de Vicente: a casa junto ao mar, o mercado municipal de Vila da Feira, a Escola Primária do Cedro e o Convento de Gondomar. VICENTE, Manuel, “Fernando Távora, L’inquiétude d’un homme tranquille”, ibidem, p. 20, 21.

⁵⁰² As obras apresentadas dos outros arquitectos são: a Pousada no Cávado de Januário Godinho, a casa no Porto de Celestino Castro, a casa em Caxias e o projecto que ganhou um primeiro prémio do Concurso para um monumento a Henrique o Navegador de João Andresen, o Monumento a Henrique o Navegador de Cottinelli Telmo, uma casa em Lisboa e o lago no Parque do campo Grande de Keil do Amaral, os edifícios na Avenida Infante Santo de Alberto Pessoa, João Abel Manta e Hernâni Gandra, uma casa em Lisboa de Maurício de Vasconcelos, o Bairro das Estacas de Formosinho Sanchez e Ruy d’ Athouguia, a Escola no bairro de S. Miguel de Ruy d’ Athouguia, o bloco das Águas Livres de Teotónio Pereira e Costa Cabral, a casa em Ofir de Fernando Távora, o Plano dos Olivais Norte, o conjunto de edifícios de Braula Reis e João Matos e conjunto de edifícios de Teotónio Pereira, António Freitas, Pires Martins e Palma de Mello. Ibidem, p. 17-19.

⁵⁰³ DUARTE, Carlos, “1961/1974: L’ouverture néo-capitaliste”, ibidem, p. 22, 23.

⁵⁰⁴ M. C. G., “Nuno Teotónio Pereira et João Paciência: le retour à l’urbain”, ibidem, p. 27-29. MELLO, Duarte Cabral de, “Vítor Figueiredo: La misère du superflu”, ibidem, p.30; e PORTAS, Nuno, “A propôs du travail de Vítor Figueiredo”, ibidem, p.30.

⁵⁰⁵ Na sequência do texto de Carlos Duarte, à semelhança dos dois períodos anteriores, são apresentados desenhos ou fotografias de várias obras de arquitectos: edifícios de habitação da autoria de Croft de Moura, Justino Morais e Joaquim Cadima, de Vítor Figueiredo e Vasco Lobo, de Chorão Ramalho e Santiago Pinto, de Costa Cabral e Nuno Portas, de Silva Gomes, de José

O período que designámos como contemporaneidade divide-se em nosso entender em duas partes, uma primeira que caracteriza de uma forma geral a arquitectura realizada em Portugal, e uma segunda parte dedicada às consequências directas que a revolução do 25 de Abril teve na arquitectura em Portugal. A primeira parte é constituída por um texto de Gonçalo Byrne, pela apresentação do trabalho de alguns arquitectos, como Vicente, Hestnes, entre outros⁵⁰⁶ e ainda pelo destaque especial dado a Siza com textos de Huet, Gregotti e Bohigas.

A obra de Siza é apresentada através dos artigos de Huet, Gregotti e Bohigas. Huet faz uma pequena introdução e assina pequenos apontamentos críticos sobre cada um dos projectos de Siza publicados⁵⁰⁷. Os textos de Gregotti e Bohigas consistem na reedição, de textos por nós atrás analisados, tendo sofrido poucas alterações relativamente às suas primeiras versões, traduzindo-se maioritariamente em cortes de partes de texto⁵⁰⁸.

Pacheco, Raul Cerejeiro e Vicente Bravo, do Hotel do Mar em Sesimbra e do edifício de escritórios Castil de Conceição Silva, da Catedral de Bragança de Vassalo Rosa, Francisco Figueira e António Alfredo, da Fundação Gulbenkian de Alberto Pessoa, Ruy d’ Athouguia e Pedro Cid, do edifício de escritórios ‘Franjinhas’ de Teotónio Pereira, e de Marcelo Costa. Ibidem, p.24-26.

⁵⁰⁶ O texto de Byrne é acompanhado por desenhos dos projectos: um edifício de habitação em Lisboa de Byrne em co-autoria com Teotónio Pereira e Pedro Botelho, uma residência colectiva de Júlio de Saint-Maurice, e duas obras de Cabral de Mello, um projecto de umas caves vinícolas na Labrujeira e uma casa em Cascais em co-autoria com Margarida Sousa Lobo. BYRNE, Gonçalo, “Quelques prémices pour une architecture nouvelle”, ibidem, p.32, 33. Na sequência deste texto são apresentados os seguintes projectos através de desenhos e memórias descritivas: conjunto habitacional de Chelas de Byrne e António Reis Cabrita, conjunto habitacional de Telheiras de Manuel Vicente e Vicente Bravo, casa individual em Queijas de Hestnes Ferreira e Vicente Bravo, casa da juventude de Beja de Hestnes Ferreira e Manuel Miranda, e casa para crianças inadaptadas em Beja de Alberto Oliveira e Jorge Pinto.

⁵⁰⁷ Os projectos de Siza publicados são: edifício de escritórios na Av. Afonso Henriques no Porto, SAAL Bouça no Porto, galeria de arte no Porto, casa na Av. dos Combatentes no Porto, casa Beires na Póvoa, piscina Quinta da Conceição em Matosinhos, piscina de Leça da Palmeira, conjunto habitacional de Caxinas e as filiais de bancos em Vila do Conde, Lamego e Oliveira de Azeméis. HUET, Bernard, «La passion d’Alvaro Siza», ibidem, 1976, p.43.

⁵⁰⁸ GREGOTTI, Vittorio, «La passion d’Alvaro Siza, selon Vittorio Gregotti», ibidem, p.42; e BOHIGAS, Gregotti, «La passion d’Alvaro Siza, selon Oriol Bohigas», ibidem, p.43. O texto de Gregotti tinha sido publicado na *Controspazio* em 1972, por nós analisado na primeira parte deste capítulo e o texto de Bohigas tinha sido publicado na *Arquitecturas Bis* em Março de 1976 e no livro *Once Arquitectos* em 1976, como referido anteriormente. Nesta versão do artigo de Gregotti foram eliminadas essencialmente as descrições de exemplos que Gregotti invocou para esclarecer as suas ideias expostas; é o caso da Piscina de Leça, do banco de Oliveira de Azeméis, do banco de Vila do Conde, da piscina da Quinta da Conceição, tendo sido sintetizados alguns aspectos da descrição relativa ao edifício de escritórios da Av. Afonso Henriques e do Conjunto habitacional de Caxinas, mas sem que se verifique qualquer mudança de conteúdo. O texto de Bohigas também sofreu

A única diferença significativa que encontramos reside no facto de Bohigas, nesta versão, ser mais contundente quanto à sua discórdia em relação à opinião de Gregotti sobre o paralelo entre o trabalho de Venturi e Siza.

Na breve apresentação que Huet faz de Siza bem como nos breves textos que escreve sobre cada obra destaca-se novamente a condição de estar à margem⁵⁰⁹.

Huet confessa apropriar-se de um termo usado por Siza a respeito do projecto da casa Beires, que evoca esta condição de estar à margem, a palavra “alienação”⁵¹⁰. Huet estende o seu significado a uma tripla situação: “alienação política de Portugal do antigo regime, alienação social do arquitecto marginalizado por uma encomenda pequeno - burguesa, alienação cultural do artista moderno condenado à releitura inquieta das suas próprias fontes”⁵¹¹. Argumentamos que esta caracterização desenvolve aspectos daquilo que sintetizámos como Siza estar à margem do contexto cultural português dominante, a propósito da nossa análise do texto de Portas no número 49 da revista *Cuadernos Summa Nueva Visión* de 1970. Huet também refere o argumento de Siza estar à margem dos investidores, referindo-se às encomendas públicas do regime de Salazar, o que tem como consequência a pequena dimensão da sua obra⁵¹². Porém, um pouco à semelhança de Bohigas no texto do número 12 da revista *Arquitecturas Bis* de 1976, Huet entende que aquela condição à margem está prestes a mudar na situação pós 25 de Abril, pois Siza passa a dedicar-se à habitação social e aos problemas urbanos⁵¹³. Huet estabelece pontes entre o trabalho de Siza e de outros arquitectos

como Aldo Van Eyck, Venturi e Rossi⁵¹⁴; e identifica referências à arquitectura de Aalto, arquitectura popular portuguesa e à arquitectura Racionalista sob uma perspectiva crítica⁵¹⁵. Em suma, entendemos que a contribuição de Huet não representa um avanço relativamente às reflexões sobre a obra de Siza, por nós anteriormente analisadas.

Por último, como referido, é dada particular atenção às questões que se relacionam com a Revolução do 25 de Abril. Hestnes reflecte sob o tema “Le 25 Avril 1974 ... et les architectes” e o seu futuro⁵¹⁶. Brigitte David é autora de um profundo artigo sobre as operações SAAL, o qual é seguido da publicação de operações em Lisboa, Porto e Algarve⁵¹⁷. Por fim, o dossier encerra com um debate voltado para a discussão do futuro conduzido por Huet entre Teotónio Pereira, Filipe Lopes, Portas, Vicente, Byrne e Hestnes, publicado sob o título “S.A.A.L.: architectes, quel avenir?”⁵¹⁸. Este debate teve lugar em volta de uma mesa circular que ainda hoje existe no atelier de Hestnes em Lisboa⁵¹⁹.

⁵¹⁴ Huet identifica pontes entre o trabalho de Siza e de Aldo Van Eyck concretamente na remodelação da Galeria de Arte no Porto. HUET, Bernard, «Galerie d'art, Porto, 1972 / 75», ibidem, p.46. No texto de apresentação da casa Beires, Huet afirma que esta é uma “grande lição de arquitectura como aquelas que de tempos a tempos nos dão R. Venturi, A. Van Eyck ou A. Rossi.” Huet nota que a parede que envolve a casa, característica da arquitectura racionalista é partida por um pano de vidro e madeira, característico das construções portuguesas do século XIX. HUET, Bernard, «Maison Beires, Póvoa, 1973 / 75», ibidem, p.48.

⁵¹⁵ Huet encontra referências à obra de Aalto nomeadamente na piscina da Quinta da Conceição onde identifica igualmente relações com a arquitectura popular portuguesa. HUET, Bernard, «Piscine Quinta da Conceição, Matosinhos, 1958 / 65», ibidem, p.51. Huet reconhece referências à arquitectura racionalista na casa da Avenida dos Combatentes no Porto, e na sucursal do banco em Oliveira de Azeméis. Para Huet a casa na Avenida dos Combatentes constitui um ponto de viragem no percurso de Siza Vieira, que aqui “abandona a influência das obras da maturidade de Aalto e a inspiração popular, e retorna ao vocabulário severo da arquitectura racionalista de origem do movimento moderno. Mas este retorno é acompanhado de uma leitura ‘crítica’, manifesta através dos detalhes que ironizam poeticamente a situação espacial de referência.”. HUET, Bernard, «Maison Av. dos Combatentes, Porto, 1967 / 70», ibidem, p.47; e HUET, Bernard, «Succursale de banque, Oliveira de Azeméis, 1971 / 74», ibidem, p.56.

⁵¹⁶ FERREIRA, Raul Hestnes, “Le 25 Avril 1974 ... et les architectes”, ibidem, p.59.

⁵¹⁷ DAVID, Brigitte “Le SAAL ou l'exception irrationnelle du système”, ibidem, p60, 61. São publicadas as seguintes operações SAAL: Operação Bacalhau coordenada por Manuel Vicente, Operação Seixal – Pinhal das Areias por Júlio de Saint Maurice e Fernando Bagulho, Operação Fonsecas – Calçada, Lisboa por Hestnes Ferreira, Operação Antas, Porto por Pedro Ramalho, Operação São Victor, Porto por Siza, Operação Olhão, Algarve, por José Lopes da Costa e Operação Meia Praia, Algarve, por José Veloso e Luís Abreu.

⁵¹⁸ “S.A.A.L. architectes, quel avenir?”, ibidem, p78, 81.

⁵¹⁹ FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.

alguns cortes relativamente ao texto publicado na *Arquitecturas Bis*. Em geral foram suprimidas explicações ou exemplificações mais detalhadas sobre todos os temas mencionados, e o exemplo do conjunto habitacional de Caxinas.

⁵⁰⁹ Huet escreve breves apontamentos descritivos e críticos sobre cada uma das obras de Siza que publica na sequência do artigo “La passion d'Álvaro Siza”. As obras são: o edifício de escritórios na Av. Afonso Henriques no Porto, SAAL – Bouça, Porto, Galeria de Arte, Porto, Casa na Avenida dos Combatentes, no Porto, Casa Beires, na Póvoa, Piscina Quinta da Conceição, Piscina de Leça da Palmeira, Conjunto de Habitação em Caxinas, Vila do Conde, Banco em Vila do Conde, Banco em Lamego, Banco em Oliveira de Azeméis. HUET, Bernard, «La passion d'Alvaro Siza», *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 185, 1976, p.42 – 57.

⁵¹⁰ HUET, Bernard, «Maison Beires, Póvoa, 1973 / 75», ibidem, p. 48.

⁵¹¹ Ibidem.

⁵¹² HUET, Bernard, «La passion d'Alvaro Siza», ibidem, p.42.

⁵¹³ HUET, Bernard, «Maison Beires, Póvoa, 1973 / 75», ibidem, p.48.

O título do artigo de David, “Le SAAL ou l’exception irrationnelle du système”⁵²⁰, é desde logo claro quanto ao seu posicionamento político, o que é compreensível dada a conjuntura da época e o tema em questão: o sistema é o poder e suas extensões e a excepção o SAAL. Depois de retratar ‘o sistema’ que não resolvia as necessidades de habitação do país, David centra-se no SAAL⁵²¹. Interessa-nos reflectir na apreciação que David faz do SAAL.

David enumera algumas críticas que são apontadas ao SAAL, nomeadamente ser uma força opositora aos municípios, ser demasiado autónoma e descentralizada e de não poder resolver o problema da habitação⁵²². David sugere que tais críticas podem ter fontes ‘reaccionárias’ como meio para tentar restabelecer o sistema anterior e que o governo pode estar a usar o SAAL só como meio para acalmar a insatisfação do povo⁵²³. Continua, justificando que o SAAL nasceu da incapacidade dos municípios, que de facto praticamente nunca existiu planeamento em Portugal, que apesar da autonomia das equipas a sua actividade estimulou a legislação e que obviamente não se podia pedir ao SAAL a resolução de todos os problemas da sociedade portuguesa⁵²⁴.

David afirma que população e arquitectos ganharam bastante com o SAAL⁵²⁵. Uma das principais qualidades foi o facto da habitação se ter tornado num bem comum, defendido por um grupo no qual participam os principais interessados, agora colocados no centro das decisões que lhes diziam respeito⁵²⁶.

Por outro lado, os arquitectos aprenderam a adaptar as suas formas de trabalhar, tendo mesmo levado à discussão do ensino da arquitectura⁵²⁷. David deixa uma nota de esperança no final do artigo, acreditando no efeito contagiante que o SAAL poderá ter noutros processos, contribuindo assim para a construção de uma sociedade socialista⁵²⁸.

⁵²⁰ DAVID, Brigitte “Le SAAL ou l’exception irrationnelle du système”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976, p. 60, 61.

⁵²¹ Ibidem.

⁵²² Ibidem, p. 61.

⁵²³ Ibidem.

⁵²⁴ Ibidem.

⁵²⁵ Ibidem.

⁵²⁶ Ibidem.

⁵²⁷ Ibidem.

⁵²⁸ Ibidem.

Como afirmámos no capítulo introdutório, não podemos concordar com a afirmação de Bandeirinha sobre o destaque praticamente exclusivo dado ao SAAL neste número da *L’Oja*⁵²⁹, pois como ficou claro, apesar da profundidade com que este tema foi tratado e, concedemos, da sua extensão, a qual é equivalente em número de páginas às ocupadas pelo tema Siza, o SAAL representa uma parte do quarto período, dos quatro em que o número foi dividido, sendo que a profundidade imprimida é uma característica que se estende a todos os temas abordados neste número da revista.

Como descrito, a contribuição dos autores estrangeiros centrou-se na reflexão sobre o trabalho de Siza, através dos textos de Huet, Gregotti e Bohigas, sendo que os últimos dois são reedições, sobre as operações SAAL através do texto de David e sobre o trabalho de Teotónio Pereira e João Paciência por Gangneux. Na opinião de Hestnes Ferreira, ao contrário de David, Gangneux não entendeu o objectivo do texto o qual acabou por ser integrado como uma peça à parte da estrutura geral⁵³⁰. Nós entendemos que a excepcionalidade deste texto reside no facto de, apesar de estar inserido cronologicamente na estrutura geral, o seu conteúdo não corresponde ao pretendido por Hestnes, pois resume-se à descrição de uma obra e não ao enquadramento do gabinete de Teotónio Pereira e do grupo de pessoas que se moviam em torno daquele arquitecto, como era vontade de Hestnes⁵³¹, o que estaria mais próximo do carácter de apresentação e enquadramento dos restantes textos publicados sobre cada um dos arquitectos destacados em cada período. Por seu lado, David, que não é arquitecta, esteve muito tempo em Portugal e interessou-se bastante pelo SAAL⁵³². Alguns textos dos autores portugueses foram alvo de edição por parte da equipa de redacção da revista, que sem qualquer desrespeito, entendia dessa forma adequar melhor a escrita ao seu público⁵³³. O texto de Manuel Vicente, por exemplo, foi bastante reescrito, o que não o deixou nada satisfeito⁵³⁴.

Hestnes disse-nos em entrevista que o aparecimento deste número sobre arquitectura portuguesa deve-se a uma certa independência que Huet ainda

⁵²⁹ BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, p. 221.

⁵³⁰ FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.

⁵³¹ Ibidem.

⁵³² Ibidem.

⁵³³ Ibidem.

⁵³⁴ Ibidem.

mantinha naquela altura, relativamente às elites das revistas, as quais identifica nomeadamente com pessoas como Bohigas e Gregotti⁵³⁵. Segundo Hestnes, essa postura de Huet permitiu que fosse transmitida uma visão global da situação do país, caracterizada a arquitectura de décadas anteriores e publicados trabalhos de arquitectos portugueses que na altura eram desconhecidos, como por exemplo Távora e Cassiano Branco⁵³⁶. Em sua opinião, tal não teria acontecido em revistas com perfis editoriais mais preocupados com fenómenos de actualidade⁵³⁷.

Nas muitas viagens que Hestnes fez naqueles anos por razões profissionais, por trabalhar nas construções escolares, para participar em congressos e estudar a arquitectura de alguns países como França, Reino Unido, Suécia, Dinamarca, não encontrou nos arquitectos estrangeiros com quem contactou interesse sobre a arquitectura portuguesa, com excepção de alguns italianos⁵³⁸. Por outro lado, Hestnes disse-nos em entrevista que os arquitectos portugueses da altura não achavam ter importância suficiente para despertar o interesse internacional, como por exemplo Keil do Amaral ou Carlos Ramos, por contraste como os espanhóis, em particular os catalães que se associavam frequentemente a acontecimentos internacionais, com quem os portugueses também não estabeleciam contacto⁵³⁹. É interessante verificar nesta afirmação de Hestnes que o discurso do estar à margem está tão impregnado que é aplicado para além da esfera disciplinar, podendo ser em nosso entender neste caso contrariado pelos contactos internacionais que Ramos e Amaral tiveram durante a sua vida profissional, como referimos no capítulo Contextos.

Argumentamos que o número 185 de 1976 da *L'Ojd* contribuiu em grande medida para uma maior projecção da arquitectura portuguesa. Um exemplo do que acabamos de afirmar é testemunhado por Portas e Alves Costa que verificaram na viagem a Itália que o (re)conhecimento do trabalho de Siza ficou a dever-se em muito a esta publicação, frequentemente citada, apesar do arquitecto português já ter sido publicado em Espanha e Itália por revistas daqueles países⁵⁴⁰, como referimos. É realmente admirável a envergadura deste

⁵³⁵ Ibidem.

⁵³⁶ Ibidem.

⁵³⁷ Ibidem.

⁵³⁸ Ibidem.

⁵³⁹ Ibidem.

⁵⁴⁰ Ibidem.

dossier dedicado a Portugal, quer em extensão quer na profundidade com que os temas foram tratados. Podemos inclusivamente afirmar que o arquitecto que foi apresentado de forma mais ligeira foi Siza, precisamente o arquitecto que pretendiam dar mais destaque de entre todos os outros, uma vez que a publicação dos seus trabalhos foi acompanhada dos textos anteriormente já editados, os de Gregotti e de Bohigas, com a excepção dos textos de Huet, inéditos, mas que aparecem como secundários e de facto não têm nem dimensão nem conteúdo suficientes para ganhar outra importância.

Em Outubro de 1976 em Berlim, na Alemanha, teve lugar o evento “Stadtstruktur-Stadtgestalt” no Internationales Design Zentrum (IDZ) que contou com a participação de Siza, cujo catálogo foi editado em 1979 com o título *5 Architekten zeichnen für Berlin* coordenado por Martina Düttmann⁵⁴¹ [fig A1. 25]. Esta é para nós uma das acções iniciais que conduziram ao conhecido convite a Siza para trabalhar em Berlim, que levou à edificação em primeiro lugar do edifício vulgarmente conhecido como “Bonjour Tristesse”, na área de Kreuzberg. Neste processo, cujo início remonta mais precisamente a 1975, é justo destacar a relevância de François Burkhardt, que esteve na sua origem, tendo mais tarde sido reforçado por Brigitte Fleck. No entanto, Siza em entrevista altera a ordem do envolvimento destes dois protagonistas, mas que nós dificilmente conseguimos sustentar atendendo à cronologia dos factos que apresentamos de seguida⁵⁴².

O IDZ, Centro de Design de Berlim, abriu portas em 1970 como uma organização não lucrativa com o objectivo da promoção do design⁵⁴³. Burkhardt foi director do IDZ entre 1971 e 1984 e o responsável por aquela iniciativa ocorrida em 1976. De facto, esta iniciativa é a segunda, pois tinha tido lugar outra com as mesmas características, no ano anterior, em 1975, também da responsabilidade de Burkhardt e também com a participação de Siza⁵⁴⁴. O Senado da cidade de Berlim tinha encomendado ao IDZ a apresentação de soluções alternativas à

⁵⁴¹ *5 Architekten zeichnen für Berlin*, Berlim, Archibook Verlag, 1979. Encontrámos também registo da publicação de um artigo com o mesmo título do catálogo e a mesma autoria, supostamente no número 4 da revista *Werkstadt* de 1979, mas apesar dos esforços desenvolvidos não foi possível aceder ao documento.

⁵⁴² DIAS, Manuel Graça, FIGUEIRA, Jorge, “Álvaro Siza: de ‘arquitecto da participação’ a ‘arquitecto do branco’”, *Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, Da identidade da arquitectura portuguesa*, n. 22, 2013, p. 13.

⁵⁴³ <http://www.idz.de/en/sites/309.html> acedido a 27/6/2012.

⁵⁴⁴ BURKHARDT, François, entrevista por correio electrónico, 29/7/2012.

planificação oficial feita pela direcção das Construções do Senado da cidade⁵⁴⁵. Com esse objectivo, Burkhardt disse-nos em entrevista que idealizou e promoveu uma “‘semana de projecto’ em 1975 e outra em 1976, tendo sido a primeira sobre o tema da integração da arquitectura contemporânea na estrutura urbana de Berlim-Kreuzberg”, e a segunda sob a temática da habitação na área do Landwehrkanal, convidando vários arquitectos de forma a ter várias propostas diferentes para apresentar ao Senado⁵⁴⁶.

O catálogo atrás referido refere-se à segunda edição da semana de projecto e foi como dissemos coordenado por Martina Düttmann, a personalidade exterior ao evento escolhida para seguir o seu desenvolvimento⁵⁴⁷. Os cinco arquitectos mencionados neste catálogo e que participaram nesta semana de projecto são: Böhm, Gregotti, Smithson, Ungers e Siza.

Burkhardt disse-nos em entrevista ter escolhido Siza para participar em ambas as semanas de projecto por ter ficado “fascinado pela sua aproximação ao projecto de arquitectura” e ter decidido dar a conhecer o seu trabalho⁵⁴⁸. Foi Gregotti quem apresentou Siza a Burkhardt e simultaneamente fez despertar o seu interesse pela cultura portuguesa. Burkhardt confessou-nos em entrevista que desconhecia a arquitectura contemporânea portuguesa até àquela altura, aventando que a razão para esse desconhecimento na Alemanha talvez tenha que ver com o facto de depois de 1945, naquele país, se recusar a arquitectura que vinha dos países dominados por regimes totalitários, circunstância que só a Revolução dos Cravos em 1974 veio alterar⁵⁴⁹.

Burkhardt comentou-nos em entrevista que em conjunto com Gregotti e Bohigas pensaram em organizar uma primeira exposição dos trabalhos de Siza em Berlim, Milão e Barcelona, o que afirma ter acontecido em Berlim em 1976⁵⁵⁰. No entanto, num documento manuscrito por Siza que integra o catálogo de uma mostra que se realizou no Porto e em Lisboa em 1984, Siza refere que foi

⁵⁴⁵ Ibidem.

⁵⁴⁶ Ibidem.

⁵⁴⁷ Ibidem.

⁵⁴⁸ Ibidem.

⁵⁴⁹ Ibidem.

⁵⁵⁰ Ibidem.

realizada uma exposição no IDZ em 1979, a mesma que tinha sido elaborada para estar presente na inauguração do Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão naquele mesmo ano a convite de Gregotti⁵⁵¹. Não foi possível esclarecer durante a investigação da presente dissertação se de facto foram realizadas duas exposições em Berlim, uma em 1976 e outra em 1979, ou se só se concretizou uma, o que por uma questão de recursos nos parece ter sido o mais provável.

É de referir que Burkhardt publicou um artigo sobre Siza em 1979, na sequência de um congresso que teve lugar em Darmstadt, com a participação do arquitecto português⁵⁵². Burkhardt explicou-nos em entrevista que foi Lucius Burkhardt quem lhe encomendou o artigo, pois apesar de François não ter estado presente nesse congresso, Lucius sabia do seu conhecimento do trabalho de Siza e interesse pelo estudo do regionalismo⁵⁵³.

Quando Burkhardt se refere às qualidades da arquitectura de Siza integra-o como elemento do grupo da escola do Porto, o que para ele é sinónimo da actualidade em arquitectura na década de 70 e que identifica como uma “verdadeira identidade regional”⁵⁵⁴. Caracteriza a escola do Porto pela sua atitude comprometida com os mais desfavorecidos e abertura à participação da população no desenho das suas habitações que as publicações italianas deram a conhecer⁵⁵⁵. Aprofunda o sentido do regionalismo que refere a escola do Porto perseguir por oposição “ao kitsch turístico de outras regiões invadidas pelo turismo, mas também ao estilo do regime de Salazar [...], ou ainda a uma modernidade posta ao serviço da especulação financeira. A Escola do Porto procura na realidade uma identidade local fundada sobre novos valores, ao serviço da população local”⁵⁵⁶. Neste sentido, Burkhardt disse-nos em entrevista ter sido revelador um fim-de-semana

⁵⁵¹ VIEIRA, Álvaro Siza, in, Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorian Boasson, *Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal*, 1984.

⁵⁵² Registo encontrado mas apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível confirmar: BURKHARDT, François, “Álvaro Siza, Portugal: Bauen zwischen Tradition und Moderne”, in *Regionalismus im Bauen: Inspiration oder Imitation?*, Darmstadt, 1979.

⁵⁵³ Lucius Burkhardt, ao contrário do que o nome possa sugerir, não é familiar de François Burkhardt, são amigos. Lucius Burkhardt é actualmente o director do Deutscher Werkbund (DWB), uma associação alemã formada por arquitectos, designers e industriais. BURKHARDT, François, entrevista por correio electrónico, 29/7/2012.

⁵⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵⁵ Ibidem.

⁵⁵⁶ Ibidem.

que passou em Portugal em 1977 com Siza e Távora, durante o qual conheceu o Minho e a sua arquitectura tradicional, afirmando que esta viagem marcou o início da sua investigação sobre o regionalismo⁵⁵⁷. Sobre Siza em particular, não distingue as características do homem das do seu trabalho; sobretudo a sua atenção para com os outros, a melancolia, a honestidade e lealdade com que se relaciona. Achemos que a sua opinião fica bem explícita nesta sua frase: “*Siza é um arquitecto que dialoga com os seus parceiros, tal como com os lugares onde as suas obras se implantarão e com a sua história.*”⁵⁵⁸

Resultaram daquelas semanas em 1975 e em 1976 projectos para duas áreas de Berlim realizados por vários arquitectos. Os projectos de Siza vêm a ser publicados posteriormente em várias edições, nomeadamente em 1979, no Catálogo da Exposição realizada em Milão *Álvaro Siza Architetto 1954-1979*⁵⁵⁹, que analisaremos no próximo capítulo e que terá sido exibida no IDZ em 1979, como referimos atrás.

Importa assinalar, por constituir um acontecimento importante no percurso que levou Siza a construir a sua primeira obra fora do território nacional, o qual nos propusemos reconstituir e cujo início foi atrás identificado com a sua participação nas semanas do IDZ, o facto de ter sido nessa ocasião que os directores do Internationale Bau Ausstellung (IBA), Josef Paul Kleihues e Hardt-Walther Hämer, tomaram conhecimento e ficaram impressionados com o arquitecto português⁵⁶⁰.

Aliás, o próprio IBA, de acordo com a entrevista que Burkhardt nos deu, foi uma iniciativa que nasceu na sequência destas duas semanas de projecto levadas a cabo pelo IDZ, o que não nos é difícil acreditar dada a similitude das duas iniciativas e a sua ordem cronológica mas, por outro lado, não podemos esquecer que a sua tradição organizativa remonta à da Interbau 1957. Em 1979, Hämer foi convidado para participar na fundação da direcção do IBA Alt, enquanto que Kleihues foi designado como o responsável pelo IBA Neu⁵⁶¹. IBA Neu

⁵⁵⁷ Ibidem.

⁵⁵⁸ Ibidem.

⁵⁵⁹ “Berlino”, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), Álvaro Siza, architetto 1954-1979, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d’Arte Contemporanea di Milano, 1979, p. 24.

⁵⁶⁰ BURKHARDT, François, entrevista por correio electrónico, 29/7/2012.

⁵⁶¹ em http://www.stipo.info/Artikel/ReUrba_interview_Hardt_Walther_H%C3%A4mer acedido a 7/9/2012.

tinha como objecto as áreas residenciais novas a localizar em áreas ainda não construídas, e o IBA Alt tratou da renovação da cidade existente⁵⁶². Burkhardt lembra que a história da existência dos dois IBA(s) é pouco conhecida, tendo o dirigido por Hämer sido quase apagado pelo tempo, porque as redacções da imprensa escrita preferiram perpetuar e publicar os projectos dos arquitectos internacionais convidados por Kleihues, tais como OMA, Aldo Rossi, Peter Eisenman, Ungers, Krier ou Hans Hollein.

Hämer conhecia as características do trabalho de Siza com as cooperativas de habitação no Porto e queria proceder da mesma forma no Kreutzberg⁵⁶³. Entendemos que ambos se deparam com questões similares partilhando um entendimento comum sobre a sua resolução, recuperar o existente e trazerem a população para o centro do debate sobre as suas futuras habitações, sem vestígios de paternalismo. Segundo Burkhardt, o arquitecto português estudou profundamente a arquitectura de Berlim desde o século XIX, nomeadamente os Siedlungen de Bruno Taut, tornando-se no mais profundo conhecedor da arquitectura alemã de entre os arquitectos estrangeiros que trabalharam no IBA⁵⁶⁴. Em seu entender terá sido “*graças às qualidades humanas de Siza postas na obra de Kreutzberg*” que o arquitecto português foi o único daquele IBA a escapar ao silêncio da imprensa e a ser regularmente publicado⁵⁶⁵.

Como referimos atrás, sobre o percurso que levou Siza a construir a sua primeira obra no estrangeiro, entre os congressos do IDZ em 1975 e 1976 e a construção do edifício ‘Bonjour Tristesse’ em 1984, houve a intervenção decisiva de outra pessoa, Brigitte Fleck.

Fleck trabalhou entre 1971 e 1985 em dois departamentos do Senado de Berlim onde tinha como funções organizar concursos de arquitectura. Afirma que foi numa viagem de turismo a Portugal em 1977, que por casualidade se deparou com imagens das piscinas de Leça de Siza nas páginas da revista portuguesa *Arquitectura*, numa livraria de Lisboa⁵⁶⁶. De regresso à Alemanha tentou obter mais informações, o que não era fácil uma vez que a arquitectura portuguesa era totalmente desconhecida naquele país e naquela época, sendo talvez a única

⁵⁶² Ibidem.

⁵⁶³ BURKHARDT, François, entrevista por correio electrónico, 29/7/2012.

⁵⁶⁴ Ibidem.

⁵⁶⁵ Ibidem.

⁵⁶⁶ FLECK, Brigitte, entrevista por correio electrónico, 4/10/2012.

excepção Siza mas ainda assim num círculo bastante restrito⁵⁶⁷. Conseguiu saber mais sobre este tema no número 185 da revista francesa *L'Ojd* de 1976⁵⁶⁸, por nós atrás analisado. No ano seguinte, em 1978 voltou a Portugal com a intenção de conhecer Siza, mas a expectativa foi gorada, pois o arquitecto estava fora⁵⁶⁹. Entretanto aprendera Português e assim pode escrever a Siza⁵⁷⁰. Foi numa visita ao escritório do arquitecto em 1979 que se apercebeu de que este não tinha trabalho para além da Malagueira em Évora⁵⁷¹. Apesar de Fleck trabalhar para o Senado de Berlim e de existir uma certa rivalidade entre o seu departamento e o IBA, mantinha contactos com pessoas do IBA, a quem sugeriu que dirigissem um convite a Siza para participar num dos concursos que se estariam a iniciar⁵⁷². Lembra-se de usar como argumento a favor da sua intenção o catálogo da exposição ocorrida naquele ano de 1979 no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão⁵⁷³, por nós referida e que analisaremos no capítulo seguinte. Foi desta forma que Siza participou no concurso para uma piscina nos terrenos da antiga estação de Görlitz, ao qual se seguiu outro projecto para Fränkelufer, não tendo ambos sido construídos, mas conduziram à intervenção em Schlesisches Tor⁵⁷⁴, ao edifício conhecido como ‘Bonjour Tristess’ e posteriormente, entre 1985 e 1990, à construção da Creche e do Lar de idosos no mesmo bairro [fig. A1. 26 e A1. 27]. De acordo com Siza, foi Nicolín que o animou a voltar a concorrer após ter perdido o primeiro concurso⁵⁷⁵.

Pelo que acabamos de descrever parece-nos redutor que seja atribuída a exclusiva responsabilidade da primeira internacionalização da obra de Siza à sua anterior participação no SAAL, pois como vimos parte do interesse alargado pelo trabalho de Siza. Como tivemos oportunidade de referir, no capítulo Contextos,

⁵⁶⁷ Ibidem.

⁵⁶⁸ Ibidem.

⁵⁶⁹ Ibidem.

⁵⁷⁰ Ibidem.

⁵⁷¹ Ibidem.

⁵⁷² Ibidem. Uma das razões da rivalidade entre o departamento do Senado e o IBA talvez se deva ao facto de aparentemente desempenharem as mesmas funções, sendo que o IBA era financiado em 75% pelo Senado da cidade e em 25% pelo Governo nacional.

⁵⁷³ Ibidem.

⁵⁷⁴ Ibidem.

⁵⁷⁵ DIAS, Manuel Graça, FIGUEIRA, Jorge, “Álvaro Siza: de ‘arquitecto da participação’ ... p. 13.

entendemos exagerada a importância que Varela Gomes atribui ao SAAL na internacionalização da encomenda a Siza⁵⁷⁶, bem como a que o próprio Siza atribui, plasmada nas suas palavras “o primeiro convite para trabalhar fora do país está ligado ao, por cá, tão denegrido SAAL...”⁵⁷⁷. Aproximamo-nos mais da perspectiva de Alves Costa quando refere a propósito que: “A importância do SAAL foi imediatamente entendida pela crítica europeia. Álvaro Siza é chamado a Évora, a Berlim e a Haia, evidentemente pelo seu já reconhecido talento, mas, também, pela sua identificação com o SAAL.”⁵⁷⁸

O convite a Siza para trabalhar em Haia pode ser considerado a priori outro caso paradigmático da influência do SAAL. De acordo com o testemunho de Carlos Castanheira, que estava no escritório de Siza quando chegou a carta convite em Holandês, a qual ele traduziu, Adri Duivensteijn, o autor da carta, fazia referência a um encontro entre ele e Siza na Escola de Belas Artes do Porto⁵⁷⁹. Duivensteijn era então o mais jovem vereador da Holanda, com dezanove anos, e tinha-se deslocado a Portugal em 1984 para a comemoração dos dez anos da Revolução de 25 de Abril⁵⁸⁰. Na sua visita ao bairro de São Victor terá falado com um morador que o levou a conhecer o arquitecto do bairro, que estaria ali perto, na Faculdade das Belas Artes⁵⁸¹. Logo nesse encontro e depois de uma visita à Bouça, Duivensteijn fez o convite a Siza que aceitou embora tenha desvalorizado, mas que surpreendentemente acabou por concretizar-se⁵⁸². No

⁵⁷⁶ GOMES, Paulo Varela, “Arquitectura, os últimos vinte e cinco anos”, in Paulo Pereira (dir.), *História da Arte portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 1995, vol. 3, “Arquitectura portuguesa do século XX”, p. 565.

⁵⁷⁷ DIAS, Manuel Graça, FIGUEIRA, Jorge, “Álvaro Siza: de ‘arquitecto da participação’ ... p. 13.

⁵⁷⁸ COSTA, Alexandre Alves, “1974 – 1975. O SAAL e os Anos da Revolução”, in Annette Becker, Ana Tostões, Wilfried Wang (org.), *Arquitectura do Século XX. Portugal*, Munique, Prestel, Pelouro de Cultura e Tempos Livres / Departamento para a Ciência e Arte do Município de Frankfurt am Main, Deutsches Architektur-Museum, Portugal-Frankfurt 97, 1997, p. 66. Parte deste texto veio a ser republicado no *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1150, 29 de Outubro a 11 de Novembro de 2014, p. 12.

⁵⁷⁹ Castanheira estava na época a trabalhar na Holanda. Nas suas férias de Verão em 1984 veio ao escritório de Siza para dismantlar a exposição itinerante que tinha chegado da Holanda e percorrido Porto, Lisboa e Évora naquele ano, a qual analisaremos adiante. CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁵⁸⁰ Ibidem.

⁵⁸¹ Ibidem.

⁵⁸² Castanheira telefonou para a Holanda tendo ficado agendada a viagem de Siza. Nessa primeira viagem, Castanheira acabou por se tornar indispensável pelas suas capacidades de tradução, tendo

entanto, argumentamos ser apropriado perguntar se o trabalho de Siza não fosse continuamente divulgado, se praticamente uma década depois seria do conhecimento de um jovem vereador que pela sua idade não testemunhou aquela época num país distante do seu. Por outro lado, foi outro holandês Hans van Dijk, que escreveu no número 9 da *Wonen-Tabk* de 1983 que apesar do debate intenso que se vivia no seu país naquele momento sobre a participação da população nas soluções urbanísticas e de habitação, a integração daquelas opiniões por Siza no seu trabalho fazia parte do seu método, anterior ao SAAL e sem qualquer carga ideológica⁵⁸³, tema que aprofundaremos detalhadamente nos próximos capítulos.

Assim, entendemos que a experiência profissional específica de Siza relacionada com o SAAL contribuiu bastante para a concretização dos convites internacionais, mas como ficou claro, a qualidade geral do seu trabalho e o interesse de intermediários culturais nacionais e estrangeiros que divulgaram a sua obra tiveram uma contribuição decisiva; como tivemos oportunidade de avançar no artigo publicado em 2013, “Investigando a Internacionalização: as lições da primeira obra além - portas do mais mediático arquitecto português”⁵⁸⁴. De facto, argumentamos que mesmo quando o SAAL foi publicado internacionalmente, foi atribuída particular relevância à obra de Siza, como vimos na série da *Lt I* constituída pelos números 8, 9 e 10 na qual o trabalho de Siza foi publicado individualmente e em paralelo com a publicação do SAAL, no número 13 da *Lt I* no qual São Victor realizado pela equipa coordenada por Siza domina exclusivamente a publicação, tendo as restantes publicações sobre SAAL mais abrangentes incluído também operações SAAL em que Siza participou, como no número 419 da *Casabella* e no referido número 185 da *L'Ojd*.

Vem também sendo atribuído ao SAAL a razão da dimensão internacional da arquitectura portuguesa, por autores como Delfim Sardo, Nuno Grande, Pedro

acabado por ser contratado pelos Holandeses para cooperar com Siza, tendo-se desenvolvido desde então uma relação de grande cumplicidade entre ambos. Aquele foi o pontapé de saída para o desenvolvimento do seu trabalho naquele País, o qual consistiu primeiro num plano urbanístico para uma área onde existiam vários quarteirões degradados ocupados por habitação social e onde queriam realojar as pessoas, depois os projectos ‘Punkt en Komma’ para aquela área e mais tarde, as duas casas no Van der Vennepark. Ibidem.

⁵⁸³ VAN DIJK, Hans, “As vulneráveis transformações de Siza”, in Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorien Boasson, Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal, 1984, p. 10 - 13.

⁵⁸⁴ SILVA, Cristina Emília, FURTADO, Gonçalo, “Investigando a Internacionalização: as lições da primeira obra além - portas do mais mediático arquitecto português”, *BA Boletim dos Arquitectos*, n. 229, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2013, s/p.

Ramalho⁵⁸⁵. Decerto que aquele processo contribuiu para despertar ou aguçar o interesse de alguns estrangeiros, mas não podemos concordar com a grande importância que lhe é atribuída. Mas para avaliarmos da sua influência, façamos o exercício de admitir que o SAAL foi de facto determinante. Se assim fosse, a publicação internacional da arquitectura portuguesa teria acabado ao final de algum tempo, passada a novidade do processo, o que não se verificou de todo, verificando-se mesmo um aumento exponencial nos anos posteriores aos do impacto SAAL e com temas de interesse bastante diversos e já distantes daquele processo. Por outro lado, continuando a admitir a grande influência do SAAL no (re)conhecimento internacional da arquitectura portuguesa, como explicar que tenha sido o trabalho do arquitecto Siza o mais divulgado de entre todos os arquitectos que participaram no SAAL. Se o motivo fosse o SAAL pensamos que deveria ter havido uma divulgação equivalente do trabalho dos muitos arquitectos que participaram, mas tal não se verificou naquele momento, nem posteriormente. Este exercício leva-nos a concluir mais uma vez, que foi a qualidade de certa arquitectura portuguesa, o ‘momento X’ tal como Çeferin designa e explicámos no capítulo Contextos, a razão do interesse internacional, em particular a qualidade da arquitectura de Siza. Aliás, Portas, o arquitecto responsável pelo lançamento do SAAL enquanto secretário de Estado da Habitação e Urbanismo em 1974, sintetiza esta ideia afirmando que “*É que os melhores arquitectos portugueses estavam envolvidos no SAAL. (...) Na verdade, o que celebrou o SAAL internacionalmente foram os nomes de certos arquitectos, não dos clientes.*”⁵⁸⁶ Compreendemos que Siza, como arquitecto autor, atribua a factores exógenos a razão do reconhecimento internacional da sua arquitectura, mas como acabámos de expôr, nós não podemos continuar a veicular essa ideia.

⁵⁸⁵ Esta ideia vem expressa na capa de uma edição do *Jornal de Letras* a propósito da realização de uma exposição em Serralves e de um colóquio em Coimbra no final de 2014 para celebração dos quarenta anos do lançamento do SAAL. A ideia é repetida pelo seu director José Carlos de Vasconcelos no editorial, pelo curador da exposição Delfim Sardo no seu depoimento (p. 8), por Nuno Grande (p. 9), por Pedro Ramalho (p. 12) em *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1150, 29 de Outubro a 11 de Novembro de 2014.

⁵⁸⁶ NUNES, Maria Leonor, “Nuno Portas. Uma experiência mítica”, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1150, 29 de Outubro a 11 de Novembro de 2014, p. 10.

ANEXO 1

DOCUMENTOS ILUSTRATIVOS

1

Entre 1937 e 1976

Abaixo ilustram-se alguns eventos que destacamos relativamente à divulgação internacional da arquitectura portuguesa nos anos anteriores a 1976, designadamente: o pavilhão nacional na Feira Internacional de Osaka em 1970, a exposição itinerante *Contemporary Portuguese Architecture*, os livros *The New Architecture of Europe*, *World Architecture One*, a publicação do trabalho de Eduardo Anahory, de Ruy d' Athouguia, de Fernando Távora, a publicação do edifício da Fundação Calouste Gulbenkian, do Bairro das Estacas, a actividade de intermediários culturais como Nuno Portas, Oriol Bohigas, Vittorio Gregotti e Carlos Flores, números das revistas *Hogar y Arquitectura*, *Controspazio*, *Arquitecturas Bis*, e a participação de Siza no seminário em Sevilha de 1975.



Exposição itinerante *Contemporary Portuguese Architecture*

A1.1. SNI, SNA, *Contemporary Portuguese Architecture 1958*, Washington D. C., The Smithsonian Institution, 1958, capa



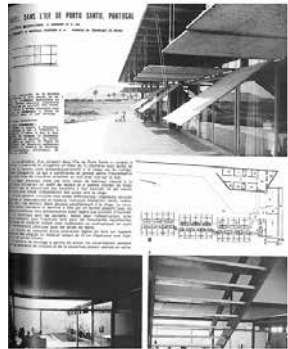
Livro *The New Architecture of Europe*

A1.2. SMITH, G. E. Kidder, *The New Architecture of Europe*, Norwich, Pelican Books, 1962, p. 284, 285



Pavilhão Português na Exposição Internacional de Osaka, 1970

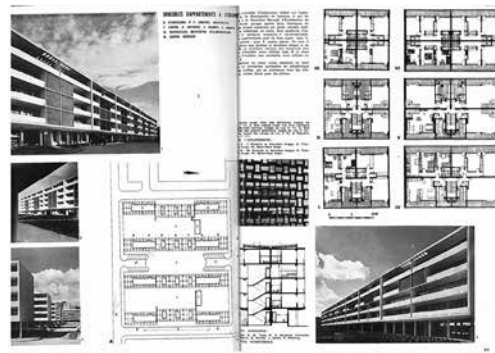
A1.3. Arquitectos Frederico George, Daciano da Costa e designer António Garcia. [arquivo: FONTOURA, Miguel, *Exposições Universais, Osaka 1970*, Lisboa, Expo 98, p. 56.]



Publicação de trabalhos de Eduardo Anahory

A1.4. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, n. 105, 1963, p. 69.

A1.5. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, n. 103, 1962, p. 11

Publicação da Fundação
Calouste Gulbenkian

A1.6. DU, n. 395, 1974, p. 3.



Publicação de trabalhos de Fernando Távora

A1.9. *L'Architecture*
d'Aujourd'Hui, n. 105, 1963, p. 69

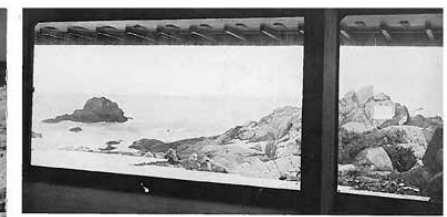
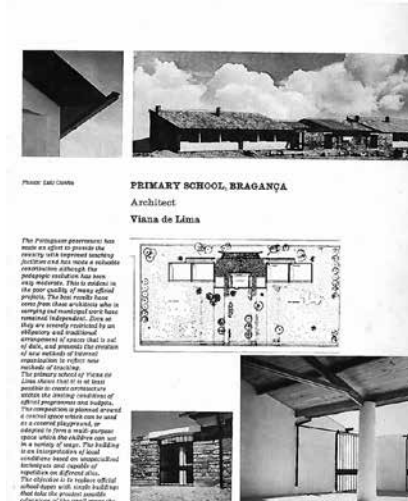
Publicação do Bairro das Estacas

A1.7. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 57, 1954, p. 82, 83.



Publicação de trabalhos de Ruy d' Athouguia

A1.8. WINKLER, Robert, *Das Haus des Architekten*,
Zurique, Verlag Gisberger, 1955, p. 174, 175.

Livro *World Architecture One*

A1.10. A1.11. e A1.12. DONAT, John (coord.), *World Architecture One*, Londres, Studio Books London, 1964, p. 87; p. 88 e p. 92, 93.

1975. Memoria de Sevilla

Alvaro Siza



Seminário em Sevilha, 1975

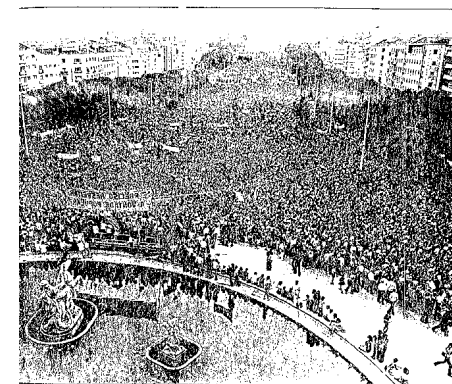
A1.27. *Separata. Literatura, Arte y Pensamiento*, n. 3, 1979, s/p.

Ano de 1976

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França e Alemanha.

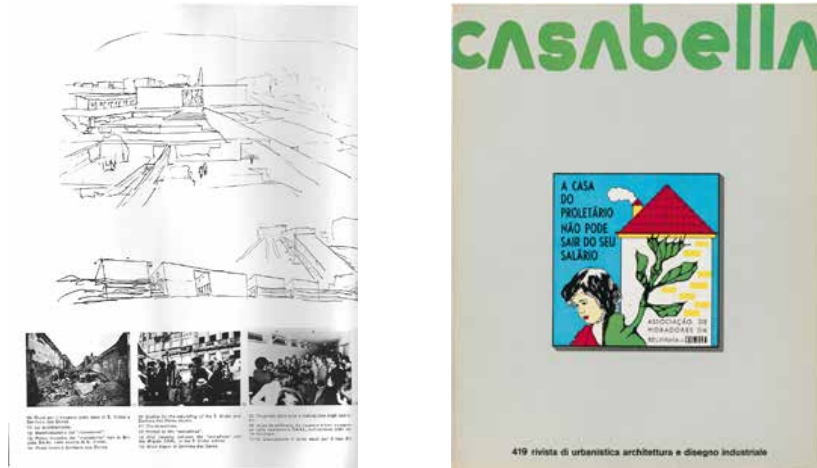
Em Espanha a arquitectura portuguesa figurou em cinco eventos. Foi publicada em quatro edições: no número 12 da *Arquitecturas Bis*, através do trabalho de Siza; no número 39 da *Jano*, através das condições de habitação da população portuguesa; no número 36 da *CAU, Construcción Arquitectura y Urbanismo*, através da situação sócio - profissional dos arquitectos portugueses; e no livro *Once Arquitectos*, através do trabalho de Siza. Siza participou no *I Seminário Internacional de Arquitectura* em Santiago de Compostela.

Movimientos urbanos en Portugal



A1.20. *Jano*, n. 39, 1988, p. 47

Em Itália a arquitectura portuguesa figurou em quatro eventos. Foi publicada em três edições: em dois números, 11 e 13, da revista *Lotus International*, através do trabalho de Siza; e no número 419 da *Casabella*, através do SAAL. O trabalho de Siza integrou a exposição *Europa – América, Centro Storico – suburbio* na Bienal de Veneza.

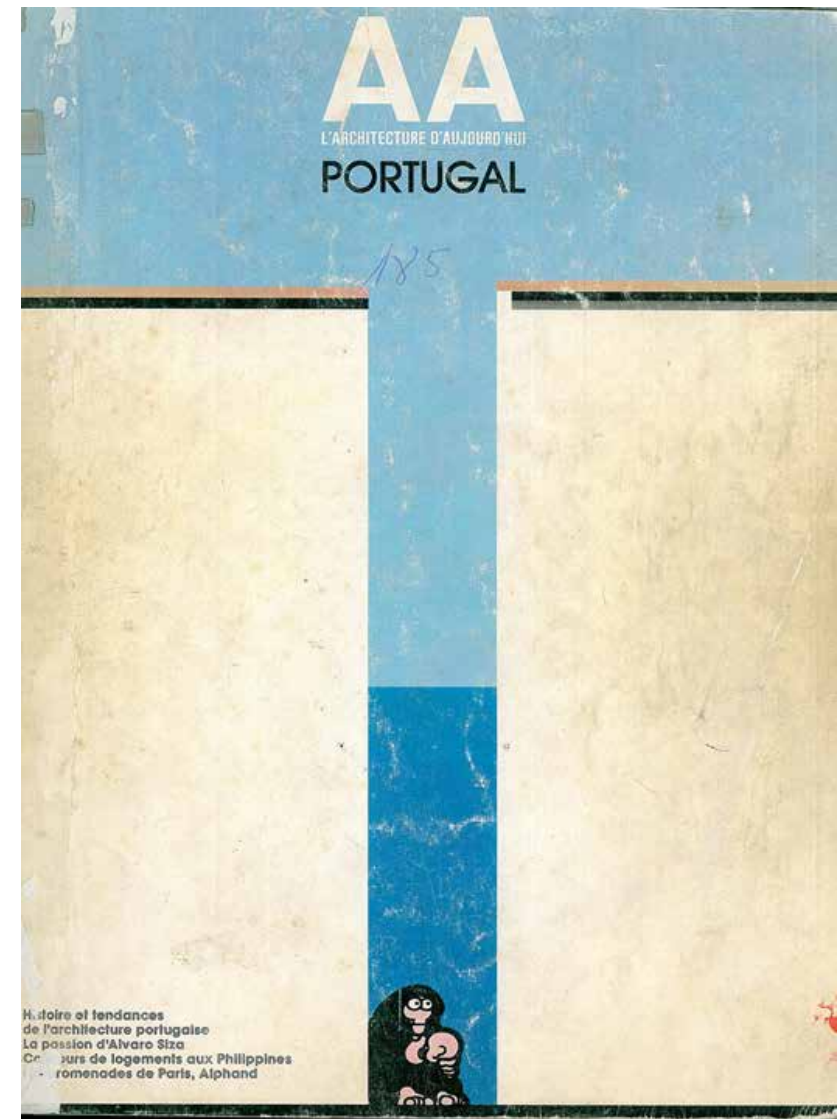


A1.21. *Lotus International*, n. 13, 1976, p. 82. A1.22. *Casabella*, n. 419, 1976, p. capa.



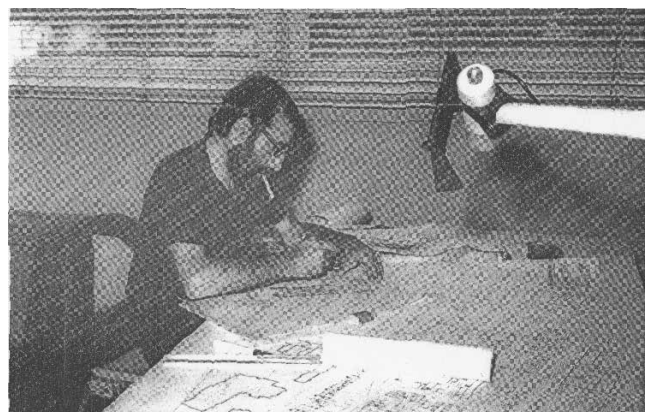
A1.23. RAGGI, Franco, *Europa / América, Architetture urbane alternative suburbane*, Veneza, Edizioni La Biennale di Venezia, 1978, p.59. (catálogo relativo à exposição Europa – América, Centro Storico – subúrbio).

Na França a arquitectura portuguesa figurou num evento, tendo sido publicada no número 185 da revista *L'Architecture d' Aujourd' Hui*, monográfico sobre a arquitectura nacional.



A1.24. *L'Architecture d' Aujourd' Hui*, n. 185, 1976, p. capa.

Na Alemanha a arquitectura portuguesa figurou num evento, através da participação de Siza numa semana de trabalho no IDZ em Berlim intitulada *Stadtstruktur-Stadtgestalt*.



1933 in Porto geboren
Architekturstudium an der Hochschule in Porto
1957 eigenes Architekturbüro
1974 Bauten im Rahmen des Programms für Wohngemeinschaften des S.A.A.L. (Servicio de Apoio Ambulatorio Local)
1975 Ausstellung eigener Arbeiten in Colegio Oficial de Arquitectos de Catalana y Baleares, Barcelona

Veröffentlichungen:
Anspiel in zahlreichen Fachzeitschriften,
u. a. Lotus, L'Architecture d'Aujourd'hui, L'Arquitectura

Fotos der Architekten: Wolfgang Reuss, Berlin

A1.25. DÜTTMANN, Martina, 5 Architekten zeichnen für Berlin, Archibook Verlag, 1979, p. 114.



A1.26 e A1.27. imagens de material produzido por Siza para um concurso para a área de Fränkelufer em Berlim. [arquivo: cortesia de Brigitte Fleck]



O PERÍODO CHARNEIRA: 1977 - 1983



O PERÍODO CHARNEIRA: 1977 - 1983

Como referimos no capítulo introdutório, delimitámos o período entre 1977 e 1983 por compreender os anos em que se foi consolidando a divulgação internacional da arquitectura portuguesa.

Tal não está relacionado com a quantidade de eventos, mas sim com o prolongamento de algumas características da divulgação de anos anteriores, ao mesmo tempo que se assistiu à introdução subtil de novos parâmetros que irão pautar a divulgação posterior. Designadamente salienta-se o maior alcance geográfico, o aparecimento de novos intermediários culturais que fazem crescer a sua actividade à dos intermediários culturais envolvidos há mais tempo e o alargamento do interesse por uma maior diversidade de temas da cena nacional da arquitectura⁵⁸⁷.

Por isso, também consideramos os anos entre 1977 e 1983 como charneira; entre o ano seminal de 1976 e a estabilização de um interesse internacional consistente após 1983.

De qualquer modo, neste período de sete anos é visível o aumento do número de eventos internacionais com participação portuguesa, mas tal não é uma progressão linear. Designadamente o número de nove eventos verificado no nosso universo de dados no ano de 1976 só vem a ser retomado em 1979, verificando-se um decréscimo nos anos de 1977 e 1978. Seguiu-se um aumento de eventos nos anos de 1980 e 1981, sendo que o ano de 1982 apresentou uma quebra excepcional. Mais importante é que em 1983 o valor de eventos aumentou exponencialmente para vinte e oito, número que sobressai no intervalo de tempo abordado, abrindo um período posterior em que se manterá em valores elevados.

Como afirmámos no capítulo anterior, há um grupo de países próximos geograficamente de Portugal que designámos como ‘núcleo duro’, por ser o

⁵⁸⁷ As características deste período foram avançadas por nós numa conferência proferida no II Encontro Internacional organizado pelo HetSci sob o tema Internacionalização da Ciência e Internacionalismo Científico, a qual teve lugar na Universidade de Évora a 22 de Fevereiro de 2013, e foi posteriormente publicada em: SILVA, Cristina Emília R, FURTADO, Gonçalo, “A Divulgação Internacional da Arquitectura portuguesa, 1977 – 1983”, in Ângela Salgueiro, Maria de Fátima Nunes, Maria Fernanda Rollo, Quintino Lopes, eds., *Internacionalização da Ciência. Internacionalismo Científico*, Lisboa, Caleidoscópio, 2015, p. 207-221.

principal e permanente grupo de países divulgador da arquitectura portuguesa⁵⁸⁸. Neste período entre 1977 e 1983 gradualmente outros territórios europeus foram-se juntando, incluindo Reino Unido, Suíça, Finlândia, Holanda, Bélgica e Grécia, e também além Europa, como o Japão na Ásia, e o Canadá, o Brasil, a Colômbia, a Argentina e os Estados Unidos nas Américas.

De entre as obras de arquitectos que despertaram interesse e foram objecto de participação em eventos internacionais, destacou-se o aumento da atenção ao trabalho de Siza, de entre outros arquitectos que referiremos. Em paralelo, o interesse pelas intervenções SAAL foi diminuindo, para o que obviamente terá contribuído o final da vigência do programa, o qual ocorreu entre Agosto de 1974 e Outubro de 1976. Foi ainda publicada alguma habitação social construída em Portugal, mas já fora do âmbito SAAL, como por exemplo obras de Byrne e Reis Cabrita.

Como dizíamos, o SAAL participou em ainda alguns eventos apesar do seu ocaso enquanto tema da divulgação internacional da arquitectura portuguesa. Passamos a detalhar esses eventos.

Desde logo é conhecido o périplo realizado por Portas⁵⁸⁹, Siza e Alves Costa, em 1977, pelas Universidades de Turim, Milão, Veneza, Pescara, Roma, Cosenza, Reggio Calábria e Palermo. Na origem deste périplo está um conjunto de pessoas, como Marconi motivado pelo interesse internacional pelo processo SAAL, tal como referimos no capítulo anterior, que decidiu organizar em conjunto com Franco Purini, Emílio Battisti, Pierluigi Nicolini e Roberto Collovà⁵⁹⁰ uma mostra itinerante pelas universidades italianas sobre o tema.

Como Battisti dava aulas no Politécnico de Milão e Purini na Faculdade de Arquitectura de Roma coube-lhes a eles o contacto com os colegas das outras

⁵⁸⁸ O ‘núcleo duro’ é constituído por Espanha, Itália, França e Alemanha. No entanto houve excepções; no ano de 1978 não encontramos registo de eventos na Alemanha, no ano de 1979 não encontramos na França e no ano de 1980 e 1982 não encontramos em Espanha.

⁵⁸⁹ Portas terá também estado presente num seminário internacional de homenagem a Henri Lefebvre, na Universidade de Santa Bárbara, Califórnia, onde terá proferido uma conferência sobre o SAAL, em 1983.

⁵⁹⁰ No seu testemunho por mensagem electrónica a 24/10/2012, Marconi indicou a participação de Franco Purini e de Emílio Battisti; enquanto que no documento: MARCONI, Francesco, *Trajectórias*, (em preparação), referiu a colaboração nesta iniciativa de Emilio Battisti, Pierluigi Nicolini e Roberto Collovà. Em “‘Modernismo senza dimenticare la storia’ conversazione con Álvaro Siza”, *Casabella*, n. 744, 2006, p 73, Siza confirma o convite de Emilio Battisti.

faculdades italianas⁵⁹¹. Em Portugal, Marconi teve a função de organizar a exposição, orientando as equipas na selecção da informação para a elaboração dos painéis em formato A0 em cópia heliográfica⁵⁹². Decidiram complementar este evento com um convite aos referidos arquitectos portugueses, Portas, Siza e Alves Costa, para realizarem um ciclo de conferências a ter lugar nas Escolas em que a exposição estava patente⁵⁹³. Hestnes Ferreira integraria este grupo, mas segundo nos explicou em entrevista, o embargo de uma obra sua em Lisboa pelo Presidente da Câmara Aquilino Ribeiro Machado fez com que entendesse não ser oportuno afastar-se naquele momento do país⁵⁹⁴. Portas terá feito numa viagem anterior a este ciclo de conferências à conceituada Universidade de Veneza, onde terá realizado uma comunicação sobre o SAAL⁵⁹⁵.

A referida exposição ficava nas Universidades aquando das conferências, as quais atraíam “multidões de estudantes”, segundo Marconi nos informou em entrevista⁵⁹⁶. A conferência em Roma acabou por não se concretizar porque a Universidade estava na altura ocupada⁵⁹⁷. Siza lembra-se de ter conhecido muita gente nesta viagem, nomeadamente Collovà na Sicília⁵⁹⁸.

Uma vez que não foi produzido qualquer documento sobre aquela exposição itinerante e conferências, Marconi explicou-nos em entrevista que considera que o seu livro em co-autoria com Paula Oliveira como o respectivo catálogo⁵⁹⁹. Refere-se ao seu livro sobre o SAAL intitulado *Politica e progetto: un’esperienza di base in Portogallo* editado em 1977 e reeditado em Espanha no ano seguinte⁶⁰⁰.

⁵⁹¹ MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.

⁵⁹² Idem.

⁵⁹³ MARCONI, Francesco, *Trajectórias*, (em preparação).

⁵⁹⁴ FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.

⁵⁹⁵ PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.

⁵⁹⁶ MARCONI, Francesco, *Trajectórias*, (em preparação).

⁵⁹⁷ Em “‘Modernismo senza dimenticare la storia’ conversazione con Álvaro Siza”, *Casabella*, n. 744, 2006, p 73.

⁵⁹⁸ Ibidem p.73.

⁵⁹⁹ MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.

⁶⁰⁰ OLIVEIRA, Paula, MARCONI, Francesco, *Politica e progetto: un’esperienza di base in Portogallo*, Milão, Feltrinelli Economica Editrice, 1977; OLIVEIRA, Paula, MARCONI, Francesco, *Politica y proyecto: una experiencia de base en Portugal*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S. A., 1978.

O livro abre com prefácio de Portas e integra um texto de Alves Costa sobre as operações SAAL no Porto⁶⁰¹.

Como referimos na segunda parte do capítulo anterior, este livro surgiu no contexto da actividade profissional de Marconi em Portugal, enquanto coordenador por dois anos de uma equipa SAAL em Coimbra e na sequência de uma sugestão de Franco Purini para que Marconi relatasse a experiência portuguesa do SAAL, dada a importância histórica que este ganhava⁶⁰². Numa das suas muitas viagens a Itália, Marconi contactou Emilio Battisti, arquitecto de Milão, que era o director da colecção Casa, Città, Territorio da editora Fretinelli e que demonstrou vontade em editar uma publicação teórica sobre o SAAL⁶⁰³. No regresso a Portugal começou a trabalhar no livro em conjunto com Paula Oliveira, matemática, que integrava a brigada SAAL que coordenava.

Consultámos a edição espanhola, publicada como referimos no ano de 1978 pela editora Gustavo Gili⁶⁰⁴, com um formato próximo do livro de bolso. Nas suas cento e setenta e seis páginas nas quais é retratado o SAAL, só as últimas doze reproduzem elementos gráficos relativos aos projectos. Como referimos no capítulo anterior, Marconi entendia que o interesse internacional pelo SAAL residia nos seus aspectos políticos e não na arquitectura construída pelos arquitectos portugueses, preferindo realçar a actividade política do arquitecto⁶⁰⁵. De facto, neste livro Marconi privilegiou os aspectos sociais e políticas da intervenção SAAL.

É, portanto, um livro dominado pelo texto, descritivo, que abre simbolicamente com uma citação de Samora Machel, que passamos a transcrever por entendermos transmitir o espírito da época, e claramente o posicionamento político dos seus autores.

⁶⁰¹ PORTAS, Nuno, “Prefacio”, in *ibidem*, p. 9 – 27; COSTA, Alexandre Alves, “Oporto”, in *ibidem*, p. 117 – 126.

⁶⁰² MARCONI, Francesco, Trajectórias, (em preparação).

⁶⁰³ *Ibidem*.

⁶⁰⁴ O livro foi publicado na *Colección Punto y Línea* onde tinham sido já publicados muitos outros livros, de entre os quais referimos a título de exemplo o livro de de Aldo Rossi *La Arquitectura de la ciudad*.

⁶⁰⁵ MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.

“Tomar a cidade...

A cidade não deve pertencer aos exploradores, não deve continuar a ser propriedade dos capitalistas que desprezam os trabalhadores.

A cidade deve ter um rosto popular.

*O povo deve poder viver na sua cidade e não nas suas margens”*⁶⁰⁶

No prefácio, Portas faz uma análise de cariz político das relações entre associações de moradores e instituições de poder político e económico, que designa como *“lutas urbanas”*; dando conta do projecto político que esteve na base da operação SAAL⁶⁰⁷. Neste texto, Portas enumerou estudos já levados a cabo por Universidades estrangeiras que seriam em breve publicados: um, realizado por estudantes de la École de Ponts et Chaussées de Paris que se terá debruçado sobretudo sobre o Porto e Setúbal; e outro trabalho da autoria de C. Topalov do Centro de Sociologia Urbana (CNRS) de Paris sobre as medidas políticas pós 25 de Abril⁶⁰⁸.

Os autores no texto do corpo do livro explicaram a constituição do SAAL, das brigadas de projecto e das associações de moradores, relataram a concretização das propostas passando pelos aspectos relativos à expropriação de terrenos, ao financiamento, à sua construção. De seguida caracterizaram algumas intervenções: a do Norte foi descrita por Alves Costa tal como referimos acima, seguindo-se as de Lisboa, Coimbra e Algarve⁶⁰⁹. Na conclusão foi feita uma tentativa de sistematização de dados, nomeadamente uma listagem de um conjunto de razões para a paralisação, que então se vivia no processo SAAL, tendo sido publicadas tabelas com dados estatísticos que retratam o *“número de operações em curso”*. Por fim, o livro termina com a reprodução num formato

⁶⁰⁶ Escrito por Samora Machel a 4/2/1976. OLIVEIRA, Paula, MARCONI, Francesco, *Política y proyecto: una experiencia de base en Portugal*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S. A., 1978, s/p.

⁶⁰⁷ PORTAS, Nuno, “Prefacio”, in Paula Oliveira, Francesco Marconi, *Política y proyecto: una experiencia de base en Portugal*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S. A., 1978, p. 9 – 27.

⁶⁰⁸ *Ibidem*, p. 9.

⁶⁰⁹ Na zona Norte foram referidas as intervenções nas zonas de S. Victor, das Antas, Miragaia, Massarelos, Lapa e Leal; em Lisboa, o Bairro de S. António e Torres, Bairros da Calçada e das FONSECAS, e Bacalhau Monte – Coxo; em Coimbra, a zona da Conchada; e no Algarve, a zona da Meia Praia.

obviamente mais reduzido de painéis A0 elaborados para a exposição itinerante e ciclo de conferências⁶¹⁰, o que constitui os elementos gráficos referidos relativos aos projectos.

O SAAL voltou a ser publicado no número 18 da revista Italiana *Lt I* de 1978, através das operações no Porto [fig A2.1]. Mas de facto não foi objecto de reflexões demoradas por parte de autores estrangeiros, como veremos. Gregotti apresentou o SAAL sinteticamente como uma iniciativa exemplar donde se podem tirar lições para intervenção no centro histórico das cidades, para logo se deter no trabalho de Siza. Esta publicação do SAAL Porto estava enquadrada por Pierluigi Nicolini, agora como editor da revista *Lt I*, numa problemática mais ampla que se prendia com a apresentação de várias cidades históricas de pequena e média dimensão, com o objectivo de se poder comparar e avaliar as teorias subjacentes ao desenvolvimento de cada uma⁶¹¹. Neste número, a cidade do Porto aparece publicada ao lado de cidades como Urbino em Itália, Marburg na Alemanha, Zwolle-Dordrecht na Holanda, Riyadh na Arábia Saudita e Kuwait.

Gregotti foi o responsável pelo dossier sobre o Porto, um dos maiores deste número da revista, constituído por textos de Gregotti e Alves Costa e como dissemos, pela publicação de projectos SAAL na cidade⁶¹². É de referir de passagem a estreita ligação entre Nicolini e Gregotti, uma vez que o primeiro trabalhou no atelier de Gregotti até 1978.

O texto de apresentação de Gregotti será novamente publicado na Exposição de 1979 realizada no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão, que analisaremos adiante, e contém citações do primeiro texto que escreveu sobre o trabalho de Siza em 1972 na *Controspazio*⁶¹³, por nós anteriormente analisado. Neste texto

⁶¹⁰ MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012. Os projectos ilustrados com pequenos desenhos reproduzidos nas últimas páginas são os de Massarelos, Miragaia, Lapa, Leal, S. Victor, Antas no Porto, Conchada em Coimbra, S. António, Monte Coxo e Bacalhau, Fonseca e Calçada em Lisboa e Meia Praia no Algarve.

⁶¹¹ Este propósito está claro no editorial: “Architettura nella città storica”, *Lotus International*, n. 18, 1978.

⁶¹² O dossier do Porto ocupa 40 páginas. Foram publicadas as seguintes operações SAAL através de elementos gráficos e de pequenos textos: “S. Victor”, *Lotus International*, n. 18, 1978, Março, p. 72-76; “Bouça”, *Ibidem*, p. 77-81; “Lapa”, *Ibidem*, p. 82, 83; FERNANDEZ, Sérgio, “Leal”, *Ibidem*, p. 84 – 87; “Antas”, *Ibidem*, p. 88 – 91; “Miragaia”, *Ibidem*, p. 92 – 94; TÁVORA, Fernando, VIEIRA, Siza, FERRÃO, Bernardo, BARATA, Francisco, “Barredo: Operazione di rinnovo urbano”, *Ibidem*, p. 95 – 99; “Largo da Lada / Barredo”, *Ibidem*, p. 100 - 103.

⁶¹³ GREGOTTI, Vittorio, *Lotus International*, n. 18, 1978, Março, p. 65; GREGOTTI, Vittorio,

dá como resposta às questões de recuperação dos centros históricos das cidades o trabalho de Siza no SAAL, sendo que o tema SAAL e o trabalho de Siza se confundem e fundem num só. É relevante constatar que apesar de ser um número dedicado a experiências de intervenção de arquitectura em cidades e serem apresentados os trabalhos de um vasto número de arquitectos na cidade do Porto, Gregotti, após equacionar brevemente a problemática que levanta a intervenção em áreas urbanas consolidadas, dedicou a maior extensão do texto ao trabalho do arquitecto Siza. Refere que o trabalho de “Siza Vieira e seus amigos” demonstra que vale a pena correr o risco de sair do estrito âmbito da conservação e é exemplar ao experimentar soluções novas de intervenção na cidade consolidada. Refere a Revolução de 25 de Abril por ter sido o acontecimento que eliminou obstáculos à acção do arquitecto. Como já tinha salientado no seu texto publicado no número 9 da *Controspazio* de 1972, Gregotti reforçou que as soluções nascem da particularidade de cada lugar, num processo que aqui descreve e que naquele texto tinha designado como de arqueologia pessoal, explicitado no capítulo anterior. Na conclusão, Gregotti reforçou aspectos mencionados no referido texto de apresentação de Siza em 1972, como a economia de meios e a “paixão paciente” pela arquitectura, patente no seu trabalho em Caxinas, os quais neste texto Gregotti recomenda que sejam usados no urbanismo.

Alves Costa foi o autor de um artigo de fundo intitulado “L’esperienza di Oporto”⁶¹⁴. Este texto será publicado novamente no livro monográfico sobre o trabalho de Siza, editado em 1986 e reeditado em 1988⁶¹⁵, que analisaremos oportunamente no terceiro capítulo. Alves Costa, que integrou o processo SAAL sendo por isso um profundo conhecedor daquela realidade, faz um relato completo do período de acção do SAAL, incluindo a sua contextualização e consequências⁶¹⁶.

“Architettura recenti di Álvaro Siza. Presentazione di Vittorio Gregotti”, *Controspazio*, n. 9, 1972, p. 22 – 24.

⁶¹⁴ COSTA, Alexandre Alves, “L’esperienza di Oporto”, *Lotus International*, n. 18, 1978, p. 66-70.

⁶¹⁵ Como anteriormente referido, este livro teve uma primeira edição bilingue, Italiano e Inglês, pela Electa em 1986, onde consta o artigo: COSTA, Alexandre Alves “L’Operazione SAAL / The SAAL operation”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986, p.71-90. A segunda edição bilingue em Espanhol e Português foi editada em 1988 pela Gustavo Gili: *Álvaro Siza, Profissão poética / Profissão Poética*, Barcelona, Gustavo Gili, 1988

⁶¹⁶ COSTA, Alexandre Alves, “L’esperienza di Oporto” ... p. 66-70.

Podemos afirmar que este número 18 da revista *Lotus International* de 1978 constitui uma das últimas reflexões de fundo publicadas internacionalmente sobre aspectos disciplinares do SAAL. Em nosso entender, é de salientar como aquele tema passou a integrar outros mais alargados como a discussão sobre as formas de intervenção em centros históricos, passando assim da publicação motivada praticamente pela curiosidade de uma situação específica portuguesa, para ser apontado como exemplo possível a ser adoptado noutros contextos, participando de uma discussão internacional mais abrangente. No entanto e como salientámos, apesar do assunto proposto ser o SAAL, o texto de Gregotti centrou-se no trabalho de Siza, tema que dominará as publicações internacionais dos próximos anos.

2.1

O pensamento e a obra de Siza como objecto de atenção

Se como afirmámos atrás o número de eventos que tiveram como objecto o trabalho de Siza aumentou, também foi frequentemente maior o espaço que lhe passou a ser atribuído em cada evento, verificando-se uma tendência para assumirem um carácter monográfico, expressão do destaque internacional que adquiria. Outro facto notório é a publicação de entrevistas suas, que em conjunto com a publicação de textos de sua autoria, assumiram importância basilar na construção do discurso teórico sobre a obra de Siza por autores internacionais, em particular por ser um arquitecto que escrevia pouco sobre a sua actividade.

Foi publicada, pela primeira vez a nível internacional, uma entrevista a Siza no número 44 da revista francesa *AMC* de 1978, sendo que o seu trabalho foi destacado na capa deste número da revista [fig. A2.2].

Em França, depois da arquitectura portuguesa ter sido objecto do número monográfico 185 da *L'Ojd* de 1976, por nós atrás analisado, este tema passou a ser objecto de publicação na revista *AMC*. Jacques Lucan assumiu a direcção da revista *AMC* em 1978 até 1988, exactamente após o final do período em que Huet tinha ocupado um cargo similar na revista *LOjd*.

É no entanto de referir que Siza assinou um breve ensaio no número monográfico 191 da *L'Ojd* de 1977, dedicado a Aalto após a sua morte em 1976, ao lado de outros arquitectos de renome internacional como Venturi, Colquhoun e Boffil, entre outros. Entendemos que tal é sinal do reconhecimento internacional crescente de Siza. No seu texto intitulado “Préexistence et désir collectif de transformation” relecte sobre a importância da obra de Aalto para si e sobretudo para um país na situação em que se encontra Portugal⁶¹⁷.

Lucan, que era próximo de Huet e tinha sido seu aluno em 1967/68 na antiga Escola de Belas Artes de Paris, afirmou que algumas das pessoas que colaboravam na *L'Ojd* e na *AMC* eram as mesmas⁶¹⁸. Declarou que quis dar seguimento

⁶¹⁷ SIZA, Álvaro, “Préexistence et désir collectif de transformation”, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 191, 1977, p. 121.

⁶¹⁸ LUCAN, Jacques, entrevista por correio electrónico, 18/4/2012.

àquilo que intitula como a “*descoberta*” da arquitectura portuguesa feita pelo referido número da *L'Ojd*, ainda que reconheça que a *AMC* tinha uma projecção internacional menos alargada que a *L'Ojd*⁶¹⁹. Talvez numa releitura em que a memória de tempos passados é reescrita de acordo com o que veio a acontecer no futuro, como referimos poder acontecer no capítulo introdutório, Lucan na entrevista que nos deu referiu-se às publicações em Itália da *Controspazio* de 1972 e em França da *L' Ojd* de 1976 como tendo um enfoque sobre o Porto e sobre aquilo que rapidamente vem a ser designado como ‘escola do Porto’⁶²⁰. Ora, nos anos daquelas publicações ainda não se falava em ‘escola do Porto’. Por outro lado, o artigo na primeira revista referia-se exclusivamente ao trabalho de Siza e na segunda, para além de incluir aquele arquitecto português, teve como preocupação mostrar um panorama mais abrangente e aprofundado quer da actualidade da arquitectura portuguesa quer do seu passado recente, como analisámos no capítulo anterior.

Lucan, há muito interessado pela arquitectura portuguesa, disse-nos em entrevista não poder recusar a proposta de publicação de uma entrevista a Siza feita por Laurent Beaudouin e Christine Rousselot⁶²¹. Por seu lado, Beaudouin afirmou ter descoberto Siza no número 9 da revista *Controspazio* 1972, por nós analisado no capítulo 1, quando ainda estudava e diz serem os textos de Gregotti e de Bohigas do número 185 da revista *L'Ojd* de 1976 acima referido que permanecem na sua memória como marcantes⁶²². É de assinalar que este artigo de Gregotti é com poucas alterações, tal como afirmámos no capítulo anterior, o mesmo que tinha sido publicado na revista *Controspazio* de 1972, mas Beaudouin não relembra este facto.

Como dizíamos, a capa deste número 44 da *AMC* evoca o trabalho de Siza através de uma fotografia tirada por Beaudouin e Rousselot de S. Victor, um bairro de que Siza Vieira se ocupou aquando das operações SAAL, como referimos anteriormente. É de salientar que esta primeira entrevista a Siza publicada internacionalmente é a protagonista da publicação, sendo ilustrada com apontamentos gráficos, sem que nenhum dos projectos ocupe muito espaço

editorial⁶²³. Beaudouin afirma que esta entrevista precedeu a preparação para o número 211 da *L'Ojd* em 1980, com carácter monográfico sobre o trabalho de Siza⁶²⁴.

Como referíamos, as entrevistas a Siza ganham importância acrescida por ser um arquitecto que escrevia pouco sobre a sua obra. Desde logo na resposta à primeira pergunta, Siza explica que não escreve sobre o seu trabalho por entender que até ao momento as suas obras são pequenas e a sua experiência limitada, sobre as quais pensa não valer a pena teorizar e também por o seu interesse principal não ser escrever, mas sim construir⁶²⁵.

Em nossa opinião, a entrevista divide-se em duas partes: a primeira dedicada às referências do trabalho de Siza e a segunda ao seu método.

Relativamente à primeira parte, podemos sintetizar a postura de Siza perante as referências do seu trabalho, como instrumentos que contribuem para a sua concretização, alargando o sentido da palavra referências a qualquer experiência que o arquitecto possa utilizar no seu trabalho⁶²⁶. Rousselot e Beaudouin interpelam Siza sobre Venturi, a arquitectura portuguesa tradicional, Távora, Rossi, Corbusier e Wright, cujas respostas passamos a sintetizar.

A aproximação entre o trabalho de Siza e de Venturi foi levantada pela primeira vez por Gregotti no texto do número 9 da revista *Controspazio* de 1972⁶²⁷, tendo sido posteriormente referida por Bohigas no número 12 da revista *Arquitecturas Bis* de 1976 onde explica o seu desacordo em parte com aquela aproximação⁶²⁸, como referimos no capítulo anterior. Siza, quando questionado sobre a

⁶²³ ROUSSELOT, Christine, BEAUDOUIN, Laurent, “Entretien avec Álvaro Siza”, *AMC*, n. 44, 1978, p. 33 – 41.

⁶²⁴ MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Álvaro Siza, uma questão de medida. Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009, p. 25. Um pequeno excerto desta entrevista sobre a Malagueiravolta a ser editado, traduzida em italiano em 1997 no livro de Enrico Molteni com o título *Álvaro Siza: barrio de la Malagueira*, Évora MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza: barrio de la Malagueira*, Évora, Barcelona, Ediciones UPC, 1997, p. 111.

⁶²⁵ ROUSSELOT, Christine, BEAUDOUIN, Laurent, “Entretien avec Álvaro Siza”, *AMC*, n. 44, 1978, p. 33.

⁶²⁶ Ibidem, p. 33.

⁶²⁷ GREGOTTI, Vittorio, “Architetture recenti di Álvaro Siza”, *Controspazio*, n. 9, 1972, p. 23.

⁶²⁸ BOHIGAS, Oriol, “”, *Arquitecturas Bis*, n. 12, 1976, p. 15.

⁶¹⁹ Idem.

⁶²⁰ Idem.

⁶²¹ Idem.

⁶²² MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Álvaro Siza, uma questão de medida. Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009, p.13, 14.

comparação que Gregotti estabeleceu entre o seu trabalho e o de Venturi, afirma que concorda existir uma relação em termos de “*posturas de pensamento*” e não ao nível formal⁶²⁹. Siza adiante na entrevista, explica que Venturi contribuiu para que considerasse no seu trabalho a complexidade da realidade e não só aquilo que entendia ser de valorizar, tal como fazia antes, sendo que esta complexidade passou a contaminar o interior do projecto⁶³⁰. Quando os entrevistadores falam na coincidência do interesse de Venturi e de Siza por Aalto, Siza reforça que a complexidade formal que Venturi realça na obra de Aalto é devida à complexidade da realidade⁶³¹.

Recorrendo ao exemplo da construção de uma passagem na Casa da Cultura de Aalto⁶³², Siza afirma “*ser um problema essencial poder voltar a ligar coisas que diferentes, pois a cidade hoje é na realidade um conjunto de fragmentos muito diversos*”⁶³³. Siza destaca aquele que considera ter sido o momento mais rico do trabalho de Aalto, que em seu entender foi o período pós-guerra, no qual a Finlândia se concentrava no esforço de ‘reconstrução’, tendo Aalto sido capaz de entender e estar no centro de toda a complexidade do momento⁶³⁴. Com o decurso da entrevista, sobretudo no momento em que Siza fala sobre o SAAL, percebemos que Siza encontra um paralelo entre o momento do pós-guerra que a Finlândia viveu e o momento pós-revolução que Portugal vivia, no que isso significa de esforço de transformação de uma sociedade.

Siza afirma que quando Gregotti designou a sua arquitectura como “*situacional*”, que o fez acertadamente, por através desse termo significar uma arquitectura que não tem, nem estabelece uma linguagem pré-definida, e que é uma resposta a uma questão concreta em constante mutação⁶³⁵.

Quando a arquitectura portuguesa tradicional é mencionada pelos entrevistadores, Siza explica que o seu interesse por aquele tema reside na

utilidade que tem enquanto instrumento⁶³⁶. Destaca a importância de Távora para a evolução da arquitectura portuguesa e lamenta que o seu trabalho seja pouco conhecido⁶³⁷.

Sobre a influência de Rossi, Siza ilustra com o confronto que ocorreu no seminário realizado em Santiago de Compostela em 1976, por nós referido no capítulo anterior, entre a escola de Rossi e os alunos portugueses e Espanhóis, a necessidade de equilíbrio, por um lado, entre aquilo que considera um interessante exercício teórico levado a cabo por Rossi, mas ao qual entende faltar alguma experiência prática e por outro lado, a necessidade de alguma reflexão teórica por parte de quem faz o trabalho prático⁶³⁸.

Siza afirma que o seu trabalho é bastante diferente do de Wright ou de Corbusier, por entender que os sítios estão em transformação, pelo que não pode usar linguagens pré-estabelecidas ou ser-lhe difícil construir teorias⁶³⁹.

Relativamente àquela que identificámos como a segunda parte da entrevista, sobre o método de trabalho de Siza, em nossa opinião, o arquitecto deixa claro que o seu método serve o seu objectivo de aproximação à complexidade do real.

Siza afirma que a revolução do 25 de Abril não alterou o seu método; as circunstâncias é que se alteraram⁶⁴⁰. Continua explicando que antes da Revolução fazia pequenos projectos, quase exclusivamente pequenas casas para amigos, e que a Revolução lhe permitiu a oportunidade de trabalhar na transformação da cidade⁶⁴¹. Relativamente à imutabilidade do seu método, Siza vai mais longe dizendo que os arquitectos melhor preparados para fazerem habitação social são aqueles que realizaram, aquilo que designa como “*pequenas casas burguesas*”, por estarem habituados ao contacto directo com o cliente e à procura do conhecimento da sua realidade⁶⁴². No decorrer da entrevista, Siza explica com

⁶²⁹ ROUSSELOT, Christine, BEAUDOUIN, Laurent, “Entretien avec Álvaro Siza”, *AMC*, n. 44, 1978, p. 33.

⁶³⁰ Ibidem, p.36.

⁶³¹ Ibidem, p. 33.

⁶³² Ibidem, p.36.

⁶³³ Ibidem, p. 37.

⁶³⁴ Ibidem, p. 33.

⁶³⁵ Ibidem, p. 33.

⁶³⁶ Ibidem, p. 33, 34.

⁶³⁷ Ibidem, p. 34.

⁶³⁸ Ibidem, p. 35.

⁶³⁹ Ibidem, p. 35, 36.

⁶⁴⁰ Ibidem, p.37.

⁶⁴¹ Ibidem, p.37.

⁶⁴² Ibidem, p.39.

entusiasmo os detalhes da operação SAAL e o processo de participação da população, concluindo que a diferença no seu trabalho reside no facto de no caso do SAAL, e vale a pena transcrever as suas palavras por serem o testemunho marcado por um grande envolvimento, “*serem as forças reais de transformação da sociedade portuguesa que estão em jogo, e não as forças de uma família*”⁶⁴³. É com base nas diferentes realidades com que se deparou, que Siza explica a diferença entre soluções encontradas, por exemplo, para o bairro de S. Victor ou de Caxinas e para a casa na avenida dos Combatentes no Porto, por estarem em causa diferentes formas de viver⁶⁴⁴. Para os primeiros é muito importante o convívio na rua, enquanto que para os segundos é importante preservar a sua intimidade⁶⁴⁵.

Siza afirma que trabalha muitas horas em obra, porque por um lado o projecto é suficientemente rigoroso para que o possa fazer e por outro, deixa em aberto na fase de projecto algumas partes, porque só em obra pode chegar ao fundo do problema⁶⁴⁶.

A entrevista acaba com a referência de Siza aos projectos que tem em mãos naquele momento, as suas diferenças e a necessidade de ter projectos distintos entre si por lhe permitirem momentos de pesquisa diferentes⁶⁴⁷. Uma casa para o irmão, que lhe permite fazer uma pesquisa quase em ambiente do laboratório e o bairro da Malagueira em Évora, onde as questões que se colocam estão no centro das questões actuais da sociedade portuguesa⁶⁴⁸.

Um ponto que ressalta é a discordância de Siza perante a advertência de Moneo e de Bohigas sobre as alterações que poderão ocorrer quando Siza trabalhe em escalas maiores, o que o arquitecto afirma não ter acontecido, nomeadamente na sua experiência no SAAL, em que a escala é a cidade.

Em suma, desta entrevista retiramos que Siza pretende com o seu método de trabalho conhecer a complexidade da realidade, estabelecer relações entre as diferentes partes que a compõem, influenciando o seu projecto, fazendo-o participar do processo de contínua transformação. Assim, Siza fundamenta a razão de ser do seu trabalho, através daquilo que Gregotti, Moneo e Bohigas já tinham apontado e que designámos no capítulo anterior como confronto com o real. De facto, estes autores internacionais conheciam pessoalmente Siza, já tinham assistido à sua apresentação de projectos, pelo que estavam familiarizados com o seu método de trabalho.

Em 1980, os mesmos autores da entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978, acabada de referir, Beaudouin e Rousselot publicaram outra entrevista a Siza no número 211 da revista *L'Ojd*, número da sua responsabilidade o qual foi monográfico, dedicado ao trabalho do arquitecto português [fig. A2. 13]. Trata-se da segunda entrevista a Siza publicada internacionalmente.

Desta forma, a atenção sobre a arquitectura portuguesa regressou às páginas da *L' Ojd*, seis anos depois do memorável número monográfico *Portugal An II* de 1976, editado sob a direcção de Huet.

Como referimos na segunda parte do capítulo anterior, a *L'Ojd* foi dirigida por Marc Émery entre 1968 e 1973, tendo-se-lhe sucedido Huet entre 1974 e 1977, período depois do qual Émery regressou à direcção da revista até 1986. O facto de Émery ser filho do arquitecto suíço Pierre-André Émery, instalado na Argélia depois de ter sido colaborador próximo de Le Corbusier em Paris, fez com que a direcção da *L'Ojd* pensasse em que este seria fiel à tradição da revista e o aceitasse como director depois da morte do seu fundador, André Bloc⁶⁴⁹.

Apesar de Émery ter estabelecido contacto com Hestnes e Vicente nos tempos em que estudaram com Kahn na década de 60, no primeiro período da sua direcção Émery não publicou nenhum artigo sobre arquitectura portuguesa, durante o qual se terá dedicado mais ao tema do urbanismo⁶⁵⁰. Hestnes referiu que Émery lhe chegou a pedir informação sobre o SAAL mas que nunca chegou a publicá-

⁶⁴³ Ibidem, p.40.

⁶⁴⁴ Ibidem, p.40.

⁶⁴⁵ Ibidem, p.41.

⁶⁴⁶ Ibidem, p.36.

⁶⁴⁷ Ibidem, p.41.

⁶⁴⁸ Ibidem, p.41.

⁶⁴⁹ FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012 e CHASLIN, François, “Les deux périodes Émery, d’un tournant l’ autre”, *L’ Architecture d’ Hui*, n. 272, 1990, p. 182.

⁶⁵⁰ CHASLIN, François, “Les deux périodes Émery, d’un tournant l’ autre”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 272, 1990, p. 182.

la⁶⁵¹. François Chaslin afirma que “*será uma tarefa em vão tentar encontrar uma unidade demasiado artificial para o trabalho de Marc Émery*” à frente da direcção da revista, até porque em seu entender “*Sem dúvida que a história de uma revista é marcada pela personalidade da pessoa que a dirige naquele momento, como pelo ‘ar dos tempos’, pelo estado da reflexão arquitectónica e urbana e pelas novas problemáticas que aparecem*”⁶⁵².

De facto, a arquitectura portuguesa foi publicada durante o segundo período da direcção de Marc Émery, entre 1977 e 1986, sobretudo através da publicação dos trabalhos de Siza, desde logo com o referido número 211 de 1980 e de outros que analisaremos no capítulo seguinte. É de notar que os números monográficos na revista *L'Ojd* foram uma raridade durante a direcção de Émery. Os únicos números monográficos daquele período foram dedicados a três arquitectos: Venturi em 1978, Siza em 1980 e Piano em 1982⁶⁵³. Este dado é mais uma vez revelador da importância que Siza assumia no panorama internacional.

Beaudouin gosta de considerar o número 211 da *L'Ojd* como a primeira monografia de Siza⁶⁵⁴. No entanto, consideramos esta afirmação um tanto exagerada, pois no mesmo ano o trabalho do arquitecto português foi objecto de uma edição monográfica na revista japonesa *a+u* e em 1979 Gregotti tinha-lhe dedicado uma exposição monográfica no Pavilhão de Arte Moderna de Milão e editado o respectivo catálogo, os quais analisaremos adiante.

O número 211 da *L'Ojd* intitula-se *Álvaro Siza, projets et réalisations 1970 – 1980*⁶⁵⁵.

Com dissemos, trata-se de um dossier da responsabilidade de Beaudouin e Rousselot de aproximadamente oitenta páginas⁶⁵⁶. O número abre com um editorial justificativo da eleição do arquitecto português como tema⁶⁵⁷. É de

salientar que no editorial a opção da edição de um número monográfico sobre Siza é justificada com uma comparação directa entre Siza e Aalto, atribuindo a ambos a mesma relevância em momentos cronológicos diferentes⁶⁵⁸. A entrevista, os artigos de opinião e os projectos apresentados são complementados no final por uma biografia do arquitecto, uma lista de trabalhos realizados desde o início da sua actividade com a respectiva indicação de localização no mapa de Portugal, e por uma bibliografia⁶⁵⁹, o que em nosso entender confere rigor e evidencia a exigência dos autores.

Ao editorial segue-se a referida entrevista a Siza realizada por Beaudouin e Rousselot⁶⁶⁰. Ambos os autores assinam também o artigo de opinião sobre o trabalho do arquitecto português, intercalado por citações de escritos de Fernando Pessoa e de seus heterónimos Coelho Pacheco e Ricardo Reis, cujo título é desde logo uma citação do poeta português “Ce que j’ écris n’ est pas à moi”⁶⁶¹. No seu texto Beaudouin e Rousselot referem que o método de trabalho de Siza passa por fazer várias maquetas e pelo controlo do arquitecto por tudo o que é desenhado no escritório⁶⁶². É interessante notar que a aproximação à arquitectura portuguesa conduz a uma tentativa de aprofundamento do conhecimento da cultura portuguesa alargando-se a outras áreas, como a poesia. Antes da publicação de vinte e cinco projectos de Siza⁶⁶³ é o próprio editor da

⁶⁵⁸ Ibidem.

⁶⁵⁹ “Biographie”, Ibidem, p. 78; “Projets et réalisations”, Ibidem, p. 79; “Bibliographie”, Ibidem, p. 80.

⁶⁶⁰ “Interview d’ Álvaro Siza”, Ibidem, p. 1- 3.

⁶⁶¹ BEAUDOUIN, Laurent, ROUSSELOT, Christine, ““Ce que j’écrit n’est pas à moi””, Ibidem, p. 5.

⁶⁶² Ibidem.

⁶⁶³ Os vinte e cinco projectos são apresentados através de material gráfico: desenhos rigorosos, esboços, fotografias e de pequenos textos que apresentam cada um deles. São publicados segundo a ordem cronológica do seu início, identificados nos respectivos títulos, em conjunto com a informação da fase do desenvolvimento do trabalho e das suas datas, os quais passamos a citar: “Ensemble d’ habitations Caxinas, Vila do Conde. 1970 – 72”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980, p. 14 – 17; “Maison Alcino Cardoso, Moledo do Minho, 1971”, Ibidem, p. 18 – 20; “Agence de la Banque Pinto e Sotto Maior, Oliveira de Azeméis. 1971 – 1974”, Ibidem, p. 21 – 23; “Maison Marques Pinto, Porto. Projet, 1972”, Ibidem, p. 24; “Lotissement Barbara de Souza, Ovar. Projet, 1972”, Ibidem, p. 25; “Ensemble d’ habitations ‘Mobil’, Matosinhos. Projet, 1972”, Ibidem, p. 26; “Maison à Azeitão, Setúbal. Projet, 1973”, Ibidem, p. 27; “Coopérative Domus, Bairro da Pasteleira, Porto. 1972”, Ibidem, p. 28, 29; “Agence de la Banque Pinto e Sotto Maior, Lamego. 1972 – 1973”, Ibidem, p. 30, 31; “Galerie d’ art, Porto. 1973”, Ibidem, p. 32, 33; “Maison Beires, Povo do Varzim, 1973 – 1976”, Ibidem, p. 34 – 37; “Rénovation du quartier São Victor, Porto. 1974 – 1977”,

⁶⁵¹ FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.

⁶⁵² CHASLIN, François, “Les deux périodes Émer, ... 1990, p. 182.

⁶⁵³ Ibidem, p. 183.

⁶⁵⁴ MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Álvaro Siza. Uma questão ...* 2009. p. 25.

⁶⁵⁵ “Álvaro Siza, projets et réalisations 1970 – 1980”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980, p. LIX – 80.

⁶⁵⁶ Ibidem.

⁶⁵⁷ “Editorial”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980, p. LIX.

L'Ojd, Émery, que assina um texto reflexivo sobre o trabalho de Siza o qual intitula de “La tranquille révolution d’ Álvaro Siza”⁶⁶⁴.

Passamos a analisar os contributos que entendemos ser mais significativos neste número 211 da *L'Ojd*: a entrevista a Siza e o texto de Émery.

Em nossa opinião, a entrevista a Siza é centrada no seu método de trabalho, o qual é descrito com maior detalhe⁶⁶⁵, quando comparado com o que foi referido sobre este assunto na entrevista publicada no número 44 da revista *AMC* de 1978, por nós atrás analisada.

Siza volta a referir a importância da “*discussão por esta se tornar criativa*” com o cliente, quer seja uma pessoa, uma família, ou várias, como uma forma de conhecimento recíproco entre arquitecto e cliente e como uma oportunidade do arquitecto enriquecer o desenho com a complexidade do quotidiano⁶⁶⁶.

Continua a explicar o seu método. Afirmar que no início, perante o lugar surge uma imagem, com base em referências e experiências pessoais, começa a fazer esboços e em simultâneo a desenhar a rigoroso⁶⁶⁷. Afirmar haver uma troca de informação constante entre os esboços, os desenhos a rigoroso e as ideias, que se vão alterando à medida do maior conhecimento do programa e do contexto, conhecimento esse, que também pode ser propiciado pelos desenhos⁶⁶⁸.

Ibidem, p. 38 – 42; “Escalier, maison Calem, Foz do Douro. 1975”, Ibidem, p. 43; “École ‘Paula Frassinetti’, Porto. Projet, 1975”, Ibidem, p. 44; “Restaurant Pico Areeiro, Ile de Madère. Projet, 1975”, Ibidem, p. 45; “Ensemble d’habitations SAAL, Bouça, Porto. 1973 – 1977”, Ibidem, p. 46 – 51; “Rénovation du quartier Barredo, Porto. Projet, 1976”, Ibidem, p. 52 – 54; “Maison Fancelos, Vila Nova de Gaia. Projet, 1980”, Ibidem, p. 55; “Maison António Carlos Siza, Santo Tirso. 1976 – 1978”, Ibidem, p. 56 – 59; “Maison António Carlos Siza, Santo Tirso. 1976 – 1978”, Ibidem, p. 56 – 59; “Ensemble d’habitations Quinta da Malagueira, Évora, 1977”, Ibidem, p. 60 – 65; “Agence de la Banque Borges e Irmão, Vila do Conde. 1978 – 1980”, Ibidem, p. 66 – 67; “Maison Maria Margarida, Arcozelo. Projet, 1979 – 1980”, Ibidem, p. 68; “Piscine de Görlitzer Bad, Kreuzberg, Berlin. Projet, 1979”, Ibidem, p. 69; STRECKER, Bernard, “Ensemble d’habitations, Berlin – Kreuzberg. Projet 1979”, Ibidem, p. 70 – 75; “Agence de la Banque Caixa Geral de Depósitos, Matosinhos. Projet, 1980”, Ibidem, p. 76, 77.

⁶⁶⁴ ÉMERY, Marc, “La tranquille révolution d’ Álvaro Siza”, Ibidem, p. 6 - 9. É de referir que este número tem sumários traduzidos para inglês e espanhol, mais especificamente, uma síntese da entrevista e deste artigo de Émery.

⁶⁶⁵ “Interview d’ Álvaro Siza”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980, p. 1- 3.

⁶⁶⁶ Ibidem, p. 1, 3.

⁶⁶⁷ Ibidem, p. 2.

⁶⁶⁸ Ibidem.

Acrescenta que por vezes é necessário recomeçar todo o processo⁶⁶⁹. Siza atribuiu uma designação a este processo de “*diálogo que se estabelece entre um conhecimento científico progressivamente maior e uma ideia que evolui*” afirmando tratar-se o projecto de um “*jogo de síntese crítica*”⁶⁷⁰.

Siza afirma estar em permanente contacto com o construtor e volta a referir, tal como na primeira entrevista, a possibilidade de aperfeiçoamento em fase de obra, pelo que “*o projecto deve estar detalhado e ao mesmo tempo deve permitir a improvisação*”, à semelhança da música jazz⁶⁷¹.

Por fim, é de salientar outra ideia que Siza refere nesta entrevista e que se prende com a noção de novo em arquitectura. Siza afirma que não há invenções em arquitectura, mas sim transformações um pouco abstractas, as quais “*por vezes obedecem a situações concretas correspondendo à evolução social*”⁶⁷², que citámos no capítulo Contextos a propósito da definição do conceito EA de Čeferin.

Em suma, Siza nesta entrevista, que entendemos ter sido mais rica que a anterior, relativamente ao seu método, repetiu aquilo que podemos designar como discussão criativa e o projecto ser feito à semelhança de uma partitura de jazz, ao detalhá-lo mais revelou a fase que designou como jogo de síntese crítica e por fim, sublinhou a não existência de invenções em arquitectura, mas sim de transformações.

No seu texto, Émery para além de usar referências de textos de Gregotti, Huet e Bohigas, por nós referidos, apoiou-se em várias citações das entrevistas de Siza⁶⁷³. Em nossa opinião, o contributo de Émery para a construção do discurso sobre a obra de Siza é mais significativo quando justifica aquilo que considera a não aplicação de tecnologias nas suas construções. Émery aponta várias razões possíveis, que passamos a enumerar: o baixo nível de industrialização do país e a elevada qualidade de mão-se-obra, a influência subliminar da arquitectura vernacular portuguesa, a circunstância de não ter sido construídos edifícios com programas que fizessem sentir a necessidade do uso de tecnologias, com

⁶⁶⁹ Ibidem.

⁶⁷⁰ Ibidem.

⁶⁷¹ Ibidem.

⁶⁷² Ibidem.

⁶⁷³ ÉMERY, Marc, “La tranquille révolution d’ Álvaro Siza”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980, p. 10 - 13.

a excepção do projecto do edifício de escritórios no Porto onde aplica grandes painéis de vidro, a pouca importância que Siza atribui ao conhecimento de cada técnica de construção por comparação com o seu interesse em conhecer a lógica da construção, o que permite o uso de várias tecnologias e por último, o respeito pelo trabalho manual, que o leva a deixar certos pontos do projecto para discussão e aperfeiçoamento em obra, o que não é compatível com o uso de “grandes” tecnologias⁶⁷⁴.

Em suma, em nosso entender este número 211 monográfico da *L'Ojd* sobre Siza compara a sua posição internacional com a de Aalto, centrando-se sobre o método de trabalho do arquitecto; tanto na referência ao uso de maquetes e ao controlo total por parte de Siza de tudo o que se produz no seu escritório, como na entrevista onde Siza explicita o seu método e ainda, no texto de Émery onde é explicado o não uso de tecnologias sofisticadas.

Mais uma vez Beaudoin e Rousselot voltam à AMC, depois de 1978, onde escrevem novamente sobre Siza, desta feita em conjunto com Brigitte Cassirer (Fleck), por nós referida na segunda parte do primeiro capítulo. O artigo publicado no número 2 da AMC de 1983 com o título “Berlin, un immeuble d’angle. Álvaro Siza, architecte” na realidade subdivide-se em duas partes: um texto da autoria de Beaudouin e Rousselot⁶⁷⁵ e uma entrevista realizada por Cassirer (Fleck) a Siza⁶⁷⁶. Beaudouin era neste ano, membro do conselho de redacção da revista, ainda dirigida por Jacques Lucan.

Em entrevista, Fleck explicou-nos que não se recorda exactamente das circunstâncias desta publicação: se a entrevista terá sido solicitada directamente pela AMC ou pela dupla Rousselot / Beaudouin, ou se terá sido uma consequência natural de se encontrar a preparar um livro sobre Siza; no entanto, sabe dizer que conheceu os arquitectos franceses porque tinham em comum o interesse pela obra de Siza, que naquele tempo não era partilhado por muitos arquitectos internacionais⁶⁷⁷.

⁶⁷⁴ Ibidem, p. 11.

⁶⁷⁵ O edifício de Siza no Kreuzberg em Berlim é representado através de desenhos rigorosos, esboços e fotografias. BEAUDOUIN, Laurent, ROUSSELOT, Christine, “Un immeuble d’angle à Berlin. Álvaro Siza”, AMC, n.2, 1983, p. 16 – 21.

⁶⁷⁶ CASSIRER, Brigitte, “Entretien avec Álvaro Siza”, AMC, n.2, 1983, p. 16 – 21.

⁶⁷⁷ FLECK, Brigitte, entrevista por correio electrónico, 11/12/2012.

O texto de Beaudouin / Rousselot e a entrevista de Fleck a Siza centraram-se no processo de projecto e de construção do edifício de Siza em Berlim. Tal não revelou ser fácil, tendo sido alvo de várias polémicas, frustrando a expectativa de Siza de ser mais fácil construir na Alemanha que em Portugal⁶⁷⁸. Da entrevista sublinhamos duas ilacções de âmbito geral. Siza explicou que embora não seja sua intenção as suas obras gerarem polémica, tal acontece em seu entender, porque tentam responder a todos os conflitos que descobre, enquanto que a maioria das outras respostas são “alienadas”, ou não tentam estabelecer relações entre as coisas⁶⁷⁹. Quando questionado, Siza declarou que não tem um interesse ilimitado pelas ruínas, mas que entende dever trabalhar com elas, quando em certos locais são os únicos sinais de “identidade de um lugar”, da sua “realidade física”⁶⁸⁰.

Como referimos, Beaudouin já tinha publicado o trabalho do arquitecto português, no número 44 da revista AMC de 1978 e no número 211 da *L'Ojd* de 1980, mas o seu interesse não se ficou por aqui, tendo-se prolongado no tempo. Encontrámos registo de outras publicações nomeadamente: um número monográfico 278 da *L'Ojd* de 1991, um texto no número 40 da revista A&V de 1993, uma entrevista a Siza no número 292 da *L'Ojd* de 1994, a republicação de entrevistas no catálogo da exposição *Álvaro Siza. Barrio de la Malagueira* de 1997, a realização de uma exposição de Siza em Thoronet em 2007, a republicação de entrevistas no livro *Álvaro Siza - une question de mesure* de 2008⁶⁸¹.

Neste período foi publicada outra entrevista a Siza no ano de 1983 numa nova geografia relativamente à divulgação internacional da arquitectura portuguesa, no Canadá.

⁶⁷⁸ CASSIRER, Brigitte, “Entretien avec Álvaro Siza”, AMC, n.2, 1983, p. 16.

⁶⁷⁹ Ibidem, p. 16. Nesta entrevista é referido que num dos números da revista *Der Architekt*, a revista da Ordem dos Arquitectos Alemães, foi publicada uma crítica negativa ao edifício de Siza em Kreuzberg em Berlim por não respeitar as normas, mas apesar de todos os esforços desenvolvidos não nos foi possível obter mais informações, nem mesmo confirmar a data de publicação da *Der Architekt*. Ibidem, p. 19.

⁶⁸⁰ Ibidem, p. 18.

⁶⁸¹ *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 278, 1991; BEAUDOUIN, Laurent, “In praise of measure. The trajectory of Alvaro Siza”, A&V, n. 40, 1993, p. 6 – 15; BEAUDOUIN, Laurent, “Uma outra coerência, talvez mais luminosa’ O Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela”, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n.292, 1994; MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza. Barrio de la Malagueira*, Barcelona, Ediciones UPC, 1997; MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Siza au Thoronet*, Marselha, Parentheses, 2007; MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Álvaro Siza - une question de mesure*, Paris, Le Moniteur, 2008.

Argumentamos que a participação neste evento terá contado com o envolvimento de Frampton, pois a publicação daquela entrevista e ainda de outro artigo sobre o trabalho de Siza noutra revista no Canadá, ocorreram na sequência da participação de Siza no colóquio designado “Architecture et identité culturelle. Modernité et régionalisme”, na Universidade do Quebec em Montreal, organizado por France Vanlaethem e Georges Adamczyk, com a colaboração de Frampton⁶⁸². Neste colóquio participaram outros nomes como: Yves Deschamps, Michel Freitag, Alan Gowans e Jacques Gluber, entre outros⁶⁸³. A comunicação de Siza ter-se-à centrado nos seus trabalhos realizados até aquele ano⁶⁸⁴.

No número 4 da revista *Section a* de 1983 foi publicada uma recolha de ideias a partir de uma conversa com Siza, aquando da sua referida passagem por Montreal, realizada por Odile Hénault, a editora da revista, e por Luís Conceição⁶⁸⁵.

A entrevista a Siza que nos referimos foi publicada no número 14 da *ARQ*, a revista da Ordem dos Arquitectos do Quebec. Aquele número foi dominado pelo regionalismo, pois abre com dois artigos sobre o tema, um sobre a sua manifestação no Québec com o título “Modernité et Régionalisme au Québec”, da autoria dos dois organizadores do referido colóquio⁶⁸⁶ e outro sobre a sua manifestação na arquitectura contemporânea, com o título “Le Régionalisme dans l’ Architecture Contemporaine”, da autoria de Frampton⁶⁸⁷.

Um dos autores do primeiro texto e do referido congresso, Vanlaethem foi também a pessoa que realizou a entrevista a Siza, cuidadosamente ilustrada por

esquissos seus⁶⁸⁸. É ainda publicada uma obra de Siza, a Quinta da Malagueira, integrando um capítulo designado como “Trois Projects”, onde são divulgados trabalhos de outros dois arquitectos, Harry Wolf e Douglas Cardinal⁶⁸⁹.

É de notar o espaço significativo ocupado pelo trabalho de Siza naquele número da revista, por indiciar a sua importância no contexto da Ordem dos Arquitectos do Québec.

Da entrevista realizada por Vanlaethem salientamos dois pontos, um relativo à abordagem de Siza quanto à tradição em arquitectura e outro relativo ao processo de projecto que inclui o diálogo com o cliente, tendo sido particularizado o aspecto da participação da população nas decisões de projecto no pós 25 de Abril.

Uma vez mais Siza teve a oportunidade de explicar como encara a tradição nos seus projectos, reforçando o que já tinha escrito num texto publicado no número 159 da *Quaderns* de 1983⁶⁹⁰, por nós oportunamente analisado; afirmando interessar-se pela “*vida interior da tradição que é dinamismo e transformação*”⁶⁹¹. Siza explicou que este entendimento da tradição tem na sua origem uma preocupação genuína com o bem-estar das populações, em paralelo com o estudo da cidade e do progresso que as alterações trouxeram, o que permitiu perceber o valor das interacções culturais com o estrangeiro, pois a arquitectura de uma região é desde logo uma construção do homem e o resultado de várias interacções⁶⁹². Esta percepção em conjunto com o conhecimento do que se passava na arquitectura internacional, não permitiu a fixação de uma imagem, como chegou a acontecer em dado momento com fins comerciais e turísticos, em particular no sul do país, e conduziu a que abordasse as tensões intrínsecas cuja resolução em seu entender pode trazer novos contributos⁶⁹³.

⁶⁸² O colóquio ocorreu no âmbito da celebração designada “Archifête 1983”, tendo tido lugar entre 22 e 24 de Maio de 1983 no Centro de Criação e de Difusão do Design na Universidade do Quebec em Montreal. CONCEIÇÃO, Luís, HÉNAULT, Odile, “À bâtons rompus, Álvaro Siza”, *Section a*, n. 4, 1983, p. 17; e em VANLAETHEM, France, ADAMCZYK, Georges, “Modernité et Régionalisme au Québec”, *ARQ*, n. 14, 1983, p. 16.

⁶⁸³ Os outros intervenientes foram: Dan Hanganu, Michel Kagan, Raymond Montpetit, Rogelio Salmona, Harry Wolf, Trevor Boddy e Douglas Cardinal. Ibidem, p. 17; e em <http://centrededesign.smugmug.com/Expositions1981-1995/Colloque-Architecture-et/> acedido a 2/6/2014.

⁶⁸⁴ VANLAETHEM, France, ADAMCZYK, Georges, “Modernité et Régionalisme au Québec”, *ARQ*, n. 14, 1983, p. 16.

⁶⁸⁵ CONCEIÇÃO, Luís, HÉNAULT, Odile, “À bâtons rompus, Álvaro Siza”, *Section a*, n. 4, 1983, p. 16, 17.

⁶⁸⁶ VANLAETHEM, France, ADAMCZYK, Georges, “Modernité et Régionalisme au Québec”, *ARQ*, n. 14, 1983, p. 8 – 10.

⁶⁸⁷ FRAMPTON, Kenneth, “Le Régionalisme dans L’ Architecture Contemporaine”, ibidem, p. 11 – 15.

⁶⁸⁸ VANLAETHEM, France, “Entrevue avec Álvaro Siza”, ibidem, p. 16 – 19.

⁶⁸⁹ A obra da Malagueira é apresentada com um texto publicado sobre duas fotografias do bairro, complementados pelos desenhos feitos à mão livre por Siza Vieira das tipologias das casas. SIZA, Álvaro, “Álvaro Siza: Le nouveau quartier Malagueira, Évora, Portugal”, *ARQ*, n. 14, 1983, p. 20, 21. O espaço da revista é igualmente repartido entre os três arquitectos. “Trois Projets. Álvaro Siza. Harry Wolf. Douglas Cardinal”, ibidem, p. 20 - 25.

⁶⁹⁰ SIZA, Álvaro, “Vuit punts ordenats a l’atzar...”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983, p. 78.

⁶⁹¹ VANLAETHEM, France, “Entrevue avec Álvaro Siza”, *ARQ*, n. 14, 1983, p. 16.

⁶⁹² Ibidem.

⁶⁹³ Ibidem, p. 16, 17.

Interessa-nos deter sobre a descrição que Siza fez do seu processo de projecto, no qual atribuiu grande importância ao “*processo de depuração*” que entende ser uma “*procura do essencial*”⁶⁹⁴. Siza afirmou que tal aplica-se em qualquer escala de projecto, seja a casa individual ou a cidade, sendo que a diferença reside na maior quantidade de problemas a resolver ou sob outro ponto de vista na maior quantidade de estímulos ao projecto, no caso da cidade⁶⁹⁵. É interessante notar que Siza inclui a participação da população neste processo de depuração na procura do essencial, dando como exemplo dessa depuração a segunda fase de projecto de S. Víctor que integrou tanto as críticas da população como a auto-crítica do arquitecto⁶⁹⁶.

A arquitectura de Siza chegou até outra geografia pela primeira vez no período da nossa dissertação, à Grécia, em 1983, tendo sido objecto de mais uma entrevista. Siza foi publicado no número 14 da revista *design + art in greece* de 1983 [fig. A2.43]. Pelo que nos foi possível perceber, tal aconteceu mais uma vez sob o conceito do regionalismo, à semelhança do que se passou no Canadá como acabámos de referir. Apesar da revista ser publicada em grego, como o índice, o prefácio e um artigo de enquadramento estão traduzidos para inglês, percebe-se que Siza está inserido num capítulo dedicado ao regionalismo, ao lado dos arquitectos Botta e do gabinete Martorell, Bohigas e Mackay⁶⁹⁷. Frampton, que aqui também marcou presença, Lucan e Solà-Morales estão envolvidos na apresentação do trabalho destes arquitectos⁶⁹⁸.

O prefácio deste capítulo é seguido por um texto teórico de enquadramento com o título “Regionalism as a cultural tendency in architecture”, assinado por Simeoforidis⁶⁹⁹. No prefácio, Simeoforidis afirma que o regionalismo é

uma categoria não homogénea, acrescentando que o trabalho de Siza está mais próximo das “*características geográficas do sítio*”⁷⁰⁰ à semelhança do de Botta, enquanto que o do gabinete de Barcelona está mais relacionado com a história e a característica urbana complexa da cidade de Barcelona.

Embora não tenhamos podido confirmar, o texto de Gregotti sobre Siza e a entrevista de Rousselot e Beaudouin parecem ser traduções para grego de textos dos mesmos autores anteriormente publicados: de Gregotti em 1972⁷⁰¹, e da entrevista de 1978 ou outra mais recente de 1980⁷⁰², todos anteriormente analisados por nós. Tradução ou textos originais o que importa reter é a demonstração de interesse pela obra de Siza por parte de uma revista da especialidade na Grécia. Este é um dos sinais da fase canónica ou mesmo um exemplo da fase de disseminação, tal como são descritas por Botta e por nós referidas no capítulo Contextos, pois o discurso sobre as obras de Siza tem como objectivo integrá-las numa corrente, neste caso específico no referido regionalismo, sendo os textos republicados em meios diferentes, facto que funciona por si só como uma espécie de prémio, traduzindo-se na concretização da conhecida frase “*o meio é a mensagem*”.

Por convite de Gregotti, teve lugar uma exposição monográfica dedicada ao trabalho de Siza, entre 1 de Março e 30 de Abril de 1979 no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão, em Itália, como referimos atrás.

Esta exposição é significativa na presente dissertação por ser simultaneamente uma síntese da divulgação que vinha sendo feita do trabalho de Siza e inaugural relativamente aos caminhos que abriu para a referida divulgação. Esta exposição foi acompanhada por um catálogo que reuniu a maioria dos principais

⁶⁹⁴ Ibidem, p. 18.

⁶⁹⁵ Ibidem, p. 17, 18.

⁶⁹⁶ Ibidem.

⁶⁹⁷ “1. Regionalism and contemporary architecture”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 16 – 71.

⁶⁹⁸ O trabalho de Mario Botta é apresentado por K. Frampton e W. Haker. FRAMPTON, K., “Mario Botta and the School of the Ticino”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 27 – 32. HAKER, W., “Marginalia on the New Architecture in Ticino”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 33 – 41. O trabalho de Martorell, Bohigas e Mackay é apresentado por um texto de Solà-Morales e por uma entrevista a Bohigas por Lucan. MORALES, Ignasi Solà, “Martorell, Bohigas, Mackay and housing architecture in Barcelona”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 53 – 63. LUCAN, Jacques “A conversation with Oriol Bohigas”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 64 – 71.

⁶⁹⁹ S., G., “Foreword”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 16 – 18; e SIMEOFORIDIS, G., “Regionalism as a cultural tendency in architecture in architecture”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 19 – 26. Dada a coincidência das iniciais parece ser a mesma pessoa autora do prefácio e do capítulo introdutório, provavelmente o responsável por este capítulo da revista Grega.

⁷⁰⁰ S., G., “Foreword”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 17.

⁷⁰¹ O texto de Gregotti com o título “The recent architectural Works of Álvaro Siza” corresponde ao título do artigo publicado em 1972 na revista Italiana *Controspazio* por Gregotti “Architettura recenti di Alvaro Siza (Presentazione di Vittorio Gregotti)”, sendo que as imagens que ilustram os textos são as mesmas. GREGOTTI, Vittorio, “The recent architectural Works of Álvaro Siza”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 42 – 47; e GREGOTTI, Vittorio, “Architettura recenti di Álvaro Siza. Presentazione di Vittorio Gregotti”, *Controspazio*, n. 9, 1972, Setembro, p. 22 - 24.

⁷⁰² A entrevista realizada a Siza por Rousselot e Beaudouin com o título “A conversation with Álvaro Siza” corresponde à designação de outra entrevista realizada por ambos ao arquitecto português publicada na revista francesa ou pode ser igualmente outra mais recente publicada na *L'Ojd* em 1980. *AMC* em 1978 ”ROUSSELOT, Christine, BEAUDOUIN, Laurent, “A conversation with Álvaro Siza”, *design + art in greece*, n. 14, 1983, p. 48 – 52; ROUSSELOT, Christine, BEAUDOUIN, Laurent, “Entretien avec Álvaro Siza”, *AMC*, n. 44, 1978, p. 33 – 41; e “Interview d’ Álvaro Siza”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980, p. LX.

divulgadores de Siza até àquela data; para além de Gregotti, escrevem também Portas, Bohigas, Huet e Nicolín. Por outro lado, a sua posterior itinerância levou a arquitectura de Siza a ser exposta em países onde nunca o tinha sido.

Gregotti foi o primeiro autor internacional a elaborar uma reflexão sobre a obra de Siza no número 9 da revista *Controspazio* de 1972, tal como afirmámos no capítulo anterior, sendo um divulgador incansável da arquitectura portuguesa, em particular da arquitectura de Siza, de quem se tornou amigo. Neste ano, Gregotti inclusivamente convidou o arquitecto português para dar um seminário no seu curso de projecto em Veneza⁷⁰³. A exposição monográfica de Siza assinalou o momento de reabertura do Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão, também conhecido como Pavilhão Gardella, por ter sido desenhado por Ignazio Gardella, o qual tinha sido aberto em 1954 e posteriormente encerrado.

Siza escreveu num testemunho manuscrito datado de 1985 onde esclarece que foi ele próprio quem seleccionou o material para integrar a exposição⁷⁰⁴. Nesse documento Siza declarou que o seu objectivo era mostrar a distância entre “ideia e realização”, e o contínuo esforço para a encurtar através da “paciente e impaciente construção dos documentos para a execução da obra, dos elementos interdisciplinares de comunicação transformadores e seguidores de imagens e de programas”⁷⁰⁵. Relativamente ao desenho da montagem da exposição Siza escreveu que optou “pelo contraste – distância e ausências”⁷⁰⁶. Explicou de seguida que decidiu expôr em lados opostos de um elemento central os esboços e os desenhos de execução, sendo a mostra completada por uma selecção de diapositivos das obras construídas⁷⁰⁷ [fig.s A2. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12].

O respectivo catálogo foi editado no mesmo ano com título *Álvaro Siza Architetto 1954-1979*, sob a responsabilidade de Gregotti, com a colaboração de Ítalo Rota⁷⁰⁸, designer que também colaborava na época com a *Lt I* [fig. A2.3.4.].

⁷⁰³ MULAZZANI, Marco, “‘Álvaro Siza è un architetto fuori moda...’ conversazione con Vittorio Gregotti”, *Casabella*, n.744, 2006, p. 72.

⁷⁰⁴ Este documento integra o catálogo dactilografado da exposição quando este teve lugar no Porto e em Lisboa. CASTANHEIRA, Carlos, DIJK, Hans van, BOASSON, Dorien, *Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal*, 1984.

⁷⁰⁵ Ibidem.

⁷⁰⁶ Ibidem.

⁷⁰⁷ Ibidem.

⁷⁰⁸ GREGOTTI, Vittorio, ROTA, Italo, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milão, Idea

O catálogo abre com textos inéditos de Huet e de Nicolín⁷⁰⁹. O artigo de Huet é intercalado por um texto de Siza⁷¹⁰ anteriormente publicado e por nós analisado no texto relativo ao ano de 1976. Seguem-se os textos, anteriormente publicados de Gregotti, Portas e Bohigas, apesar deste último não estar identificado nem apresentar título⁷¹¹. Sucede-se a apresentação dos projectos da autoria de Siza, num conjunto muito completo da sua produção entre 1954 e 1979⁷¹². O único projecto publicado que não é da autoria exclusiva de Siza é a intervenção SAAL no Barredo da autoria de Fernando Távora, Bernardo Ferrão e Siza⁷¹³. Esta apresentação de projectos é intercalada pela publicação de um texto de Gregotti,

Editions, Edizioni del Padiglione d'Arte Contemporânea di Milano, 1979.

⁷⁰⁹ HUET, Bernard, “Álvaro Siza, architetto”, ibidem, s/p; NICOLÍN, Pierluigi, “Il metodo di Siza”, ibidem, s/p.

⁷¹⁰ VIEIRA, Álvaro Siza, ibidem, s/p. O texto de Siza tinha sido anteriormente publicado em 1978 no catálogo da exposição *Europa – América, Centro storico – suburbio* ocorrida na Bienal de Veneza em 1976; e depois em 1979 no número 22 da revista *Lotus International*.

⁷¹¹ GREGOTTI, Vittorio, “Architetture recenti di Álvaro Siza”, ibidem, s/p. O texto de Gregotti tinha sido anteriormente publicado no número 9 da *Contropazio* de 1972 e posteriormente, no número 185 da *L'Ojd* de 1976. PORTAS, Nuno, “Note sul significato dell'architettura di Alvaro Siza nell' ambiente portoghese”, ibidem, s/p. O texto de Portas tinha sido anteriormente publicado no número 9 da *Contropazio* de 1972. O texto de Bohigas foi publicado na versão mais curta já editada no número 185 da revista *L'Ojd*. A versão mais extensa tinha sido publicada no número 12 da *Arquitecturas Bis* e no livro *Once Arquitectos*, todas em 1976.

⁷¹² Os projectos são apresentados através de elementos gráficos e escritos. A autoria dos textos sobre cada obra não é identificada. Os projectos apresentados são: “Assetto della Avenida Marginal 1958-74”, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milão, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d'Arte Contemporânea di Milano, 1979, s/p; “Piscina a Leça Matosinhos 1961-66”, ibidem, s/ p; “Casa in via dos Combatentes Porto 1967 – 70”, ibidem, s/ p; “Casa in via dos Combatentes Porto 1967 – 70”, ibidem, s/ p; “Edificio di ufficio e commercio nella avenida da Ponte Oporto. Pre-progetto 1968”, ibidem, s/p; “Agenzia di Banca a Oliveira de Aremis 1971-74”, ibidem, s/p.; “Gruppo di case per vacanza a Caxinas Vila do Conde 1970-74”, ibidem, s/p.; “Casa Alcino Cardoso – Moledo do Minho – 1971”, ibidem, s/p.; “Agenzia del banco Borges Vila do Conde 1969-74”, ibidem, s/p.; “Casa Beires 1973-75 Povoá”, ibidem, s/p.; “Abitazione collettiva per la Associação de Moradores da Bouça 1973-78”, ibidem, s/p.; “Rinnovo dell'area di S. Victor Porto 1974-77”, ibidem, s/p.; “Abitazione e equipaggiamento collettivo del Barredo Porto 1976”, ibidem, s/p.; “Ristorante al Pico do Arreiro Isola di Madera 1975, ibidem, s/p.; Évora”, ibidem, s/p.; e por último é apresentado o projecto para Berlim realizado na segunda semana no congresso I.D.Z. em Outubro de 1976, por nós referido na segunda parte do capítulo anterior, “Berlino”, ibidem, s/p..

⁷¹³ Este projecto é antecedido de uma memória descritiva assinada pelos autores do projecto. TÁVORA, Fernando, FERRÃO, Bernardo, VIEIRA, Álvaro Siza, “Barredo: operazione di rinnovo urbano”, ibidem, s/p.

também anteriormente publicado no número 18 da *Lt I*⁷¹⁴, por nós anteriormente analisado.

Detemo-nos de seguida sobre os textos originais publicados no catálogo, que como dissemos são os de Huet e de Nicolín e seus percursos editoriais.

No texto intitulado “Álvaro Siza, architetto”⁷¹⁵, Huet desenvolve algumas das ideias apontadas nos pequenos textos que tinha escrito no número 185 da *LOjd* de 1976. Este texto de Huet será publicado novamente no livro monográfico sobre o trabalho de Siza Veira de 1986 e reeditado em 1988⁷¹⁶.

Em nossa opinião, de facto Huet traz pouca coisa de novo à discussão sobre a obra de Siza, pois ao desenvolver o seu texto referido e publicado em 1976, faz eco e quase sintetiza aquilo que outros autores escreveram anteriormente, bem como da entrevista de Siza publicada no número 44 da revista *AMC* de 1978, por nós anteriormente analisados.

Em nossa opinião, o contributo mais significativo de Huet, consiste na sua tentativa de identificação de fases no trabalho de Siza, realçando em cada período cronológico um traço distintivo comum às obras realizadas naquele período. Passamos a descrevê-las em traços gerais. Relativamente às primeiras obras, a Casa de Chá da Boa Nova e a piscina da Quinta da Conceição, considera que estas fazem referência à arquitectura popular portuguesa, no seguimento das preocupações daquilo a que Huet chama de grupo do Porto, constituído por arquitectos que se movimentavam ao redor de Viana de Lima, Fernando Távora e Carlos Ramos⁷¹⁷. No período entre os anos de 1960 e 1968, e apesar da escala de encomenda ser sensivelmente a mesma que anteriormente, são referidas a Piscina de Leça, a casa em Moledo do Minho e a casa na Avenida dos Combatentes,

⁷¹⁴ GREGOTTI, Vittorio, “Le operazione S.A.A.L.: un bilancio”, in ibidem, s/p. Este texto tinha sido publicado anteriormente no número 18 da *Lt I* de 1978 com o título “Oporto. Nota di Vittorio Gregotti”.

⁷¹⁵ HUET, Bernard, “Álvaro Siza, architetto”, ibidem, s/p.

⁷¹⁶ O livro teve uma primeira edição bilingue, Italiano e Inglês, pela Electa em 1986, onde consta o artigo: HUET, Bernard, “Álvaro Siza, arquitecto 1954-1979”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986, p.176-181. A segunda edição bilingue em Espanhol e Português foi editada em 1988 pela Gustavo Gili: *Álvaro Siza, Profissão poética / Profissão Poética*, Barcelona, Gustavo Gili 1988.

⁷¹⁷ A Casa de Chá da Boa Nova é datada de 1956 e a piscina da Quinta da Conceição de 1958. HUET, Bernard, “Álvaro Siza, architetto”, ibidem, p. 1, 2.

no Porto, Huet considera que Siza procura uma linguagem moderna e faz uma revisão do racionalismo⁷¹⁸. Num período posterior a 1968, Huet considera que Siza se concentra no tema da complexidade, dando respostas variadas a cada caso⁷¹⁹.

É interessante referir quanto à divulgação internacional da arquitectura portuguesa, o facto de Huet no início deste artigo de 1979 incluir os arquitectos franceses no restrito grupo daqueles que conhecem o trabalho de Siza⁷²⁰, pois em 1976, no número 185 da revista *L'Ojd* de que era director, só referia os arquitectos espanhóis e italianos⁷²¹. Em nossa opinião, o facto dos conhecedores da obra de Siza ser um grupo restrito é também justificado por Huet pelo estar à margem, isto é, para Huet, a divulgação da obra de Siza confunde-se ela própria com a condição à margem da sua obra.

O texto de Nicolín com o título “Il metodo di Siza”⁷²² constitui a primeira reflexão escrita de sua autoria sobre arquitectura portuguesa, mais especificamente sobre Siza. Nicolín esteve próximo da arquitectura portuguesa pelo menos desde 1975 enquanto redactor / editor da revista *Lt I*, onde aquela foi publicada⁷²³, como analisámos oportunamente.

Em nossa opinião o contributo de Nicolín para a construção do discurso internacional da obra de Siza consiste em ter enriquecido com outra perspectiva o que vinha sendo dito sobre a sua arquitectura, comparando-a com o que

⁷¹⁸ A Piscina de Leça é datada de 1961, a casa em Moledo do Minho de 1964 e a casa na Avenida dos Combatentes, no Porto de 1967. Ibidem, p. 2.

⁷¹⁹ Huet refere os seguintes edifícios: o edifício de escritórios e comércio na Av. Afonso Henriques, 1968, sucursais de bancos em Vila do Conde, 1969/1974, Oliveira de Azeméis, 1971, e Lamego, 1972, a galeria de arte no Porto, habitação popular integrada no desenvolvimento turístico de Caxinas, 1970, projecto do Fundo Fomento no Porto, 1973, Casa Beires na Póvoa em 1973, São Victor. Ibidem, p. 3, 4.

⁷²⁰ Ibidem, p. 1.

⁷²¹ HUET, Bernard, «La passion d'Alvaro Siza», *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 185, 1976, p.42.

⁷²² NICOLIN, Pierluigi, “Il metodo di Siza”, ibidem, s/p.

⁷²³ Foram publicados trabalhos de Siza nomeadamente no número 9 de 1975, as operações SAAL no número 10 de 1976, o restaurante no Pico do Areiro de Siza no número 11 de 1976 e o SAAL de Siza no número 13 de 1976. Temas que continuou a promover enquanto director daquela revista Italiana no número 18 da *Lt I* de 1978, onde o Porto é apresentado como caso de estudo, e neste mesmo ano, de 1979 no número 22 da *Lt I* de 1979 que inclui pequenas obras de Siza, tendo todos os números sido por nós analisados.

menção como cozinha pobre⁷²⁴ e posicionando-a de uma forma explícita perante outras correntes internacionais de arquitectura, bem como relativamente ao sistema político-económico.

Desde logo a expressão ‘cozinha pobre’ faz-nos lembrar outra, a ‘arte povera’, mas que Nicolín não menciona. Dizíamos que esta expressão enriquece o que vem sendo escrito sobre o trabalho de Siza, mas parte da base do património construído por vários autores sobre o trabalho de Siza e que nós analisámos anteriormente. Parte da condição de estar à margem, inúmeras vezes mencionada pelos autores referidos, pois Nicolín fala numa atitude de “*resistência*” perante a “*condição de marginalidade*”⁷²⁵. Em nossa opinião, mas não referenciado por Nicolín, também parte do conceito de ‘confronto com o real alargado’, igualmente descrito pelos autores que mencionámos e analisámos, uma vez que refere na sua explicação que se trata de “*recolher e acomodar os restos*”, “*descobrimo na vida quotidiana o material de trabalho*”⁷²⁶. Neste processo de tratamento dos dados, Nicolín fala na capacidade de “*re-significação*” através de “*deslocação*”, cujo desenvolvimento encontra semelhanças com o trabalho de Aalto⁷²⁷. Nicolín refere ainda a “*passividade como categoria crítica*”, por ser uma atitude “*de tipo inclusivo e receptivo*”, coincidindo com a designação dos conceitos que definimos no primeiro capítulo, podendo agir onde outros recusam⁷²⁸.

Como dizíamos, Nicolín posiciona de uma forma bastante clara a arquitectura de Siza relativamente a outras correntes internacionais, na esteira dos autores anteriores que declaravam Siza estar à margem da cultura internacional da disciplina. Nicolín refere o pós-moderno figurativo e teorias formuladas à priori, como por exemplo as que desenvolvem a tipologia como sistema de aferição da arquitectura, como sendo totalmente diferentes da arquitectura de Siza, sendo que esta demonstra uma abertura à aprendizagem, que por exemplo as segundas não favorecem⁷²⁹.

⁷²⁴ NICOLIN, Pierluigi, “Il metodo di Siza”, Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d’Arte Contemporanea di Milano, 1979, p. 7.

⁷²⁵ Ibidem, p.7.

⁷²⁶ Ibidem, p.7, 8.

⁷²⁷ Ibidem, p.7.

⁷²⁸ Ibidem.

⁷²⁹ Ibidem.

Nicolín, não só posiciona a arquitectura de Siza relativamente a outras correntes arquitectónicas internacionais, como o faz relativamente ao sistema económico-político. Nicolín refere que se trata de um posicionamento sobre aquilo que Siza entende como a posição da “*despesa*” no mundo capitalista europeu⁷³⁰. Apesar de ser uma afirmação um pouco ambígua, percebe-se que Nicolín identificou uma atitude crítica ou no mínimo atenta da parte de Siza perante o capitalismo.

Em suma, entendemos que Nicolín enriquece o discurso sobre a obra de Siza, uma vez que aceita os aspectos negativos da sua condição de estar à margem e avança para a explicação de que o Siza com o seu trabalho os transforma em mais-valias. Acresce que Nicolín nomeia quais as correntes contemporâneas internacionais relativamente às quais Siza está à margem, num discurso bastante directo, o que atribuímos em hipótese ao facto de este também ser influenciado politicamente.

Assim, entendemos que este catálogo constitui um ponto de situação relativamente à divulgação internacional da arquitectura portuguesa até ao ano de 1979, por estarem presentes os temas, Siza e ainda SAAL, e os críticos com alguns dos papéis mais relevantes naquele processo. Críticos como Portas, que se pode considerar o primeiro divulgador persistente da arquitectura portuguesa a nível internacional, Bohigas, cujo convite à participação portuguesa nos PPCC foi seminal, Gregotti, que através da sua actividade multiplica o número de participações da arquitectura portuguesa em eventos internacionais, Huet, o editor da revista francesa *L’Ojd* que lançou o número 185 monográfico sobre arquitectura portuguesa, memorável para a comunidade nacional e internacional interessada na arquitectura e ainda, Nicolín que como membro activo da revista *Lt I*, foi ao longo daqueles anos divulgando a arquitectura portuguesa naquela revista.

Se como dizíamos, o catálogo desta exposição tem por um lado um carácter de síntese, por outro lado, a exposição tem um carácter inaugural. O aspecto inaugural decorre do facto de ter servido de base, à qual foram sendo associados elementos novos, a uma mostra sobre o trabalho de Siza que percorreu ao longo de seis anos, dez cidades diferentes de seis países europeus, na maioria delas pela primeira vez. Ainda no ano de 1979 a exposição esteve também patente na Faculdade de Arquitectura de Veneza e no Internationales Design Zentrum (IDZ) em Berlim, como indicámos na segunda parte do primeiro capítulo;

⁷³⁰ Ibidem.

em 1980 na Escola Politécnica Federal de Lausanne (EPFL), na Suíça; em 1982 nos Museus de Arquitectura Finlandesa e de Alvar Aalto em Helsínquia e em Jyväskylä respectivamente, na Finlândia; em 1983, na Holanda onde sob iniciativa da instituição Stichting Wonen iniciou um périplo por três cidades daquele país, no espaço da Instituição em Amesterdão, na Universidade de Tecnologia em Eindhoven e na Universidade TU Delft em Delft e ainda numa cidade da Bélgica, no Museu de Design em Gante. Em 1984, depois de Delft, a exposição regressou a Portugal, onde encerrou a itinerância.

A Finlândia foi um desses países onde a arquitectura portuguesa foi objecto de exposição pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação, em 1982, graças à iniciativa de Marku Komonen. Mas esta não foi a primeira iniciativa de Komonen relativamente à divulgação da arquitectura portuguesa na Finlândia, pois ele foi o autor do primeiro artigo também sobre Siza que encontrámos naquele país em 1980.

O artigo, de pouco mais de meia página A4, tem o título “Neilikavallunku - Mouksen Arkkitehti” que podemos traduzir por “Arquitecto da Revolução dos Cravos” e foi publicado no número 7 da revista *Arkkitehti* de 1980⁷³¹ [fig. A2.15]. Komonen era também o director daquela revista, lugar que ocupou entre 1977 e 1980. Komonen explicou-nos em entrevista que o artigo surgiu na sequência de ter visto um número especial sobre o trabalho do arquitecto português na revista francesa *L'Ojd*⁷³². Acrescentou que o seu breve texto girava em torno das afirmações que Siza terá proferido naquele número da revista francesa sobre a sua admiração pelo trabalho do arquitecto Finlandês Aalto e a similitude das condições de ambos os países, Portugal e Finlândia⁷³³. Komonen afirmou que escreveu o artigo e ficou a “*desejar conhecer as obras de Siza*”⁷³⁴. Em nosso entender, o que importa reter é que as afinidades entre o arquitecto português e o finlandês constituem matéria suficientemente atractiva para um editor e público finlandeses, que justificou a publicação de um curto apontamento sobre o arquitecto português na revista finlandesa.

A referida primeira exposição sobre Siza na Finlândia teve lugar no Museu de Arquitectura Finlandesa em Helsínquia, entre 24 de Março e 25 de Abril, e no Museu Alvar Aalto, em Jyväskylä, entre 4 e 30 de Maio, tendo recebido a designação “*Alvaro Siza Vieira, Portugalilainen Arkkitehti*” e como dissemos, foi comissariada por Komonen.

Komonen, na altura um jovem arquitecto, para além de ter ocupado o lugar de director da revista *Arkkitehti* como referimos, foi também entre 1978 e 1986 o director do departamento de exposições no Museu de Arquitectura Finlandesa, onde tinha como funções mostrar a arquitectura finlandesa no mundo através de organização de exposições e de expôr na Finlândia arquitectura internacional com interesse⁷³⁵.

Komonen explicou-nos em entrevista que foi numa viagem a Portugal em 1980 para acompanhar a exposição “Konstruktivism in Finnish Achitecture, Art and Design” na Gulbenkian, onde viu o referido número da revista francesa *L'Ojd* sobre Siza⁷³⁶. Decidiu então tirar o máximo partido da sua vinda a Portugal para criar as condições para organizar uma exposição sobre o arquitecto português em Helsínquia⁷³⁷. Primeiro estendeu a sua estada para poder visitar as suas obras no Porto e para o conhecer pessoalmente, viagem que realizou acompanhado de Kaj Franck; e no regresso a Lisboa, contactou as entidades estatais da Cultura com o objectivo de obter apoio à concretização da sua iniciativa⁷³⁸. Apesar do pouco dinheiro que conseguiu⁷³⁹ a exposição realizou-se com a colaboração conjunta da instituição portuguesa da Cultura, do próprio Siza e dos dois museus finlandeses, o Museu de Arquitectura e o Museu Alvar Aalto.

Como referimos, a exposição teve como base o material seleccionado para a exposição do Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão em 1979, ao qual foram acrescentados os desenhos realizados para o Kreuzberg, trabalho entretanto realizado por Siza no âmbito do IBA, tendo a exposição sido reorganizada pelo

⁷³¹ Ocupa pouco mais que meia página A4 sendo ilustrado por um esquisso de um estudo urbano feito por Siza, cujo local não está identificado, por uma fotografia da Casa Beires e duas da Bouça. KOMONEN, Markku, “Neilikavallunku - Mouksen Arkkitehti”, *Arkkitehti*, n.7, 1980.

⁷³² KOMONEN, Markku, entrevista por correio electrónico, 1/11/2012.

⁷³³ KOMONEN, Markku, entrevista por correio electrónico, 9/10/2012.

⁷³⁴ KOMONEN, Markku, entrevista por correio electrónico, 1/11/2012.

⁷³⁵ KOMONEN, Markku, entrevista por correio electrónico, 9/10/2012.

⁷³⁶ Ibidem.

⁷³⁷ Ibidem.

⁷³⁸ Ibidem. Kaj Franck (1911 – 1989) foi um profissional destacado na área do Design na Finlândia.

⁷³⁹ Ibidem.

próprio arquitecto português⁷⁴⁰. Komonen esclareceu que o material expositivo foi composto na sua grande maioria por desenhos originais, fossem eles esboços ou desenhos rigorosos de trabalho⁷⁴¹.

Na impossibilidade de editarem um catálogo, Komonen realizou um desdobrável que também funcionava como cartaz em ambas as faces, ilustrado com várias imagens e com dois textos, um de autoria de Siza e outro do próprio Komonen⁷⁴² [fig. A2. 29].

Komonen, na tradução que nos enviou do seu texto em Inglês fez uma apresentação do trabalho de Siza. Realçou como seria de esperar, dado a exposição ser exibida na Finlândia, as afinidades entre o trabalho do arquitecto português e o de Aalto. Sintetizou ainda outros aspectos como a presença constante do desenho na vida de Siza, a influência da construção vernacular na sua obra, a forma como impregna os seus edifícios aparentemente funcionalistas de um espírito próprio, caracterizou as suas intervenções na cidade antiga, e conclui dizendo que às vezes pensa que Siza leu melhor que o próprio Venturi o livro *Complexidade e Contradição na Arquitectura*, “*ou pelo menos que o aplica de uma forma menos cliché*”⁷⁴³.

A viagem a Portugal em 1980 que deu origem a esta exposição em Helsínquia em 1982 marcou o início de vários encontros entre Komonen e Siza ao longo dos anos⁷⁴⁴, os quais propiciaram visitas a obras do arquitecto português e textos de divulgação do seu trabalho no estrangeiro. Por exemplo Komonen regressou a Portugal aquando da exposição de Aalto na Casa do Infante no Porto em 1983,

⁷⁴⁰ VIEIRA, Álvaro Siza, in Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorien Boasson, *Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal*, 1984.

⁷⁴¹ KOMONEN, Markku, entrevista por correio electrónico, 1/11/2012.

⁷⁴² O texto de autoria de Komonen é intitulado “Rakentamisen pragmaatikko ja vapaa taiteilija” que pode ser traduzido como “Construtor pragmático e artista livre”; tradução feita pela autora a partir de uma tradução para inglês enviada por Markku Komonen. O texto de Siza intitulado “Álvaro Siza: työstäni”, segundo Komonen via mensagem electrónica a 1/11/2012, pode traduzir-se em Inglês como “Álvaro Siza: about my work”. As imagens usadas foram concretamente e na primeira página, a da Quinta da Malagueira com o maior destaque, sendo também publicadas fotografias de menor dimensão da casa na Maia, da Piscina da Quinta da Conceição, da casa Alves Santos na Póvoa do Varzim, do Bairro de São Victor e da remodelação do espaço interior da Galeria de Arte no Porto. Na segunda página, dividida em quatro partes de igual dimensão, são editadas a Agência Bancária em Oliveira de Azeméis, a Bouça, a casa Beires e o projecto do quarteirão Kreuzberg.

⁷⁴³ KOMONEN, Markku, “Neilikkavallunko - Mouksen Arkkitehti”, *Arkkitehti*, n.7, 1980.

⁷⁴⁴ KOMONEN, Markku, entrevista por correio electrónico, 9/10/2012.

altura em que também travou conhecimento com o arquitecto Távora entre outros. Para além do já referido artigo publicado no número 7 da *Arkkitehti* de 1980, Komonen publicou outro artigo sobre a Quinta da Malagueira em Évora de Siza no número 8 da *Arkkitehti* de 1983 intitulado “Portugalilaisen kaupunkitradition heijastuksia, Álvaro Siza uusi suunitema historillisessa Evorassa”, que na sua versão em inglês igualmente publicada na revista recebeu a designação “Echoes of the Portuguese urban tradition. Álvaro Siza’s new plan in old Évora”⁷⁴⁵ [fig. A2. 39]. Komonen voltou a encontrar-se com Siza na Finlândia em 1988, ano em que o arquitecto português se deslocou àquele país para receber a medalha Alvar Aalto⁷⁴⁶, que referiremos no próximo capítulo.

A Holanda foi outro daqueles países onde a arquitectura portuguesa foi objecto de exposição pela primeira vez no período da nossa dissertação, em 1983, graças à itinerância da referida exposição que teve a primeira exibição em Milão em 1979.

Não queremos com isto dizer que a arquitectura portuguesa era totalmente desconhecida na Holanda naqueles anos. De facto, encontrámos uma publicação sobre arquitectura portuguesa, ainda que dirigida a um público específico, aos participantes na visita a Portugal realizada pelo Bouwcentrum International Education de Roterdão. Este Centro agora designado como IHS - Institute for Housing and Urban Development Studies é uma entidade da Universidade Erasmus de Roterdão que tem como objecto central de estudo a gestão e o desenvolvimento urbano, oferecendo cursos de pós-graduação e investigação. O Bouwcentrum foi criado há mais de cinquenta anos com o objectivo de desenvolver técnicas que contribuíssem para a resolução de forma eficaz da falta de habitação sentida em particular em Roterdão após a destruição sofrida na II Guerra Mundial. É no âmbito da sua divisão de ensino, o então designado Bouwcentrum International Education, que tinha como objectivo a partilha e o ensino das experiências a profissionais internacionais que enfrentavam situações similares nos seus países, que são promovidas viagens a países como a Tunísia,

⁷⁴⁵ O projecto é publicado recorrendo a desenhos rigorosos, a esboços que explicam algumas das opções de projecto tomadas, (incluindo um auto-retrato de Siza) e também a fotografias do novo bairro, de construções existentes na sua proximidade, de aspectos do centro histórico da cidade e ainda uma fotografia da renovação do interior de um apartamento legendada “*citação de Aalto por Siza*”. KOMONEN, Markku, “Portugalilaisen kaupunkitradition heijastuksia, Álvaro Siza uusi suunitema historillisessa Evorassa”, *Arkkitehti*, n.º 8, 1983, p. 79-82; e KOMONEN, Markku, “Echoes of the Portuguese urban tradition. Álvaro Siza’s new plan in old Évora”, *ibidem*, p. 94, 95.

⁷⁴⁶ KOMONEN, Markku, entrevista por correio electrónico, 9/10/2012.

o Egipto e a Portugal⁷⁴⁷. Os locais visitados em Portugal entre 4 a 13 de Outubro de 1981 eram o Porto, Évora, Moita e Lisboa, onde as visitas foram antecedidas por conferências e no caso da Moita tiveram a oportunidade de entrevistar associações de moradores⁷⁴⁸.

O dossier intitulado *Excursion to Portugal. October 1981. Bouwcentrum International Education* é estruturado de acordo com os locais a visitar, sendo a informação coligida maioritariamente a partir de fontes documentais portuguesas, ocupando aproximadamente cento e quarenta páginas⁷⁴⁹ [fig. A2. 25]. No prefácio do guia, preparado pela instituição, pode ler-se que era a primeira vez que visitavam Portugal, e conhecer a razão dessa visita a “*um país que tem os problemas de habitação e desenvolvimento comuns a países em desenvolvimento*”, onde são postos em prática vários tipos diferentes de soluções apontadas nas salas de aula em Roterdão⁷⁵⁰.

No entanto, podemos considerar que a referida exposição monográfica sobre Siza foi o primeiro evento na Holanda, no período da nossa dissertação sobre arquitectura portuguesa dirigida a um público mais alargado.

A instituição Stichting Wonen, cujo nome pode ser traduzido como Fundação Habitação, acolheu a referida exposição que fez itinerância por três cidades daquele país: Amesterdão, Eidhoven e Delft, acompanhada pela sua comissária, a jornalista Dorien Boasson. Em Amesterdão a mostra teve lugar no espaço expositivo na Leidsestraat 5 da própria instituição, Stichting Wonen, entre 2 Maio e 2 de Julho de 1983, em Eidhoven teve lugar na Universidade de Tecnologia,

⁷⁴⁷ BROWNE, Nigel, entrevista por correio electrónico, 21/8/2012, funcionário da biblioteca do IHS.

⁷⁴⁸ “excursion programme”, in Paul Baross, Robert Stüssi, *Excursion to Portugal. October 1981. Bouwcentrum International Education*, Roterdão, Bouwcentrum International Education, 1981, p.1, 2.

⁷⁴⁹ Da autoria de Paul Baross e Robert Stüssi, o catálogo é organizado em cinco partes: a primeira com informação geral e dados estatísticos sobre Lisboa, Porto e a produção de habitação em Portugal; a segunda, sobre o Porto em torno do tema SAAL; a terceira, sobre Lisboa, à volta das actividades do Fundo Fomento de Habitação (FFH); a quarta, sobre Évora em particular sobre o projecto da Malagueira, e a quinta e última, com pistas sobre possíveis passeios à noite. BAROSS, Paul, STÜSSI, Robert, *Excursion to Portugal. October 1981. Bouwcentrum International Education*, Roterdão, Bouwcentrum International Education, 1981.

⁷⁵⁰ “Preface”, in Paul Baross, Robert Stüssi, *Excursion to Portugal. October 1981. Bouwcentrum International Education*, Roterdão, Bouwcentrum International Education, 1981, s/p.

entre 3 e 21 de Outubro de 1983, e em Delft teve lugar na Universidade de Tecnologia, conhecida como TU Delft, em Janeiro de 1984⁷⁵¹. Nesta edição da exposição foi acrescentado o projecto para o Centro Cultural de Sines, que na altura se acreditava que iria ser construído, mas que acabou por nunca acontecer⁷⁵².

Existem dois protagonistas fundamentais para a concretização deste evento e de uma publicação: a referida comissária da exposição, a jornalista Dorien Boasson e o arquitecto Carlos Castanheira. Boasson que viajou várias vezes a Portugal e ao Porto para preparar esta exposição, convidou Castanheira para colaborar na sua organização, por conhecer o seu percurso como pontual colaborador de Siza e residir na época na Holanda⁷⁵³. Como veremos, esta colaboração estendeu-se ao número 22 / 23 da revista *Wonen-Tabk* editado no mesmo ano sobre a Escola do Porto.

Na opinião de Castanheira, Boasson era uma daquelas pessoas que procuram o que ainda não foi publicado, como uma forma de se distinguir entre os pares, desenvolvendo, no entanto, um trabalho sério⁷⁵⁴. Por seu lado, Castanheira que desde os tempos de estudante quisera ter uma experiência no estrangeiro, quando acabou o curso foi para Holanda sem nada planeado⁷⁵⁵. Uma vez naquele país, colaborou num instituto em Roterdão, criado para dar apoio ao terceiro mundo. Foi nesta altura que Boasson o contactou para a ajudar a terminar a exposição sobre Siza e ajudar em seguida no número que ela já tinha em mente, sobre a Escola do Porto⁷⁵⁶. Esta foi a primeira participação de Castanheira na elaboração de uma exposição sobre Siza⁷⁵⁷, de muitas que organizará e de muitas edições que levará a cabo no futuro.

⁷⁵¹ *Wonen-Tabk*, n. 9 – 83, 1983, p. 8.

⁷⁵² CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁷⁵³ Ibidem.

⁷⁵⁴ CASTANHEIRA, Carlos, entrevista, Vila Nova de Gaia, 5/8/2013.

⁷⁵⁵ Ibidem.

⁷⁵⁶ Ibidem.

⁷⁵⁷ CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

O número 9/83 da referida *Wonen-Tabk*, editado em Maio de 1983, denominado “Álvaro Siza – Architectura e Renovação Urbana em Portugal”⁷⁵⁸ foi designado como a revista catálogo desta exposição⁷⁵⁹ [fig. A2.40], o que acontecia com frequência relativamente a exposições organizadas pela Stichting Wonen⁷⁶⁰.

A revista *Wonen-Tabk*, única na Holanda durante muitos anos, era editada pela referida Stichting Wonen, que sendo uma instituição independente do Estado, era subsidiada por este⁷⁶¹. De entre as suas funções dava aconselhamento a quem queria realizar pequenas obras e também apoio jurídico quando possível⁷⁶². Esta instituição esteve na origem da constituição do actual NAI, Netherlands Architecture Institute, cujo primeiro director foi Adri Duivensteijn⁷⁶³, que mencionámos anteriormente como o vereador que fez o convite a Siza para trabalhar na Holanda. A revista *Wonen-Tabk* era naquele tempo dirigida por Hans van Dijk, também ele bastante interessado na arquitectura portuguesa, em particular na de Siza e visitante frequente de Portugal⁷⁶⁴.

A capa do número 9/83 da *Wonen-Tabk* revela o tema proposto através da reprodução de um esboço de Siza para o Bairro de São Victor no Porto e de duas pequenas fotografias desta obra e uma de Siza. Hans van Dijk, o referido director da revista, escreveu um artigo, o qual em conjunto com um texto e uma entrevista a Siza realizados ambos por Boasson, constituem a parte escrita que enquadra a apresentação dos projectos do arquitecto português. O texto de Boasson tem como título “O difícil caminho da arquitectura” sendo ilustrado por várias imagens de entre as quais obras de outros arquitectos portugueses como Byrne, Hestnes, entre outros⁷⁶⁵.

⁷⁵⁸ *Álvaro Siza - Architectuur en stadsvernieuwing in Portugal*, *Wonen-Tabk*, n. 9 – 83, 1983.

⁷⁵⁹ CASTANHEIRA, Carlos; DIJK, Hans van; BOASSON, Dorien; *Álvaro Siza: exposição: Architectura e renovação urbana em Portugal*, 1984.

⁷⁶⁰ CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁷⁶¹ Ibidem.

⁷⁶² Ibidem.

⁷⁶³ Ibidem.

⁷⁶⁴ Ibidem.

⁷⁶⁵ Relativamente a obras de arquitectura contemporânea o texto é ilustrado por imagens de várias obras: o edifício de Chelas de autoria de Gonçalo Byrne e Reis Cabrita, uma obra das Fonsecas-Calçada (SAAL) de Hestnes Ferreira, as Antas (SAAL) e uma ampliação de uma Fundação no Porto de Pedro Ramalho, as habitações económicas em Lamego de Jorge Gigante, Francisco Melo e José Gigante, o lar de idosos em Baião de Alexandre Alves Costa. BOASSON, Dorien, “De moeilijke

No texto intitulado “As vulneráveis transformações de Siza”⁷⁶⁶, Dijk abordou essencialmente o processo de projecto de Siza o qual designou como “*fusão híbrida*” de vários fragmentos e elementos, não através de colagem, mas de um processo onde são transformados pela sua relação mútua, no qual o arquitecto é o “*catalisador*”, por ser aquele que provoca a reacção entre aqueles elementos⁷⁶⁷. Deste texto, interessa-nos sobretudo sublinhar a análise que Dijk fez da participação da população no processo de projecto de Siza. Dijk escreveu que as transformações na obra de Siza têm pouco que ver com as transformações sociais e mais com a alteração da forma como passou a encarar as condicionantes de projecto, nomeadamente a aceitação do carácter fragmentário do lugar⁷⁶⁸. Dijk continuou dizendo que o “*único ‘acto revolucionário’ que [Siza] cometeu*” foi o de pressionar a rapidez na construção, pois já promovia o diálogo com o cliente, entendendo até que os arquitectos que projectavam casas burguesas eram os mais preparados para este processo, por estarem habituados a esse contacto directo⁷⁶⁹, citando a afirmação de Siza na entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978, a qual tivemos oportunidade de realçar⁷⁷⁰. Esta observação de Dijk vem de encontro ao que Siza explicou na entrevista no número 14 da *ARQ* de 1983, que analisámos atrás, na qual inclui a participação da população como mais uma ferramenta do seu método de trabalho, retirando uma qualquer carga ideológica⁷⁷¹. É bastante interessante que seja um holandês a chegar a esta observação, pois tal como o próprio afirmou aquele era um tema de debate na Holanda naqueles tempos, sendo que ele considerava a postura de Siza mais realista que a de muitos seus compatriotas⁷⁷².

weg van de architectuur”, *Wonen-Tabk*, n. 9 – 83, 1983, p. 9-11.

⁷⁶⁶ O texto de Hans van Dijk tem como ilustrações uma fotografia da Casa de Chá da Boa Nova, dois esboços do bairro de São Victor, a casa de António Carlos Siza (com a reprodução de uma planta, dois cortes, duas fotografias, e um breve texto), e ainda uma axonometria de um projecto de escritórios em Maryland de Frank Gehry e um quadro de Daniel Libeskind com o nome *The Grim Reaper*. DIJK, Hans van, “De kwetsbare transformaties van Siza”, *Wonen-Tabk*, n. 9 – 83, 1983, p. 12-15.

⁷⁶⁷ VAN DIJK, Hans, “As vulneráveis transformações de Siza”, in Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorien Boasson, *Álvaro Siza: exposição: Architectura e renovação urbana em Portugal*, 1984, p. 10 - 13.

⁷⁶⁸ Ibidem, p. 10.

⁷⁶⁹ Ibidem, p. 11.

⁷⁷⁰ ROUSSELOT, Christine, BEAUDOUIN, Laurent, “Entretien avec Álvaro Siza”, *AMC*, n. 44, 1978, p. 39.

⁷⁷¹ VANLAETHEM, France, “Entrevue avec Álvaro Siza”, *ARQ*, n. 14, 1983, p. 17, 18.

⁷⁷² VAN DIJK, Hans, “As vulneráveis transformações de Siza”, in Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorien Boasson, *Álvaro Siza: exposição: Architectura e renovação urbana em Portugal*, 1984,

Sucedem-se a apresentação de vários projectos de Siza⁷⁷³. O dossier é encerrado com a referida entrevista realizada por Boasson a Siza a que deu o título “Entrevista com Álvaro Siza. ‘A arquitectura interessante surge quando culturas intensas se misturam’”⁷⁷⁴. Desta entrevista destacamos dois pontos: um que tem que ver com a forma que Siza encara a relação dos projectos com o lugar e quando este lugar significa intervir num edifício existente; e outro ponto, sobre o que entende como qualidade em arquitectura. No mesmo sentido do que em nosso entender tentou explicar na entrevista a Pepita Teixidor no número 159 da *Quaderns* de 1983, como referiremos posteriormente, Siza afirmou muito claramente nesta entrevista a Boasson, que embora entenda o lugar como um dos estímulos muito importantes para o projecto, isso não significa que o tenha que o “*mimetizar*”, copiar as linguagens ou as escalas existentes, mas sim saber estabelecer uma relação, ainda que entre uma intervenção diferente e a envolvente⁷⁷⁵. De uma forma ainda mais veemente, quando a intervenção é feita em casas existentes, Siza entende que a construção nova deve ser radical, e acredita no contraste e na diferença de escala e linguagem⁷⁷⁶. Quando questionado sobre as suas referências, Siza reconheceu serem várias, diferentes em cada momento e explicou que a arquitectura que considera mais interessante “*é a que aparece onde culturas se misturam intensamente*”, afirmando noutro momento, que pela mesma razão, não tem medo dos perigos do internacionalismo, acha até que o conhecimento de outras culturas ou a possibilidade de trabalhar noutro sítio “*poderá até avivar as próprias raízes*”⁷⁷⁷. É interessante verificar como

p. 10.

⁷⁷³ Os projectos de Siza apresentados são: piscina da Quinta da Conceição, piscina de Leça da Palmeira, casa Beires na Póvoa do Varzim, casa Alcino Cardoso em Moledo do Minho, projecto da Avenida da Ponte, agência bancária em Oliveira de Azeméis, bairro de São Victor no Porto (SAAL), bairro da Bouça no Porto (SAAL), Quinta da Malagueira em Évora, quarteirão Schlesisches Tor em Berlim e por fim o projecto de concurso para a fábrica DOM, em Colónia. *Wonen-Tabk*, n. 9 – 83, 1983, p. 16-23.

⁷⁷⁴ Ao longo desta entrevista são publicados uma foto de Siza, esquisso da casa Beires e fotografia da maquete do projecto da Ponte, ambos de autoria de Siza Vieira e uma fotografia do Museu de Amarante de Alcino Soutinho. BOASSON, Dorien, “‘De interessantste architectuur ontstaat waar culturen zich intensief mengen’. Interview met Álvaro Siza.”, *Wonen-Tabk*, n. 9 – 83, 1983, p. 24-29.

⁷⁷⁵ BOASSON, Dorien, “A arquitectura mais interessante aparece onde as culturas se misturam intensivamente”. Uma entrevista com Álvaro Siza por Dorien Boasson”, in Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorien Boasson, Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal, 1984, p. 25.

⁷⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷⁷ Ibidem, p. 27, 28.

Siza não cede a simplificações no discurso do seu entendimento da arquitectura, num paralelismo à sua abordagem à complexidade do real quando projecta.

Aquela foi a última montagem da selecção que Siza fez e que veio a ser exibida em Portugal no ano de 1984 antes da destruição dos suportes, por sugestão do arquitecto Castanheira, no Porto, em Lisboa⁷⁷⁸ e ainda em Évora, a pedido da Câmara Municipal⁷⁷⁹. A propósito desta itinerância por Portugal foi elaborado um catálogo⁷⁸⁰, que consistiu na tradução para Português dos textos publicados no referido número 9 da *Wonen-Tabk*, considerados por Castanheira e Siza como os mais significativos. Apesar da data que consta no catálogo não coincidir, Castanheira informou-nos que a inauguração no Porto aconteceu no dia 25 de Junho, dia do aniversário do arquitecto Siza, na qual ficou famosa a conferência que proferiu perante uma sala cheia de professores, personalidades, alunos e familiares sobre uma casa, a casa para um cão, o cão da Casa de Ovar⁷⁸¹.

Com a exibição da exposição em Portugal encerrou-se um ciclo que teve início em 1979, um percurso longo e rico que Siza fez questão de descrever no referido manuscrito do seu catálogo quando passou por Portugal, em 1984, nas suas palavras: “*para agradecer a pessoas e a entidades a oportunidade de mostrar, em tão diferentes sítios e beneficiando de críticas e contactos, os poucos e pequenos projectos que me foi dado construir, alguma coisa do que me foi negado construir, e um ou outro sinal do que não incomoda, permanecendo oculto, errante alimento*”⁷⁸².

⁷⁷⁸ No Porto a exposição teve lugar na Escola Superior de Belas Artes, de 13 de Junho a 4 de Julho e em Lisboa na Galeria Almada Negreiros, de 11 de Julho a 31 de Julho, que funcionava no rés-do-chão do edifício onde estava a Secretaria de Estado da Cultura. Os custos foram suportados pela Secretaria de Estado da Cultura portuguesa, que na pessoa da Dr.ª Patrício Gouveia aceitou o orçamento e programa. VIEIRA, Álvaro Siza, in Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorien Boasson, Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal, 1984.

⁷⁷⁹ Em Évora, a exposição teve lugar no Palácio D. Manuel. CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁷⁸⁰ VIEIRA, Álvaro Siza, in Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorien Boasson, Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal, 1984.

⁷⁸¹ CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁷⁸² VIEIRA, Álvaro Siza, in Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorien Boasson, Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal, 1984.

Tal como foi anunciado no número 9 da revista *Wonen – Tabk* a arquitectura portuguesa foi objecto de um segundo número daquela revista como já de referimos, o número 22/23 intitulado “Arquitectura e Renovação Urbana em Portugal”⁷⁸³, da responsabilidade igualmente de Boasson e Castanheira⁷⁸⁴ [fig. A2.41]. O título é similar ao do número 9 com a diferença de ter desaparecido o nome de Siza, por não ser agora o tema central desta edição.

O desenho da capa deste número é de autoria de Castanheira, que assim que o mostrou à equipa da revista quiseram logo usá-lo⁷⁸⁵. Consiste num frontão com a inscrição “A Escola do Porto”, suportado por colunas que evocam várias épocas da História da Arquitectura, onde são identificados os professores da Escola, com a representação de Távora em forma de estatueta, colocado no topo. Nas palavras de Castanheira trata-se de um “‘templo’ que era a escola de arquitectura da ESBA, que tinha a sua ‘ordem’, as suas ‘colunas’, os seus ‘altos e baixos relevos’”⁷⁸⁶. Confessou ter-se divertido bastante, mas ter ficado preocupado com a sua publicação, pois não sabia se iria agradar aos “altos e baixos relevos”, admitindo agora ter-se enganado em alguns casos⁷⁸⁷.

Indicava-se no prólogo do número 9 da revista sobre Portugal e Siza que no segundo momento em que aquela revista se iria dedicar a Portugal, iria ser dada a palavra a autores portugueses para relatarem a sua experiência na actividade SAAL - Porto em que estiveram envolvidos, a história do crescimento urbano da cidade e seriam apresentados trabalhos de arquitectos da “Escola do Porto”⁷⁸⁸. Estas propostas são de facto cumpridas e para além daqueles temas também é referida a construção em Lisboa. No entanto, Castanheira explicou-nos que se os textos que solicitaram a vários autores tivessem chegado nas condições pretendidas talvez o artigo sobre Lisboa não tivesse sido publicado naquele número⁷⁸⁹.

⁷⁸³ *Architectuur en stadsvernieuwing in Portugal - II, Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983.

⁷⁸⁴ *Wonen-Tabk*, n. 9 – 83, 1983, p.11.

⁷⁸⁵ CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁷⁸⁶ Ibidem.

⁷⁸⁷ Castanheira acrescentou que um amigo decidiu fazer uma serigrafia deste desenho a qual se esgotou. CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁷⁸⁸ *Wonen-Tabk*, n. 9 – 83, 1983, p.8.

⁷⁸⁹ CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

O dossier abre com um artigo de Hans Van Dijk, o referido director da revista, com o título “Regionalismo crítico e a Escola do Porto”⁷⁹⁰, ao qual se segue o artigo que referimos sobre Lisboa, de René van Veen intitulado “A construção ilegal em Lisboa”⁷⁹¹. Geoff Markham alegou em entrevista que este artigo pode ter tido na sua origem numa iniciativa do representante dos estudantes de arquitectura no conselho directivo do RIBA, Geoff Haslam⁷⁹². Haslam lançou três eventos todos relacionados com a arquitectura social, tendo o primeiro tido lugar em Hull e sido dirigido a alunos de arquitectura de escolas britânicas, trinta e cinco na época, em 1980 ou em 1981, o segundo foi já alargado a estudantes europeus tendo ocorrido em Liverpool, o terceiro e último aconteceu em Lisboa em 1983 e contou com a participação de centenas de alunos de países como França, Holanda e Inglaterra⁷⁹³. De entre as actividades foram realizadas visitas a bairros clandestinos em Lisboa e uma excursão ao Porto, as tais que poderão ter dado origem a este artigo⁷⁹⁴.

De seguida surge então a parte dedicada mais especificamente ao Porto. Esta abre com um texto da autoria de Boasson e de Castanheira intitulado “Porto. Momentos da história de uma cidade”⁷⁹⁵. Castanheira explicou-nos que ambos decidiram escrever este artigo para enquadrar a publicação, para suprir a falta de contribuições que cumprissem esse objectivo⁷⁹⁶. Segue-se um texto de Alves Costa intitulado “Imagens de uma cidade libertada. A curta vida do SAAL no Porto”⁷⁹⁷. Castanheira explicou-nos que o convite naquela época a

⁷⁹⁰ DIJK, Hans van, “Kritisch regionalisme en de School van Porto”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983, p.11. Embora os artigos estejam escritos em Holandês, os títulos permitem obter uma indicação dos temas abordados.

⁷⁹¹ Este artigo é ilustrado para além de outras imagens, com fotografias e desenho do Bairro de Chelas da autoria de Gonçalo Byrne e Reis Cabrita. VEEN, René van, “De illegale bouw in Lissabon», *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983, p.12 - 17.

⁷⁹² MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 8/6/2012.

⁷⁹³ Ibidem.

⁷⁹⁴ Ibidem.

⁷⁹⁵ CASTANHEIRA, Carlos, BOASSON, Dorien, “Porto. Momenten uit de geschiedenis van een stad”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983, p.18 - 24.

⁷⁹⁶ CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁷⁹⁷ Ao longo deste texto são sumariamente publicados através de um breve texto e de um desenho ou de uma imagem, os projectos do SAAL – Lapa, SAAL – Maceda, SAAL – Antas, SAAL – Leal, SAAL – Bouça, SAAL – Miragaia. COSTA, Alexandre Alves, “Beelden van een bevrijde stad. Het korte leven van de SAAL in Porto”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983, p.25 - 31.

Alves Costa para escrever era natural, por ser das poucas pessoas que escrevia sobre arquitectura em Portugal e também por viajar com frequência, tendo-se deslocado vários anos ao Instituto onde Castanheira trabalhava em Roterão para realizar conferências⁷⁹⁸. Antes da apresentação dos projectos é publicado um artigo de Manuel Mendes com o título “A Escola do Porto. O mito, a sombra, o rosto, a memória, o desejo, a reunião possível, procurando uma ideia (ir)real”⁷⁹⁹.

O dossier encerra com a apresentação de vinte e um projectos de dezassete arquitectos ou ateliers de arquitectura do Porto como Siza, Távora, Soutinho, Souto de Moura, entre outros, sob o título “Project uit de school van Porto”⁸⁰⁰, onde a proposição *uit* significa ‘produção de’⁸⁰¹. Castanheira explicou-nos que a selecção foi feita por si e que se concretizou de uma forma pragmática⁸⁰². Aproveitou uma vinda a Portugal nas férias para visitar os arquitectos publicados e também outros, tendo todos ficado bastante interessados e concordado em enviar material, no entanto atrasaram-se bastante, pondo quase em risco a publicação e alguns nem chegaram a concretizar o envio, pelo que foram publicados aqueles que responderam ao desafio, sem que se lembre de ter sido

recusado algum⁸⁰³. Foi ainda necessário fazer um esforço adicional, Castanheira retocou alguns desenhos, outros desenhou-os de novo e pediu a amigos que tirassem fotografias porque algumas das enviadas tinham uma qualidade muito baixa⁸⁰⁴.

Na última página são publicados dois mapas, um da cidade do Porto e outro do Norte de Portugal com a localização das obras, incluindo as operações SAAL e ainda as obras de Siza que se situam nesta área geográfica⁸⁰⁵. Castanheira explicou-nos que estes mapas foram feitos por ele, com o objectivo de serem uma ajuda a quem visitasse a região do Porto, mas sem a ajuda das tecnologias que estão hoje ao dispor deixou alguns dos projectos apresentados de fora⁸⁰⁶. Uma das consequências que salientamos é o poder da imagem dos mapas, que sendo verdade que a grande maioria das obras se situa realmente no Norte de Portugal, contribui em nosso entender, para a construção de uma ideia a existência da ‘escola do Porto’, embora Castanheira não tenha emitido uma opinião relativamente a esse assunto.

Neste período a arquitectura portuguesa e a de Siza em particular chegou ainda a outras geografias, sendo cada percurso trilhado por motivos e razões diferentes.

Siza deslocou-se à Colômbia em 1982 para participar num encontro que a Faculdade de Arquitectura da Universidade dos Andes promoveu com arquitectos estrangeiros, designadamente: Oriol Bohigas, Fernando Montes e Aldo Rossi [fig. A2. 31]. A Universidade tinha como objectivo para além de realizar um programa de conferências sobre desenho urbano, que estes arquitectos participassem num projecto que a Faculdade estava a desenvolver numa área da cidade de Bogotá naquele semestre⁸⁰⁷. A participação neste projecto traduziu-se num curso para 60 estudantes ministrado pelos quatro arquitectos estrangeiros referidos, em conjunto com os arquitectos colombianos, Rogelio Salmona, Germán Samper,

⁷⁹⁸ Entrevista a Carlos Castanheira a 5/8/2013, Vila Nova de Gaia.

⁷⁹⁹ Este artigo é ilustrado por fotografias de obras ou desenhos de projectos do século XX até à década de 60. MENDES, Manuel, “De School van Porto. De mythe, de schaduw, het gezicht, het geheugen, het verlangen, mogelijke ontmoeting, op zoek naar een (on)werkelijk idee”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983, p.32 - 44.

⁸⁰⁰ Cada um dos projectos é apresentado de acordo com uma grelha onde surge um pequeno texto descritivo, fotografias do edifício ou do processo de construção no caso de existirem, e de desenhos rigorosos, ocupando cada dois projectos o espaço de uma página A4, à excepção de três casos os quais indicaremos. São publicados: a Escola de Vila Nova de Gaia e o Pavilhão de Tênis de Fernando Távora, o projecto da Câmara Municipal de Matosinhos e a biblioteca e museu em Amarante de Alcino Soutinho, quatro habitações de Rolando Torgo, a casa de Ovar de Siza Vieira, as piscinas em Matosinhos de Pedro Ramalho, as quais ocupam a totalidade de uma página A4, o Banco Borges e Irmão em Braga e as habitações do Fundo Fomento da Habitação em Lamego de Jorge Gigante/Francisco Melo/José Gigante, o Lar em Baião de Alexandre Alves Costa/António Corte-Real/José M. Carvalho/José M. Soares, o prédio de apartamentos em Moledo de Sérgio Fernandez, quatro casas em Vila Nova de Gaia, que ocupa uma página A4 e o projecto de concurso da Assembleia dos Açores de Manuel Fernandes, renovação e ampliação de uma casa em Pinhão de Bernardo Ferrão/Francisco Barata, o edifício de lojas em Vila do Conde de Adalberto Dias, uma habitação de Henrique Carvalho/Carlos Prata, o mercado de Braga de Eduardo Souto de Moura, o projecto de concurso para um mercado em Loulé de Manuel Mendes, a cooperativa “O lar do trabalhador” em Matosinhos de Rogério Cavaca, que ocupa uma página A4, uma casa em Avanca de Virgínio Moutinho, e por último habitações de férias de António Corte - Real. “Project uit de school van Porto”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983, p.45 - 57.

⁸⁰¹ CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁸⁰² Ibidem.

⁸⁰³ Ibidem.

⁸⁰⁴ Ibidem.

⁸⁰⁵ Os projectos para os Açores e Loulé não estão assinalados, na realidade eram da fase de concurso, mas também não estão os projectos de Siza para Évora e Berlim, obviamente porque não cabem nas áreas dos mapas seleccionadas.

⁸⁰⁶ CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.

⁸⁰⁷ “El espacio público urbano. 1. Oriol Bohigas. 2. Fernando Montes. 3. Aldo Rossi. 4. Álvaro Siza”, *Proa*, Bogotá, 1982, p. 48.

Julian Guerrero e Álvaro Botero⁸⁰⁸ [fig. A2. 30]. Botero explicou-nos em entrevista que este projecto resultou de uma intenção do governo de intervir no bairro de Santa Bárbara, um bairro habitado por população de baixos recursos, pela razão inusitada de ser considerado um perigo para a casa presidencial, La Casa de Nariño, dada a sua proximidade⁸⁰⁹.

Numa antecipação desse encontro o trabalho de Siza foi publicado pela primeira vez no período da nossa dissertação na Colômbia no número 305 da revista *Proa* de 1982. A *Proa* contou com a colaboração de estudantes para realizar uma breve apresentação dos trabalhos dos arquitectos⁸¹⁰. É de notar que tenha sido trazido para a página de abertura deste artigo um esboço da planta da casa de Alcino Cardoso da autoria de Siza, em conjunto com o desenho de alçados de um projecto de Fernando Montes⁸¹¹.

Botero acrescentou na entrevista que nos deu que Siza voltou a ser convidado pela Universidade dos Andes para leccionar em conjunto com ele um semestre sobre habitação popular⁸¹². Este curso, que ocorreu no segundo semestre de 1983, teve como sede uma das casas do referido bairro de Santa Bárbara e contou com a participação dos habitantes do bairro e de outros professores convidados⁸¹³. O desenvolvimento e os resultados deste trabalho foram registados numa edição coordenada por Luis Restrepo⁸¹⁴. Paralelamente, Siza fez várias conferências onde apresentou a sua obra, com audiências repletas⁸¹⁵ [fig. A2.42].

Temos registo da arquitectura portuguesa ter sido publicada pela primeira vez no período da nossa dissertação no Japão em 1979, por Toshiaki Tange. Tange

⁸⁰⁸ BOTERO, Álvaro, entrevista por correio electrónico, 14/1/2016.

⁸⁰⁹ No final deste curso, Siza integrou uma viagem a Cartagena das Índias. Ibidem.

⁸¹⁰ Foi o estudante Emiro Mora que se ocupou do trabalho de Siza num artigo de duas páginas, ilustrado por fotografia, plantas e alçados da agência bancária em Oliveira de Azeméis. O texto passa por grande parte das obras de Siza tentando fazer um enquadramento destas no seu percurso profissional e contextualizá-las no âmbito da produção arquitectónica internacional recorrendo a citações de textos anteriormente publicados sobre o arquitecto português. MORA, Emiro, “4. Álvaro Siza”, *Proa*, Bogotá, 1982, p. 56, 57.

⁸¹¹ “El espacio público urbano. 1. Oriol Bohigas. 2. Fernando Montes. 3. Aldo Rossi. 4. Álvaro Siza”, *Proa*, Bogotá, 1982, p. 48.

⁸¹² BOTERO, Álvaro, entrevista por correio electrónico, 14/1/2016.

⁸¹³ Ibidem.

⁸¹⁴ Ibidem. Apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível obter mais informações sobre aquela edição.

⁸¹⁵ Ibidem.

assinava uma coluna na revista *Chubu Kensetsu*, designada *Cartas da Europa*, tendo publicado no número 2 daquela revista um artigo intitulado “Políticas de habitação”, sobre o SAAL⁸¹⁶.

Tange foi também um dos responsáveis pela publicação do trabalho de Siza no número 123 da revista mensal *a+u*. Um número especial, praticamente monográfico, uma vez que são ocupadas 80 páginas em 110 aproximadamente com o trabalho do arquitecto português [fig. A2. 14].

Esta foi a primeira vez que a revista *a+u* publicou arquitectura portuguesa. A *a+u* começou a ser publicada em Janeiro de 1971, em edição bilingue, japonês e inglês⁸¹⁷. Toshio Nakamura foi o seu director executivo desde o número inaugural de 1971 até ao último número do ano de 1995⁸¹⁸. Nakamura, arquitecto de formação, já tinha tido várias experiências editoriais antes de se lançar no projecto *a+u*, nomeadamente nas revistas de arquitectura *Kindai-Kenchiku*, (Modern Architecture), desde 1958, tendo mudado para a Space Design em 1963⁸¹⁹. Nakamura justificou-nos em entrevista o nome da revista *a+u* como resultado da sua intenção de unificar a arquitectura e o urbanismo; bem como a sua edição ser bilingue, por pretender que a revista participasse da “globalização da informação sobre arquitectura”⁸²⁰. Esta vocação internacional foi reforçada pelo grupo de “conselheiros” espalhados por todo o globo, identificado na sua ficha técnica, mas cuja selecção Nakamura afirma não ter sido de sua responsabilidade⁸²¹. Este número 123 é exemplo da vontade referida de participação na veiculação global da informação de arquitectura através da publicação de obras de arquitectos como Ambasz, Eisenman, Gregotti, Isozaki, Moore, Pelli, Price e Ungers.

⁸¹⁶ Informação obtida junto de Toshiaki Tange, mas apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível confirmar, nem obter mais informações.

⁸¹⁷ Em 2012 a revista *a+u* foi fundida com a revista *JA Japan Architect* na revista *Japan Architecture + Urbanism*.

⁸¹⁸ NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

⁸¹⁹ Nakamura nasceu em Tóquio em 1931; estudou arquitectura na Waseda University. Depois de sair da *a+u* em 1995, integrou o Japan Institute of Architects com o objectivo de lançar uma revista de arquitectura que acabou por não se concretizar. Começou a trabalhar como tradutor de livros, nomeadamente de *Modern Architecture* de Kenneth Frampton, *Warped Space* de Anthony Vidler, *Modern Architecture through Case Studies*, de Peter Blundell Jones, e foi autor de vários artigos. NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

⁸²⁰ NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

⁸²¹ Ibidem.

No entanto, o responsável por este número foi Tange, o correspondente desde 1977 da *a+u* em Barcelona, onde vive desde o ano de 1971⁸²². Nakamura confirmou-nos em entrevista que naquela época não conhecia o trabalho de Siza e que todo o material para a revista lhe foi enviado pelo correspondente⁸²³. Nakamura acrescentou que posteriormente teve mais alguns contactos com a arquitectura portuguesa, nomeadamente em 1989, José Paulo dos Santos foi visitá-lo ao seu escritório⁸²⁴ e ofereceu-lhe o livro *Álvaro Siza: Esquissos de Viagem / Travel Sketches*; depois teve acesso ao catálogo da exposição realizada por Gregotti designado *Alvaro Siza, architetto 1954-1979* e ao livro de Peter Testa designado *Thresholds Working Paper: The Architecture of Álvaro Siza*. Sobre Nakamura, Tange afirmou que é “um grande conhecedor e intelectual da arquitectura”⁸²⁵.

Tange explicou-nos em entrevista que no final da década de 70, a qualidade do trabalho de Siza já era reconhecida no Sul da Europa, em particular em Barcelona e em Milão, através de Bohigas e de Gregotti, respectivamente⁸²⁶. Depois de ter feito vários números sobre arquitectos espanhóis como Coderch, Bofill e Studio Per entre outros, Pep Bonet, do Studio PER, apresentou-lhe o trabalho de Siza⁸²⁷. Tange decidiu propor um número sobre o arquitecto português a Nakamura, que aceitou, até porque como afirmou Tange, Nakamura tinha uma grande curiosidade sobre o que se passava em Portugal, pois “os editores tal como os jornalistas gostam de novidades”⁸²⁸. Interesse este partilhado por Tange, que na época tinha também outra encomenda para realizar um guia turístico de Portugal para Japoneses⁸²⁹, o que o levou a visitar o país durante praticamente três meses⁸³⁰.

Chegado ao Porto e avisado da dificuldade em contactar Siza dada a sua

⁸²² TANGE, Toshiaki, entrevista por correio electrónico, 21/8/2012.

⁸²³ NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

⁸²⁴ A visita ao escritório de Nakamura efectuada por José Paulo dos Santos ocorreu no dia 10 de Março de 1989. NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

⁸²⁵ TANGE, Toshiaki, entrevista por correio electrónico, 21/8/2012.

⁸²⁶ Ibidem.

⁸²⁷ Ibidem.

⁸²⁸ Ibidem.

⁸²⁹ O guia foi publicado em 1982 e teve seis edições. TANGE, Toshiaki, *Guide of Portugal*, Tóquio, Jitugyou-no-Nihon Publishing, 1982. TANGE, Toshiaki, entrevista por correio electrónico, 21/8/2012.

⁸³⁰ Ibidem.

personalidade introvertida, dirigiu-se numa manhã à porta de sua casa, tendo sido o próprio Siza que a abriu⁸³¹. Esteve duas semanas no Porto a preparar este número durante as quais visitou as obras de Siza na sua companhia e na de Portas⁸³². Tange explicou-nos que naquele tempo Siza não tinha secretária nem pessoa responsável pelo arquivo, pelo que foi ele quem fez as cópias dos desenhos, textos e fotografias⁸³³. Diz lembrar-se agora como uma doce recordação, da pressão que sentia naqueles dias em que trabalhava no atelier de Siza “com cheiro a amoníaco”, a fazer as cópias dos desenhos, dos quais ainda guarda alguns e a levar a uma loja de cópias as memórias descritivas e os esquissos, de forma a ter o material pronto para enviar numa caixa de cartão para o Japão, pronto para ser tratado para publicação⁸³⁴.

A capa do número 123 da revista *a+u* é uma fotografia do bairro de S. Victor de Siza. Depois de um texto do editor Nakamura, é apresentado um texto da autoria de Siza com o título “to catch a precise moment of fluttering image in all its shades”⁸³⁵. Este texto vem a ser reeditado no número 159 da *Quaderns* de 1983. Trata-se de uma versão lírica / literária do que Siza tem vindo a falar e a escrever sobre o que pensa relativamente ao processo de projectar e ao projecto, nomeadamente relativamente à necessidade de conhecimento da complexidade da realidade, à sua percepção dos projectos constituírem apenas um momento num movimento de transformação constante, ao longo do qual também as pessoas são objecto de transformação.

Segue-se uma biografia e uma lista de obras do arquitecto português, ilustrada por reproduções de duas aguarelas de Siza realizadas por volta dos seus vinte anos⁸³⁶. Estas aguarelas foram publicadas por Tange como nota da biografia de Siza⁸³⁷ que gostaria de ter estudado escultura, desejo que o seu pai recusou. São apresentados 15 trabalhos de Siza em aproximadamente 70 páginas, cada um deles introduzido por um texto da autoria de Tange⁸³⁸.

⁸³¹ Ibidem.

⁸³² Ibidem.

⁸³³ Ibidem.

⁸³⁴ Ibidem.

⁸³⁵ VIEIRA, Álvaro Siza, “to catch a precise moment of fluttering image in all its shades”, *a+u*, n. 123, 1980, p. 9.

⁸³⁶ “Biography”, “List of the works”, ibidem, p. 11.

⁸³⁷ TANGE, Toshiaki, entrevista por correio electrónico, 21/8/2012.

⁸³⁸ Os projectos são apresentados também através de fotografias, esquissos e desenhos técnicos. Os escolhidos são os seguintes e publicados por esta ordem: o restaurante da Boa Nova, as piscinas

Tange afirmou que este número da revista *a+u* não teve muito sucesso comercial, pois se o desconhecimento da cultura portuguesa era praticamente total, quando o tema considerado era a arquitectura portuguesa o seu conhecimento era então nulo⁸³⁹. Nakamura confirmou que não acredita que na época algum arquitecto japonês conhecesse o trabalho de Siza⁸⁴⁰. Tange tinha acabado de publicar um livro sobre história da arquitectura espanhola e o editor japonês tinha a intenção de lhe encomendar outro livro similar sobre Portugal, como referimos atrás, mas tal não chegou a concretizar-se⁸⁴¹. Tange explicou: “*Dada a distância, quando se publicava algo sobre Espanha e Portugal não se sabia qual a diferença entre os dois países. Da mesma forma que em Espanha, até há pouco tempo os Espanhóis me chamavam Chinês*”⁸⁴². Foi com este número da *a+u* que acredita ter sido publicado pela primeira vez a arquitectura só de Portugal no Japão.

Tange acrescentou que anos mais tarde e retroactivamente, os leitores valorizaram o aparecimento do número sobre Siza tão prematuramente nas páginas da revista *a+u*, o que trouxe por inerência maior prestígio a Nakamura⁸⁴³. O que mais impressionou Tange foi a quantidade e qualidade dos artesãos que trabalhavam na construção em Portugal e a sensibilidade que os arquitectos portugueses tinham para tirar partido dessa capacidade, característica que se assemelha à do povo Japonês e que ele vê tão bem espelhada na obra de Siza⁸⁴⁴.

Tange voltou a escrever sobre arquitectura portuguesa em 1995 a pedido da editora Japonesa Toto Shuppan, que lhe encomendaram artigos sobre Siza e Gonçalo Byrne⁸⁴⁵. O livro intitula-se *581 Architects in the World* e temos a indicação de que também terão sido publicadas obras de João Luís Carrilho da Graça e Souto de Moura⁸⁴⁶.

da Quinta da Conceição e de Leça, a casa Manuel Magalhães, o projecto para escritórios, o projecto do Banco em Vila do Conde, o conjunto de casas de Caxinas, a Casa Alcino Cardoso, o banco em Oliveira de Azeméis, a casa Beires, as obras do SAAL, Bouça e São Victor, o projecto urbanístico da Malagueira, a casa António Carlos e por último o projecto da piscina em Berlim.

⁸³⁹ TANGE, Toshiaki, entrevista por correio electrónico, 21/8/2012.

⁸⁴⁰ NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

⁸⁴¹ TANGE, Toshiaki, entrevista por correio electrónico, 21/8/2012.

⁸⁴² Ibidem.

⁸⁴³ Ibidem.

⁸⁴⁴ Ibidem.

⁸⁴⁵ Idem.

⁸⁴⁶ Registo encontrado, mas apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível confirmar: *581 Architects in the World*, Tóquio, Toto publishing Shuppan, 1995.

2.2.

A arquitectura portuguesa no centro da divulgação internacional

Apesar do Reino Unido não estar tão distante como o Japão de Portugal, só voltamos a ter notícia da participação da arquitectura portuguesa em eventos naquele país depois de 1976, no ano de 1980.

Encontrámos uma entrada sob o nome de Siza no livro *Contemporary architects*⁸⁴⁷ de 1980, um dicionário de arquitectos e outros profissionais da área da construção, como arquitectos paisagistas, urbanistas, teóricos e engenheiros de estruturas. Esta entrada tem um texto do próprio arquitecto e outro de Bohigas⁸⁴⁸. Este dicionário foi revisto e reeditado pela segunda vez em 1987⁸⁴⁹.

Uma notícia sobre o trabalho de Siza foi publicada no número 4 da *(UIA) International Architect* de 1981, na secção intitulada “News Review. An international round-up of events”. Esta revista foi fundada por Haig Beck e Jackie Cooper em 1979 no Reino Unido, tendo ambos anteriormente trabalhado na revista *Architectural Design*⁸⁵⁰. A notícia dedicou-se ao projecto de Siza, não vencedor do concurso para o edifício de escritórios da fábrica Alemã DOM, com o título “Álvaro Siza Vieira’s Guggenheim Transformation”⁸⁵¹. Tal como o título indica, o artigo faz uma comparação entre a proposta de Siza e o edifício

⁸⁴⁷ Inclui também profissionais das décadas 20 a 50 do século XX. EMANUEL, Muriel, (ed.), *Contemporary architects*, Londres, The Macmillan Press, 1980.

⁸⁴⁸ A entrada sobre Siza contempla ainda uma breve biografia, uma lista de exposições, de trabalhos e de publicações. É ilustrada por uma fotografia das casas em Caxinas. EMANUEL, Muriel, (ed.), “Siza, Álvaro.”, *Contemporary architects*, Londres, The Macmillan Press, 1980, p. 752, 753.

⁸⁴⁹ Relativamente à entrada de Siza as listas de exposições, obras e bibliografias foram actualizadas, mantendo-se os textos de Siza e Bohigas. É de notar que Gregotti passou a integrar o conjunto de conselheiros nesta edição do livro, sendo agora publicado por uma editora com sede no Reino Unido e nos E.U.A.. MORGAN, Ann Lee, NAYLOR, (ed.), Colin, “Álvaro Siza”, *Contemporary Architects*, Chicago e Londres, St. James Press, 1987, p. 844, 845.

⁸⁵⁰ <http://www.umemagazine.com/aboutus.aspx> acedido a 11/4/2014.

⁸⁵¹ Este artigo tem a dimensão de uma página, ocupada por um breve texto e elementos gráficos relativos ao projecto de Siza, esboços, desenhos rigorosos e fotografia de maquete e ainda, desenhos rigorosos à mesma escala do edifício do Guggenheim de Wright. “News Review. Álvaro Siza Vieira’s Guggenheim Transformation”, *UIA International Architect*, n. 4, 1981, p. 3.

do Guggenheim de Frank Lloyd Wright, reforçada pela publicação de desenhos edifício do Guggenheim de Wright à mesma escala dos desenhos publicados da proposta de Siza, afirmando que é provavelmente a primeira transformação com sucesso daquele edifício de Wright⁸⁵².

Mais frequentes e consistentes foram as referências à arquitectura portuguesa publicadas na revista *9H* no Reino Unido.

No início deste capítulo referimos a publicação no estrangeiro de uma obra de Gonçalo Byrne e Reis Cabrita, tendo tal ocorrido designadamente no número 2 da *9H*, no qual também foi publicado trabalho de Siza [fig. A2. 16. 17]. A partir deste número a arquitectura portuguesa passou a marcar presença assídua nas páginas da revista *9H*.

A *9H* nasceu de uma ideia de Wilfried Wang, que ainda enquanto estudante de arquitectura na Bartlett School, em conjunto com o Tanzaniano Nadir Tharani, pensou criar uma revista que alargasse o panorama da arquitectura publicada no Reino Unido⁸⁵³. Assim nasceu a *9H* no ano de 1979. Wang participou na sua edição até à sua extinção em 1995.

Wang explicou-nos em entrevista que nos finais da década de 70 as revistas profissionais de arquitectura publicadas no Reino Unido praticamente não publicavam arquitectura continental, excepção feita à alemã, mas ainda que de uma forma muito ocasional⁸⁵⁴. Continuou explicando que esse isolamento em relação ao que se passava noutros países se deve a um sentimento de insularidade, o qual em seu entender tem na sua origem a arrogância do Reino Unido, que remonta aos seus tempos de potência colonial⁸⁵⁵. Wang entendia haver pouca qualidade na arquitectura contemporânea que se fazia naquela época no Reino Unido e da qual, diz destacar-se de entre o generalizado estilo derivado do “cottage” habitual, a actividade de dois arquitectos: Richard Rogers e Norman Foster⁸⁵⁶.

⁸⁵² Ibidem.

⁸⁵³ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

⁸⁵⁴ Ibidem.

⁸⁵⁵ Ibidem.

⁸⁵⁶ Ibidem.

Com o objetivo de alargarem a abrangência territorial da revista, Wang e Tharani envolveram outros colegas estudantes oriundos de outros países, estabelecendo-se aquilo que Wang define como uma boa rede de trabalho com colegas do Sul da Europa, nomeadamente de Portugal, Itália e Grécia. José Paulo dos Santos foi o português que integrou o conselho editorial⁸⁵⁷ tendo como missão fazer a ligação com os arquitectos portugueses e Espanhóis⁸⁵⁸.

Santos que tinha terminado o bacharelato em Arquitectura na Cantuária, foi concluir o seu estágio em Londres, onde a dada altura mudou de apartamento para ocupar uma vaga que um colega seu de curso tinha deixado na casa de Wang⁸⁵⁹. Foi numa festa nesse apartamento que a *9H* teve início, tendo-se optado por esta designação em detrimento de *To be*, que era a outra hipótese levantada⁸⁶⁰. Santos manteve-se no conselho editorial até ao penúltimo número da revista, o número 8.

O arquitecto português confirmou-nos em entrevista, a perspectiva que Wang deu sobre este projecto editorial, enquadrando-o no panorama internacional das revistas da época⁸⁶¹. Santos explicou que as revistas de grande tiragem fossem alemãs, italianas, norte-americanas ou britânicas, não publicavam arquitectura edificada nas geografias da periferia, indicando, a título de exemplo, que a Inglesa *Architectural Design* era praticamente dominada por Charles Jencks⁸⁶². Desta forma, Santos sinalizava-nos o adversário contra o qual editavam. Por oposição, mencionou as revistas internacionais inspiradoras: a Italiana *Lt I* e a Norte-americana *Oppositions*, por se assumirem como revistas de ensaio⁸⁶³. Tivemos a oportunidade de confirmar a reciprocidade da admiração entre a *Oppositions* e a *9H*, pois Cabral de Mello informou-nos da consideração que Eisenman nutria tanto pela revista britânica como pela sua equipa editorial⁸⁶⁴.

⁸⁵⁷ Os restantes elementos da comissão editorial do número 2 da *9H* são: Linda Alexander, Elias Constantopoulos e Nadir Tharani.

⁸⁵⁸ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

⁸⁵⁹ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁸⁶⁰ Ibidem.

⁸⁶¹ Ibidem.

⁸⁶² Ibidem.

⁸⁶³ Ibidem.

⁸⁶⁴ MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14 /12/2011.

Santos caracterizou a *9H* como a forma que um grupo de estudantes encontrou para pensar a arquitectura fora da corrente dominante do desenho pós-moderno que vigorava na época⁸⁶⁵. Aquele grupo encontrou um meio de divulgar o trabalho de arquitectos até ali desconhecidos no Reino Unido e muitas vezes desconhecidos para os próprios elementos da revista, que assim tiveram a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos⁸⁶⁶. Santos confessou-nos que encarou o seu trabalho na *9H* como uma forma de investigação em arquitectura⁸⁶⁷. Por seu lado, Wang não tem a pretensão de que a revista tenha causado muito impacto porque esta tinha um pequeno número de leitores⁸⁶⁸.

Seguindo o plano inicialmente traçado, Wang explicou que foi através de Santos, que tinha trabalhado com Siza, que se estabeleceram contactos nomeadamente com o próprio Siza, com colaboradores seus, entre os quais Souto de Moura e com Byrne, sendo dessa forma que a arquitectura portuguesa foi ‘levada’ para o Reino Unido⁸⁶⁹. O próprio Wang também desenvolveu ligações com arquitectos de Lisboa, nomeadamente com João Luís Carrilho da Graça⁸⁷⁰.

Wang explicou-nos e Santos confirmou, que a estrutura da revista era bastante democrática, sendo o cargo de editor – chefe rotativo, e que cada pessoa do conselho editorial sugeria o que devia ser publicado no número seguinte, cabendo ao autor da sugestão a responsabilidade de desenvolver esse trabalho⁸⁷¹. Daí que dos quatro artigos sobre arquitectura portuguesa publicados na *9H*, três tenham sido da responsabilidade de Santos, no número 2 da *9H* de 1980, no número 5 da *9H* de 1983 e no número 8 da *9H* de 1989 e um artigo sobre a casa de Ovar de Siza da responsabilidade de Wang, o qual foi publicado no número 7 de 1985, como analisaremos oportunamente.

O financiamento da revista era sempre feito através do recurso a instituições culturais. De acordo com uma nota apresentada pelos editores no início do

número 7 da revista, foram as contribuições de Sir Basil Bartlett e da Bartlett School que tornaram possível o número 2.

No editorial do número 2 da revista, Wang o seu editor-chefe escreveu que o primeiro número foi dedicado ao planeamento e que o segundo número se centrava nas questões da história da arquitectura, sem que, no entanto, faça qualquer menção à publicação da arquitectura portuguesa⁸⁷². Foi publicada a habitação em Chelas de Byrne e Reis Cabrita⁸⁷³, como dissemos atrás, em conjunto com um projecto para o Kreuzberg em Berlim e outro para uma agência bancária em Vila do Conde, ambos de Siza. O trabalho de Siza foi apresentado através de dois textos de outros dois arquitectos portugueses: de Eduardo Souto de Moura, com o texto “An ‘Amoral’ Architect”, que consiste numa apresentação de carácter geral e com um certo tom lírico da forma de projectar de Siza⁸⁷⁴; e de José Paulo dos Santos, com o texto “Two projects by Álvaro Siza, one for West Berlin and one for Vila do Conde in Portugal”, que introduz os dois projectos⁸⁷⁵. No pequeno curriculum de Souto Moura, para além das referências habituais à sua formação e actividade profissional há uma nota curiosa onde é dito que ele “*cumprir com êxito o seu tempo no exército Português ensinando aos recrutas Sintaxe Espacial*”⁸⁷⁶. Santos comentou-nos em entrevista que não voltou a publicar trabalhos de Byrne por entender que a qualidade da sua obra não se manteve⁸⁷⁷.

É interessante constatar as diferentes conclusões a que se pode chegar dependendo do ponto de onde se observa. Ao vermos a partir de Portugal, a arquitectura portuguesa a ser publicada no Reino Unido, podemos ser levados a pensar que conseguimos finalmente sair do isolamento que a periferia nos condena e atingir o centro da divulgação e da cultura da arquitectura mundiais; mas por outro lado, quando analisado a partir do Reino Unido, pode tratar-se da

⁸⁶⁵ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁸⁶⁶ Ibidem.

⁸⁶⁷ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁸⁶⁸ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

⁸⁶⁹ Ibidem.

⁸⁷⁰ Ibidem.

⁸⁷¹ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012; e SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁸⁷² WANG, Wilfried, “Editorial”, *9H*, n. 2, 1980, p. 1.

⁸⁷³ A obra de habitação em Chelas é acompanhada pelo texto dos autores, por desenhos e fotografias. BYRNE, Gonçalo, “A Proposal for Urban Architecture”, *9H*, n. 2, 1980, p. 18 – 21.

⁸⁷⁴ Este texto é ilustrado por esboços. MOURA, Eduardo Souto de, “An ‘Amoral’ Architect”, *9H*, n. 2, 1980, p. 12.

⁸⁷⁵ Os projectos são apresentados através de esboços e desenhos rigorosos. SANTOS, José Paulo dos, “Two projects by Álvaro Siza, one for West Berlin and one for Vila do Conde in Portugal”, *9H*, n. 2, 1980, p. 13 - 17.

⁸⁷⁶ Ibidem.

⁸⁷⁷ SANTOS, José Paulo dos, entrevista por correio electrónico, 8/11/2012.

ruptura do provincianismo proteccionista britânico, abrindo-se à possibilidade de se enriquecer com a experiência dos outros. Ou seja, aquilo que é considerado como uma debilidade da arquitectura portuguesa, pode ser de facto uma fraqueza daquele que olhamos como superior. Tudo isto é mais evidente quando se percebe que estas barreiras são derrubadas pela (in)experiência de um grupo de estudantes não britânicos, que se organiza a partir da percepção dessas falhas. Considerações que nos levam uma vez mais a concluir sobre a adequação do conceito de Epicentro Arquitectónico ao ser aplicado à arquitectura portuguesa.

Santos e Wang foram também os responsáveis por ainda no mesmo ano de 1980, Siza ter sido convidado a proferir uma conferência sobre o seu trabalho no Reino Unido⁸⁷⁸.

Santos descreveu-nos o contexto da realização do ciclo de conferências onde foi integrada a do arquitecto português. Explicou que era bastante difícil conseguir a admissão no Royal College of Art onde pretendia prosseguir os seus estudos em arquitectura depois de ter acabado o bacharelato em Arquitectura na Cantuária⁸⁷⁹. Quando conseguiu entrar naquela escola, no ano de 1979, por volta do segundo mês de aulas pediu uma reunião ao director do curso para demonstrar o seu descontentamento pelo ritmo de ensino na instituição⁸⁸⁰. John Miller, o director e naquela época sócio de Alan Colquhoun, habitualmente na sequência de uma reunião deste género deixava uma carta ao aluno dizendo-lhe para este abandonar a escola se não estava satisfeito com o decorrer das aulas⁸⁸¹. Neste caso, pelo contrário e de forma surpreendente, atribuiu a Santos uma verba para que ele contribuisse com aquilo que entendesse para o curso⁸⁸². Santos convidou Wang, que por sua vez arranhou igual montante na escola onde estudava, a Bartlett⁸⁸³, geriram ambos a quantia disponível e organizaram um ciclo de conferências designado “Architects under work”⁸⁸⁴.

⁸⁷⁸ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁸⁷⁹ Ibidem.

⁸⁸⁰ Ibidem.

⁸⁸¹ Ibidem.

⁸⁸² SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁸⁸³ SANTOS, José Paulo dos, entrevista por correio electrónico, 8/11/2012.

⁸⁸⁴ Ibidem e SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

Era intenção de Santos e de Wang contrapor uma outra postura ideológica ao já referido discurso dominante na época que estava na base da designada arquitectura pós-moderna e que tinha como seu principal divulgador e defensor Jencks⁸⁸⁵. Wang concordou com esta afirmação de Santos e reforçou-a dizendo que pretendiam fazer um contraponto ao discurso da Architectural Association (AA), na pessoa de Alvin Boyarsky, que indicava como a próxima geração de arquitectos pessoas como Zaha Hadid, que embora fizessem projectos não construíam⁸⁸⁶. Por isso decidiram escolher pessoas que mostrassem a sua obra construída, como forma de demonstrar os equívocos daquele raciocínio⁸⁸⁷. Continuou explicando que tentaram mostrar o trabalho de arquitectos que não podiam ser apelidados nem de modernos nem de pós-modernos, nos sentidos directos dos termos, procurando encontrar uma alternativa a estas duas respostas⁸⁸⁸.

Foram convidados: Siza, como já referimos, Albert Sartoris, Luigi Snozzi e Rafael Moneo⁸⁸⁹. Wang acrescentou que também participaram Boris Prodecca e Mario Botta⁸⁹⁰. Wang informou que os convites eram bastante “*perssoais*”, pois só pagavam os bilhetes de avião aos convidados, iam buscá-los ao aeroporto e pernoitavam no seu apartamento⁸⁹¹. O ciclo repartiu-se entre uma sala da Bartlett, na sua maioria, e outro espaço do Royal College of Art, tendo ocorrido entre 1980 e 1981.

Embora os responsáveis pela iniciativa não consigam precisar a data, relativamente à conferência de Siza sabemos ter sido proferida em Fevereiro de 1981 na Bartlett graças a uma referência no número 532 da *Building Design* de 1981 [fig. A2. 22].

O breve artigo de autoria de Janet Abrams que não chega a ocupar uma página, foi publicado na secção “Rostrum” da revista, secção que constitui o seu editorial. O artigo intitulado “Name to reckon with”, tem como subtítulo

⁸⁸⁵ Ibidem.

⁸⁸⁶ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012.

⁸⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸⁸ Ibidem.

⁸⁸⁹ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁸⁹⁰ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012.

⁸⁹¹ Ibidem.

a frase “Janet Abrams vira uma pedra e descobre Álvaro Siza”⁸⁹². Abrams sublinhou o desconhecimento do trabalho de Siza no Reino Unido como uma falha grave, apesar de como refere, ele já ter sido objecto de duas monografias no número 123 da revista japonesa *a+u* e no número 211 da revista francesa *L’Ojd*, ambas de 1980 e de ter um volume e variedade de trabalho assinaláveis como ficou demonstrado na referida conferência⁸⁹³. Abrams continuou o seu artigo mencionando as semelhanças entre a obra de Aalto e de Siza, justificando-a pela semelhança das condições políticas e culturais entre os dois países no momento em que os arquitectos trabalham⁸⁹⁴. Perpassa neste texto, uma vez mais, a ideia do isolamento cultural de Portugal⁸⁹⁵, ideia muito provavelmente também transmitida por Siza. O artigo de Abrams termina com a mesma referência com que foi iniciado, avisando que uma obra como a de Siza por ser difícil de sintetizar, não pode levar a ceder à tentação fácil de a ignorar, o que constituiria um grave erro, elogiando a profundidade do seu trabalho⁸⁹⁶.

Santos referiu que aquele ciclo de conferências “Architects under work” foi um evento importante no calendário ligado aos acontecimentos arquitectónicos em Londres, e que causou bastante impacto tendo produzido consequências⁸⁹⁷, nomeadamente no ano de 1983, quando o próprio Boyarsky o convidou para organizar uma exposição e um ciclo de conferências na AA. Santos acrescentou ainda que no ano de 1980, a conferência anual no RIBA proferida por Frampton consistiu precisamente na desmontagem da argumentação de Jencks⁸⁹⁸.

Importa referir que Frampton foi professor de Santos no Royal College of Art. Santos explicou que Frampton para além das aulas sobre o construtivismo russo, que ocupavam duas lições e Corbusier nos anos 20, era bastante informal⁸⁹⁹. A discussão aconteceu quando Frampton ao falar sobre os regionalistas,

⁸⁹² O breve texto é ilustrado por fotografia e esquisso da casa Beires e duas fotografias, uma da agência bancária de Oliveira de Azeméis e outra da Bouça. ABRAMS, Janet, “Name to reckon with”, *Building Design*, n. 532, 1981, p. 2.

⁸⁹³ Ibidem.

⁸⁹⁴ Ibidem.

⁸⁹⁵ Abrams tece algumas breves considerações sobre a casa de Chá da Boa Nova, a piscina em Leça, a casa em Guimarães, Caxinas e São Victor. Ibidem.

⁸⁹⁶ Ibidem.

⁸⁹⁷ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁸⁹⁸ Ibidem.

⁸⁹⁹ Ibidem.

nomeadamente sobre Snozzi, Botta, entre outros, se referiu a “Alfonso Siza y Vieira”, ao que Santos não pode inibir-se de intervir⁹⁰⁰. A discussão acabou num jantar em casa de Santos e de Wang, situação que se veio a repetir várias vezes, nomeadamente sempre que Frampton se deslocava à Europa para fazer conferências, o jantar da véspera consistia na discussão do tema da palestra do dia seguinte⁹⁰¹. A relação entre Santos e Frampton, à qual se juntou Wang, foi consequente na divulgação internacional da arquitectura portuguesa, como poderemos confirmar ao longo do desenvolvimento da nossa dissertação.

Foi também no ciclo de conferências “Architects under work” que Wang conheceu Moneo, que mais tarde o convidou para Harvard⁹⁰², o que veio a ter consequências para a divulgação da arquitectura portuguesa nos EUA, como analisaremos no capítulo seguinte.

Outras acções que não constituem eventos de divulgação internacional da arquitectura portuguesa, mas que são bastante importantes para a sua sedimentação, são por exemplo as visitas a Portugal realizadas por protagonistas estrangeiros, algumas já mencionadas no capítulo anterior. Nesse sentido, é de referir que Santos foi o responsável pela organização da primeira visita de Frampton a Portugal no início da década de 80, durante a qual este visitou entre outras as obras de Siza e o conheceu pessoalmente⁹⁰³. Nesta vinda a Portugal foi igualmente importante outra pessoa que referimos no capítulo anterior, Cabral de Mello; com quem Frampton conviveu quando este colaborou no IAUS em Nova Iorque entre 1970 e 1972. A propósito, Mello informou-nos que Mário Gandelsonas e Adriana Agreste, igualmente membros do IAUS, também vieram de férias a Portugal⁹⁰⁴, mas neste caso sem consequências conhecidas para a divulgação da arquitectura portuguesa. Retomando a visita de Frampton, quando ele e a sua família chegaram a Lisboa e foram recebidos por Mello, ficaram surpreendidos porque não se tinham apercebido que as iniciais que Santos lhes tinha escrito, sobre a sua estada em casa de DCM, significavam Duarte Cabral

⁹⁰⁰ Ibidem.

⁹⁰¹ Ibidem.

⁹⁰² Ibidem.

⁹⁰³ MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14 /12/2011 e SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁹⁰⁴ MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14 /12/2011.

de Mello⁹⁰⁵. Foi onde ficaram durante os primeiros dias em Lisboa, tendo depois seguido para Óbidos, para outra casa de Mello⁹⁰⁶. Santos foi buscá-los a Óbidos, levou-os para o Porto e acompanhou-os na sua estada no Norte, onde como dissemos, Frampton pode passear e conhecer as obras que até ali só tinha visto publicadas, bem como conhecer pessoalmente Siza⁹⁰⁷.

Obtemos mais informações sobre a dificuldade de publicação de determinadas arquitecturas no Reino Unido naqueles anos em entrevista a Geoff Markham, autor de dois artigos sobre arquitectura portuguesa na *Bulding Design* em 1981.

Markham contou-nos que enquanto estudante de arquitectura no Reino Unido e apesar de ter contactado com o arquitecto Pedro Guedes, que na altura dava aulas na AA e de ter conhecido o seu trabalho, não tinha qualquer ideia sobre a arquitectura portuguesa⁹⁰⁸. Desconhecia por exemplo, que o próprio pai de Pedro Guedes, Pancho Guedes, era um arquitecto destacado em Moçambique⁹⁰⁹. Markham explicou que a perspectiva da arquitectura no final da década de 70 era dominada por aquilo que designa como “*as últimas fases do pós-moderno*”, centrada nas notícias e trabalhos dos arquitectos dos EUA, Itália, Áustria, Barcelona e Japão⁹¹⁰. Nas suas palavras, como “*Portugal não estava comprometido directamente com esse discurso antes da emergência de Tomás Taveira, tinha um papel periférico*”⁹¹¹. Em seu entender a designada escola do Porto era tida naquela altura “*como o último bastião do moderno puro*”, sendo já conhecida por algumas características, como o uso do branco, de janelas horizontais e de palas, em contracorrente relativamente ao que se passava noutros países⁹¹². Para Markham, só na década de 90 é que começou a tornar-se

claro que a Escola do Porto se tornaria na precursora do que classifica como a próxima vaga, a qual talvez prefira designar como “*neo-moderna*”⁹¹³. Em suma, Markham confessou que só quando veio trabalhar para Portugal em 1980, na sequência de um convite do arquitecto Carlos Tamm Gomez que havia conhecido num curso de Verão na Alemanha, é que entrou em contacto com a arquitectura portuguesa⁹¹⁴.

Markham sentiu-se de tal forma entusiasmado, que no regresso a Londres em 1981, tentou divulgá-la junto de pessoas ligadas ao mundo editorial na tentativa de que lhe encomendassem artigos. Também falou com o referido director da AA, Boyarsky que lhe respondeu não considerar a arquitectura de Siza muito interessante⁹¹⁵. Markham mencionou outra reunião, que aconteceu mais tarde, no final do ano de 1983, com os directores da *Architectural Review*, na qual se apresentou munido de livros, fotografias e dos referidos exemplares da *Wonen Tabk* sobre arquitectura portuguesa, tendo estes mostrado interesse na arquitectura mas não nos seus serviços⁹¹⁶. Markham declarou que não muito mais tarde a *Architectural Review* começou a publicar Siza regularmente, e talvez outros arquitectos portugueses⁹¹⁷. No entanto, apesar dos esforços desenvolvidos só encontramos um registo de um número em 1989⁹¹⁸ e outro em 1990⁹¹⁹, nos quais Siza foi referido.

Dos contactos que Markham estabeleceu com o objectivo de lhe encomendarem artigos sobre arquitectura portuguesa, só surtiu efeito o realizado junto da *Building Design*; para quem já tinha escrito em 1979, dois artigos sobre arquitectura britânica, a convite da sua directora. Passado algum tempo, a directora mudou para outra publicação dentro da empresa e Markham perdeu o seu contacto, ficando a sua experiência na publicação de artigos sobre

⁹⁰⁵ Ibidem.

⁹⁰⁶ MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14/12/2011 e SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁹⁰⁷ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁹⁰⁸ MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 10/6/2012.

⁹⁰⁹ Ibidem.

⁹¹⁰ Ibidem.

⁹¹¹ Quando Markham terminou o seu percurso académico em 1979 foi eleito o representante dos estudantes no RIBA (Associação Profissional dos Arquitectos Britânicos). Nessa qualidade, durante esse ano viajou por várias escolas de arquitectura no Reino Unido, onde conheceu muitos estudantes, professores, assistiu a várias conferências e escrevia uma coluna mensal para a revista do RIBA. Ibidem.

⁹¹² Ibidem.

⁹¹³ Ibidem.

⁹¹⁴ Ibidem.

⁹¹⁵ Ibidem.

⁹¹⁶ Ibidem. Os exemplares da *Wonen Tabk* sobre arquitectura portuguesa a que se refere foram publicados em Maio e Novembro de 1983.

⁹¹⁷ Ibidem.

⁹¹⁸ A. F., “News & reviews. Peripheral importance in Barcelona”, *Architectural Review*, n. 1103, 1990, p. 4, 5.

⁹¹⁹ BUCHANAN, Peter, “The Hague, architects Alvaro Siza, Carlos Castanheira and Van den Broek & Bakema”, *Architectural Review*, 1990, p. 49 – 53.

arquitectura portuguesa por dois números, 530 e 531, no ano de 1981⁹²⁰ [fig. A2.23 .24].

A *Building Design* era uma das publicações pertencentes à mesma empresa de publicidade que possuía várias revistas de carácter similar e com distribuição junto de vários grupos profissionais, como por exemplo, médicos e engenheiros, entre outros, funcionando como um meio de publicidade dirigida a um público-alvo⁹²¹. Naquela época a *Building Design* tinha um formato de tablóide, a preto e branco e era de distribuição semanal gratuita em concorrência com a publicação semanal da mesma casa da *Architectural Review*, a *The Architects' Journal*⁹²².

Ao publicar todas as semanas dois a três artigos de fundo sobre edifícios acabados de construir havia uma elevada pressão para encontrar conteúdos⁹²³. Foi Markham, que tinha sido apresentado ao Byrne e a Hestnes Ferreira por Carlos Tamm, quem elegeu os temas dos seus artigos, tendo decidido publicar obras daqueles dois arquitectos⁹²⁴. No entanto, todos os artigos eram reeditados pelos editores, sendo também responsáveis pela redacção dos títulos, legendas ou destaques e pela escolha das fotografias⁹²⁵. Os textos deviam ser enviados dactilografados e as fotografias eram enviadas em folhas de contacto ou mesmo ainda em filme⁹²⁶. Markham informou-nos que os dois artigos sobre Byrne / Reis Cabrita e Hestnes Ferreira seguiram o formato que a revista lhes atribuía habitualmente: duas páginas, aproximadamente 1500 palavras com fotografias⁹²⁷.

Markham explicou-nos a estrutura dos seus artigos: a maioria do texto tem um carácter descritivo sendo escrito na parte final um ou dois pontos sobre aspectos contextuais ou teóricos⁹²⁸. Sobre o projecto do Byrne e Cabrita, Markham informou-nos que o ponto com que encerrou o artigo consistia em afirmar que no seu entender o desenho formalista nem sempre se adapta à habitação social⁹²⁹. De facto, constatamos que neste artigo Markham fez uma rigorosa descrição do projecto, destacando dois aspectos; a cor e o tratamento escultural dos blocos de habitação, o qual elogia pelas suas qualidades estéticas⁹³⁰. No entanto e tal como nos explicou, deixou claro as suas dúvidas relativamente à eficácia desta proposta para habitação social, resumindo as características do esquema de habitação na seguinte expressão “uma solução fora de moda, expressa numa linguagem na moda”⁹³¹.

Sobre a Escola de Benfica de Hestnes, Markham explicou-nos que o ponto que salientou no final do seu artigo foi que esta estava ligada à tradição de Lisboa, no uso de escadarias para vencer as colinas⁹³². De facto, no respectivo artigo e também depois de uma detalhada descrição, Markham escreveu que dada a localização da escola numa colina, Hestnes optou por elementos que faziam lembrar a cidade antiga de Lisboa, como as escadas, jardins formais e colonatas, com uma intenção pedagógica⁹³³. Markham referiu-nos que Hestnes gostou muito do formato da revista, do conteúdo do artigo e das fotografias⁹³⁴. Hestnes, referiu-nos por seu lado, que Markham tinha gostado bastante do edifício da Escola de Benfica que estava a ser acabado na altura em que o Britânico veio para Portugal⁹³⁵.

Ainda no ano de 1981, foi publicado um terceiro número da *Building Design*, o número 532, com referências à arquitectura portuguesa, já não da autoria de Markham, mas sim de Janet Abrams, e desta feita sobre Siza e a conferência que proferiu na Bartlett naquele ano⁹³⁶, o qual referimos atrás.

⁹²⁰ MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 10/6/2012.

⁹²¹ Ibidem.

⁹²² Ibidem. A *Building Design* evoluiu entretanto para edição online com publicidade paga em <http://www.bdonline.co.uk/>. A publicação *The Architects' Journal* mantém a impressão em papel, com periodicidade semanal e um portal com edições digitais em <http://www.architectsjournal.co.uk/>.

⁹²³ “Sutherland Lyall, o director daquela época, dizia, provavelmente não sendo totalmente verdade, que se alguém lhe enviasse um edifício, ele publicava-o”. Ibidem.

⁹²⁴ Ibidem. MARKHAM, Geoff, “Top link - stunning it may be, but can the Chelas housing scheme withstand the test of habitation?”, *Building Design*, n. 530, 1981, p. 14, 15; e MARKHAM, Geoff, “School on the hill - a recent scheme in Lisbon reaches academic heights”, *Building Design*, n. 531, 1981, p. 20, 21.

⁹²⁵ MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 10/6/2012.

⁹²⁶ Ibidem.

⁹²⁷ Ibidem.

⁹²⁸ Ibidem.

⁹²⁹ MARKHAM, Geoff, “Top link”, *Building Design*, n.530, 1981, p. 14, 15.

⁹³⁰ Ibidem.

⁹³¹ Ibidem, p. 15.

⁹³² MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 10/6/2012.

⁹³³ MARKHAM, Geoff, “School on the hill”, *Building Design*, n.531, 1981, p. 20, 21.

⁹³⁴ MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 10/6/2012.

⁹³⁵ FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.

⁹³⁶ ABRAMS, Janet, “Name to reckon with”, *Building Design*, n. 532, 1981, p. 2.

Traçado com mais nitidez o contexto que se vivia no Reino Unido voltamos à actividade da revista *9H* e dos seus editores, a qual esteve na origem do convite de Boyarsky para a organização de uma exposição e um ciclo de conferências na AA, que referimos atrás.

No número 5 da *9H* de 1983 a arquitectura portuguesa voltou a ser publicada, pela segunda vez naquela revista, através da obras de seis arquitectos portugueses: Eduardo Souto de Moura, Adalberto Dias, Virgínio Moutinho, João Carreira, Carlos Prata e Nuno Ribeiro Lopes⁹³⁷, mais uma vez por iniciativa de José Paulo dos Santos. A publicação dos trabalhos destes arquitectos é antecedida de dois textos da autoria de Portas e de Alves Costa, intitulados “Portugal: the contextual interpretation and the importation of models” e “Oporto and the Young Architects: some clues for a reading of the works”⁹³⁸.

Santos assumiu o lugar de chefe do conselho editorial neste número 5 da *9H*, cumprindo a rotatividade do cargo característica da revista, tal como referimos no texto anteriormente⁹³⁹. Santos explicou-nos em entrevista que no número 3 da revista tinha saído Nadir Tharani e entrado Richard Burdett, uma pessoa de vocação mais política, o que em conjunto com os outros elementos do conselho editorial acentuava um pendor mais crítico e teórico à revista⁹⁴⁰. Santos acredita que esta era uma consequência do tipo de formação ministrado naquele tempo

⁹³⁷ As obras são representadas através de desenhos, fotografias e de pequenos textos descritivos da autoria dos arquitectos. De Souto de Moura são publicados o mercado de Braga e a Casa no Gerês. MOURA, Eduardo Souto, “City Market, Braga”, *9H*, n.5, 1983, p. 46 – 48; e MOURA, Eduardo Souto, “Weekend House, Gerês”, *Ibidem*, p. 49. De Adalberto Dias são publicados a galeria comercial em Vila do Conde e o edifício de apartamentos em Ofir. DIAS, Adalberto, “Shopping Gallery and Offices. Vila do Conde”, *Ibidem*, p. 50, 51.; e DIAS, Adalberto, “Apartment Blocks. Ofir”, *Ibidem*, p. 53. De Virgínio Moutinho é publicado o Lar em Estarreja. MOUTINHO, Virgínio, “Old Peoples’s Home. Estarreja”, *Ibidem*, p. 54 - 56. De João Carreira é publicado o consultório de dentista no Porto. CARREIRA, João, “Dentist Surgery. Oporto”, *Ibidem*, p. 57. De Carlos Prata é publicada uma casa em Vila Praia de Âncora. PRATA, Carlos, “Family House. Vila Praia de Âncora”, *Ibidem*, p. 58. De Nuno Ribeiro Lopes é publicada uma casa em Évora. LOPES, Nuno Ribeiro, “House in Évora”, *Ibidem*, p. 60.

⁹³⁸ O artigo de Portas é ilustrado por imagens da sucursal bancária em Oliveira de Azeméis, da Bouça e esboços para Évora para o edifício no Kreuzberg em Berlim, todos os trabalhos de autoria de Siza. PORTAS, Nuno, “Portugal: the contextual interpretation and the importation of models”, *Ibidem*, p. 41, 42. O artigo de Alves Costa é ilustrado por fotografias do Posto de Correios de Jorge Gigante no Porto, esboços e foto de um Lar para idosos desenhado por Luís Miranda, em Penafiel. COSTA, Alexandre Alves, “Oporto and the Young Architects: some clues for a reading of the works”, *9H*, n.5, 1983, p. 43 - 45.

⁹³⁹ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁹⁴⁰ *Ibidem*.

pela Bartlett, onde os seus colegas do conselho estudaram, a qual privilegiava a teoria e nomeadamente a gestão, influenciando assim o carácter da revista⁹⁴¹. Santos, pelo contrário, decidiu neste número 5 colocar a ênfase na prática da arquitectura e por isso ocupar a revista com a publicação de projectos, com o denominador comum de terem sido realizados por profissionais ainda pouco conhecidos⁹⁴².

É de referir, pelo envolvimento de uma instituição com uma ligação muito próxima à cultura portuguesa, que na nota de agradecimento dos editores apresentada no número 7 da revista, em 1985, é dito que sem a contribuição da Fundação Calouste Gulbenkian este número 5 não tinha sido possível, o que Santos confirma dada a atribuição de algum dinheiro por aquela instituição à revista⁹⁴³.

Os locais seleccionados para serem alvo desta pesquisa foram: Espanha, Portugal, Itália, Irlanda, Viena e Suíça. Cada um dos três primeiros dossiers ocupa sensivelmente o mesmo número de páginas, à volta de 20, e cada um dos três últimos locais ocupa entre 6 a 10 páginas. Santos ocupou-se pessoalmente da recolha e selecção do material relativo a Portugal, Espanha, Suíça e Irlanda, enquanto Wang assumiu a responsabilidade de Viena e Burdett se dedicou a Itália⁹⁴⁴. Relativamente a Irlanda, Santos seleccionou arquitectos que tinham sido seus colegas mais velhos no Royal College of Art os quais tinham trabalhado com Stirling e mantido uma relação duradoura com este arquitecto. Para a Suíça e Espanha Santos contou com o apoio inicial de Martin Dominguez que era na época professor na ETH e que recolheu todo o material publicado relativo àquele país, mas que pouco depois indicou Josep Lluís Mateo para a selecção do material relativo a Espanha. Mateo enviava pilhas de material que eram objecto de discussão tendo-se naquele momento estabelecido uma relação de amizade que perdurou ao longo dos anos⁹⁴⁵.

Quanto aos arquitectos portugueses, a primeira pessoa que Santos convidou para publicar, por ter desenvolvido uma relação de amizade enquanto ambos

⁹⁴¹ *Ibidem*.

⁹⁴² *Ibidem*.

⁹⁴³ *Ibidem*.

⁹⁴⁴ *Ibidem*.

⁹⁴⁵ *Ibidem*.

estagiavam no atelier de Siza, por volta do ano de 1976, foi o arquitecto Souto de Moura⁹⁴⁶. Santos e Souto de Moura elaboraram em conjunto uma lista de arquitectos possíveis que foram percorrendo até chegarem à selecção que foi apresentada na revista, embora Santos declare agora ter sido uma selecção “*generosamente acrítica*”⁹⁴⁷. Santos decidiu convidar Portas e Alves Costa para escreverem os textos teóricos por entender que na época estes autores eram aqueles que escreviam de forma mais consistente sobre arquitectura em Portugal⁹⁴⁸. Não fazia questão que os textos fossem originais, pediu-lhes que enviassem material que já tivessem produzido, o que já não se lembra se foi exactamente o que aconteceu, mas recorda-se de ter de encurtar ambos os artigos por serem extensos⁹⁴⁹.

É interessante verificar que Portas no seu texto se dedicou à divisão Porto / Lisboa na cena da arquitectura nacional. Aventamos que a razão para a escolha deste tema seja a recente realização da exposição *Depois do Modernismo* em Lisboa, mencionada no capítulo Contextos, na qual, tal como Portas referiu, só participaram arquitectos de Lisboa, e por outro lado, como Portas também notou, terem sido escolhidos para este artigo da *9H* só arquitectos do Norte de Portugal⁹⁵⁰. Aquele parece ser portanto, um tema importante para os arquitectos em Portugal naqueles anos.

Portas procurou explicar as razões da existência do que designou como dois focos de arquitectura em Portugal, em que cada um estabelecia mais relações com o exterior do que entre si, embora entenda que aquela divisão não é estanque⁹⁵¹. Explicou que essa diferença começou a acentuar-se a partir dos anos 50, fundamentalmente através dos caminhos diferentes que as Escolas de Arquitectura de cada cidade tomaram⁹⁵². Afirmou que enquanto a Escola de Lisboa não soube garantir os seus melhores profissionais, nem renovar-se pedagogicamente, a Escola do Porto ganhava uma grande vitalidade,

a consciência da importância dos valores de contexto e a sua diferença relativamente a outros mais universais na determinação da forma em arquitectura, tinha alguns mestres com influência sobre as gerações mais novas, como Távora e Siza sobre arquitectos como Alves Costa, Sérgio Fernandez, Domingos Tavares e Souto de Moura entre outros, tendo usufruído bastante da sua participação no SAAL⁹⁵³. Portas denominou a Escola do Porto como a *escola do rigor* cuja personalidade de referência era Siza⁹⁵⁴. Explicou que em reacção aos formalismos em arquitectura a *escola do rigor* adoptou os modelos puristas do racionalismo alemão e holandês dos anos 20 e a livre reinterpretação que Aalto fazia desses modelos⁹⁵⁵. Portas afirmou que o que manteve os arquitectos do Porto afastados dos formalismos pós-modernos foram duas preocupações: o não abandono da funcionalidade em arquitectura e a adaptação ao lugar seja ele rural ou citadino, naquilo que designa como o processo de importação dos modelos, situação na qual o Norte tem longa tradição⁹⁵⁶.

Por último, é interessante notar como Portas se enganou ao vaticinar para a Escola do Porto uma “*marginal importância*”, qualificativo que usou em publicações frequentemente para se referir à arquitectura portuguesa como tivemos oportunidade de analisar, caso não estabelecesse “*pontes de comunicação*” com as pessoas, ainda que sem cair no populismo⁹⁵⁷.

À semelhança de Portas, Alves Costa no seu texto explicou as razões que no seu entender conduziram a uma determinada prática da arquitectura realizada pelos arquitectos formados na escola do Porto. Alves Costa destacou sobretudo a continuidade na assunção por parte dos arquitectos da herança cultural precedente, ainda que sem mimetismos e a incorporação de outras referências, inclusivamente internacionais, que passavam por Khan, Stirling, Aalto, Venturi, Rossi e Gregotti⁹⁵⁸. Embora Alves Costa tenha começado por referir as características geográficas e antropológicas do Norte de Portugal como particulares e distintas do restante país, com um certo tom de determinismo,

⁹⁴⁶ Ibidem.

⁹⁴⁷ Ibidem e SANTOS, José Paulo dos, entrevista por correio electrónico, 8/11/2012.

⁹⁴⁸ SANTOS, José Paulo dos, entrevista por correio electrónico, 8/11/2012.

⁹⁴⁹ Ibidem.

⁹⁵⁰ PORTAS, Nuno, “Portugal: the contextual interpretation and the importation of models”, *9H*, n.5, 1983, p. 41.

⁹⁵¹ Ibidem.

⁹⁵² Ibidem.

⁹⁵³ Ibidem, p. 40, 41.

⁹⁵⁴ Ibidem, p. 41.

⁹⁵⁵ Ibidem.

⁹⁵⁶ Ibidem.

⁹⁵⁷ Ibidem.

⁹⁵⁸ COSTA, Alexandre Alves, “Oporto and the Young Architects: some clues for a reading of the works”, *9H*, n.5, 1983, p. 43 - 45.

à semelhança de Portas, Alves Costa remeteu os inícios da construção daquela herança cultural para o início da década de 50⁹⁵⁹. Alves Costa referiu os excelentes professores da Escola do Porto daquela época, conhecedores do International Style, profissionais que procuravam alternativas à arquitectura imposta pelo regime fascista, bem como a ligação forte que existia entre a Escola, a prática profissional e os seus alunos⁹⁶⁰. Tal como Portas, Alves Costa também destacou a importância determinante de Távora e Siza⁹⁶¹. Na sua opinião a importância de ambos os arquitectos não reside no facto de estabelecerem modelos, porque não o fazem, mas porque os seus trabalhos representam sempre uma reflexão, cuja forma é determinada pelo lugar e ainda, pelo que se aprende através do seu método⁹⁶².

Naquilo que deduzimos ser uma referência indirecta à exposição *Depois do modernismo*, também referida por Portas, pelo argumento ser similar ao apresentado pelos arquitectos do Porto na sua justificação da recusa em participar na exposição, Alves Costa afirmou que a situação da arquitectura em Portugal não é comparável com a da Europa, pelo que não entende a polémica criada em torno do que chamam de Pós-moderno, quando as condições económicas e culturais do exercício da profissão em Portugal são tão desfavoráveis⁹⁶³.

Alves Costa terminou o seu texto com um alerta para a necessidade dos arquitectos terem uma atitude crítica, de forma a alcançarem uma dimensão de transformação da realidade, pois senão correriam o risco de ver o seu trabalho tomado pelas forças de quem constrói e controla o território⁹⁶⁴, naquilo que entendemos ser um alerta para os perigos do capitalismo no imobiliário.

Em suma, ambos, Portas e Alves Costa foram unânimes em identificar características similares no trabalho dos arquitectos do Norte de Portugal, em particular a sua atenção ao lugar, atribuindo especial importância à Escola do Porto e às figuras de Távora e Siza.

⁹⁵⁹ Ibidem, p. 43.

⁹⁶⁰ Ibidem.

⁹⁶¹ Ibidem, p. 43, 44.

⁹⁶² Ibidem, p. 44

⁹⁶³ Ibidem.

⁹⁶⁴ Ibidem.

Como referimos atrás, na sequência deste número 5 da *9H* de 1983, Boyarsky convidou Santos para organizar uma exposição e um ciclo de conferências na AA, tendo por sua vez, Santos convidado Souto de Moura a proferir uma conferência, a sua primeira conferência em território anglófilo.

Santos explicou-nos em entrevista que acredita que a saída do número 5 da *9H* e o impacto das conferências “Architects under work” realizadas em 1980 / 1981 levaram a que Boyarsky fizesse o convite⁹⁶⁵. É no entanto, de notar a mudança de atitude de Boyarsky, pois quer Markham, quer Wang já tinham assinalado a sua relutância em se interessar pela arquitectura portuguesa, como referimos atrás.

Santos decidiu calendarizar as conferências com a periodicidade de duas semanas fazendo o convite a dois arquitectos de países diferentes para cada uma delas⁹⁶⁶. Santos afirmou que foi neste ciclo que pela primeira vez Souto de Moura, o único português a se deslocar a Londres, e Herzog se encontraram para dar uma conferência⁹⁶⁷.

Este ciclo de conferências foi objecto de um artigo de Wang intitulado “Catholic Rationalism. AA Lecture Series: The young generation 12 October – 1 December 1983”, publicado no número 6 da revista Inglesa *AA Files* de 1984⁹⁶⁸. De facto, Wang refere que também foi organizada uma pequena exposição do trabalho daqueles jovens arquitectos, mas que atraiu pouca gente, comparativamente com as muito frequentadas conferências⁹⁶⁹. É de referir que a *AA Files* não voltou a publicar arquitectura portuguesa no período da nossa dissertação; tendo nós voltado a encontrar uma referência à arquitectura portuguesa na AA em 2004, através de uma exposição comissariada por Gonçalo Furtado e Pedro Castelo sobre o panorama da arquitectura nacional⁹⁷⁰.

⁹⁶⁵ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

⁹⁶⁶ Ibidem.

⁹⁶⁷ Ibidem.

⁹⁶⁸ WANG, Wilfried, “Catholic Rationalism. AA Lecture Series: The young generation 12 October – 1 December 1983”, *AA Files*, n. 6, 1984, p. 106 – 108.

⁹⁶⁹ Ibidem, p. 106.

⁹⁷⁰ No âmbito desta exposição a AA publicou um excerto de uma entrevista a Siza realizada por Gonçalo Furtado: FURTADO, Gonçalo, CASTELO, Pedro, *Tracing Portugal*, Londres, Architectural Association, 2004. Ficou ainda registado em vídeo uma conferência realizada na AA no dia 16/11/2004, na qual participaram Gonçalo Furtado, Pedro Castelo, Pedro Flores dos Auz Projekt, Pedro Costa dos as* e Pedro Mauricio Borges em <http://www.aaschool.ac.uk/VIDEO/lecture.php?ID=2212> acedido a 20/10/2014.

Segundo Wang, as conferências respeitaram um modelo: primeiro uma introdução contextual e depois a apresentação do trabalho específico⁹⁷¹. Foram oito os participantes nas conferências: de Espanha, Martin Dominguez, que fez o enquadramento e Guillermo Vasquez Consuegra, que mostrou a sua obra; de Itália, Giorgio Muratore e Massimo Fortis, da Áustria Dietmar Steiner; da Suíça, Jacques Herzog; da Irlanda, Shay Cleary e de Portugal, Souto de Moura⁹⁷².

Logo no início do texto, Wang deixou clara a sua posição em favor da arquitectura construída, em detrimento da especulação teórica e gráfica, bem como a sua oposição ao pós-modernismo, postura já caracterizada atrás e que também enquadrou a selecção dos arquitectos⁹⁷³. Wang explicou que o critério de selecção dos conferencistas não se limitou ao facto de terem sido incluídos no referido número 5 da revista *9H*, tendo sido também considerados os contributos das suas arquitecturas periféricas, que consistiram maioritariamente em pequenos edifícios construídos⁹⁷⁴. Circunscreve os jovens arquitectos convidados ao círculo dos alunos de mestres europeus como Rossi, Moneo, Stirling e Siza⁹⁷⁵. Wang considera que é comum àqueles oito participantes uma certa atitude crítica perante as suas respectivas circunstâncias alcançando soluções únicas⁹⁷⁶. Perante uma possível crítica quanto à não espectacularidade das imagens dos edifícios apresentados, Wang contrapõe a inexistência de trabalhos meritórios em Londres⁹⁷⁷.

Em particular sobre o trabalho de Souto de Moura, Wang escreveu que se trata de uma “*tentativa de fundir o equilíbrio da plasticidade da arquitectura de Siza com o espaço economicamente modulado através da redução dos detalhes dos elementos tectónicos de Mies van der Rohe*”⁹⁷⁸.

⁹⁷¹ WANG, Wilfried, “Catholic Rationalism. AA Lecture Series: The young generation 12 October – 1 December 1983”, *AA Files*, n. 6, 1984, p. 106.

⁹⁷² Ibidem.

⁹⁷³ Ibidem.

⁹⁷⁴ Ibidem.

⁹⁷⁵ Ibidem.

⁹⁷⁶ Ibidem.

⁹⁷⁷ Ibidem.

⁹⁷⁸ Ibidem.

Sublinhamos o acento que Wang coloca na localização marginal destas arquitecturas, tese que entendemos difícil de suportar quando se fala por exemplo da Suíça, o que o próprio Wang reconhece quando refere a inclusão deste país nestes eventos⁹⁷⁹. Mais uma vez, entendemos que se impõe o referido conceito de Epicentro Arquitectónico.

Consequência ou não da actividade da *9H* e dos seus editores, pelo menos não conseguimos estabelecer qualquer relação causal, facto é que ainda em 1983, a arquitectura portuguesa, através do trabalho de Siza, participou noutro evento no Reino Unido. O projecto da Malagueira de Siza marcou presença na exposição intitulada *Ten new buildings* que teve lugar entre 19 de Janeiro a 20 de Fevereiro de 1983 no Institute of Contemporary Arts (ICA,) em Londres⁹⁸⁰. No entanto, é perceptível através de alguns artigos que se escreveram sobre esta exposição e que aqui analisaremos, que o Reino Unido continuava a proporcionar um ambiente adverso à exibição de outras arquitecturas.

O ICA é uma instituição fundada nos anos 40 por um grupo de artistas e escritores⁹⁸¹. A exposição foi organizada pelo arquitecto Martin Lazenby em conjunto com o crítico Michael Newman, integrada num grupo de seis exposições da responsabilidade de ambos: *Artists' Architecture*, *Mary Miss*, *Aldo Rossi*, *Drawings by Architects* e *Model Futures*⁹⁸². O projecto da Malagueira de Siza foi apresentado ao lado de outros projectos de nove arquitectos: Mario Botta, Henri Ciriani, Lluís Clotet & Oscar Tusquets, Frank Gehry, Hans Hollein, Arata Isozaki, Josef Paul Kleihues, Charles Moore e James Stirling⁹⁸³.

Como dissemos, esta exposição teve ecos na imprensa britânica e com ela a arquitectura de Siza.

Foi referida no número 626 da revista *Building Design* num artigo intitulado “The 10 New buildings exhibition”, da autoria de Robert Maxwell⁹⁸⁴. É a quarta vez que temos registo da existência de referências à arquitectura portuguesa nesta

⁹⁷⁹ Ibidem.

⁹⁸⁰ <http://www.ica.org.uk/29440/Archive/ICA-Archive.html> acedido a 8/1/2013.

⁹⁸¹ <http://www.ica.org.uk/12350/About-Us/About-Us.html> acedido a 8/1/2013.

⁹⁸² <http://www.gold.ac.uk/art/research/staff/mn/01/> acedido a 8/1/2013.

⁹⁸³ <http://www.ica.org.uk/29440/Archive/ICA-Archive.html> acedido a 8/1/2013.

⁹⁸⁴ MAXWELL, Robert, “The 10 New buildings exhibition”, *Building Design*, n. 626, 1983, p. 15 – 17.

revista, no período abordado pela presente dissertação, tendo as três anteriores ocorrido em três números do ano de 1981, por nós atrás analisados.

Maxwell destacou no seu artigo, o facto de esta ser a primeira exposição sobre arquitectura contemporânea no Reino Unido, acrescentando que representa um esforço para que o público perceba melhor o trabalho do arquitecto⁹⁸⁵. Começou por fazer uma descrição detalhada da exposição, referindo que são exibidos projectos construídos ou não, através dos desenhos das fases iniciais de projecto até às fotografias da obra no caso em que estão construídas, passando por desenhos de construção e maquetas; sendo ainda apresentados dois vídeos, das duas galerias projectadas por Hollein e Stirling⁹⁸⁶. De seguida, dedicou-se a analisar cada um dos projectos expostos de Botta, Ciriani, Stirling, Hollein, Isozaki e por último de Siza⁹⁸⁷.

Relativamente ao material exposto de Siza, Maxwell acaba por não se posicionar verdadeiramente. Destacou os esboços aparentemente monótonos e não coloridos por contraposição aos de Isozaki; salientando no entanto que a sua “*sensibilidade*” reside nos desenhos da área envolvente à da cooperativa da Malagueira, considerando-os mais interpelativos para o público do que a aproximação mais óbvia de Ciriani⁹⁸⁸. Maxwell fez outra comparação por oposição entre o trabalho de Siza e de Botta, referindo-se à riqueza de texturas e cores que este último usa, ao contrário de Siza, que confia na luz mediterrânica e na cor ocre do cenário para atenuar a “*severidade*” das paredes brancas dos seus edifícios⁹⁸⁹. Neste ponto específico, fez uma referência deslocada em termos geográficos uma vez que o projecto se localiza no Alentejo e Maxwell evoca o azul da luz do Porto⁹⁹⁰.

Em nosso entender o artigo de Maxwell revela insuficiente familiaridade com a arquitectura contemporânea, pelo menos a patente na exposição, o que parece estender-se, segundo as suas próprias palavras, ao público britânico.

Encontrámos ainda outro artigo no Reino Unido, sobre a exposição com referência ao trabalho de Siza. Foi publicado na revista *The Architects' Journal (AJ)*, também em 1983, por Bob Allies, que escreveu uma crítica sobre a exposição intitulada “Architectural import: report of an exhibition at the ICA”⁹⁹¹. É de notar que duas fotografias da Quinta da Malagueira e um esboço de Siza ilustram a primeira página deste artigo⁹⁹² [fig. A2.38].

Trata-se pela primeira vez no período da nossa dissertação, de uma referência à arquitectura portuguesa na revista *AJ*. A *AJ* era uma revista semanal de arquitectura centrada sobretudo em assuntos relacionados com o Reino Unido, revista concorrente da *Building Design*, como referimos atrás, e propriedade da mesma casa que detinha a *Architectural Review*.

Allies, em nosso entender, na sua crítica parece indeciso entre a curiosidade que lhe despertam arquitecturas a que está menos habituado e a defesa da supremacia da arquitectura britânica perante a investida do desconhecido, recorrendo ao uso de alguma ironia. O início do texto de Allies é sintomático do que acabamos de dizer. Allies compara a exposição a um “*zoo arquitectónico: dez estranhas e exóticas criaturas confrontando-se nas suas gaiolas individuais*”⁹⁹³, e acrescenta que “*há vídeos de edifícios no seu habitat natural, lembrando que os edifícios expostos, tal como animais em cativeiro têm a sua vida real noutra lado*”⁹⁹⁴. No entanto, faz um esforço para os entender, afirmando que a característica comum a todos os edifícios expostos é o facto de terem sido influenciados pelo seu contexto⁹⁹⁵. Allies generaliza e afirma que “*o agora desacreditado Internacionalismo do Movimento Moderno foi substituído pela actual preocupação pelo contexto*”, assumindo-se actualmente como uma das correntes inatacáveis⁹⁹⁶. Identifica a influência de correntes como o Racionalismo que entende ser predominante, o Classicismo e a decoração, apesar de notar em todos um recuo no uso da tecnologia⁹⁹⁷. Tal serve-lhe de pretexto para como dizíamos, deixar uma nota de superioridade da arquitectura britânica no

⁹⁸⁵ Ibidem, p. 15.

⁹⁸⁶ Ibidem, p. 15.

⁹⁸⁷ Ibidem, p. 15 – 17.

⁹⁸⁸ Ibidem, p. 17.

⁹⁸⁹ Ibidem.

⁹⁹⁰ Ibidem.

⁹⁹¹ ALLIES, Bob, “Architectural import”, *The Architects' Journal*, n.4, vol. 177, 1983, p. 30-33.

⁹⁹² Ibidem, p. 30.

⁹⁹³ Ibidem, p. 33.

⁹⁹⁴ Ibidem.

⁹⁹⁵ Ibidem.

⁹⁹⁶ Ibidem.

⁹⁹⁷ Ibidem.

que diz respeito à realização de arquitectura High-Tech⁹⁹⁸. Allies conclui com notas amáveis para com os organizadores da exposição, ao salientar o facto de terem sido mostrados edifícios pouco conhecidos no Reino Unido e por estes representarem aproximações a formas de trabalho pouco habituais naquele país⁹⁹⁹. Pois apesar de Stirling ser Britânico, Allies salienta que o seu edifício escolhido foi construído em Estugarda.¹⁰⁰⁰ Por fim concorda com Lazenby, um dos referidos organizadores da exposição, quando este afirma que aquela foi a primeira exposição de arquitectura internacional contemporânea que teve lugar no Reino Unido e deixa votos para que tais exposições se sucedam¹⁰⁰¹.

É de acrescentar que esta exposição já tinha sido objecto de um número especial da revista *AJ* em Dezembro de 1982, no qual foram abordados os trabalhos de seis dos arquitectos de entre os dez que participaram na exposição: Hollein, Stirling, Gehry, Ciriani, Isozaki e Botta¹⁰⁰², não tendo sido incluído o trabalho de Siza.

Os artigos de Maxwell, de Allies e o referido número da *AJ* de 1982 são em nosso entender, sintomas de alguma resistência dos meios de comunicação mainstream britânicos de então à divulgação da arquitectura portuguesa, consequência da pouca abertura dos protagonistas britânicos a arquitectura não realizada no seu território, circunstância que já tínhamos referido a propósito das iniciativas de Wang, Santos e de Markham. Aliás, Maxwell e Allies notam ambos nos seus artigos a ocorrência de poucas exposições no Reino Unido sobre arquitectura de outras paragens. Não nos podemos esquecer que por exemplo, a *9H* onde a arquitectura portuguesa foi publicada no Reino Unido como referimos, era uma revista alternativa levada a cabo por um conjunto de pessoas sem apoios institucionais regulares e de periodicidade irregular. No entanto, são iniciativas como as dos elementos da *9H*, que ajudaram a alterar aquelas circunstâncias, como vimos nomeadamente em relação ao então director da AA.

⁹⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰⁰ Ibidem.

¹⁰⁰¹ Ibidem.

¹⁰⁰² ALLIES, Bob, COOK, Peter, GALE, Adrian, GRADIDGE, Roderick, “At home abroad: the dilemma of context and internationalism. A life on the open wave - being more receptive to International influences; Six contexts - illustrated essays setting Hollein, Stirling, Gehry, Ciriani, Isozaki and Botta in context; His masters’ choice - review of the architectural press of 10 years ago and choice of top 10 buildings of the time; Windows on the world; and, East or West”, *The Architects’ Journal*, n.4, vol. 177, 1983, p. 12-52.

Apesar das adversidades contextuais na divulgação de outras arquitecturas, ou provavelmente por causa delas, é de salientar que foi no Reino Unido, em 1982, que a arquitectura de Siza surgiu publicada por um enquadramento teórico que a posicionou no cenário da arquitectura internacional. Estamos-nos a referir ao número 7/8 da revista *Architectural Design (AD)* de 1982, que constitui o primeiro registo escrito que encontramos de referência por parte de Kenneth Frampton ao trabalho do arquitecto português. Argumentamos este ser um caso paradigmático de divulgação de uma certa vertente da arquitectura portuguesa, que veio a ser conhecida sob a categoria de regionalismo crítico, pelo facto da revista *AD* ser um dos meios privilegiados de discussão da arquitectura pós-moderna historicista, num episódio que envolveu dois dos principais divulgadores a nível internacional de ambas as vertentes, Jencks e Frampton¹⁰⁰³.

O editor da *AD* Andreas Papadakis, publicou no ano de 1982 duas interpretações daquilo que designou como “*classicismo contemporâneo*”, através do convite a dois autores para editarem dois números da revista, Charles Jencks e Demetri Porphyrios¹⁰⁰⁴. Como contraponto a estes dois números, Papadakis convidou Frampton para editar o número 7/8 da *AD* ainda no ano de 1982, que advoga, segundo a revista, a continuidade da tradição do Movimento Moderno¹⁰⁰⁵. Frampton apesar de valorizar aquele número da revista *AD* de 1982 mostrou algumas reservas, afirmando que não foi ele quem o editou, mas sim as pessoas que trabalhavam com Papadakis¹⁰⁰⁶. Esta declaração contrasta com a página dos

¹⁰⁰³ A revista *AD* era editada em Londres desde 1930. Este tema, bem como a divulgação internacional das diferentes correntes de arquitectura portuguesa na década de 80, foi por nós avançado numa conferência proferida no IV Colóquio Internacional de Doutorandos /as do CES, em Coimbra a 6 de Dezembro de 2013, a qual foi publicada em linha: SILVA, Cristina Emília, FURTADO, Gonçalo, “A construção do Conhecimento internacional sobre a Arquitectura portuguesa, anos 80 do séc. XX”, in *Cabo dos trabalhos, Revista eletrónica dos Programas de Doutoramento do Centro de Estudos Sociais em parceria com a Faculdade de Economia, Faculdade de Letras, Faculdade de Direito, Faculdade de Ciências e Tecnologia e Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, (CES UC), 2014, acessível em: http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n10/documentos/9.2.2_Cristina_Emilia_Silva_e_Goncalo_Furtado.pdf.

¹⁰⁰⁴ *Architectural Design*, 52 1/2, 1982, s/ p. JENCKS, Charles (ed.), “Free Style Classicism: the Wider Tradition”, *Architectural Design*, 52 1/2, *AD Profile* 39, 1982; PORPHYRIOS, Demetri (ed.), “Classicism is not a Style”, *Architectural Design*, 52 5/6, *AD Profile* 41, 1982.

¹⁰⁰⁵ FRAMPTON, Kenneth (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982. *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, s/ p.

¹⁰⁰⁶ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

agradecimentos no início deste número da revista assinada por Frampton, onde este se assume como um editor especial por também assinar a maior parte dos textos¹⁰⁰⁷.

Em entrevista, Frampton continuou explicando-nos que Papadakis terá conseguido surpreendentemente convencer a editora Thames & Hudson a publicar excertos do livro que tinha recentemente editado¹⁰⁰⁸. Frampton refere-se ao livro *Modern Architecture: A Critical History* que tinha sido lançado em 1980, para o qual nos disse ter trabalhado aproximadamente dez anos¹⁰⁰⁹. Este livro foi objecto de recensões críticas neste número da *AD*, na sua maioria pela primeira vez publicadas, da autoria de Alan Colquhoun, David Dunster, Kurt Foster, Rafael Moneo, Carlos Perez Gomez, Demetri Porphyrios, o autor que editou o número anterior por nós mencionado sobre *classicismo contemporâneo*, Manfredo Tafuri e Bruno Zevi¹⁰¹⁰. Frampton afirmou ter sido ele quem indicou os nomes das pessoas para fazerem as recensões¹⁰¹¹.

Ao longo dos anos e das sucessivas edições do livro, bem como dos artigos que foi escrevendo, Frampton foi fazendo revisões e ampliões, aproximando-se da teoria que designou como regionalismo crítico. No número 7/8 da *AD* Frampton publicou dois ensaios seus intitulados “The Status of Man and the Status of His Objects” e “Avant Garde and Continuity”, que de acordo com o editor servem para explicar a sua posição ideológica, e que segundo Frampton resultam da tentativa de dar um tratamento mais geral a temas que se relacionam¹⁰¹². O

primeiro, que consiste numa reflexão do livro de Hannah Arendt, *A Condição Humana*, pretendia reflectir sobre a insistência na criação de uma arte pública numa época cada vez mais privatizada; e o segundo, que parte das vanguardas do fim do século XIX e início do século XX, confronta a relação entre inovação e tradição¹⁰¹³. Seguem-se dois artigos que estendem a sua análise até às últimas realizações da arquitectura contemporânea, “Place, Production and Architecture”, que constituía o último capítulo da primeira edição do seu livro *Modern Architecture: A Critical History*, e outro intitulado “The isms of contemporary architecture”¹⁰¹⁴. Neste último artigo, Frampton desenvolveu os termos neo-produção, neo-racionalismo, estruturalismo, populismo e regionalismo¹⁰¹⁵. Os trabalhos de Siza estão incluídos no desenvolvimento de regionalismo.

Frampton explica que este último artigo surgiu como uma forma de “*equilibrar*” as conclusões a que tinha chegado no último capítulo do seu livro, e que resultou de uma encomenda para uma enciclopédia francesa, a qual não especificou, para escrever sobre os últimos quinze anos da arquitectura¹⁰¹⁶. A partir de uma referência encontrada ao trabalho de Siza num texto de Frampton no *Le grand atlas de l'architecture mondiale* da Encyclopaedia Universalis em 1988, o qual terá tido uma primeira edição em 1982, mas que não nos foi possível

¹⁰⁰⁷ FRAMPTON, Kenneth, “Acknowledgments”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 2.

¹⁰⁰⁸ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰⁰⁹ FRAMPTON, Kenneth, *Historia Critica de la Arquitectura Moderna*, Barcelona, Gustavo Gili, 1981. FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰¹⁰ COLQUHOUN, Alan, “Modern Architecture and the Liberal Conscience”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 47 – 49. Esta recensão foi originalmente publicada em *Progressive Architecture* em Junho de 1981: DUNSTER, David, “Maid in USA”, in Ibidem, p. 50, 51. FOSTER, Kurt W, “On Modern Architecture”, in Ibidem, p. 52, 53; MONEO, Rafael, “The Contradictions of Architecture as History”, in Ibidem, p. 54; GOMEZ, Carlos Perez, “The Potential of Architecture as Art”, in Ibidem, p. 55; PORPHYRIOS, Demetri, “The ticket is no Sacred Grove”, in Ibidem, p. 56, 57; TAFURI, Manfredo, “Architecture and ‘Poverty’”, in Ibidem, p. 57, 58. Esta recensão foi originalmente publicada em *L'Espresso*, em Março de 1981: ZEVI, Bruno, “How Old the Modern is!”, in Ibidem, p. 59.

¹⁰¹¹ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰¹² Este artigo foi escrito para uma antologia crítica sobre o trabalho de Hannah Arendt.

FRAMPTON, Kenneth, “The Status of Man and the Status of His Objects”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 6 – 19. Frampton agradece a escrita deste artigo a Tomas Llorens, pessoa que mencionámos atrás por ter participado no Congresso de Castelldefels, em 1972, no qual Portas também participou. Este foi um artigo que teve primeiro a forma de um paper na Conferência “Arquitectura y ciudad: Vanguardia y Continuidad”, a qual teve lugar em Valência em 1980, publicado posteriormente pelo Colégio Oficial de Arquitectos de Valência e Múrcia. FRAMPTON, Kenneth, “Avant Garde and Continuity”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 20 – 27. *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, s/ p. FRAMPTON, Kenneth, “Introduction”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 4, 5.

¹⁰¹³ Ibidem, p. 5.

¹⁰¹⁴ FRAMPTON, Kenneth, “Place, Production and Architecture”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 28 – 59; FRAMPTON, Kenneth, “The isms of contemporary architecture”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 60 - 83.

¹⁰¹⁵ Ibidem.

¹⁰¹⁶ FRAMPTON, Kenneth, “Introduction”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 5.

confirmar¹⁰¹⁷, especulamos que poderá ter sido esta a enciclopédia responsável pela encomenda do artigo a Frampton. No referido artigo, numa tentativa de melhor compreender o que se produzia chegou a quatro categorias: produção, racionalismo, estruturalismo e populismo¹⁰¹⁸. Mas tendo-se apercebido de que existia uma atitude de resistência crítica à globalização e à industrialização avassaladoras a partir de pequenos grupos locais sem projecção mediática, criou uma quinta categoria, designada como regionalismo, a qual afirma poder atravessar todas as outras categorias¹⁰¹⁹.

Como dizíamos, na parte do texto sobre o *regionalismo*, foi dedicada uma página A4 a ilustrações de trabalhos de Siza, designadamente planta e fotografias de três obras: a agência bancária de Oliveira de Azeméis, a casa na Póvoa do Varzim e a Bouça¹⁰²⁰ [fig. A2. 28]. No artigo, Frampton apontou o trabalho de Siza como o exemplo primeiro do que pretende significar com o termo regionalismo¹⁰²¹. Baseado na formulação de Paul Ricoeur, Frampton pretende com aquele termo significar a “*capacidade da cultura enraizada de recriar a sua própria tradição enquanto se apropria de influências alheias ao nível da cultura e da civilização*”¹⁰²². Passou de imediato a dar como exemplo evidente deste processo que classifica como “*impuro*”, a reinterpretção que Siza faz da morfologia em Aalto, em seu entender mediada por influências da Tendência Italiana¹⁰²³. No desenvolvimento deste conceito e de entre os vários exemplos do trabalho de arquitectos, com matizes diferentes, Frampton voltou a referir-se a Siza em que transcreve uma citação de um texto de arquitecto português datado de 1979¹⁰²⁴. Neste excerto do texto, Siza reflecte sobre a dificuldade e a necessidade

¹⁰¹⁷ Registo encontrado mas apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível confirmar: FRAMPTON, Kenneth, “L’architecture moderne tardive: le sujet topographique”, *Le grand atlas de l’architecture mondiale*, Encyclopaedia Universalis, 1988, p. 396.

¹⁰¹⁸ FRAMPTON, Kenneth, “Introduction”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 5.

¹⁰¹⁹ Ibidem.

¹⁰²⁰ FRAMPTON, Kenneth, “The isms of contemporary architecture”, ibidem, p. 80.

¹⁰²¹ Ibidem, p. 77.

¹⁰²² Ibidem.

¹⁰²³ Ibidem.

¹⁰²⁴ Ibidem, p. 78, 79. Temos registo da primeira publicação do texto donde Frampton retirou o excerto, o número 123 da revista Japonesa *a+u* de 1980 com o título “to catch a precise moment of the flittering image in all its shades”, por nós oportunamente referido, em: VIEIRA, Álvaro Siza, “to catch a precise moment of flittering image in all its shades”, *a+u architecture & urbanism*, n. 123, 1980, p. 9.

de se perceber a complexidade do momento da intervenção arquitectónica¹⁰²⁵. Frampton continuou, valorizando o facto das obras de Siza estarem “*enraizadas*” na topografia local e no contexto urbano, de uma forma mais acentuada do que no caso da Escola de Barcelona, a qual também tinha apontado como exemplo, e à semelhança de obras de Aalto¹⁰²⁶.

Entendemos ser relevante que seja citado um texto de Siza frequentemente apontado por ser um arquitecto pouco teórico, a única citação de um arquitecto nesta parte sobre regionalismo, num artigo com a profundidade que Frampton lhe imprimiu. Este é o exemplo de que o trabalho de Siza serviu à construção de uma das correntes mais destacadas do discurso internacional da arquitectura.

É de assinalar a evolução que o termo regionalismo teve desde 1982 no referido número da *AD*, como um termo que integrava um conjunto de conceitos composto com outros quatro, para passar a constituir uma vertente basilar do discurso de Frampton, que passou a ser conhecida como regionalismo crítico.

Em entrevista, Frampton tentou reconstituir a história do conceito *regionalismo crítico*, afirmando terem existido vários momentos que confluíram naquele ponto¹⁰²⁷.

Identificou o primeiro momento com a preparação da Bienal de Veneza de 1980 por Paolo Portoghesi¹⁰²⁸. Frampton explicou-nos que foi convidado por Robert Stern, director da Escola de Arquitectura de Yale para ser um dos comissários da exposição, tendo por isso ido a uma reunião preparatória em Veneza em 1979, onde também estavam presentes Vicent Scully e Charles Jencks¹⁰²⁹. Frampton afirmou que se apercebeu que ia ser um evento cultural demagógico, onde iriam ser prestadas homenagem a Ignazio Gardella e a Philip Johnson, cujos trabalhos lhe levantavam dúvidas, apesar de concordar com a importância que a dado momento a obra de Gardella teve¹⁰³⁰. Por isso, demitiu-se da função de

¹⁰²⁵ FRAMPTON, Kenneth, “The isms of contemporary architecture”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 78, 79.

¹⁰²⁶ Ibidem.

¹⁰²⁷ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰²⁸ Ibidem.

¹⁰²⁹ Ibidem.

¹⁰³⁰ Ibidem.

comissário da referida exposição¹⁰³¹. Segundo Portoghesi, Frampton declarou naquela altura querer afastar-se daquele que lhe parecia ser um evento pós-modernista, por aquilo que evocava ser muito distante daquilo que defendia¹⁰³². Posteriormente Portoghesi foi nomeado em 1985 Presidente da Bienal de Veneza, cargo que ocupou até 1992, indicando outras pessoas para assumirem as funções de comissários das exposições de Arquitectura, como Aldo Rossi em 1985 e em 1986, Francesco Dal Co em 1991, sem que a arquitectura portuguesa tenha merecido alguma referência particular.

Segundo Frampton, outro momento relevante eram as circunstâncias na Universidade de Columbia onde dava e dá aulas, onde o estilo pós-moderno já dominava o ensino e os discursos, nomeadamente através de Stern que na época também ali leccionava, situação para a qual pretendia procurar uma alternativa¹⁰³³. Frampton afirmou que mais tarde se apercebeu que o regionalismo crítico foi também uma manifestação pós-moderna, por ter sido uma reação ao estilo pós-moderno e que tentou reposicionar o campo da disciplina da arquitectura¹⁰³⁴.

Frampton indicou-nos ainda outro momento relevante, precisamente quando indicou à revista *AD* os nomes das pessoas para fazerem as recensões do seu livro¹⁰³⁵. Entre elas, indicou um arquitecto checo Dalibor Vesely, que tinha ido para Inglaterra, onde deu aulas na AA e na Universidade de Cambridge, que se recusou a escrever a recensão, mas que lhe disse que o que ele estava a tentar fazer no último capítulo do seu livro tinha sido abordado por Paul Ricoeur, no seu ensaio intitulado “Civilização universal e culturas nacionais”¹⁰³⁶. Neste artigo do número 7/8 da *AD* Frampton já incluiu referências a Ricoeur; onde aliás o agradecimento a Vesely está bem explícito, pois Frampton dedica-lhe aquela publicação¹⁰³⁷.

¹⁰³¹ Ibidem.

¹⁰³² Portoghesi citado em FIGUEIRA, Jorge Manuel, *A Periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitectura portuguesa, anos 60 – Anos 80*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009, p. 176.

¹⁰³³ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰³⁴ Ibidem.

¹⁰³⁵ Ibidem.

¹⁰³⁶ Ibidem.

¹⁰³⁷ FRAMPTON, Kenneth, “Acknowledgments”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982, p. 2.

Frampton explicou-nos que este ensaio teve uma grande influência no seu trabalho, o qual constituiu referência principal no artigo que escreveu intitulado “Towards a Critical Regionalism: Six points for an architecture of resistance”, publicado no livro de Hal Foster intitulado *Anti-Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, em 1983¹⁰³⁸. Trata-se de um artigo onde Frampton fez o enquadramento teórico do conceito de regionalismo crítico.

Frampton referiu-nos ainda outro momento que designou como a proto-história daquele conceito¹⁰³⁹. Explicou-nos que quando assumiu a direcção da *AD* em 1961, se apercebeu que parecia haver em algumas cidades europeias, por oposição às cidades britânicas, uma relação entre a personalidade forte de alguns arquitectos e a cultura dessas cidades, como por exemplo em Zurique, Colónia, Barcelona e em Atenas¹⁰⁴⁰. Frampton referiu Ernst Gisell em Zurique como um destes arquitectos de quem diz se estar esquecido, referiu também Oswald Mathias Ungers em Colónia¹⁰⁴¹.

Frampton detalhou as circunstâncias do seu trabalho na *AD*, destacando desde logo a importância de Monica Pidgeon¹⁰⁴². Pidgeon foi directora da revista desde 1946 até 1975. Era uma pessoa que cultivava e alargava a sua vasta rede de contactos, tendo deixado a escrita para os críticos mais jovens¹⁰⁴³. Pidgeon fez parte da organização do CIAM de 1947 em Somerset, no qual participaram nomes como Le Corbusier, Siegfried Giedion, Walter Gropius e José Luís Sert, da organização do CIAM de 1951 em Hertfordshire e teve um papel destacado na organização da conferência da International Union of Architects’ (UIA) em Londres em 1961¹⁰⁴⁴. Segundo Frampton cada sessão de trabalho na *AD* trazia consigo um encontro sócio-cultural¹⁰⁴⁵. De entre os que poderia

¹⁰³⁸ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009. FRAMPTON, Kenneth, “Towards a Critical Regionalism: Six points for an architecture of resistance”, in Hal Foster, *The anti-aesthetic: essays on post-modern culture*, Michigan, Bay Press, 1983, p. 16 - 30.

¹⁰³⁹ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰⁴⁰ Ibidem.

¹⁰⁴¹ Ibidem.

¹⁰⁴² Ibidem.

¹⁰⁴³ <http://www.independent.co.uk/news/obituaries/monica-pidgeon-influential-editor-of-architectural-design-for-more-than-30-years-1818794.html> acedido a 17/6/2013.

¹⁰⁴⁴ Ibidem.

¹⁰⁴⁵ Ibidem.

mencionar, referiu como exemplo um encontro com Lúcio Costa e a sua filha, outro com Buckminster Fuller e a sua esposa e outro com Vicent Scully¹⁰⁴⁶. No âmbito da direcção da *AD* Frampton viajou pela Alemanha ocidental, onde conheceu pessoas como Claude Schnaidt, Tomás Maldonado, Julius Posener e Hans Scharoun, entre outros e deslocou-se várias vezes a Paris, onde se reuniu nomeadamente com Le Corbusier¹⁰⁴⁷.

Frampton deu informações chave para percebermos o seu percurso e posicionamento intelectual, em particular na fase que ele próprio designou como a ‘proto-história’ do regionalismo crítico, enquanto director da *AD*, entre 1961 e 1965. Frampton explicou que a revista naquela altura já tinha adquirido um enfoque polémico capaz de alguma forma defrontar o sistema liberal britânico, representado pela *Architectural Record*¹⁰⁴⁸. Segundo a sua opinião, esta orientação ficou a dever-se a Theo Crosby que o tinha antecedido na direcção da *AD*, cargo que ocupou durante oito anos¹⁰⁴⁹. Daqui sublinhamos que Frampton se manifesta contra o sistema económico liberal. Outra informação chave foi a confissão que Frampton fez sobre o modelo editorial que tentou seguir enquanto director da *AD*, que era o da revista Italiana *Casabella Continuità* durante os anos da direcção de Ernesto Nathan Rogers, entre 1953 e 1965¹⁰⁵⁰. É de salientar que já aqui referimos a influência de Nathan Rogers noutra pessoa que em dado momento foi editora de uma revista, Huet, director da *L’Ojd*, e viremos a falar novamente adiante, a propósito de Gregotti, director da *Casabella*, cujas revistas publicaram arquitectura portuguesa sob as suas direcções. Frampton alterou a linha editorial que a *AD* tinha seguido até ali¹⁰⁵¹. Nas suas palavras afirmou que “*fui mais além da agenda cultural transatlântica anglo-americana do Independent Group e superei também a fronteira do Team 10 dos Smithsons que tinham o costume de utilizar a AD como um veículo para difundir as suas*

ideias”¹⁰⁵². Frampton explicou que sem contrariar esta postura que tentou chamar a atenção para o trabalho de “*arquitectos da periferia europeia que, nesse momento, eram em grande parte ignorados pela imprensa anglo-americana*”¹⁰⁵³. Salientamos que já aqui registámos discursos similares feitos por Wang, Santos e Markham, mas referentes à década de 80.

A passagem pela *AD* teve ainda outra consequência na carreira de Frampton¹⁰⁵⁴. Robin Middleton, o sucessor de Frampton na direcção da revista, apesar da partida deste em 1966 para os EUA foi pedindo textos a Frampton¹⁰⁵⁵. Em 1970, enquanto editor da Thames & Hudson, Robin encomendou um livro a Frampton, que este demorou dez anos a terminar¹⁰⁵⁶, o referido *Modern Architecture: A Critical History*. Frampton admitiu que a sua dívida para com Middleton se estende a outras áreas como os académicos que lhe apresentou para além da sua acuidade enquanto editor, cujas observações ainda hoje Frampton se recorda quando escreve¹⁰⁵⁷.

O arquitecto José Paulo dos Santos na apresentação que fez de Frampton quando este veio dar uma conferência ao Porto a 31 de Janeiro de 2014, recuou até ao edifício que Frampton desenhou quando trabalhou como arquitecto no início da sua carreira, para afirmar que o edifício Corringham, “*expressa a sua sensibilidade e tudo o que acredita*” e que vem a desenvolver na sua actividade posterior como professor e autor de artigos¹⁰⁵⁸. Frampton explicou que naquela altura dividia o seu tempo entre a construção e o desenho do edifício que estava a desenvolver na sociedade Douglas Stephen & Partners durante as manhãs e o trabalho na *AD* à tarde¹⁰⁵⁹.

¹⁰⁴⁶ FRAMPTON, Kenneth, “On the road: an AD Memoir / En el camino: Memorias de AD”, in *Architects’ Journeys: Building, Travelling, Thinking / Los Viajes de los Arquitectos: Construir, Viajar, Pensar*, Pamplona, T6 Ediciones, 2011, p. 63, 64. Foi publicada uma versão anterior deste texto na *AA Files*, n. 60, 2010, p. 22-25, mas apesar dos esforços desenvolvidos não tivemos acesso.

¹⁰⁴⁷ Ibidem, p. 64 – 67.

¹⁰⁴⁸ FRAMPTON, Kenneth, “On the road: an AD Memoir / En el camino: Memorias de AD”, in *Architects’ Journeys: Building, Travelling, Thinking / Los Viajes de los Arquitectos: Construir, Viajar, Pensar*, Pamplona, T6 Ediciones, 2011, p. 51.

¹⁰⁴⁹ Ibidem.

¹⁰⁵⁰ Ibidem, p. 54.

¹⁰⁵¹ Ibidem, p. 59.

¹⁰⁵² Ibidem, p. 59.

¹⁰⁵³ Ibidem, p. 60.

¹⁰⁵⁴ Ibidem, p. 70, 71.

¹⁰⁵⁵ Ibidem.

¹⁰⁵⁶ Ibidem, p. 71.

¹⁰⁵⁷ Ibidem, p. 71.

¹⁰⁵⁸ José Paulo dos Santos na apresentação de Frampton aquando da conferência deste na Casa das Artes, no Porto, no dia 31 de Janeiro de 2014.

¹⁰⁵⁹ O edifício Corringham veio a ser publicado na *AD* de Setembro de 1964. FRAMPTON,

Em suma, Frampton descreveu como se foi desenhando aquilo que designou como uma certa sensibilidade que o conduziu ao conceito de regionalismo crítico¹⁰⁶⁰, desde a sua participação frustrada na Bienal de Veneza de 1980, o ambiente na Universidade de Columbia, o encontro com Dalibor Veselay que lhe mostrou Paul Ricoeur e a sua passagem pela direcção da revista *AD*. Noutro momento, Frampton confessou ainda a sua dívida à dupla Grega / Belga, Alex Tzonis e Liane Lefaivre que primeiro cunharam o termo regionalismo crítico¹⁰⁶¹. Frampton disse-nos em entrevista considerar que regionalismo crítico é uma ideia de “*resistência, de resistência à globalização, a este momento de capitalismo tardio*”¹⁰⁶².

A um outro nível de leitura sobre a construção do conceito regionalismo crítico levado a cabo por Frampton são apontadas influências de correntes de pensamento como a fenomenologia e o marxismo. Frampton faz uma leitura fenomenológica do lugar, por oposição à tabula rasa do International Style, tendo como referência Hannah Arendt. O seu posicionamento de defesa de uma arquitectura de resistência à globalização situa-se na esteira do marxismo e posteriormente da Escola de Frankfurt.

É relevante salientar que a parte do texto dedicado ao conceito regionalismo referido no artigo intitulado “The Isms of Contemporary Architecture” publicado no número 7/8 da *AD* de 1982, onde é referido o trabalho de Siza, veio a integrar a segunda edição do referido livro de Frampton, *Modern Architecture, a Critical History*, editada em 1985, passando a constituir o seu último capítulo, agora com o título “Critical Regionalism: modern architecture and cultural identity”¹⁰⁶³. Notamos que Frampton deixou de se referir aos outros quatro *ismos* da arquitectura, passando o regionalismo a constituir um capítulo do livro, termo que o intitula, ao qual juntou o classificativo crítico. Como referimos atrás, este é

desde logo um dos primeiros sinais da importância que o conceito regionalismo crítico veio a assumir no discurso teórico de Frampton.

Este último capítulo do livro na sua edição de 1985 é de facto mais próximo do artigo intitulado “Prospects for a Critical Regionalism”¹⁰⁶⁴, que Frampton publicou no número 20 da revista de arquitectura de Yale, a *Perspecta*, ainda em 1983 e anteriormente ao referido texto intitulado “Towards a Critical Regionalism: Six points for an architecture of resistance”, publicado no livro de Foster. Notamos que mais uma vez Frampton publicou um artigo num meio que lhe é aparentemente adverso, por se realizar numa edição de Yale, uma escola onde parecia florescer o pós-modernismo. Em “Prospects for a Critical Regionalism” Frampton desenvolveu mais alguns aspectos iniciados em 1982, nomeadamente abriu com uma larga citação de Ricoeur e estendeu partes do texto dedicadas ao trabalho de alguns arquitectos como Luis Barragán, Mario Botta, Tadao Ando, incluindo outras referências ao trabalho de arquitectos do continente Americano e da Grécia, entre outros. Relativamente ao texto sobre o trabalho de Siza a maior diferença reside no facto de estar concentrado num único momento, e o exemplo paradigmático escolhido para ilustrar a afirmação de Ricoeur foi neste caso, a igreja Bagsvaerde de Utzon¹⁰⁶⁵. Nesta publicação foram escolhidos elementos gráficos da casa Beires para ilustrar o texto, duas plantas e uma fotografia¹⁰⁶⁶.

Nas sucessivas reedições do livro *Modern Architecture, a Critical History*, Frampton continuou a incluir referências à arquitectura portuguesa.

Em 1992, aquando da terceira edição, Frampton acrescentou um capítulo intitulado “World architecture and reflective practice”¹⁰⁶⁷, no qual a arquitectura portuguesa voltou a ser referenciada. Neste capítulo, Frampton faz uma análise da arquitectura em países cuja qualidade em seu entender se destaca para além

Kenneth, “On the road: an AD Memoir / En el camino: Memorias de AD”, in *Architects' Journeys: Building, Travelling, Thinking / Los Viajes de los Arquitectos: Construir, Viajar, Pensar*, Pamplona, T6 Ediciones, 2011, p. 52.

¹⁰⁶⁰ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰⁶¹ SILVA, Cristina, FURTADO, Gonçalo, “Uma conversa com Kenneth Frampton. História, Resistência Crítica e Interesses Actuais”, *Arq.a*, n. 86 / 87, 2010, p. 114.

¹⁰⁶² FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰⁶³ FRAMPTON, Kenneth, “Critical Regionalism: modern architecture and cultural identity”, *Modern Architecture, a Critical History*, Londres, Nova Iorque, Thames & Hudson, 1985, p. 313 – 327.

¹⁰⁶⁴ Consultámos o artigo reeditado em 2004: FRAMPTON, Kenneth, “Prospects for a Critical Regionalism”, in Robert A. M. Stern, Alan Paltus, Peggy Deamer (ed.), *Re reading Perspecta. The First Fifty Years of the Yale Architectural Journal*, Cambridge, London, The MIT Press, 2004, p. 476 – 485.

¹⁰⁶⁵ Ibidem, p. 314 – 318.

¹⁰⁶⁶ Ibidem, p. 318.

¹⁰⁶⁷ Este texto é ilustrado por uma planta da casa de Alcanena de Souto de Moura e por uma axonometria da Faculdade de Arquitectura de Siza. FRAMPTON, Kenneth, “World architecture and reflective practice”, *Modern Architecture, a Critical History*, Londres, Nova Iorque, Thames & Hudson, 2007, p. 328 – 343.

da excepcionalidade do trabalho de alguns arquitectos individuais¹⁰⁶⁸. No caso de Portugal, Frampton refere-se ao Norte do país e àquilo que designa como a Escola do Porto, liderada por Távora¹⁰⁶⁹. Frampton assinala que para além do mestre Siza emerge uma geração mais nova como Adalberto Dias, Maria da Graça Nieto, José Manuel Soares e Eduardo Souto de Moura¹⁰⁷⁰. Em relação a Souto de Moura, Frampton ressalva que as suas referências estão longe de Portugal, identificando-as com Mies e Barragán, reconhecendo, no entanto, que o arquitecto ocupa um lugar particular na cena portuguesa¹⁰⁷¹. Conclui a referência à arquitectura do Norte de Portugal com a construção da Faculdade de Arquitectura da autoria de Siza, comparando-a a outras situações que afirmaram uma cultura ideológica através do edifício da escola, a Bauhaus em Dessau e HfG em Ulm¹⁰⁷².

Em 2007, na quarta edição, Frampton acrescentou um último capítulo intitulado “Architecture in the Age of Globalization: topography, morphology, sustainability, materiality, habitat and civic form 1975 – 2007”¹⁰⁷³, no qual é feita referência à arquitectura de Souto de Moura. Neste capítulo, Frampton faz uma análise da arquitectura através das seguintes categorias: topografia, morfologia, sustentabilidade, materialidade, habitat e forma cívica¹⁰⁷⁴. O estádio de futebol em Braga de Souto de Moura é descrito por Frampton na categoria topografia, considerando-o uma aproximação assertiva¹⁰⁷⁵. No entanto, Frampton explicou-nos em 2009 que ainda não tinha visita o estádio e que necessitava de o conhecer¹⁰⁷⁶.

Actualmente, Frampton mantém que a Escola do Porto teve um papel importante, embora entenda que a sua qualidade tenha decrescido¹⁰⁷⁷. Quando o questionámos

¹⁰⁶⁸ Ibidem.

¹⁰⁶⁹ Ibidem, p. 330, 331.

¹⁰⁷⁰ Ibidem.

¹⁰⁷¹ Ibidem.

¹⁰⁷² Ibidem.

¹⁰⁷³ FRAMPTON, Kenneth, “Architecture in the Age of Globalization: topography, morphology, sustainability, materiality, habitat and civic form 1975 – 2007”, *Modern Architecture, a Critical History*, Londres, Nova Iorque, Thames & Hudson, 2007, p. 344 – 389.

¹⁰⁷⁴ Ibidem.

¹⁰⁷⁵ A parte do texto sobre o estádio do Braga de Souto de Moura é ilustrada por um desenho de um corte do estádio, Ibidem, p. 353.

¹⁰⁷⁶ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰⁷⁷ Ibidem.

se a Escola do Porto terá cumprido a missão de transmissão de uma certa cultura ideológica, respondeu-nos que é difícil responder¹⁰⁷⁸. De pronto refere os nomes de Carlos Ramos e Fernando Távora como pessoas decisivas para a Escola, mas as dúvidas surgem quando pensa em Souto de Moura, como representante da geração seguinte, ressaltando que, entretanto, já se sucedem outras gerações de arquitectos¹⁰⁷⁹. Frampton considera que as primeiras casas de Souto de Moura em que combina o minimalismo de Mies com a técnica portuguesa de construir as paredes de granito são bastante regionais, e que apesar de considerar que as suas influências se baseiam em Mies e Barragán, mantém um “*compromisso forte com a poética da construção, o que é um ponto-chave do seu trabalho*”¹⁰⁸⁰. Para Frampton o aspecto mais problemático reside na forma como o trabalho de Souto de Moura se relaciona com o sítio, nomeadamente no estádio do Braga, que considera ter um aspecto violento e ser muito literal¹⁰⁸¹; dando sinal de uma certa apreciação menos positiva que no referido texto de 2007 não deixava transparecer facilmente.

Frampton disse-nos em entrevista, que no seu entender Siza continua a ser o arquitecto de destaque, apesar de reconhecer diferenças no seu desenho dos tempos iniciais e os actuais e um menor envolvimento directo com as questões políticas¹⁰⁸². No entanto, entende por exemplo, que no seu projecto do Museu Iberê Camargo no Brasil, Siza continua a usar o mesmo método de desenho, como “*se tirasse do chão a forma [do projecto]*”, trazendo de volta a questão do regionalismo¹⁰⁸³. Porém, Frampton disse-nos em entrevista que não quer impor a categoria de regionalismo crítico a ninguém, mas considera que Siza foi “*bastante crítico, quando persuadiu o seu cliente, Alcino Cardoso, a manter as vinhas em vez de as arrancar e plantar laranjeiras como os seus amigos bancários o tinham aconselhado, por necessitarem de menos manutenção e serem mais rentáveis*”¹⁰⁸⁴. Frampton gosta de recordar pela profundidade do seu significado, uma frase que Siza lhe escreveu em resposta a uma carta sua no final

¹⁰⁷⁸ Idem; e SILVA, Cristina, FURTADO, Gonçalo, “Uma conversa com Kenneth Frampton. História, Resistência Crítica e Interesses Actuais”, *Arq.a*, n. 86 / 87, 2010, p. 114.

¹⁰⁷⁹ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰⁸⁰ Ibidem.

¹⁰⁸¹ Ibidem.

¹⁰⁸² Ibidem.

¹⁰⁸³ Ibidem.

¹⁰⁸⁴ SILVA, Cristina, FURTADO, Gonçalo, “Uma conversa com Kenneth Frampton. História, Resistência Crítica e Interesses Actuais”, *Arq.a*, n. 86 / 87, 2010, p. 114.

da década de 80, “*Sim, é verdade, tenho muitos projectos, mas não estou feliz. Como é que se pode estar feliz quando a Europa não tem nenhum projecto?*”¹⁰⁸⁵.

Quando pedimos a Frampton para posicionar a arquitectura portuguesa no panorama mundial da arquitectura actual, respondeu-nos que a arquitectura espanhola tem um papel mais importante que a arquitectura portuguesa, com excepção de Siza¹⁰⁸⁶. Frampton avalia esta importância pela presença dos arquitectos espanhóis na cena mundial nos últimos vinte anos, a qual também atribui à maior quantidade e escala dos edifícios em que os arquitectos Espanhóis tiveram a oportunidade de trabalhar¹⁰⁸⁷. Noutro momento Frampton colocou ao lado de Espanha, outros três países, Finlândia, Japão e Austrália, por em seu entender se poder “*falar de cultura arquitectónica, no sentido que (...) existem 15 a 30 arquitectos, que num mesmo tempo, produzem continuamente um trabalho notável*”¹⁰⁸⁸. Frampton também referiu a arquitectura que está ser construída no Canadá por ser de grande qualidade, provavelmente superior ao trabalho feito nos EUA, mas inexistente aos olhos dos críticos americanos¹⁰⁸⁹. No entanto, Frampton considera que nem a arquitectura portuguesa, nem a espanhola, nem a canadiana contam para a cena mediática global, quando se fala de arquitectos como Herzog & Meuron, Frank Gehry, Rem Koolhaas, Jean Nouvel ou Sejima; o que de alguma forma prova o seu argumento¹⁰⁹⁰. Isto é, que aqueles arquitectos por continuarem “*enraizados*” não estão disponíveis para a cena global do espectáculo mediático¹⁰⁹¹.

Argumentamos que à semelhança da construção do conceito regionalismo crítico ao longo do tempo por Frampton, por nós acima descrita, também a sua relação com a arquitectura portuguesa foi sendo sedimentada com o passar dos anos. Como temos vindo a referir ao longo da nossa dissertação, Frampton já

conhecia os arquitectos portugueses e o seu trabalho desde há longo tempo. Tivemos conhecimento dos contactos entre Frampton e Portas durante a visita que Portas realizou aos EUA em 1968; do contacto com Duarte Cabral de Mello durante o período que este colaborou no IAUS em Nova Iorque, entre 1970 e 1972, onde Frampton também trabalhava, da leitura que Frampton fez do número 185 da *L’Ojd* de 1976, monográfico sobre a arquitectura portuguesa, onde sentiu a “*forte ligação entre a arquitectura de Siza e poesia de Fernando Pessoa*”¹⁰⁹², do conhecimento que travou com José Paulo dos Santos, no final da década de 70, quando foi seu professor no Royal College of Art, da primeira visita que fez a Portugal em meados da década de 80, tendo sido recebido por Cabral de Mello e Santos e visitado as obras de Siza que conheceu pessoalmente. Numa entrevista que Frampton nos deu em Nova Iorque posteriormente publicada, manifestou um sentimento poético, quase idílico, como recordação daquela primeira viagem a Portugal e do contacto com Siza e as suas obras¹⁰⁹³. Assumindo claramente o impacto que as obras de Siza lhe causaram, descreve aquele momento recorrendo a expressões como “*a atmosfera de Matosinhos e o som do mar é inseparável na minha cabeça da memória daquele encontro*”, mais adiante “*associo a um sentimento de redenção*”, e referindo-se a Siza afirma “*Este é um homem extraordinário com uma sensibilidade excepcional, empenho e ironia melancólica, desenhando em cafés e fumando cigarros infinitamente.*”¹⁰⁹⁴

A integração da arquitectura portuguesa, em particular a de Siza, num enquadramento teórico alargado também aconteceu em França, no ano de 1982. O bairro da Malagueira de Siza integrou a exposição sugestivamente intitulada *La Modernité... un projet inachevé* que ocorreu em Paris naquele ano, tendo participado na organização da exposição José Paulo dos Santos.

Tal decorreu da reflexão sobre a arquitectura enquadrada pelas correntes internacionais que se desenvolvia naquela época, em França, plasmada na realização de várias exposições em anos consecutivos em Paris: em 1980 no âmbito da XI Bienal de Paris, a primeira exposição de arquitectura da Bienal no Centro Georges Pompidou intitulada *À la recherche de l’urbanité. Savoir faire la ville, savoir vivre la ville*, sobre a reconstrução da cidade europeia, que contou como Siza como correspondente; em 1981, com duas exposições, uma

¹⁰⁸⁵ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009; e SILVA, Cristina, FURTADO, Gonçalo, “Uma conversa com Kenneth Frampton. História, Resistência Crítica e Interesses Actuais”, *Arq.a*, n. 86 / 87, 2010, p. 115.

¹⁰⁸⁶ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰⁸⁷ Ibidem.

¹⁰⁸⁸ SILVA, Cristina, FURTADO, Gonçalo, “Uma conversa com Kenneth Frampton. História, Resistência Crítica e Interesses Actuais”, *Arq.a*, n. 86 / 87, 2010, p. 114, 115.

¹⁰⁸⁹ FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.

¹⁰⁹⁰ Ibidem.

¹⁰⁹¹ Ibidem.

¹⁰⁹² Ibidem.

¹⁰⁹³ SILVA, Cristina, FURTADO, Gonçalo, “Uma conversa com Kenneth Frampton. História, Resistência Crítica e Interesses Actuais”, *Arq.a*, n. 86 / 87, 2010, p. 114.

¹⁰⁹⁴ Ibidem.

da iniciativa do Instituto Francês de Arquitectura intitulada *Architectures en France. Modernité / postmodernité*, sobre a arquitectura em França nos dez anos anteriores; e outra, a reposição da exposição do ano anterior da Bienal de Veneza, a qual referimos no capítulo Contextos, e em 1982 com duas exposições, uma no âmbito da XII Bienal de Paris e outra no âmbito do Festival de Outono, tendo a arquitectura portuguesa participado nesta última.

Michel Guy, o Director Geral do referido Festival de Outono em Paris, no âmbito do qual é realizada a exposição *La Modernité... un projet inachevé*, posicionou-a muito claramente no prefácio que assinou no respectivo catálogo: exactamente no centro do debate internacional sobre o pós-moderno e o movimento moderno na arquitectura¹⁰⁹⁵. Guy quis fazer um contraponto à exposição apresentada no ano anterior em Paris, em 1981, que no seu entender representava o pós-moderno e que se tratou da reposição da exposição que tivera lugar em 1980 no decurso da Bienal de Veneza¹⁰⁹⁶ intitulada *A Presença do Passado* comissariada por Paolo Portoghesi. Para enriquecer este debate Guy decidiu organizar esta exposição a qual recebeu o eloquente título *La Modernité... un projet inachevé*, uma citação do título de um artigo de Jürgen Habermas de 1980, por sua vez também escrito como reacção à visita da referida exposição de Portoghesi na Bienal¹⁰⁹⁷, tendo convidado Paul Chemetov para a comissariar.

De facto, Chemetov tinha sido uma das vozes críticas aquando da reposição daquela exposição que tinha ocorrido em Veneza no ano anterior e que sofrera algumas alterações em Paris, nomeadamente o título que passou a ser: *La présence de l'histoire*, tendo sido dado grande destaque a Christian de Portzamparc¹⁰⁹⁸. Chemetov foi bastante crítico com Portzamparc e numa

¹⁰⁹⁵ GUY, Michel, “Avant-propos”, *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*, Paris, Moniteur, 1982, p. 5.

¹⁰⁹⁶ *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*, Paris, Moniteur, 1982.

¹⁰⁹⁷ NESBITT, Kate (editor), *Theorizing a New Agenda for Architecture, an anthology of architectural theory 1965-1995*, New York, Princeton Architectural Press, 1996, p. 27.

¹⁰⁹⁸ Nesta edição da exposição, aos arquitectos franceses já exibidos em Veneza, designadamente Jean Pierre Buffi, Antoine Grumbach e TAU, um colectivo composto por David Bigelman, Bernard Leroy, Serge Santelli e Bernard Huet, juntaram-se outros arquitectos franceses designadamente Fernando Montes, Bernard Paud, Alain Safarti e Christian de Portzamparc, cuja prestação marcava a entrada da exposição. LUCAN, Jacques, *Architecture en France (1940 – 2000): Histoires et Teories*, Paris, Le Moniteur, 2001, p. 277.

conferência polémica, no âmbito de uma exposição organizada pela revista *Techniques et Architectures*, mostrou imagens do trabalho de arquitectos que em seu entender colocavam em causa de uma forma pertinente as teorias veiculadas por aquela exposição, designadamente Henri Ciriani, Henri Gaudin, Édith Girard, Yjes Lyon, Jean Nouvel e Roland Simounet¹⁰⁹⁹.

A exposição *La Modernité... un projet inachevé* representou para Chemetov a possibilidade de afirmar a sua posição. Chemetov convidou para escrever no respectivo catálogo da exposição Frampton e Habermas, cujos textos antecedem a apresentação dos projectos. Chemetov rodeou-se de uma equipa, da qual fazia parte Jean Paul Rayon¹¹⁰⁰, a quem Chemetov incumbiu a tarefa de desenhar a exposição¹¹⁰¹. Por sua vez, Rayon convidou Santos para colaborar com ele, o que aconteceu no Verão do ano de 1982¹¹⁰². Santos tinha conhecido Rayon em Paris a propósito de uma investigação para a *9H* sobre Perret, quando Rayon ainda dava aulas em Lausanne¹¹⁰³. Santos explicou-nos em entrevista que a selecção dos arquitectos a expor foi muito discutida naquele Verão, tendo tido a oportunidade de contribuir com as suas opiniões¹¹⁰⁴. A escolha recaiu na área geográfica da Europa, onde foram eleitos quarenta projectos, com programas de habitação colectiva e de espaços de trabalho, que davam continuidade ao movimento moderno na Arquitectura, privilegiando sobretudo a coerência do percurso de cada arquitecto apesar das obras serem bastante diferentes entre si¹¹⁰⁵.

Observamos que Portugal, ao integrar esta selecção, não surgiu acompanhado de epítetos como país periférico, mas sim como um país em plena Europa. No

¹⁰⁹⁹ Ibidem.

¹¹⁰⁰ Os restantes elementos da equipa são Elisabeth Allain – Dupré, Marianne Brausch, Jean-Claude Garcias e Vincent Borie. CHEMETOV, Paul, ALLAIN-DUPRÉ, Elisabeth, BRAUSCH, Marianne, GARCAS, Jean-Claude, RAYON, Jean-Paul, BORIE, Vincent, “Compte rendu de mandat”, in *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*, Paris, Moniteur, 1982, p. 7.

¹¹⁰¹ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

¹¹⁰² Ibidem e também em WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹¹⁰³ SANTOS, José Paulo dos, entrevista por correio electrónico, 8/11/2012.

¹¹⁰⁴ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

¹¹⁰⁵ CHEMETOV, Paul, ALLAIN-DUPRÉ, Elisabeth, BRAUSCH, Marianne, GARCAS, Jean-Claude, RAYON, Jean-Paul, BORIE, Vincent, “Compte rendu de mandat”, in *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*, Paris, Moniteur, 1982, p. 7.

catálogo da exposição editado também em 1982 com o título *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*, o Bairro da Malagueira¹¹⁰⁶ de Siza foi publicado ao lado de trabalhos de outros arquitectos como: Ando, Ciriani, Gregotti, Gullichsen & Pallasmaa, Isozaki, Kleihues, Meier, Moneo, Alison & Peter Smithson, entre outros¹¹⁰⁷ [fig. A2. 27].

É de notar que esta exposição teve lugar na Escola de Belas Artes em simultâneo com outra realizada no âmbito da XII Bienal de Paris designada como *La modernité ou l'esprit du temps*, atrás referida. Era a segunda vez que a Bienal de Paris tinha uma secção de arquitectura, tendo a primeira secção de arquitectura da Bienal ocorrido em 1980 na XI Bienal. Esta simultaneidade condicionou a escolha dos arquitectos para a exposição *La Modernité... un projet inachevé*, pois uma vez que a *La modernité ou l'esprit du temps* apresentou aproximadamente trinta arquitectos com idade inferior a quarenta anos, os organizadores da *La Modernité... un projet inachevé* decidiram apresentar o trabalho de arquitectos com mais de quarenta anos¹¹⁰⁸.

Jacques Lucan defende que a Escola de Belas Artes se tornou num palco de confrontação de ideias veiculadas por estas duas exposições, uma que defendia a continuação do projecto do moderno, a *La Modernité... un projet inachevé*, e outra que acreditava na modernidade sem dogmas, a *La modernité ou l'esprit du temps*, explicando no entanto, que ambas as exposições apontavam possíveis saídas: uma a continuidade e outra tentou dar resposta às falhas do movimento

moderno¹¹⁰⁹. É de assinalar que Jean Nouvel que teve um papel activo na organização da exposição de arquitectura da XII Bienal e que assinou um artigo no respectivo catálogo, venha a seleccionar três anos mais tarde projectos de arquitectos portugueses, para a exposição de arquitectura da XIII Bienal, de Souto de Moura, Carrilho da Graça e também de Siza cujo trabalho tinha sido exposto em *La Modernité... un projet inachevé*, mostrando que os confrontos não têm sempre contornos muito definidos, nem estanques.

¹¹⁰⁶ O Bairro da Malagueira ocupa quatro páginas das aproximadamente cento e quarenta que compõem o catálogo, sendo publicada uma pequena biografia e uma lista dos trabalhos realizados por Siza, fotografias, esboços, desenhos e dois textos, um descritivo do projecto e outro, mais curto, sobre o processo participativo que decorreu no desenvolvimento do projecto da Malagueira, este último da autoria de Siza e o primeiro sem autor identificado. “Álvaro Siza Quartier de Malagueira Évora 1977 – 1982, Portugal”, in *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*, Paris, Moniteur, 1982, p. 128 – 131.

¹¹⁰⁷ Os outros arquitectos cujo trabalho foi também exposto são: Luigi Snozzi, Henning Larsen, Martorell Bohigas Mackay, Colquhoun & Miller, Aurelio Galfetti, Henri Gaudin, Claude Parent, Gustav Peichl, Renzo Piano, Guido Canella, Atelier de Montrouge, Jacques Bardet, Cappai & Mainardis, Fabian Castaing, Fabien Castaing, Celli e Tognon, Kamran Diba, B. Doshi, Gabetti & Isola, Greater London Council Department of Architecture and Civic Design, Wilhelm Holzbauer, Borja Huidobro Aua, Junquera & Perez Pita, Nicola Pagliara, Raj Rewal, Roland Schweizer, Roland Simounet e Stavoprojekt Liberec.

¹¹⁰⁸ LUCAN, Jacques, *Architecture en France (1940 – 2000): Histoires et Théories*, Paris, Le Moniteur, 2001, p. 277.

¹¹⁰⁹ Ibidem, p. 277, 278.

2.3.

A divulgação nos países do núcleo duro

Em Itália e em Espanha, a arquitectura portuguesa foi participando em eventos com frequência, sem que, no entanto, tenha sido enquadrada por explícitas posturas teóricas como vimos ter acontecido com Frampton e na exposição *La Modernité... un projet inachevé*, o que não quer dizer que elas não existissem.

A divulgação da arquitectura portuguesa em Itália, naqueles anos, esteve intimamente ligada a três personalidades: Nicolín, Gregotti e Siza. Já referimos neste capítulo a organização da exposição monográfica sobre Siza em Milão, em 1979, por Gregotti, em cujo catálogo Nicolín escreveu o seu primeiro artigo sobre o trabalho do arquitecto português, e a publicação sobre o SAAL no Porto da responsabilidade de Gregotti no número 18 da *Lt I* de 1978, revista dirigida por Nicolín. Ocorreram mais eventos em Itália com o envolvimento daqueles protagonistas.

Nicolín convidou Siza para participar num seminário, que afirmou ter sido sua iniciativa¹¹¹⁰, o qual envolveu vários municípios da Sicília da área do vale do Belice, doze anos após terem sofrido um violento terramoto com consequências dramáticas. Nicolín explicou-nos em entrevista que o objectivo era questionar os critérios que tinham sido usados nas reconstruções que, entretanto, tinham sido realizadas e que em seu entender eram de má qualidade¹¹¹¹. Siza em conjunto com Ungers foram os únicos arquitectos estrangeiros presentes no seminário, sendo os outros arquitectos italianos, incluindo Gregotti que também foi convidado por Nicolín¹¹¹².

Os trabalhos desenvolvidos neste seminário intitulado “Planning workshop for Belice” foram objecto de variadas formas de divulgação ao longo dos anos

seguintes: uma exposição em 1981/82¹¹¹³, duas edições em livro, em 1981 de Augusto Cagnardi e 1983 de Nicolín e ainda, um artigo numa revista periódica em 1981¹¹¹⁴. O trabalho de Siza neste seminário veio a ser retomado numa publicação de 1987, no número 536 da revista *Casabella* de 1987, no qual foi dado conta dos desenvolvimentos posteriores dos projectos para aquela área, tendo sido também publicados os projectos de Siza para a restauração da Igreja e para o parque urbano¹¹¹⁵.

Como referimos o projecto de Siza foi publicado no livro de 1981 intitulado *Belice 1980. Luoghi, problemi, dodici anni dopo il terremoto* de autoria de Cagnardi¹¹¹⁶. Nicolín explicou-nos em entrevista que Cagnardi havia sido convidado por ele para fazer uma introdução sobre urbanismo no seminário e que decidiu posteriormente realizar este livro¹¹¹⁷. É de referir que Cagnardi entrou para a sociedade com Gregotti em 1981, onde se mantém até hoje e que Nicolín por seu lado tinha sido sócio fundador daquela sociedade em 1974, a qual deixou em 1978, como aludimos no início do presente capítulo. Cagnardi refere no livro que o seu objectivo era fornecer um guia às instituições para os problemas de reconstrução daquela área, nomeadamente através da abertura de pontos de vista inovadores, com a publicação daquilo que o autor designa como “*projectos exemplares*” entre os quais os de autoria Nicolín e de Siza¹¹¹⁸.

¹¹¹³ A exposição intitulada “Belice ‘80: alternative designs” realizou-se entre 15 de Dezembro de 1981 e 14 de Fevereiro de 1982 no âmbito do terceiro ciclo de actividades da 16ª da Trienal de Milão.

¹¹¹⁴ Apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível confirmar nem obter mais informações; no entanto, pela coincidência do título e da autoria com os do livro editado por Cagnardi em 1981, especulamos que o tema será o mesmo seminário de Gibelina. CAGNARDI, Augusto, “Belice 1980. Luoghi, problemi, dodici anni dopo il terremoto”, *Polis*, n. 25, 1981.

¹¹¹⁵ Os desenvolvimentos posteriores foram nomeadamente um concurso por convite para um Parque Urbano, realizado em 1985, no qual participaram Gregotti, o vencedor, Siza e Ungers. O texto é ilustrado por elementos gráficos, entre os quais são apresentados esboços de Siza. CROSET, Pierre-Alain, “Salemi e il suo territorio / Salemi and its territory”, *Casabella*, n. 536, 1987, p. 18-31. Os projectos de Siza para a restauração da igreja e para o parque urbano foram publicados através de textos e de elementos gráficos, desenhos rigorosos, esboços e fotografias. “Restauro della Chiesa Madre”, *Ibidem*, p. 23; e “Parco urbano”, *Ibidem*, p. 27.

¹¹¹⁶ CAGNARDI, Augusto, *Belice 1980. Luoghi, problemi, dodici anni dopo il terremoto*, Veneza, Marsilio, 1981. Apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível aceder ao documento.

¹¹¹⁷ Nicolín acrescentou em entrevista que contribuiu com alguns textos para o livro de Cagnardi, mas esta edição e a que ele veio a realizar em 1983 são independentes. Entrevista telefónica a Pierluigi Nicolín, 29/01/2013.

¹¹¹⁸ Os restantes projectos publicados são da autoria de: Bruno Minardi, Franco Purini, Laura Thermes, Umberto Riva e Francesco Venezia. http://www.gregottiasociati.it/partners_books.htm acedido a 27/7/2012.

¹¹¹⁰ Nicolín explicou-nos ter organizado o seminário em conjunto com os seus assistentes da Faculdade e com o presidente da Câmara de Gibellina, chamado Ludovico Corrao. O seminário teve lugar em Gibellina, uma das povoações mais afectadas pela catástrofe dada a proximidade do epicentro. Entrevista telefónica a Pierluigi Nicolín, 29/01/2013.

¹¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹¹² Os outros arquitectos italianos foram Bruno Minardi, Franco Purini, Umberto Riva, Laura Thermes, Francesco Venezia e o próprio Nicolín. Nicolín explicou-nos em entrevista que Siza fez o workshop, enquanto que Ungers e Gregotti apenas realizaram avaliações. *Ibidem*.

O projecto de Siza foi ainda publicado no livro de Nicolín de 1983 intitulado *Dopo il terremoto*, em conjunto com os projectos dos mesmos autores publicados por Cagnardi no livro referido anteriormente¹¹¹⁹. Este livro tem comentários da autoria de Gregotti, Huet e Agostino Renna. Nicolín explicou-nos em entrevista as razões do seu convite a Huet; por ser seu amigo e um grande intelectual que ele acreditava poder oferecer um contributo interessante¹¹²⁰.

Esta edição trata-se na realidade do número 2 da série *Quaderni di Lotus* (*Lotus Documents*) que está relacionado com a revista *Lt I* e foi também editada por Nicolín. A série *Quaderni di Lotus* pretendia complementar a revista trimestral *Lt I* com edições monográficas sob determinados temas ou sobre o trabalho de arquitecto¹¹²¹. Naquele ano era publicada pela editora Italiana Electa. A Electa foi fundada em 1945 pelo historiador de arte Bernard Berenson em Florença, no rescaldo da II Guerra Mundial, tendo como objectivo inicial a defesa do património italiano bastante danificado pela guerra, e acabou com o passar dos anos, por se destacar pelas suas publicações na área da arquitectura¹¹²². A série *Quaderni di Lotus* teve início em 1982, tendo sido publicados até 1999 vinte e três números. O trabalho de Siza foi publicado em dois números nesta série, no acabado de referir número 2, e no número 6 de 1986, monográfico sobre Siza intitulado *Álvaro Siza Professione Poética / Poetic Profession*¹¹²³, que já referimos atrás e analisaremos adiante.

Sob a direcção de Nicolín desde 1977, a revista *Lt I* publicou arquitectura de Siza uma vez por ano até 1983 com as excepções de 1977 e 1980, totalizando cinco referências, no universo de análise.

Já referimos o número 18 da *Lt I* de 1978. No número 22 da *Lt I* de 1979, dedicado a obras de pequena escala e às questões que estes levantam foram publicados três pequenos projectos de Siza, antecedido por um texto de sua autoria, o qual tinha sido publicado pela primeira vez no catálogo da exposição *Europa – América*

architetture urbane – alternativa suburbane de 1978 e ainda no catálogo da exposição monográfica de Siza de 1979¹¹²⁴. Sublinhamos que as obras de Siza são apresentadas ao lado das de outros arquitectos cujo trabalho é reconhecido internacionalmente e com características tão diferentes entre si como o de Graves, Gregotti Associati, Grassi, Botta, Venezia, Gancheui e Chillida, entre outros¹¹²⁵.

No número 36 da *Lt I* de 1982 foi feita uma referência à Malagueira de Siza¹¹²⁶. No número 37 da revista *Lt I* de 1983 foi pulicada a remodelação de um apartamento na Póvoa do Varzim e o bairro da Malagueira, ambos de Siza, acompanhados por artigos de Roberto Collovà¹¹²⁷ e Francesco Venezia¹¹²⁸. É de acrescentar que na parte final do artigo de Venezia é publicada uma casa no bairro da Malagueira da autoria de Nuno Lopes, um arquitecto colaborador de Siza no projecto de Évora, que construiu uma casa naquele bairro¹¹²⁹. Collovà

¹¹²⁴ A apresentação dos trabalhos de Siza abre com um texto de sua autoria intitulado “Il procedimento iniziale. Tre Opere”, ao qual se segue a apresentação de três obras, através de elementos gráficos, desenhos e fotografias e pequenos textos descritivos sobre cada uma: a sucursal do banco de Oliveira de Azeméis, a casa Beires e a casa Alcino Cardoso. VIEIRA, Álvaro Siza, “Il procedimento iniziale. Tre Opere.”, *Lotus International*, n. 22, 1979, p. 49 - 59. O texto inicial de Siza foi publicado pela primeira vez no catálogo intitulado *Europa – América architetture urbane – alternative suburbane* publicado em 1978 em Alvaro Siza”, in Franco Raggi, *Europa / América, Architetture urbane alternative suburbane*, Venezia, Edizioni “La Biennale di Venezia”, 1978, p. 56. O texto voltou a ser publicado ainda no ano de 1979 no catálogo da exposição monográfica dedicada a Siza Vieira em VIEIRA, Álvaro Siza, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milão, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d'Arte Contemporanea di Milano, 1979, s/p. Tal artigo foi por nós analisado no texto relativo ao ano de 1976.

¹¹²⁵ Os restantes arquitectos cujo trabalho é publicado são: Rob Krier, Gae Aulenti, O. M. Ungers, Bohigas, Mackay e Martorell, Edward Jones, A. J. von Kostelac, F. Ferrari, L. Pedrelli e H. Uluhogian, J. Bruses e Soria Badia, do próprio Nicolín e I. Rota, C. Baldisseri, G. Grossi e B. Minardi, Victor Horta, Umberto Riva, Alberto Sartoris, Bruno Reichlin e Fábio Reinhart, e G Raineri. *Lotus International*, n. 22, 1979.

¹¹²⁶ LOVERO, Pasquale, “La generazione dello Z.E.N. Évora, Vittoria, Palermo: tre quarteri a confronto / The Z.E.N. generation. Évora, Vitoria, Palermo: three quarters compared”, *Lotus International*, n. 36, 1982, p. 27 - 46. O texto é publicado em italiano e em inglês. O projecto de Siza para a Malagueira, analisado neste artigo, é apresentado através de elementos gráficos, desenhos rigorosos e fotografias. “La realizzazione del quartiere Quinta da Malagueira a Évora, Portogallo”, in Pasquale Lovero, “La generazione dello Z.E.N. Évora, Vittoria, Palermo: tre quarteri a confronto / The Z.E.N. generation. Évora, Vitoria, Palermo: three quarters compared”, *Lotus International*, n. 36, 1982, p. 40 – 42.

¹¹²⁷ COLLOVÀ, Roberto, “Action Building”, *Lotus International*, n. 37, 1983, p. 74 – 77.

¹¹²⁸ VENEZIA, Francesco, “Construito in loco. Álvaro Siza a Evora”, *ibidem*, p. 78 – 87.

¹¹²⁹ VENEZIA, Francesco, “A house of Quinta da Malagueira quarter at Évora. Nuno Lopez”, *ibidem*, p. 86, 87.

¹¹¹⁹ Os restantes projectos são da autoria de Bruno Minardi, Pierluigi Nicolín, Franco Purini, Umberto Riva, Laura Thermes, Oswald Mathias Ungers e Francesco Venezia. NICOLÍN, Pierluigi, *Dopo il terremoto / After the earthquake*, Quaderni di Lotus / Lotus Documents, n. 2, 1983.

¹¹²⁰ Entrevista telefónica a Pierluigi Nicolín, 29/01/2013.

¹¹²¹ Tinha edição bilingue, em Inglês e Italiano. <http://www.editorialelotus.it/web/documents.php> acedido a 27/7/2012.

¹¹²² http://www.electaweb.it/casa-editrice/articolo/storia/it?language=en_EN acedido a 21/6/2013.

¹¹²³ A segunda edição bilingue em Espanhol e Português foi editada em 1988 pela Gustavo Gili: *Álvaro Siza, Profesion poética / Profissão Poética*, Barcelona, Gustavo Gili, 1988.

conhecera Siza na Sicília, na viagem que este fez em conjunto com Portas e Alves Costa a Itália em 1977, como referimos. Por seu lado, Gregotti afirma que terá influenciado um grupo de arquitectos de Palermo enquanto professor naquela Universidade a valorizar o trabalho de Siza, entre os quais se encontrava Collovà¹¹³⁰. Certo é que Collovà se mostrou bastante interessado pelo trabalho de Siza tendo feito várias viagens a Portugal, durante as quais também aproveitou para desenvolver o seu interesse por fotografia de arquitectura. Foi na sequência de uma destas viagens que Collovà tirou as dezasseis fotografias a Siza a trabalhar e a dar indicações aos operários na obra de remodelação do apartamento na Póvoa do Varzim, que ilustram o artigo sobre aquele projecto [fig. A2. 37].

Destacamos a publicação no número 32 da revista *Lt I* de 1981 três projectos de Siza para Berlim, em particular por serem anteccedidos por um texto da autoria de Nicolín¹¹³¹.

Este seu artigo é de facto o seu segundo texto sobre Siza, o qual veio a ser publicado novamente no livro monográfico sobre o trabalho de Siza Vieira intitulado *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession* de 1986, monografia referida que analisaremos no próximo capítulo¹¹³². Interessa-nos deste texto salientar as considerações gerais que Nicolín fez do trabalho de Siza, plasmadas neste desenvolvido para Berlim, onde Nicolín inclui quatro planos para diferentes áreas da cidade e um projecto de uma piscina. Nicolín escreveu que é possível destacar mais claramente no trabalho do arquitecto para Berlim os princípios metodológicos que Siza tinha iniciado anos antes na experiência

SAAL, por Berlim ser um contexto menos contaminado por responsabilidades públicas e políticas de que a operação SAAL se revestiu¹¹³³. Assim, Nicolín considerou que o trabalho de Siza para Berlim está liberto das influências do neo-realismo italiano e de Aalto¹¹³⁴. Afirmou que se trata de um trabalho aturado baseado na dialéctica entre a “racionalidade” e o “contexto”, o que é evidente numa “sensibilidade especial para a ‘topografia’ e na ‘flexibilidade da linguagem arquitectónica’” e que demonstra através da listagem de vários pontos que caracterizam aquelas propostas¹¹³⁵.

Em suma, entendemos que Nicolín observa uma maior maturidade no trabalho de Siza, através do desenvolvimento de princípios que estavam já presentes no início do seu trabalho, e que sintetiza na dialéctica entre o “racional” e o “contexto”, revestindo-se cada vez mais de um cunho pessoal.

Importa sublinhar que de entre os autores internacionais que escreveram sobre Siza neste período, destaca-se em nosso entender Nicolín, por mostrar uma perspectiva diferente sobre o que vinha sendo escrito e repetido. No primeiro texto de sua autoria que encontramos sobre o trabalho de Siza, no catálogo da exposição monográfica em Milão de 1979, embora Nicolín parta da noção do trabalho de Siza estar à margem, veiculada anteriormente por autores como Portas, Gregotti, Moneo, Bohigas, Huet, analisada por nós no capítulo anterior, entende que Siza transforma aquela condição em algo positivo por ser capaz de encontrar material para o seu trabalho naquelas circunstâncias e de o valorizar. Ideia que de alguma forma nos pareceu ter sido indiciada por Gregotti no número 9 da *Controspazio* de 1972, tal como referimos no capítulo anterior, mas que no nosso entender com Nicolín ganhou contornos mais claros e até pragmáticos. No segundo texto de Nicolín sobre o trabalho de Siza, publicado no número 32 da *Lt I* de 1981, o autor apontou para uma evolução das suas obras, no sentido de se ter libertado das influências que Nicolín entendia estarem mais presentes nos seus primeiros trabalhos como o neo-realismo italiano e Alvar Aalto, imprimindo cada vez mais um cunho pessoal numa dialéctica entre racional e contexto, demonstrando uma especial sensibilidade à topografia e flexibilidade na linguagem.

Por último, é de salientar que Nicolín neste texto sugere o nome de “*escola do Porto*” para designar o grupo de arquitectos que em conjunto com o Siza se

¹¹³⁰ Os outros alunos referidos são: Marcello Panzarella, Giuseppe Leone e Pasquale Culotta. “‘Álvaro Siza é un architetto fuori moda...’ conversazione con Vittorio Gregotti”, *Casabella*, n. 744, 2006, p. 72.

¹¹³¹ Neste número 32 da *Lt I* o trabalho de Siza é trazido para um texto introdutório da revista que destaca a intervenção em Berlim e nesse âmbito em particular os trabalhos de Siza e Fábio Reinhart em co-autoria com Bruno Reichlin, os quais são apresentados na revista. “L’ Architettura e le sue convenzioni / Architecture and its conventions”, *Lotus International*, n. 32, 1981, p. 3. NICOLÍN; Pierluigi, “Alvaro Siza: tre progetti per Kreuzberg. Fraenkelufer – Kottbusserstrasse – Schlesisches Tor / Alvaro Siza: three projects for Kreuzberg. Fraenkelufer – Kottbusserstrasse – Schlesisches Tor”, *ibidem*, p. 44 – 60.

¹¹³² NICOLÍN, Pierluigi, “L’esperienza berlinese / The Berlin experience”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986, p.145-148. Este livro teve uma primeira edição bilingue, em Italiano e Inglês, pela Electa em 1986, e segunda edição bilingue em Espanhol e Português editado em 1988 pela Gustavo Gili. O primeiro texto de Nicolín sobre Siza tinha sido publicado em 1979 no catálogo da Exposição do Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão em 1979, por nós anteriormente analisado.

¹¹³³ NICOLÍN; Pierluigi, “Alvaro Siza: tre progetti per Kreuzberg. ... p. 44, 45.

¹¹³⁴ *Ibidem*.

¹¹³⁵ *Ibidem*.

envolveram nas operações SAAL¹¹³⁶. Este foi o primeiro registo que encontrámos de uma referência realizada por um autor estrangeiro à designação escola do Porto.

De facto, o tema da escola do Porto surgiu neste período, tendo sido tratado maioritariamente por autores portugueses, aventamos que motivados pela polémica que se vivia em Portugal estimulada pela exposição *Depois do modernismo* em Lisboa no início de 1983, a qual referimos no capítulo Contextos. Os autores estrangeiros referem-se à escola do Porto para significar outra coisa diferente da que veio a ser codificada posteriormente ou como sinal de intuição ainda incipiente.

O primeiro é o caso de Huet no catálogo da exposição monográfica dedicada a Siza em 1979 no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão, que se refere ao “grupo do Porto”, como o grupo de pessoas que se movem em torno e Viana de Lima, Fernando Távora e Carlos Ramos que partilham preocupações pela arquitectura tradicional portuguesa, como referimos atrás. O segundo é este caso de Nicolin que neste número 32 da *Lt I* de 1981 sugere mesmo o termo “escola do Porto” para designar Siza e os arquitectos que com ele se envolveram nas aventuras do SAAL, aproximando-se intuitivamente do que vem a ser posteriormente codificado como escola do Porto.

De uma forma aparentemente marcada por simples razões pragmáticas os divulgadores portugueses Santos e Castanheira quando publicaram vários arquitectos nacionais em simultâneo, escolheram fazê-lo de entre os arquitectos do Norte de Portugal; o que mesmo não intencionalmente terá contribuído em nossa opinião para a consolidação da ideia de escola do Porto. Por seu lado, Portas e Alves Costa desenvolvem uma reflexão cuidada sobre o tema. No número 5 da *9 H* de 1983, ambos coincidiram em remeter para os anos 50 o início da construção na escola do Porto da herança cultural, que segundo Alves Costa veio a ser naturalmente assumida pelos arquitectos décadas mais tarde, numa continuidade descomplexada, sem mimetismos e enriquecida pela influência de arquitectos estrangeiros. Ambos, Alves Costa e Portas destacaram o papel de Távora e Siza, com grande influência sobre os arquitectos mais jovens e a importância do lugar na determinação da obra de arquitectura. Portas explicou que foi essa atenção ao lugar e também a preocupação com a funcionalidade que influenciou a assimilação de modelos estrangeiros pelos arquitectos do Norte,

numa longa tradição de importação de modelos de outras culturas.

Como afirmámos, é determinante o papel de Gegotti na divulgação da arquitectura portuguesa, em particular, enquanto director da revista *Casabella*, cargo que assumiu em 1982 e ocupou até 1996¹¹³⁷, tendo publicado logo no primeiro número sob a sua direcção, o número 478 de 1982, uma obra de Siza, a Malagueira [fig. A2.26].

Depois deste número, no ano seguinte em 1983, foi publicado o trabalho de Soutinho de uma forma muito sintética no número 493¹¹³⁸.

É desde logo de salientar a publicação de 1982 por ter marcado o regresso da arquitectura portuguesa às páginas daquela revista, cuja única e última aparição, considerando o intervalo de tempo do nosso estudo, 1976 - 1988, tinha ocorrido seis anos antes, em 1976 com o dossier de Marconi sobre o SAAL, por nós referido no capítulo anterior. Aliás, a divulgação da arquitectura portuguesa em Itália nos cinco anos entre 1976 e 1982 em revistas periódicas da especialidade foi maioritariamente feita pela *Lt I* de Nicolin, como referimos atrás. Tal parece ter como explicação o facto de ambas as revistas naquela época, serem propriedade da mesma casa editorial o Gruppo Editoriale Electa, que pretendeu manter uma certa complementaridade entre as duas publicações: a *Casabella* com um carácter mais nacional, centrando-se nas questões italianas, e a *Lt I* voltada para o panorama da arquitectura internacional¹¹³⁹.

Quando Gregotti assumiu a direcção da *Casabella* em 1982 tinha já uma vasta experiência na actividade editorial. Nomeadamente na própria revista *Casabella* onde tinha integrado o conselho directivo nomeado pelo Grupo Editorial Electa, a proprietária da revista, de apoio à direcção de Tomás Maldonado¹¹⁴⁰. Anos antes

¹¹³⁷ Tomás Maldonado foi a pessoa que ocupou o cargo antes de Gregotti; tendo-lhe sucedido Francesco Dal Co.

¹¹³⁸ O projecto do museu e da biblioteca em Amarante de Soutinho foi publicado no número 493 da *Casabella* de 1983, na secção “Argomenti”. O museu e a biblioteca em Amarante são divulgados sinteticamente através fotografias, desenhos rigorosos e de um pequeno texto assinado com as iniciais GP, que deduzimos ser Giacomo Polin, um dos assistentes de Gregotti na direcção da revista. P., G., “Alcino Soutinho. Museo-Biblioteca ad Amarante”, *Casabella*, n. 493, 1983, p. 36, 37.

¹¹³⁹ BAGLIONE, Chiara, *Casabella 1928-2008*, Milão, Arnoldo Mondadori Editore, Mondadori Electa Spa, 2008, p. 457. A constituição do conselho executivo da *Lt I* em 1974 com personalidades internacionais, tal como referimos no capítulo anterior, parece reforçar este argumento.

¹¹⁴⁰ Gregotti integrou o conselho directivo em conjunto com Carlo Aymonino, Pier Luigi Cervellati e Manfredo Tafuri. Ibidem, p. 455.

¹¹³⁶ Ibidem, p. 45.

tinha também sido seu editor, entre 1953 e 1963, aquando da direcção de Ernesto Nathan Rogers, que se estendeu entre 1953 e 1965, por quem aliás assumiu ter sido bastante influenciado¹¹⁴¹. A sua experiência não se resumiu à *Casabella*, pois já indicámos no primeiro capítulo a sua participação no conselho executivo da revista *Lt I* entre 1974 e 1981 e estendeu-se a outros cargos de direcção de revistas especializadas como a *Edilizia Moderna*, entre 1963 e 1965, a secção de arquitectura *Il Verri* e a *Rassegna*, desde 1979 e que deterá até 1998.

Gregotti, à semelhança do que aconteceu na *Lt I* em 1974, inciou uma estreita colaboração com autores como Massimo Scolari, Jean-Luis Cohen, Jacques Gubler, Joseph Ryckwert, Alan Colquhoun e Kenneth Frampton, que tinham relações com vários territórios internacionais¹¹⁴².

Pierre-Alain Croset, assistente da *Casabella* durante toda a direcção de Gregotti, durante os primeiros anos como apoio a Giacomo Polin que vinha da direcção anterior e depois como assistente principal¹¹⁴³, explicou-nos em entrevista que a publicação da arquitectura portuguesa foi um resultado da perspectiva editorial de Gregotti, que vinha promovendo aquela arquitectura desde os anos 70¹¹⁴⁴, tal como descrevemos no capítulo anterior. Croset continuou explicando que a redacção da *Casabella* estava sempre atenta à nova produção da arquitectura em Portugal, também ao trabalho dos arquitectos portugueses no estrangeiro, bem como às obras de arquitectos de gerações mais novas¹¹⁴⁵.

Apesar de Gregotti não ter publicado um programa editorial no seu primeiro número como director da *Casabella*, tal não significa que não tivesse ideias claras

sobre o desenvolvimento daquele projecto editorial, das quais a constituição da redacção externa é um dos indícios. Neste contexto é significativo que o projecto para a Malagueira da autoria de Siza tenha sido escolhido para a abertura deste número 478, com um artigo escrito por Jean - Paul Rayon¹¹⁴⁶. Aquele é um longo e completo artigo de catorze páginas no qual o autor começou por fazer o enquadramento histórico da cidade de Évora, político e geográfico, desenvolveu o programa e a sua forma de financiamento, avançou para a descrição das tipologias, o seu método construtivo, terminou com uma nota assinada por Siza sobre este projecto¹¹⁴⁷. Segundo Croset, os desenhos rigorosos da Malagueira publicados foram passados a tinta, por si e por Siza, na sua casa, uma vez que os originais estavam desenhados a lápis, sendo por isso impossíveis de reproduzir¹¹⁴⁸.

Para além do destaque objectivo que o trabalho de Siza alcançou ao abrir o primeiro número da nova direcção de Gregotti da revista *Casabella*, Chiara Baglione sublinha que também é ilustrativo da posição do seu director e do seu retorno à visão de Rogers de ligação à tradição¹¹⁴⁹. O próprio Gregotti sublinhou-o no mesmo número com o artigo “L’ossessione della storia”, sendo de notar que é ilustrado com uma fotografia de Gregotti em conjunto com Nathan Rogers¹¹⁵⁰. Esta posição é reforçada pelo artigo de Anthony Vidler, originalmente publicado no número de Outubro da *Skyline* de 1981, reeditado neste número da *Casabella*, sob o sugestivo título de “Una frittata di Classici”, confrontando a teoria de Jencks sobre o pós-moderno recém publicada no seu livro de 1981 intitulado *Classicismo Pós-moderno*¹¹⁵¹. Verificamos assim a influência que Nathan Rogers teve sobre um grupo alargado de arquitectos, a qual foi por nós abordada no capítulo Contextos, e que não se ficou só pelos de nacionalidade italiana, pois como abordámos na segunda parte do primeiro capítulo, Huet, o director da *L’Ojd* aquando do memorável número 185 monográfico sobre arquitectura portuguesa, também o referiu como um arquitecto importante na

¹¹⁴¹ Gregotti citado em Ibidem, p. 511.

¹¹⁴² Gregotti constituiu uma redacção externa escolhida pela área de influência que as pessoas pelas suas actividades abrangiam: Giorgio Ciucci e Massimo Scolari pelas suas ligações aos Estados Unidos, Jean-Luis Cohen pela sua relação com a França e a União Soviética, Jacques Gubler com a Suíça, Vittorio Magnago Lampugnani com a Alemanha, juntando-se em 1983 Bernardo Secchi. Ciucci, que saiu em 1984, tinha participado no IAUS em 1978/79 e dado aulas no MIT em 1976. Scolari era professor visitante na UCLA em Los Angeles e na Cooper Union em Nova York. Depois de 1985 mantém-se o núcleo formado por Cohen, Gubler, Secchi e Scolari saindo este último em 1992 e entrando Marco de Michelis e Richard Ingersoll. Também colaboraram com a *Casabella* com uma certa regularidade os italianos Carlo Aymonino e Franco Purini. Esta comissão externa reunia duas vezes por ano e dava especial apoio ao número duplo monográfico de início de cada ano. Ibidem, p.512, 513, 518.

¹¹⁴³ Ibidem, p. 512.

¹¹⁴⁴ Não se pode atribuir a responsabilidade da publicação da arquitectura portuguesa na *Casabella* aos autores estrangeiros, pois o convite para escrever partia sempre da redacção e não resultava de autopostas. CROSET, Pierre-Alain, entrevista por correio electrónico, 9/7/2012.

¹¹⁴⁵ Ibidem.

¹¹⁴⁶ RAYON, Jean-Paul, “Álvaro Siza Vieira. Il quartiere Malagueira a Évora / Álvaro Siza Vieira. Malagueira housing Project at Évora”, *Casabella*, n. 478, 1982, p. 2-15.

¹¹⁴⁷ Ibidem.

¹¹⁴⁸ CROSET, Pierre-Alain, entrevista por correio electrónico, 9/7/2012. O artigo é ilustrado por fotografias, desenhos da implantação, das tipologias e vários esboços de Siza.

¹¹⁴⁹ BAGLIONE, Chiara, *Casabella 1928-2008 ...* 2008, p. 514, 515.

¹¹⁵⁰ GREGOTTI, Vittorio, “L’ossessione della storia”, *Casabella*, n. 478, 1982, p. 41, 42.

¹¹⁵¹ VIDLER, Anthony, “Una frittata di Classici”, ibidem, p. 32, 33.

sua formação, e ainda Frampton, afirmou tê-lo como modelo editorial quando colaborou com a *AD*, como mencionámos no presente capítulo.

Como dizíamos no início da terceira parte do presente capítulo, em Espanha a arquitectura portuguesa foi sendo divulgada neste período entre 1977 e 1983, aparentemente sem um expresse enquadramento teórico.

Salientamos que encontrámos poucos registos da participação da arquitectura portuguesa em eventos naquele país, em especial nos primeiros anos deste período, sendo mesmo inexistente no ano de 1980. A grande maioria das publicações em Espanha fez referência ao trabalho de Siza, ao qual se juntaram Portas e Souto de Moura. Como dizíamos são publicações resultantes de factos pontuais, com excepção das que se verificaram nas revistas *Obradoiro* e *Quaderns*, como veremos a seguir.

No ano de 1981, como consequência de uma ida a Madrid de Siza, o seu trabalho foi referido em dois números de publicações de organizações de arquitectos espanhóis.

Foi publicado no número 43 da revista *Q* de 1981, editada pelo Conselho Superior dos Colégios de Arquitectos de Espanha, através de um artigo de Francisco Couto Gulín intitulado “La lección de un maestro”¹¹⁵² [fig. A2. 21].

O trabalho de Siza foi também publicado através do artigo intitulado “Álvaro Siza Vieira en Madrid” no número 228 da *Arquitectura* de 1981¹¹⁵³, revista editada pelo Colégio Oficial de Arquitectos de Madrid, no número inaugural da nova direcção, constituída por Antón Capitel, Javier Frechilla e Gabriel Ruiz Cabrero¹¹⁵⁴ [fig. A2. 20].

¹¹⁵² Este artigo consiste numa reflexão sobre o trabalho de Siza, mais especificamente aquele dedicado à habitação, sendo complementada por uma breve lista de bibliografia internacional onde a obra de Siza foi publicada, e uma lista de obras. O artigo é ilustrado por esboços do bairro de Caxinas e do bairro de São Victor, desenhos deste bairro e das casas terraço de J. J. P. Oud e por duas fotografias de obras não identificadas. O artigo acaba com breves textos críticos sobre oito obras, acompanhados por um ou dois elementos gráficos. São elas: Casa de Chá da Boa Nova, Piscina de Leça, agência bancária em Oliveira de Azeméis, casa Beires, casa Alves Costa, casas em Caxinas, casa Alcino Cardoso e SAAL - Bouça. GULIN, Francisco Couto, “La lección de un maestro”, *Q*, n. 43, 1981, p. 20 – 29.

¹¹⁵³ O artigo “Álvaro Siza Vieira en Madrid” tem o tamanho de uma página. É ilustrado com uma fotografia do arquitecto e um esboço do SAAL – S. Victor. C., A., “Álvaro Siza Vieira en Madrid”, *Arquitectura*, n. 228, 1981, p. 9.

¹¹⁵⁴ Esta equipa ganhou o concurso organizado pelo Colégio, e ocupar-se-á da revista entre os anos de 1981 e 1986, pois voltou a ganhar o respectivo concurso em 1982, tendo-o perdido em 1986. CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.

Apesar de no respectivo editorial, a nova direcção ter escrito ser sua intenção dedicar-se tanto à arquitectura espanhola como à arquitectura internacional, não querendo constituir-se como uma revista de tendência, privilegiando a obra construída¹¹⁵⁵; Capitel explicou-nos em entrevista que a revista sempre publicou pouco temas internacionais, tendo estado sempre mais centrada no que se passava em Espanha e mais precisamente em Madrid, por entenderem ser os assuntos que interessavam aos seus leitores¹¹⁵⁶.

Naquele artigo foi dada notícia da presença de Siza em Madrid para a realização de duas conferências e a participação num colóquio, acompanhado por Portas¹¹⁵⁷. Foi também mencionada a relevância do percurso profissional de Portas, a sua proximidade com os arquitectos Espanhóis e informou-se que começaria a trabalhar em breve na revisão do Plano Geral da Área Metropolitana de Madrid¹¹⁵⁸. Foram também indicados os temas das conferências de Siza, tendo a primeira sido introduzida por Portas e sido dedicada ao conjunto da obra de Siza, e a segunda, dedicada ao edifício de fecho de um quarteirão em Berlim¹¹⁵⁹. É de notar a participação conjunta de Siza e Portas em eventos em Espanha, naquela altura.

No artigo, foi ainda feita uma breve análise crítica da obra de Siza, na qual foi referida a proximidade do seu trabalho com o de arquitectos como Aalto e Scarpa, salientando que a sua sensibilidade e atenção ao “*lugar*” e à história da arquitectura imprimem uma marca pessoal a um diverso conjunto de obras¹¹⁶⁰.

A introdução realizada por Portas é referida como “‘notas marginales’ históricas e críticas”¹¹⁶¹. O tema da marginalidade da arquitectura portuguesa face à arquitectura internacional foi recorrentemente desenvolvido por Portas, como referimos no capítulo anterior. Segundo a percepção de Capitel, na década de 80, a arquitectura de Siza era reconhecida em certos meios espanhóis, acompanhada pela de Távora e Souto de Moura, mas o conhecimento não era

¹¹⁵⁵ El Consejo de Redacción, “Editorial”, *Arquitectura*, n. 228, 1981, p. 5, 7.

¹¹⁵⁶ CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.

¹¹⁵⁷ C., A., “Álvaro Siza Vieira en Madrid”, *Arquitectura*, n. 228, 1981, p. 9.

¹¹⁵⁸ Ibidem.

¹¹⁵⁹ Ibidem.

¹¹⁶⁰ Ibidem.

¹¹⁶¹ Ibidem.

extensível a outros arquitectos portugueses, tendo começado a alargar-se por aqueles anos¹¹⁶². No entanto, Capitel em entrevista disse-nos refutar o epíteto de marginal relativamente à arquitectura portuguesa, preferindo dizer que esta era pouco conhecida internacionalmente, aliás tal como a arquitectura espanhola, situação que entende ter sido superada pelo reconhecimento internacional que Siza granjeou na actualidade, ultrapassando em seu entender bons arquitectos espanhóis que permanecem desconhecidos ao nível internacional¹¹⁶³.

Siza, em conjunto com Souto de Moura, ter-se-á deslocado pelo menos mais uma vez a Espanha, no Verão de 1981, desta feita para participar num seminário internacional que se repartiu entre EUA e Espanha: em Julho, na Escola de Arquitectura de Cornell e em Agosto, no Palácio dos Condes de Miranda, em Burgos. No seminário realizado em Espanha, que teve a duração de um mês, Souto de Moura foi professor permanente ao lado de outros professores oriundos de universidades italianas, espanholas e da norte-americana Escola de Arquitectura de Cornell. Siza participou como professor convidado em conjunto com outros arquitectos como Botta, Gregotti e Purini. Também o grupo de estudantes era composto por pessoas de nacionalidade portuguesa juntamente com italianos e espanhóis. O seminário de carácter marcadamente académico tinha como motivação o contacto entre culturas diferentes tal como se verificou entre “*alguns alunos e professores espanhóis (...) com a Escola Americana, assim como a sua recíproca*”¹¹⁶⁴.

Os projectos realizados neste seminário foram objecto de publicação numa edição do Colégio Oficial de Arquitectos de Madrid dois anos mais tarde, em 1983, com o título *Proyecto y Didáctica: ¿Hacia una Nueva Idea de Academia? – Seminario Internacional de Arquitectura y Diseño Urbano en U.S.A. Y España*,

¹¹⁶² Capitel contou-nos em entrevista que o seu primeiro contacto com a arquitectura portuguesa se deu ainda enquanto estudante em meados da década de 60 do século passado, precisamente através das páginas da revista *Arquitectura*, no entanto apesar dos esforços desenvolvidos não conseguimos encontrar registos de tais publicações. Afirmou ter aprofundado o conhecimento da arquitectura portuguesa através de leituras e de viagens que fez a Lisboa e ao Porto. CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.

¹¹⁶³ Ibidem.

¹¹⁶⁴ AMUNATEGUI, Javier Bellosillo, “Introducción”, *Proyecto y Didáctica: ¿Hacia una Nueva Idea de Academia? – Seminario Internacional de Arquitectura y Diseño Urbano en U.S.A. Y España*, Madrid, Servicio de Publicaciones del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1983, p. 7.

no qual Souto de Moura publicou um texto introdutório aos projectos realizados pelo seu grupo de alunos¹¹⁶⁵.

Há uma pessoa que merece destaque nestes anos pelo seu esforço de divulgação da arquitectura portuguesa em Espanha, Xan Casabella López [fig. A2.19].

Enquanto membro do conselho de redacção da *Obradoiro*, revista publicada pelo Colegio Oficial de Arquitectos da Galiza (COAG), promoveu a publicação de arquitectura portuguesa todos os anos em que aquela revista foi editada, ininterruptamente desde 1983 até ao número 23 de 1994, com excepção do ano de 1986. Casabella López informou-nos em entrevista que integrou o conselho de redacção da *Obradoiro* até ao número 27 de 1998, à excepção do número 15 de 1989¹¹⁶⁶.

Casabella López tinha uma forte ligação à arquitectura portuguesa, pois como nos explicou em entrevista, tinha estudado arquitectura nas Belas Artes do Porto durante dois anos, em 1975 e em 1976¹¹⁶⁷. A razão que esteve na base da decisão de Casabella López estudar no Porto foi de ordem política, pois encontrou refúgio do sistema de Franco em Portugal onde já tinha acontecido a Revolução de Abril, usufruindo assim da proximidade da família e amigos, onde se manteve até à morte de Franco e à saída da amnistia para todos os políticos¹¹⁶⁸. Na escola de arquitectura conheceu Távora, Alves Costa, Soutinho e Siza entre outros e foi colega nomeadamente de Souto de Moura, Adalberto Dias, Gigante, tendo trabalhado no atelier de Domingos Tavares¹¹⁶⁹. Acresceu ainda o facto de se ter casado com uma portuguesa, o que o fez viajar muitas vezes a Portugal para visitar a família da esposa em Lisboa¹¹⁷⁰.

¹¹⁶⁵ No catálogo referido, a publicação dos projectos realizados pelo grupo que Souto de Moura orientou em conjunto com Javier Climent, é antecedida por um texto da autoria do arquitecto português “Lerma o un romper de alas”. Neste texto, com um tom literário, Souto de Moura descreve o programa e os problemas identificados em determinadas áreas geográficas de Lerma. MOURA, Eduardo Souto, “Lerma o un romper de alas”, *ibidem*, p. 83.

¹¹⁶⁶ Em entrevista, o arquitecto Casabella López, elemento desta equipa que dirigiu a *Obradoiro* entre 1983 e 1985, explicou-nos que ganharam um concurso promovido pela Ordem dos Arquitectos, na sequência do anterior conselheiro de redacção se ter demitido. Para além de Casabella López esta equipa era constituída pelo arquitecto Xosé Perez Franco, pelo estudante de arquitectura e gráfico Juan A. Sicilia, pelo pintor Jaime Domínguez e pelo jornalista profissional Jesús Iglesias. CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

¹¹⁶⁷ Ibidem.

¹¹⁶⁸ Ibidem.

¹¹⁶⁹ Ibidem.

¹¹⁷⁰ Ibidem.

Logo em 1981, Casabella López convidou Siza, Távora e Soutinho para proferirem conferências na Escola de Arquitectura da Corunha nos dias 7 e 8 de Maio [fig. A2. 18]. Casabella López explicou-nos que organizou estas conferências com o objectivo de dar a conhecer a um público espanhol / Galego mais alargado, a arquitectura portuguesa que ele tinha conhecido uns anos antes¹¹⁷¹. Segundo López nos disse em entrevista, estas conferências facilitavam a entrada em contacto dos arquitectos espanhóis com os arquitectos portugueses e a sua arquitectura, através do seu conhecimento directo e dos debates que se seguiam às conferências¹¹⁷².

O COAG deu início à publicação da revista *Obradoiro* em 1978, a intervalos de tempo irregulares, tendo-se dedicado maioritariamente a temas regionais e nacionais. Depois de um interregno de dois anos, foi publicado o número 8, o único número de 1983. Este número abriu as páginas da *Obradoiro* a publicações de autores internacionais, como foi o caso desde logo neste número da publicação de autores como Tschumi e Gregotti entre outros, aos quais se juntaram os portugueses Siza e Portas. Esta mudança de perspectiva editorial por nós notada, foi confirmada no editorial do número 12 da revista *Obradoiro* de 1985, o último editado pela equipa de redacção que assumiu funções neste ano de 1983, número sobre o qual oportunamente nos deteremos adiante.

É de referir que os esboços de Siza para a Casa Dr. Machado constituem a capa do número 8 da revista *Obradoiro* de 1983 [fig. A2. 33]. Casabella López informou-nos que a equipa de que fazia parte tinha decidido ter um elemento comum a todas as capas de todos os números e que esse elemento era um desenho original dum arquitecto, mesmo que o projecto a que se referisse esse desenho não fosse publicado no interior do respectivo número¹¹⁷³. Segundo Casabella López, tinha sido pedido a Siza o desenho de uma obra ainda não publicada tendo Siza enviado o desenho desta casa que não chegou a ser construída¹¹⁷⁴. Casabella López acredita que o projecto desta casa só foi publicado neste número

da *Obradoiro*, o qual abre este número da revista¹¹⁷⁵. O projecto foi apresentado também com uma carta dactilografada da autoria de Siza com o título “A casa interrompida”¹¹⁷⁶. A reprodução da carta mostra as rasuras e correcções que Siza fez no momento da sua escrita [fig. A2. 34]. López que fez a tradução da carta para Galego, explicou-nos que o conselho de redacção achou ser mais rico e fiel ao pensamento de Siza reproduzir a carta rasurada e corrigida em vez de a passar a limpo, mostrando as hesitações, evidenciando assim o pensamento do autor¹¹⁷⁷. A carta conclui com a frase que será citada várias vezes posteriormente “*O desenho é o desejo de inteligência.*”¹¹⁷⁸.

Portas aparece duas vezes neste número da revista, uma como autor da casa Amalia Magan em Pontevedra¹¹⁷⁹ e outra como conferencista num seminário que ocorreu na Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade da Corunha em Junho daquele ano¹¹⁸⁰ [fig. A2. 36].

Casabella López informou-nos em entrevista que os contactos com Portas eram frequentes porque ele era um dos conferencistas habituais da Escola de Arquitectura da Corunha, para além de ir várias vezes a Pontevedra visitar familiares e amigos que tinha naquela província da Galiza¹¹⁸¹. Casabella López explicou-nos que acharam ser interessante publicar uma obra construída de um grande teórico e destacou o facto de terem reproduzido o desenho original de projecto, que sintetizava numa folha os apontamentos feitos em conjunto com a construtora com todas as indicações necessárias à obra¹¹⁸² [fig. A2. 35].

¹¹⁷⁵ Ibidem. VIEIRA, Álvaro Siza, “Casa do Dr. Machado”, *Obradoiro*, n. 8, 1983, p. 7 – 13.

¹¹⁷⁶ A publicação do projecto é complementada por esboços e desenhos rigorosos. VIEIRA, Álvaro Siza, “A casa interrompida”, Ibidem, p. 7.

¹¹⁷⁷ CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

¹¹⁷⁸ VIEIRA, Álvaro Siza, “A casa interrompida”, *Obradoiro*, n. 8, 1983, p. 7.

¹¹⁷⁹ A casa Amalia Magan foi publicada através de desenhos rigorosos, planta, cortes e alçado sintetizados numa folha e de fotografias. PORTAS, Nuno, “Casa para Amalia Magan”, Ibidem, p. 27 - 29.

¹¹⁸⁰ PORTAS, Nuno, “Algunos contrastes entre las experiencias urbanísticas española y portuguesa”, Ibidem, n. 8, p. 63 - 65.

¹¹⁸¹ CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

¹¹⁸² Ibidem. A folha de projecto reproduzida tem a data de “30.5.72”. PORTAS, Nuno, “Casa para Amalia Magan”, *Obradoiro*, n. 8, 1983, p. 29.

¹¹⁷¹ Ibidem.

¹¹⁷² Ibidem.

¹¹⁷³ Ibidem. De facto todas as capas dos números 8 ao número 12 da revista *Obradoiro* são constituídas por um desenho de um arquitecto: do número 8 é como dissemos um esboço de Siza, do número 9 é um desenho de Alejandro de la Sota de uma casa unifamiliar que tinha feito recentemente em Pontevedra (segundo informação de López, o desenho não era identificado e estava assinado por A.S.), do número 10 é um desenho de Juan Navarro Baldeweg, do número 11 é um desenho de Aldo Rossi e do número 12 é um desenho de Moneo.

¹¹⁷⁴ CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

Casabella López convidou Siza para correspondente da revista, o que também conferia um carácter internacional à publicação¹¹⁸³. Verificámos que Siza colaborou com a revista até ao número 15 de 1989. Casabella López explicou-nos em entrevista que falava frequentemente com Siza quer para lhe pedir elementos sobre projectos seus, quer para se manter informado sobre o que se ia fazendo em arquitectura em Portugal¹¹⁸⁴.

Como indicíamos atrás, há um número monográfico dedicado ao trabalho de Siza de uma publicação periódica em Espanha no ano de 1983 que merece destaque pelo cuidado na edição e profundidade que tentou alcançar. Trata-se mais uma vez de uma publicação de um Colegio Oficial de Arquitectos, desta feita da Catalunha (COAC), é o número 159 da *Quaderns d'arquitectura i urbanisme* (*Quaderns*) [fig.A2. 32].

Sob a direcção de Josep Lluís Mateo, cargo que ocupou entre 1981 e 1990, a arquitectura portuguesa foi publicada com frequência no mínimo anual na *Quaderns*, como veremos. No período da nossa dissertação e sob a direcção de Mateo, Portas tinha colaborado com a *Quaderns* em dois números em 1982: no número 154 realizou uma entrevista a Joan António Solans¹¹⁸⁵ e no número 155 escreveu um artigo no qual reflecte sobre os planos e o urbanismo em termos gerais¹¹⁸⁶.

Durante a direcção de Mateo a revista passou a ser editada em catalão, mas de forma a não perder presença e influência internacionais, acumulou com versões em Espanhol e Inglês, as quais, depois de tentativas de incluir traduções no corpo da revista, passaram a constituir-se como edições independentes¹¹⁸⁷.

Mateo explicou-nos em entrevista que a arquitectura portuguesa já era naquela altura conhecida em Espanha, através do trabalho de arquitectos da geração anterior à sua, como Bohigas e Solà-Morales, que “*trouxeram Siza e*

Portas”¹¹⁸⁸. No entanto, Mateo sublinhou que pretendeu dar outro ponto de vista interpretativo à arquitectura portuguesa, através da forma de “*entender e valorizar as obras e os temas em discussão*”; o que também pretendia transmitir através do desenho gráfico realizado por Quim Nolla¹¹⁸⁹.

Como dizíamos, de facto o número 159 da revista *Quaderns* é bastante cuidado também graficamente, onde é dado destaque à apresentação das obras de Siza, privilegiando as fotografias, às quais se juntam os vários desenhos de projecto. É de referir pelo alargado número de pessoas envolvidas e interessadas na arquitectura de Siza que as fotografias são da autoria de: Henrich Roig, Català Roca, Ramon Sanabria, Jean Paul Rayon, Azevedo & Fernandes, Paolo dos Santos, que supomos ser a ortografia incorrecta do nome de José Paulo dos Santos, Toshiaki Tange e Roberto Collovà; sendo a foto da capa e da contracapa, respectivamente dos dois últimos nomes citados¹¹⁹⁰. Os textos são usados com parcimónia, como separadores de conjuntos de obras, que consideramos serem três, os quais identificaremos oportunamente, bem como para sublinhar aspectos de um projecto em particular ou do percurso profissional do arquitecto.

O número abre com um texto de Siza¹¹⁹¹, sendo publicados espaçadamente outros dois de sua autoria que pontuam a edição, os únicos editados também em Português. No primeiro texto, Siza acrescenta uma formulação mais clara relativamente ao que vem escrevendo, afirmando que “*a ideia está no ‘sítio’, mais do que na cabeça de cada um, para quem souber ver, e por isso pode e deve surgir ao primeiro olhar*”¹¹⁹².

Depois de uma pequena introdução de carácter biográfico, escrita na primeira pessoa¹¹⁹³, é publicada a entrevista de Pepita Teixidor a Siza, realizada no Porto

¹¹⁸³ CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

¹¹⁸⁴ Ibidem.

¹¹⁸⁵ PORTAS, Nuno, “Nuno Portas entrevista Joan Antonio Solans”, *Quaderns*, n. 154, 1982, p. 10 – 18.

¹¹⁸⁶ PORTAS, Nuno, “Notas sobre la intervención en la ciudad existente”, *Quaderns*, n. 155, 1982, p. 38 – 40.

¹¹⁸⁷ MATEO, Josep-Lluís, entrevista por correio electrónico, 11/3/2013.

¹¹⁸⁸ Ibidem. No entanto, apesar dos esforços desenvolvidos, no período da presente dissertação não encontramos reflexos da acção de Solà-Morales.

¹¹⁸⁹ Ibidem.

¹¹⁹⁰ Tange afirmou também ter sido convidado para apresentar um texto, mas acabou por recusar o convite. TANGE, Toshiaki, entrevista por correio electrónico, 26/9/2012.

¹¹⁹¹ SIZA, Álvaro, ““Un arquitecte va ser cridat””, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983, p. 3, 4.

¹¹⁹² Ibidem, p. 3.

¹¹⁹³ Ibidem, p. 4.

em Abril de 1983, a qual atravessa a totalidade da revista¹¹⁹⁴. Há o cuidado na paginação de publicar as obras ao mesmo tempo que são referidas na entrevista¹¹⁹⁵.

Ressalta na entrevista de Siza o quadro de referências que o arquitecto identificou como mais importantes ao longo do seu trabalho. Siza começou por traçar o contexto que se vivia quando começou a trabalhar, entre o estudo da arquitectura portuguesa e as influências internacionais, ambas as vertentes sob influência determinante de Távora¹¹⁹⁶. Destacou a investigação que se vinha desenvolvendo sobre arquitectura tradicional, designadamente a realização do Inquérito à Arquitectura Popular, como reacção às tendências nacionalistas e como procura de alternativa ao modernismo, que fazia uso de meios de produção ainda não disponíveis em Portugal¹¹⁹⁷. No entanto, em sua opinião, os maus resultados da aplicação da arquitectura vernacular aplicada a investimentos turísticos no Algarve levaram ao retorno ao estudo do moderno internacional sem esquecer a arquitectura e as condições de Portugal¹¹⁹⁸. Destacou como bastante importante o momento em que tomou conhecimento da obra de Aalto, através do livro de história da arquitectura de Zevi, e a obra de Wright, o que expandiu os horizontes até ali definidos pela revista francesa *L'Ojd* e pelo trabalho de Le Corbusier¹¹⁹⁹. Realçou em particular a similaridade das condições de trabalho entre Portugal e a Finlândia de Aalto, onde a guerra provocou a escassez de meios o que levou ao recurso a técnicas artesanais e à procura das raízes nacionais, entendendo ser por isso natural a influência de Aalto em Portugal¹²⁰⁰. Traçado o contexto, Siza particularizou em cada obra o predomínio de algumas das referências: a da arquitectura vernacular na Casa de Chá, de Aalto na casa na Maia, da

Maison de Verre de Charreau e da casa de Soane em Londres na Casa Beires¹²⁰¹. A entrevista encerra tal como começou, na medida em que Siza atribui grande importância à informação e ao conhecimento, afirmando que a maior vantagem de ser mais conhecido e sair mais vezes para o estrangeiro é a possibilidade do contacto directo com esses dados diferentes¹²⁰².

Por último, queremos salientar a autocritica que Siza fez à sua obra em dois momentos. Num momento refere-se às casas que desenhou até ao final da década de 60, maioritariamente encerradas em torno de pátios e de costas voltadas para a rua, como rejeição à envolvente que lhe desagradava, o que via agora como uma atitude moralista, e que o levou como reacção a desenhar a casa Beires¹²⁰³. Noutro momento, Siza manifestou o desejo de construir obras “*mais simples, mais rigorosas, mais multiplicáveis, menos ligadas às circunstâncias especiais*”, como entende ser a casa para o seu irmão em Santo Tirso, o que pensa ser consequência de projectar mais de mil casas para Évora¹²⁰⁴. Aliás, entendemos que esta vontade expressa dos seus projectos terem uma relação mais autónoma em relação à paisagem atravessa toda a entrevista, desde a casa de Chá, que entende agora ser demasiado colada aos acidentes paisagísticos. Em suma, tal é bastante interessante por demonstrar uma relação não simplista nem mimética com o sítio, apesar de admitir a sua importância seminal para o projecto.

Pepita Teixidor é também a autora de um artigo descritivo sobre a casa na Maia que acompanha a sua publicação, do qual salientamos a afirmação sobre aquela ser uma “*arquitectura de autor*”¹²⁰⁵.

O artigo de Eduardo Bru, membro do conselho de redacção da *Quaderns*, com o título “L’ obra de Siza està en contínua evolució...”¹²⁰⁶ serve, em nosso entender, para separar este primeiro conjunto de obras da publicação do grupo seguinte. Neste texto Bru explica que como corolário da relação de Siza com a envolvente, a qual passou pela integração completa na paisagem, a recusa da envolvente e consequente criação de mundos próprios e a sua posterior aceitação, aspectos

¹¹⁹⁴ TEIXIDOR, Pepita, “Entrevista realitzada a Porto, l’Abril de 1983”, Ibidem, p. 4 - 27. Para além da maior parte da entrevista de Pepita Teixidor estar concentrada nas primeiras 30 páginas da revistas, há excertos que se distribuem pelas páginas 42, 62 e 71.

¹¹⁹⁵ Referimo-nos nomeadamente às seguintes obras: “Piscina a la Quinta da Conceição.”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983, p. 6, 7; “Restaurant Boa Nova.”, ibidem, p. 8 – 15; “Piscina de Leça da Palmeira”, ibidem, p. 16 – 21; “Casa Luis Rocha”, ibidem, p. 24 – 27; “Casa Beires”, ibidem, p. 42 – 47; “Casa Beires”, ibidem, p. 42 – 47; “Operacions SAAL: São Victor i Bouça” e “Quinta da Malagueira”, ibidem, p. 60 – 65; e “Casa António Carlos Siza”, ibidem, p. 66 – 71.

¹¹⁹⁶ TEIXIDOR, Pepita, “Entrevista realitzada a Porto, l’Abril de 1983”, Ibidem, p. 4.

¹¹⁹⁷ Ibidem.

¹¹⁹⁸ Ibidem.

¹¹⁹⁹ Ibidem.

¹²⁰⁰ Ibidem.

¹²⁰¹ Ibidem, p. 8, 24, 42.

¹²⁰² Ibidem.

¹²⁰³ Ibidem.

¹²⁰⁴ Ibidem, p. 71.

¹²⁰⁵ TEIXIDOR, Pepita, “Casa Luís Rocha”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983, p. 24 - 27.

¹²⁰⁶ BRU, Eduardo, ““L’ obra de Siza està en contínua evolució...””, Ibidem, p. 31.

aliás referidos na entrevista de Teixidor a Siza acima analisada, os seus projectos passaram a ser deformados pela envolvente¹²⁰⁷. Bru entende que esta deformação teve também consequências nos volumes e nas plantas de Siza¹²⁰⁸. Em suma, Bru descreve uma evolução no trabalho de Siza, em grande parte provocada pela sua relação com a envolvente, em direcção a uma “*linguagem própria*”¹²⁰⁹, em nosso entender no mesmo sentido do texto de Nicolin no número 32 da *Lt I* de 1981.

Os dois artigos de Teixidor e de Bru são intercalados por três páginas em que são reproduzidas as plantas de vários projectos da autoria de Siza¹²¹⁰, de programas e escalas diferentes entre si, aparentemente sem qualquer relação de escala gráfica pelo que não conseguimos perceber qual o objectivo.

O segundo grupo de obras apresentado é constituído maioritariamente por casas unifamiliares e a agência bancária em Oliveira de Azeméis, algumas delas acompanhadas por textos descritivos¹²¹¹. Como dizíamos, a entrevista de Pepita Teixidor também está presente neste grupo de projectos, com um trecho relativo às casas desenhadas por Siza nos anos 60¹²¹². Desta feita é um texto de Siza com o título “La major part dels meus projectes no han estat mai realitzats...”¹²¹³ que entendemos funcionar como separador entre este grupo de obras e o seguinte e último. Este texto de Siza tinha sido publicado anteriormente no número 123 da revista *a+u* de 1980, o qual analisámos oportunamente.

¹²⁰⁷ Ibidem.

¹²⁰⁸ Ibidem.

¹²⁰⁹ Ibidem.

¹²¹⁰ As plantas reproduzidas são as referents aos seguintes edifícios: Casas em Matosinhos, Casa de Chá da Boa Nova, Piscina da Quinta da Conceição, Casa Rocha na Maia, Piscina de Leça, Agência Bancária em Vila do Conde, Agência Bancária em Oliveira de Azeméis, casa Beires na Póvoa do Varzim, casa António Carlos Siza, casa em Francelos, casa Maria Margarida, casa em Ovar, desenhos de implantação das intervenções de Siza em Berlim, e plantas de três desses edifícios designadas como “Planta do tipo B, D e 5”. São ainda apresentados dois esboços de volumetria, um da Casa Beires na Póvoa do Varzim e outro da casa António Carlos Siza. *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983, p. 28 - 30.

¹²¹¹ O segundo grupo é constituído pelas seguintes obras: “Casa Alves Santos”, Ibidem, p. 32 – 34; “Casa Alves Costa”, Ibidem, p. 35 – 38; “Casa Manuel Magalhães”, Ibidem, p. 39 – 41; BRU, Eduardo, “Casa Beires”, Ibidem, p. 43 – 47; “Agência de La Banca Pinto e Sotto Maior”, Ibidem, p. 48, 49; “Casa Alcino Cardoso”, Ibidem, p. 50 – 57. Algumas casas são acompanhadas por textos descritivos: a casa Alves Costa é acompanhada por um texto de Mateo; a casa Beires por um texto de Eduardo Bru; e a casa Alcino Cardoso por um texto do próprio Siza.

¹²¹² TEIXIDOR, Pepita, “Entrevista realizada a Porto, l’Abril de 1983”, Ibidem, p. 42.

¹²¹³ SIZA, Álvaro, “La major part dels meus projectes no han estat mai realitzats...”, Ibidem, p. 58, 59.

O terceiro e último grupo de obras apresentado é constituído por algumas intervenções SAAL, Malagueira e algumas habitações unifamiliares¹²¹⁴. É de referir que em nosso entender as obras SAAL Bouça, SAAL São Victor e Quinta da Malagueira constituem um subgrupo, uma vez que são apresentadas em simultâneo, o que nos parece ter tido como intenção a comparação entre si, nomeadamente das diferentes formas de agrupação das casas. Como referimos atrás, a entrevista realizada por Pepita Teixidor continua a marcar presença nesta parte final¹²¹⁵.

O número fecha com três artigos: o terceiro e último texto da autoria de Siza, com o nome “Vuit punts ordenats a l’atzar...”¹²¹⁶, um artigo escrito por Jean Paul Rayon, “Álvaro Siza és un dels arquitectes més publicats...”¹²¹⁷ e o último, um brevíssimo texto assinado por Mateo, sob o título “Si qualsevol descripció suposa una interpretació...”¹²¹⁸.

Do terceiro texto que Siza escreveu a pedido sobre a sua actividade profissional, destacamos os seus comentários sobre aquilo que os outros dizem dele. Siza confirma um facto que contribui para aquilo que podemos considerar como a construção de um personagem, que trabalha em cafés, por lhe permitirem concentração¹²¹⁹. Quanto a dizerem-lhe que as suas obras se baseiam na arquitectura tradicional, argumenta que a “*tradição é um desafio à inovação*”, e que ele trabalha com compromissos e transformação¹²²⁰. Perante a afirmação de amigos que não tem teorias de suporte ou método informa que estuda, mas aceita que não aponte caminhos, por estes não serem claros¹²²¹.

¹²¹⁴ As obras que constituem o terceiro grupo são: “Operaciones SAAL: São Victor i Bouça” e “Quinta da Malagueira, Ibidem, p. 60 – 65; “Casa António Carlos Siza”, Ibidem, p. 66 – 70; “Casa Avelino Duarte”, Ibidem, p. 72, 73; e “Decoració d’un àtic”, Ibidem, p. 74 – 77.

¹²¹⁵ A entrevista está presente tanto no interior da publicação das obras dos conjuntos habitacionais como na página entre as obras das casas. Carlos Siza e Avelino Duarte TEIXIDOR, Pepita, “Entrevista realizada a Porto, l’Abril de 1983”, Ibidem, p. 62, 71.

¹²¹⁶ SIZA, Álvaro, “Vuit punts ordenats a l’atzar...”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983, p. 78, 79.

¹²¹⁷ RAYON, Jean Paul, “Álvaro Siza és un dels arquitectes més publicats...”, Ibidem, p. 80 - 82.

¹²¹⁸ MATEO, Josep-Lluís, “Si qualsevol descripció suposa una interpretació...”, Ibidem, p. 83.

¹²¹⁹ SIZA, Álvaro, “Vuit punts ordenats a l’atzar...”, Ibidem, p. 78.

¹²²⁰ Ibidem.

¹²²¹ Ibidem.

Em nossa opinião, no seu artigo, Rayon não conseguiu distanciar-se tanto como parecia pretender dos primeiros textos escritos por Portas, Gregotti em 1972, Moneo e Bohigas em 1976, por nós anteriormente analisados. Rayon afirmou que a ideia mais repetida sobre Siza é a de ser um arquitecto à margem e que haverá outros pontos a destacar. No entanto, continuou a argumentar contribuindo para ideia de marginalidade, constatando a vulnerabilidade da obra de Siza, por escassez de meios económicos e afastamento da grande encomenda de obra pública que emprestaria a monumentalidade à sua obra. Também repetiu o argumento que designámos como atitude exclusiva inclusiva de confronto com o real alargado, desenvolvido em particular por Moneo, o qual inclui aspectos como a economia da construção metodológica e física da intervenção, bem como a capacidade de Siza revelar algo de fundamental que até ali ninguém conseguia vislumbrar, aspectos também referidos por Rayon. Por outro lado, sublinhou pontos como o facto de Siza ser um arquitecto comprometido com o processo participativo da população, fazendo referência ao texto de sua autoria publicado no número 478 da *Casabella* de 1982 sobre a Quinta da Malagueira em Évora; a poética dos seus esboços; e a importância determinante do espaço interior nas suas obras. Todavia, em nosso entender estes aspectos não suplantaram as grandes questões anteriormente apontadas por outros autores e que o próprio Rayon não conseguiu evitar de mencionar.

O texto de Mateo, apesar de estar localizado no final, trata-se de facto do editorial, onde explica sucintamente as ideias que presidiram à paginação deste número 159 da *Quaderns*. Discordamos quando afirma que são os textos de Siza que fazem a separação entre os grupos de obras¹²²², pois como afirmámos acima achamos que o artigo de Bru também as divide. Mateo não chega a justificar o que entende por grupos de obras “*projectualmente homogéneas*”¹²²³, o que entendemos ser difícil fazer pois os ditos grupos incluem obras que Siza distingue claramente na entrevista publicada no mesmo número. No entanto, concordamos quando escreve que o número tem um carácter intimista e impressionista¹²²⁴, pois entendemos que tanto os textos como as fotografias eleitas pretenderam transmitir a experiência da vivência dos espaços projectados por Siza.

Como dizíamos, neste período foram publicadas as primeiras entrevistas que Siza deu a autores internacionais, as quais vêm a ser citadas e usadas em várias reflexões feitas posteriormente por autores estrangeiros, como por exemplo neste período, Huet no seu texto no catálogo da exposição monográfica de Siza no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão em 1979, Émery no seu texto no número 211 da *L'Ojd* de 1980 e Hans van Dijk no seu texto no número 9 da *Wonen-Tabk* de 1983. Aqueles depoimentos aos quais se juntou a publicação de textos da autoria de Siza revestiram-se ainda de maior significado pelo facto de Siza ser um arquitecto que escrevia pouco sobre a sua actividade, tal como o próprio afirmou na primeira entrevista que encontramos publicada internacionalmente, no número 44 da *AMC* de 1978.

Em nossa opinião as perguntas centraram-se sobretudo no método de trabalho de Siza. Siza salientou explicitamente na entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978, a sua mudança relativamente ao facto de passar a considerar toda a complexidade do real, em vez de rejeitar aquilo que não gostava como fazia inicialmente, reconhecendo a importância de Venturi nesta alteração de atitude. Desta forma, toda a informação passou a ser importante para o projecto de arquitectura, constituindo aquilo que Siza designou como estímulos ao projecto na entrevista publicada no número 14 da *ARQ* de 1983. Deste grupo fazem parte as referências de arquitectos internacionais, que Siza designou como instrumentos de trabalho à semelhança de outros dados, como é exemplo o trabalho de Aalto, no qual o arquitecto português valoriza particularmente a sua capacidade de perceber e reflectir a complexidade do momento que se vivia na Finlândia do pós-guerra, como explicou na entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978, entre outros arquitectos que vai descobrindo e usando em diferentes projectos. Faz ainda parte daquele conjunto de instrumentos, a arquitectura tradicional portuguesa. Siza ressaltou, tanto na entrevista do número 159 da *Quaderns* como na entrevista publicada no número 14 da *ARQ*, ambas de 1983, que o que lhe interessava da tradição da arquitectura portuguesa era o seu intrínseco dinamismo de inovação. O lugar tem um papel central no método de Siza. Siza afirmou na entrevista no número 211 da *L'Ojd* de 1980, que perante um contexto surge uma imagem que é uma reacção inicial, informada por modelos, experiências pessoais e outras, e que desde logo trabalha os esboços ao mesmo tempo que desenvolve os desenhos rigorosos, numa modificação constante, estabelecendo-se um diálogo entre aquilo que designa como um conhecimento científico cada vez maior e uma ideia em evolução, numa síntese crítica. Apesar da importância que Siza atribui ao lugar explicou que a relação da obra com ele não deve ser mimética, por exemplo na entrevista publicada no número 9 da

¹²²² MATEO, Josep-Lluís, “Si qualsevol descripció suposa una interpretació...”, *Ibidem*, p. 83.

¹²²³ *Ibidem*.

¹²²⁴ *Ibidem*.

Wonen-Tabk de 1983. Na mesma entrevista acrescentou que quando se intervém em edifícios existentes deve fazer-se de forma radical e diferente, apontando um caminho, como raramente costumava fazer, como aliás explicou a dificuldade de o fazer na entrevista do número 159 da *Quaderns* de 1983. É de notar que Siza não associou as suas mudanças de método às alterações sociais causadas pela revolução de 25 de Abril, nem viu o seu envolvimento com a população nos tempos do SAAL como resultado de uma qualquer postura política, mas antes a continuação do desenvolvimento do seu método que pretende abarcar o maior número de questões possível. Chegou mesmo a afirmar nas entrevistas do número 44 da *AMC* de 1978 e do número 211 da *L'Ojd* de 1980, que os arquitectos que desenharam casas burguesas estavam mais preparados para fazer habitação social, por estarem habituados ao diálogo com o cliente, numa atitude nada paternalista para com a população. Da mesma forma que Siza afirmou o seu método não ter mudado com a situação social também afirmou na entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978 que o seu método não mudou com a escala dos projectos, pois o que aumenta é a quantidade de informação, ao contrário do que Bohigas alegou que poderia vir a acontecer no número 12 da *Arquiteturas Bis* de 1976. É o próprio Siza, quem sintetizou em nosso entender de uma forma particularmente feliz o seu método, tal como o fez na entrevista publicada no número 14 da *ARQ* de 1983, como um processo de depuração na procura do essencial. Nas entrevistas publicadas no número 44 da *AMC* de 1978 e no número 211 da *L'Ojd* de 1980, Siza explicou que trabalhava muitas horas em obra, o que só era permitido por serem projectos bem definidos, que à semelhança de uma partitura de jazz permitem variações. Na entrevista publicada no número 2 da *AMC* de 1983, Siza explicou que talvez se deva ao facto das suas obras tentarem resolver conflitos e estabelecer relações a causa das polémicas que geram. Na entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978, Siza afirmou concordar com Gregotti, no número 9 da *Controspazio* de 1972, por nós oportunamente analisado, se por “*arquitectura situacional*” pretender significar uma arquitectura que não tem uma linguagem estabelecida à priori nem estabelece nenhuma; pois Siza entende que tal não pode ser definido uma vez que cada obra faz parte um movimento de transformação constante. Esta interessante ideia de transitoriedade das suas obras foi reforçada na entrevista publicada no número 211 da *L'Ojd* e no seu texto publicado no número 123 castanheirada *a+u*, nos quais afirma que a sua obra é só mais um momento das várias transformações que continuarão sem cessar.

É de referir que Gregotti no seu texto no número 9 da *Controspazio* de 1972 e Bohigas no seu texto no número 12 da *Arquiteturas Bis* de 1976, já mencionavam uma atitude particular de Siza para com o real, mais em particular Moneo, que

no seu texto no número 12 da *Arquiteturas Bis* de 1976, estendia o conceito de real a outros aspectos como o programa, os meios construtivos, entre outros, que descrevemos como o confronto com o real alargado no capítulo anterior. Ainda que de uma forma menos definida e clara, aqueles autores aproximavam-se do que acabamos de descrever sobre como Siza encarava os estímulos de projecto.

É interessante notar neste período entre 1977 e 1983 o surgimento de um conjunto de novos intermediários culturais que designamos como intermediários culturais de segunda geração, como são exemplo os acima referidos Komonen, Beaudouin, Fleck, Tange, Wang entre outros internacionais e José Paulos dos Santos e Castanheira de entre os portugueses.

Por intermediários culturais de segunda geração pretendemos designar divulgadores provenientes de Portugal, que deram continuidade ao voluntarismo anterior de pessoas como Portas e Hestnes, entre outros; e provenientes do estrangeiro como os acima referidos que dão continuidade ao trabalho de Gregotti, Nicolín, Bohigas, Huet e Burkhardt, entre outros; e cujo conhecimento da arquitectura portuguesa é proveniente de eventos realizados por estes intermediários culturais que vêm contribuindo há mais tempo para o conhecimento internacional da arquitectura portuguesa que referimos no capítulo anterior. É ainda de notar que a primeira geração de intermediários culturais internacionais da arquitectura portuguesa eram originários do núcleo de países próximos geograficamente de Portugal, que designamos como núcleo duro; enquanto que os intermediários culturais de segunda geração têm origens geográficas mais diferenciadas, como Komonen da Finlândia, van Dijk e Boasson da Holanda, Tange e Nakamura do Japão, entre outros. Como dizíamos, até então a divulgação provinha maioritariamente do conhecimento original do trabalho dos arquitectos portugueses. Por seu lado, os intermediários culturais de segunda geração internacionais frequentemente referiram como publicação onde conheceram a arquitectura portuguesa o emblemático número 185 da revista *L'Ojd* de 1976, organizada por Huet / Hestnes, como foi o caso de Komonen, Fleck e Beaudouin, sendo que este último acrescentou o artigo de Gregotti no número 9 da *Controspazio* de 1972. Fleck referiu ainda ter usado o catálogo da exposição monográfica de Siza em Milão de 1979, como argumento para influenciar os elementos do IBA a convidar Siza para participar nos concursos. Outro exemplo é o do Japonês Tange, que vivia em Espanha e que foi apresentado à arquitectura de Siza por Pep Bonet do Studio Per.

Para além da actividade destes intermediários culturais estar associada à conquista de novas geografias está também em alguns casos associada à divulgação de

uma maior diversidade de obras de arquitectos portugueses, como vimos. Por exemplo, são os divulgadores portugueses que publicaram em simultâneo o trabalho de mais que um arquitecto português, o que é compreensível pelo facto de serem estes os que melhor conseguem abarcar a realidade nacional, como foi o caso na *9H* com José Paulo dos Santos e na *Wonen-Tabk* com o envolvimento de Castanheira. Tal permite-nos outro paralelo com a anterior actividade de Portas, para além do pioneirismo em determinadas geografias, neste caso no Reino Unido e na Holanda. Se Portas optou por usar como tema principal o trabalho de Siza e como secundário o trabalho de arquitectos seus antecessores, como Fernando Távora e Teotónio Pereira, do Norte e do Sul de Portugal; Santos e Castanheira decidiram divulgar o trabalho de Siza em conjunto com o de outros arquitectos do Norte de Portugal, independentemente da geração a que pertenciam.

Em suma, afirmamos que neste período entre 1977 e 1983, ao alargamento da geografia internacional de divulgação da arquitectura portuguesa correspondeu a extensão do interesse a um campo mais vasto da sua prática, através do envolvimento de novos intermediários culturais cuja actividade acresceu à de outros antecessores. Em paralelo com um reconhecimento da obra de Siza exponenciado internacionalmente, foi divulgada uma realidade nacional mais ampla, já não homogeneizada pela iniciativa legislativa SAAL, mas em busca de um outro desígnio.

Pelo que descrevemos, entendemos que fica claro que a obra de Siza não foi como se poderia pensar, até por analogia à sua localização geográfica, periférica à discussão internacional central da disciplina, mas pelo contrário, encontrava-se em pleno centro do seu debate. É, no entanto, justo referir, que o seu carácter periférico servia bem os raciocínios envolvidos nas teorias desenvolvidas e que estavam subjacentes à sua defesa. Ou antes, e alargando a perspectiva, nomeadamente depois do conhecimento da visão da arquitectura que predominava no Reino Unido, tal como descrevemos, podemos afirmar que a arquitectura de Siza começou desde logo a participar como argumento destacado de uma corrente, ela sim, periférica à discussão internacional que ainda dominava o campo disciplinar da arquitectura, mas que gradualmente, com o passar do tempo e com o sedimentar das actividades profissionais no campo projectual e editorial dos seus defensores foi ganhando o seu lugar e começou a impôr-se no debate disciplinar alargado. Em suma, transformando-se naquilo que designamos como Epicentro Arquitectónico.



ANEXO 2

DOCUMENTOS ILUSTRATIVOS

2

Ano de 1977

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Alemanha e Bélgica.

Em Espanha ocorreu um encontro em Cádiz sob o tema SAAL, promovido pelo Colégio de Arquitectos da Andaluzia Ocidental, tendo participado os arquitectos Fernando Távora, Siza Vieira, Nuno Portas e Charters Monteiro, sobre o qual não nos foi possível obter mais informações.

Em Itália a arquitectura portuguesa figurou no livro *Politica e progetto: un'esperienza di base in Portogallo*, de Francesco Marconi e Paula Oliveira, e foi objecto de uma exposição itinerante por Universidades Italianas acompanhada por conferências de Portas, Siza e Alves Costa; todos estes eventos dedicados ao tema SAAL.

Em França Siza Vieira assinou um ensaio no número 191 da revista *L'Ojd* sobre Alvar Aalto.

Na Alemanha, a arquitectura portuguesa figurou nas revistas Alemãs *Baumeister e Bauwelt*, através do trabalho de Siza.

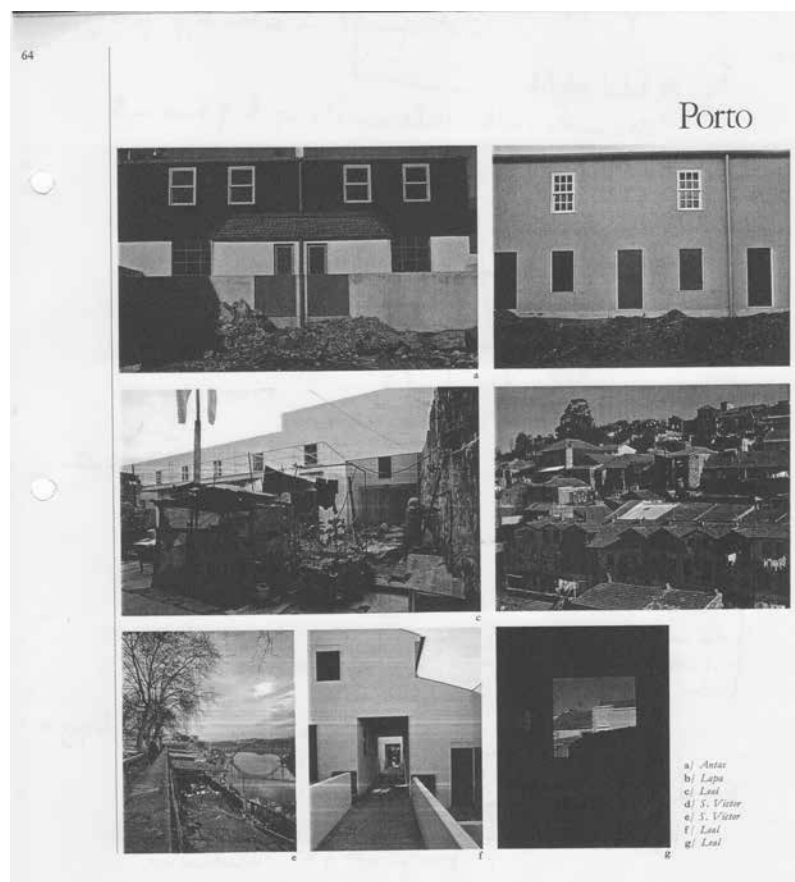
Na Bélgica, foi proferida uma comunicação por Adalberto Dias em Bruxelas no AIAB.

Ano de 1978

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália e França.

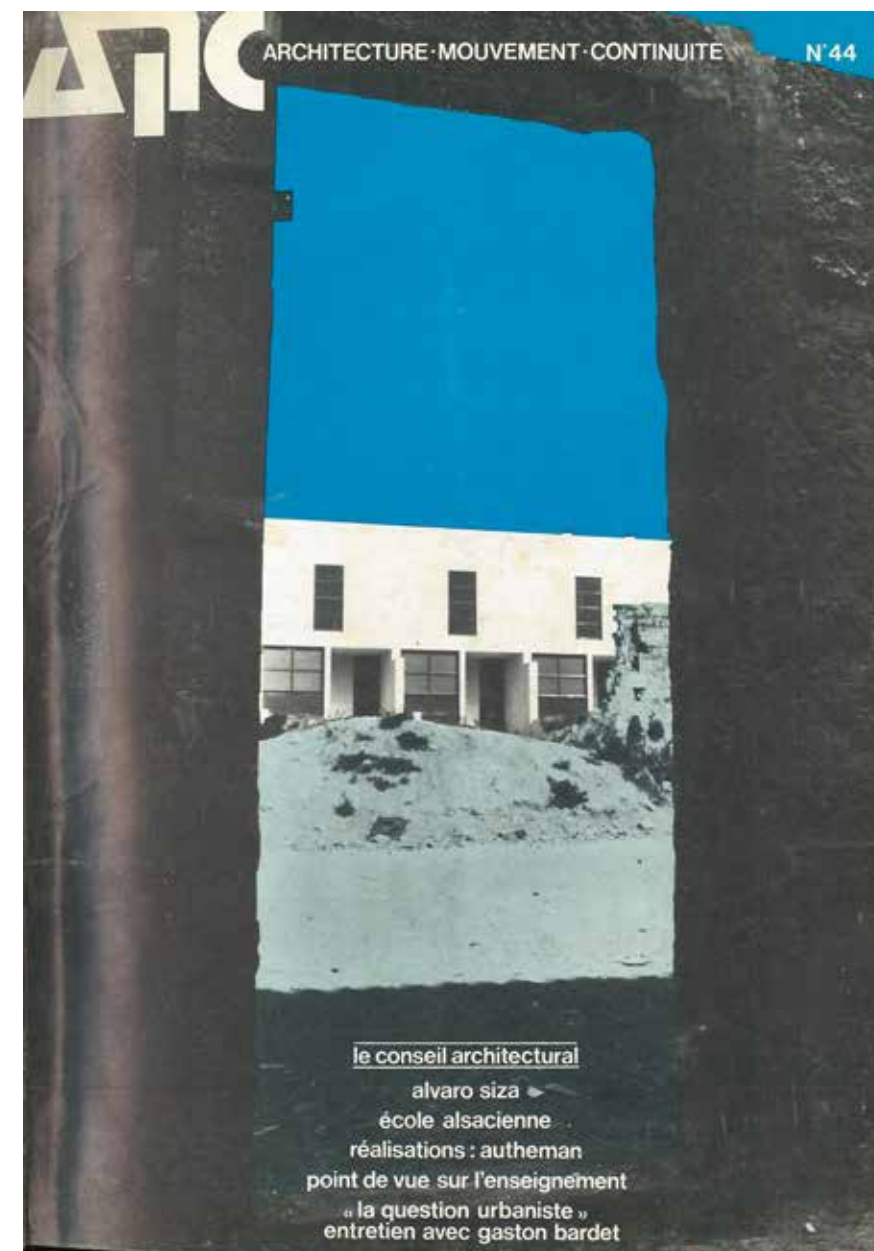
Em Espanha a arquitectura portuguesa figurou na edição espanhola do livro de Marconi e Oliveira, com o título *Política y proyecto: una experiencia de base en Portugal*, através do tema SAAL.

Em Itália a arquitectura portuguesa figurou no número 18 da revista *Lt I*, no número 620 da *Panorama*, através do tema SAAL, e no catálogo *Europa – América, Centro storico – suburbio*, relativo à exposição realizada na Bienal de Veneza dois anos antes, através do trabalho de Siza.



A2.1. Lotus International, n. 18, 1978, p. 64.

Em França a arquitectura portuguesa figurou no número 44 da revista *AMC*, através do trabalho de Siza Vieira.



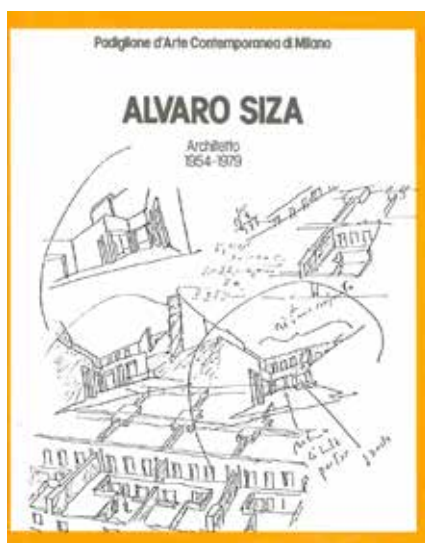
A2.2. AMC, n. 44, 1978, p. capa.

Ano de 1979

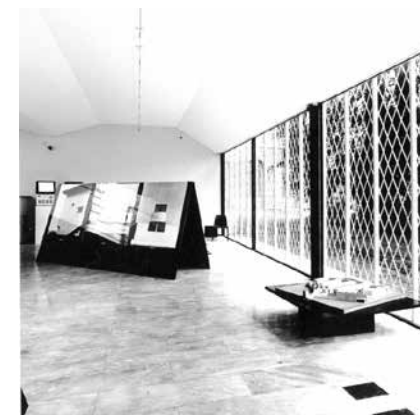
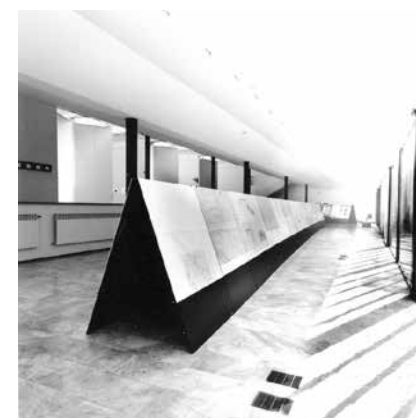
Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Alemanha, Brasil e Japão.

Em Espanha foi publicado um texto de Siza no número 3 da revista *Separata*, de Sevilha, a propósito de um seminário que ocorreu em 1975 naquela cidade sobre o SAAL.

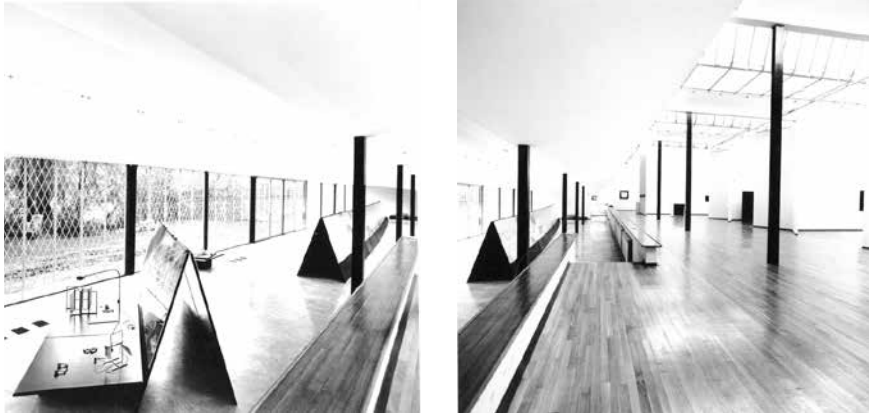
Em Itália terá sido publicado na revista *Urbanística* os trabalhos de Nuno Portas, Manuel Fernandes Sá e Domingos Tavares sobre o Vale do Ave. O trabalho de Siza foi editado no número 22 da *Lt I*, e foi-lhe inteiramente dedicada uma exposição no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão. Esta mostra esteve em seguida patente, ainda no ano de 1979, na Faculdade de Arquitectura de Veneza em Itália, e no IDZ (Internationales Design Zentrum) na Alemanha.



A2.3 e A2.4. GREGOTTI, Vittorio, ROTA, Italo (colab.), Alvaro Siza, architetto 1954-1979, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d'Arte Contemporanea di Milano, 1979, p. capa e contracapa. [arquivo: cortesia PAC, Pavilhão d'Arte Contemporânea, Milão]



A2.5, A2.6, A2.7, A2.8, A2.9, A2.10. Fotografias de Nanda Lanfranco, de Génova, da exposição *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, realizada no PAC, Pavilhão d'Arte Contemporânea, Milão. [arquivo: cortesia PAC, Pavilhão d'Arte Contemporânea, Milão]



A2.11 e A2.12. Fotografias de Nanda Lanfranco, de Génova, da exposição *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, realizada no PAC, Pavilhão d'Arte Contemporânea, Milão. [arquivo: cortesia PAC, Pavilhão d'Arte Contemporânea, Milão]

Na Alemanha realizaram-se cinco publicações que abordaram o trabalho de Siza pela mão de François Burkhardt em duas edições: no número 33 da *Bauwelt* e em *Regionalismus im Bauen: Inspiration oder Imitation?*. Na Alemanha foram publicadas referências ao trabalho de Siza em *Aktuelle Wettbewerbe*, em *Bauwettbewerb Görlitzer Bad* e na edição que resultou dos Simpósios intitulados “Stadtstruktur-Stadtgestalt” que tiveram lugar em 1976.

Na Córsega, a arquitectura portuguesa foi publicada pela primeira vez, através do trabalho de Siza.

No Japão, foram as operações SAAL que inauguraram a publicação sobre arquitectura portuguesa naquele País, no número 2 da revista *Chubu Kensetsu*, por Toshiaki Tange.

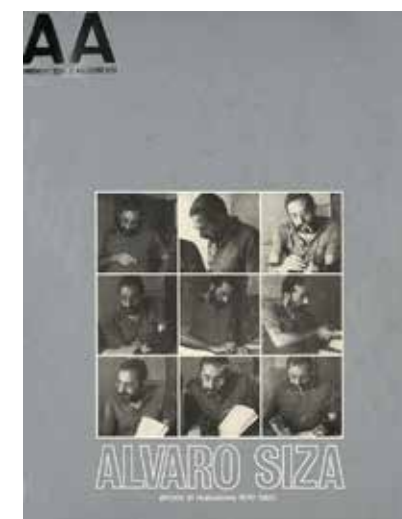
No Brasil, o arquitecto Nuno Teotónio Pereira terá participado em conferências.

Ano de 1980

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Itália, França, Alemanha, Japão e pela primeira vez após o ano de 1976, na Suíça, Finlândia e no Reino Unido.

Em Itália foi feita uma referência à equipa do SAAL de Coimbra no livro *Antico è bello: il recupero della città* de autoria de Renzo Piano, Magda Arduíno e Mario Fazio, a qual foi contextualizada no texto relativo ao ano de 1976, e foi realizado um seminário em Gibellina com a participação de Siza.

Em França a arquitectura portuguesa figurou em quatro eventos, tendo sido publicada em três números de revistas: no número 211 da *L'Ojd*, um número monográfico sobre o trabalho de Siza, no número 332 da *Techniques et Architecture*, através da publicação de uma obra de habitação social de Gonçalo Byrne e Reis Cabrita, e na *Plan Construction*, através de uma entrevista de Siza. O quarto evento a que nos referimos trata-se da exposição intitulada *À la recherche de l'urbanité: savoir faire la ville, savoir vivre la ville*, que teve lugar no Centro Georges Pompidou, sobre a reconstrução da cidade Europeia, e constituiu a primeira exposição de arquitectura na Bienal de Paris, tendo a participação portuguesa neste caso estado circunscrita à participação de Siza como correspondente nacional



A2.13. *L' Architecture d'Aujourd'Hui*, n. 211, 1980, p. capa

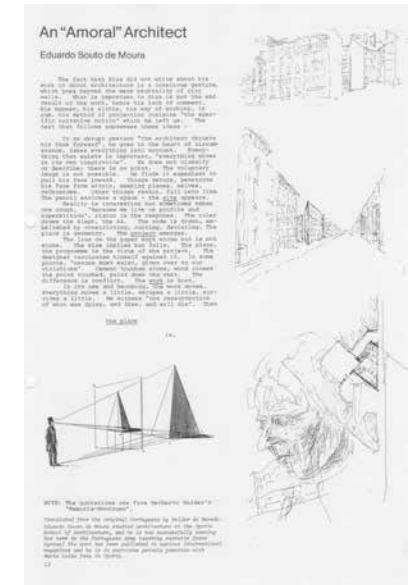
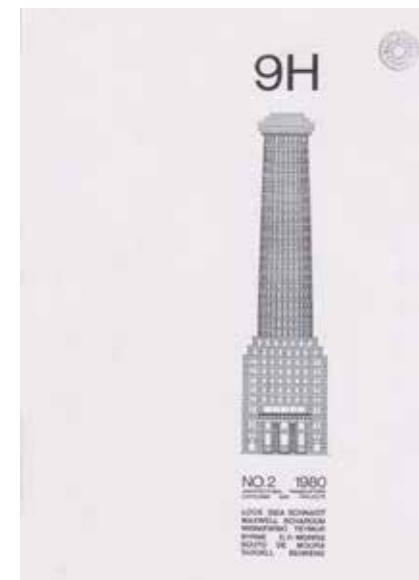
Na Alemanha a arquitectura portuguesa figurou em quatro eventos: em *Internationale Bauausstellung*, através do Bairro Maceda no Porto de Alcino Soutinho, em *Architektur 1940-1980*, em *Erste Projekte zur behutsamen Stadterneuerung* e em *Architektur und Städtebau des 20. Jahrhunderts*, através do trabalho de Siza nestes últimos três eventos.

No Japão a arquitectura portuguesa foi publicada no número 123 da revista *a+u*, um número monográfico sobre Siza.

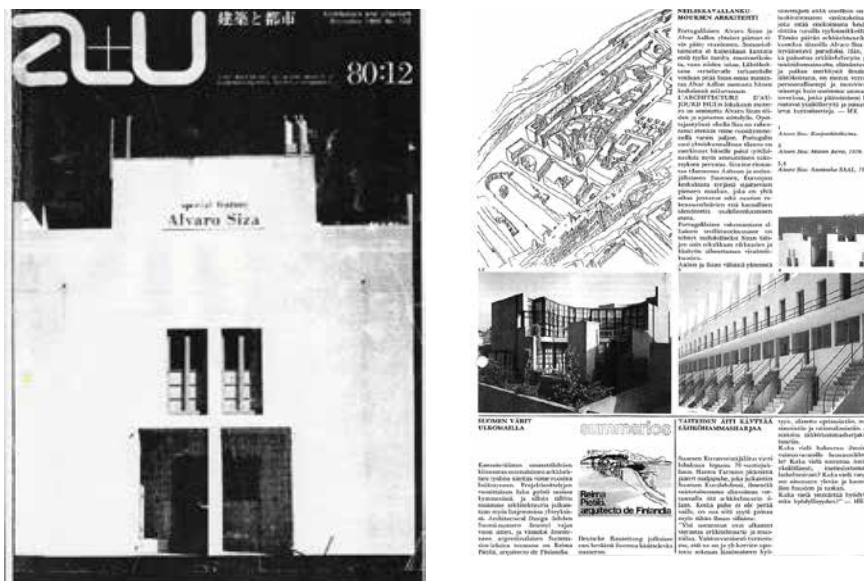
Na Suíça a arquitectura portuguesa foi objecto de exposição pela primeira vez, tendo a mostra sobre o trabalho do arquitecto português Siza estado patente na Escola Politécnica Federal de Lausanne (EPFL).

Na Finlândia a arquitectura portuguesa foi publicada no número 7 da revista *Arkkitiehti*, através de um artigo sobre o trabalho de Siza.

No Reino Unido a arquitectura portuguesa foi publicada no número 2 da revista *9H* através do trabalho de Siza, de Gonçalo Byrne e Reis Cabrita, tendo também Siza proferido ali uma conferência, e ainda no livro *Contemporary Architects* através do trabalho de Siza. Os aspectos sociológicos do SAAL terão sido objecto de duas publicações na *Town Planning Review* e na *Planning Outlook*. Estes aspectos do SAAL também terão sido abordados no *International Journal of Urban and Regional Research*.



A2.16 e A2.17. 9 H, n. 2, 1980, p. capa e p. 12.



A2.14. a+u, n. 123, 1980, p. capa.

A2.15. *Arkkitiehti*, n. 7, 1980, s / p.

Ano de 1981

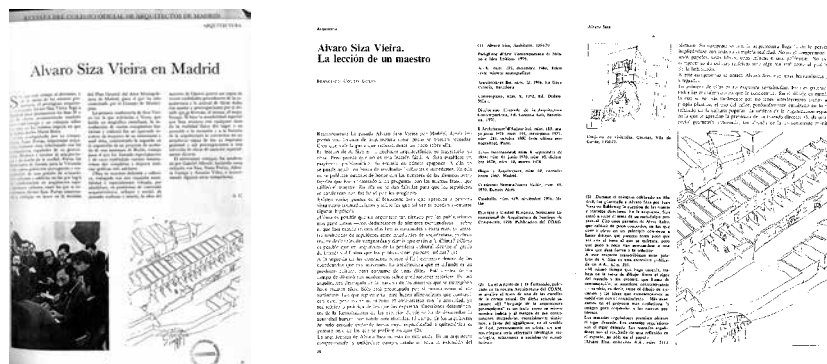
Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Alemanha, pela primeira vez na Holanda e na Argentina, país onde no decurso do desenvolvimento da presente dissertação não encontrámos registos desde 1970, tal como referimos.

Em Espanha a arquitectura portuguesa figurou em cinco eventos. Foi publicada em três edições: no número 228 da revista *Arquitectura*, no número 43 da revista *Q*, e no *Diccionario de Arquitectos*, através do trabalho de Siza. Há notícia da participação de Siza e Souto de Moura num seminário internacional de arquitectura repartido entre E.U.A. e Espanha; bem como da realização de conferências de Siza, Távora e Soutinho na Escola de Arquitectura da Corunha.



A2.18. Cartaz das conferências de Siza, Távora e Soutinho na Escola de Arquitectura da Corunha em 1981, assinado nomeadamente por Siza. [arquivo cortesia Xan Casabella López]

A2.19. Mesa redonda promovida pelo Colégio de Arquitectos da Corunha: José Luis Martínez Suarez, elemento do conselho de redacção da Obradoiro, o Director Geral do Património da Junta da Galiza, o Presidente do Colégio de Arquitectos da Galiza, Xan Casabella López, e outro membro do Colégio de Arquitectos da Galiza. [arquivo cortesia Xan Casabella López]



A2.20. *Arquitectura*, n. 228, 1981, p. 9. | A2.21. *Q*, n. 43, 1981, p. 20, 21

Em Itália a arquitectura portuguesa foi publicada no número 32 da *Lt I*, no número 25 da Revista *Polis* e no livro de Cagnardi intitulado *Belice 1980. Luoghi, problemi, dodici anni dopo il terremoto*, através do trabalho de Siza.

Em França a arquitectura portuguesa foi publicada no número 113 da *BIP Urbanisme, Architecture, Arts Plastiques*, através do trabalho de Siza.

Na Alemanha a arquitectura portuguesa foi publicada em dois números de duas revistas: no número 44 da *Stadtbauwelt* e no 34 da *Bauwelt*, através do trabalho de Siza em ambas as edições.

No Reino Unido a arquitectura portuguesa participou em cinco eventos. Foi publicada em quatro números de duas edições periódicas: em três números da revista *Building Design*, no 530 através do trabalho de Gonçalo Byrne e Reis Cabrita, no 531 através do trabalho de Hestnes Ferreira e no 532 através do trabalho de Siza, e no número 4 da *UIA International Architect*, também através do trabalho de Siza. Neste ano, Siza proferiu a sua primeira conferência em território anglófilo.



A2.23. *Buiding Design*, n. 530, 1981, p. 14, 15. | A2.24. *Buiding Design*, n. 531, 1981, p. 20, 21.

A2.22. *Building Design*, n. 532, 1981, p. 2

Na Holanda a arquitectura portuguesa foi publicada numa edição de âmbito académico que surgiu no contexto de uma viagem a Portugal, centrada sobretudo na habitação em Portugal.



A2.25. Documento distribuído aos participantes na viagem a Portugal, p. capa. [arquivo: cortesia Biblioteca do Institute for Housing and Urban Development Studies]

Na Argentina a arquitectura portuguesa foi publicada na revista *Summarios*, através do trabalho de Siza.

Ano de 1982

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Reino Unido, Alemanha, Finlândia, e pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação na Colômbia.

Em Espanha o arquitecto Nuno Portas contribuiu para os números 154 e 155 da revista *Quaderns*.

Em Itália a arquitectura portuguesa foi publicada no número 478 da revista *Casabella* e no número 36 da *Lt I*, através do trabalho de Siza em ambos os números.

A2.26. *Casabella*, n. 478, s/p (índice).

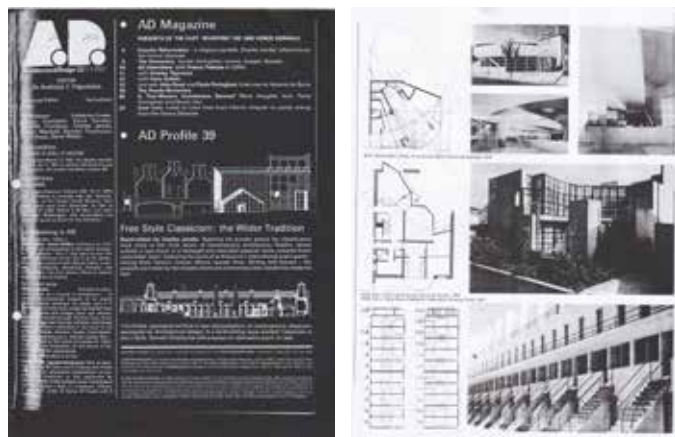
Em França a arquitectura portuguesa participou numa exposição intitulada “*La Modernité- un projet inachevé: 40 architectes*” realizada no Centro Georges Pompidou em Paris, através do trabalho de Siza.



A2.27. *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*, Paris, Moniteur, 1982, p. capa.

Na Alemanha a arquitectura portuguesa foi publicada no número 5 da revista *Daidalos*, no número 47 da revista *Bauwelt*, e participou na exposição *Internationale Bauausstellung* 1984-1987, através do trabalho de Siza.

No Reino Unido a arquitectura portuguesa foi publicada no número 7/8 da revista *Architectural Design*, através do trabalho de Siza.



A2.28. *Architectural Design*, n. 52 7/8, 1982.

Na Finlândia a arquitectura portuguesa foi exposta, pela primeira vez na presente dissertação, no Museu de Arquitectura Finlandesa e no Museu Alvar Aalto, mais especificamente a obra de Siza.



A2.29. Cartaz da exposição Álvaro Siza Vieira, Portugalilainen Arkkitehti, Museu da Arquitectura Finlandesa e Museu Alvar Aalto, Finlândia, 1982, frente e verso [arquivo: cortesia Markku Komonen]

Na Colômbia a arquitectura portuguesa foi publicada, pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação, no número 305 da revista *Proa*, através do trabalho de Siza.



A2.30. Álvaro Siza na Universidade dos Andes em 1982 numa oficina que dirigiu. [arquivo: cortesia Alvaro Botero Escobar]

A2.31. Recorte de jornal, cujo nome não conseguimos precisar, relativo à passagem de Siza pelo encontro sobre o Espaço Público Urbano organizado pela Sociedade Colombiana de Arquitectos e pela Faculdade de Arquitectura da Universidade dos Andes, 5 de Abril de 1982. Na fotografia de Hernando Medina estão o sociólogo Humberto Molina, a arquitecta Silvia Arango, a moderadora Liliana Bonilla, os arquitectos Álvaro Siza Vieira, Oriol Bohigas, Aldo Rossi e Fernando Montes.

Ano de 1983

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Alemanha, Suíça, Reino Unido, Finlândia, Holanda, Colômbia e pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação na Grécia, Canadá, Bélgica e EUA.

Em Espanha a arquitectura portuguesa figurou em quatro eventos. Foi publicada em três edições: no número 159 da *Quaderns*, através de um número monográfico sobre o trabalho de Siza, no número 8 da *Obradoiro* através do trabalho de Siza e de Nuno Portas e no catálogo *Proyecto y Didáctica: ¿Hacia una Nueva Idea de Academia? – Seminario Internacional de Arquitectura y Diseño Urbano en U.S.A. Y España*, o documento que resultou do seminário ocorrido em 1981 no qual participaram Siza e Souto de Moura.



A2.32. *Quaderns*, n. 159, 1983, p. 4. | A2.33. *Obradoiro*, n. 8, 1983, p. capa. | A2.34. *Obradoiro*, n. 8, 1983, p. 7. | A2.35 e A2.36. *Obradoiro*, n. 8, 1983, p. 29 e p. 63.

Em Itália a arquitectura portuguesa foi publicada em cinco edições: no número 493 da *Casabella* através do trabalho de Alcino Soutinho, no número 37 da *Lt I* através do trabalho de Siza Vieira e Nuno Lopes, no número 121 da *Parâmetro*, na *Casa da Vendere*, em ambas através do trabalho de Siza, e na publicação *Dopo il terremoto* que constituiu o número 2 da *Quaderni di Lotus* relativo ao congresso que teve lugar em Gibelina em 1980 que contou com a participação de Siza.



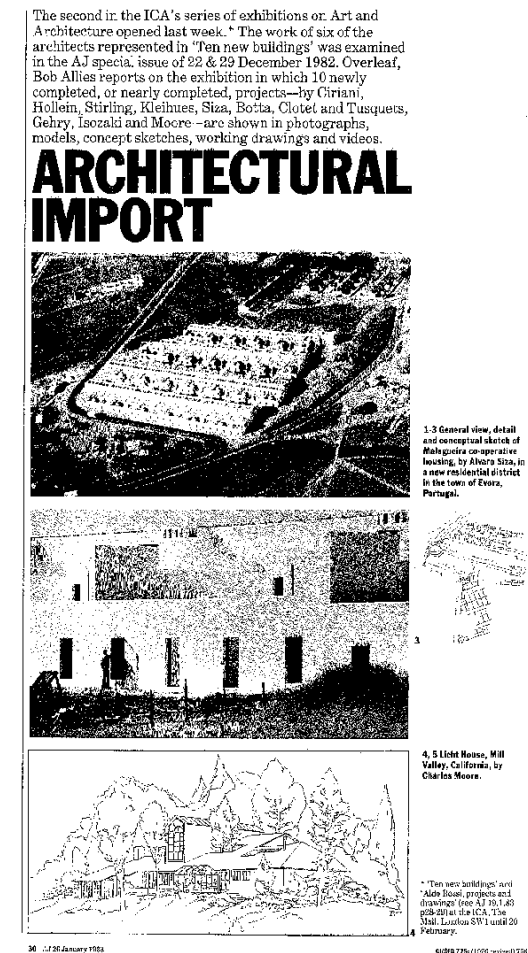
A2.37. *Lotus International*, n. 37, 1983, s/p

Em França a arquitectura portuguesa foi publicada em duas edições: no número 2 da *AMC* e no número 351 da *Techniques et Architectures*, através do trabalho de Siza.

Na Alemanha a arquitectura portuguesa foi publicada em três edições: num número da revista *Der Architekt*, no número 46/47 da revista *Bauwelt* e em *Internationales Gutachten Kulturforum*, todas através do trabalho de Siza.

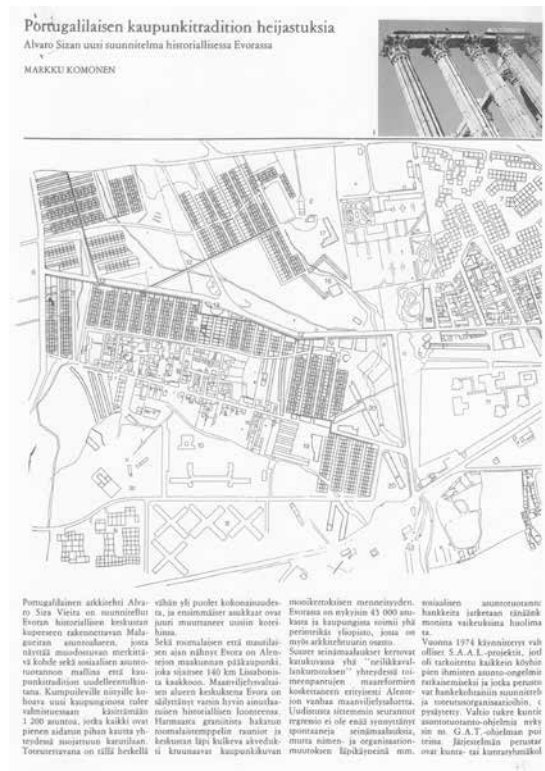
Na Suíça a arquitectura portuguesa foi publicada no número 7 / 8 da revista *Werk, Bauen + Wohnen*, a revista da Associação dos Arquitectos Suíços, através do trabalho de Siza.

No Reino Unido a arquitectura portuguesa figurou em cinco eventos, tendo sido publicada em três edições. Foi publicada no número 5 da revista *9H*, através do trabalho de vários arquitectos portugueses como Souto de Moura, Adalberto Dias, Virginio Moutinho, João Carreira, Carlos Prata e Nuno Ribeiro Lopes, com textos de Nuno Portas e Alexandre Alves Costa. Souto de Moura fez uma conferência nas instalações da Architectural Association que se sucedeu a este número da *9H*. O trabalho de Siza participou numa exposição no *Institute of Contemporary Arts* em Londres intitulada *10 New Buildings*. Esta exposição foi referida no número 626 da revista *Building Design* e no número 4 da revista *Architects' Journal*.



A2.38. *Architects' Journal*, n. 4, 1983, p. 30.

Na Finlândia a arquitectura portuguesa foi publicada no número 8 da revista *Arkkitehti*, através do trabalho de Siza.



A2.39. *Arkkitehti*, n. 8, 1983, p. 79.

Na Holanda a arquitectura portuguesa figurou em cinco eventos. Participou numa exposição com itinerância por três cidades da Holanda: Amsterdão, Eindhoven e Delft, sobre o trabalho de Siza, cujo catálogo de facto constituiu o número 9 da revista *Wonen-Tabk*.

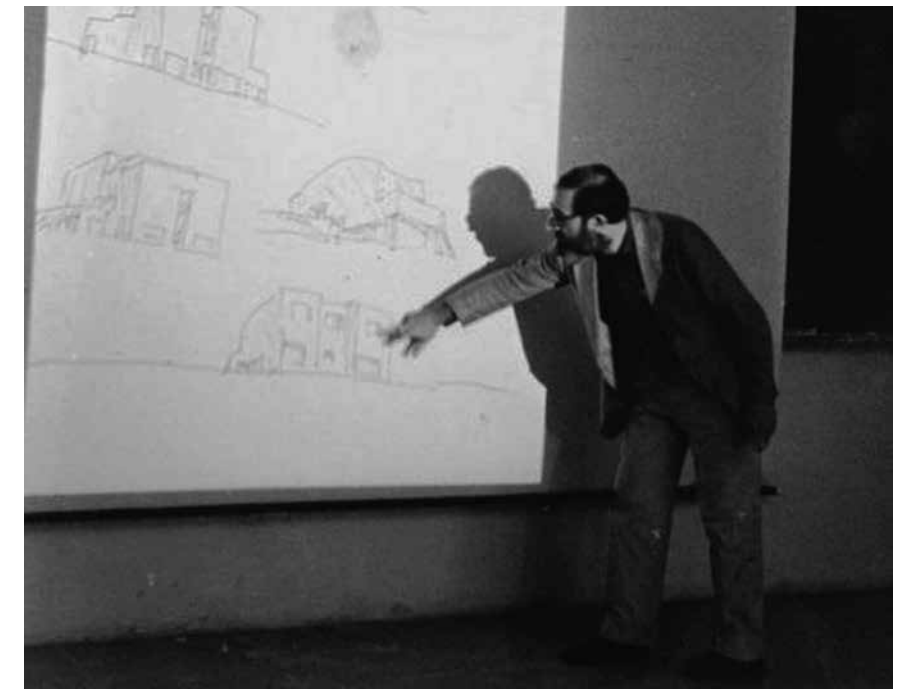
A arquitectura portuguesa foi ainda publicada noutro número da revista *Wonen-Tabk*, no número 22 / 23, através do trabalho de vários arquitectos portugueses como Távora, Siza, Gigante, Adalberto Dias, entre muitos outros referidos na presente dissertação; e numa edição do Círculo de Cultura Portuguesa na Holanda, através do trabalho de Siza Vieira. Encontrámos ainda referências a viagens realizadas a Portugal. Uma publicada no número 1/2 da revista *Fórum*, assinada por Dorien Boasson, realizada entre 2 e 10 de Outubro de 1982. Outra referência remete para uma viagem realizada pelos alunos de Eindhoven e pela Associação “Arquitectura e Amicitia”.



A2.40. *Wonen-Tabk*, n. 9, 1983, p. capa.

A2.41. *Wonen-Tabk*, n. 22 / 23, 1983, p. capa.

Na Colômbia a arquitectura portuguesa foi objecto de várias conferências, proferidas por Siza, quando ali ministrou um curso no segundo semestre.



A2.42. Siza numa conferência na Associação Colombiana de Arquitectos, no segundo semestre de 1983. [arquivo: cortesia Alvaro Botero Escobar]

Nos EUA a arquitectura portuguesa figurou em três eventos, numa publicação e em dois seminários. Foi publicada no número 20 da revista de arquitectura de Yale, a *Perspecta*, num artigo intitulado “Prospects for a Critical Regionalism”, da autoria de Frampton, através da arquitectura de Siza. A arquitectura portuguesa terá participado pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação em dois seminários, sob o tema do SAAL. aspectos sociológicos do SAAL terão também sido objecto de um congresso sobre Portugal Moderno, do qual terá resultado um livro intitulado *In Search of Modern Portugal: The Revolution and its Consequences*, publicado pela Universidade de Wisconsin.

Na Grécia a arquitectura portuguesa foi publicada pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação no número 14 da revista *design+art in greece*, através do trabalho de Siza.

No Canadá a arquitectura portuguesa figurou pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação em três eventos. Siza participou num colóquio designado *Architecture et identité culturelle. Modernité et régionalisme*, que teve lugar entre 22 e 24 de Maio, na Universidade do Quebec em Montreal; o qual deu origem a publicações em dois números de duas revistas: no número 14 da revista *ARQ* e no número 4 da revista *Section a*.

Na Bélgica a arquitectura portuguesa participou pela primeira vez no período da nossa dissertação numa exposição no Museu do Design em Gant, de 15 de Novembro a 11 de Dezembro, através do trabalho de Siza.

17

ίσως να αποκτά άλλο ενδιαφέρον ή «μχτ των μεθόδων», των αντιλήψεων των όρων, των «αυτών» που διεκδικούν την περιγραφή και την κατανόηση της αρχιτεκτονικής σκηνής, σε μια περίοδο που απαιτεί, μετά τα πρόσφατα θραυστικά γεγονότα των «μεταμοντέρνων», περισσότερο σκεπτικισμού, ιδιαίτερα στη στάση που επιδιώκει την κριτική αντιμετώπιση των πραγμάτων. Στο σημείο αυτό, η αναφορά στον «τοπικισμό» ή στις «τοπικιστικές τάσεις» ή ακόμα σε οποιαδήποτε παράγωγο επίθετο που προσδιορίζει το έργο ενός ή πολλών αρχιτεκτόνων, υποδηλώνει περιπτώσεις που κινούνται στο «περίθωρο» της επίσημης κουλτούρας, που αντιμετωπίζουν την αρχιτεκτονική αποκλειστικά ως επάγγελμα-τέχνη, που δεν ταξινομούνται εύκολα ούτε και προσφέρονται για να ικανοποιήσουν την απληστία των περιόδων.

Πιστεύοντας ότι με τη λέξη αυτή περιγράφεται ένα ευρύ φάσμα ούλογοι διαθέσεων απέναντι στην αρχιτεκτονική και στο επάγγελμα, που δεν υποκύπτει στην παλαιά στιλιστική ομαδοποίηση, δημοσιεύονται στο αφιέρωμα αυτό μια σειρά δοκιμών, στην έδρα της Αρχιτεκτονικής του ΕΣΒΑΡ από το 1965 ως το 1969, καθηγήτης της έδρας των συνθέσεων του

τονιστούν οι διαφορετικές θεωρήσεις του τόσο σε πρακτικό όσο και σε θεωρητικό επίπεδο, να αναφερθούν οι στάσεις των μεμονωμένων αρχιτεκτόνων, ο τρόπος που αντιλαμβάνονται την εξέταση του επάγγελματος, η αρχιτεκτονική σαν πολιτιστικό μέσο και θέμα. Συνεπώς, η οποιαδήποτε ταύτιση στα πλαίσια αυτών των παρουσιάσεων, που δεν εξαντλούν προφανώς όλους τους αρχιτέκτονες, αποτελεί έγγενή αδυναμία της κριτικής τους αντιμετώπισης ή δηλητηριώδη διαστρέβλωση της αντίληψης.

Απομονωμένος στην Πορτογαλία, στην περιφέρεια της Ευρώπης, σε μια χώρα που θεωρείται «μικρή», όμως μεγάλη όσκι άνθρωπη, με βάση το Πόρτο που υφίσταται την πολιτιστική εξέταση της Αισαδώρας, ο Siza περιορισμένος, με τις σεις επέκτασης, στα ιδιόμορφα πολιτιστικά σύνορα του Τσιπνο, μια οβριδική περιοχή της Ελβετίας,

μια «διπλή περιφέρεια» μεταξύ μεσογειακής και αυστραλογηγικής κουλτούρας, ο Siza ενταχόμενος από μια γενική παράδοση πολιτιστικής αυτονομίας στη Βαρκελώνη, ξεχωριστή πρωτεύουσα της Μεσογείου, οι Μ.Ε.Μ. όλοι παρουσιάζουν ανάλογες ανησυχίες και αποσπάζονται με ένα κοινό θέμα: πως θα συνθέσουν σε χτιστό έργο, σε αρχιτεκτονική, τις διδασχές, τις επιδράσεις, τις αναφορές μιας μοντέρνας κουλτούρας, και κατά συνέπεια της μοντέρνας αρχιτεκτονικής, με τις πολιτιστικές διαφοροφίες του τόπου τους. Στην άγνια αλλά και στο πάθος που διέπει και που χαρακτηρίζει το έργο τους εμφανίζονται μια σειρά από κοινές παραδοχές που ο καθένας επεξεργάζεται διαφορετικά, όπως:

α) Η διδασχ των αναγνωρισμένων δασκάλων της μοντέρνας αρχιτεκτονικής.

β) Η αναφορά στην παραδοσιακή

Alvaro Joaquim de Melo
Siza Vieira
 Γεννήθηκε το 1933, πήρε το δίπλωμά του το 1955 στην Ανώτατη Σχολή Καλών Τεχνών του Πόρτο (ΕΣΒΑΡ). Βοηθός στην έδρα της Αρχιτεκτονικής του ΕΣΒΑΡ από το 1965 ως το 1969, καθηγήτης της έδρας των συνθέσεων του

δεύτερου έτους και της οικοδομικής από το 1978. Συντονιστής του αρχιτεκτονικού Fernando Tavora από το 1955 ως το 1958. Άσκει το ελεύθερο επάγγελμα από το 1964. Υπεύθυνος αρχιτεκτόνας της ομάδας SAAL του S. Victor (1974-77).

«Τα γρήγορα σκίτσα αποτελούν ένα μέσο εργασίας σαν όλα τα άλλα και όχι ρομαντική μεθοδολογική πρόταση: περισσότερο από τον σκεπτικό βοηθούν στη δημιουργία μιας συνειδήσης της πολυπλοκότητας των τάσεων που υπάρχουν σε κάθε υποκειμενική άποψη σε ένα συγκεκριμένο πρόβλημα».

neither sentimental nor nostalgic, that stands apart from like sounding movements such as contextualism or populism. "Regionalism" is a modern critical category, a term for the description and understanding of architecture. Yet it is still exploring its semantic definition and for this reason is the tracing of its genealogical history and its reconnaissance so necessary at the present time.

G.S.

θεωρία χώρου + τέχνη design+art in greece 14/1983

A PROLIFERAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO: 1984 - 1988



A PROLIFERAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO: 1984 - 1988

Se classificámos o período anterior entre 1977 e 83 como charneira, o período que se lhe segue, entre 1984 e 88, é de consolidação da divulgação internacional da arquitectura portuguesa.

Desde logo graças ao aumento da quantidade de eventos que não baixou do limiar das três dezenas aproximadamente, mantendo-se a ampla difusão geográfica alcançada já no período anterior. Se entre 1977 e 1983 se assistiu ao envolvimento de intermediários culturais que designámos de segunda geração, no período em análise neste capítulo continuaram a surgir interessados na arquitectura portuguesa, que desenvolveram a sua actividade de divulgação a par daqueles que já o vinham fazendo. Em certos casos, tal traduziu-se na consolidação do interesse de edições periódicas especializadas que tinham publicado arquitectura portuguesa num ou em poucos dos seus números no período anterior. Relativamente ao enfoque dos eventos ocorridos permanece um interesse pela arquitectura de Siza plasmado no elevado número a ela dedicados. Mantém-se a tendência de alargamento daquele interesse ao trabalho de outros arquitectos nacionais em particular aos do Norte de Portugal, sendo desenvolvida a temática da escola do Porto, introduzida de forma sustentada no último ano do período anterior por intermediários culturais portugueses, como referimos no capítulo precedente. É também neste período que uma arquitectura portuguesa que se pode incluir na arquitectura dita pós-moderna historicista começou a ser divulgada internacionalmente. É de salientar que neste período a divulgação destes arquitectos é feita não só através do envolvimento de intermediários culturais nacionais como no período anterior, que obviamente têm um conhecimento mais alargado da cena disciplinar nacional, mas também por intermediários culturais internacionais, como são exemplo Casabella López, Daniele Vitale, Josep Lluís Mateo, Anton Capitel, Marc Bédarida, o colectivo auto-designado Opus Incertum, como veremos.

É de assinalar que o tema SAAL ainda ecoou neste período, nomeadamente nos EUA. Foi, designadamente referido em 1984, no livro *The Scope of Social Architecture* editado por Richard Hatch, então professor de arquitectura no New Jersey Institute of Technology¹²²⁵.

¹²²⁵ HATCH, C. Richard, *The Scope of Social Architecture*, Nova Iorque, New Jersey Institute of

A referência ao SAAL foi neste caso feita através do SAAL / Curraleira em Lisboa, cuja publicação se concretizou através de um texto de Portas, seguido do respectivo projecto e de uma reflexão de Manuel Castells, sociólogo Espanhol por nós referido no primeiro capítulo, que esteve em Portugal na época do SAAL e dava agora aulas em Berkeley¹²²⁶.

Hatch afirmou interessar-se pelo tema da arquitectura social desde o início da década de 60¹²²⁷. Este livro pretendia debater “*os objectivos, métodos e o âmbito da arquitectura social*”, ao lado de vinte e seis projectos de doze países, da América e da Europa, que constituíram casos de estudo¹²²⁸. O nome de Portas foi trazido para o texto da contracapa ao lado de arquitectos como Christopher Alexander e Herman Hertzberger, que entre outros apresentaram casos, comentados pelo referido Castells, Geoffrey Broadbent e Alex Tzonis¹²²⁹. De forma previsível, o texto da contracapa foi atravessado por um tom crítico às consequências do capitalismo¹²³⁰.

O bairro de S. Victor de Siza foi referido no livro de Vittorio Lampugnani intitulado *Architecture and city planning in the twentieth century* de 1985¹²³¹.

Tratou-se de um parágrafo que enquadra sucintamente a obra de S. Victor na problemática geral da falta de habitação em Portugal, bem como a sua resolução

Technology, Van Nostrand Reinhold Company, 1984.

¹²²⁶ Portas escreveu sobre o programa em geral e sobre aquele SAAL em particular, tendo sido ilustrado por imagens de operações SAAL / S. Victor e SAAL / Leal, SAAL / Lara e Maceda e imagens da Curraleira, nomeadamente de duas crianças do bairro. PORTAS, Nuno, “SAAL and the Urban Revolution in Portugal”, Ibidem, p. 259 - 264. Um texto introdutório não assinado, evocou as imagens da Revolução de 1974 e sintetizou o surgimento e ocaso do programa SAAL. “SAAL / Curraleira. Lisbon, Portugal”, Ibidem, p. 258. O projecto foi realizado pela equipa liderada pelos arquitectos José António Paradela e Luís Gravata Filipe. A sua publicação foi feita através de um texto ilustrado por imagens de maquetes, plantas, cortes e fotografias daquilo que designam como a “nova Curraleira”. SAAL Curraleira Team, “Designing Curraleira”. SAAL Curraleira Team, “Designing Curraleira”, Ibidem, p. 265 - 269. CASTELLS, Manuel, “Commentary on Bologna / Orcasitas / SAAL”, Ibidem, p. 284, 285.

¹²²⁷ “Acknowledgments”, Ibidem, p. ix.

¹²²⁸ HATCH, C. Richard, *The Scope of Social Architecture ...* 1984, p. contracapa.

¹²²⁹ Ibidem.

¹²³⁰ Ibidem, p. contracapa

¹²³¹ MAGNAGO LAMPUGNANI, Vittorio, *Architecture and city planning in the twentieth century*, Nova Iorque, Van Nostrand Reinhold Company, 1985, p. 218, 219.

através da participação das pessoas afectadas por essa situação, atribuindo a Siza a responsabilidade dessa forma de solucionar o problema¹²³².

Esta é uma reedição em inglês do livro editado em alemão *Architektur und Städtebau des 20. Jahrhunderts* originalmente publicado em 1980, que constitui uma história da arquitectura do século XX¹²³³.

Curiosamente Lampugnani referiu a obra do bairro de São Victor de Siza no último capítulo intitulado “Movimentos Contemporâneos” e não no capítulo anterior “Regionalismo, Empirismo e Novo-Expressionismo”¹²³⁴. Apesar da brevidade da referência, praticamente inevitável numa publicação com aquelas características é de salientar a afirmação do autor sobre ter destacado os movimentos mais representativos “*e dentro destes só os projectos e as obras mais importantes*”¹²³⁵. Sublinhamos que a obra de Siza tem lugar inclusivamente em compêndios com características generalistas como o acabado de referir, como também já tínhamos referido no primeiro capítulo

¹²³² Inclui uma descrição sintética da obra, sendo o texto acompanhado por uma fotografia do bairro de São Victor. Ibidem.

¹²³³ MAGNAGO LAMPUGNANI, Vittorio, *Architektur und Städtebau des 20. Jahrhunderts*, Estugarda, Hatje, 1980. O autor no prefácio da edição inglesa afirmou não ter feito praticamente alterações. MAGNAGO LAMPUGNANI, Vittorio, “Preface”, *Architecture and city planning in the twentieth century*, Nova Iorque, Van Nostrand Reinhold Company, 1985, p. 6.

¹²³⁴ Ibidem, p. 218, 219. Lampugnani desenvolveu a arquitectura e urbanismo do século XX, desde 1910 até à sua contemporaneidade numa área geográfica que cobre a Europa e os EUA, incluindo uma introdução prévia sobre os dois séculos anteriores, agrupando as obras através da semelhança das suas características o que se traduz numa divisão em capítulos sequenciados cronologicamente. O autor depois de fazer uma breve síntese do período “Da Idade da Luz até à Arte Nova”, apresentou os seguintes capítulos: “Racionalismo recente”, “Expressionismo”, “Arquitectura Orgânica”, “Racionalismo”, “Tradicionalismo”, “Neo-Classicismo”, “Racionalismo tardio, Novo-Maneirismo e Engenharia Arquitectónica”, e por último os dois capítulos já referidos: “Regionalismo, Empirismo e Novo-Expressionismo” e “Movimentos Contemporâneos”.

¹²³⁵ Ibidem, p. 8.

3.1.

A continuidade da presença em algumas revistas

Como afirmámos atrás revistas houve que intensificaram a sua publicação de arquitectura portuguesa neste período, como são exemplo as revistas oficiais do Colégio de Arquitectos Espanhóis nomeadamente a *Obradoiro*, a *Quaderns* e a *Arquitectura*, as francesas *L'Ojd* e *AMC* e ainda mais expressivamente a italiana *Casabella*. Outras revistas continuaram a sua regular publicação de arquitectura portuguesa, como a italiana *Lt I* e as francesas *AMC* e *L'Ojd*. Analisamos de seguida estes casos.

Tal como já enunciámos no capítulo anterior a *Obradoiro* publicou arquitectura portuguesa em todos os números que editou neste período. Foi publicado o trabalho de um número alargado de arquitectos do Norte de Portugal, como Siza, Souto de Moura, Domingos Tavares, Alcino Soutinho, Manuel Teles, Adalberto Dias, José M. Carvalho, Manuel Correia Fernandes, Virgínio Moutinho, entre outros.

Apesar de se concentrar na publicação do projecto ou mesmo de ensaios, esses actos são por si só manifestações de uma determinada postura, que está para além do envolvimento determinante de Casabella López e da sua proximidade com a arquitectura portuguesa, por nós referida no capítulo anterior. Desde logo, tal como referimos anteriormente era intenção da direcção que assumiu funções em 1983 abrir a revista ao que se passava disciplinarmente ao nível internacional, quer ao nível teórico quer ao nível da prática¹²³⁶. Argumentamos que é perceptível a identificação com correntes internacionais como o regionalismo crítico de Frampton, plasmada por exemplo na publicação de um texto seu em 1984 intitulado “Anti-tabla Rasa. Hacia un Regionalismo crítico”, o que constituiu aparentemente a sua primeira tradução em Espanha¹²³⁷. Por outro lado, se entendiam ser premente publicar o trabalho de arquitectos de outras regiões de Espanha e de nacionalidades como irlandesa e sul-americanas, é dado

grande destaque ao interesse em publicar trabalhos de arquitectos portugueses, mais especificamente dos arquitectos do Porto, pela similitude de problemas que se colocam e pelo enriquecimento que introduzem na discussão por serem abordadas sob o ponto de vista de outra cultura¹²³⁸. Notamos que apesar de Siza ser destacado como figura incontornável da escola do Norte não foi usada a expressão escola do Porto.

Assim, pelo segundo ano consecutivo e neste caso em dois números, os únicos publicados em 1984, a *Obradoiro* publicou no número 9 duas casas de Souto de Moura, uma no Gerês e outra no Porto, uma casa de Manuel Teles [fig. A3.1]; e no número 10, duas casas de Alcino Soutinho, uma no Algarve e outra no Minho, e uma casa de Domingos Tavares acompanhada por um texto intitulado “A Casa do Emigrante” [fig. A3.2]¹²³⁹.

Os dois arquitectos portugueses, Soutinho e Tavares, são os únicos referidos no editorial respectivo, onde são apresentados como professores da Faculdade de Arquitectura do Porto, num esforço de identificação dos dois profissionais, que segundo Casabella López não eram muito conhecidos na Galiza¹²⁴⁰. Casabella López explicou-nos que naquela altura já se começava a ver o trabalho de “Souto de Moura como sucessor de Siza”, apesar da sua única obra construída na época ser a casa no Gerês, salientando que o projecto da casa no Porto consistia numa proposta bastante inovadora, indiciando que a “*arquitectura portuguesa*” era algo mais que Álvaro Siza¹²⁴¹. Sobre a publicação da casa em construção de Manuel Teles, López lembrou que resultou de um contacto que teve com alunos finalistas

¹²³⁶ “editorial”, *Obradoiro*, n. 12, 1985, p. 2, 3.

¹²³⁹ Os projectos foram publicados através de elementos gráficos, desenhos, fotografias e breves textos descritivos, à excepção da casa de Souto de Moura no Porto, que é publicada unicamente através de desenhos rigorosos. MOURA, Eduardo Souto, “Refugio de fin de semana no Gerês (Portugal)”, *Obradoiro*, n. 9, 1984, p. 20, 21; MOURA, Eduardo Souto, “Casa Taxa de Farias (Porto)”, *Ibidem*, p. 22; e TELES, Manuel, “Casa Gaia (Porto)”, *Obradoiro*, n. 9, 1984, p. 24 - 26. Estas obras foram apresentadas através de elementos gráficos, desenhos rigorosos, esboços, fotografias, e textos, à excepção da casa de Alcino Soutinho no Minho que não é acompanhada de qualquer artigo. SOUTINHO, Alcino, “Casa Grade. (Algarve)”, *Obradoiro*, n. 10, 1984, p. 19 - 24; SOUTINHO, Alcino, “Casa no Minho”, *Ibidem*, p. 25, 26; e TAVARES, Domingos, “A casa do Emigrante”, *Ibidem*, p. 41 - 44.

¹²⁴⁰ “editorial”, *Obradoiro*, n. 10, 1984. CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

¹²⁴¹ CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

¹²³⁶ “editorial”, *Obradoiro*, n. 12, 1985, p. 2, 3.

¹²³⁷ FRAMPTON, Kenneth, “Anti-tabla Rasa. Hacia un Regionalismo crítico”, *Obradoiro*, n. 10, 1984, p. 60 - 64. No editorial do número 12 da *Obradoiro* é referida a originalidade da publicação daquele artigo. “Editorial”, *Obradoiro*, n. 12, 1985, p. 2, 3. Outro exemplo da afinidade da direcção da *Obradoiro* com o regionalismo crítico é patente no editorial do número 10, que ao se posicionar relativamente à problemática da “*arquitectura popular*”, serviu-se de uma citação de Frampton “editorial”, *Obradoiro*, n. 10, 1984.

que trabalhavam com o arquitecto, os quais mostraram bastante entusiasmo por aquela obra de ampliação de uma construção pré-existente de carácter tradicional¹²⁴².

Em 1985, pelo terceiro ano consecutivo e também em dois números, os únicos publicados neste ano, à semelhança do anterior, a *Obradoiro* publicou no número 11 o Banco Borges & Irmão de Siza e a remodelação da Biblioteca – Museu de Alcino Soutinho [fig.A3.9]; e no número 12 publicou duas obras de Adalberto Dias, o edifício de vivendas e comércio em Vila do Conde e o projecto apresentado a concurso para o Parlamento nos Açores¹²⁴³. Casabella López disse-nos em entrevista que a obra de Siza era uma intervenção inovadora num tecido urbano consolidado e tradicional, pelo que o facto de estar numa fase adiantada de construção consituía uma oportunidade editorial¹²⁴⁴.

Depois de um interregno na publicação da *Obradoiro* por falta de meios do Colégio de Arquitectos da Corunha, Casabella López voltou a integrar a equipa vencedora do concurso para o conselho de redacção¹²⁴⁵. Logo no editorial do seu primeiro número, o número 13 de 1987, a equipa voltou a declarar a intenção de dedicarem a sua atenção à produção dos arquitectos do Porto, “*justificável não só pela vizinhança física, como também pela qualidade da mesma*”¹²⁴⁶. Esta proximidade estendia-se à colaboração com a própria revista sendo de referir que os números 13, 14 e 15 da revista *Obradoiro* de 1987 a 1989 contaram com a colaboração de Manuel Mendes e como correspondentes Sérgio Fernandez, José Manuel Soares e José Luís Carvalho.

Assim no número 13 de 1987 a renovada equipa da *Obradoiro* publicou obras de Siza, Virgínio Moutinho [fig.A3.38], e de José Carvalho e Manuel Correia Fernandes, cada um dos dois últimos em co-autoria com outros arquitectos; e no número 14 de 1988 publicou a Câmara Municipal de Matosinhos de Soutinho¹²⁴⁷. No respectivo editorial, foi explicitado que visitaram a Câmara na companhia do arquitecto sendo elogiado o agradável carácter daquele que consideraram um bom profissional¹²⁴⁸ [fig.A3.52]. Casabella López comentou-nos em entrevista que para a preparação daquele número da revista organizaram um jantar na Casa de Chá da Boa Nova com vários arquitectos do Porto e visitaram duas obras, a referida Câmara de Matosinhos e o Pavilhão de Exposições e Desportos em Braga de Gonçalo Byrne¹²⁴⁹.

Josep Lluís Mateo, o referido director da *Quaderns* entre 1981 e 1990, promoveu outras inciativas de reflexão sobre arquitectura, assumindo um papel de dimensão cultural no panorama internacional, tendo contado com o contributo da arquitectura portuguesa em várias ocasiões.

Depois do número monográfico sobre Siza de 1983, referido por nós no capítulo anterior, Mateo publicou o trabalho de arquitectos portugueses num número da *Quaderns* em cada um dos anos seguintes até 1989, sendo que em 1988 foi publicado em dois números. O trabalho, pensamento ou esboços de Siza constituíram a escolha dominante de Mateo, tendo sido sempre publicado o trabalho daquele arquitecto português¹²⁵⁰ [fig.A3.3], com a excepção do número 167 / 168 de 1985, no qual publicou Jorge Gigante com Francisco Melo e Souto de Moura. Publicou mais uma vez o trabalho de Souto de Moura e ainda de João

¹²⁴² Ibidem.

¹²⁴³ Os projectos foram publicados exclusivamente através de elementos gráficos, desenhos rigorosos e fotografias. VIEIRA, Siza, “Banca Borges & Irmão, en Vila do Conde (Portugal)”, *Obradoiro*, n. 11, 1985, p. 5 – 1; e Soutinho, Alcino, “Remodelação da biblioteca – museo Albano Sardoeira”, Ibidem, p. 40 – 51. De acordo com o respectivo editorial, este número da revista *Obradoiro* é dedicado à intervenção no património edificado. “Editorial”, Ibidem, p. 2, 3. Os projectos foram publicados através de breves textos, elementos gráficos, desenhos rigorosos e esboços, e no caso da obra em Vila do Conde também de fotografias. DIAS, A., “Edifício de oficinas e comercio en Vila do Conde (Portugal)”, *Obradoiro*, n. 12, 1985, p. 46 – 54; e DIAS, A., SILVA, P., “Concurso para o novo edifício do Parlamento de Açores”, Ibidem, p. 55 – 60. O edifício do Parlamento dos Açores foi projectado em co-autoria com Paula A. Silva.

¹²⁴⁴ CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

¹²⁴⁵ Casabella López decidiu voltar a apresentar-se em conjunto com outros dois arquitectos Alberto Noguerol e Alfonso Penela, uma vez que os elementos que constituíam a equipa anterior já não estavam disponíveis. CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

¹²⁴⁶ “Editorial”, *Obradoiro*, n. 13, 1987, p. 1.

¹²⁴⁷ De Siza foi publicado o Casino de Salzburgo, de José M. Carvalho, José M. Soares e de António Corte-Real foi publicado o asilo em Baião, de M. Correia Fernandes e L. Pinho Miranda, a Assembleia Regional dos Açores, e os brinquedos de Virgínio Moutinho. Aquelas obras foram publicadas através de textos e de elementos gráficos: desenhos rigorosos – à excepção dos brinquedos de Moutinho, e de fotografias; sendo de referir que as fotografias dos brinquedos de Moutinho vão sendo publicadas ao longo do número. SIZA, Álvaro, “Casino de Salzburgo”, *Obradoiro*, n. 13, 1987, p. 22 – 31; CARVALHO, José M., SOARES, José M., CORTE – REAL, António, “Asilo en Baião”, Ibidem, p. 53 – 59; FERNANDES, M. Correia, MIRANDA, L. Pinho, “Assembleia Regional dos Açores”, Ibidem, p. 61 – 65; e MOUTINHO, Virgínio, “Xoguetes”, Ibidem, p. 79. A Câmara de Matosinhos de Alcino Soutinho foi publicada através de elementos gráficos, desenhos rigorosos e fotografias. SOUTINHO, Alcino, “Concello de Matosinos”, *Obradoiro*, n. 14, 1988, p. 43 – 55.

¹²⁴⁸ “Editorial”, Ibidem, p.1.

¹²⁴⁹ CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.

¹²⁵⁰ Para além das publicações do trabalho de Siza que detalharemos, em 1984, a *Quaderns* publicou no seu número 163 o seu projecto da Casa Baía. O projecto foi publicado através de um texto descritivo de autoria de Siza e de elementos gráficos, esboços e desenhos. SIZA, Álvaro, “Casa Baía. 1983”, *Quaderns*, n. 163, 1984, p. 60 – 64.

Álvaro Rocha¹²⁵¹. Mateo explicou-nos em entrevista que a publicação de outros arquitectos que não Siza constituiu a continuação natural deste trabalho¹²⁵².

Em 1984, Mateo organizou uma conferência sobre arquitectura europeia contemporânea que envolveu arquitectos por nós referidos a propósito da divulgação internacional da arquitectura portuguesa, José Paulo dos Santos, Wilfried Wang e Kenneth Frampton, permitindo-nos perceber como se estabeleceram eventualmente alguns pontos de contacto e ficando sobretudo clara a afinidade teórica entre eles e Mateo. Esta conferência serviu também como preparação ao número 167 / 168 da *Quaderns* de 1985¹²⁵³.

Na conferência participaram entre outros: Wang, Lucan, Vachini, Podrecca e José Paulo dos Santos¹²⁵⁴. Santos comentou-nos em entrevista que o convite para participar no colóquio surgiu na sequência da preparação do número 5 da *9H* publicada em 1983, durante a qual Mateo foi uma colaboração preciosa e bastante activa reactivamente à selecção dos arquitectos com trabalhos em Espanha e na Suíça¹²⁵⁵, como referimos no capítulo anterior. O conhecimento entre Wang e Mateo data da mesma época¹²⁵⁶.

Santos continuou explicando-nos em entrevista que na conferência que proferiu quis apresentar o trabalho de vários arquitectos portugueses dada a preocupação em transmitir um panorama abrangente daquilo que em seu entender era a prática profissional em Portugal na época, apesar do “*desconforto*” que diz ter sentido na apresentação de alguns dos trabalhos por não se identificar com

eles¹²⁵⁷. No entanto, Santos informou-nos que a selecção dos projectos publicados na *Quaderns* n. 167 / 168 foi da exclusiva responsabilidade da revista embora tenham sido escolhidos de entre aqueles que apresentou¹²⁵⁸. Foram publicadas a Central Telefónica em Vila Nova de Gaia de José Gigante e Francisco Melo e o Mercado e o café em Braga de Souto Moura¹²⁵⁹.

Mateo no seu editorial afirmou que pretenderam publicar nesta edição obras realizadas num contexto cultural próximo do Espanhol, sem uma preocupação de sintetizar o panorama europeu e evitando autores ou obras frequentemente publicados¹²⁶⁰. Argumentamos que esta é decerto uma das possíveis justificações para este número ter constituído a excepção de publicação do trabalho de Siza na *Quaderns*.

Ficou claramente explicitada a afinidade teórica que ligava Mateo a Frampton na entrevista de Frampton publicada neste número 167/168 da *Quaderns* sugestivamente intitulada “Europa y la continuidad del proyecto moderno” em torno dos projectos publicados naquele número, quando este afirmou ser conhecida a sua simpatia pela linha editorial que aquela revista tinha adoptado nos últimos anos¹²⁶¹.

É interessante verificar que Frampton não quis começar a entrevista sem deixar claro a posição geográfica que ocupava por entender poder influenciar o seu pensamento. Tal lembra questões geográficas levantadas pela classificação à margem atribuída à arquitectura portuguesa e consequente dialéctica centro / periferia. Frampton afirmou que supõe que a equipa da *Quaderns* o deve ter convidado para se pronunciar sobre a jovem arquitectura europeia por ele viver em Nova Iorque, o que em seu entender equivale a viver em Veneza no século XX e lhe confere uma posição “*objectiva*”, por aquela cidade se situar entre a Europa e o continente americano¹²⁶². Argumentamos que a distância a

¹²⁵¹ De Souto de Moura foi publicada uma casa em Nevogilde no número 169 / 170 da *Quaderns* de 1986. O projecto foi publicado através de desenhos, fotografias e de uma breve descrição do autor. MOURA, Eduardo Souto de, “Casa II”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986, p. 102, 91. De João Rocha foi publicada a ampliação de uma Central Telefónica na Maia no número 178 da *Quaderns* de 1988, através de elementos gráficos, desenhos e fotografias e um breve texto. ROCHA, João Álvaro, “Ampliación de una central telefónica”, *Quaderns*, n. 178, 1988, p. 70 – 75.

¹²⁵² MATEO, Josep-Lluís, entrevista por correio electrónico, 11/3/2013.

¹²⁵³ *Quaderns*, n. 167/168, 1985, s/p. Este número não foi publicado em catalão como os anteriores por nós consultados, mas sim numa edição bilingue em Espanhol e Inglês.

¹²⁵⁴ Os restantes participantes foram: Claes Caldenby, Werner Oechslin, Vittorio Savi, N. Nerdinger, Nils Ole-Lund, Bertrand Lemoine, Adolfo Natalini. *Quaderns*, n. 167/168, 1985, s/p.

¹²⁵⁵ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

¹²⁵⁶ Na conferência Wang tinha-se centrado sobre o desenvolvimento da arquitectura na Europa em geral, tendo publicado igualmente um artigo neste número da *Quaderns*. Mais tarde, Mateo publicou um projecto de um teatro no qual Wang tinha trabalhado em Londres. WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012.

¹²⁵⁷ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

¹²⁵⁸ Idem.

¹²⁵⁹ GIGANTE, Jorge, MELO, Francisco, “Central Telefónica. Vila Nova de Gaia.”, *Quaderns*, n. 167/168, 1985, p. 80 – 83; “Mercado”, Ibidem, p. 84 – 87; e MOURA, Eduardo Souto de “Café del Mercado. Braga.”, Ibidem, p. 88 – 93. Estas obras foram apresentadas através de elementos gráficos, desenhos e fotografias e de textos dos arquitectos autores das obras, à excepção da obra do mercado em Braga que não é acompanhado de qualquer texto.

¹²⁶⁰ MATEO, Josep Lluís, “Proemio”, *Quaderns*, n. 167/168, 1985/1986, p. 3.

¹²⁶¹ RAVETLLAT, Pere Joan, “Europa y la continuidad del proyecto moderno. Pere Joan Ravetllat entrevista a Kenneth Frampton / Europe and the continuity of the modern Project. Pere Joan Ravetllat interviews Kenneth Frampton”, Ibidem, p. 142.

¹²⁶² Ibidem.

que Frampton se pretende colocar parece querer afastar-se das interpretações baseadas em argumentos de ordem geográfica, reclamando em seu lugar uma outra clarividência, que nós entendemos ser trazida pelo referido conceito Epicentro Arquitectónico.

Sobre a arquitectura portuguesa, e correndo o risco de generalizar, Frampton incluiu-a num grupo em conjunto com a italiana e espanhola de tendência racionalista, enquanto que a arquitectura da Alemã Ocidental, Holanda e Suíça têm em seu entender uma maior preocupação tectónica ou construtivista, sofrendo no entanto ambas influências recíprocas¹²⁶³. Frampton deu a obra de Souto de Moura como o exemplo de um “*racionalismo mais rigoroso*” comparável à de Gigante na medida em que interpretam “*os princípios ‘estruturalmente racionalistas’ de Auguste Perret e seus discípulos*”¹²⁶⁴. Mas também usou a obra de Souto de Moura e de Siza como exemplos de sínteses mais complexas: a de Souto de Moura como uma qualificação “*‘tectónica’ da forma ‘racional’*” influenciado tanto por Mies da primeira fase como pelo construtivismo europeu do período antes da guerra; e a de Siza com um “*ponto de partida racional modelado por incidentes orgânicos de natureza estritamente estrutural ou construtiva*”¹²⁶⁵. Frampton identificou como referências do trabalho de Siza, Duiker, Chareau, Aalto assim como “*os paradigmas clássico-rationais*”¹²⁶⁶. Estes foram exemplos que demonstram a sua afirmação que qualquer tendência é susceptível de como disse, sofrer “*inflexões*” de outra tendência¹²⁶⁷. No entanto, entendia que as obras italianas, espanholas e portuguesas eram exemplos de obras regionalistas críticas no sentido em que dando continuidade ao projecto Moderno, o faziam de uma forma crítica, adaptando as formas e tipos com uma “*atitude topográfica*” completamente oposta à “*tabula rasa*” característica daquele movimento¹²⁶⁸. Frampton referiu o trabalho de Siza, como praticamente único, pela elevada capacidade de responder com subtilidade a um contexto específico; e terminou a entrevista com uma citação daquele arquitecto português sobre os arquitectos não inventarem nada, mas sim transformarem modelos que encontram¹²⁶⁹. Estas

considerações sobre o trabalho de Souto de Moura constituem as primeiras reflexões que encontramos de um intermediário cultural internacional sobre o arquitecto português.

Neste período, os projectos de Souto de Moura foram publicados com mais frequência. No entanto, embora Souto de Moura tenha participado na Bienal de Veneza em 1985, dirigida por Rossi, entre 1500 arquitectos de todo o mundo que apresentaram propostas para aquela cidade, o seu projecto para a Ponte dell’ Academia não foi seleccionado para o respectivo catálogo. No catálogo foram publicados trabalhos de arquitectos portugueses para a área Rocca di Noale, de José Alberto Miranda com Angelo Bondiolie, de João Sérgio Santos Carreira¹²⁷⁰.

Foi publicado um projecto de Souto de Moura no catálogo intitulado *Corbu vu par*, referente à exposição com o mesmo nome organizada pelo Departamento de Difusão do Instituto Francês de Arquitectura dedicada a Le Corbusier, em 1987, ao lado de nomes como Ando, Correa, Jencks, Tshumi, Vachini, entre muitos outros¹²⁷¹. Nas páginas de apresentação do projecto foi ainda publicada uma fotomontagem onde Siza surge entre os monges que estavam a olhar para um projecto de Le Corbusier¹²⁷² [fig.A3.45].

O projecto do café do mercado de Braga de Souto de Moura foi publicado no livro de edição francesa intitulado *Cafés* de 1988, ao lado de outros vinte e seis arquitectos internacionais como Himmelblau, Sottsass Associati, Morphosis, Portzamparc, Tschumi, Ando, entre outros¹²⁷³ [fig.A3. 59]. Ao longo deste

¹²⁷⁰ A Bienal intitulada *Progetto Venezia* teve lugar no Giardini di Castello entre 20 de Julho a 29 de Setembro de 1985. Os arquitectos foram convidados a projectar para dez áreas definidas de Veneza: Piazza di Badoere, Piazza di Este, Villa Farsetti, Piazza di Palmanova, Castelli di Giulietta e Romeo, Rocca di Noale, Prato della Valle, Academia Bridge, Mercato di Rialto e Ca’ Vernier dei Leoni. Foram premiados pelos seus projectos entre outros: Robert Venturi, Franco Purini, Alberto Ferlenga, Daniel Liebeskind e Peter Eisenman. <http://www.labiennale.org/en/architecture/history/3.html?back=true> acedido a 12/12/2013. Os projectos dos portugueses foram publicados através de um desenho, uma breve memória descritiva e uma resumida biografia dos autores, ocupando cada um na totalidade meia página A4. “José Alberto Miranda, Angelo Bondioli”, *Terza Mostra Internazionale di Architettura: Progetto Venezia*, Milão, Electa, Biennale di Venezia, 1985, vol. I, p 254; “João Sérgio Santos Carreira”, *Ibidem*, p 267.

¹²⁷¹ O projecto de Souto de Moura publicado foi a casa no Algarve através de desenhos rigorosos, plantas e alçados. “Eduardo Souto de Moura”, *Corbu vu par*, Bruxelas, Pierre Mardaga Editeur, 1987, p. 158, 159.

¹²⁷² *Ibidem*, p. 158.

¹²⁷³ O café do mercado de Braga de Souto de Moura foi publicada através de um texto e de elementos gráficos, fotografias e esquisso “Eduardo Souto de Moura. Café du Marché. Braga. 1984”, in Line Dru, Carlo Aslan, *Cafés*, Milão - Paris, Electa - Moniteur, 1988, p. 98, 99.

¹²⁶³ *Ibidem*, p. 143.

¹²⁶⁴ *Ibidem*, p. 144.

¹²⁶⁵ *Ibidem*.

¹²⁶⁶ *Ibidem*.

¹²⁶⁷ *Ibidem*, p. 142 – 147.

¹²⁶⁸ *Ibidem*, p. 146.

¹²⁶⁹ *Ibidem*, p. 147.

capítulo abordaremos outros eventos que contaram com a participação do trabalho de Souto de Moura.

Em 1987, Mateo voltou a organizar um encontro internacional a propósito da situação da arquitectura Europeia Contemporânea; e à semelhança do número 167 / 168 de 1985, por nós referido, também este número 175 da *Quaderns* surgiu na sequência deste encontro, através da recolha das conferências¹²⁷⁴.

Siza participou em conjunto com outros arquitectos como Herzog, Venezia, Solà-Morales, Lucan e Koolhaas¹²⁷⁵. A conferência de Siza consistiu no relato de uma das viagens que o seu pai organizava nas férias de Verão, neste caso com destino a Barcelona, tendo também sido publicado o seu Pavilhão da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto¹²⁷⁶ [fig.A3. 40].

O editorial de Mateo é bastante interessante por discorrer sobre a inexistência de centro, e estabelecer a diferença entre periferia e margem, conceitos que atravessam a presente dissertação. Mateo explicou que o desaparecimento dos mestres levou à desestruturação daquilo que designou como o “*território da criação projectual*”, situação que para Mateo deve ser enfrentada e pensada de forma a alcançar-se posições substantivas que questionem a globalidade e não fiquem confinadas a territórios estritos¹²⁷⁷. É neste ponto que Mateo distingue a periferia de centro, afirmando que periferia parece ser o local naturalmente alternativo ao centro, onde se pode produzir arquitectura renovadora, mas que não deve ser considerada marginal, situação na qual seria condenada a definhar¹²⁷⁸.

¹²⁷⁴ *Quaderns*, n. 175, 1987, s/p.

¹²⁷⁵ Os outros arquitectos participantes foram: Dietmar Steiner, Miroslav Sik, Coop Himmelblau. Apesar de todos os esforços desenvolvidos não conseguimos confirmar se também estiveram presentes Albert Viaplana, Ludovico Quaroni, Wang e Frampton.

¹²⁷⁶ A publicação da conferência é intercalada por dois esboços de Siza e completada por uma pequena biografia do arquitecto. VIEIRA, Álvaro Siza, “Barcelona, una evocación”, *Quaderns*, n. 175, 1987, p. 46 – 51. O Pavilhão da Faculdade de Arquitectura foi publicado através de fotografias e desenhos, e da republicação de um extracto de um texto de Siza editado no número 169/170 *Quaderns* de 1986. VIEIRA, Álvaro Siza, “El pabellón de la Facultad de Arquitectura”, *Quaderns*, n. 175, 1987, p. 52 – 59.

¹²⁷⁷ MATEO, Josep Lluís, “No existe el centro”, *ibidem*, p. 2.

¹²⁷⁸ *Ibidem*, p. 3.

Em nosso entender trata-se no fundo de reclamar para a periferia uma outra posição central, ainda que possa ser excêntrica. Tal posição parece-nos bastante interessante por se adequar à situação da arquitectura portuguesa perante a realidade internacional que abordamos na presente investigação, a qual começou por ser descrita como estando à margem mas que demonstramos na nossa dissertação participar da discussão global, constituindo o que preferimos designar como Epicentro Arquitectónico, na formulação de Çeferin. Esta afirmação de Mateo é ainda mais interessante se a associarmos à de Frampton proferida no número 167/168 da *Quaderns* de 1985 por nós referida, relativa ao seu distanciamento, fazendo parecer que aquele tempo carregava o germen do questionamento da validade das discussões geográficas.

Provavelmente na sequência da organização destes encontros e da sua actividade na *Quaderns*, Mateo em conjunto com Eduard Bru publicou um livro em 1987 intitulado *Arquitectura Europea Contemporânea* através da Gustavo Gili¹²⁷⁹. Quatro arquitectos portugueses, Siza, José Paulo dos Santos, Souto de Moura e José Gigante, foram publicados ao lado de outros vinte e oito ateliers europeus como: Rossi, Oiza, Diener & Diener, OMA, Foster & Associates, Vacchini, Herzog / De Meuron entre outros¹²⁸⁰.

¹²⁷⁹ Os mesmos arquitectos tinham sido autores de um livro intitulado *Arquitectura Española Contemporânea* editado em 1984. BRU, Eduard, MATEO, Josep Lluís, *Arquitectura Europea Contemporânea*, Barcelona, Gustavo Gili. 1986. Em 1984, a mesma editora publicou o livro *La casa unifamiliar*, da autoria de David Mackay, no qual foi publicada a casa Beires de Siza, em conjunto com aproximadamente trinta habitações unifamiliares desenhadas por outros tantos arquitectos internacionais, como Tadao Ando, Peter Eisenman, Aldo van Eyck, Michael Graves, Gregotti Associati, Arata Isozaki, Toyo Ito, Philip Johnson, Martorell / Bohigas / Mackay, Richard Meier, Miller / Colquhoun, Paolo Portoghesi, entre outros. “Casa Beires, Portugal, Álvaro Siza Vieira”, in David Mackay, *La casa unifamiliar*, Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p. 142 – 145.

¹²⁸⁰ Neste livro, entre trinta e seis projectos publicados, cinco são projectos realizados por portugueses: a agência bancária em Vila do Conde de Siza, o concurso para o Campo de Marte em Veneza de Siza e José Paulo dos Santos, o mercado e o café em Braga de Souto de Moura e a central telefónica em Vila Nova de Gaia de José Gigante. A autoria da obra da central telefónica de Vila Nova de Gaia, no número 167 / 168 da *Quaderns* de 1985 aparece como sendo de José Gigante e Francisco Melo e neste livro como de José Gigante, estúdio Jorge Gigante – Francisco Melo. Cada um destes projectos foi publicado através de um breve texto do respectivo autor e de elementos gráficos, fotografias, desenhos rigorosos e esboços como no caso do concurso para Veneza. VIEIRA, Álvaro Siza, “Agencia bancaria, Vila do Conde (Portugal)”, *Ibidem*, p. 100 – 103; VIEIRA, Álvaro Siza, SANTOS, José Paulo, “Concurso internacional para la nueva estructura del Campo de Marte en la Giudecca, Venecia (Italia)”, *Ibidem*, p. 104, 105; MOURA, Eduardo Souto de, “Mercado municipal en Braga (Portugal)”, *Ibidem*, p. 106, 107; MOURA, Eduardo Souto de, “Café del mercado, Braga (Portugal)”, *Ibidem*, p. 108, 109; GIGANTE, José, “Central telefónica, Vilanova de Gaia – Oporto (Portugal)”, *Ibidem*, p. 110, 111. Os restantes ateliers publicados foram: Braghieri, Reinhart, Calatrava, Reichlin, Amsler / Rueger, Richter / Gerngross, Spikla, Beigel, López Coteló / Puente, Podrecca, Blau, De La Sota, Llinás, Koolhaas, Martínez Lapeña / Torres, Viaplana / Piñón, Moneo, Colquhoun / Miller, Venezia e Hollein. *Ibidem*.

Mateo e Bru assumiram uma leitura própria e interpretativa do que se produzia na Europa, plasmada na selecção de arquitectos que apresentam neste livro, a qual resultou da procura da arquitectura que entendiam ser a mais renovadora¹²⁸¹. Dois arquitectos portugueses foram trazidos para a contracapa do livro: Souto de Moura, apresentado como um de entre os arquitectos mais jovens e Siza, cujo trabalho se destaca pelas “*qualidades estéticas*” introduzidas pela “*relação do fazer com o pensar*”¹²⁸². Mateo reproduziu o texto de Siza intitulado “Me gostaria construir en...” anteriormente editado como exemplo da atitude perante o contexto, de construção do novo e de superação dos seus limites, e de integração de outras culturas¹²⁸³.

Bru incluiu o trabalho dos arquitectos Siza e Souto de Moura naquilo que designou como arquitectura realista, pretendendo com isso significar a arquitetura marcada pelo objectivo de se adaptar à realidade física, construtiva e ambiental¹²⁸⁴.

Sobre Siza, Bru destacou sobretudo a expressão da tensão perante aquilo que designámos como o confronto com o real alargado, através de “*grandes deformações sobre plantas simples*”, essencialmente depois da casa Beires, onde recorre a elementos da arquitectura do século XIX¹²⁸⁵. Esta afirmação vem na esteira de textos anteriores de Mansilla e até mesmo de Frampton¹²⁸⁶. Bru numa tendência já demonstrada por Bédarida estendeu a característica da arquitectura de Siza de confronto com o real alargado a toda a escola do Porto¹²⁸⁷. Por último, Bru retomou o texto de Moneo de dez anos antes para deixar a pergunta que fez na altura sobre se Siza deixará de ter necessidade de inventar um lugar¹²⁸⁸.

¹²⁸¹ BRU, Eduard, MATEO, Josep Lluís, Ibidem, p.6; MATEO, Josep Lluís, “Proyecto y verdad”, Ibidem, p.7 – 14; BRU, Eduard, “Arquitecturas europeas”, in Ibidem, p.15 - 34.

¹²⁸² Ibidem, p. contracapa.

¹²⁸³ O texto de Siza intitulado “Me gostaria construir en...” foi editado no número 169 / 170 da *Quaderns* de 1986, por nós analisado. MATEO, Josep Lluís, “Proyecto y verdad”, in Ibidem, p. 13, 14.

¹²⁸⁴ BRU, Eduard, “Arquitecturas europeas”, in Ibidem, p. 24.

¹²⁸⁵ Ibidem, p. 26.

¹²⁸⁶ Referimo-nos ao texto escrito por Mansilla publicado no número 261 da *Arquitectura* de 1986 e ao texto de Frampton publicado no número 514 da *Casabella* de 1984, ambos por nós analisados.

¹²⁸⁷ BRU, Eduard, “Arquitecturas europeas”, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona, Gustavo Gili. 1986, p. 26. Bédarida estendeu várias características da arquitectura de Siza à escola do Porto no seu texto publicado no número 7 da *AMC* de 1985, por nós analisado.

¹²⁸⁸ BRU, Eduard, “Arquitecturas europeas”, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona,

Sobre Souto de Moura, Bru afirmou que o seu trabalho é miesiano e neoplástico¹²⁸⁹. Embora tenha estabelecido semelhanças com as imagens do trabalho de Siza do período entre 65 e 70, assinalou as diferenças no desenho da planta, que no caso de Souto de Moura se define por deslocação de planos verticais e horizontais¹²⁹⁰. Também encontrou diferenças entre o trabalho dos dois arquitectos no uso de clarabóias, que Siza coloca nos pontos de tensão, enquanto Souto de Moura as usa em espaços centrais¹²⁹¹. Destacou o facto da sua atitude ser oposta à *tabula rasa* característica do movimento moderno, ao deixar junto das suas obras ruínas ou testemunhos de tempos passados, tornando a sua obra como mais um sinal da passagem dos tempos¹²⁹².

Os outros três números da *Quaderns* nos quais Siza foi publicado, número 169 / 170 de 1986, 176 e 178 de 1988 são bastante interessantes por Siza se ter pronunciado sobre a sua prática.

No essencial da entrevista publicada no número 169 / 170 da *Quaderns* de 1986¹²⁹³, Siza retomou e aprofundou o tema da importância das circunstâncias para o desenvolvimento dos seus projectos, bem como a noção destes participarem num movimento de transformação mais amplo. Falou pela primeira vez do

Gustavo Gili. 1986, p. 26. Bru citou Moneo no seu texto publicado no número 12 da *Arquitecturas Bis* de 1976, por nós analisado. Encontrámos uma memória da revista *Quaderns* neste livro, desta feita do número 159 de 1983, páginas 28 a 30, monográfico dedicado a Siza, no qual são publicadas várias plantas de diferentes projectos de Siza lado a lado, sem referências de escala, acontecendo o mesmo, ainda que com um número menor de projectos, no artigo de Bru quando este analisou o trabalho de Siza. BRU, Eduard, “Arquitecturas europeas”, Ibidem.

¹²⁸⁹ BRU, Eduard, “Arquitecturas europeas”, in Ibidem, p. 29.

¹²⁹⁰ Ibidem.

¹²⁹¹ Ibidem.

¹²⁹² Ibidem.

¹²⁹³ Este número teve uma edição bilingue Espanhol / Inglês à semelhança do anterior, sendo um número diversificado que não teve editorial. Neste número foi também publicada uma casa em Nevogilde de Souto de Moura. Foi ainda publicado um projecto de Siza, a agência bancária em Vila do Conde, através de desenhos e fotografias. VIEIRA, Álvaro Siza, “Agencia bancária”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986, p. 65 – 75. Ao longo das páginas da entrevista foram apresentadas obras de Siza, nomeadamente, uma cadeira e uma lâmpada, a que se segue na página imediata um texto de Siza com o título “Sobre a dificuldade de desenhar um móvel”, publicado em Português, Espanhol e Inglês. Foram também publicados os projectos do Pavilhão Carlos Ramos da Faculdade de Arquitectura do Porto, com desenhos e uma fotografia da maquete, e o projecto do Concurso no Campo di Marte da ilha da Giudecca em Veneza, através de uma memória descritiva e de desenhos. Desta forma foi levado a cabo uma apresentação mais completa do trabalho de Siza. CERVELLÓ, Marta, “Entrevista a Álvaro siza Vieira”, Ibidem, p. 76 – 89.

desafio de projecto e da necessidade em combinar vários materiais, por razões práticas da construção como a colocação de protecções, remates e rodapés entre outros ¹²⁹⁴. Siza mencionou o facto da existência de condicionantes facilitarem o desenvolvimento dos projectos, tal como já o tinha feito anteriormente¹²⁹⁵. Quando interrogado por Marta Cervelló sobre a cada vez maior escala dos seus projectos e a maior sistematização, reafirmou a importância das circunstâncias em projectos de qualquer escala¹²⁹⁶. A diferença em seu entender entre projectos de maior e de menor escala é que dada a menor sistematização em projectos mais pequenos cada detalhe pode tornar-se um problema e torna-se por isso, num projecto mais difícil¹²⁹⁷. É interessante observar que Siza procura aquelas circunstâncias em qualquer projecto tal como ele afirmou, mesmo em áreas de expansão de Macau que ainda virão a ser conquistadas ao mar, ou como se mostra atento a pequenos “*acidentes*” como no desenho do Pavilhão Carlos Ramos, nas suas palavras dando-lhes “*sentido fazendo bom o que era mau*”¹²⁹⁸.

Por outro lado, Siza quis chamar à atenção para, e tendo em conta que o projecto faz parte do processo de transformação maior como já tinha afirmado em anteriores ocasiões, a necessidade de ajustar a transformação proposta pelo projecto à dinâmica da transformação real do sítio, a qual em seu entender se deve manter; pelo que os seus projectos para a Giudecca em Veneza e para a agência bancária de Vila do Conde são pouco transformadores¹²⁹⁹. Siza acrescentou que as rupturas não devem ser provocadas quando não há uma razão suficientemente forte como por exemplo um programa ou um edifício de dimensão excepcional na cidade¹³⁰⁰. No entanto, tal não quer dizer que os seus projectos sejam miméticos em relação ao lugar, como também já tinha afirmado

anteriormente, ou que preservar o existente seja uma atitude superficial, de imitação da cor ou do ritmo das janelas, porque tal poderia transformar-se numa receita, de valor inexistente, pois não existem fórmulas¹³⁰¹. Siza afirmou que a arquitectura deve parecer nova, e sintetizou “*a minha arquitectura está muito em contraste e demarcada do existente mas opera na sua lógica essencial*”¹³⁰².

Siza terminou a entrevista com uma nota que vem de encontro ao que afirmou anteriormente, sobre a necessidade de misturar culturas para que estas se mantenham vivas, pois em seu entender “*não existe só o local, o tradicional*”¹³⁰³.

A complexificação da sua postura perante aquilo que designa como as circunstâncias patente nesta afirmação atravessou também todo o texto que escreveu e que sugestivamente abriu com a afirmação: “Gostaria de construir no deserto do Sahara”¹³⁰⁴. Neste texto falou de um desejo de liberdade fatalmente impossível de se cumprir, pois no Sahara ou no fundo do mar existe sempre algo e seria sempre, e a seu contragosto, apelidado de “*contextualista*”¹³⁰⁵, o que nos parece entender ser redutor. Curiosamente este grito de liberdade foi escrito num dia 25 de Abril do ano de 1986.

No seu texto publicado no número 176 da *Quaderns* de 1988, número dominado pela problematização do ensino da arquitectura, Siza apelou a um ensino que integre as várias actividades técnicas que envolvem o acto de projectar, em detrimento da especialização, tendo dado como exemplo a sua insistência nessa qualidade enquanto professor na disciplina de construção¹³⁰⁶. Foi ainda publicado o seu projecto para a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto¹³⁰⁷.

¹²⁹⁴ CERVELLÓ, Marta, “Entrevista a Álvaro siza Vieira”, Ibidem, p. 88, 89.

¹²⁹⁵ As referências à importância do sítio no discurso de Siza fizeram-se ouvir várias vezes, nomeadamente nas entrevistas publicadas no número 44 da *AMC* de 1978, no número 211 da *L’Ojd* de 1980, no número 2 da *AMC* de 1983 e no texto publicado no número 123 da *a+u* de 1980, todos por nós analisados. CERVELLÓ, Marta, “Entrevista a Álvaro siza Vieira”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986, p. 76.

¹²⁹⁶ Ibidem, p. 76 - 89.

¹²⁹⁷ Ibidem, p. 76.

¹²⁹⁸ Ibidem, p. 78, 81.

¹²⁹⁹ Siza tinha-se referido à participação do projecto num movimento de transformação maior numa entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978, por nós analisado. CERVELLÓ, Marta, “Entrevista a Álvaro siza Vieira”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986, p. 80, 85.

¹³⁰⁰ Ibidem, p. 85.

¹³⁰¹ Siza mencionou o não mimetismo em relação ao lugar e a radicalidade da intervenção numa entrevista publicada no número 9 da *Wonen-Tabk* de 1983, por nós analisado. CERVELLÓ, Marta, “Entrevista a Álvaro siza Vieira”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986, p. 85, 86.

¹³⁰² Ibidem, p. 85.

¹³⁰³ Siza referiu o valor e a importância da mistura das culturas em arquitectura no número 9 da *Wonen-Tabk* de 1983, por nós analisado. CERVELLÓ, Marta, “Entrevista a Álvaro siza Vieira”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986, p. 89.

¹³⁰⁴ VIEIRA, Álvaro Siza, “Me gustaría construir ...”, Ibidem, p. 90.

¹³⁰⁵ Ibidem, p. 90. 91.

¹³⁰⁶ VIEIRA, Álvaro Siza, “Enseñanza y Proyecto”, *Quaderns*, n. 176, 1988, p. 50, 51.

¹³⁰⁷ Este projecto foi documentado com uma breve memória descritiva e elementos gráficos, fotografia da maquete e desenhos rigorosos do edifício. VIEIRA, Álvaro Siza, “Facultad de Arquitectura de Oporto”, Ibidem, p. 52 - 57.

Apesar da entrevista a Siza publicada no número 178 da *Quaderns* de 1988 se ter centrado principalmente nos seus dois projectos em Haia publicados neste número¹³⁰⁸ podemos continuar a seguir o pensamento de Siza sobre as consequências de trabalhar em diferentes escalas [fig.A3.55].

Se anteriormente tinha afirmado que a mudança de escala dos seus projectos não alterou o seu método de projectar, nesta entrevista veio de encontro ao que afirmou na entrevista publicada no número 169/170 da *Quaderns* de 1986, que acabámos de referir, sobre os projectos de menor escala serem mais complicados por não serem tão susceptíveis de sistematização e cada detalhe poder tornar-se num problema, explicando que ao mudar de escala se descobre o que é essencial no desenho e se pode livrar de tiques que mais facilmente se adoptam em projectos pequenos os quais se podem tornar ridículos¹³⁰⁹. Acrescentou ainda, indo de encontro à sua reflexão sobre o ensino de arquitectura registada nomeadamente no número 176 da *Quaderns* do mesmo ano de 1988, também acabada de referir, que deve ser uma preocupação das escolas de arquitectura variar a escala dos exercícios¹³¹⁰.

Como dizíamos a *Arquitectura* é uma do grupo de revistas que intensificou a sua publicação de arquitectura portuguesa, apesar de sob a direcção de Capitel¹³¹¹, Frechilla e Cabrero, entre 1981 e 1986, ter como prioridade o que se passava em Madrid, tal como referimos no capítulo anterior. Sob aquela direcção depois de ter escrito a propósito da presença de Siza e de Portas em Madrid no seu número 228 em 1981, por nós referido, voltou a publicar Siza em dois números.

De facto, com um pretexto similar a este número de 1981, o número 257 de 1985 voltou a referir Siza a propósito da sua participação num acontecimento de arquitectura em Espanha, desta feita como o único membro do júri do Concurso para o Museu de Arte Contemporânea de Las Palmas, tendo sido publicado

¹³⁰⁸ Da autoria de Siza foram publicados apartamentos e duas casas unifamiliares em Haya. Os projectos foram apresentados através de elementos gráficos, desenhos e fotografias e um breve texto. VIEIRA, Álvaro Siza, “106 Viviendas en La Haya”, *Quaderns*, n. 178, 1988, p. 10 – 15, VIEIRA, Álvaro Siza, “Dos viviendas unifamiliares”, *Ibidem*, p. 20 - 31. Foi ainda publicada a ampliação de uma central telefónica de João Álvaro Rocha.

¹³⁰⁹ PERIEL, Monserrat, “Entrevista realizada por Monserrat Periel, Porto, 1988”, *Ibidem*, p. 16 – 19. As afirmações relativas à mudança de escala foram realizadas designadamente nas entrevistas publicadas no número 44 da *AMC* de 1978 e no número 14 da *ARQ* de 1983.

¹³¹⁰ *Ibidem*.

¹³¹¹ Antón Capitel voltará à direcção da revista do COAM entre 2001, número 326, e 2008, número 353, em colaboração com Juan Garcia Millán. Continuará nessa revista e noutras edições a escrever sobre arquitectura portuguesa. CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.

um texto que explica as suas razões para a eleição como projecto vencedor a proposta de Oíza¹³¹². Deixamos como nota a referência no editorial a Siza, como “o famoso arquitecto português Alonso Siza Vieira”¹³¹³.

Esta direcção da revista *Arquitectura* abriu nomeadamente uma excepção, o número 261 de 1986 ao tê-lo dedicado monograficamente à escola do Porto [fig. A3.20]. Esta excepção é de elevada importância uma vez que só existiu um outro número monográfico sobre assuntos internacionais sob aquela direcção, um número sobre Milão¹³¹⁴.

As razões que fundamentaram o número 261 de 1986, monográfico sobre a escola do Porto foram, segundo Capitel nos contou em entrevista, o prestígio que Siza e a escola já contavam, a vontade de transcender a figura daquele arquitecto português e contextualizar o seu trabalho de uma forma mais alargada, antevendo a grande aceitação do tema por parte dos leitores da revista¹³¹⁵.

A intenção de realizar aquele número remontava a cinco anos antes, desde uma visita relâmpago de Siza à Escola de Arquitectura, a mesma noticiada no artigo referido publicado no número 228 de 1981¹³¹⁶. De entre as dificuldades para a elaboração do número, estava a pouca disponibilidade de Siza por ser muito solicitado naquele tempo, sendo que Mateo Corrales, filho do arquitecto de renome José António Corrales, ex-aluno de Capitel e que na época trabalhava com Siza no Porto, serviu de ligação entre a revista e o gabinete de Siza¹³¹⁷.

¹³¹² VIEIRA, Álvaro Siza, “Concurso de anteproyectos para el Museo de Arte Contemporáneo de las Palmas de Gran Canaria. La seleccion del proyecto”, *Arquitectura*, n. 257, 1981, p. 18. Neste concurso restrito foi decidido convidar os professores catedráticos dos departamentos de projecto e composição das Escolas de Arquitectura de Las Palmas e de Madrid. Na sequência do texto de Siza foram publicadas as cinco propostas apresentadas a concurso, realizadas por Saénz de Oíza, Javier Carvajal, ambos catedráticos do departamento de projectos de Madrid, Juan António Cortés, professor de composição de Madrid, Félix Juar Bordes e Sérgio Pérez Parrilla ambos catedráticos do departamento de projectos e de composição, respectivamente, de Las Palmas. “F. J. Saénz de Oíza”, *Ibidem*, p. 19-21; “Javier Carvajal”, *Ibidem*, p. 29-31; “Juan António Cortés”, *Ibidem*, p. 26-28; “Félix J. Bordes”, *ibid.*, p. 22-23; “Sérgio Pérez Parrilla”, *Ibidem*, p. 24, 25.

¹³¹³ “Editorial”, *Ibidem*, p. 17.

¹³¹⁴ CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.

¹³¹⁵ *Ibidem*.

¹³¹⁶ “sumario”, *Arquitectura*, n. 261, 1986. CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.

¹³¹⁷ “sumario”, *Arquitectura*, n. 261, 1986. CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013. É feito um agradecimento especial a Mateo Corrales pela sua colaboração ter tornado possível a elaboração deste número. “sumario”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

Logo no texto introdutório, a escola do Porto foi identificada com a genealogia constituída pelos arquitectos Távora, Siza e Souto de Moura¹³¹⁸, tendo sido desta forma e por esta ordem que o dossier foi dividido e apresentado.

O tema foi aberto pelo texto de Wang sobre a escola do Porto intitulado “Arquitectos de Oporto. Távora, Siza, Souto – Moura. Una identidad no lineal”¹³¹⁹. Capitel explicou-nos que era amigo de Wang pelo que sabia do seu profundo conhecimento da obra de Siza e do seu prazer em escrever sobre esse tema, por outro lado, a direcção da revista entendeu que seria interessante ser um estrangeiro a escrever¹³²⁰. Seguiu-se a apresentação do trabalho de Távora, Siza e Souto de Moura¹³²¹. A apresentação dos projectos de Távora foi antecedida por uma entrevista e a de Siza por um texto de Luís Moreno Mansilla¹³²². Capitel

¹³¹⁸ “sumario”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

¹³¹⁹ O texto é ilustrado com fotografias de obras de cada um dos três arquitectos portugueses referidos: o parque da Quinta da Conceição e a casa de Ofir de Távora, a Casa de chá da Boa Nova e a casa na Maia de Siza e as casas I e II em Nevogilde de Souto de Moura. WANG, Wilfried, “Arquitectos de Oporto. Távora, Siza, Souto – Moura. Una identidad no lineal”, *Arquitectura*, n. 261, 1986, p. 18 – 21.

¹³²⁰ CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.

¹³²¹ A parte referente ao trabalho de Souto de Moura é consituída pela apresentação de dois projectos de sua autoria, através de textos, elementos gráficos, fotografias, desenhos rigorosos e esboços: a casa II e a casa III, em Nevogilde, Porto. “Eduardo Souo Moura. Casa II. Nevogilde. Oporto. 1984”, *Arquitectura*, n. 261, 1986, p. 73 – 75; e “Casa III. Nevogilde. Oporto. 1986”, *Ibidem*, p. 76 - 78.

¹³²² A entrevista é ilustrada com elementos gráficos relativos ao plano da zona residencial de Campo Alegre e do Ramalde, o mercado de Vila da Feira, a renovação do Instituto Nun’ Álvares de Santo Tirso e vivendas no Porto. FRECHILLA, Javier, “Fernando Távora. Conversaciones en Oporto”, *Arquitectura*, n. 261, 1986, p. 22 - 28. Seguiu-se a apresentação de projectos da autoria de Távora, através de textos, elementos gráficos, fotografias e desenhos rigorosos. São eles: o pavilhão de Ténis de Matosinhos, a casa de férias e Ofir, e o convento de Santa Marinha da Costa. Parque Municipal de Conceição y Pabellón de Ténis. Matosinhos. 1957”, *Ibidem*, p. 29 – 33; TÁVORA, Fernando, “Casa de vacaciones. Ofir. 1957”, *Ibidem*, p. 34, 35; e “Transformación del antiguo. Convento de Santa Marinha da Costa. Parador de Guimarães. 1976 – 1985”, *Ibidem*, p. 36 - 40. O texto é ilustrado por um esboço de Siza. MANSILLA, Luís M., “Álvaro Siza Vieira”, *Ibidem*, p. 41. Seguiu-se a apresentação de projectos da autoria de Siza, através de textos, elementos gráficos, fotografias e desenhos rigorosos. São eles: a piscina de Leça, acompanhada de um texto da autoria de Souto de Moura, ilustrado por uma imagem da piscina e significativamente por duas plantas: uma de uma casa de Mies Van der Rohe e outra de Taliesin West de Frank Lloyd Wright; a Escola de Arquitectura do Porto; o projecto do Centro Cultural em Sines, sendo que neste caso não há fotografias de obra por estar em fase de projecto sendo apresentados esboços; e o banco em Vila do Conde, cuja apresentação também inclui esboços. VIEIRA, Álvaro Siza, “Piscina de Leça. Matosinhos. 1961 – 66”, *Arquitectura*, n. 261, 1986, p. 42 – 45; MOURA; Eduardo Souto de, “La piscina de Leça, 25 años después”, *Ibidem*, p. 46; CABRERO, Gabriel Ruiz, “Escuela de Arquitectura. Oporto. 1985”, *Ibidem*, p. 47 – 54; “Centro de Actividades Culturales y Servicios de San Andrés. Sines. 1982”, *Ibidem*, p. 55 – 59; e “Banca Borges & Irmão. Vila do Conde”,

informou-nos em entrevista que naquele tempo Mansilla era colaborador permanente da revista e que apesar da “sua juventude era bastante inteligente e lúcido com uma sensibilidade muito apropriada para falar de Siza”¹³²³.

Wang no seu texto tentou explicar como surgiu um conjunto de arquitectos cujas obras sem que tenham o mesmo estilo partilham caraterísticas reconhecíveis, a designada escola do Porto. O que outros autores identificaram como a capacidade de admitir várias linguagens¹³²⁴, em nossa opinião tem no texto de Wang a originalidade de o ter exemplificado através da interrelação entre as obras de três figuras marcantes de três gerações: Távora, Siza e Souto de Moura. A referência a estes três arquitectos serve como exemplo para a caracterização da escola do Porto que não se esgota na sua actividade, pois estende-se a outros arquitectos como Alcino Soutinho, Alves Costa, Portas e da geração de Souto de Moura, Adalberto Dias, Nuno Ribeiro Lopes, Virgínio Moutinho, Carlos Prata, referidos por Wang¹³²⁵.

Para além do enquadramento teórico que serve de pano de fundo também já apontado por outros autores, nomeadamente a recusa do historicismo literal, a continuidade crítica do movimento moderno, a consciência promovida pela realização do inquérito à arquitectura popular em Portugal, a valorização das pré-existências do lugar, Wang referiu como características determinantes da escola a transmissão de princípios através das relações próximas entre professores e alunos¹³²⁶. Depois de uma análise particularizada de relações entre obras dos três arquitectos baseada nas opções de projecto, Wang estabeleceu as diferenças

Ibidem, p. 60 – 72. O dossier encerra com a apresentação de móveis desenhados por Siza, através de texto manuscrito de sua autoria intitulado “Sobre a dificuldade de desenhar um móvel”; e de elementos gráficos, fotografias, desenhos rigorosos de cadeiras, banco, puxador, balcão de uma loja e candeeiros. VIEIRA, Álvaro Siza, “Sobre a dificuldade de desenhar um móvel”, *Ibidem*, p. 80; “Los muebles de Siza”, *Ibidem*, p. 79 - 81.

¹³²³ CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.

¹³²⁴ A característica da existência de uma variedade de linguagens na escola do Porto foi referida nomeadamente por Daniele Vitale no seu texto publicado no número 655 da *Domus* de 1984 e por Bédarida no seu texto publicado no número 7 da *AMC* de 1985.

¹³²⁵ WANG, Wilfried, “Arquitectos de Oporto. Távora, Siza, Souto – Moura. Una identidad no lineal”, *Arquitectura*, n. 261, 1986, p. 18.

¹³²⁶ Aspectos deste enquadramento foram referidos por exemplo pelos portugueses Alves Costa e Portas nos seus textos publicados no número 5 da *9H* de 1983, por Vitale no seu texto publicado no número 655 da *Domus* de 1984, por Bédarida no seu texto publicado no número 7 da *AMC* de 1985. WANG, Wilfried, “Arquitectos de Oporto. Távora, Siza, Souto – Moura. Una identidad no lineal”, *Arquitectura*, n. 261, 1986, p. 18.

entre as suas linguagens: Távora manteve-se em seu entender fiel ao movimento moderno, Siza encontrou nos princípios zoomórficos a disciplina formal para os seus projectos e Souto de Moura explora a possibilidade da “*forma dinâmica, quase mecânica*”¹³²⁷. No entanto, e aquilo que é basilar para Wang é a partilha de objectivos, métodos e valores que informam as opções pessoais de projecto, as quais sintetizou como “*Ser assincrónico e contudo consciente da história, não vernáculo mas relacionado com o contexto*”, pois é o que possibilita a construção de uma identidade cultural ainda que plural e não linear¹³²⁸.

Destacamos do texto de Mansilla sobre o trabalho de Siza a original evocação da inclinação inicial do arquitecto para a escultura, como forma de compreender o seu trabalho no qual “*modela(r), corta(r), cinzela(r) o que já existe*”¹³²⁹. Uma afirmação que em nosso entender sugere uma imagem poética do trabalho do arquitecto português. Na sequência desta ideia Mansilla propôs uma chave de leitura: a torsão - a torsão da natureza; a torsão da cidade, como por exemplo na agência bancária de Oliveira de Azeméis; a torsão da força da gravidade, como por exemplo na fábrica alemã; a torsão do ângulo recto, como por exemplo na faculdade de arquitectura¹³³⁰. No final do texto acrescentou que “*Em Siza, a própria torsão une com o seu esforço o conjunto em tensão*”¹³³¹. Esta ideia na arquitectura de Siza de movimento e tensão e que ao mesmo tempo constitui um ponto de apoio naquele universo em deslocação é similar à ideia presente no texto de Frampton publicado no número 514 da *Casabella* de 1985, que analisaremos adiante, no qual fala na existência na arquitectura de Siza de um pivot, de um ponto de apoio num mundo em constante revolução.

Com uma postura mais aberta ao que se passava internacionalmente, a direcção que se seguiu na revista *Arquitectura* entre os anos 1986 e 1991, constituída por Sara de la Mata, Fuensanta Nieto e Enrique Sobejano, procurou realizar entrevistas aos arquitectos mais relevantes, como forma de complementar a apresentação do seu trabalho tentando revelar o seu pensamento, tal como nos comentaram em entrevista Nieto e Sobejano¹³³².

Realizaram uma entrevista a Siza que publicaram no número 271 / 272 de 1988; e este ainda foi objecto de outra referência noutro número de 1988, o 275 / 276; aliás, Siza foi o único arquitecto português a ser referido nos números da *Arquitectura* até 1988.

A referência a Siza no número 275 / 276 de 1988 foi publicada no âmbito do capítulo “Concursos”, capítulo criado por esta direcção presente em todos os seus números¹³³³, através da proposta do arquitecto para a primeira fase do Concurso para o Centro Cultural de la Defensa em Madrid¹³³⁴.

Como dizíamos, a entrevista a Siza foi publicada no número 271 / 272, número dedicado ao tema “Lugar”¹³³⁵ [fig.A3. 53]. No respectivo editorial foi referido que as vivendas em Haya de Siza, em conjunto com o projecto de Venturi, a ampliação da National Gallery em Londres, estavam em contraponto a outros também ali publicados, nomeadamente de Moneo, Baldweg, Feduchi ou Cortés y Muñoz, por aqueles se realizarem fora do local onde os arquitectos habitualmente desenvolvem a sua actividade¹³³⁶.

Argumentamos que nesta entrevista, Siza avançou na codificação dos seus próprios argumentos. Referiu-se específica e repetidamente à importância do

¹³³³ Ibidem.

¹³³⁴ Das sete equipas convidadas a participar no concurso, quatro foram convidadas a apresentar um anteprojecto, designadamente: Lluís Clotet / Ignacio Patricio, Juan Navarro Baldeweg, Francisco Sáenz de Oiza e Siza. As outras três equipas que tinham sido convidadas foram: Javier / Pedro Feduchi, Jordi Garcés / Enric Soria e Guillermo Vázquez Consuegra. Todos os projectos são apresentados, ocupando uma página cada um, através de elementos gráficos: uma fotografia da maquete e desenhos. Num texto sucinto foi apresentado o objectivo do Ministério da Defesa em criar um centro de investigação cívico – militar e o respectivo programa. “Concursos. Concurso de ideias. Centro Cultural de La Defensa Madrid 1988”, *Arquitectura*, n. 275 / 276, 1988 / 89, p. 16 – 23.

¹³³⁵ A extensa entrevista é profusamente ilustrada por elementos gráficos, esboços, desenhos rigorosos e fotografias, de vários projectos como o edifício Bonjour Tristesse, casa de Chá da Boa Nova, Piscina de Leça, casa António Carlos Siza, casa Alcino Cardoso, casa em Sintra, casa em Moledo do Minho, edifício da Avenida da Ponte no Porto, casa na Póvoa da Varzim, banco em Oliveira de Azeméis, em Vila do Conde, o bairro na Giudecca, Escola de Formação de Professores em Setúbal, bairro residencial em Haya, Quinta da Malagueira, edifício em Caxinas, edifícios na Bouça, renovação do casino de Salzburgo, casa em Gondomar, escola em Penafiel, pavilhão da Faculdade de Arquitectura do Porto e casa em Ovar. MATA, Sara de la, PORRAS, Fernando, “Entrevista Álvaro Siza”, Ibidem, p. 172 - 195.

¹³³⁶ “El Lugar”, *Arquitectura*, n. 271 - 272, 1988, s/p.

^o projecto de casas e lojas em Haya é apresentado ao longo de quatorze páginas, através de elementos gráficos, fotografias de maquetas e do edifício, esboços e desenhos rigorosos. SIZA, Álvaro, “Viviendas y Locales en la Haya”, Ibidem, p. 158 – 171.

¹³²⁷ Ibidem, p. 20, 21.

¹³²⁸ Ibidem, p. 21.

¹³²⁹ MANSILLA, Luís M., “Álvaro Siza Vieira”, *Arquitectura*, n. 261, 1986, p. 41.

¹³³⁰ Ibidem.

¹³³¹ Com isto não queremos dizer que Mansilla não reconheceu outras referências da história da arquitectura moderna no trabalho de Siza, designadamente Aalto e Le Corbusier. Ibidem.

¹³³² NIETO, Fuensanta, SOBEJANO, Enrique, entrevista por correio electrónico, 17/5/2013.

“*lugar*”¹³³⁷, que noutras ocasiões, como no seu artigo publicado no número 211 da *L'Ojd* de 1980 designou como “*sítio*”, ou na entrevista publicada no número 9 da *Wonen Tabk* de 1983 como “*existente*” ou no número 169 / 170 da *Quaderns* de 1985 como “*circunstâncias*”. E quando nas mesmas duas entrevistas explicava como relacionava as suas obras com aqueles aspectos, aqui condensou na expressão “*diálogo ‘directo’ não ‘mimético’*”¹³³⁸.

Siza repetiu alguns aspectos nesta entrevista entre outros, como por exemplo, insistiu mais uma vez, tal como o tinha feito nas entrevistas publicadas no número 44 da *AMC* de 1978 e no número 14 da *ARQ* de 1983, que o seu método não mudou com a alteração da escala das encomendas¹³³⁹.

É interessante atentar no que Siza acrescentou nesta entrevista sobre o seu processo criativo. Começou por afirmar o primado da forma no seu trabalho, que inclui desde logo a “*complexidade do programa e suas condicionantes*”, a qual posteriormente “*modela e adapta aos aspectos técnicos e funcionais*”¹³⁴⁰. Respondeu pela primeira vez a uma observação que vem sendo repetida por alguns críticos como Frampton, Mansilla e Bru, tal como referimos, sobre a existência de rotações e torsões nos seus projectos, explicando que usa esse recurso com parcimónia e só quando necessário, pois não pode tornar-se gratuito¹³⁴¹.

É interessante perceber como Siza equacionou o aspecto artístico da actividade do arquitecto, elaborando sobre a “*personalidade*” e a “*intuição*” do profissional em equação com “*atenção*”, por alternativa ao termo “*inspiração*” proposto pela entrevistadora. Siza afirmou como capacidade principal a de “*relacionar coisas ou ideias diferentes*” o que identificou com a “*capacidade de ver realmente*”, também exercitada através do desenho, de forma contínua, com

¹³³⁷ MATA, Sara de la, PORRAS, Fernando, “Entrevista Álvaro Siza”, Ibidem, p. 172 - 195.

¹³³⁸ Ibidem, p. 176.

¹³³⁹ Ibidem, p. 195.

¹³⁴⁰ Ibidem, p. 173, 174.

¹³⁴¹ Frampton escreveu sobre o movimeto de rotação ou torsão na obra de Siza num texto publicado no número 514 da *Casabella* de 1985, Mansilla num texto publicado no número 261 da revista *Arquitectura* de 1986 e Bru num texto publicado no livro *Arquitectura Europeas Contemporánea* de 1987, por nós analisados na presente dissertação. MATA, Sara de la, PORRAS, Fernando, “Entrevista Álvaro Siza”, Ibidem, p. 172 - 195.

trabalho e não determinada por uma vocação à priori¹³⁴². Deu testemunho da sua experiência dizendo que quando saiu da escola estava dotado dessa “*capacidade de relacionar coisas*” e que evoluiu através da abertura a novas experiências¹³⁴³. É esta contínua investigação intelectual que Siza entendeu conferir uma certa unidade às suas diferentes obras¹³⁴⁴. Pelo facto do arquitecto carregar em si estas experiências que vai acumulando ao longo da vida, quando faz um primeiro esquisso ele é o resultado de uma análise minuciosa, embora Siza não acredite no gesto por si mesmo, mas como um ponto de partida, que, no entanto, por ser informado tão completamente, pode ser que seja próximo da proposta formal¹³⁴⁵.

Ainda relacionado com o aspecto artístico da actividade do arquitecto, Siza explicou o que entendia naquele momento sobre “*imaginação*”, que não era a capacidade de inventar coisas que nunca tinham existido, ideia que aliás em seu entender tinha sido uma das principais responsáveis por graves erros em arquitectura, mas sim a “*capacidade de transformação das coisas existentes*”¹³⁴⁶. Assim, em seu entender toda a arquitectura é racionalizável, aliás, não existe se assim não for¹³⁴⁷.

Siza acrescentou ao seu alargado leque de referências as esculturas de Miró, que tinha tido a oportunidade de ver recentemente numa exposição em Madrid, cuja influência não se sentirá de modo directo¹³⁴⁸, mas enriquece o referido conjunto de experiências que o arquitecto vai assimilando e integrando.

Ainda que de outra forma, Siza voltou a falar do processo de participação nos seus projectos, o que anteriormente remetia para o processo SAAL, nesta entrevista a propósito dos projectos em Haia está associado ao processo de construção. Siza afirmou que aqueles seus projectos estavam abertos por um tempo determinado a “*sugestões através de um processo público de participação de artes e ofícios*”, o que entendia ser um método a generalizar à construção de outros edifícios e mesmo à cidade, por assim existir “*uma maior maleabilidade de relações e*

¹³⁴² Ibidem, p. 175.

¹³⁴³ Ibidem, p. 177.

¹³⁴⁴ Ibidem, p. 187.

¹³⁴⁵ Ibidem, p. 175.

¹³⁴⁶ Ibidem, p. 189.

¹³⁴⁷ Ibidem.

¹³⁴⁸ Ibidem, p. 190.

informação no desenho”¹³⁴⁹. Daí que tenha afirmado que a arquitectura não deve servir como manifesto, nem pretende que seja polémica, mas sim flexível¹³⁵⁰. Deu como exemplo a obra de Corbusier na Índia, que ao contrário do seu discurso doutrinário, tentou adaptar-se às tensões ali existentes¹³⁵¹.

Siza criticou o que se fez em França e em Berlim, no que pensamos ser uma referência à realização do IBA nesta cidade, por apesar do investimento em participação e imaginação, os resultados não deixarem de ser um conjunto dos habituais “*tiques de desenho*”; “*um arco, uma janela redonda*”¹³⁵². De uma forma particularmente clara, Siza criticou aquilo que designou como “*eclectismo*”, o que nós entendemos ser o estilismo pós-moderno, como um sinal de pobreza, cujo excesso de variação dos elementos resultam em monotonia, o efeito oposto ao almejado¹³⁵³.

Como aludimos acima, depois da *Casabella* ter publicado Siza no número inaugural da direcção de Gregotti em 1982 e Soutinho noutro número de 1983, tal como analisámos no capítulo anterior onde enquadrámos a sua perspectiva editorial, destacou-se a elevada frequência da arquitectura nacional nas páginas da revista de Gregotti, no período 1984/1988.

Neste período a arquitectura portuguesa foi publicada todos os anos, pelo menos em um número por ano da revista *Casabella*, sendo bastantes os anos em que apareceu em mais que um número, por exemplo em 1984 atingiu o número máximo, cinco referências num ano e em 1988, quatro referências¹³⁵⁴. Esta é uma frequência bastante significativa numa revista com uma periodicidade mensal, com um único número monográfico bimensal no início de cada ano. O arquitecto português que mais vezes foi publicado naquelas páginas foi o arquitecto Siza, tendo sido publicado em todos os anos, com a excepção de 1983 e mais do que uma vez por ano¹³⁵⁵.

¹³⁴⁹ Ibidem, p. 183.

¹³⁵⁰ Ibidem, p. 186.

¹³⁵¹ Ibidem, p. 186, 187.

¹³⁵² Ibidem, p. 195.

¹³⁵³ Ibidem, p. 195.

¹³⁵⁴ A arquitectura portuguesa foi publicada em dois números em 1985 e 1987, em três números em 1986, em quatro números em 1988 e em cinco números em 1984.

¹³⁵⁵ Siza só não foi publicado na *Casabella* em 1983. Soutinho foi publicado em 1983, Souto

Os outros arquitectos portugueses publicados foram Portas e Souto de Moura em dois números. Portas foi publicado no número 530 da *Casabella* de 1986 com um texto sobre as suas experiências como urbanista em Madrid e no Porto, o qual resultou da sua participação numa mesa redonda organizada pela revista *Lt I*, por ocasião da Festa Nazionale dell’ Unit’ sob o tema “L’ innovazione nella città”¹³⁵⁶. Souto de Moura foi publicado no número 501 da *Casabella* de 1984 com o mercado de Braga [fig.A3. 4], e no número 538 da *Casabella* de 1987 com o projecto para a casa Cardoso no Porto¹³⁵⁷. É de referir que o projecto da casa no Porto de Souto de Moura foi acompanhado por uma republicação de excertos de uma entrevista realizada ao arquitecto, originalmente publicada no número 5 – 6 da revista *Faces* em 1987¹³⁵⁸. Na breve introdução crítica à republicação de parte daquela entrevista, Pierre-Alain Croset assumiu um tom crítico, dado em seu entender nesta casa o uso da pedra constituir um exercício formal, quando comparado com o uso da pedra noutra obra anterior de Souto de Moura, no mercado de Braga, mas que ainda assim merece ser discutido¹³⁵⁹.

de Moura em 1984 e 1987 e Portas em 1986. Como corolário da importância que a arquitectura portuguesa teve na *Casabella* de Gregotti referimos o facto dos arquitectos Siza e Souto de Moura terem sido publicados no número duplo do início do ano de 1996 que encerrou a direcção de Gregotti, o número 630 – 631, intitulado *Internacionalismo crítico*, ao lado de nomes como Ando, Bohigas, Ciriani, Gehry, Meier, Moneo, Valle e Van Eyck, entre muitos outros. “Álvaro Siza”, *Casabella*, n. 630 – 631, 1996, p. 106; e “Eduardo Souto de Moura”, Ibidem, p. 107.

¹³⁵⁶ A mesa redonda ocorreu a 10 de Setembro daquele ano de 1986 em Milão. NICOLIN, Pierluigi, DEROSI, Pietro, SIOLA, Uberto, PORTAS, Nuno, “Argomenti / News. ‘L’ innovazione nella città.’ Per punti, per zone, o la città?”, *Casabella*, n. 530, 1986, p. 31. O texto de Portas em conjunto com o de outros participantes como Nicolin, Pietro Derosi e Uberto Siola foram publicados na secção “Argomenti / News”. PORTAS, Nuno, “Argomenti / News. ‘L’ innovazione nella città.’ Per punti, per zone, o la città?”, *Casabella*, n. 530, 1986, p. 34, 35.

¹³⁵⁷ Trata-se de um breve texto publicado na secção “Argomenti / News” ilustrado por elementos gráficos, desenhos rigorosos, esboços e fotografias. POLIN, Giacomo, “Argomenti / News. Il mercato municipale di Braga”, *Casabella*, n. 501, 1984, p. 38, 39. O projecto da casa Cardoso no Porto de Souto de Moura foi publicado na secção “Argomenti / News”, apresentado através de um texto e de elementos gráficos, fotografias, desenhos rigorosos e esboços. “Argomenti / News, Casa Cardoso a Porto, di Eduardo Souto de Moura. All’ ombra di Mies”, *Casabella*, n. 538, 1987, p. 39 – 41.

¹³⁵⁸ Foi originalmente publicada no número 5 – 6 da revista *Faces*, e não no número 4-5 como foi referido neste número da *Casabella*. Foram republicadas as partes do texto dedicadas ao uso da pedra, ao processo de projecto daquela casa e parte da sua explicação sobre Mies constituir uma referência para o seu trabalho. CHENU, Laurent, LOPEZ, Carlos, “Un pays en voyage. A propos de deux réalisations d’ Eduardo Souto de Moura”, *Faces*, n. 5/6, 1987, p. 4 - 10.

¹³⁵⁹ O texto foi assinado com as iniciais P.A.C. que aventamos corresponderem a Pierre-Alain Croset. “Argomenti / News, Casa Cardoso a Porto, di Eduardo Souto de Moura. All’ ombra di Mies”, *Casabella*, n. 538, 1987, p. 40.

Na referida entrevista de Souto de Moura publicada pela primeira vez no número 5/6 da revista Suíça *Faces* de 1987, este afirmou que Portugal se encontrava num processo de procura de uma nova identidade, numa situação em que depois de cinquenta anos de fascismo e de se ver como um país aberto ao mar, tinha acabado de entrar para a CEE, pelo que consequentemente estava exposto a novas tecnologias, o que podia fazer esquecer algumas características próprias¹³⁶⁰ [fig. A3.47].

Especificamente sobre arquitectura, deixou claro a sua rejeição do pós-moderno, mas distanciou-se de qualquer posição moralista, afirmando que tudo é possível desde que seja usado ao serviço de uma ideia forte e contemporânea¹³⁶¹. Em nosso entender, a sua rejeição do pós-moderno constitui uma das razões de princípio que o leva a admirar o trabalho de Mies, o que significa para si numa “*postura cultural*”¹³⁶². Aquela admiração tem outras razões, como a força e lucidez do seu trabalho, ser uma boa estratégia para lidar com fragmentos, o que em Portugal entende ser simultaneamente uma tradição e uma necessidade, a forma simples como dispõe e constrói os espaços, bem como escolhe os materiais para cada espaço¹³⁶³. Souto de Moura afirmou que um objectivo do seu trabalho é esconder o esforço que aplica para que o espaço global surja de forma natural¹³⁶⁴. Falou ainda sobre o seu prazer em trabalhar com pedra¹³⁶⁵.

Na esteira de Siza, afirmou não acreditar em rupturas e que as mudanças históricas em arquitectura são pontuais e graduais¹³⁶⁶. Também à semelhança de Siza, acrescentou que não se deve manter a pré-existência tal como ela está, mas que deve ser construído o novo, embora não radicalmente diferente¹³⁶⁷.

¹³⁶⁰ O depoimento foi recolhido por Laurent Chenu e Carlos Lopez, ilustrado com elementos gráficos de duas obras suas, casa 1 e casa 2 em Nevogilde, fotografias, desenhos rigorosos e esboços. CHENU, Laurent, LOPEZ, Carlos, “Un pays en voyage. A propos de deux réalisations d’Eduardo Souto de Moura”, *Faces*, n. 5/6, 1987, p. 4.

¹³⁶¹ Ibidem, p. 4.

¹³⁶² Ibidem, p. 5.

¹³⁶³ Ibidem, p. 5, 6.

¹³⁶⁴ Ibidem, p. 6.

¹³⁶⁵ Ibidem, p. 4, 5.

¹³⁶⁶ Ibidem, p. 4.

¹³⁶⁷ Ibidem, p. 6.

Por outro lado, negou a existência da escola do Porto, afirmou não saber qual o significado dessa expressão, por não haver uma linguagem comum ou uma partilha de direcção¹³⁶⁸. Disse acreditar que aquela foi uma elaboração a partir do trabalho de Siza¹³⁶⁹. Entendemos que esta é mais uma declaração de princípio de Souto de Moura, pois quando se refere ao seu próprio trabalho como professor, que procura dar instrumentos para os alunos fazerem as coisas¹³⁷⁰, esse é precisamente um dos argumentos usados para justificar a existência da escola do Porto, nomeadamente por Wang, entre outros usados pelos seus defensores, que também não precisam de uma uniformidade de linguagem para provar a sua existência, como Vitale ou Bédarida, sem mencionarmos os portugueses Portas e Alves Costa¹³⁷¹.

Tratou-se da primeira recolha de depoimentos de Souto de Moura que encontramos em publicações internacionais, na qual é interessante verificar a afirmação do então jovem arquitecto, nomeadamente relativamente a um património teórico já construído sobre arquitectura portuguesa internacionalmente.

A revista *Faces* é uma publicação trimestral da Escola de Arquitectura da Universidade de Genève, fundada em 1985. Entre 1985 e 1988, ano limite da nossa investigação, em nove números publicados, este foi o único número em que foi publicada uma referência à arquitectura portuguesa.

Na maioria destes números referidos da *Casabella* a arquitectura de Siza, tal como a de Soutinho, Portas e Souto de Moura, foi apresentada de forma bastante sintética. Foi inclusivamente publicada frequentemente na secção “Argomenti / News”, um espaço criado na revista em Março de 1983, dedicado à actualidade, onde eram publicadas resenhas de livros e de exposições, entrevistas, resultados de concursos, trabalhos em curso e projectos de forma breve¹³⁷². Argumentamos que tal é um sinal desta fase de consolidação da divulgação internacional da arquitectura portuguesa, como consequência da frequência com que aquela

¹³⁶⁸ Ibidem, p. 4.

¹³⁶⁹ Ibidem, p. 4.

¹³⁷⁰ Ibidem, p. 4.

¹³⁷¹ Estamo-nos a referir aos textos de Daniele Vitale publicado no número 655 da *Domus* de 1984, de Marc Bédarida publicado no número 7 da *AMC* de 1985, de Wilfried Wang publicado o número 261 da *Arquitectura* de 1986; e ainda aos textos de Alves Costa e Portas publicados no número 5 da *9H* de 1983, todos por nós analisados.

¹³⁷² BAGLIONE, Chiara, *Casabella 1928-2008*, Milão, Arnoldo Mondadori Editore, Mondadori e Electa Spa, 2008, p. 513.

arquitectura já era então publicada em meios internacionais, bem como sinal da vocação da *Casabella* para estar mais próxima da actualidade, do que por exemplo a *Rassegna*, outra revista da responsabilidade de Gregotti, como veremos adiante.

De Siza foram publicados maioritariamente projectos de sua autoria e sobretudo propostas suas para concursos. Foi publicado o trabalho que produziu no congresso de Belice em 1980 no número 536 da *Casabella*¹³⁷³, por nós referido no capítulo anterior; o seu projecto para a nova Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto no número 547 de *Casabella*, acompanhado por um texto de Wang, sendo também apresentado o pavilhão Carlos Ramos¹³⁷⁴ [fig.A3.57]; e os seus projectos para Haia foram publicados em dois números, no número 538 da *Casabella* de 1987¹³⁷⁵ e no número 548 de *Casabella* de 1988¹³⁷⁶.

Foram publicadas as suas participações em concursos como no promovido pelo IBA para a área do Kulturforum em Berlim no número 500 da *Casabella* de 1984¹³⁷⁷ e no número 506 da *Casabella* de 1984¹³⁷⁸, no concurso para San Leucio no número 505 da *Casabella* de 1984, ao lado de outros projectos concorrentes de

Léon Krier, Richard Plunz, Franco Purini e Francesco Venezia¹³⁷⁹; no concurso para o Campo de Marte na Giudecca no número 518 da *Casabella* de 1985, juntamente com Mario Botta, Aldo Rossi e Hannie van Eyck, Rafael Moneo e Carlo Aymonino¹³⁸⁰; no concurso de ideias para a exposição universal em Sevilha em 1992 no número 528 da *Casabella* de 1986¹³⁸¹; no concurso para a área da praça Matteotti-la Lizza em Siena no número 552 de *Casabella*¹³⁸². A publicação do projecto vencedor do concurso para o casino de Salzburgo de Siza no número

¹³⁷⁹ O dossier sobre o concurso abriu este número da *Casabella*: “San Leucio: cinque poposte per un territorio / San Leucio: Five Territorial Proposals”, *Casabella*, n. 505, 1984, p. 4 - 25. O dossier integrou textos de Carlo Magnani que enquadrou os projectos apresentados, de Paolo di Caterina / Gettina Lenza / Pier Giulio Montano e Giovanni Lorenzoni que referiram o contexto histórico e produtivo. Respectivamente: MAGNANI, Carlo, “Utilità dell’ architettura”, *Ibidem*, p. 5 - 7; CATERINA, Paolo di, LENZA, Gettina, MONTANO, Pier Giulio, “San Leucio: un problema di architettura”, *Ibidem*, p. 8, 9; e LORENZONI, Giovanni, “Manifattura antica e impresa moderna”, *Ibidem*, p. 9. Seguiu-se a apresentação das cinco propostas, sendo a de Siza apresentada em primeiro lugar, através de um texto de sua autoria e ilustrada por elementos gráficos, desenhos rigorosos e esboços. VIEIRA, Álvaro Siza, “Un territorio saturo di architettura”, *Ibidem*, p. 10 - 13.

¹³⁸⁰ O dossier que incluiu um texto de Carlo Magnani que enquadra o concurso e um texto de Trevisan, o presidente do IACP Veneza, abriu este número da *Casabella*: MAGNANI, Carlo, “Il Concorso dello IACP di Venezia per Campo di Marte alla Giudecca / The Venice IACP competition for Campo di Marte on the Giudecca island. con uno scritto di Carlo Trevisan”, *Casabella*, n. 518, 1985, p. 4 - 21. A proposta de Siza foi apresentada em primeiro lugar, através de um muito breve texto, não assinado, e elementos gráficos, desenhos rigorosos. “Álvaro Siza Vieira”, *Ibidem*, p. 10, 11.

¹³⁸¹ O projecto de Siza foi referido num texto no âmbito da análise de propostas onde foi explicado que a delicada opção de um grande pavilhão em vidro foi desde logo posta de parte pelo júri. Foram publicadas uma ilustração e uma breve descrição do projecto de Siza. MARIN, Luís, “Quale futuro per l’Expo?”, *Ibidem*, p. 28, 29. PALANCO, Rafael López, MARIN, Luis, “Siviglia 1992. Il concorso di idee per l’Esposizione Universale. Seville 1992. The ideas competition for the World Exhibition”, *Casabella*, n. 528, 1986, p. 18 - 29. Neste número da revista foi dedicado um capítulo ao concurso de ideias para a Expo Sevilha de 1992, o qual integrou textos de Luís Marin e de Rafael López Palanco, o director da sociedade estatal constituída para a concretização da exposição de Sevilha. Marin analisou no seu texto várias propostas apresentadas a concurso: as premiadas referidas, a da equipa de Sevilha coordenada por Enrique Haro, de Rob Krier, de Oriol Bohigas, de Francisco Javier Sáenz de Oiza, de Rafael Moneo, ilustradas por pequenos desenhos. MARIN, Luís, “Quale futuro per l’Expo?”, *Ibidem*, p. 24 - 29; PALANCO, Rafael López, “L’Esposizione e il Piano”, *Ibidem*, p. 18 - 23. Duas equipas venceram em ex-aquo o concurso: a coordenada por Emílio Ambasz e outra coordenada pelo engenheiro Fernández Ordóñez; em segundo lugar ficou a equipa de Gregotti. PALANCO, Rafael López, “L’Esposizione e il Piano”, *Ibidem*, p. 18, 19.

¹³⁸² O projecto de Siza foi inserido num dossier da responsabilidade de Bernardo Secchi, membro do júri do concurso, autor de um texto, o qual inclui a apresentação de outros projectos participantes. Os projectos de Martorell / Bohigas / Mackay, Ungers / Noebel, Grassi, Natalini / Francia, ocupam uma página cada um, e os de Gregotti, di Carlo e Siza ocupam duas páginas. Di Carlo, Martorell / Bohigas / Mackay e Ungers / Noebel passaram a uma segunda fase do concurso. O projecto de Siza é apresentado através de um breve texto e de elementos gráficos, desenhos rigorosos. SECCHI, Bernardo, “Il concorso per l’ área di piazza Matteotti-la Lizza a Siena / The competition for the area of Piazza Matteotti-la Lizza in Siena”, *Casabella*, n. 552, 1988, p. 4- 21.

¹³⁷³ CROSET, Pierre-Alain, “Salemi e il suo territorio / Salemi and its territory”, *Casabella*, n. 536, 1987, p. 18-31.

¹³⁷⁴ O projecto da Faculdade de Arquitectura e do Pavilhão Carlos Ramos foram apresentados através de memória descritiva e elementos gráficos, esboços, desenhos rigorosos e fotografias. “Álvaro Siza Vieira. La nuova Facoltà di Architettura di Porto / The new Faculty of Architecture in Porto. presentazione di Wilfried Wang”, *Casabella*, n. 547, 1988, p. 4-15; WANG, Wilfried, “Un forum per l’architettura”, in *Ibidem*, p. 4, 10.

¹³⁷⁵ Os projectos para Haia de Siza foram apresentados através de elementos gráficos, esboços, desenhos rigorosos e fotografias. BESCH, J. D., “Álvaro Siza Vieira. Progetti per L’ Aja / Projects for the Hague. presentazione di J. D. Besch”, *Casabella*, n. 538, 1987, p. 4-15.

¹³⁷⁶ O artigo publicado na secção “Argomenti / News” tem a dimensão de uma página, sendo os projectos apresentados através de elementos gráficos, fotografias e desenho rigoroso. “Argomenti / News. Ultimate le due case di Álvaro Siza all’ Aja”, *Casabella*, n. 548, 1988, p. 31. Este projecto havia sido já objecto de apresentação no ano de 1987, no número 538 da revista *Casabella*, por nós referido.

¹³⁷⁷ O projecto de Siza de concurso para a área do Kulturforum em Berlim foi publicado na secção “Argomenti / News”, no âmbito de uma análise crítica das propostas, apresentado através de desenhos rigorosos. RUMPF, Peter, “Argomenti / News. L’ultimo concorso IBA”, *Casabella*, n. 500, 1984, p. 30 - 33.

¹³⁷⁸ Foi também a propósito duma avaliação global do programa IBA que foi feita uma brevíssima referência ao trabalho de Siza numa frase do respectivo dossier no número 506 da *Casabella* de 1984. CROSET, Pierre-Alain, “Berlino’ 87: la costruzione del passato / Berlin’ 87: Building the Past”, *Casabella*, n. 506, 1984, p. 16.

534 de *Casabella* de 1987 teve a particularidade de ter sido inserido num dossier da responsabilidade de Mirko Zardini¹³⁸³, que ganhou visibilidade em Portugal na actualidade, por ser o director desde 2005, da instituição que acolherá parte do arquivo de Siza, o Centro Canadano de Arquitectura, em Montreal. Zardini referiu conhecer a arquitectura de Siza através do trabalho que realizou nas revistas *Casabella* e *Lt I*¹³⁸⁴. Acrescentou que se deslocou a Portugal no final dos anos 70 para visitar as obras de Siza, tendo-o conhecido pessoalmente e a Souto de Moura¹³⁸⁵.

Foi também dada notícia do lançamento do livro de esboços de viagem de Siza, em Portugal, em 1988, de autoria de José Paulo dos Santos no número 551 de *Casabella*¹³⁸⁶. No número 552 da *Casabella* de 1988 a equipa redactorial deu os parabéns a Siza pela encomenda da reconstrução do Chiado em Lisboa e pelos prémios que recebeu naquele ano de 1988; sendo referidos os prémios Alvar Aalto, Mies e Prince of Wales¹³⁸⁷. Faltava ainda a Medalha de Ouro do Conselho Superior de Arquitectos de Madrid.

Destacamos as publicações do trabalho de Siza na *Casabella* em três números por serem objecto de reflexão e por num deles terem sido publicados testemunhos de Siza.

O plano da Malagueira de Siza voltou a ser publicado pela segunda vez no número duplo 498 / 499 da *Casabella* de 1984¹³⁸⁸, dedicado ao tema “modificação”, o qual

foi organizado por Sebastiano Brandolini e Pierre-Alain Croset que explicaram o conceito.

Começaram por afirmar que tem como base considerar “*o existente como material de trabalho*”, subdividindo em três níveis de reflexão, ilustrados por três diferentes tipologias de intervenções arquitectónicas, divindo também desta forma este número da revista¹³⁸⁹. Os três níveis considerados são: um primeiro que aborda a modificação do edifício, desde a sua manutenção, passando por alteração de função, ampliação ou alteração complexa do seu sistema; um segundo, que aborda a modificação das relações entre o edifício e o contexto físico em que está inserido; e um terceiro, que aborda a modificação da paisagem ou da morfologia urbana, ou dos sistemas infraestruturais, ou de contextos históricos¹³⁹⁰. O projecto para a Malagueira de Siza foi incluído no terceiro nível de reflexão, tendo sido introduzido por um artigo da autoria de Siza, específico sobre o plano para a Malagueira¹³⁹¹.

Argumentamos que os autores através do conceito modificação quiseram sobretudo questionar a ideia de conservação, que vêm como um resultado do sentimento de culpa dos arquitectos pela destruição dos centros históricos no pós-guerra, a qual conduz à museificação da arquitectura, propondo em sua substituição a ideia de modificação, como consequência natural da aceitação da dimensão tempo na arquitectura¹³⁹². O projecto da Malagueira de Siza é portanto um dos exemplos desta ideia dos intermediários culturais. Croset comentou-nos em entrevista que o que entendiam por “*arquitectura como modificação*” era um novo paradigma em que a “*linguagem abstracta da arquitectura moderna não é usada para fundar uma nova ordem global, mas para interpretar criticamente*

¹³⁸³ No dossier é apresentado o projecto de Siza em primeiro lugar de entre os outros projectos apresentados a concurso, através de um texto e de elementos gráficos, desenhos rigorosos e fotografia de maquete. “Álvaro Siza”, *Casabella*, n. 534, 1987, p. 18. ZARDINI, Mirko, “Dalla città alla roca: un concorso a Salisburgo / From the city to the rock: a competition in Salzburg. con uno scritto di Johannes Voggenhuber e un’ intervista con Luigi Snozzi”, Ibidem, p. 14 – 25.

¹³⁸⁴ ANDRADE, Sérgio, C., “Siza permite-nos pensar a arquitectura de uma forma diferente” Entrevista de Sérgio C. Andrade a Mirko Zardini”, *Jornal Público*, 2014, 6 de Novembro, p. 26.

¹³⁸⁵ Ibidem. Nós encontramos referências à participação de Zardini na revista *Casabella* a partir de 1983, e na revista *Lt I* a partir de 1988; dados confirmados pelo seu cv que onde indica que a sua participação na *Casabella* se manteve até 1988, ano a partir do qual colaborou com a *Lt I* até 1999. Parece-nos portanto haver alguma incoerência na data que refere da sua visita a Portugal, pois a sua colaboração com as revistas, a partir da qual conheceu o trabalho de Siza é posterior à década de 70.

¹³⁸⁶ “Argomenti / News. Álvaro Siza. Esboços de viagem / Travel Sketches”, *Casabella*, n. 548, 1988, p. 24.

¹³⁸⁷ “Argomenti / News. Álvaro Siza premiatissimo”, *Casabella*, n. 552, 1988, p. 26.

¹³⁸⁸ A Malagueira tinha sido publicada pela primeira vez na *Casabella* no número 478 de 1982, como referimos no capítulo anterior. GREGOTTI, Vittorio, “Modificazione / Modification”, *Casabella*, n. 498 / 499, 1984, p. 2-7.

¹³⁸⁹ BRANDOLINI, Sebastiano, CROSET, Pierre-Alain, “Strategie della modificazione 1 / Strategies of modification 1”, *Casabella*, n. 498 / 499, 1984, p. 16. Cada uma das três partes tem um texto introdutório da autoria da dupla Brandolino / Croset: “Strategie della modificazione 1 / Strategies of modification 1”, Ibidem, p. 16-20; BRANDOLINI, Sebastiano, CROSET, Pierre-Alain, “Strategie della modificazione 2 / Strategies of modification 2”, Ibidem, p. 40-45; BRANDOLINI, Sebastiano, CROSET, Pierre-Alain, “Strategie della modificazione 3 / Strategies of modification 3”, Ibidem, p. 78 – 83.

¹³⁹⁰ BRANDOLINI, Sebastiano, CROSET, Pierre-Alain, “Strategie della modificazione 1”, Ibidem, p. 16, 18, 20.

¹³⁹¹ Este texto é antecedido por uma pequena introdução não assinada. O texto de Siza é ilustrado por elementos gráficos, esboços, desenhos técnicos e fotografias. VIEIRA, Álvaro Siza, “L’accumulazione degli indizi / The accumulation of the clues”, Ibidem, p. 84 – 91.

¹³⁹² Ibidem.

o contexto”¹³⁹³. Argumentamos que a preocupação dos autores em 1984 estava mais centrada em combater a ideia de conservação do existente e propor a modificação, em contraponto com a perspectiva que Croset nos comentou em entrevista em 2012, a qual ambiciona ser mais abrangente. A expressão de Croset na formulação que usou na entrevista, ainda que esboçada em traços muito largos, parece-nos constituir um outro nome para o que ficou comumente conhecido como regionalismo crítico.

É de referir que Croset tomou contacto com a arquitectura portuguesa quando era ainda estudante, em 1978, na Escola Politécnica Federal em Lausanne (EPFL), onde foi aluno de Gregotti e Siza era ali professor visitante¹³⁹⁴. Apesar de nesse ano não ter sido seu aluno, quando Siza voltou a dar aulas naquela escola, em 1981, Croset, por estar envolvido no novo projecto editorial da *Casabella*, teve então contacto directo com o arquitecto português¹³⁹⁵. Foi também curador do número da *Rassegna* em Julho de 1980 sob a direcção de Gregotti¹³⁹⁶. Como Croset nos explicou, a partir dali foram-se desenvolvendo os contactos e o conhecimento da arquitectura portuguesa, através de várias visitas que teve a oportunidade de fazer a Portugal, como assistente de Luigi Snozzi na EPFL, entre 1985 e 1990, onde contactou com Gonçalo Byrne e Souto de Moura que também foram ali professores e como colaborador da *Casabella*, onde publicou vários artigos, alguns sobre arquitectura portuguesa¹³⁹⁷. A sua escrita sobre arquitectura portuguesa não se limitou à *Casabella*, publicou textos também no catálogo da exposição “Álvaro Siza: recent work” que teve lugar na 9H Gallery em 1986 e no livro *Architectures à Porto* de 1990 referente ao colóquio e exposição ocorridos em 1987 em Clermont Ferrand, que analisaremos oportunamente. Mas estes são só os primeiros actos de Croset como divulgador da arquitetura portuguesa, actividade que continuou a desenvolver ao longo dos anos.

¹³⁹³ CROSET, Pierre-Alain, entrevista por correio electrónico, 9/7/2012.

¹³⁹⁴ Idem.

¹³⁹⁵ Idem.

¹³⁹⁶ O título desse número é “I clienti di Le Corbusier”. BAGLIONE, Chiara, *Casabella* 1928-2008, Milão, Arnoldo Mondadori Editore, Mondadori Electa Spa, 2008, p. 518.

¹³⁹⁷ CROSET, Pierre-Alain, entrevista por correio electrónico, 9/7/2012. Croset publicou artigos sobre arquitectura portuguesa na *Casabella*, para além do referido número duplo 498 / 499 de 1984, nomeadamente nos números 506 de 1984 e 526 de 1986.

Sobre o conhecimento internacional da arquitetura portuguesa Croset comentou-nos em entrevista que o trabalho de Siza era sobejamente conhecido no início dos anos 80 em Itália, referenciando a intensificação do interesse pela arquitectura portuguesa em 1974, também a motivos políticos e consequente interesse disciplinar pelo SAAL¹³⁹⁸. No entanto, na Áustria, onde foi professor entre 1997 e 2002, a arquitectura portuguesa não era tão conhecida. Explicou que apesar de Siza ter proferido uma conferência em Graz em 2000 com bastante sucesso, as aulas que Byrne deu em 1999 em TU Graz a convite de Croset tiveram a adesão de poucos alunos¹³⁹⁹. Croset pensa que a arquitectura portuguesa não é “*espectacular*” no sentido em que os media actualmente privilegiam, apesar de obras como o Pavilhão de Portugal em Lisboa ou o estádio do Braga, exigindo uma análise mais profunda e um conhecimento “*táctil*” das obras “*in loco*”, o que constitui a razão da sua qualidade, em seu entender à semelhança da arquitectura finlandesa¹⁴⁰⁰.

A casa em Ovar e a remodelação de um apartamento na Póvoa do Varzim de Siza foram objecto de atenção de um artigo de Frampton no número 514 da revista *Casabella*¹⁴⁰¹ [fig. A3. 12]. Como referimos no capítulo anterior, Frampton e Collovà tinham um grande interesse pela arquitectura de Siza, ambos tinham inclusivamente visitado Portugal e conheciam pessoalmente Siza¹⁴⁰².

No seu artigo, Frampton fez uma análise original do trabalho de Siza. De forma talvez algo inesperada e desarmando as vozes críticas contra o conceito regionalismo crítico que difundiu e no qual incluiu a obra de Siza, neste artigo, Frampton não usou o tema regionalismo, ou qualquer termo próximo, para caracterizar a obra do arquitecto português.

¹³⁹⁸ CROSET, Pierre-Alain, entrevista por correio electrónico, 9/7/2012.

¹³⁹⁹ Idem.

¹⁴⁰⁰ Idem.

¹⁴⁰¹ O texto foi publicado em italiano e inglês. FRAMPTON, Kenneth, “Al punto fermo del mondo che ruota / At the still point of the turning world”, *Casabella*, n. 514, 1985, p. 4 – 11. A Casa de Ovar foi também tema de um artigo de Roberto Collovà, cujo texto só foi publicado em italiano. COLLOVÀ, Robert, “La casa a Ovar”, Ibidem, p. 12, 13. As obras de Siza abriram aquele número da revista. As fotografias que documentam ambas as obras são da autoria de Collovà e a sua apresentação é complementada com desenhos rigorosos, e no caso da Casa de Ovar também por esboços de Siza. “Álvaro Siza Vieira. Casa Duarte e apartamento Teixeira / Duarte House and Teixeira Apartment; presentazione di Kenneth Frampton con una nota di Roberto Collovà”, Ibidem, p. 4 – 13.

¹⁴⁰² O interesse de Frampton pela arquitectura portuguesa foi por nós documentado no capítulo anterior, bem como o contacto de Collovà com a arquitectura de Siza e o seu interesse por fotografia.

O título do artigo “Al punto fermo del mondo che ruota / At the still point of the turning world” sintetiza de facto a tese que Frampton apresentou. Desde logo Frampton começou por incluir Siza no grupo dos modernos que souberam perceber o “*legado libertador do movimento moderno*”, que em seu entender reside no “*potencial para a ambiguidade*”¹⁴⁰³. Designou como “*poésie d’équipage*” os meios mecânicos como planos que correm ou que se movem em torno de pivots, entre outros, de que Siza se socorre para expressar a fluidez e interrelação entre os espaços e assim transformá-los. Afirmou que esta capacidade está relacionada com outra de transformar um dado volume num espaço diferente, a qual ilustra com o “*pivot conceptual*” que a partir do exterior define o volume da agência bancária em Oliveira de Azeméis e produz consequências no espaço interior¹⁴⁰⁴. Assim, Frampton caracterizou a arquitectura de Siza como “*disjuntiva*”, juntando às capacidades referidas outras presentes especificamente na casa de Ovar, como a manipulação do ritmo Palladiano no volume da casa, o Raumplan no desenho dos espaços interiores e o Collage na aplicação dos revestimentos em particular do mármore, as duas últimas derivadas de Loos¹⁴⁰⁵. Para além das referências a Palladio e a Loos, Frampton faz também referência a Aalto na volumetria do banco em Oliveira e Azeméis, e a Mies e a Neutra na caracterização da casa de Ovar¹⁴⁰⁶.

Em suma, em nosso entender o que Frampton pretendeu deixar claro, também através do exemplo da intervenção no apartamento na Póvoa do Varzim, foi a capacidade de Siza manipular a complexidade na arquitectura, revelar e traduzir fisicamente as suas fragilidades e tensões e simultaneamente fornecer alternativas e um ponto de apoio num mundo em constante revolução.

No número 526 de *Casabella* de 1986 foi publicado um texto baseado numa conversa entre Croset e Siza¹⁴⁰⁷ [fig.A3. 31]. A novidade deste texto foi trazida

¹⁴⁰³ FRAMPTON, Kenneth, “Al punto fermo del mondo che ruota / At the still point of the turning world”, Ibidem, p. 4, 5.

¹⁴⁰⁴ Ibidem.

¹⁴⁰⁵ Ibidem, p. 4 – 11.

¹⁴⁰⁶ Ibidem.

¹⁴⁰⁷ CROSET, Pierre-Alain, “Álvaro Siza Vieira. Banca a Vila do Conde / Bank in Vila do Conde”, *Casabella*, 526, 1986, p. 4-15. A capa deste número da *Casabella* tem um esboço de Siza para o banco de Vila do Conde. O dossier sobre o projecto de Siza para a agência bancária de Vila do Conde da responsabilidade de Croset abriu este número. O dossier é constituído por um artigo de Croset sobre a agência bancária de Vila do Conde e outro texto com base numa conversa entre Croset e Siza. O texto é ilustrado por elementos gráficos, desenhos rigorosos, esboços e fotografias

para o título “Condensare la complessità”. Se Siza noutro momento perante a maior quantidade de dados que o projecto em seu entender deve incluir falava num processo de depuração na procura do essencial, como referimos¹⁴⁰⁸, neste texto falou na necessidade de condensar a complexidade numa linguagem simples, pois caso contrário seria excessivo¹⁴⁰⁹. Tal não significa simplificar, mas sim trabalhar uma ideia cada vez mais complexa e abrangente¹⁴¹⁰. Acredita que é por esta razão que o seu trabalho é adjectivado frequentemente de “*purista*”¹⁴¹¹.

Por último, Siza deixou uma nota declarando que perante a impossibilidade de confiar num qualquer estilo, ao longo do desenvolvimento do projecto apoia-se num elemento de controlo como a forma de um animal ou de algo orgânico, o que entende tão válido como as regras da geometria¹⁴¹².

A arquitectura de Siza e de Souto de Moura foram também publicadas noutra revista da responsabilidade de Gregotti, a revista *Rassegna*, no número 22 de 1985 e no número 36 de 1988.

Como referimos no capítulo anterior, a revista *Rassegna* de periodicidade trimestral, foi fundada em 1979, tendo Gregotti sido o seu director desde aquele ano até 1998. Gregotti caracterizou-a como uma “*revista de cultura*” definindo o seu campo de trabalho como o campo de projecto, mais que o campo arquitectónico¹⁴¹³. Explicou a sua característica de se constituir como uma colecção de monografias, por assim permitir uma distância que favorece a reflexão, que não é permitida em revistas da actualidade e informação¹⁴¹⁴.

da agência bancária em Vila do Conde. SIZA, Álvaro, “Condensare la complessità”, *Casabella*, 526, 1986, p. 9 – 15.

¹⁴⁰⁸ Referimo-nos à entrevista publicada no número 14 da *ARQ* de 1983.

¹⁴⁰⁹ SIZA, Álvaro, “Condensare la complessità”, Ibidem, p. 13 – 15.

¹⁴¹⁰ Ibidem.

¹⁴¹¹ Ibidem.

¹⁴¹² Ibidem, p. 15.

¹⁴¹³ GREGOTTI, Vittorio, “Editoriale”, *Rassegna*, n. 50, 1992, p. 5.

¹⁴¹⁴ Como exemplo da variedade de temas que a revista abordou desde 1979 a 1992, Gregotti refere a história, desenho do produto industrial, a história gráfica italiana, a arquitectura racionalista Belga e a relação entre a arquitectura e o minimalismo, número no qual a arquitectura portuguesa foi publicada, como veremos, entre outros. Ibidem, p. 7.

Os projectos de Siza realizados para Veneza foram publicados no número 22 de 1985 da *Rassegna* dedicado àquela cidade¹⁴¹⁵.

A arquitectura de Siza e de Souto de Moura foi referenciada em dois artigos no número 36 da revista *Rassegna*¹⁴¹⁶, intitulado “Minimal”. No seu artigo, Mateo continuou a linha de raciocínio que vinha desenvolvendo sobre o trabalho de Siza, registada no livro de que é co-autor *Architettura Europea Contemporanea* de 1987, por nós atrás analisada. Partiu neste texto igualmente da importância fulcral da complexidade do real no trabalho de Siza, salientou que através do seu trabalho demonstra ser possível os projectos não sucumbirem a tal complexidade, o que consitiu em seu entender a razão da emergência da sua importância internacional¹⁴¹⁷. Relativamente a Souto de Moura apresentou-o como um arquitecto influenciado pela obra de Mies, à qual acrescenta “*arcaísmo e espessura*”, com uma obra em seu entender cada vez mais interessante e afastada do seu mestre Siza¹⁴¹⁸.

No capítulo anterior destacámos a influência de Gregotti e de Nicolín na divulgação internacional da arquitectura portuguesa, em particular a de Siza, bem como da maior frequência daquela arquitectura nas páginas da *Lt I* do que nas de *Casabella*, pelas razões que ali explicitámos. Se como vimos, neste período a *Casabella* de Gregotti aumentou o número de edições em que publicou arquitectura portuguesa, a *Lt I* de Nicolín manteve o ritmo de publicação que vinha tendo. Noutra publicação de Nicolín, a *Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, Siza voltou a ser objecto de publicação, desta vez com um número monográfico em 1986¹⁴¹⁹.

¹⁴¹⁵ No artigo de Nico Ventura foi referido o projecto de Siza para o terminal de Treporti, através de uma breve descrição e esboços, o que ocupa menos de uma página A4. VENTURA, Nico, “L’acqua come opportunità”, *Rassegna*, n. 22, 1985, p. 62 – 73. No artigo de Gregotti foi referido o projecto de Siza para a Giudecca, através de uma breve descrição, esboço e desenho rigoroso, o que ocupa uma página A4. GREGOTTI, Vittorio, “Venezia città della nuova modernità”, *Ibidem*, p. 74 – 83.

¹⁴¹⁶ Foram publicadas fotografias de obras de Siza e de Souto de Moura: três de Siza - a casa de Ovar de Siza, a piscina de Leça e a agência bancária em Vila do Conde; e uma de Souto de Moura, o mercado de Braga. AVON, Annalisa, VRAGNAZ, Giovanni, “Aspetti del minimalismo in architettura”, *Rassegna*, n. 36, 1988, p. 29 - 37. Foram publicadas fotografias de obras de Siza e de Souto de Moura: duas de Siza, a agência bancária em Vila do Conde e a casa Manuel Magalhães no Porto; e uma de Souto de Moura, o mercado de Braga. MATEO, Josep Lluís, “Artiscità e progetto nella situazione europea”, *Ibidem*, p. 74 - 80.

¹⁴¹⁷ MATEO, Josep Lluís, “Artiscità e progetto nella situazione europea”, *Ibidem*, p. 78.

¹⁴¹⁸ *Ibidem*, p. 80.

¹⁴¹⁹ Depois de 1974, como *Lotus International*, a arquitectura portuguesa foi referenciada uma

O arquitecto português que dominou as referências na *Lt I* neste período voltou a ser Siza. Para além deste foi publicado o Museu em Amarante de Soutinho, no número 46 de 1985 [fig.A3. 13], e dois textos históricos de Gonçalo Byrne, no número 45 de 1985 e 51 de 1987¹⁴²⁰. De Siza foram publicados o edifício que veio a ser conhecido como Bonjour tristesse em Berlim, no número 41 de 1984; o seu projecto para o concurso para o Prinz Albrecht Palais em Berlim, no número 42 do mesmo ano de 1984; e o seu projecto de concurso para a Giudecca, no número 51 de 1987¹⁴²¹.

Nicolín comentou-nos em entrevista que Siza era o melhor arquitecto português, e que o interesse da sua revista residia na sua arquitectura, não estando preocupado com a restante arquitectura de Portugal¹⁴²². Explicou-nos que admirava sobretudo a capacidade de Siza trabalhar com o contexto e de responder de forma flexível¹⁴²³. Quanto à revista, disse-nos que não há uma estratégia

vez em cada ano, desde 1975 até 1987, à excepção dos anos 1977 e 1980, em que não foi referida em nenhum número, e dos anos de 1975, 1976, 1984 e 1985, nos quais foi referida em dois números. O trabalho de Siza tinha sido referido numa edição *Quaderni di Lotus / Lotus Documents* de 1983, como referimos no capítulo anterior. Nicolín tornou-se o proprietário de ambas as edições em 2002.

¹⁴²⁰ O projecto do museu de Soutinho foi apresentado através de um texto de Alberto Ferlenga, elemento da redacção da revista e de elementos gráficos, desenhos rigorosos e fotografias. FERLENGA, Alberto, “Dal convento al museo. Un progetto di Alcino Soutinho a Amarante (Portogallo) / From convent to museum. A project at Amarante (Portugal) by Alcino Soutinho”, *Lotus International*, n. 45, 1985, p. 47 – 54. BYRNE, Gonçalo, “Ingegneria come arte civica. L’ascensore di Santa Justa a Lisbonna”, *Lotus International*, n. 45, 1985, p. 119 – 132; e BYRNE, Gonçalo, “Ricostruire nella città. La Lisbona di Pombal” / “Rebuilding in the city. Pombal’s Lisbon”, *Lotus International*, n. 51, 1987, p. 7 – 24.

¹⁴²¹ O projecto foi publicado através de um breve texto e de elementos gráficos, desenhos rigorosos, fotografias e fotografias de maquete, tendo sido publicadas as duas versões que o projecto teve. “Bonjour tristesse. Storia di un progetto / Bonjour Tristesse. Story of a Project”, *Lotus International*, n. 41, 1984, p. 50 - 61. Na sequência de um artigo de Josef Paul Kleihues, que foi membro do júri e que relata essa sua experiência, foram apresentados alguns dos cento e noventa e quatro projectos a concurso, através de elementos gráficos que ocupam meia página, entre eles, o de Siza. KLEIHUES, Josef Paul, “Un non-luogo. I progetti di concorso per il Prinz Albrecht Palais a Berlino / A non-place. Competition designs for the Prinz Albrecht Palais in Berlin”, *Lotus International*, n. 42, 1984, p. 101 - 110. No final deste artigo de De Michelis, onde foi feito o enquadramento histórico, foi apresentado o projecto de Siza vencedor do respectivo concurso através de elementos gráficos, desenhos rigorosos. MICHELIS, Marco De, “Nuovi progetti alla Giudecca. Tipi di edificazione e morfologia dell’isola” / “New projects at the Giudecca. Building types and morphology of the island”, *Lotus International*, n. 51, 1987, p. 79 – 108.

¹⁴²² Entrevista telefónica a Pierluigi Nicolín, 29/01/2013.

¹⁴²³ *Ibidem*.

pré-definida e que o seu desenvolvimento tem muito de acidental¹⁴²⁴. Acrescentou que Siza ao longo dos anos desenvolveu um trabalho interessante, ao contrário de outros arquitectos cuja criatividade costuma descrever “*uma clássica parábola descendente*”, razão pela qual foi regularmente publicado¹⁴²⁵. Assim, afirmou que “*tratam Siza em conjunto com Portugal, da mesma forma que falam de Aalto e da Finlândia*”¹⁴²⁶. Opinião com que concordamos, quer pela leitura do livro de Êferin sobre as exposições internacionais de arquitectura finlandesa, quer pelos textos que analisámos sobre Siza, essencialmente no primeiro capítulo, nos quais as condições geográficas do país, mais especificamente do Norte se confundem com o trabalho de Siza. Quando questionámos Nicolín sobre as razões da publicação de outros temas da arquitectura portuguesa como o SAAL, Soutinho e textos de Byrne, respondeu que no caso do SAAL, reconheceu que o trabalho do grupo de arquitectos do Porto foi “*capaz de transcender a resolução do problema social para enfrentar um problema sobre a forma da cidade e da arquitectura*”¹⁴²⁷. No caso de Soutinho, que conheceu pessoalmente, explicou-nos que o seu trabalho se enquadrava no interesse que mantinha sobre a arquitectura do Porto na época¹⁴²⁸. Quanto a Byrne, sem explicar precisamente as razões da publicação dos seus textos, informou-nos que o conheceu no seminário organizado por Taveira em Lisboa, ao qual voltaremos adiante, e que apesar de este se apresentar como uma pessoa “*marginal*” com o tempo apercebeu-se que se tratava de “*um apêndice da Escola do Porto em Lisboa*”¹⁴²⁹.

Nicolín contou-nos em entrevista como entrou em contacto com a arquitectura portuguesa. Afirmou que tal aconteceu através de Gregotti, a quem se refere como o seu “*mestre*”¹⁴³⁰. Nicolín deslocou-se a Portugal em 1975, como administrador do escritório de Gregotti, onde trabalhava, com o objectivo de construir um bairro de habitação social em Setúbal ao abrigo do programa SAAL, lançado por Portas. Aproveitou esta viagem para conhecer pessoalmente Siza, que Gregotti havia conhecido anos antes, tendo-se deslocado ao Porto com esse objectivo.

Nicolín reconhece que a revolução de 1974 chamou à atenção para Portugal, principalmente para os seus contornos políticos e sociais, mas que muito pouca gente conhecia a arquitectura portuguesa naquela época¹⁴³¹. Nicolín reclama para si e para Gregotti o pioneirismo no interesse pela arquitectura portuguesa, atraídos principalmente pelo talento de Siza, que desde logo reconheceram¹⁴³².

É interessante a análise que Nicolín faz da evolução recente da arquitectura portuguesa e das suas consequências na publicação em Itália, em particular na sua revista. Nicolín explicou que inicialmente o seu interesse residia na capacidade que a arquitectura portuguesa demonstrou de renovação do movimento moderno¹⁴³³. Afirmou que depois de meados da década de 80, os desenvolvimentos em Portugal, tal como em Espanha, levaram a uma aproximação ao norte da Europa, afastando-se do mediterrâneo, fazendo com que a relação com a Itália já não fosse a privilegiada¹⁴³⁴. Nicolín deu exemplos: “*Souto de Moura tornou-se Suíço, para além de Português; Carrilho da Graça, como outros arquitectos de Lisboa, é minimal, conceptual e pouco mediterrânico*”¹⁴³⁵. Por isso, disse, a sua revista manteve interesse nestas evoluções mas com menos envolvimento¹⁴³⁶.

Como dizíamos, Nicolín em 1986 dedicou o número 6 da série *Quaderni di Lotus / Lotus Documents* monograficamente ao trabalho de Siza, o qual recebeu o título *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession*¹⁴³⁷ [fig.A3.32]. Esta monografia veio a ter dois anos mais tarde, em 1988, uma outra edição bilingue em Espanhol e Português, levada a cabo pela editora de Barcelona Gustavo Gili¹⁴³⁸.

¹⁴³¹ Ibidem.

¹⁴³² Ibidem.

¹⁴³³ Ibidem.

¹⁴³⁴ Ibidem.

¹⁴³⁵ Ibidem.

¹⁴³⁶ Ibidem.

¹⁴³⁷ *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

¹⁴³⁸ *Álvaro Siza, Profesión poetica / Profissão poetica*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1988. Temos também registo de uma edição conjunta em 1987 pela Electa e Rizzoli, mas apesar dos esforços desenvolvidos não conseguimos confirmar a sua existência.

¹⁴²⁴ Ibidem.

¹⁴²⁵ Ibidem.

¹⁴²⁶ Ibidem.

¹⁴²⁷ Ibidem.

¹⁴²⁸ Ibidem.

¹⁴²⁹ Ibidem.

¹⁴³⁰ Ibidem.

Nos vinte e três números editados entre 1982 e 1989 esta edição sobre Siza surgiu ao lado de outros números monográficos sobre arquitectos como Ungers, Rossi, Solà-Morales, Gehry, Grassi, o próprio Nicolín, entre outros.

A monografia de Siza é de facto uma grande antologia por publicar muitos dos projectos que Siza tinha desenvolvido até à data, tal como é de esperar de uma publicação deste tipo¹⁴³⁹, e sobretudo pela grande maioria dos textos terem sido anteriormente publicados. É de referir que o nome de José Paulo dos Santos continua ligado à divulgação internacional da arquitectura portuguesa, pois desta feita surgiu na ficha técnica deste livro como a pessoa que recolheu e organizou o material gráfico que compõe o livro.

Apesar da parte final do livro ser designada explicitamente como uma antologia crítica constituída por textos de Huet, Bohigas e Gregotti, obviamente

anteriormente publicados¹⁴⁴⁰, dos restantes artigos, da autoria de Siza, Frampton, Portas, Alves Costa¹⁴⁴¹ e dois textos de Nicolín¹⁴⁴², os únicos inéditos são o texto de Frampton e um dos dois de Nicolín, o que se dedica à Malagueira. Neste texto Nicolín analisou aquele projecto sob a perspectiva da teoria de Gianni Vattimo, filósofo seu conterrâneo.

No seu texto, Frampton validou as análises de meados da década de 70 de Moneo, Gregotti e Bohigas que inclui a arqueologia pessoal referida por Gregotti e aquilo que designámos como confronto com o real alargado e a sua transformação e reforçou ainda, a importância do desenho no processo de projecto de Siza¹⁴⁴³,

¹⁴⁴⁰ “Antologia crítica”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986, p.175-188. HUET, Bernard, “Álvaro Siza, arquitecto 1954-1979”, ibidem, p.176-181. Este texto de Huet tinha sido publicado no catálogo como título *Álvaro Siza Architetto 1954-1979* de 1979, analisado por nós no capítulo anterior. HUET, Bernard, “Álvaro Siza, architetto”, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d'Arte Contemporanea di Milano, 1979, p. 1 – 6. BOHIGAS, Oriol, “Álvaro Siza Vieira”, *Álvaro Siza, Professione poetica ...* p.182-185. Este texto de Bohigas tinha sido anteriormente publicado no número 12 da *Arquitecturas Bis* de 1976, no livro *Once arquitectos* de 1976, no número 185 da revista francesa *L'Ojd* de 1976 e no catálogo com título *Álvaro Siza Architetto 1954-1979* de 1979. GREGOTTI, Vittorio, “Architecture recenti di Álvaro Siza”, *Álvaro Siza, Professione poetica ...* p.186-188. Este texto de Gregotti tinha sido publicado no catálogo com título *Álvaro Siza Architetto 1954-1979* de 1979, no número 9 da revista *Controspazio* de 1972 e no número 185 da revista francesa *L'Ojd* de 1976, analisado por nós anteriormente.

¹⁴⁴¹ Este prefácio é precedido por um auto-retrato de Siza. O livro abre com um prefácio assinado pelo próprio Siza, que na realidade é constituído por dois textos seus anteriormente publicados. SIZA, Álvaro, “Premessa di Álvaro Siza / Foreword by Álvaro Siza”, *Álvaro Siza, Professione poetica...* p. 7-9. Ambos os textos tinham sido publicados no número 159 da *Quaderns* de 1983, por nós anteriormente referidos. FRAMPTON, Kenneth, “Poesis e trasformazione: l'architettura di Álvaro Siza / Poesis and transformation: the architecture of Álvaro Siza”, *Álvaro Siza, Professione poetica ...* p.10-24. O texto de Portas é na realidade consituído por dois textos anteriormente publicados. PORTAS, Nuno, “La ricerca di un luguaggio / The search for a language”, *Álvaro Siza, Professione poetica ...* p.39-46. A primeira parte do texto foi publicada no número 9 da revista *Controspazio* de 1972. A segunda parte do texto publicada na edição Espanhol / Português de 1988 foi publicada no catálogo que acompanhou a exposição designada *Tendências da Arquitectura portuguesa*, todos por nós anteriormente analisados. Na edição em italiano / Inglês, por erro a segunda parte do texto de Portas é a repetição do texto de Bohigas publicado naquela edição. Este texto de Alves Costa sobre o SAAL tinha sido publicado no número 18 da revista *Lotus International* de 1978, por nós referido. COSTA, Alexandre Alves “L'Operazione SAAI / The SAAL operation”, *Álvaro Siza, Professione poetica ...* p.71-76.

¹⁴⁴² Nicolín publicou dois textos; um sobre a Malagueira e outro sobre a experiência de Siza em Berlim. Este último texto tinha sido anteriormente publicado no número 32 da revista *Lotus International* de 1981, por nós anteriormente analisado; e não em 1984 como é referido em ambas as edições em 1986 e em 1988 da monografia de Siza. NICOLÍN, Pierluigi, “Quinta da Malagueira. Évora”, *Álvaro Siza, Professione poetica ...*, p.91-95; e NICOLÍN, Pierluigi, “L'esperienza berlinese / The Berlin experience”, ibidem, p.145-148.

¹⁴⁴³ FRAMPTON, Kenneth, “Poesis e trasformazione: l'architettura di Álvaro Siza / Poesis and

¹⁴³⁹ Os projectos realizados em Portugal são apresentados por ordem cronológica, sendo na parte final do livro apresentados os projectos realizados para o estrangeiro. O primeiro conjunto de projectos a ser apresentado é constituído por aqueles realizados em Matosinhos. Depois do texto de Portas são apresentados mais projectos até à época da participação de Siza no SAAL, cujos projectos são antecédidos de um texto de Alves Costa sobre o mesmo tema. Segue-se o projecto para a Malagueira antecedido de um texto de Nicolín e da publicação dos restantes projectos para Portugal. Segue-se a publicação dos projectos do arquitecto português no estrangeiro, antecedido por um segundo texto de Nicolín sobre o trabalho de Siza em Berlim, sendo primeiro apresentados os realizados para a capital Alemã, seguido dos concursos para outros locais internacionais. Todos os projectos publicados nesta monografia são apresentados através de breves textos e de elementos gráficos, desenhos rigorosos e fotografias. Os projectos publicados para Matosinhos são: as quatro casas, o centro paroquial, a casa de Chá da Boa Nova, a piscina da Quinta da Conceição, e a piscina em Leça da Palmeira. Ibidem, p.26-38. Os projectos apresentados a seguir ao texto de Portas são os seguintes: a casa na Maia, a casa Alves Costa em Moledo do Minho, a casa Alves dos Santos na Póvoa do Varzim, a casa Manuel Magalhães no Porto, edifício de escritórios no Porto, a agência bancária em Vila do Conde, numa fase de projecto que corresponde a uma possibilidade não construída, as habitações em Caxinas, casa Alcino Cardoso em Moledo do Minho, as agências bancárias em Oliveira de Azeméis e em Lamego, a galeria de Arte no Porto, e a casa Beires na Póvoa do Varzim. Ibidem, p.47 - 70. Os projectos SAAL publicados são: a Bouça e São Victor, Ibidem, p.77 - 90. Os restantes projectos para Portugal publicados são: Malagueira, a casa de António Carlos Siza em Santo Tirso, a casa em Arcozelo, casa em Taipas, Guimaraes, casa Avelino Duarte em Ovar, casa Fernando Machado no Porto, agência bancária em Vila do Conde, obra concluída, remodelação de apartamento na Póvoa do Varzim, Centro Cultural em Sines, casa em Gondomar, loja no Porto, casa em Sintra, casa em Vila Nova de Famalicão, jardim escola em Penafiel e o pavilhão Carlos Ramos da Faculdade de Arquitectura do Porto. Ibidem, p.96-144. Os projectos para Berlim publicados são: Fränkelufer, da piscina Görlitzer Bad, do Schlesisches Tor, mais conhecido como Bonjour Tristesse, do Kulturforum e do monumento às vítimas da Gestapo. Ibidem, p.149-162. Os projectos para concursos internacionais publicados são: edifício de escritórios da fábrica Dom em Colónia, projecto para a Igreja Salemi na Sicília, projecto para Caserta em Itália e o projecto para o bairro da Giudecca em Veneza. Ibidem, p.164 - 174. Por último é feita a listagem dos colaboradores de Siza e apresentada uma sucinta biografia do arquitecto. Ibidem, p.191, 192.

tal como o próprio declarou em vários momentos¹⁴⁴⁴. A originalidade do texto de Frampton reside nos aspectos que apontou ao longo da análise detalhada de algumas obras de Siza, onde incluiu parte do texto publicado anteriormente sobre a casa em Ovar¹⁴⁴⁵. Frampton tentou perceber a complexidade de cada obra e a sua multiplicidade de referências, na sua maioria internacionais, mas nunca directas ou literais. Ao longo deste percurso foi apontando aspectos de carácter geral da obra do arquitecto, citando algumas vezes frases de Siza também por nós anteriormente referidas. Na maioria daquelas análises ao contrário do que seria de supor, mas em linha com o artigo que escreveu anteriormente sobre Siza¹⁴⁴⁶, o aspecto regionalista não foi sobrevalorizado. Quando referiu que o carácter regionalista é mais marcado na casa Beires citou Siza numa entrevista no Canadá, por nós analisada no capítulo anterior, na qual este problematiza aquele conceito levando-o até à inclusão da mistura de outras culturas estrangeiras¹⁴⁴⁷. No entanto, no final do texto caminhou no sentido da crítica ao capitalismo global e à sociedade de consumo, que não disponibiliza dinheiro suficiente para investir em habitação social e vai deteriorando o sentido de comunidade¹⁴⁴⁸. Não acabou sem uma nota de esperança para a arquitectura, criada segundo Frampton, pela morte do autor dos tempos modernos e o fim da genialidade, mas que talvez seja só possível em locais à margem como a escola do Porto¹⁴⁴⁹, simbolizando a possibilidade de uma região resistir ao avanço do global.

transformation: the architecture of Álvaro Siza”, *Álvaro Siza, Professione poetica ...* p. 22.

¹⁴⁴⁴ Siza referiu-se em vários momentos à importância do desenho no seu trabalho, nomeadamente no número 211 da *L'Ojd* de 1980, no número 159 da *Quaderns* de 1983 e no número 8 da *Obradoiro* de 1983.

¹⁴⁴⁵ Referimo-nos ao artigo de Frampton publicado no número 514 da *Casabella* de 1985, por nós analisado no início do presente capítulo.

¹⁴⁴⁶ Ibidem.

¹⁴⁴⁷ Estamos-nos a referir à entrevista a Siza publicada no número 14 da *ARQ* de 1983, por nós analisada no capítulo anterior. FRAMPTON, Kenneth, “Poesis e trasformazione: l'architettura di Álvaro Siza / Poesis and transformation: the architecture of Álvaro Siza”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986, p. 17 - 19.

¹⁴⁴⁸ Ibidem, p. 21, 22.

¹⁴⁴⁹ Ibidem, p. 23.

No capítulo anterior, em França, verificámos como a divulgação da arquitectura portuguesa oscilou entre as revistas *L'Ojd* e *AMC*. Neste período as mesmas revistas continuaram a publicar arquitectura nacional¹⁴⁵⁰, maioritariamente a de Siza, destacando-se em nosso entender um número da *AMC*, o número 7 de 1985, no qual foi publicado um dossier sobre a escola do Porto, pelo maior espaço atribuído e profundidade da reflexão.

Sob a direcção de Marc Émery, cargo que ocupou pela segunda vez entre 1977 e 1986, depois de Siza ter sido objecto do número monográfico 211 de 1980, como analisámos no capítulo anterior, a *L'Ojd* continuou publicar este arquitecto em todos os quatro números que a arquitectura portuguesa foi referida neste período, sendo Souto de Moura o outro único arquitecto português que também foi publicado.

Foi publicado o projecto para uma casa no Douro de Siza no número 235 da *L'Ojd* de 1984, acompanhado por um texto onde são referidas as características do terreno e dos regulamentos como caracterizadores do projecto, ainda que este não seja totalmente dependente desses factores¹⁴⁵¹. O seu projecto para o concurso da Giudecca em Veneza foi publicado duas vezes, uma no número 242 da *L'Ojd* de 1985 e outra no número 248 da *L'Ojd* de 1986, no âmbito de uma entrevista a Bernard Huet sob o tema da construção em Veneza¹⁴⁵². Huet que, entretanto, tinha estreitado as suas ligações com Veneza e sido nomeado consultor do Comité de Salvaguarda da Unesco, tinha sido convidado por Carlo Trevisan, presidente do Istituto Autonomo per le Case Popolari (IACP) de Veneza em 1984

¹⁴⁵⁰ Em 1988 foi publicado no número 87 de *le mur vivant* o trabalho de arquitectos em vários países europeus, como Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Itália, Grécia, Luxemburgo, Holanda, Suécia e Alemanha Ocidental, onde predominam projectos de Bofill e Piano, estando Portugal representado pelo projecto da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto de Siza. “Ouverture sur L'Europe. Le cadre de Vie Professionnel”, *le mur vivant*, n. 87, 1988. O projecto foi apresentado em duas páginas através de um breve texto descritivo e elementos gráficos, fotografia da maquete e desenhos rigorosos, plantas e alçado. “Faculté d'Architecture, Porto, Portugal, par A Siza, Diaz, P. Testa, architectes”, *le mur vivant*, n. 87, 1988, p. 92, 93.

¹⁴⁵¹ O projecto de Siza foi publicado através de um breve texto descritivo e de elementos gráficos, no caso desenhos rigorosos. SIZA, Álvaro, “L' Effet Réglementaire. Habitation particulière”, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, n. 235, 1984, p. 8, 9.

¹⁴⁵² O projecto de Siza para a Giudecca no número 242 foi apresentado através de um breve texto descritivo e de elementos gráficos, no caso desenhos rigorosos. “Restructuration du Campo di Marte, Giudecca, Venise. Álvaro Siza e José Paulo dos Santos”, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, n. 242, 1985, p. 22 - 24. O projecto de Siza para a Giudecca no número 248 foi publicado através de desenhos rigorosos, ocupando praticamente uma página A4 em conjunto com fotografias do local. “Terrains du Campo di Marte sur La Giudecca”, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, n. 248, 1986, p. 75. Construire à Venise. Interview de Bernard Huet par David Mangin”, Ibidem, p. 72 – 77.

a organizar o concurso para a Giudecca, que veio a ser ganho por Siza¹⁴⁵³. Nesta entrevista, Huet explicou a decisão por unanimidade da atribuição da vitória a Siza, por a sua proposta ser a mais fácil de realizar por fases e por diversos arquitectos, tal como era pretendido; e apontou as dificuldades que as propostas de outros concorrentes levantavam¹⁴⁵⁴. Abrimos um parêntesis para referir que que em 1986 foi realizada uma exposição em Veneza com os projectos dos arquitectos que participaram no concurso para o Campo di Marte; e editado um catálogo, onde obviamente figurou o trabalho vencedor de Siza em conjunto com os restantes nove¹⁴⁵⁵.

Os projectos de Siza e de Souto de Moura, a casa em Ovar e o café e o mercado em Braga, respectivamente, publicados no número 240 da *L'Ojd* de 1985, foram ambos acompanhados por breves textos de Wang¹⁴⁵⁶. Wang comentou-nos em entrevista ter encontrado no Porto Émery, com quem conversou, tendo o convite para escrever na revista francesa surgido na sequência daquele encontro¹⁴⁵⁷.

Sob a direcção de Lucan, cargo que ocupou entre 1978 e 1988, depois de ter publicado entrevistas a Siza nos números 44 de 1978 e no número 2 de 1983, tal como analisámos no capítulo anterior, a *AMC* voltou a publicar o trabalho de Siza em dois números, sendo que num deles o seu trabalho foi apresentado em conjunto com a escola do Porto. Sob a direcção seguinte, de Dominique Boudet,

¹⁴⁵³ Huet em 1979 foi nomeado consultor do Comité de Salvaguarda da Unesco, entre 1984 e 1986 foi professor convidado no IUAV, Instituto Universitário de Arquitectura de Veneza e membro da comissão permanente da secção de arquitectura da Bienal de Veneza. “Construire à Venise. Interview de Bernard Huet par David Mangin”, Ibidem, p. 72.

¹⁴⁵⁴ Ibidem, p. 76.

¹⁴⁵⁵ A exposição teve lugar no Ateneo S. Basso, na Piazza de São Marco, em Veneza em Outubro e Novembro de 1986. O catálogo tinha aproximadamente cento e trinta páginas, no qual foram publicados os dez projectos de concurso, bem como textos de enquadramento, lançamento do concurso e respectiva decisão final. QUAGLIA, Tiziana, POLLI, Giorgio, *Ridisegnare Venezia. Dieci progetti di concorso per la ricostruzione di Campo di Marte alla Giudecca*, Veneza, Marsilio, 1986. O projecto de Siza foi apresentado através da memória descritiva e de desenhos rigorosos. VIEIRA, Álvaro Siza, “Álvaro Siza Vieira”, in ibidem, p. 101 - 107.

¹⁴⁵⁶ Estes projectos foram publicados na secção intitulada “Exposition”, secção onde era habitualmente publicado sucintamente, em uma ou duas páginas, vários projectos de arquitectos internacionais. WANG, Wilfried, “Marché et Café, Braga, Portugal, 1984, Eduardo Souto Moura”, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 240, 1985, p. 65. WANG, Wilfried, “Maison Duarte, Ovar, Portugal, 1984, Álvaro Siza Vieira”, Ibidem, p. 66, 67. Embora o texto sobre a Casa em Ovar não esteja assinado, Wang confirmou que também este era de sua autoria. WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012. É dado maior espaço às fotografias, sendo a apresentação do mercado de Braga complementada por um esboço e a casa em Ovar por pequenas plantas e cortes.

¹⁴⁵⁷ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012.

a *AMC* publicou em 1988, em dois números o trabalho de outros dois arquitectos portugueses, de Soutinho e Teotónio Pereira.

O pavilhão Carlos Ramos na Faculdade de Arquitectura do Porto de Siza abriu a secção “Actualidade”, no número 19 da *AMC* de 1988, o último da responsabilidade de Lucan¹⁴⁵⁸. No seu editorial, Lucan incluiu o edifício de Siza tal como o de Rogers, de Portzamparc e de Pingusson publicados neste número da *AMC* no grupo das obras que admirava por resultarem de um trabalho apurado de investigação das formas, imprimindo uma coerência entre várias componentes como o programa, o contexto, a técnica construtiva e mesmo as regras formais de composição¹⁴⁵⁹. Com o objectivo da melhor compreensão de cada obra, Lucan apelou à crítica para que tente perceber o processo de cada projecto, onde julga encontrar as razões da sua coerência e da “*justeza*” da sua solução¹⁴⁶⁰.

A publicação da Câmara Municipal de Matosinhos de Soutinho também abriu a secção “Actualidade” do número 21 da *AMC* de 1988, acompanhado por textos de Reynald Eugène, Souto de Moura e Siza¹⁴⁶¹. Os textos dos arquitectos portugueses foram escritos para uma exposição da Câmara de Matosinhos no Porto sobre Soutinho que tinha tido lugar no ano anterior, em 1987¹⁴⁶². A habitação social em Lisboa de Teotónio Pereira integrou um dossier sobre habitação no número 22 da *AMC* de 1985, ilustrado por projectos de vários arquitectos internacionais como Koolhaas, Kollhoff, Bohigas, entre outros¹⁴⁶³.

De entre os números referidos da *AMC* deste período, destacamos o dossier sobre a escola do Porto publicado no número 7 de 1985 da responsabilidade

¹⁴⁵⁸ A representação desta obra foi feita através de um texto assinado por R.E. cuja identidade não conseguimos precisar e de elementos gráficos, desenhos rigorosos, esboços e fotografias. F., R., “Un pavillion dans un parc. Álvaro Siza, architecte”, *AMC*, n. 19, 1988, p. 38 – 43.

¹⁴⁵⁹ L., J., “Histoire des Projets”, Ibidem, s/p.

¹⁴⁶⁰ Ibidem.

¹⁴⁶¹ A representação desta obra foi feita através de textos e de elementos gráficos, desenhos rigorosos e fotografias. Foi também publicada uma breve biografia de Soutinho. EUGÈNE, Reynald, “Portugal. L' hôtel de ville de Matosinhos”, *AMC*, n. 21, 1988, p. 34 – 41. MOURA, Eduardo Souto, “L'attrait de la différence”, Ibidem, p. 40; e SIZA, Álvaro, “Un parcours singulier et engagé”, Ibidem, p. 41.

¹⁴⁶² Ibidem, p. 40.

¹⁴⁶³ A obra de Teotónio foi representada através de um texto de Agnès Vince e de elementos gráficos, fotografias e desenhos rigorosos. VINCE, Agnès, “Nuno Teotónio – Habitat Intermédiaire – Lisbonne”, *AMC*, n. 22, 1988, p. 74, 75.

de Bédarida¹⁴⁶⁴. O dossier abriu com um texto de apresentação de Bédarida, seguindo-se a apresentação de projectos de seis arquitectos do Norte de Portugal: Siza, Souto de Moura, Adalberto Dias, Alcino Soutinho, José Gigante e Virgínio Moutinho ¹⁴⁶⁵ [fig.A3.16].

Bédarida dividiu o seu texto entre a escola do Porto e a arquitectura de Siza, tomando muitas vezes a arquitectura do último pela da primeira, sem acrescentar nada de muito significativo ao que já vinha sendo escrito.

Bédarida retomou o tema ‘à margem que foi maioritariamente até àquela data aplicado à arquitectura de Siza e que atravessou os textos de todos os autores referidos no primeiro período como Portas, Gregotti, Moneo, Bohigas, Huet e Nicolin, e estendeu-o à escola do Porto¹⁴⁶⁶. Senão vejamos, para Bédarida o facto do Porto ser uma cidade que estava à margem das correntes disciplinares internacionais permitiu-lhe retomar a pesquisa dos anos 20 e fazer uma releitura particular do movimento moderno, tomando como referências arquitectos como Aalto, referências estas partilhadas por Portas num texto seu, e também Rossi e Loos¹⁴⁶⁷.

Bédarida acrescentou um outro termo qualificativo da situação negativa que se vivia em Portugal, que foi a palavra “crise”, em seu entender a responsável pelas

condições económicas que originaram encomendas de dimensão reduzida¹⁴⁶⁸. Argumentamos que este novo termo terá surgido da necessidade de manter credível uma situação difícil que se quer continuar a difundir, mas que se outros factos não houvesse para a pôr em causa, nomeadamente o sucesso da revolução na abertura do país ao estrangeiro e o reconhecimento internacional de Siza, aspectos aliás referidos por Bédarida, era complicado continuar a usar o desgastado conceito de estar à margem.

Bédarida revelou ser conhecedor da distinção entre as escolas de Lisboa e do Porto¹⁴⁶⁹. Acrescentou às características mencionadas por Portas e Alves Costa, nomeadamente a sensibilidade ao contexto e ao lugar, também referida por Vitale, a forte influência dos mestres Távora e Siza como factores de sucesso da escola do Porto e a realização do inquérito à arquitectura popular em Portugal¹⁴⁷⁰. Tal como Portas destacou também a importância da participação da escola no SAAL¹⁴⁷¹.

À semelhança de Portas, Bédarida classificou a escola do Porto como a “*escola do rigor*” na elaboração do projecto e na sua construção¹⁴⁷². Caracterizou a arquitectura da escola do Porto como branca, embora noutro momento refira o trabalho com os materiais como a pedra, o gesso cartonado, o betão, o mármore, a madeira e o metal¹⁴⁷³. Refere ainda a escala modesta, gestos simples e que por utilizar um número reduzido de elementos assume autenticidade¹⁴⁷⁴. Na esteira de Vitale, Bédarida também referiu que a escola do Porto admite várias linguagens sem, no entanto, perder coerência¹⁴⁷⁵.

¹⁴⁶⁴ O dossier sobre a Escola do Porto ocupa vinte e oito páginas. BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto”, *AMC*, n. 7, 1985, p. 4-31.

¹⁴⁶⁵ Os projectos são apresentados através de um breve texto descritivo, uma breve biografia do arquitecto, excepto no caso de Siza, e de elementos gráficos, fotografias e desenhos rigorosos. Os projectos de Souto de Moura e de Siza, que abrem e fecham respectivamente esta secção, ocupam um número maior de páginas relativamente aos outros projectos, quatro páginas por comparação com a maioria de duas páginas por cada projecto, com a excepção do caso de Soutinho com três páginas e Gigante com uma página. BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal – Porto. Eduardo Souto de Moura. Marché Municipal de Braga”, *Ibidem*, p. 6 – 9; BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal – Porto. Adalberto Dias. Galerie Marchande – Vila do Conde”, *Ibidem*, p. 10, 11; BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal – Porto. Alcino Soutinho. Mairie, Musée, Bibliothèque - Amarante”, *Ibidem*, p. 12 – 14; BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal – Porto. José Gigante. Logements sociaux – Fafel / Lamego”, *Ibidem*, p. 15; BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal – Porto. Virgínio Moutinho. Caserne de Pompiers. Foyer de personnes âgées - Estarreja”, *Ibidem*, p. 16, 17; e BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal – Porto. Álvaro Siza. Maison Duarte - Ovar”, *Ibidem*, p. 18 - 21.

¹⁴⁶⁶ BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal”, *Ibidem*, p. 4, 5.

¹⁴⁶⁷ O texto de Portas a que nos referimos foi publicado no número 9 da *9H* de 1983, por nós analisado no capítulo anterior. BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal”, *AMC*, n. 7, 1985, p. 4, 5.

¹⁴⁶⁸ *Ibidem*, p. 4.

¹⁴⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁴⁷⁰ Referimo-nos aos textos publicados por Portas e Alves Costa no número 9 da *9H* de 1983, por nós analisados no capítulo anterior, e ao texto de Vitale publicado no número 655 da *Domus* de 1984, que analisaremos no presente capítulo. BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal”, *AMC*, n. 7, 1985, p. 4.

¹⁴⁷¹ Referimo-nos ao texto publicado por Portas no número 9 da *9H* de 1983, por nós analisado no capítulo anterior. BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal”, *AMC*, n. 7, 1985, p. 4.

¹⁴⁷² Referimo-nos ao texto de Portas publicado no número 9 da *9H* de 1983. BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal”, *AMC*, n. 7, 1985, p. 4, 5.

¹⁴⁷³ *Ibidem*.

¹⁴⁷⁴ *Ibidem*.

¹⁴⁷⁵ Referimo-nos ao texto de Vitale publicado no número 655 da *Domus* de 1984, que analisaremos

Mas como afirmámos, para Bédarida Siza era o arquitecto com mais influência naquela escola¹⁴⁷⁶. Na breve caracterização que fez da arquitectura de Siza, Bédarida retomou pontos anteriormente divulgados por outros intermediários culturais e pelo próprio Siza, os quais começaram a constituir-se como um lastro no conjunto das interpretações pré-canónicas relativas à obra de Siza, como os seus projectos serem o resultado de um confronto com o real alargado, sobre o facto de entender o seu projecto como um momento no processo de transformação geral e por isso ser sensível também ao momento que se segue, e de estar aberto ao trabalho em fase de obra. Bédarida acrescentou a este corpo teórico observações sobre o trabalho de Siza quanto ao detalhe, disseminado um pouco por toda a obra, mas que se mantém discreto, discrição que alargou a toda a obra do arquitecto português¹⁴⁷⁷.

no presente capítulo. BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto. Portugal”, *AMC*, n. 7, 1985, p. 4.

¹⁴⁷⁶ Ibidem, p. 4, 5.

¹⁴⁷⁷ Ibidem, p. 5.

3.2.

O envolvimento de anteriores e novos intermediários culturais

Como afirmámos no início deste capítulo, a divulgação internacional da arquitectura portuguesa intensificou-se neste período entre 1984 e 1988, graças à actividade tanto de intermediários culturais que se motivaram pelo interesse que a arquitectura nacional lhe despertara nestes anos, como daqueles que davam seguimento ao trabalho que vinham desenvolvendo desde anos anteriores. Nesta segunda parte do presente capítulo, começamos por nos deter no trabalho do segundo grupo e depois deter-nos-emos no do primeiro.

Passamos a atentar na actividade enquanto intermediários culturais relativamente à arquitectura portuguesa de Wang, Santos, Burkhardt e Fleck.

Wang continuou a escrever e a publicar artigos sobre arquitectura portuguesa, dos quais já referimos alguns, envolveu-se na organização de exposições tendo chamado a arquitectura nacional a participar, e contribuiu para o envolvimento de novos interessados, como por exemplo Yehuda Safran e para um maior conhecimento da arquitectura portuguesa em particular no Reino Unido e nos EUA, conseguindo produzir consequências em particular, na reservada Londres.

Wang desde 1981 viajou praticamente com uma frequência anual até Portugal, inicialmente a convite de Santos e depois várias vezes em trabalho¹⁴⁷⁸. Numa dessas viagens em que visitou com Santos a casa de Ovar que estava a ser concluída, decidiu escrever um artigo sobre aquela obra¹⁴⁷⁹, o qual foi aceite no âmbito da estrutura democrática da revista *9H* que descrevemos no capítulo anterior e publicado no número 7 de 1985¹⁴⁸⁰. Collovà que já tinha fotografado a casa de Ovar ofereceu as imagens¹⁴⁸¹.

¹⁴⁷⁸ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁴⁷⁹ Ibidem.

¹⁴⁸⁰ O artigo foi ilustrado por fotografias de Roberto Collovà e desenhos. WANG, Wilfried, “House in Ovar, Portugal, 1984”, *9H*, n.7, 1985, p. 53 - 59. Neste número, dando cumprimento à rotatividade do cargo de editor-chefe, Wang já não era o editor principal, tendo o cargo sido ocupado por Helen Tsoskounoglou, continuando, no entanto, a integrar o Conselho editorial à semelhança de Santos.

¹⁴⁸¹ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

Este artigo foi republicado no número 191 na revista *a+u* de 1986¹⁴⁸² [fig.A3. 37], revista que já tinha dedicado um número monográfico a Siza em 1980, como analisámos oportunamente. Wang supõe que o convite para publicar este artigo na *a+u* surgiu depois de um encontro seu com Nakamura em Londres¹⁴⁸³. Nakamura confirmou-nos que visitou o escritório da *9H* em Londres onde se encontrou com Dejan Sudyc, Burdett e Wang¹⁴⁸⁴. Perante a nossa constatação do nome de Siza ter sido trazido para a capa, enquanto os restantes arquitectos ali referidos ocupavam um maior espaço no interior da revista, Nakamura explicou-nos que se tratou de repôr o equilíbrio editorial, por considerar que Siza “*sendo mais velho que os outros arquitectos tinha também um trabalho com melhor qualidade de desenho do que Steven Holl e Thom Myane*”¹⁴⁸⁵. Nakamura também nos confirmou a crescente importância que o trabalho de Siza estava a ganhar no Japão¹⁴⁸⁶, o que é relevante pois em seis anos o trabalho de Siza passou de desconhecido a objecto de interesse.

O número 7 da *9H* de 1985 teve ainda outra ligação a Portugal, consumada na sua impressão numa tipografia Porto. Neste ponto as opiniões dividem-se e se Santos salientou a qualidade da impressão, mostrando-nos durante a nossa entrevista como as plantas e os cortes da casa de Ovar têm uma definição nunca antes alcançada¹⁴⁸⁷, Wang recordou-se da economia do serviço, mas sublinhou a sua pouca eficácia¹⁴⁸⁸. A propósito das dificuldades da edição da revista, Santos recordou que os seus dois primeiros números foram escritos na máquina de escrever *Olivetti* no apartamento onde vivia com Wang; o terceiro número foi impresso numa máquina emprestada simpaticamente pelos australianos Haig Beck e Jackie Cooper que tinham acabado de sair da *Architectural Design* e estavam a lançar uma revista independente com o nome *International Architect*, tendo-se seguido impressões em “*becos*”, até ao número 6 e 7 que foram

compostos na tipografia Simão e Guimarães no Porto e o número 8 na tipografia Rocha Artes Gráficas de Gaia¹⁴⁸⁹. Agruras por que passam revistas pequenas e independentes como a *9H*.

Wang assinou outro artigo sobre o trabalho de Siza em Berlim na *Building Design* em 1984, a pedido do seu director¹⁴⁹⁰. O artigo não chega a duas páginas estando de acordo com a dimensão que Markham referiu os artigos cumprirem habitualmente na *Building Design*¹⁴⁹¹, tal como mencionámos no capítulo anterior [fig.A3. 7]. Wang informou-nos que neste texto explicou como Siza iniciou aquele trabalho em Berlim com um determinado conceito e como foi forçado a alterá-lo¹⁴⁹², o que de facto confirmamos ter feito, num tom bastante crítico para com as condicionantes que forçaram o arquitecto português, em particular as instituições de Berlim e o promotor.

Wang assinou os textos relativos às obras de Siza e de Souto de Moura publicados no catálogo da secção de Arquitectura da XIII Bienal de Paris de 1985 intitulado *Vu de l'intérieur ou La raison de L'Architecture*¹⁴⁹³ [fig.A3. 15]. Comentou-nos em entrevista que o convite para escrever deve ter sido via recomendação de Siza e Souto de Moura, provavelmente por sugestão de Santos¹⁴⁹⁴. Carrilho da Graça foi o terceiro arquitecto português representado nesta exposição. Apesar de Souto de Moura ter afirmado e de Siza ter corroborado a participação do

¹⁴⁸⁹ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

¹⁴⁹⁰ Wang, Wilfried, “Berlin Game”, *Building Design*, n. 677, 1984, p. 26, 27. WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012. Apesar de termos encontrado uma referência a uma conferência de Siza na AA em 1984, e não nos tendo sido possível confirmar a sua ocorrência de nenhuma forma, pensamos poder haver um equívoco com a conferência que Siza deu em 1981 no Reino Unido.

¹⁴⁹¹ MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 10/6/2012. Naquele espaço estão incluídas as ilustrações, fotografias e planta do edifício de habitação em Berlim.

¹⁴⁹² WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012.

¹⁴⁹³ WANG, Wilfried, “Álvaro Siza Vieira”, *Vu de l'intérieur ou la raison de l'architecture: Biennale de Paris. Architecture*, Paris, Mardaga, 1985, p. 166, 168; WANG, Wilfried, “Eduardo Souto de Moura”, *Ibidem*, p. 176, 178. O texto relativo às obras de Carrilho da Graça não está assinado. No catálogo foram publicadas: a casa Cardoso em Moledo de Siza, o mercado e o café de Braga de Souto de Moura, o quartel de bombeiros em Ródão e habitação social em Alter de Carrilho da Graça. Estas obras foram representadas através de textos e de elementos gráficos, fotografias, com esboços no caso das obras de Souto de Moura e com desenhos rigorosos no caso das obras de Carrilho da Graça. “Álvaro Siza Vieira”, *Ibidem*, p. 166 – 169; “Eduardo Souto de Moura”, *Ibidem*, p. 176-181; “João Luís Carrilho da Graça”, *Ibidem*, p. 210, 211.

¹⁴⁹⁴ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012.

¹⁴⁸² O projecto da casa de Ovar foi publicado através de elementos gráficos, desenhos e fotografias, ocupando um espaço de oito páginas. WANG, Wilfried, “Álvaro Siza. House in Ovar”, *a+u architecture & urbanism*, n. 191, 1986, p. 107 – 114.

¹⁴⁸³ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012.

¹⁴⁸⁴ NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

¹⁴⁸⁵ *Ibidem*. Os outros arquitectos referidos na capa do referido número da *a+u* eram: Morphosis, Taft Architects e Steven Holl. *a+u architecture & urbanism*, n. 191, 1986, p.capa.

¹⁴⁸⁶ NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

¹⁴⁸⁷ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

¹⁴⁸⁸ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

primeiro na primeira Bienal de Paris em 1980, só encontrámos registo da sua participação nesta exposição de 1985¹⁴⁹⁵.

Esta secção de arquitectura da Bienal de Paris contou com o activo envolvimento de Jean Nouvel na sua organização, à semelhança das duas anteriores edições, como referimos no capítulo anterior. Segundo Nouvel, o tema do espaço interior proposto para esta exposição pretendia chamar a atenção para a preocupação com as fachadas e a negligência com a definição do interior dos espaços¹⁴⁹⁶. Nouvel retomou o projecto da Malagueira de Siza que tinha sido objecto de exibição na *La Modernité... un projet inachevé*, a exposição que supostamente representava uma alternativa à organizada por Nouvel em 1982 no âmbito da XII Bienal de Paris na Escola de Belas Artes, como referimos no capítulo anterior. Argumentamos que este facto é mais um revelador da complexidade da defesa e desenvolvimento das teorias em arquitectura, durante os quais as posições dos intermediários culturais evoluem e, ou, os mesmos projectos servem para ilustrar teorias diferentes.

No âmbito da sua actividade como professor entre 1986 e 2002 na Harvard University Graduate School of Design, Wang foi o responsável por duas exposições onde a arquitectura portuguesa marcou presença, tendo ambas tido lugar no Gund Hall no ano de 1988. A primeira dedicada a Siza e a segunda aos arquitectos europeus que no entender de Wang começavam a destacar-se na sua actividade profissional, tendo Santos e Souto de Moura integrado a segunda exposição.

A participação de Santos não se restringiu à eleição do seu trabalho por Wang para integrar a segunda exposição, tendo colaborado também com Wang como co-editor do catálogo da primeira exposição, estando naquele momento a editar outros livros sobre Siza; situação que Santos nos confirmou¹⁴⁹⁷.

¹⁴⁹⁵ FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno*, Porto, Dafne Editora, 2011, p. 53, 54. Siza ao dar como uma prova da injustiça da classificação do relatório de estágio de Souto de Moura a sua participação numa Bienal de Paris permitiu perceber que se referiria à Bienal de 1980, uma vez que o estágio de Souto de Moura terá sido avaliado em 1980. É, no entanto, de referir que apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível aceder a informação relativa à exposição da secção de arquitectura da XII Bienal de Paris de 1982.

¹⁴⁹⁶ NOUVEL, Jean, “The architecture exhibition as implicit criticism”, *Vu de l'intérieur ou la raison de l'architecture: Biennale de Paris. Architecture*, Paris, Mardaga, 1985, s/p.

¹⁴⁹⁷ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012; e SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

Wang explicou-nos em entrevista o contexto destas duas exposições. Naquela época fazia parte das suas funções em Harvard organizar conferências e exposições, funcionando na prática, embora não o fosse oficialmente, como professor assistente de Moneo, então professor e presidente do Departamento de Arquitectura da Harvard University Graduate School of Design, lugar que ocupou entre 1985 e 1990¹⁴⁹⁸. É de referir que o conhecimento entre Moneo e Wang remonta a 1980 a Londres, por ocasião da organização do ciclo de conferências *Architects under work* organizado por Wang e Santos, tal como referimos no capítulo anterior. Uma das incubências relativamente às exposições consistia em realizar uma mostra sobre o trabalho do professor que ocupava naquele ano o lugar de Professor Kenzo Tange¹⁴⁹⁹. Esta era a designação em Harvard do lugar ocupado pelo docente vindo de outro país que não os EUA. Siza foi o arquitecto escolhido para aquele lugar por Wang e Moneo, pois ambos partilhavam o interesse pelo trabalho de Siza e Moneo conhecia o arquitecto português desde há muitos anos¹⁵⁰⁰. Peter Testa ocupou o lugar de “*studio critic*” nas aulas de Siza¹⁵⁰¹. Durante a estada de Siza em Harvard, este ficou no apartamento de Wang¹⁵⁰²; tendo neste ano Wang colaborado com Siza no concurso para a Biblioteca de França.

A exposição *Emerging European Architects* foi uma iniciativa de Wang, a qual aconteceu na sequência da sua actividade enquanto elemento fundador da revista *9H* e da 9H Gallery¹⁵⁰³. Pois o objectivo era o mesmo: mostrar arquitectos pouco conhecidos, desta feita nos EUA e não no Reino Unido, e de forma diferente das exposições monográficas da 9H Gallery, sendo neste caso a exibição dedicada a um conjunto de arquitectos; a sua forma de financiamento também era a mesma, procurando obter apoios junto das instituições culturais, neste caso de cada país de origem do arquitecto seleccionado¹⁵⁰⁴.

O catálogo referente à exposição sobre o trabalho de Siza, *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988* inclui quatro ensaios

¹⁴⁹⁸ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁴⁹⁹ Ibidem.

¹⁵⁰⁰ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012.

¹⁵⁰¹ TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.

¹⁵⁰² WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵⁰³ Ibidem.

¹⁵⁰⁴ Ibidem.

sobre a sua obra e a apresentação de sete projectos de sua autoria¹⁵⁰⁵ [fig. A3.66]. Os projectos foram apresentados através de textos de Wang à excepção da Faculdade de Arquitectura do Porto, que foi escrito por Testa, sendo que a parte relativa ao Pavilhão Carlos Ramos tinha sido anteriormente publicada¹⁵⁰⁶. Testa informou-nos em entrevista ter sido um dos colaboradores principais de Siza no estudo preliminar para a nova Faculdade¹⁵⁰⁷. Os restantes três ensaios publicados são da autoria do próprio Siza, de Alves Costa e de Wang¹⁵⁰⁸. É de referir que foram publicados poemas de Fernando Pessoa¹⁵⁰⁹, pois Santos tinha informado Wang da preferência de Siza por alguns textos daquele poeta; no entanto, Wang não se lembra se estes também estavam impressos na exposição¹⁵¹⁰.

Wang comentou-nos em entrevista que os nomes de Alves Costa e Testa foram sugeridos por Siza, porque o primeiro era seu amigo de longa data e o segundo

estava a desenvolver uma dissertação com interesse sobre Siza no MIT¹⁵¹¹; tinha-a de facto submetido a avaliação em 1984, como analisaremos adiante no presente capítulo.

O prefácio foi assinado por Moneo¹⁵¹². Importa lembrar que Moneo foi um dos primeiros autores internacionais a reflectir sobre a obra de Siza, no seu editorial do número 12 da *Arquitecturas Bis* de 1976, por nós analisado no capítulo 1, no entanto, argumentamos que neste texto não acrescentou muito ao que escreveu nesse artigo. Repetiu sensivelmente o que então definimos como atitude exclusiva inclusiva de confronto com o real alargado, ao que acrescentou algumas afirmações de Siza, as quais temos tratado no âmbito das suas entrevistas. A maior diferença residiu em nosso entender, no facto de na década de 70 Moneo considerar a arquitectura de Siza à margem, como a superação de algo negativo, e embora agora também a tenha considerado como algo único, fê-lo sob um ponto de vista positivo, como uma “*perspectiva alternativa à interpretação corrente da nossa condição pós moderna*”¹⁵¹³.

Siza escreveu sobre o seu processo de escolha de materiais, o qual é sempre posterior às primeiras ideias, que lhe chegam “*imateriais*”¹⁵¹⁴. Explicouque depois de ter trabalhado na Holanda e na Alemanha onde a escolha dos materiais é informada pelo seu custo e pela elevada quantidade de regras e de características técnicas, que soube apreciar melhor a liberdade que tem em Portugal para duvidar, para explorar outros caminhos¹⁵¹⁵.

No seu texto, Alves Costa recorreu à História de Portugal e da sua arquitectura para enquadrar o trabalho de Siza na continuidade de um fazer português com raízes temporais longínquas, sendo que entende que Siza tem a capacidade única de resolver conflitos nacionais intrínsecos, bem como de estender as fronteiras de um país marginal e pobre; retomando em 1988 a ideia de marginalidade que vem

¹⁵⁰⁵ Esta exposição ocorreu na Primavera de 1988. O catálogo tem aproximadamente 100 páginas. Encerra com uma biografia, lista de projectos e bibliografia. “Biography”, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988, p. 92; “Catalogue of Buildings and Projects”, ibidem, p. 93; e “Bibliography”, ibidem, p. 94, 95.

¹⁵⁰⁶ Os textos não estão assinados. WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012. Parte do texto de Testa tinha sido publicada no número 2 da *Assemblage* de 1987, que iremos analisar no presente capítulo. Testa foi também o autor das traduções dos textos de Siza e Alves Costa, pois como referiremos adiante no presente capítulo, pelo facto de Testa ter nascido e vivido os seus primeiros doze anos em Portugal, conheceu o idioma em profundidade. Os projectos foram publicados através de elementos gráficos, desenhos rigorosos, esboços e algumas fotografias. São eles: o edifício de apartamentos, o infantário e o clube de idosos em Berlim Ocidental, a Escola Superior de Educação de Setúbal, a intervenção no Casino e Restaurante Winkler em Salburgo, na Áustria, os edifícios de apartamentos em Haia, e por último, a referida Faculdade de Arquitectura do Porto. “Apartment Building, Children’s Day-Care Center, Elders’ Club, West Berlin”, Ibidem, p. 24 – 39; “Teachers’ training college, Setúbal, Portugal 1986 –”, in Ibidem, p. 40 – 49; “Alterations to the Casino and Restaurant Winkler Salzburg, Áustria, 1986”, Ibidem, p. 50 – 57; “Housing, gardener’s and garage attendant’s houses, Shilderswijk, The Hague 1986 – 88”, Ibidem, p. 58 – 71; “Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal 1987 –”, Ibidem, p. 72 - 89.

¹⁵⁰⁷ TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.

¹⁵⁰⁸ SIZA, Álvaro, “On Materials”, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures and Configuration ...*, 1988, s/p. O texto de Alves Costa foi ilustrado por duas fotografias: uma da Bouça e outra do local da futura Faculdade de Arquitectura do Porto, já com o Pavilhão Carlos Ramos construído. COSTA, Alexandre Alves, “Álvaro Siza: Architect of Porto and of the World”, Ibidem, p. 10-15. O texto de Wang foi ilustrado por fotografias e desenhos da casa em Arcozelo, de fotos da casa em Ovar e da sucursal bancária em Vila do Conde da autoria de Siza e de uma imagem de uma obra do arquitecto Suíço Adolphe Appia. WANG, Wilfried, “Introduction”, Ibidem, p. 18-21.

¹⁵⁰⁹ São ao todo publicados quatro poemas de Fernando Pessoa em Inglês e Português: “Tenho tanto sentimento”, “Isto”, “Cancioneiro VIII” e “Apontamento”.

¹⁵¹⁰ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012; e WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵¹¹ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵¹² O texto é ilustrado por duas fotografias da Casa em Ovar, da autoria de Siza Vieira. MONEO, José Rafael, “Comments on Siza’s Architecture”, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures...* s/p.

¹⁵¹³ Ibidem.

¹⁵¹⁴ SIZA, Álvaro, “On Materials”, in ibidem, s/p.

¹⁵¹⁵ SIZA, Álvaro, “On Materials”, in ibidem.

sendo repetida há muitos anos, como temos referido¹⁵¹⁶. Explicou historicamente e inseriu o trabalho daquele arquitecto nas características da arquitectura do Norte de Portugal por diferença com a do Sul¹⁵¹⁷.

Destacamos a argumentação de Alves Costa perante as últimas críticas de Portas quer à escola do Porto quer ao trabalho de Siza, plasmadas no catálogo *Architectures à Porto* de 1987 e no catálogo *Tendências da Arquitectura portuguesa* de 1986, que analisaremos adiante no presente capítulo, tendo, no entanto, salvaguardado que estas foram feitas num contexto de mudança das condições de produção da arquitectura em Portugal, de transformação e mesmo de destruição do território nacional¹⁵¹⁸. Alves Costa retirou fundamento à crítica de Portas quando este aludiu ao facto de parecer que aqueles arquitectos pareciam estar a evitar a contaminação pela realidade, lembrando que há sempre uma componente subjectiva no processo de análise e de síntese na formulação de uma proposta, o que constitui uma síntese e não o resultado directo da análise da referida realidade¹⁵¹⁹. Por outro lado, questionou Portas como poderia ser aplicada a sua sugestão sobre o uso redentor da investigação das tipologias, pois ele não especificou se estas deveriam por exemplo ser mantidas ou poderiam ser transformadas¹⁵²⁰. No entanto, Alves Costa também foi crítico relativamente a alguns arquitectos do Porto, que entende estarem a ceder perante a alteração das condições da prática da profissão, por realizarem uma prática acrítica, e por se inclinarem por um gosto “*proto-monumental e decorativo*”, no que entendemos ser uma referência ao estilismo pós-moderno¹⁵²¹. Criticou ainda a apologia que alguns críticos fazem a essa corrente por ao habitualmente criticarem a falta de comunicação nas situações onde a linguagem é mais neutra, não se apercebem que é mais libertador os arquitectos atreverem-se a discordar, do que a fazerem uma arquitectura que acaba por ser “*efêmera e conformista*”, e em seu entender, essa sim, uma consequência da incomunicabilidade¹⁵²². Por acreditar que a

arquitectura de Siza responde a todas estas questões sem qualquer demagogia, Alves Costa entende que esta representa uma espécie de “*consciência moral e uma reserva*” da arquitectura¹⁵²³.

Era conhecida a preferência de Siza pela poesia de Fernando Pessoa e esta já havia sido publicada em conjunto com a sua arquitectura por Daniele Vitale no número 655 da *Domus* de 1984 que analisaremos adiante, no entanto, Wang foi o autor que levou mais longe a discussão desta afinidade, precisamente no texto publicado neste catálogo. Wang afirmou que Pessoa abriu a possibilidade aos seus leitores de poderem desenvolver completamente um determinado aspecto da sua personalidade ao ter inventado e desenvolvido cada um dos seus heterónimos¹⁵²⁴. Comparou a capacidade de Siza imergir na arquitectura de um autor que constitua uma referência para si, nas características de um lugar ou num contexto cultural com os heterónimos de Pessoa¹⁵²⁵.

Wang notou ainda que os projectos de Siza por vezes encerram em si mesmos a razão do seu fracasso por não serem afirmativos e em particular, por serem incómodos ao levantarem questões que os clientes preferiam ignorar; no entanto, e por sugestão de Frampton, a quem agradeceu, Wang afirmou que esses “*sucessos ou fracassos individuais não são a medida do sucesso ou fracasso do colectivo para o qual continua a trabalhar*”¹⁵²⁶. Esta afirmação sintetiza o tom de todo o texto, o qual é atravessado por um sentido de missão de que Wang reveste o trabalho de Siza, acompanhado por uma abnegação da autoria do arquitecto em favor do outro.

O catálogo *Emerging European Architects* referente à segunda exposição realizada na Universidade de Harvard foi editado por Wang, sendo aberto por um texto de sua autoria e prefácio de Frampton¹⁵²⁷ [fig.A3. 65]. Neste catálogo foram publicadas a casa no Algarve de Souto de Moura e a morgue do Hospital

¹⁵¹⁶ COSTA, Alexandre Alves, “Álvaro Siza: Architect of Porto and of the World”, in *ibidem*, p. 10 - 15.

¹⁵¹⁷ *Ibidem*.

¹⁵¹⁸ *Ibidem*, p. 12.

¹⁵¹⁹ *Ibidem*, p. 13.

¹⁵²⁰ *Ibidem*.

¹⁵²¹ *Ibidem*.

¹⁵²² *Ibidem*.

¹⁵²³ *Ibidem*, p. 14.

¹⁵²⁴ WANG, Wilfried, “Introduction”, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures ...* p. 19.

¹⁵²⁵ *Ibidem*.

¹⁵²⁶ *Ibidem*, p. 20, 21.

¹⁵²⁷ Esta exposição ocorreu entre 4 e 23 de Outubro de 1988. O catálogo tem aproximadamente 100 páginas. WANG, Wilfried, “Foreword”, in Wilfried Wang, *Emerging European Architects*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988, p. 7. FRAMPTON, Kenneth, “Preface”, in *ibidem*, p. 8, 9.

de Lisboa de Santos¹⁵²⁸. Estes trabalhos dos arquitectos portugueses foram apresentados em conjunto com testemunhos do trabalho e pensamento de outros catorze arquitectos, também igualmente objecto da exposição como: Bru, Burdett, Diener, Herzog, Lucan, Mateo e Venezia, entre outros¹⁵²⁹.

Santos, à semelhança de todos os outros arquitectos seleccionados, participou no ciclo de conferências organizado a propósito da exposição, o qual teve a duração de dois dias, em que cada um dos arquitectos mostrou o seu trabalho¹⁵³⁰. Wang comentou-nos que este colóquio teve uma grande assistência e que o convívio entre os participantes foi também muito intenso e enriquecedor¹⁵³¹. Acrescentou que para alguns daqueles arquitectos, como por exemplo Kollhoff que em seu entender na altura tinha um trabalho mais interessante que as suas propostas actuais neoclássicas, foi a primeira oportunidade que tiveram para estarem numa plataforma internacional de contacto com outros actores do campo disciplinar da arquitectura e com uma visibilidade alargada¹⁵³².

É de salientar que numa selecção do trabalho de arquitectos europeus ditos “*emergentes*”, com a distância de um olhar a partir do outro lado do Atlântico, em dezasseis, sejam escolhidos dois arquitectos de um país como Portugal, habituado a olhar para si próprio como menor e periférico. Wang assumiu que a selecção dos arquitectos presentes nesta exposição foi de sua inteira responsabilidade, afirmando mesmo que todos eles eram seus amigos, mais ou menos próximos, logo classificou a escolha como “*subjectiva*”¹⁵³³. Mas rematou concluindo que como aquele grupo de dezasseis dois ganharam o prémio Pritzker, Herzog e Souto de Moura, a sua selecção não terá sido desacertada¹⁵³⁴.

¹⁵²⁸ Os projectos foram publicados através de breves textos, desenhos rigorosos e fotografias. “Eduardo Souto de Moura”, Ibidem, p. 60-65; “José Paulo dos Santos”, in ibidem, p. 74-79.

¹⁵²⁹ Os restantes arquitectos eram: Patrick Berger, Marie-Claude Betrix, Gabriella Carmassi, Eric Parry, Gustav Pichelmann, Dietmar Steiner e Hans Kollhof. Wang explicou-nos que foram apresentados textos de alguns arquitectos no lugar das suas obras por causa da existência do prazo limite para a edição do catálogo a tempo da exposição, e também porque se punha uma questão de difícil resposta sobre qual dos projectos de alguns dos arquitectos a apresentar no catálogo. WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵³⁰ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

¹⁵³¹ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵³² Ibidem.

¹⁵³³ Ibidem.

¹⁵³⁴ Ibidem.

No âmbito da sua actividade na 9H Gallery em Londres, Wang promoveu uma exposição monográfica de Siza em 1986¹⁵³⁵. Santos colaborou como intermediário, numa fase em que vivia em Portugal e se deslocava a Londres por períodos mais curtos, altura em que mantinha uma relação mais intermitente com Siza¹⁵³⁶.

Como o nome deixa entender a 9H Gallery estava intimamente ligada à revista *9H*. As pessoas envolvidas eram as mesmas e perseguiram o mesmo objectivo da revista, dar a conhecer o que se fazia em arquitectura para além do território do Reino Unido¹⁵³⁷. Wang comentou-nos em entrevista que a ideia da criação da galeria foi de Burdett, embora a tivesse pensado como uma galeria tradicional, onde eram expostos os trabalhos originais dos arquitectos, desenhos e maquetas, os quais seriam posteriormente vendidos sendo o dinheiro distribuído pelos autores e pela galeria, à imagem da galeria Max Protech que existia em Nova Iorque¹⁵³⁸. Wang opôs-se claramente a este modelo, condicionando a sua participação à sua alteração, por dois motivos, por entender que não se devem vender desenhos avulsos de um projecto, o que estragaria definitivamente o conjunto necessário ao seu completo entendimento e também, porque achava não haver público no Reino Unido comprador de desenhos de arquitectos¹⁵³⁹. Wang propunha uma galeria cultural por oposição a uma galeria comercial¹⁵⁴⁰. Por fim, ficou decidido que se avançaria como uma galeria cultural e que os fundos seriam obtidos junto de instituições culturais como por exemplo a Gulbenkian, a Fundação do Japão, entre outras¹⁵⁴¹, tendo então aberto ao público em 1985. Na opinião de Wang é mais valioso ganhar reputação como instituição cultural do que como serviço comercial, sendo mais “*importante e intelectualmente mais poderoso*”, e este sabe que Burdett está bastante satisfeito com a opção que acabou por seguir, mesmo em termos pessoais, pois o seu renome é de um agente

¹⁵³⁵ A exposição que recebeu o título *Álvaro Siza: Recent work* realizou-se entre 13 de Junho e 4 de Julho de 1986.

¹⁵³⁶ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵³⁷ Ibidem.

¹⁵³⁸ Aquela galeria foi fundada inicialmente por Max Protech em Washington, tendo depois mudado para Nova Iorque. Em 2010 foi vendida, assumindo o nome Meulenstein.

¹⁵³⁹ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵⁴⁰ Ibidem.

¹⁵⁴¹ Ibidem.

cultural e não de um galerista comercial¹⁵⁴². Acrescente-se que Burdett estudou arquitectura mas decidiu não exercer a profissão¹⁵⁴³.

A direcção da 9H Gallery era apoiada por um conselho constituído por treze pessoas oriundas de vários países, entre os quais Chipperfield, Colquhoun, Frampton e Santos¹⁵⁴⁴. Apesar de Santos entender que aquele conselho nunca teve qualquer actividade, Wang destacou a importância que teve a dado momento a participação do editor do *The Economist* o que facilitou a deslocação da galeria para o edifício do grupo desenhado pelos Smithsons¹⁵⁴⁵.

Wang afirmou que a actividade da 9H Gallery teve uma audiência bastante mais alargada que a da revista *9H*¹⁵⁴⁶. As inaugurações das exposições com a presença do arquitecto visado que proferia uma conferência atraíam centenas de visitantes, entre eles colaboradores de outras revistas, constituindo eventos importantes no calendário da programação de arquitectura em Londres¹⁵⁴⁷.

A cada exposição realizada correspondia um catálogo e a de Siza não foi excepção. O catálogo integra a série *9H Gallery Catalogues* sendo o título

coincidente com o da exposição, *Álvaro Siza: Recent work*¹⁵⁴⁸ [figA3. 33]. Trata-se de um pequeno volume produzido sob a direcção de Wang e Burdett¹⁵⁴⁹. Abriu com um texto de Croset, cujo interesse pela arquitectura portuguesa foi por nós referido anteriormente, tendo sido apresentado à equipa 9H Gallery por José Paulo dos Santos¹⁵⁵⁰. No seu texto, a partir da comparação entre o edifício de apartamentos no Kreuzberg em Berlim e a agência bancária em Vila do Conde retirou ilacções mais gerais do trabalho de Siza, que no entanto, entendemos não acrescentar muito ao que vinha sendo escrito. Foram publicados dois textos da autoria de Siza, ambos sobre o seu trabalho em Berlim¹⁵⁵¹. O catálogo encerrou com um texto de Safran sobre a agência bancária em Vila do Conde¹⁵⁵², o qual foi republicado no número 792 da *Building Design* de 1986¹⁵⁵³ [fig. A3. 34].

Cinco anos depois de Janet Abrams ter sublinhado no seu artigo no número 532 da *Building Design* de 1981 o desconhecimento da arquitectura de Siza no Reino Unido, a frase destacada para sintetizar o artigo de Safran declarava que finalmente o trabalho do arquitecto português começava a receber atenção

¹⁵⁴⁸ A Fundação Calouste Gulbenkian está na lista de agradecimentos patente no referido catálogo. *Álvaro Siza: Recent work*, Londres, 9H Gallery, 1986.

¹⁵⁴⁹ Neste catálogo de aproximadamente dezasseis páginas colaboraram entre outros Helen Tsoskounoglou, Robert Maxwell e Elias Constantopoulos, igualmente colaboradores da revista *9H*.

¹⁵⁵⁰ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012..

¹⁵⁵¹ Os textos acompanham a apresentação do edifício que vem a ser conhecido como ‘Bonjour Tristess’ através de desenhos rigorosos, esboços e de fotografias da respectiva maquete. SIZA, Álvaro, “Berlin was the city of rigour”, *Álvaro Siza: Recent work*, Londres, 9H Gallery, 1986, p. 4; e SIZA, Álvaro, “Corner building on the Schlesiisches Tor”, *Álvaro Siza: Recent work*, Londres, 9H Gallery, 1986, p. 5.

¹⁵⁵² O texto é ilustrado por desenhos referentes ao projecto daquela sucursal bancária, sendo estes no entanto relativos às duas fases do projecto, terminando com fotografias da obra já construída. SAFRAN, Yehuda, “Bank at Vila do Conde 1980-85”, *Álvaro Siza: Recent work*, Londres, 9H Gallery, 1986, p. 8 – 12.

¹⁵⁵³ O artigo com algumas, não significativas adaptações relativamente ao texto publicado no catálogo, tem uma dimensão um pouco maior que a que Markham referiu e que indicámos no capítulo anterior. Ocupa praticamente três páginas incluindo as ilustrações, fotografias, esboços e desenhos rigorosos da agência bancária. A referência à exposição de Siza na 9H Gallery resumiu-se a uma pequena nota de fim de texto. SAFRAN, Yehuda, “City segments”, *Building Design*, n. 792, 1986, p. 16 – 18. É a sétima vez que temos registo da publicação de referências à arquitectura portuguesa nesta *Building Design*, tendo as anteriores ocorrido em 1974, nos números 530, 531 e 532 de 1981, no número 626 de 1983 e no número 677 de 1984, todas anteriormente analisadas. À excepção das três primeiras referências que são dedicadas a Teotónio Pereira, Byrne e Hestnes, as restantes quatro têm como objecto o trabalho de Siza, sendo de referir que três delas resultam directa ou indirectamente de eventos ocorridos no Reino Unido, uma conferência e exposições em que participou.

¹⁵⁴² Porém, em 1990, como a Galeria tinha acumulado um elevado prejuízo foram colocados dois cenários ao conselho constituída pelas personalidades que a apoiavam, ou a galeria era encerrada ou se reiniciava a sua história com a criação de uma Fundação. Foi decidido enveredar pelo caminho da Fundação, a qual recebeu o nome de Architecture Foundation, sugerido por Wang, e que desenvolve o seu trabalho desde 1991. Entretanto, Wang deixou de integrar a Fundação por ter entrado em conflito com Chipperfield, por este se designar como fundador da 9H Gallery, com o que Wang discorda e diz ter como provas a apoiá-lo os catálogos das exposições realizadas na 9H Gallery que nunca referem Chipperfield nessa condição. Ibidem.

¹⁵⁴³ Ibidem.

¹⁵⁴⁴ Os outros membros do Conselho eram Colin Amery, Ian Latham e Peter Rice de Londres, Haig Beck de Sidney, Haig Beck e Jackie Cooper de Sydney, Ákos Moravánsky de Budapeste, Giorgio Muratore de Roma, Vladimir Slapeta de Praga e Dietmar Steiner de Viena. Wang explicou-nos que apesar da lista das pessoas a convidar ter sido vista em conjunto consigo, a ideia da sua existência foi de Burdett, quem também as contactou, até porque conhecia a sua maioria inclusivamente de outras áreas como a política ou os media. WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵⁴⁵ A primeira localização da galeria tinha sido num espaço disponibilizado por Chipperfield, que depois de trabalhar no “*project office*”, um departamento do Royal College of Art que tinha como objectivo a ligação à prática profissional, onde desenhava em conjunto com Susan Miller os portões do Victoria and Albert Museum e os escaparates de galerias comerciais, alugou um antigo talho tendo localizado na parte de trás o escritório da sua sociedade com Kenneth Armstrong e disponibilizado a parte da frente para a galeria. SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012; e WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵⁴⁶ WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵⁴⁷ Ibidem.

internacional¹⁵⁵⁴. Sendo de notar que é assumido nesta frase o Reino Unido por todo o “*internacional*”, o que é objectivamente questionável, e sintomático da visão autocentrada que aquele país frequentemente adopta.

No seu texto, Safran estendeu a sua reflexão a outras obras de Siza, cujo trabalho descreveu num certo tom poético recorrendo a muitos termos contraditórios: “*processo de dissolução e reconstituição*”, “*preocupação com a proporção do visível perante uma geometria invisível*”, “*dissolução*” e “*síntese*”, “*ponto de encontro entre o intemporal e o tempo*”, “*sombras*” e “*claridade*”, entre outros¹⁵⁵⁵. Certamente aludindo à conotação da expressão celebrizada por Venturi e provavelmente também como anúncio do tom do seu artigo, Safran escreveu logo no início do seu texto que Siza se situa no mesmo nível de “*complexidade e contradição*” do trabalho de Aalto, arquitecto que admira¹⁵⁵⁶. Noutros dois momentos entendemos que Safran posicionou o trabalho de Siza perante outra corrente, o regionalismo crítico, com a qual não concorda, desde logo por entender ser uma contradição nos seus termos, pois “*se é regionalista não é crítico, se é crítico não é regionalista*”, como aliás nos contou em entrevista ter dito a Frampton numa sessão pública no Institute of Contemporary Arts em Londres¹⁵⁵⁷. Afirmou que o trabalho de Siza mais do que enraizado numa tradição regional estava arreigado na recém conhecida escola do Porto, cujo maior referencial é o seu próprio trabalho¹⁵⁵⁸, pelo que desvalorizou o aspecto regionalista. Mas destacou o aspecto crítico, pois acrescentou que Siza fazia uma “*crítica construída*” no sentido em que provoca várias tensões para “*renovar ou reformar os valores e significados intrínsecos*”¹⁵⁵⁹.

A citação que Safran escolheu de Siza vem de encontro na forma e no conteúdo às palavras de Safran. “*O lugar onde eu desenho e onde trabalho nos meus projectos é a minha casa e o meu exílio. Assim as influências que eu recebo vêm do ar que respiro, todavia determinam a possibilidade da posição contrária.*

¹⁵⁵⁴ É de observar que segundo as informações de Markham, referidas no capítulo anterior, esta frase pode não ser da responsabilidade de Safran, mas muito provavelmente da equipa da redacção da revista. SAFRAN, Yehuda, “City segments”, *Building Design*, n. 792, 1986, p. 16.

¹⁵⁵⁵ Ibidem, p. 8 – 12.

¹⁵⁵⁶ Ibidem, p. 8.

¹⁵⁵⁷ SAFRAN, Yehuda, entrevista, Nova Iorque, 22/10/2009.

¹⁵⁵⁸ SAFRAN, Yehuda, “City segments” ... p. 10

¹⁵⁵⁹ Ibidem.

Estou mais interessado nos ramos do que nas raízes, na forma como descem para as raízes e dependem delas. Eu não sou, por isso, eclético. A linha que une os meus trabalhos é a resistência, não muito visível e não rectilínea.”¹⁵⁶⁰

Safran, que desenvolvia a sua actividade nos EUA, foi apresentado ao grupo de trabalho da *9H* por Santos. Santos explicou-nos que Safran tinha entregue uma proposta para a realização de uma tese de doutoramento no Royal College of Art em torno do tema da arquitectura de Adolf Loos, e dada a afinidade desse trabalho com os estudos que vinha desenvolvendo, o director da escola John Miller fê-lo entrar em contacto com Santos¹⁵⁶¹. Desta forma Safran conheceu Santos e o seu círculo de amizades em Londres. Wang acrescentou que Safran era um intelectual bastante interessante, mas que escrevia muito pouco, pelo que a intenção deste convite era forçá-lo precisamente a escrever¹⁵⁶².

Safran confirmou-nos em entrevista que este seu texto sobre o banco de Vila de Conde foi de facto o primeiro que escreveu sobre arquitectura portuguesa, embora já conhecesse o trabalho de Siza através das revistas italianas¹⁵⁶³. Acrescentou que veio ao Porto a convite de Santos, que qualificou naquele tempo como o “*ministro dos negócios estrangeiros de Siza*”, na altura em que a obra do banco de Vila do Conde estava a terminar¹⁵⁶⁴. Nessa primeira vinda ao Porto, Safran lembra-se de ter visitado obras de Siza e de Souto de Moura, de os ter conhecido a ambos, e de ter tido uma conversa simpática com Siza. Esta foi a primeira de várias visitas que Safran tem realizado a Portugal, segundo ele, praticamente todos os anos ou a cada dois anos¹⁵⁶⁵. Acrescentou que existem quase sempre alunos do Porto em Columbia, pelo que se vão mantendo as ligações com Portugal; de entre os quais destacou o primeiro, Santos e depois Paulo Martins Barata como bons “*guias*” da cultura portuguesa¹⁵⁶⁶. Disse ter sido este o início da história de mais de duas décadas da sua ligação a Portugal, período no qual

¹⁵⁶⁰ Ibidem, p.11.

¹⁵⁶¹ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

¹⁵⁶² WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.

¹⁵⁶³ SAFRAN, Yehuda, entrevista, Nova Iorque, 22/10/2009.

¹⁵⁶⁴ Ibidem.

¹⁵⁶⁵ Ibidem.

¹⁵⁶⁶ Ibidem.

escreveu sobre cinco a sete arquitectos diferentes e dez artistas¹⁵⁶⁷.

Safran confessou-nos em entrevista que sente grande afinidade com o nosso país, de que gosta particularmente, e onde se “*sente em casa*”, destacando-se de entre outros países que conhece bem. De facto, durante a entrevista que nos deu, Safran demonstrou estar próximo da cultura portuguesa, conhecendo realizadores de cinema como Manoel de Oliveira, o trabalho de João César Monteiro, artistas como Pedro Cabrita Reis, os textos de Fernando Pessoa, o filme de Wim Wenders sobre Lisboa com a música dos Madredeus, entre outras referências que foi enumerando.

Safran disse-nos em entrevista ter tido conhecimento da Revolução de 25 de Abril de 1974 quando estava em Londres, mas apesar da esperança política ter sido bastante atractiva para os estrangeiros só visitou Portugal muitos anos mais tarde. Apesar da Revolução, Safran entende que Portugal permaneceu atrasado em muitas coisas, nomeadamente no peso que a Igreja mantém nas instituições. No entanto, relativamente à arquitectura, pensa que só assim foram criadas as condições para arquitectos como o Siza pudessem começar a ter mais oportunidades e a serem mais conhecidos.

Safran explicou-nos em entrevista que teve conhecimento da discussão polarizada entre a arquitectura de Lisboa e do Porto. Afirmou reconhecer diferenças na atitude cultural entre ambas, considerando que a de Lisboa se preocupa mais com a forma enquanto que a do Porto se centra no material, sendo no seu entender a sua característica chave a sua ligação à topografia o que a torna mais intensa. Para além de Siza e Souto de Moura que conheceu em 1985, Safran também conheceu posteriormente Távora em Lisboa, nos últimos anos do século passado, num almoço no Centro Cultural de Belém aquando de uma grande exposição de arquitectura portuguesa em Lisboa, tendo-o visitado posteriormente no Porto¹⁵⁶⁸. Safran explicou durante a nossa entrevista a importância de Távora como a pessoa capaz de criar uma “*norma e de a dar a conhecer, criando as condições para que a excepção tenha sucesso*”.

Safran continuou dizendo que a arquitectura portuguesa tem mais impacto na Europa, em particular em Itália e em França do que nos EUA, dando como

¹⁵⁶⁷ Escreveu nomeadamente sobre Cristina Guedes para a revista Alemã *Bauwelt*, publicou na revista *Prototypo* de Diogo Seixas Lopes, na revista *Egoísta*, participou na Trienal de Lisboa, num Simpósio no Porto, entre outros eventos. Ibidem.

¹⁵⁶⁸ Ibidem.

exemplo da influência de Siza o trabalho do arquitecto Antoine Stinco em França. Acrescentou que nos EUA há curiosidade pelo trabalho de Siza, mas disse que por exemplo, quando Siza deu aulas em Harvard não teve grande impacto. Comparou a posição de Siza com a de Moneo, afirmando que este tem uma maior influência nos EUA do que Siza, apesar de considerar que o seu trabalho não tem uma tão grande qualidade, mas por assumir uma vertente de negócio e de envolvimento social consegue ter mais influência, enquanto Siza tem um perfil mais próximo do artista / arquitecto.

Embora, como referimos atrás, Safran não goste da expressão que Frampton popularizou, regionalismo crítico, reconhece que há áreas geográficas culturais com as suas peculiaridades, com algo de universal e de local também¹⁵⁶⁹. Safran argumenta que se é só local, é algo popular, com o seu interesse, mas que não entra em diálogo, ao contrário do que, à falta de melhor palavra, designaria como “*universal*”¹⁵⁷⁰. Quando o questionámos sobre o interesse pela arquitectura portuguesa afirmou não conseguir explicar a razão. Acredita que parte da resposta reside no facto desta ter uma particularidade que não existe em mais lado nenhuma, uma certa independência, algo que se reconhece como uma característica em trabalhos diferentes de vários arquitectos.

O arquitecto François Burkhardt, outros dos intermediários culturais mencionados no início desta parte do presente capítulo como tendo dado continuidade ao seu trabalho de divulgação da arquitectura nacional e referido por nós no primeiro capítulo, foi o responsável pela primeira exposição dedicada a Siza na Galeria Alemã Aedes em 1985, dada a sua relação pessoal com uma das fundadoras, Kristin Feireiss¹⁵⁷¹. Ambos concordaram que uma vez que todos os projectos que Siza tinha realizado para Berlim não se iriam construir, seria oportuno usar esse material para realizar uma exposição¹⁵⁷² [fig.A3. 17].

Esta galeria foi criada em 1980, como uma galeria de exposições dedicada à arquitectura; a primeira privada deste género na Europa¹⁵⁷³. Foi necessário

¹⁵⁶⁹ Ibidem.

¹⁵⁷⁰ Ibidem.

¹⁵⁷¹ Informação prestada por António Choupina que se encontra a organizar uma exposição sobre Siza, a 25/7/2014. O catálogo da exposição recebeu o título *Siza, Álvaro; Gezeichnete Utopien*. http://aedes-arc.de/sixcms/detail.php?template=1985&menu_id=2&jahr=1985 consultado a 27/11/2012.

¹⁵⁷² Informação prestada por António Choupina a 25/7/2014.

¹⁵⁷³ http://aedes-arc.de/sixcms/detail.php?template=aedes_ueber_aedes&menu_id=3 consultado a

esperar até 2009 para acontecer outra exposição relacionada com arquitectura portuguesa na Galeria Aedes¹⁵⁷⁴. É de notar que na página da internet da galeria é referido o facto de terem realizado exposições de trabalhos de vários arquitectos anos antes de terem ganho o prémio Pritzker, indicando os nomes de Zaha Hadid, Thom Mayne, Daniel Libeskind, Frank Gehry ou Rem Koolhaas, omitindo o nome de Siza¹⁵⁷⁵.

Brigitte Fleck, também por nós referida no primeiro capítulo, continuou a divulgar o trabalho de Siza. Comentou-nos em entrevista que aproveitou a estada em 1981 no gabinete de Siza para recolher informação que entregou ao IBA e que veio a constituir uma pequena secção de uma exposição maior organizada por aquela instituição em 1984¹⁵⁷⁶. Para além de projectos de Siza em Berlim, como o concurso da piscina Görlitzer Bad, o de Fränkelufer e Schlesisches Tor, e em Portugal como SAAL - S. Victor e SAAL – Bouça e Malagueira em Évora, foram também apresentados na exposição os projectos das operações SAAL realizadas no Norte de Portugal¹⁵⁷⁷.

Durante o período que estive no gabinete do arquitecto português e como estavam só três colaboradores no seu escritório, Souto de Moura, Luísa Penha e José Paulo dos Santos, Fleck acabou por ajudar a elaborar desenhos, tendo-nos confessado em entrevista que a sua estada em Portugal fazia parte de uma estratégia mais ambiciosa de realizar uma monografia sobre Siza, o que veio a acontecer em 1992¹⁵⁷⁸.

27/11/2012.

¹⁵⁷⁴ A exposição intitulou-se “Portugal outside Portugal. Portuguese Architecture Abroad”, de iniciativa da Ordem dos Arquitectos portugueses, organizada por Ricardo Carvalho, por ocasião da visita Oficial do Presidente da República de Portugal à Alemanha.

¹⁵⁷⁵ http://aedes-arc.de/sixcms/detail.php?template=aedes_ueber_aedes&menu_id=3 consultado a 27/11/2012.

¹⁵⁷⁶ Fleck preparou um dossier intitulado *Bürgerbeteiligung in Portugal, die SAAL Projekte in Porto 1974 - 1976, Bauausstellung Berlin GmbH* sobre Siza e as operações SAAL – Norte, com ênfase na participação dos cidadãos nos projectos SAAL, como forma de justificar uma estada alargada no escritório de Siza, que veio a concretizar-se em 1981, o qual entregou previamente ao IBA. FLECK, Brigitte, entrevista por correio electrónico, 4/10/2012. Dada esta circunstância consideramos que este documento não teve uma circulação alargada pelo público, apesar de ser referido em algumas biografias de Siza.

¹⁵⁷⁷ Os projectos SAAL Norte expostos foram: as Antas pela equipa coordenada por Pedro Ramalho, Francos por Rolando Torgo, da Lapa por Alfredo Matos Ferreira, Leal por Sérgio Fernandez e Maceda por Alcino Soutinho. FLECK, Brigitte, entrevista por correio electrónico, 4/10/2012 e a 11/12/2012. Apesar de todos os esforços desenvolvidos não nos foi possível encontrar algum registo desta exposição.

¹⁵⁷⁸ FLECK, Brigitte, entrevista por correio electrónico, 4/10/2012.

Aliás, a propósito da participação de Siza no IBA, o seu trabalho em Berlim foi várias vezes publicado e objecto de exposições internacionais, dos quais passamos a detalhar alguns casos, na sequência dos vários eventos promovidos por aquela instituição e do interesse que estes suscitaram [fig.A3. 46].

Em Itália, em 1985, aquando da reposição da exposição *IBA – Idea, processo, risultato* que tinha ocorrido em Berlim em 1984, que constituiu um primeiro balanço da actividade do IBA e o momento antecipatório daquilo que será a *Internationale Bauausstellung* em 1987, por ocasião da comemoração do 750º aniversário da cidade de Berlim, o trabalho de Siza foi referido no catálogo da exposição no texto de Nicolin e noutro texto de Marco de Michellis¹⁵⁷⁹. Esta exposição partiu de uma ideia de Josef Paul Kleihues, concretizada graças à conjugação de esforços do Senado de Berlim e da comissão executiva da XVII Trienal de Milão de que Nicolin fazia parte, entre outros¹⁵⁸⁰.

O trabalho de Siza em Berlim também foi referenciado no livro intitulado *International Building Exhibition Berlin 1987. Examples of New Architecture*, editado pela Academy Editions no Reino Unido em 1986, o qual consitiuiu o catálogo da exposição promovida pelo IBA naquele ano no Museu de Arquitectura de Frankfurt¹⁵⁸¹. Os projectos de Siza de intervenção em dois quarteirões foram

¹⁵⁷⁹ Esta exposição vem aliás na sequência de outras ocorridas em Berlim nos anos de 1910, 1931 e 1975. FRANKE, Klaus, *La ricostruzione della città: Berlino IBA - 1987*, Milano, Triennale di Milano, Electa Editrice, 1985, s/p. O texto de Nicolin é acompanhado da publicação de desenho do edifício conhecido como Bonjour Tristesse. NICOLIN, Pierluigi, “Tracce e tracciati”, Ibidem, p. 34, 35, 4. O texto de Michellis integrou desenhos de Siza relativos à renovação da área do Prinz-Albrecht-Palais. MICHELLIS, Marco de, “Scompaginamenti. Note sul frammento, la citazione, la decomposizione”, Ibidem, p. 124.

¹⁵⁸⁰ A exposição intitulou-se *La ricostruzione della città: Berlino – IBA 1987*. Tratou-se da primeira iniciativa da comissão executiva da XVII Trienal a qual teve lugar no Palácio da Trienal em Milão, entre 23 de Fevereiro e 31 de Março de 1985. Os outros elementos da comissão executiva da XVII Trienal de Milão eram Mario Bellini e Leonardo Mariani Travi. *La ricostruzione della città: Berlino IBA - 1987*, Milano, Triennale di Milano, Electa Editrice, 1985. A exposição centrou-se na experiência de construção e reconstrução em curso na cidade de Berlim – Oeste, coordenada pelo IBA, a partir da qual foram elaboradas reflexões sobre a requalificação na cidade contemporânea. PEGGIO, Eugénio, Ibidem, s/p.

¹⁵⁸¹ Esta exposição no Museu de Arquitectura consistiu numa selecção de projectos realizados no âmbito do IBA, tendo sido a primeira de um ciclo previsto ser constituído por três, cada uma com objectivos diferentes. A primeira exposição pretendia demonstrar que não existiu uma corrente que tenha dominado a arquitectura e que o IBA deu oportunidade a cada corrente; a segunda que ocorreu em Março do ano seguinte, em 1987, na Galeria Nacional de Berlim, pretendia perspectivar o IBA em função da história da arquitectura de Berlim; e a terceira que ocorreu em Maio centrou-se no IBA, uma parte dedicou-se ao processo e a outra parte foi constituída pelos vários locais na cidade onde foram realizadas as operações urbanísticas. KLEIHUES, Josef P., “Examples of a New

escolhidos para integrar o capítulo do catálogo relativo à renovação urbana, sendo que no ano de 1986 o edifício de apartamentos estava concluído, tinha sido começada a escola infantil e os outros continuavam no papel¹⁵⁸². O edifício de habitação de Siza foi dado como exemplo por Kleihues na entrevista publicada no livro, de integração cuidadosa de edifícios novos em zonas antigas da cidade, e também para ilustrar que não existiu qualquer antagonismo entre si e Hämmer, nem nos propósitos de ambas as áreas que dirigiam, de construção nova e da vertente da renovação urbana do IBA¹⁵⁸³.

A par da actividade dos intermediários culturais acabados de referir, neste período continuaram a surgir novos interessados que desenvolveram iniciativas de divulgação de arquitectura portuguesa, como afirmámos atrás, tais como Luis Fernández-Galiano, Peter Testa, o grupo auto designado Opus Incertum e Daniele Vitale. Passamos a detalhar as suas actividades.

Mesmo em países como a Espanha, onde como vimos foi editado um número significativo de publicações com referências à arquitectura portuguesa houve espaço para que Fernández-Galiano publicasse também arquitectura nacional, mais precisamente a de Siza.

Para completar o panorama de edições periódicas especializadas espanholas que publicaram arquitectura portuguesa neste período, antes de passarmos às de iniciativa privada como as de Fernández-Galiano, falta referir que às três revistas atrás mencionadas, editadas por associações profissionais de arquitectos, a *Obradoiro*, a *Quaderns* e a *Arquitectura*, juntou-se a revista *Periferia*, editada pelos Colégios Oficiais de Arquitectos da Andaluzia Ocidental, Oriental, das Canárias, Estremadura e das Escolas de Arquitectura de Las Palmas e de

Sevilha. A *Periferia* publicou num único número dos doze editados entre 1984 e 1993 dois projectos da autoria de Siza, o Pavilhão Carlos Ramos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e a proposta de concurso para a Giudecca em Veneza, no seu número 4/5 de 1985¹⁵⁸⁴ [fig.A3. 10]. É de referir que a publicação do trabalho de Siza foi anunciada na capa, em conjunto com o de Rossi.

Como acabámos de aludir, na sequência da concretização dos projectos editoriais de Fernández-Galiano, em primeiro lugar a *A&V Monografías de Arquitectura y Vivienda (A&V)* e posteriormente a *Arquitectura Viva*, Siza foi novamente publicado em Espanha.

O seu edifício conhecido como Bonjour Tristesse em Berlim foi publicado logo no primeiro número da *A&V* de 1985¹⁵⁸⁵, inserido no tema IBA' 87, a que se dedicou este número e o segundo.

Como o seu subtítulo indica *A&V* é uma revista monográfica, sendo tratado em cada número um tema, o qual pode ser o trabalho de um arquitecto, uma cidade, uma tendência¹⁵⁸⁶. Fernández – Galiano contou-nos em entrevista o contexto da criação desta revista. Depois da sua formação como arquitecto, enquanto profissional, a sua actividade dividia-se entre o exercício da arquitectura, durante seis a sete anos, em conjunto com colegas com os quais fundou um gabinete designado “colectivo de arquitectura”, dar aulas, participar na revista CAU e ainda colaborar como editor com a Gustavo Gili de Barcelona e a Blume de Madrid¹⁵⁸⁷. A sua vida pessoal levou-o a ter que seleccionar de entre as suas ocupações, tendo elegido a área cultural da arquitectura, o ensino e a reflexão¹⁵⁸⁸. Em 1985 surgiu a oportunidade de criar uma revista de arquitectura que foi acolhida por uma empresa estatal de construção de habitação, a Sociedad Estatal de Gestión para la Rehabilitación y Construcción de Viviendas, S. A. (S. G. V.),

Architecture”, in Josef P. Kleihues Heinrich Klotz, *International Building Exhibition Berlin 1987. Examples of New Architecture*, Londres, Academy Editions, 1986, p. 8.

¹⁵⁸² Ambas as intervenções foram publicadas através de elementos gráficos, desenhos rigorosos e esboços. “Urbanistic Reorganization Fraenkel Embankment, Blocks 70 and 89 Survey 1979. Álvaro Siza Vieira, Porto / Portugal”, in ibidem, p. 256 – 260; e “Schlesische Strasse, Block 121. Restricted Competition 1980. First Prize Álvaro Siza Vieira, Porto / Portugal”, in ibidem, p. 267 – 277. O capítulo designado “Urban Renewal” foi aberto por um texto de Hardt-Walther Hämer, o director da vertente de renovação urbana do IBA. HÄMMER, Hardt-Walther, “Urban Renewal. Demonstration Areas. Luisenstadt and Kreuzberg SO 36”, Ibidem, p. 240 – 243. Ibidem, p. 256, 272. Os editores do catálogo, Joseph P. Kleihues e Heinrich Klotz, informaram que se seguiria a publicação de quatro volumes detalhados relativos a quatro zonas da cidade correspondentes à nova construção urbana da cidade, os quais deduzimos que os trabalhos de Siza não terão integrado por não estarem incluídos naquelas áreas da cidade. Ibidem, s/p.

¹⁵⁸³ KLEIHUES, Josef P., KLOTZ, Heinrich, “Interview on the IBA Exhibition”, Ibidem, p. 11.

¹⁵⁸⁴ Os projectos são publicados através de breves textos e de elementos gráficos, desenhos rigorosos, esboços e fotografias da maquete no caso do Pavilhão. SIZA, Álvaro, “Oporto Pabellón de la Escuela de Arquitectura”, *Periferia*, n. 4/5, 1985, 1986, p. 12 – 14; e Siza, Álvaro, “Venecia. Concurso Internacional para la reestructuración del Campo de Marte”, Ibidem, 1985, 1986, p. 15 – 17.

¹⁵⁸⁵ O edifício de Siza foi publicado exclusivamente através de elementos gráficos. SIZA, Álvaro, “Una esquina en Kreuzberg”, *A&V Monografías de Arquitectura y Vivienda*, n. 1, 1985, p. 88 – 91.

¹⁵⁸⁶ <http://www.arquitecturaviva.com/es/Shop/Article> acedido a 28/3/2013.

¹⁵⁸⁷ Entrevista por telefone a Luís Fernández-Galiano a 17/6/2013.

¹⁵⁸⁸ Ibidem.

a qual suportava parte dos gastos de funcionamento¹⁵⁸⁹. Foi assim que surgiu a *A&V* em 1985 e funcionou durante três anos¹⁵⁹⁰.

Por outro lado, Fernández – Galiano explicou-nos como foi o seu primeiro contacto com a arquitectura portuguesa. Começou por confessar que antes da Revolução de 1974 não tinha qualquer contacto com Portugal, situação que se alterou após aquele acontecimento, através da realização de várias viagens e criação de laços de amizade¹⁵⁹¹. Fernández – Galiano mencionou também Portas pelo destaque que a sua actividade como urbanista e envolvimento na divulgação da arquitectura portuguesa tiveram, e explicou que nos meados da década de 80, quando deu início à *A&V*, o trabalho de Siza já era bastante conhecido¹⁵⁹².

Siza foi publicado em mais dois números da *A&V* até 1988.

O seu projecto Campo di Marte em La Giudecca foi publicado no número 8 de 1986, número da *A&V* dedicado ao tema Veneza¹⁵⁹³. É de referir que numa nota de rodapé do texto que acompanha o projecto esclarecia-se que Siza era membro da escola do Porto e o arquitecto português com maior projecção internacional¹⁵⁹⁴.

José Ramón Moreno num texto publicado no número 16 da *A&V* de 1988, intitulado “Arquitectos Viajeros. The risk of the Alien” questionou o facto de Siza ter sido convidado a trabalhar na Andaluzia¹⁵⁹⁵, mostrando-se bastante crítico. Neste número da *A&V* intitulado *Arquitecturas Importadas*, é equacionado o facto de arquitectos de outros países serem convidados a trabalharem em Espanha. Enquanto que o editorial aclamava as trocas que sempre existiram na área das artes entre os vários territórios ao longo da história, o artigo de Ramón Moreno

¹⁵⁸⁹ Ibidem.

¹⁵⁹⁰ Ibidem.

¹⁵⁹¹ Ibidem.

¹⁵⁹² Ibidem.

¹⁵⁹³ O projecto foi apresentado através de um texto crítico e de elementos gráficos, desenhos rigorosos e um esboço. “Arte povera. Arquitecto: Álvaro Siza”, *Veneza Nueva. A&V Monografias de Arquitectura y Vivienda*, n. 8, 1986, p. 64 – 67.

¹⁵⁹⁴ O texto não sendo assinado, de acordo com a informação de Galiano, é da responsabilidade do conselho de redacção. FERNÁNDEZ-GALIANO, Luís, entrevista por correio electrónico, 14/5/2012. “Arte povera. Arquitecto: Álvaro Siza”, Ibidem, p. 64.

¹⁵⁹⁵ O desenho de uma planta e uma fotografia do edifício Bonjour Tristesse em Berlim de Siza ilustram a primeira página deste artigo. MORENO, José Ramón, “Arquitectos Viajeros. The risk of the Alien”, *Arquitecturas Importadas. A&V Monografias de Arquitectura y Vivienda*, n. 16, 1988, p. 18, 19.

punha em dúvida se esses convites se deveriam generalizar a todos os programas e a qualquer intervenção em qualquer local¹⁵⁹⁶. Ramón Moreno referiu-se como exemplo aos convites a Siza para reabilitar uma antiga forma de implantação de casas características de Sevilha, as “*corralas*”, próxima em Portugal das designadas “*ilhas*” do Porto, ou em certas morfologias de habitações existentes em Cádiz, ou ainda à encomenda por um promotor comercial de habitações unifamiliares na Baixa Andaluzia; mostrando sérias reservas, por entender que nos dois primeiros exemplos os arquitectos locais têm experiência e capacidade para o fazer, e no exemplo da iniciativa privada afirma que é necessário seguir com atenção a introdução de novas tipologias na Andaluzia, em seu entender caracterizada pelos “*cortijos*”¹⁵⁹⁷.

Neste ano de 1988, Siza foi publicado noutra edição de Fernández-Galiano, a *Arquitectura Viva*, que começou a ser publicada precisamente neste ano.

A *Arquitectura Viva* dedica-se à actualidade, sendo cada um dos números organizados não de acordo com um tema à semelhança da *A&V*, mas antes por secções que se repetem em cada número, tais como o desenvolvimento do tema de capa, obras, projectos e artigos dedicados à arte, cultura, livros bem como a soluções técnicas. Fernández-Galiano comentou-nos em entrevista também o contexto do surgimento deste segundo projecto editorial. Passados três anos do surgimento da *A&V* a colaboração com a empresa estatal S.G.V acabou. Para que a *A&V* conseguisse ter continuidade Fernández-Galiano, lembrando-se dos conselhos de Gustavo Gili, montou uma segunda revista de arquitectura, uma vez que a estrutura necessária para uma edição é a mesma necessária para duas, e assim os seus custos são rentabilizados¹⁵⁹⁸. A estrutura de produção das revistas baseia-se num corpo de redacção que assume a maioria dos textos, os quais algumas das vezes não chegam a ser assinados, sendo convidados especialistas para temas específicos, o que como afirma Fernández-Galiano não impediu que praticamente todos os críticos internacionais escrevessem nas suas revistas¹⁵⁹⁹.

¹⁵⁹⁶ Ibidem.

¹⁵⁹⁷ MANGADA, Eduardo, “Viajera y sin fronteras”, Ibidem, p. 2; por oposição a: MORENO, José Ramón, “Arquitectos Viajeros. The risk of the Alien”, Ibidem p. 19.

¹⁵⁹⁸ Segundo a mesma lógica, mais tarde em 2004 surgiu a *A&V Proyectos* e posteriormente as respectivas edições digitais. Entrevista por telefone a Luís Fernández-Galiano a 17/6/2013.

¹⁵⁹⁹ A *Arquitectura Viva* era editada em Espanhol até 2013, ano em que também começou a ser editada em Inglês. Fernández-Galiano explicou-nos que começaram de forma comedida por publicar em inglês resumos de alguns artigos, até que as dificuldades que começaram a surgir nas exportações e vendas para a América Latina, que era o seu mercado preferencial, fizeram com que mudasse de estratégia e passasse a publicar em inglês todas as revistas com o objectivo de desenvolver o mercado europeu. Idem.

Assim, no número 3 da *Arquitectura Viva* de 1988 foi publicada uma entrevista a Siza¹⁶⁰⁰ realizada aquando das suas visitas a Madrid para coordenar nos meses de Junho e Julho o Atelier de Arquitectura do Círculo de Belas Artes daquela cidade [fig.A3. 54]. A entrevista foi atravessada por um tom pessimista, tendo sido abordado o dispêndio de energia na participação em concursos frequentemente não compensado e a posterior dificuldade em construir por razões de vária ordem¹⁶⁰¹.

Em 1984 era entregue por Peter Testa, no Departamento de Arquitectura do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), uma dissertação para obtenção do grau de “Master” intitulada *The Architecture of Álvaro Siza*.

Testa comentou-nos em entrevista a razão do seu interesse pelo trabalho de Siza. Tal interesse surgiu quando, anos antes de 1984, numa viagem a Portugal visitou as primeiras obras do arquitecto português, tendo ficado impressionado pela “*extraordinária qualidade do trabalho e inovação na linguagem arquitectónica*”¹⁶⁰². Portugal não era um país desconhecido para Testa, pois embora sendo filho de pais norte-americanos nasceu em Portugal onde viveu até aos doze anos, altura em que a sua família se mudou para Nova Iorque e posteriormente para Genebra¹⁶⁰³. Esta circunstância possibilitou que aprendesse primeiro português, mesmo antes do Inglês, tendo mantido a fluência na língua nacional¹⁶⁰⁴. Para a realização da sua dissertação, deslocou-se várias vezes a Portugal, tendo conhecido Siza pela primeira vez no Verão de 1983, pesquisou nos seus arquivos e visitou praticamente todas as suas obras¹⁶⁰⁵.

Testa comentou-nos que o seu orientador de mestrado, Stanford Anderson, apesar de não ter qualquer conhecimento sobre a arquitectura portuguesa naquele tempo, partilhava o interesse pelo aspecto crítico do trabalho de Siza ao movimento moderno na Europa¹⁶⁰⁶. Testa disse-nos que de facto, nem a

¹⁶⁰⁰ ISASI, Justo F., “Entrevista com Álvaro Siza”, *Arquitectura Viva*, n. 3, 1988, p. 38. A entrevista de uma página é ilustrada por um retrato de Siza, realizado por Justo F. Isasi, que assinava os seus desenhos com o nome de Focho. Entrevista por telefone a Luís Fernández-Galiano a 17/6/2013.

¹⁶⁰¹ ISASI, Justo F., “Entrevista com Álvaro Siza”, *ibidem*.

¹⁶⁰² TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.

¹⁶⁰³ *Ibidem*.

¹⁶⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁶⁰⁵ *Ibidem*.

¹⁶⁰⁶ *Ibidem*.

arquitectura portuguesa nem a de Siza eram conhecidas naquela época nos EUA, e que entre 1982 e 1984 deu várias conferências relacionadas com a pesquisa para a sua dissertação a historiadores, arquitectos e estudantes¹⁶⁰⁷.

A dissertação de Testa teve várias edições. Foi editada pelo MIT logo em 1984 no número 4 da *Thresholds*, uma revista anual sujeita a revisão por um conselho científico¹⁶⁰⁸ [fig. A3.8]. Testa explicou-nos que o comité da sua dissertação, Anderson e Kurt Forster recomendaram a sua publicação¹⁶⁰⁹. Anderson também recomendou a edição da tese de Testa em livro pela editora MIT Press, mas tal acabou por não se concretizar por Siza, naquela época não ser suficientemente conhecido de forma a garantir um público alargado¹⁶¹⁰. Em 1988, a dissertação foi reeditada pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), numa edição bilingue, em Português e Inglês¹⁶¹¹. Testa explicou-nos que foi durante o período que trabalhou com Siza no Porto como seu colaborador, proporcionado por uma bolsa que lhe foi atribuída em 1985 pela Graham Foundation e por um prémio de investigação da Gulbenkian Internacional que a FAUP decidiu publicar a sua tese¹⁶¹².

Testa transmitiu-nos a convicção de que a sua publicação pela *Thresholds* possibilitou uma maior difusão e a sua leitura por estudantes e arquitectos nos EUA e na Europa¹⁶¹³. Tal raciocínio vem na sequência da sua percepção da divulgação internacional da arquitectura de Siza, o qual deixou claro na introdução à edição portuguesa da sua dissertação, em 1988, ao escrever que Siza “*vai também sendo reconhecido na Europa, como um dos mais significativos arquitectos, hoje em actividade*”¹⁶¹⁴, o que argumentamos ser talvez um pouco redutor atentando a divulgação internacional que a obra de Siza já tinha alcançado em 1988.

¹⁶⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁶⁰⁸ TESTA, Peter, *Thresholds Workin Paper 4, The architecture of Álvaro Siza*, Cambridge, Massachusetts Institute of Technology, 1984.

¹⁶⁰⁹ TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.

¹⁶¹⁰ *Ibidem*.

¹⁶¹¹ TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza / The architecture of Álvaro Siza*, Porto, Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988.

¹⁶¹² TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.

¹⁶¹³ *Ibidem*.

¹⁶¹⁴ TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza / The architecture of Álvaro Siza*, Porto, Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988, p.6.

Na introdução da edição da FAUP à sua tese, Testa acrescentou que apesar do trabalho de Siza ser muito publicado não existiam análises críticas aprofundadas sobre a sua obra¹⁶¹⁵. Comentou-nos em entrevista que “*os projectos de Siza para Berlim e para a Malagueira em Évora constituíram importantes exemplos de um avanço crítico ao modernismo e um desafio, ao naquela altura dominante, pós-modernismo*”¹⁶¹⁶. Por outro lado, Testa queria contrapor à então influente classificação do trabalho de Siza como regionalista, uma “*visão mais complexa, histórica e culturalmente informada sobre a arquitectura portuguesa e a arquitectura de Siza, como cosmopolita e enraizada num longo processo de difusão e tradução cultural*”¹⁶¹⁷. Testa acredita que terá constituído um importante contributo para a teoria, mais precisamente para “*o debate sobre a possibilidade de continuação do projecto moderno para além do modernismo e sem a predominante ideologia do pós-modernismo historicista*”¹⁶¹⁸. Em particular, acredita que o seu trabalho estabeleceu e continua a constituir uma “*referência basilar para o estudo do pensamento e da obra de Siza*”¹⁶¹⁹.

Passamos a analisar o que entendemos ser a contribuição da sua dissertação de mestrado para a construção do corpo teórico em torno da obra de Siza.

Em nosso entender, e tal como o testemunho que nos deu deixa também transparecer, a dissertação de Testa foi obviamente marcada pelo contexto ideológico da época, por vincar de forma veemente o distanciamento da arquitectura de Siza relativamente à ortodoxia do movimento moderno, referindo, no entanto, os aspectos daquele movimento que Siza terá adoptado¹⁶²⁰, do Pós-moderno e ainda, daquilo que designou como um tradicionalismo reacçãoário. Mas, Testa também não concordava com o conceito regionalismo crítico de Frampton para descrever a obra de Siza, por entender que este não é regionalista. Como forma de questionar o conceito regionalista, problematizou a influência de outras culturas nas ditas autóctones citando para tal Colquhoun¹⁶²¹.

Testa conduz-nos num interessante percurso por várias obras de Siza, em particular a agência bancária em Oliveira de Azeméis, a casa António Carlos Siza, os projectos para o Kreuzberg em Berlim e a Quinta da Malagueira, tentando desvendar as múltiplas razões e referências que estiveram na origem das opções projectuais do arquitecto. Fá-lo por entender que “*a arquitectura de Siza sugere os próprios termos para a sua interpretação*”, numa perspectiva heurística preconizada pelo seu orientador da dissertação de mestrado¹⁶²². Apesar das diferentes respostas que Testa reconheceu Siza dar perante cada projecto e mesmo em cada um dos projectos, identificou dois temas que entende caracterizar a actividade do arquitecto português, que designa como “*contextualismo não imitativo*” e “*historicidade e invenção*”¹⁶²³. Entendemos que Testa ao fixar estes dois pontos, pretende essencialmente chamar a atenção para a complexidade daquilo que é frequentemente sintetizado na importância do lugar na obra de Siza, no que parece ver o risco de uma simplificação redutora.

Relativamente ao ponto sobre “*contextualismo não imitativo*”, na esteira de autores como Gregotti, Moneo e Nicolini¹⁶²⁴, Testa continuou a expandir aquilo que designámos como o real alargado definindo local, que também pode ser designado como contexto ou situação, como o conjunto dinâmico, contraditório e complexo de factores que Siza tem em conta quando aborda o existente, e que engloba os aspectos físicos, sociais e históricos¹⁶²⁵. Expande este conceito de real alargado até ao tempo futuro, ao citar a afirmação de Siza na entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978, sobre as suas intervenções serem sensíveis ao tempo que se segue¹⁶²⁶, também para nós, um dos argumentos centrais.

Testa, na expansão daquele conceito integrou afirmações do próprio Siza, como aliás cita, nomeadamente as proferidas na sua entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978 e no seu texto publicado no número 123 da *a+u* de 1980, onde Siza explicou ter alterado a sua atitude perante o existente, passando a considerar a complexidade do real e não só os aspectos que mais lhe agradavam, tal como analisámos no capítulo anterior. Neste momento é de referir que Testa incluiu

¹⁶¹⁵ Ibidem.

¹⁶¹⁶ TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.

¹⁶¹⁷ Ibidem.

¹⁶¹⁸ Ibidem.

¹⁶¹⁹ Ibidem.

¹⁶²⁰ Sinteiza tal aspecto em: TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza / The architecture of Álvaro Siza*, Porto, Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988, p. 32, 33.

¹⁶²¹ Designadamente em: Ibidem, p. 11, 106.

¹⁶²² Ibidem, p. 6.

¹⁶²³ Ibidem, p. 127 – 178.

¹⁶²⁴ Nomeadamente no texto de Gregotti publicado no número 9 da *Controspazio* de 1972, no texto de Moneo publicado no número 12 da *Arquitecturas Bis* de 1976, no texto de Nicolini publicado no catálogo *Álvaro Siza architetto 1954 - 1979* de 1979, todos por nós analisados.

¹⁶²⁵ TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza / The architecture of Álvaro Siza*, Porto, Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988, p. 130, 131.

¹⁶²⁶ Ibidem, p. 144.

as obras de Siza como referimos, mas também as declarações do arquitecto, por entender terem valor para o seu programa heurístico.

Testa reconheceu ser uma tarefa inglória tentar definir o processo de Siza relativamente à sua abordagem à situação, mas salienta que este é dialéctico, não linear e em particular não é mimético, privilegiando antes o estabelecimento de relações, muitas vezes transgressoras¹⁶²⁷. Mais uma vez, Testa chegou próximo de afirmações proferidas por Siza, nomeadamente nas suas entrevistas publicadas no número 9 da *Wonen-Tabk* de 1983, relativamente à atitude não mimética em relação ao lugar e na entrevista publicada no número 2 da *AMC* de 1983, relativamente ao seu propósito de estabelecer relações, razão que Siza entende ser a causa de controvérsias das suas obras. Neste caso, estas fontes não são citadas por Testa, poderiam até serem desconhecidas, nomeadamente por causa da proximidade da data da sua publicação com a da sua dissertação de mestrado, mas tal não pressupõe em qualquer caso uma desvalorização do trabalho de Testa. Também na esteira de Moneo, Testa escreveu que pela sua forma de abordar o lugar, Siza faz-nos lançar um novo olhar sobre o contexto existente, e acrescentou mesmo que certas obras suas também nos informam sobre a natureza de nós próprios¹⁶²⁸.

Relativamente ao segundo ponto, designado por Testa como “*historicidade e invenção*”, este identificou ao longo da análise das obras de Siza, várias fontes de várias épocas da história da arquitectura a que Siza recorre nos seus projectos, sem que no entanto adopte uma atitude literal. Tal é também afirmado por Siza por exemplo nas entrevistas publicadas no número 44 da *AMC* de 1978 e no número 159 da *Quaders* de 1983, nas quais afirma considerar aquelas referências como instrumentos de trabalho similares a outros possíveis e nos quais inclui a arquitectura vernacular. Testa, apropriando-se de uma citação de Siza na entrevista no número 44 da *AMC* de 1978, explicou que são as ideias presentes na história da arquitectura que detém a força geratriz para as suas obras; e não as suas opções formais¹⁶²⁹, demarcando assim o trabalho de Siza do movimento pós-moderno. De facto, Testa atribuiu aquela citação a uma referência que Siza terá feito sobre a relação entre os seus diferentes trabalhos, mas que nós julgamos ter sido antes aplicada a semelhanças entre o seu trabalho

e o de Venturi. Esta suposta relação entre as diferentes obras de Siza tinha sido já identificada por Gregotti quando se referia a uma arqueologia pessoal presente no processo de Siza¹⁶³⁰.

Em suma, em nosso entender achamos que Testa não se demarcou tanto como se propunha inicialmente da perspectiva regionalista do trabalho de Siza, voluntarismo inicial marcado pelo contexto ideológico da época como afirmámos, mas consideramos que ao problematizar a questão deixou claro que a obra de Siza não é só determinada pela história do local, mas também pela história da arquitectura¹⁶³¹. Em nossa opinião, o meritório trabalho de Testa distingue-se pelo método que utilizou para chegar àquelas conclusões, e por as ter levado um pouco mais além, ao ter afirmado que certas obras de Siza possibilitam uma maior consciência individual e ao sublinhar que o que Siza retira da história da arquitectura são as ideias patentes.

A aparente discórdia de Testa relativamente à teoria de Frampton sobre a obra de Siza, não impediu que se tivessem conhecido e mesmo colaborado¹⁶³². Testa comentou-nos ter assegurado a abertura de uma exposição que Frampton realizou sobre o arquitecto português na Universidade de Columbia em 1988¹⁶³³. Pelo que Testa se lembra, aquela exposição teve um carácter sobretudo pedagógico e por isso de âmbito mais interno, tendo sido concretizada com fotocópias e maquetes feitas pelos alunos¹⁶³⁴.

Na sequência do seu trabalho de pesquisa, Testa foi o curador e autor do respectivo catálogo da primeira exposição sobre o trabalho de Siza nos EUA, com o título *Álvaro Siza: Buildings and Projects*, a qual teve lugar no List Visual Arts Center no MIT em 1986¹⁶³⁵ [fig.A3. 36].

¹⁶³⁰ No texto de Gregotti publicado no número 9 da *Controspazio* de 1972.

¹⁶³¹ Como afirma claramente em vários momentos, nomeadamente em: TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza / The architecture of Álvaro Siza*, Porto, Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988, p. 33, 34, 42, 129.

¹⁶³² TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.

¹⁶³³ Ibidem.

¹⁶³⁴ Ibidem.

¹⁶³⁵ A exposição ocorreu entre 28 de Fevereiro e 6 de Abril de 1986. Ambos, exposição e catálogo foram financiados pela Fundação Gulbenkian de Lisboa, pela Fundação Graham de Chicago e pela TAP Portugal. MIT Committee on the Visual Arts (org.), *Álvaro Siza: Buildings and Projects*, Cambridge, Albert and Vera List Visual Arts Center, MIT, 1986.

¹⁶²⁷ Ibidem, p. 131, 132, 133.

¹⁶²⁸ Nomeadamente no texto de Moneo publicado no número 12 da *Arquitecturas Bis* de 1976. TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza / The architecture of Álvaro Siza*, Porto, Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988, p. 77, 145.

¹⁶²⁹ Ibidem, p. 149.

Testa informou-nos em entrevista que fez parte desta exposição uma instalação concebida por Siza, e que todos os desenhos e maquetes relativos aos vários projectos expostos eram originais vindos do seu escritório¹⁶³⁶. O catálogo respectivo tem a dimensão aproximada de um desdobrável constituído por três A4, impresso a preto e branco, sendo maioritariamente ocupado por um texto de Testa¹⁶³⁷. Neste texto, Testa confirmou e reforçou as conclusões a que chegou na sua dissertação, através de outros projectos para além dos realizados para Berlim, que não tinha abordado na dissertação, como o memorial das vítimas do III Reich, o concurso para o Campo di Marte em Veneza, os projectos para Haia, a agência bancária em Vila do Conde e a casa em Ovar.

Testa disse-nos que Siza e Moneo, o então presidente do Departamento de Arquitectura de Harvard, estiveram presentes na inauguração¹⁶³⁸. Está convicto de que “esta exposição foi bastante significativa para o debate alargado sobre arquitectura em Harvard e no MIT naqueles anos”¹⁶³⁹.

A dissertação de mestrado de Testa deu ainda origem a publicações em duas revistas da especialidade nos EUA em 1987: no número 40 do *Journal of Architecture Education* (JAE) e no número 2 da revista *Assemblage*¹⁶⁴⁰. Testa

explicou-nos que como o seu trabalho era conhecido, os directores do JAE, uma influente revista académica, o convidaram a submeter o primeiro capítulo da sua dissertação, assim como os directores da *Assemblage* o convidaram a publicar, uma revista que se destacava na teoria e história da arquitectura no final da década de 80 e na década de 90¹⁶⁴¹. É de referir que Anderson integrava os conselhos editoriais de ambas as revistas, assim como Michael Hays. A JAE é publicada desde 1947 pela Association of Collegiate Schools of Architecture, uma associação de várias universidades norte-americanas¹⁶⁴². A *Assemblage*, uma revista independente publicada pela MIT Press, foi fundada em 1986, tendo sido publicada ao ritmo de três números por ano até 2000, sob a direcção de Hays, professor em Harvard. No número 40 do JAE Testa publicou a parte da sua dissertação dedicada à casa António Carlos Siza¹⁶⁴³. No número 2 da *Assemblage* Testa republicou com pequenas alterações a parte da tese dedicada aos projectos de Siza em Berlim, tendo também publicado três breves textos sobre três projectos de Siza: a agência bancária em Vila do Conde, a casa em Ovar e o Pavilhão Carlos Ramos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, sendo a última a única obra sobre a qual ainda não tinha escrito¹⁶⁴⁴ [fig.A3. 48]. Esta publicação sobre Siza no número 2 da *Assemblage* de 1987 foi a única sobre arquitectura portuguesa, nos quarenta e um números desta revista.

¹⁶³⁶ TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013. Siza está obviamente na sua lista dos seus agradecimentos bem como Santos. A exposição incluiu os seguintes trabalhos: o bairro da Malagueira, os projectos para dois quarteirões em Kreuzberg, em Berlim, o projecto para um edifício de habitação para Kottbusser Dam, em Berlim, o edifício de habitação em Kreuzberg, em Berlim, a agência bancária em Vila do Conde, o projecto para um Centro cultural em Berlim Ocidental, o projecto para um monumento às vítimas do III Reich, o projecto do bairro em Giudecca, Veneza, e as casas na Maia, duas no Porto, uma das quais em fase de projecto, uma na Póvoa do Varzim, uma em Santo Tirso, uma em Ovar e outra em Gondomar, ainda em fase de projecto. MIT Committee on the Visual Arts (org.), *Álvaro Siza: Buildings and Projects*, Cambridge, Albert and Vera List Visual Arts Center, MIT, 1986

¹⁶³⁷ A capa do catálogo é dominada por uma fotografia do alçado principal da agência bancária em Vila do Conde, sendo ilustrado por esboços e desenhos rigorosos do memorial das vítimas do III Reich e do edifício de habitação para Kottbusser Dam, em Berlim, e por duas fotografias, uma da casa de Ovar e outra do interior da agência bancária em Vila do Conde. São ainda incluídas no desdobrável; uma breve biografia de Siza, a lista das exposições em que participou, a cronologia dos trabalhos que integram a exposição e uma selecção de bibliografia. MIT Committee on the Visual Arts (org.), *Álvaro Siza: Buildings and Projects*, Cambridge, Albert and Vera List Visual Arts Center, MIT, 1986.

¹⁶³⁸ TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013. Moneo foi presidente do Departamento de Arquitectura de Harvard entre 1985 e 1990.

¹⁶³⁹ Ibidem.

¹⁶⁴⁰ TESTA, Peter, “Tradition and Actuality in the António Carlos Siza House”, *Journal of Architecture Education*, vol. 40, n. 4, 1987, p. 24-30; e TESTA, Peter, “Unity of the Discontinuous:

Álvaro Siza’s Berlin Works”, *Assemblage*, n. 2, 1987, p. 47-62. TESTA, Peter, “Álvaro Siza three projects”, Ibidem, p. 63-96.

¹⁶⁴¹ TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.

¹⁶⁴² A revista tinha periodicidade trimestral até ao ano de 2009, ano em que passou a ser semestral. <http://www.acsa-arch.org/acsa-press/JAE/about-jae/about> acedido a 27/7/2013.

¹⁶⁴³ O artigo é ilustrado, para além de elementos gráficos do projecto da casa António Carlos Siza, por fotografia e planta da agência bancária em Oliveira de Azeméis, imagem e planta da galeria de Arte no Porto, plantas das casas Alves Costa, Manuel Magalhães e Beires, uma planta de um projecto de Borromini para o Palazzo Carpegna, uma imagem de uma balastrada de Borromini, planta de um projecto de Mies para uma casa de campo, uma planta do escritório de Aalto, desenhos de Picasso e um quadro de El Lissitzky. TESTA, Peter, “Tradition and Actuality in the António Carlos Siza House”, *Journal of Architecture Education*, vol. 40, n. 4, 1987, p. 24-30.

¹⁶⁴⁴ O artigo dedicado aos projectos de Siza para Berlim é ilustrado para além obviamente de elementos gráficos dos referidos projectos, por imagens das áreas de intervenção, uma planta de um projecto de Robert Krier para a reconstrução de Estugarda. TESTA, Peter, “Unity of the Discontinuous: Álvaro Siza’s Berlin Works”, *Assemblage*, n. 2, 1987, p. 47-62. Os três projectos, a agência bancária em Vila do Conde, a casa em Ovar e o Pavilhão Carlos Ramos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, são publicados através de elementos gráficos e breves textos de Testa. TESTA, Peter, “Álvaro Siza three projects”, Ibidem, p. 63-96.

Testa foi convidado ao longo dos anos a escrever vários artigos e livros sobre o trabalho de Siza. Logo em 1988, Testa foi convidado a escrever um artigo no catálogo da exposição *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*¹⁶⁴⁵ que teve lugar em Harvard, nos EUA, exposição que analisámos anteriormente, tendo-se seguido muitos outros convites¹⁶⁴⁶.

A relação entre Testa e Siza também passou pela prática profissional. Testa foi assistente de Siza quando este deu aulas em Harvard no final da década de 80, como referimos atrás. O gabinete Testa / Weiser Architects sediado em Los Angeles colaborou com Siza em projectos nos EUA, como por exemplo no projecto para o Art Centre College of Design em LA, entre 2002 e 2004, no Parrish Museum of Art, em Nova Iorque em 2005, e no Clark Art Institute Williamstown, em 2001¹⁶⁴⁷.

Testa partilhou connosco a sua visão sobre a arquitectura portuguesa e percepção internacional. Destacou no processo de divulgação a importância das revistas italianas como *Lt I* e *Casabella*, da espanhola *Quaderns* e das francesas nas décadas de 70 e 80¹⁶⁴⁸. Entende que “o seu reconhecimento cresceu nos últimos dez a quinze anos”¹⁶⁴⁹, acrescentando que no entanto, a vê “limitada a uma expectativa de uma determinada estética e de linguagem arquitectónica”¹⁶⁵⁰. Testa acrescentou que apesar de haver uma cultura material e histórica específicas de Portugal, se deve falar de arquitectos em nome individual e não como “uma identidade nacional”¹⁶⁵¹. Por outro lado, Testa deu-nos conta da sua preocupação por entender que Portugal está “relativamente isolado no que diz respeito aos desenvolvimentos na arquitectura contemporânea”¹⁶⁵².

¹⁶⁴⁵ TESTA, Peter, “Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal 1987 – “, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988, p. 80-83.

¹⁶⁴⁶ Convites que incluíram a publicação de uma entrevista a Siza na *Harvard Architectural Review* em 1989, artigos na *Casabella* em 1989, na *Lt I* em 1996, na monografia de Siza em 1993, e mesmo um livro monográfico sobre Siza editado pela Birkhäuser em 1996 e reeditado pela Martins Fontes em 1998.

¹⁶⁴⁷ TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013; e <http://www.testaweiser.com/> acedido a 7/7/2015.

¹⁶⁴⁸ TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.

¹⁶⁴⁹ Ibidem.

¹⁶⁵⁰ Ibidem.

¹⁶⁵¹ Ibidem.

¹⁶⁵² Ibidem.

Graças à iniciativa de um grupo de dez jovens estudantes do quarto ano de arquitectura de Clermont-Ferrand, que se auto designou Opus Incertum, apoiado na logística pela Escola¹⁶⁵³, foram organizados um colóquio e uma exposição em 1987, que posteriormente fez itinerância, e um livro intitulado *Architectures à Porto*, editado em 1990, que constitui uma monografia dedicada à arquitectura realizada por arquitectos do Norte de Portugal, os mesmos que participaram na exposição¹⁶⁵⁴.

O colóquio intitulado *Le lieu et sa complexité: L'architecture moderne à la recherche du réel* contou com a participação de Croset, Frampton e Huet, e dos portugueses Portas, Siza, Souto de Moura, Manuel Mendes, José Gigante, Adalberto Dias, João Álvaro Rocha e Miguel Guedes de Carvalho¹⁶⁵⁵ [fig.A3.44]. A exposição esteve patente na escola de arquitectura de Clermont-Ferrand e no Centre Jaude, posteriormente foi exibida em Paris La Villette, Saint Etienne, Nancy, EPF Zurich, EPF Lausanne e na escola de arquitectura em Coimbra¹⁶⁵⁶. A produção e distribuição do livro, que só teve uma única edição que não esgotou, foram suportadas pelo editor Belga Pierre Mardaga¹⁶⁵⁷.

Como nos reportaram em entrevista Christian Roul, François Bouchaudy e Philippe Bogazc, elementos do grupo Opus Incertum, estes alunos sentiam-se insatisfeitos com os conteúdos leccionados na escola. A sua curiosidade foi estimulada pelo professor Michel Mangematin que lhes apresentou a arquitectura de Siza, e o dossier de Bédarida no número 7 da revista *AMC* de 1985, por nós oportunamente referido, bem como a produção dos restantes arquitectos do

¹⁶⁵³ O grupo Opus Incertum era constituído por Philippe Bogazc, Patrick Borderie, François Bouchaudy, Muriel Cros, Anne Foury, Hélène Genest, Rayko Gourdon, Patrick Mora, François Roguet e Christian Roul. É de referir que o grupo Opus Incertum não realizou mais nenhuma outra publicação. ROUL, Christian, BOUCHAUDY, François, BOGAZC, Philippe entrevista por correio electrónico, 14/6/2014.

¹⁶⁵⁴ O livro que decorreu do evento foi editado em francês e inglês. *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990. ROUL, Christian, BOUCHAUDY, François, BOGAZC, Philippe entrevista por correio electrónico, 14/6/2014.

¹⁶⁵⁵ O colóquio ocorreu nos dias 27 e 28 de Março de 1987. Alguns organizadores em entrevista acrescentaram as presenças de João Álvaro Rocha e Miguel Guedes de Carvalho. Ibidem.

¹⁶⁵⁶ A exposição esteve patente entre 26 de Março e 10 de Abril na Escola de Arquitectura de Clermont-Ferrand e entre 14 e 25 de Abril de 1987 no Centre Jaude. Ibidem.

¹⁶⁵⁷ Ibidem.

Norte de Portugal¹⁶⁵⁸. De facto, afirmam que o professor Mangematin constituía uma excepção numa escola onde a arquitectura portuguesa não era discutida¹⁶⁵⁹.

Roul, Bouchaudy e Bogazc comentaram-nos em entrevista que convidaram Croset por saberem do seu interesse pela arquitectura portuguesa, em particular pelas obras regionalistas críticas assim classificadas por Frampton, e por ser director adjunto da *Casabella*, uma das primeiras revistas a publicar a arquitectura nacional¹⁶⁶⁰.

O livro abriu com uma apresentação assinada por Croset e um prefácio¹⁶⁶¹. No prefácio e na contracapa foi afirmado que o objectivo principal do livro consistiu na apresentação do trabalho da última década de uma ampla variedade de arquitectos do Norte, de várias gerações, o qual pela sua qualidade se insere na produção internacional¹⁶⁶². Foi salientado aquilo que designaram como a particularidade da arquitectura no Porto, distante de teorias e em constante tensão com a realidade, estimulada por um ensino de grande qualidade¹⁶⁶³. Foi referida a existência de só duas escolas públicas de arquitectura e desenvolvida a qualidade do ensino na escola do Porto, destacando como seu exemplo o trabalho desenvolvido no SAAL por professores e alunos em conjunto¹⁶⁶⁴. Referiram-se ainda à “*secular rivalidade*” entre Lisboa e Porto¹⁶⁶⁵.

Croset avançou com algumas das razões para o que entende ser a elevada qualidade da arquitectura do Porto¹⁶⁶⁶. Destacou também o ensino, pela relação de proximidade entre professores e alunos, o que afirmou assegurar a permanência do que designou como o “*espírito*” do trabalho dos arquitectos mais velhos e conhecidos como Távora, Siza, Soutinho e Souto de Moura nas

¹⁶⁵⁸ Ibidem.

¹⁶⁵⁹ Ibidem.

¹⁶⁶⁰ ROUL, Christian, BOUCHAUDY, François, BOGAZC, Philippe entrevista por correio electrónico, 14/6/2014.

¹⁶⁶¹ CROSET, Pierre-Alain, “Présentation”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990, p. 6,7. “Avant-propos”, ibidem, p. 8 – 11.

¹⁶⁶² “Avant-propos”, ibidem, p. 10, 11.

¹⁶⁶³ Ibidem, p. contracapa.

¹⁶⁶⁴ Ibidem, p. 8 – 11.

¹⁶⁶⁵ Ibidem, p. 8.

¹⁶⁶⁶ CROSET, Pierre-Alain, “Présentation”, ibidem, p. 6, 7.

gerações mais jovens¹⁶⁶⁷. Repetiu a ideia veiculada por vários autores sobre a localização geográfica à margem de Portugal e o seu distanciamento em relação aos meios mediáticos¹⁶⁶⁸. Destacou a vivacidade do debate ocorrido no colóquio, o que em seu entender era o garante da continuidade da qualidade da arquitectura no futuro¹⁶⁶⁹.

A apresentação e o prefácio foram seguidos por textos de grande fôlego de enquadramento da arquitectura portuguesa escritos por autores portugueses: Alves Costa sobre a história da arquitectura portuguesa até à década de 40 do século XX, Mendes sobre a escola e Portas sobre a arquitectura do Norte¹⁶⁷⁰. Estes nomes foram sugeridos por Siza logo na primeira entrevista que o grupo Opus Incertum lhe fez, tendo na opinião do grupo, o seu profundo conhecimento da realidade portuguesa enriquecido bastante o livro¹⁶⁷¹.

Argumentamos que este texto de Portas parece constituir a segunda parte de outro texto seu anteriormente publicado em 1983 sobre a escola do Porto, no qual confirmou a concretização do seu pior receio, que na altura definiu como a escola vir a ser incapaz de comunicar com as pessoas¹⁶⁷². Neste texto Portas classificou esta incapacidade de comunicação como hermetismo, marcado sobretudo pela fixação e restrição a uma linguagem que em seu entender estava a chegar a um ponto de exaustão, o que o levou a questionar as suas anteriores convicções sobre a existência de uma escola do Porto¹⁶⁷³. Portas questionou certezas anteriores como por exemplo a importância do lugar, do funcionalismo e daquilo que na altura designou como uma qualidade, o rigor da escola, o qual viu neste texto como um entrave à exploração de ligações à morfologia do lugar¹⁶⁷⁴. Apontou no

¹⁶⁶⁷ Ibidem, p. 7.

¹⁶⁶⁸ Ibidem, p. 6.

¹⁶⁶⁹ Ibidem.

¹⁶⁷⁰ COSTA, Alexandre Alves, “Notes pour une caractérisation de l’Architecture Portugaise”, ibidem, p. 14 - 41. MENDES, Manuel, “Porto, école et projets 1940-1986”, ibidem, p. 42 – 84. PORTAS, Nuno, “Interrogations sur l’architecture de Porto”, ibidem, p. 85 – 93.

¹⁶⁷¹ ROUL, Christian, BOUCHAUDY, François, BOGAZC, Philippe entrevista por correio electrónico, 14/6/2014.

¹⁶⁷² Referimo-nos ao texto de Portas publicado no número 5 da *9H* de 1983.

¹⁶⁷³ PORTAS, Nuno, “Interrogations sur l’architecture de Porto”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990, p. 85 – 93.

¹⁶⁷⁴ Ibidem.

entanto uma possível solução para a qual entende ser necessária liberdade, a qual passaria pelo uso de modelos e de tipos¹⁶⁷⁵.

É de notar ainda que este texto de Portas veio na sequência de outro publicado em 1986 no qual confessou o seu desconforto perante as últimas obras de Siza, o que voltou a reiterar agora, mas por razões algo contraditórias às inicialmente apontadas, pois se anteriormente tinha criticado a abertura de Siza ao meio disciplinar internacional, neste texto afirma estar a limitar-se a uma “*tradição restritiva no tempo e no espaço geo-cultural*”¹⁶⁷⁶.

É de assinalar a mudança de atitude crítica de Portas, que passou de um dos principais divulgadores da arquitectura portuguesa a nível internacional para um dos seus maiores críticos. Estes textos vêm a suscitar comentários de Frampton, no texto do catálogo do simpósio Aalto de 1988 que analisaremos adiante, e de Alves Costa, no catálogo da expo de Siza em Harvard de 1988 que analisámos atrás.

De seguida foram apresentados dezanove arquitectos ou escritórios de arquitectura do Norte de Portugal, incluindo Távora e Siza entre outros¹⁶⁷⁷, cuja

¹⁶⁷⁵ Ibidem.

¹⁶⁷⁶ Referimo-nos ao texto de Portas publicado no catálogo da exposição *Tendências da Arquitectura portuguesa* de 1986. Ibidem, p. 86, 87.

¹⁶⁷⁷ Os dezanove escritórios de arquitectura escolhidos foram: Fernando Távora, Alcino Soutinho, Siza Vieira, Sérgio Fernandez, Manuel Correia Fernandes, Pedro Ramalho, Bernardo Ferrão / Francisco Barata, Domingos Tavares, Carlos Prata / Henrique Carvalho, Virgínio Moutinho / Carlos Machado, Atelier Gigante-Melo-Rocha, Antonio Corte-Real, Adalberto Dias, Miguel Guedes de Carvalho, Maria da Graça Nieto, Eduardo Souto de Moura, João Carreira, José Manuel Soares e Carlos Portugal. Estes arquitectos foram publicados através de uma apresentação do seu percurso seguido da publicação de alguns projectos, através de um texto e elementos gráficos, fotografias e desenhos. A obra de Távora foi publicada através de uma apresentação alargada do seu percurso ilustrado por imagens de vários trabalhos seus, e da obra da Pousada de Santa Marinha em Guimarães. “Fernando Távora”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990, p. 96-107. De Soutinho foram publicadas a Câmara Municipal, o Museu e a Biblioteca em Amarante, a Câmara Municipal de Matosinhos, e a casa Pinto de Sousa em Ofir, ibidem, p. 108 – 121. A obra de Siza foi publicada através de uma apresentação alargada do seu percurso ilustrado por imagens de vários trabalhos seus, e a publicação da casa Beires, casa em Ovar, agência bancária em Vila do Conde, a Faculdade de Arquitectura no Porto, e a creche em Penafiel, ibidem, p. 122 – 141. De Sérgio Fernandez foi publicado o complexo turístico de Moledo do Minho, ibidem, p. 142 – 145. De Manuel Correia Fernandes foram publicadas as casas de férias em Gaia, ibidem, p. 146 – 149. De Pedro Ramalho foram publicadas as casas em banda na Foz do Douro, ibidem, p. 150 – 153. De Bernardo Ferrão e Francisco Barata foi publicada a casa em Caminha, ibidem, p. 154 – 157. De Domingos Tavares foram publicados o quartel dos bombeiros e a casa Tavares, ibidem, p. 160 – 163. De Carlos Prata e Henrique Carvalho foram publicados a casa em Vila Praia de Âncora e o Centro Cultural em Viana do Castelo, ibidem, p. 164 – 171. De Virgínio Moutinho / Carlos Machado foi publicado

escolha foi segundo nos comentaram em entrevista Roul, Bouchaudy e Bogazc fruto de um certo acaso, definida ao longo das visitas e encontros, durante um ano, tempo que Croset afirmou ter durado este período de investigação¹⁶⁷⁸.

Actualmente, em entrevista, Roul, Bouchaudy e Bogazc entendem que o livro teve como qualidade ter fornecido uma perspectiva histórica e geográfica sem a qual não se podia compreender a produção alargada dos arquitectos do Porto¹⁶⁷⁹. Os organizadores referem que depois do seu livro não têm conhecimento de uma tentativa similar de enquadramento da actividade do conjunto de vários arquitectos portugueses em França, com excepção do número 466 da revista *Techniques et Architectures* de 2003¹⁶⁸⁰.

Em entrevista, Croset afirmou que este foi “*o primeiro e mais importante evento cultural sobre a arquitectura no Porto na década de 80*”¹⁶⁸¹.

Este evento veio a ecoar no texto que Frampton escreveu para o livro que assinalou a atribuição do prémio Alvar Aalto a Siza em 1988, o qual referiremos oportunamente.

Daniele Vitale foi outro intermediário cultural italiano que se interessou pela arquitectura portuguesa, com a peculiaridade de ter alargado o seu interesse a um número maior de protagonistas, como referimos no início deste capítulo.

a extensão do quartel de bombeiros, ibidem, p. 172 – 175. Do atelier Gigante-Melo-Rocha foram publicados a extensão de central telefónica no Porto e em Gaia, agência bancária em Braga, plano e piscina em Lamego, ibidem, p. 176 - 191. De Antonio Corte-Real foram publicadas casas de férias em Moledo do Minho e em Esposende, ibidem, p. 192 - 197. De Adalberto Dias foram publicados a galeria comercial em Vila do Conde, casa em Vila Verde e em Arcozelo, ibidem, p. 198 - 204. De Miguel Guedes de Carvalho foi publicada a joalheria no Porto, ibidem, p. 206 - 207. De Maria da Graça Nieto foram publicados os serviços administrativos de uma fábrica, ibidem, p. 208 – 211. De Souto de Moura foram publicados o mercado de Braga, casa Cardoso e a casa em Loulé, ibidem, p. 212 – 221. De João Carreira foram publicados o consultório de um dentista e a sala da biblioteca municipal do Porto, ibidem, p. 222 - 225. De José Manuel Soares foram publicados uma piscina em Castelo de Paiva e e Lar de Idosos em Baião, ibidem, p. 226 – 223. De Carlos Portugal foi publicada uma garagem em Lamego, ibidem, p. 234 – 237.

¹⁶⁷⁸ ROUL, Christian, BOUCHAUDY, François, BOGAZC, Philippe entrevista por correio electrónico, 14/6/2014. CROSET, Pierre-Alain, entrevista por correio electrónico, 29/3/2014.

¹⁶⁷⁹ Ibidem.

¹⁶⁸⁰ Aquele número da revista intitulou-se “Portugal: Une Heterodoxie Moderne”. Ibidem.

¹⁶⁸¹ CROSET, Pierre-Alain, entrevista por correio electrónico, 29/3/2014.

O interesse de Vitale pela arquitectura portuguesa remonta ao seu tempo de estudante na Faculdade de Arquitectura do Politécnico de Milão, onde conheceu e desenvolveu uma relação de amizade com os portugueses José Charters Monteiro e José da Nóbrega Sousa Martins, que como referimos no primeiro capítulo também ali estudaram e onde juntos foram alunos de Aldo Rossi¹⁶⁸². Aliás, as suas primeiras visitas a Portugal estiveram ligadas a Charters Monteiro¹⁶⁸³. De facto, Vitale é tido como uma das pessoas próximas do professor, que comungava do movimento *Tendenza* lançado por Rossi¹⁶⁸⁴. A sua participação no congresso realizado em Santiago de Compostela, o I Seminário Internacional de Arquitectura Contemporânea (I SIAC) em 1976, que teve como director Rossi, por nós referido no primeiro capítulo, significou também para si um momento onde se estabeleceram novas relações que permitiram trocas culturais ao longo do tempo¹⁶⁸⁵. No entanto não encontramos registo da participação de Vitale na publicação dedicada ao Congresso. Vitale refere igualmente a circunstância política que Portugal vivia naquela época o que constituía mais um factor de atracção, sobretudo quanto à relação entre arquitetura e política¹⁶⁸⁶. Ao longo dos anos foi cultivando o seu interesse sobre a arquitectura portuguesa e desenvolvendo relações com alguns arquitectos nacionais, como são exemplo a sua participação na redacção da *Lt I* entre 1979 e 1981, altura em que foram publicados trabalhos de Siza, bem como o seu encontro com Távora em 1984¹⁶⁸⁷.

Este interesse de Vitale teve tradução material logo em 1984 quando editou um dossier monográfico sobre a arquitectura portuguesa no número 655 da *Domus* [fig.A3.6]. Explicou ter constituído uma tentativa de “*reconstruir um quadro histórico e dar-lhe [à arquitectura portuguesa] maior extensão e profundidade*”¹⁶⁸⁸, o que concordamos ter feito.

¹⁶⁸² VITALE, Daniele, “Encontros e desencontros entre Itália e Portugal”, *Unidade*, n.7, E/I/ Migrações, 2008, p. 104.

¹⁶⁸³ Ibidem.

¹⁶⁸⁴ LOPES, Diogo Seixas, “Tendenza: the Sound of Confusion”, comunicação apresentada por Diogo Seixas Lopes no Colóquio Geschichte und Theorie im Architekturunterricht, Bibliothek Werner Oechslin, Novembro 2009; acedido em [http://barbaslopes.com/np4/32/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=140&fileName=TENDENZA.pdf](http://barbaslopes.com/np4/32/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=140&fileName=TENDENZA.pdf) a 18/11/2014.

¹⁶⁸⁵ VITALE, Daniele, “Encontros e desencontros entre Itália e Portugal”, *Unidade*, n.7, E/I/ Migrações, 2008, p. 104.

¹⁶⁸⁶ Ibidem, 105.

¹⁶⁸⁷ Ibidem, p. 107.

¹⁶⁸⁸ Ibidem.

O dossier intitulava-se “10 anni dopo..., costruire in Portogallo”¹⁶⁸⁹, numa referência à revolução de 1974. Abriu com um texto de Vitale, seguido da apresentação de sete projectos de Siza, Soutinho, Souto de Moura, Charters Monteiro, Cabral de Mello e Carrilho da Graça¹⁶⁹⁰.

Vitale revelou no seu texto um conhecimento próximo das fontes nacionais, plasmado na consulta de textos de arquitectos portugueses como Alves Costa, um manuscrito de Mendes, entre outros¹⁶⁹¹. Citou também excertos de poemas de Fernando Pessoa, como referimos atrás¹⁶⁹², numa demonstração de conhecimento da cultura portuguesa. Apesar de ter publicado como vimos, obras de arquitectos do Porto e de Lisboa e de não ter dado destaque a qualquer divergência entre eles, no seu texto, Vitale fez uma distinção entre as suas obras, como resultado de pesquisas diferentes, tendo acabado por atribuir especial importância à escola do Porto, assinalando a sua singularidade e notoriedade no panorama internacional.

¹⁶⁸⁹ Este dossier de Vitale ocupou a secção de arquitectura deste número da revista, cuja estrutura na época se dividia em Arquitectura, Design, Arte e Forum. VITALE, Daniele, “10 anni dopo..., costruire in Portogallo”, *Domus*, n. 655, 1984, p. 2 – 31.

¹⁶⁹⁰ VITALE, Daniele, “Portugal, events and echoes”, Ibidem, p. 2 – 5. Os projectos foram apresentados através de breves textos; a maioria da autoria dos arquitectos, um da autoria de Vitale, dois cujo autor não é identificado; e de elementos gráficos, fotografias de obra e desenhos rigorosos, à excepção do mercado de Braga que é apresentado através de fotografias e esboços. Foram apresentados sete projectos, dos quais quatro de habitação social: dois em Setúbal, um de Charters Monteiro, outro de Byrne, um em Alverca coordenado por Duarte Cabral de Mello e um em Alter do Chão de Carrilho da Graça. VITALE, Daniele, “Fundo de Fomento: Setúbal, città nuova”, Ibidem, p. 6 – 13; BYRNE, Gonçalo, “Byrne, Quartiere a Setúbal”, Ibidem p. 16, 17; MELLO, Duarte Cabral de, ALMEIDA, Maria Manuel Godinho de, CHALBERT, Miguel, FERREIRA, Vicente Bravo, “Quartiere delle cooperative ad Alverca”, Ibidem, p. 14, 15; “Isolati e strade ad Alter do Chão”, Ibidem, p. 18, 19; respectivamente. Os outros três edifícios albergam serviços e equipamentos, um banco de Siza em Vila do Conde, o mercado em Braga de Souto de Moura e o museu e a biblioteca de Soutinho. “Siza i Vieira, banca a Vila do Conde”, Ibidem, p. 20, 21; SOUTO DE MOURA, Eduardo, “Souto de Moura, mercato comunale a Braga”, Ibidem, p. 22, 23; e SOUTINHO, Alcino, “Soutinho, museo e biblioteca ad Amarante”, Ibidem, p. 24 – 27; respectivamente.

¹⁶⁹¹ Vitale citou o prefácio de Siza na segunda edição das provas de habilitação para a obtenção do título de professor agregado de Alves Costa, editadas pela ESPBAP Porto, em 1982; e um texto manuscrito de Manuel Mendes intitulado “*Escola do Porto*”. *O mito, a sombra, o rosto, a memória, o desejo*, que pensamos ter sido o mesmo, ou pelo menos uma versão do texto publicado no número 22, 23 da revista *Wonen-Tabk* de 1983, por nós referido no capítulo anterior. Cita ainda poemas de Fernando Pessoa, revelando mais uma vez uma certa profundidade no conhecimento da cultura portuguesa. VITALE, Daniele, “Portugal, events and echoes”, *Domus*, n. 655, 1984, p. 5.

¹⁶⁹² Mencionámos o facto de Vitale ter publicado poemas de Fernando Pessoa quando nos referimos ao mesmo facto, desta feita por Wang, no catálogo referente à exposição realizada em 1988 em Harvard intitulado *Álvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986 – 1988*.

Vitale fez uma breve síntese da história da arquitectura portuguesa demonstrando uma visão muito marcada pelas relações da disciplina com o Poder, seja ele o Fascismo ou a Revolução. Ao nível mais estrito da disciplina, Vitale mencionou a “*tensão entre regionalismo e internacionalismo*” socorrendo-se das palavras de Siza que afirma poder “*dar origem a uma nova identidade constituída por continuidade e contraste*”¹⁶⁹³. Relativamente aos arquitectos de Lisboa, afirmou que as suas pesquisas se centram em torno das tipologias, manipulando o património histórico e cultural da arquitectura¹⁶⁹⁴. Em seu entender é a atenção ao lugar que individualiza e qualifica a arquitectura de certos arquitectos do Porto, entre os quais refere Siza e o seu discípulo Souto de Moura¹⁶⁹⁵. Vitale corporizou nos projectos destes arquitectos as qualidades da referida escola do Porto, a qual vê no seu conjunto como um sistema forte que admite múltiplas diferenças: “*a poética da transformação e adaptação*”, “*o minimalismo carregado de significado e tensão*”, “*uma postura anti-ideológica*” que é simultaneamente a sua fragilidade e a sua força, baseada numa atitude pragmática apoiada na sensibilidade¹⁶⁹⁶. Argumentamos que para além da designação aparentemente já estabilizada, começou a ser desenhado um corpo conceptual, por ora em nosso entender constituído por interpretações pré-canónicas, também delineado por intermediários culturais internacionais, em torno da escola do Porto.

Relativamente a esta publicação, é ainda interessante constatar que o trabalho apresentado dos arquitectos de Lisboa, Monteiro, Mello, Byrne, Graça, consiste em habitação social, enquanto que o dos arquitectos do Norte, Siza, Moura e Soutinho consiste em equipamentos; se atendermos que nos anos seguintes à revolução foi dado mais espaço nos eventos internacionais à habitação social realizada maioritariamente pelos arquitectos do Norte.

Vitale publicou um segundo artigo sobre arquitectura portuguesa no número 688 da *Domus* de 1987, no qual foram apresentadas duas obras de arquitectos do Norte de Portugal: o lar para idosos de Alves Costa e a ampliação do Convento de Santa Marinha em Guimarães de Távora¹⁶⁹⁷ [fig.A3. 42].

¹⁶⁹³ Ibidem, p. 4.

¹⁶⁹⁴ Ibidem, p. 5.

¹⁶⁹⁵ Ibidem, p. 4, 5.

¹⁶⁹⁶ Ibidem, p. 5.

¹⁶⁹⁷ VITALE, Daniele, “Due edifici di due architetti portoghesi”, *Domus*, n. 688, 1987, p. 32 – 45.

Este texto reflectiu uma alteração relativamente ao objecto de atenção de Vitale, que em 1984 abarcava a arquitectura realizada por arquitectos do Norte e Sul de Portugal, e em 1987 se centrava na arquitectura realizada por arquitectos do Norte. Argumentamos que essa alteração de perspectiva é a responsável pelo maior destaque dado à figura de Távora neste artigo de 1987. Vitale assinalou a grande cultura e actualização de Távora cuja ascendência sobre os arquitectos da escola os influenciou em seu entender, na busca de uma “*terceira via*”, para lá da arquitectura nacionalista promovida pelo regime fascista e da abstracção da arquitectura moderna¹⁶⁹⁸. Se no primeiro artigo Vitale mencionou Keil do Amaral como figura crucial para a realização do Inquérito à Arquitectura Popular, neste texto destacou Távora em particular¹⁶⁹⁹. Relativamente ao que vem sendo escrito sobre a escola do Porto, Vitale mostrou-se mais crítico do que no seu primeiro texto relativamente ao mencionado empirismo como característica daquela escola, por isso poder traduzir uma certa espontaneidade ou inocência, reforçando em contraponto a longa tradição da arquitectura portuguesa em assimilar outras culturas e informações¹⁷⁰⁰; aspecto que já tinha referido no seu primeiro artigo, mas que valorizou agora de maneira diferente com o objectivo em nosso entender, de salientar a erudição da escola do Porto.

¹⁶⁹⁸ Ibidem.

¹⁶⁹⁹ Ibidem.

¹⁷⁰⁰ Ibidem.

3.3.

A divulgação no cruzamento de diferentes correntes

Como dizíamos no início do presente capítulo, foi nestes anos que começou a ser divulgada a arquitectura portuguesa que se pode incluir na corrente dita pós-moderna historicista.

Mas o que é que isto significa em termos de divulgação internacional da arquitectura? Quererá dizer que há canais próprios, como revistas especializadas ou instituições, dedicadas exclusivamente à divulgação de cada corrente? Ou que cada intermediário cultural se dedica unicamente a uma corrente ou a um grupo de arquitectos? Ao longo da presente dissertação temos vindo a apontar eventos que em nosso entender indiciam as respostas às questões levantadas: nomeadamente a publicação dos artigos de Portas e de Gregotti no número 9 da *Controspazio* de 1972 de Portoghesi, como referimos no primeiro capítulo; a posterior abertura por parte de Boyarsky a outras arquitecturas, como referimos no segundo capítulo; a exibição do projecto da Malagueira de Siza na XIII Bienal de Paris de 1985 da responsabilidade de Nouvel, projecto que tinha ilustrado anos antes, em 1982, a *La Modernité... un projet inachevé* exposição alternativa à organizada por Nouvel naquele mesmo ano, como referimos na segunda parte do presente capítulo. Podemos ainda acrescentar a publicação da Loyola School e o Museu Aeroespacial de Ghery no mesmo número 514 da *Casabella* de 1985 que abriu com um projecto de Siza acompanhado por texto de Frampton.

Argumentamos que estes factos entre outros traduzem a complexidade da definição das correntes de arquitectura, por serem constantemente problematizadas, não sendo as suas formulações definitivas nem estritas, tal como não é estanque a classificação do trabalho dos arquitectos. A maioria dos eventos e dos meios de comunicação reflectem esta situação porque evidentemente os intermediários culturais responsáveis reflectem sobre aqueles temas.

Acrescentamos mais alguns exemplos de pluralidade de publicações em revistas especializadas.

A publicação de Siza no número 6 da revista Dinamarquesa *Skala, Nordic Magazine of Architecture and Art* de 1986 [fig.A3. 35]. Kate Nesbitt identificou na revista *Skala* uma tendência maioritária para publicação de arquitectura de

estilo pós-moderno¹⁷⁰¹. Editada em Dinamarquês e em Inglês, teve trinta números publicados entre 1985 e 1994 com o patrocínio do escritório de arquitectura de Henning Larsen, financiada pelo trabalho para a Arábia Saudita, que detinha igualmente uma galeria de arquitectura denominada Skala Gallery, onde eram realizadas exposições e proferidas conferências por arquitectos internacionais¹⁷⁰². A publicação de Siza concretizou-se através de um texto introdutório, o qual constituiu uma síntese de ideias já publicadas, e de excertos de uma entrevista realizada por Pepita Teixidor, a qual se tratou de uma republicação de partes da entrevista originalmente publicada no número 159 da *Quaderns* de 1983¹⁷⁰³. Se a revista *The Architects' Journal (AJ)* publicou como vimos no capítulo anterior, o trabalho de Siza no número 4 de 1983, voltou a fazê-lo no número 45 de 1985 a propósito da sua participação no concurso para o Campo di Marte em Veneza¹⁷⁰⁴, e no número 34 / 35 de 1988 publica o trabalho de Taveira, como referiremos.

A *Architectural Design (AD)* de Papadakis, conhecida pela divulgação da arquitectura de estilo pós-moderno, mas também referida por nós no capítulo anterior pela sua promoção de discussão entre aquela corrente e outras opiniões discordantes, designadamente a de Frampton que na altura ainda não era designada nem sintetizada na expressão regionalismo crítico [fig.A3. 18], voltou

¹⁷⁰¹ NESBITT, Kate (ed), *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architecture theory 1965-1995*, Novva Iorque, PAP, 1996, p 24.

¹⁷⁰² <http://www.henninglarsen.com/about/history/skala.aspx>, acedido a 23/10/2013.

¹⁷⁰³ Vindum, o autor do artigo, fez uma breve biografia de Siza, baseada na recolha de vários factos e ideias já publicadas, nomeadamente através de citações de Gregotti. Deteve-se sobre a obra do banco de Vila do Conde, escolhendo palavras de Pierre-Alain Croset publicadas no número 526 da *Casabella* de 1986, por nós analisado. No final do seu texto, Vindum deixou uma breve lista bibliográfica. VINDUM, Kjeld, "Álvaro Siza introduktion", *Skala*, n. 6, 1986, p. 11. TEIXIDOR, Pepita, "Siza, interview af Pepita Teixidor. Siza, interview by Pepita Teixidor", ibidem, p. 12 – 15. Vindum esclarece no final do seu texto a origem da entrevista. VINDUM, Kjeld, "Álvaro Siza introduktion", ibidem, p. 11.

¹⁷⁰⁴ Os arquitectos convidados a participar no concurso foram: Siza, James Gowan, Carlo Aymonino, Mario Botta, Gianfranco Caniggia, Aldo Van Eyck, Tomasz Mankowski, Rafael Moneo, Boris Podrecca, Aldo Rossi, Leonardo Benevolo e Antoine Grumbach, sendo que os dois últimos não entregaram proposta. Siza ganhou o concurso tendo sido convidado em conjunto com Moneo, Rossi e Aymonino para construir partes do plano. Este artigo foi assinado por Anthony McIntyre, que tinha colaborado com James Gowan, um dos arquitectos convidados a participar no concurso. McIntyre usou o artigo para explicar as condicionantes e as soluções da proposta de Gowan. Ilustrou-o com imagens do seu projecto, de Siza, que foi o vencedor, Rossi, Aymonino Mankowski e Botta, acompanhadas por legendas descritivas, comparando soluções e mencionando aspectos críticos. MCINTYRE, Anthony, "Italian Job", *The Architects' Journal*, n. 45, 1985, p.40, 41.

a publicar Siza no seu número 11/12 de 1984, a propósito de uma antecipação do que iria ser a Exposição Internacional de Arquitectura, que acompanharia o XV Congresso Mundial da Union Internationale des Architectes (UIA) a ter lugar em Janeiro de 1985 no Cairo¹⁷⁰⁵. Como editor convidado deste número da *AD*, Jorge Glusberg, conselheiro delegado da UIA, adiantou um pouco da mostra do trabalho dos arquitectos que designou como os “*arquitectos principais internacionais*”¹⁷⁰⁶. Assim, a casa de Ovar de Siza foi publicada da mesma forma que seria exibida no Cairo, ao lado de trabalhos de arquitectos internacionais como Botta, Graves, Gregotti e Pollini, Isozaki, Kleihues, Meier, Stern, Van Eyck, entre muitos outros¹⁷⁰⁷.

Por outro lado, ainda que a realização de exposições internacionais de desenhos de arquitectura com vocação artística com a participação portuguesa tenha acontecido nestes anos maioritariamente através do envolvimento de arquitectos ditos pós-modernos historicistas, argumentamos que não resulta directamente de uma afirmação de corrente mas sim de um movimento que galerias internacionais faziam naqueles anos de início do acolhimento de exposições de arquitectura, como referimos no capítulo Contextos. Sem invalidar o que acabamos de afirmar, podemos ceder em concordar com uma possível objecção que entenda que aqueles trabalhos e arquitectos se prestam mais facilmente a esse tipo de exibição, mas acrescentamos que com o tempo aquela foi uma tendência que se generalizou a todo o universo disciplinar.

A pessoa que encontramos directa ou indirectamente na origem destas exposições internacionais com a participação de arquitectos portugueses é Luís Serpa, o proprietário da galeria Cómicos em Lisboa, como referimos no capítulo Contextos.

¹⁷⁰⁵ A casa de Ovar de Siza foi publicada exclusivamente através de elementos gráficos. SIZA, Álvaro, “Avelino Duarte House, near Ovar”, Jorge Glusberg (ed.), *Architectural design, AD Profile* 56, volume 54. No. 11/12, 1984, p. 60, 61. Siza tinha sido referido no número 7/8 da *AD* de 1982, como analisámos no capítulo anterior.

¹⁷⁰⁶ GLUSBERG, Jorge (ed.), *Architectural design, AD Profile* 56, volume 54. No. 11/12, 1984, p. capa.

¹⁷⁰⁷ Estarão patentes na exposição trabalhos dos restantes arquitectos: Henri Ciriani, Eisenman Robertson, Moore Ruble Yudell, Christian de Portzamparc, John Hedjuk, Herman Hertzberger, Hans Hollein, Johnson and Burgee, James Stirling e Michael Wilford, Tigerman Fugman Mc Curry, O M Ungers, Franco Purini e Laura Thermes, Miguel Angel Roca, Leon Krier e Rob Krier. GLUSBERG, Jorge (ed.), *Architectural design, AD Profile* 56, volume 54. n. 11/12, 1984, p. capa.

Graça Dias, Troufa Real, Luiz Cunha e Taveira integraram uma exposição de desenhos de arquitectura organizada por Luís Serpa, que esteve patente no Colégio de Arquitectos de Málaga em 1986, intitulada *Quatro arquitectos portugueses*¹⁷⁰⁸. Graça Dias disse-nos em entrevista que esta exposição foi uma das que aconteceu na sequência dos contactos estabelecidos na exposição *Depois do Modernismo* de 1983, em Lisboa¹⁷⁰⁹, na origem da qual também esteve Serpa, como desenvolvemos no capítulo Contextos. Como nos comentou Graça Dias, a partir daquela exposição Serpa ficou com contactos de arquitectos que até ali não conhecia bem, a partir da qual surgiram outras exposições, como a referida *Quatro arquitectos portugueses*, a *Hiper Modernistas com os ‘baixos ondulantes’* em Espanha em 1985 e a *Trois Morceaux / Três bocados*, ambas de Graça Dias em Bordéus em 1988¹⁷¹⁰. Graça Dias incluiu também a exposição *Arquitectura Nue(o)va en(m) Trás-os-Montes* patente em Espanha em 1986 neste grupo de consequências das relações estabelecidas aquando da *Depois do Modernismo*¹⁷¹¹, como explicaremos adiante.

É no entanto de salientar que a primeira exposição individual de Graça Dias patente na Cómicos de Serpa intitulava-se *casas com molduras* e tinha sido originalmente realizada para a Cooperativa Árvore no Porto, conhecida pelo seu envolvimento político, a convite do presidente da associação, seu amigo¹⁷¹². A *Hiper Modernistas com os ‘baixos ondulantes’* foi constituída por trabalhos de Graça Dias a convite de Serpa, tendo estado patente na Feira de Arte Contemporânea ARCO’ 85 em 1985 em Madrid¹⁷¹³ [fig.A3. 11]. Graça

¹⁷⁰⁸ Luís Serpa pediu a Graça Dias, Luiz Cunha, Troufa Real e Tomás Taveira que realizassem desenhos para uma exposição, a qual na sequência de contactos do galerista com Málaga, seguiu para Espanha. Esta exposição recebeu em Portugal o nome *Desenhos de Arquitectura* quando esteve patente na Galeria Cómicos de Luís Serpa em 1985. Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa. Apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível encontrar qualquer registo sobre esta exposição.

¹⁷⁰⁹ Ibidem.

¹⁷¹⁰ Ibidem.

¹⁷¹¹ Ibidem.

¹⁷¹² Graça Dias realizou peças para esta exposição em Lisboa, tendo sido vendidas as maiores. Ibidem. Não nos foi possível precisar o ano da exposição.

¹⁷¹³ A ARCO nesse ano ocorreu entre 22 e 27 de Fevereiro, em Madrid. O catálogo da exposição para além de reproduzir alguns dos desenhos, inclui uma breve biografia de Graça Dias e um texto do arquitecto José Manuel Fernandes. Foi editado em versão bilingue Português / Inglês para alcançar o público internacional que habitualmente acorre à ARCO. “Manuel Graça Dias. Lisboa 1953”, Manuel Graça Dias, *Hiper Modernistas com os ‘baixos ondulantes’ Hiper Modernists with*

Dias comentou-nos em entrevista que usou como material para a exposição os projectos que tinha realizado na época para Chaves¹⁷¹⁴. A partir deles foram feitos esboços ou desenhos mais elaborados e um conjunto de serigrafias, cada uma delas constituída por desenhos rigorosos, uma planta e um alçado, as quais foram vendidas por serem mais económicas¹⁷¹⁵.

A exposição *Trois morceaux* esteve patente na galeria Arc en rêve em Bordéus em Maio de 1988, na sequência de um contacto de Serpa com a galeria francesa¹⁷¹⁶ [fig.A3 60]. Dedicada à arquitectura e ao design, foi fundada em 1981 tendo contado desde o início com financiamento da câmara de Bordéus e apoio estatal entre outras formas de financiamento¹⁷¹⁷. A exposição teve como objecto três projectos de Graça Dias, tendo sido constituída por seis maquetes, das quais três à escala real de partes de um edifício e outras três representavam a totalidade de cada edifício, em conjunto com os respectivos desenhos; e acompanhada por um catálogo com textos de Júlio Teles Grilo e de Carrilho da Graça¹⁷¹⁸.

Graça Dias e Belém Lima explicaram-nos em entrevista as circunstâncias da realização da exposição *Arquitectura Nue(o)va en(m) Trás-os-Montes* no Palácio Municipal de Exposições Kiosco Alfonso, na Corunha, em 1986, tendo posteriormente sido exibida em Portugal¹⁷¹⁹ [fig.A3. 23]. António Cerveira Pinto,

ondulating ground-levels, Lisboa, Cómicos – Espaço Inter – Média, 1985, p. 2. FERNANDES, José Manuel, “Duas ou três coisas que sei dele... Deux ou trois choses que je sais de lui...”, Ibidem, p. 3, 4. Esta exposição teve ainda eco no mesmo ano no suplemento “Las ciudades” de La Luna de Madrid com um artigo de Alexandre Melo intitulado “Por mares nunca dantes navegados”. Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa.

¹⁷¹⁴ Ibidem.

¹⁷¹⁵ Ibidem.

¹⁷¹⁶ Ibidem.

¹⁷¹⁷ em <http://www.arcenreve.com/Pages> acessado a 26/5/2013.

¹⁷¹⁸ Antes de seguir para Bordéus a exposição estreou em Janeiro de 1988 na Galeria Cómicos em Lisboa. Os três projectos em causa eram: o “golfinho”, edifício de habitação e comércio em Chaves, a Junta de Freguesia de São João de Brito em Lisboa e a administração florestal e residência do administrador em Chaves. As três maquetas à escala real representavam um pedaço de uma arcada do edifício o “golfinho”, um relógio no topo do edifício da Junta e uma varanda da administração florestal. Os desenhos estavam ordenados por cores, amarelo, rosa e cinzento. Dias lembrou que a exposição era difícil de transportar dado a dimensão das maquetes maiores. Idem. DIAS, Manuel Graça, *3 Morceaux. 3 bocados*, Lisboa, 1988; GRILO, Júlio Teles, “La Forêt près du dauphin. A Floresta junto ao golfinho”, Ibidem, s.p.; e GRAÇA, João Luís Carrilho da, “Dessins tordus. Estes desenhos tortos” Ibidem, s.p..

¹⁷¹⁹ Esta exposição realizou-se entre 6 e 20 de Novembro de 1986, na Corunha. Em Portugal a

o coordenador geral da exposição, é um artista plástico que na altura tinha ido para a Corunha dirigir o referido Kiosco Alfonso, uma galeria municipal, e que tinha participado na referida exposição *Depois do Modernismo* de 1983 onde conheceu Belém Lima, Graça Dias e Teles Grilo¹⁷²⁰. Graça Dias comentou-nos que esta exposição terá marcado Cerveira Pinto ao nível da programação, pois na sequência de exposições dedicadas sobretudo às artes plásticas terá decidido mostrar arquitectura¹⁷²¹, tendo encetado contactos com Belém Lima nesse sentido. Belém Lima acrescentou que havia nessa altura um programa estratégico de trocas artísticas entre a Galiza e Portugal, designado como Eixo Atlântico¹⁷²². Por seu lado, Graça Dias acredita ainda que o número 3 da revista *Arquitectura portuguesa* de 1985 que dedicou aos Pioleto terá contribuído para chamar a atenção para o trabalho daquele grupo de arquitectos sedado em Vila Real¹⁷²³.

Na sequência das suas conversas com Cerveira Pinto, Belém Lima convidou Graça Dias a participar na exposição¹⁷²⁴. Graça Dias explicou-nos que ele e Belém Lima apesar de estudarem em anos diferentes eram amigos dos tempos da faculdade por terem desenvolvido actividades políticas na altura do 25 de Abril¹⁷²⁵. Desde então que seguiam com interesse o que cada um estava a fazer, quando ambos trabalhavam em Lisboa, e mesmo depois de Lima se ter mudado para Vila Real, de onde era originário, as idas de Graça Dias a Chaves proporcionavam

exposição esteve patente na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, em Dezembro de 1986, na Galeria de Exposições do Posto de Turismo, em Chaves, em Fevereiro de 1987, e ainda na Cooperativa Árvore, no Porto, em Abril / Maio de 1987. As informações sobre a sua exibição em Chaves e no Porto foram-nos dadas por Manuel Graça Dias na entrevista realizada por nós a 7/5/2013 em Lisboa. Dias acrescentou ainda que o objectivo era que a exposição também fosse exibida em Vila Real, mas nunca foi encontrada disponibilidade.

¹⁷²⁰ Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa. BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013. No respectivo catálogo, com o mesmo nome e em edição bilingue Espanhol / Português, pode ler-se na sua ficha técnica que a exposição teve como comissário geral José Ramon Calvo e como coordenador António Cerveira Pinto. *Arquitectura Nueva en Trás-os-Montes / Arquitectura Nova em Trás-os-Montes*, La Coruña, Palácio Municipal de Exposiciones Kiosco Alfonso, 1986.

¹⁷²¹ GRAÇA DIAS, Manuel, entrevista, Lisboa, 7/5/2013.

¹⁷²² BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013.

¹⁷²³ GRAÇA DIAS, Manuel, entrevista, Lisboa, 7/5/2013.

¹⁷²⁴ Ibidem; e BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013.

¹⁷²⁵ GRAÇA DIAS, Manuel, entrevista, Lisboa, 7/5/2013.

encontros e visitas às obras de ambos¹⁷²⁶. Na sequência do convite, Graça Dias sugeriu incluir na exposição para além de projectos seus em Chaves, trabalhos do seu cunhado Júlio Teles Grilo, que depois do curso se tinha mudado para a sua terra natal e trabalhava também em Chaves e ainda, dois projectos em Chaves e em Mirandela de Egas José Vieira que trabalhava com Graça Dias¹⁷²⁷. Assim, na exposição foram apresentados vários projectos de nove arquitectos portugueses, do colectivo conhecido como arquitectos Pioledo, do qual fazia parte Belém Lima¹⁷²⁸, de Graça Dias, Teles Grilo e Egas José Vieira.

Belém Lima disse-nos em entrevista que o objectivo era mostrar arquitectura construída fora dos centros de Lisboa e do Porto, realizada no distrito de Vila Real por arquitectos jovens, pelo que Graça Dias sugeriu o nome *Arquitectura Nova em Trás-os-Montes* como forma de abranger as várias práticas de projecto¹⁷²⁹. A exposição na Corunha foi acompanhada pela realização de conferências, tendo todos os arquitectos, incluindo os autores de dois textos reproduzidos no catálogo Alves Costa e Carrilho da Graça se deslocado até lá¹⁷³⁰.

E obviamente, o mesmo evento pode ter leituras opostas de dois participantes quanto à sua intencionalidade ideológica, como foi este o caso que relatamos a seguir. O facto de um dos autores dos textos do catálogo ser professor na Universidade do Porto e o outro na Universidade de Lisboa, aliado à indicação

¹⁷²⁶ Ibidem.

¹⁷²⁷ Ibidem.

¹⁷²⁸ Belém Lima explicou-nos que o Pioledo era um grupo constituído pelos arquitectos recém-formados: Belém Lima, Carlos Baptista, Graça Campolargo, Ricardo Santelmo, Albino Costa Teixeira e Carlos Santelmo Jr., com pouca obra e a trabalharem individualmente. BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013.

¹⁷²⁹ Belém Lima explicou que se reuniram com o Egas, o Graça Dias e Teles Grilo e que escolheram aproximadamente quarenta arquitecturas a expor, dos quais apenas quinze a dezoito estavam construídas. Definiram ainda o formato de apresentação dos projectos, o gráfico que iria fazer o catálogo, Fernando Mendes, um amigo de Lisboa e o título da exposição. BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013. GRAÇA DIAS, Manuel, entrevista, Lisboa, 7/5/2013.

¹⁷³⁰ Ali pernoitaram duas noites. GRAÇA DIAS, Manuel, entrevista, Lisboa, 7/5/2013. O respectivo catálogo depois de um texto inicial assinado por José Ramón Calvo e Cerveira Pinto contou com dois textos, um de Alexandre Alves Costa e outro de Carrilho da Graça. CALVO, José Ramón López, PINTO, António Cerveira, “Copia de Vasari y Alberti / Copia de Vasari e Alberti”, *Arquitectura Nueva en Trás-os-Montes / Arquitectura Nova em Trás-os-Montes*, La Coruña, Palácio Municipal de Exposiciones Kiosco Alfonso, 1986, p. 3. COSTA, Alexandre Alves, “Notas Imprecisas sobre arquitecturas Ajenas.”, Ibidem, p. 4 – 6. GRAÇA, João Luís Carrilho da, “Desasosiego, Desassossego”, Ibidem, p. 7 – 9. Ambos os textos, de Alves Costa e de Carrilho da Graça foram reproduzidos numa separata que integrou o catálogo em Português.

do lugar de formação de cada um dos nove arquitectos no respectivo catálogo, repartida por Lisboa (ESBAL e FA-UTL) e Porto (ESBAP)¹⁷³¹, levou-nos a pensar que poderia estar na mente dos envolvidos na exposição a definição de genealogias das práticas de arquitectura; ou dada a afinidade das práticas projectuais expostas o objectivo poderia ser o de exhibir uma coerência apesar das diferentes formações de cada arquitecto. Estas nossas hipóteses foram totalmente recusadas por Graça Dias, que nos disse que “*a única unidade era a de um grupo que tentava fazer arquitectura contemporânea num sítio mais remoto de Portugal em condições difíceis, para promotores privados e pouco informados*”¹⁷³². Graça Dias retirou qualquer intencionalidade ideológica da escolha dos autores dos textos e explicou-nos que a sugestão do nome de Alves Costa terá sido de Belém Lima que o admirava, e o nome de Carrilho da Graça foi sugerido pelo próprio Graça Dias, por serem amigos e Carrilho da Graça conhecer o trabalho que estavam a desenvolver¹⁷³³. Porém, Belém Lima tem uma posição divergente de Graça Dias e reconheceu-nos que estava por trás desta exposição a dicotomia geográfica Porto / Lisboa. Belém Lima explicou-nos que “*a distensão que a época post-modern trouxe à cultura arquitectónica permitia a eventualidade de furar esta dicotomia dominante Porto /Lisboa, sobretudo com as gerações mais novas*”¹⁷³⁴. Sobre os convites a Alves Costa e a Carrilho da Graça comentou-nos que importava que se concretizasse “*essa mistura proibida*”¹⁷³⁵. Acrescentou ainda como facto digno de nota a exposição ter sido depois exibida na ESBAP no Porto, acompanhada por uma conferência e reedição do catálogo em Português¹⁷³⁶.

¹⁷³¹ Carlos Baptista, Graça Campolargo, Ricardo Santelmo e Albino Costa Teixeira estudaram na ESBAP, Porto, Manuel Graça Dias, Júlio Teles Grilo e António Belém Lima estudaram na ESBAL, Lisboa, Carlos Santelmo Jr. e Egas José Vieira na FA – UTL, Lisboa. Separata *Arquitectura Nova em Trás-os-Montes* realizada a propósito da exibição da exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa, em Dezembro de 1986.

¹⁷³² GRAÇA DIAS, Manuel, entrevista, Lisboa, 7/5/2013.

¹⁷³³ Ibidem.

¹⁷³⁴ BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013.

¹⁷³⁵ Ibidem.

¹⁷³⁶ Ibidem.

O trabalho dos Pioledo foi ainda objecto de publicação no número 4 da revista espanhola *Cyan* de 1987¹⁷³⁷ [fig. A3. 39]. Belém Lima comentou-nos que a *Cyan* era uma revista de arte de Madrid e que os Pioledo não conheciam Bartolomeu Cruells, o autor do artigo, mas supõe, no entanto, sem certezas, que Cruells seria conhecido de Calvo e que terá assistido à exposição *Arquitectura Nue(o) va en(m) Trás-os-Montes* no Kiosco Alfonso na Corunha em 1986¹⁷³⁸, acima referida. Belém Lima concluiu que Cruells “*tomou o ar dos anos 80s, para mais uma invectiva contra o moderno, contra a ideologia-estética de ruptura, contra o tardo International Style, invocando nostálgico, a suposta frescura da periferia das periferias*”¹⁷³⁹. Por outro lado, assinalamos que o argumento “*periferia*” também sirva o discurso de Belém Lima de apologia desta corrente de arquitectura.

A Galeria Fucares em Almagro, Ciudad Real, participando do referido movimento de acolhimento de exposições de arquitectura por galerias de arte, em 1986, organizou a sua primeira exposição de arquitectura intitulada *Arquitectura Ibérica Actual*¹⁷⁴⁰ [fig. A3. 21]. Tal como escreveu o seu director na carta convite, apesar de ser uma galeria comercial, deixava à consideração dos arquitectos a possibilidade de venderem os seus desenhos, considerando ser o mais importante os arquitectos mostrarem o seu trabalho numa galeria de arte¹⁷⁴¹ [fig. A3. 22].

Participaram nesta exposição Belém Lima, Graça Dias, Luiz Cunha, Chuva Gomes, Troufa Real e Taveira. Como nos comentou Belém Lima eram todos arquitectos de Lisboa, excepto Luiz Cunha que classifica como um “*heterodoxo do Porto*”¹⁷⁴². Aos seis arquitectos portugueses juntaram-se dezanove arquitectos Espanhóis, como Yago Correa, Juan Navarro Baldeweg, Emilio Tuñon e Guillermo Vasquez Consuegra, entre outros¹⁷⁴³. Belém Lima não se recorda

como o convite lhe terá chegado, mas sabe ter mostrado os Correios de Vouzela que ainda não estavam concluídos na altura¹⁷⁴⁴.

Como dizíamos a classificação do trabalho dos arquitectos não é estanque e o interesse que as suas obras despertam não se encontra confinado a etiquetas atribuídas. Um exemplo do que acabamos de afirmar é uma visita de estudo a Portugal realizada por alunos do Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (ETH) em 1986, em cujo completo dossier de preparação apesar de ter sido abordado exaustivamente o trabalho de Siza em conjunto com outros arquitectos do Norte, o que apontava para um interesse pela cada vez mais conhecida escola do Porto, foram também publicados trabalhos de Carrilho da Graça, Teotónio Pereira e Byrne¹⁷⁴⁵. É ainda de salientar que este grupo era orientado pela professora Flora Ruchat Roncati, um membro destacado da corrente que ficou conhecida como Escola de Ticino, a partir da exposição de 1975, intitulada *Tendências: Nova Arquitectura em Ticino*, realizada em Zurique.

Como afirmávamos no início desta terceira parte do presente capítulo, os intermediários culturais são quem reflecte sobre as correntes de arquitectura, problematizando-as e redesenhando-as frequentemente, evoluindo, inclusivamente recuando e questionando-se, chegando mesmo a contradizer-se, deixando por vezes influenciar-se por razões de outras ordens, sendo que alguns são porventura mais flexíveis e inclusivos. Detalhamos de seguida casos que ilustram o que acabamos de afirmar.

Junquera, Luís Marin de Teran, Gabriel Mora, FCO. R. Partearroyo, Jorge Peña Martin, Jaime Perez Aciego, Guillermo Perez Villalta, Estanislao Perez Pita, J. M. Perucho Lizcano, J. A. Quesada, José Ramon Sierra e Alvaro Soto. *Arquitectura Ibérica Actual*, Almagro, Galeria Fucares, 1986.

¹⁷⁴⁴ BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013.

¹⁷⁴⁵ A visita realizou-se entre 30 de Novembro e 7 de Dezembro de 1986. Existe um dossier de preparação para esta visita bastante completo, com textos sobre arquitectura portuguesa e publicação de vários projectos, baseado na recolha de bibliografia nacional e internacional publicada até à data sobre arquitectura portuguesa. Os projectos de Siza publicados incluíram as habitações unifamiliares, conjuntos habitacionais, equipamentos, agências bancárias e intervenções urbanas. Os outros arquitectos portugueses publicados foram: Adalberto Dias, Virgínio Moutinho, José Gigante / Jorge Gigante / Francisco Melo, João Rebolo, Carlos Prata, Soutinho, Souto de Moura e Henrique Carvalho. A bibliografia internacional relativa à arquitectura portuguesa seleccionada foi por nós aqui referida, nomeadamente: *Domus*, n. 655, 1984, *Lotus International*, n. 13, 1976 e n. 18, 1978, *L'Ojd* n. 185, 1976, e n. 211, 1980, *AMC* n. 44, 1978 e n.7, 1985, *Casabella* n. 256, 1986, n. 478, 1982, n. 498/9, 1984 e n. 419, 1976, *Controspazio*, n. 9, 1972, *Hogar y Arquitectura* n. 68, 1967, *Quaderns* n. 159, 1983, n. 169 / 170, 1986, e *a+u* n. 123, 1985. *Porto. Lisboa. Álvaro Siza Vieira. Seminar Woche*, Zurique, Eidg. Technische Hochschule, 1986.

¹⁷³⁷ Trata-se de um artigo de Bartolomeu Cruells, que ocupa uma página, ilustrado com desenhos rigorosos de uma farmácia em Vila Real e de habitações em Vila Verde. Cruells, Bartolomeu, “Escritório Pioledo, Vila Real, Portugal. Dialogo en la Periferia”, *Cyan*, n. 4, 1987, p. 18.

¹⁷³⁸ BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013.

¹⁷³⁹ Idem.

¹⁷⁴⁰ Carta convite assinada por Juan de la Calle, gentilmente cedida por Belém Lima.

¹⁷⁴¹ Ibidem.

¹⁷⁴² BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013.

¹⁷⁴³ A exposição ocorreu em Almagro, entre 18 de Janeiro e 6 de Fevereiro de 1986. Os outros participantes Espanhóis eram: António Ortiz Garcia, Jaime Bach, Antonio Barrionuevo, Enrique Cosano Povedano, Fco. de Gracia, Gonzalo Diaz Recasens, António Gonzalez Cordon, Jerónimo

É interessante notar que o primeiro artigo de Vitale foi publicado na revista *Domus* sob a direcção de Mendini, cargo que ocupou entre 1980 e 1985¹⁷⁴⁶, pela aparente diferença de posições entre ambos os intermediários culturais.

Sob aquela direcção o estilismo pós-moderno atravessou a revista, expresso desde logo em Outubro de 1980 num texto de Jencks sobre a exposição *Via Novissima* patente na edição da Bienal de Veneza *A Presença do Passado* e na publicação do trabalho de arquitectos como Rossi, tendo o “Teatro del Mondo” feito a capa da revista¹⁷⁴⁷. É o próprio Mendini que explicou que quando assumiu o cargo de director da *Domus* a cultura do pós-moderno começava a desenvolver-se, à qual na altura ele atribuiu o nome de “neo-moderno”, tendo sido sob esse tema que desenvolveu o seu trabalho¹⁷⁴⁸. Em 2006, Mendini mantém a sua apologia da cultura pós-moderna, que entende continuar em pleno desenvolvimento¹⁷⁴⁹.

Quando interrogado por nós sobre a justificação da publicação da secção monográfica no número 655 da *Domus* de 1984 sobre arquitectura portuguesa, Mendini respondeu-nos que esta decorreu de uma análise sistemática que a *Domus* levou a cabo em vários países europeus, afirmando que Vitale abordou um aspecto “político-estilístico” da realidade portuguesa¹⁷⁵⁰. Apesar de lhe ter dedicado esta secção, Mendini afirmou-nos em entrevista que naquela época a “arquitetura portuguesa era pouco conhecida e não despertava muito interesse em Itália”, tendo só alcançado notoriedade mais tarde com Siza e Souto de Moura, os quais aprecia bastante¹⁷⁵¹. Argumentamos que são afirmações um pouco parciais, uma vez que em meados da década de 80 a arquitectura

portuguesa já tinha sido objecto de vários eventos internacionais, em particular na Itália de Mendini. Mendini disse-nos em entrevista entender que os artigos sobre arquitectura portuguesa publicados na *Domus* não tiveram muitas consequências na Europa¹⁷⁵².

Por outro lado, é de lembrar o que referimos atrás sobre a evolução do próprio Vitale, que no seu segundo artigo sobre arquitectura portuguesa publicado no número 688 da *Domus* de 1987, foi mais estrito tendo centrado a sua atenção na arquitectura produzida por arquitectos do norte de Portugal.

Importa reconstituir em traços largos o panorama editorial especializado italiano. A *Domus*, fundada por Gio Ponti, em conjunto com a *Casabella*, então *La Casa Bella*, dirigida por Guido Marangoni, foram as duas primeiras revistas de arquitectura italianas, nascidas em Milão em 1928¹⁷⁵³. Nas décadas de 60 e de 70 surgiram outras revistas, como a *Lt I*, então *Lotus*, fundada por Bruno Alfieri em 1963, a *Controspazio* por Paolo Portoghesi em 1969, a *Rassegna* por Gregotti em 1979 e anteriormente em 1955, a *L'architettura, cronache e storia* fundada por Zevi, todas por nós referidas por terem publicado ou tentado publicar arquitectura portuguesa, com excepção da *Modo* fundada por Mendini em 1977.

Mas também a *Modo*, uma revista voltada fundamentalmente para o design, já não sob a direcção de Mendini, publicou Siza no seu número 69 de 1984¹⁷⁵⁴.

A referência ao trabalho de Siza integrou um artigo que tinha como objectivo traçar um mapa da complexidade da arquitectura internacional naquele momento, através da comparação do trabalho de oito arquitectos contemporâneos de origens geográficas diferentes; designadamente e para além de Siza, Koolhaas, Venturi, Gehry, Terry, Gregotti, Rossi e Ando¹⁷⁵⁵. Este ambicioso objectivo traduziu-se em muito breves sínteses e quadros esquemáticos comparativos de obras¹⁷⁵⁶ [fig.A3. 5].

¹⁷⁵² Ibidem.

¹⁷⁵³ CROCI, Valentina. “The Italian Architectural Press”, *Architectural Design*, n. 3, 2007, p. 106.

¹⁷⁵⁴ GIORGI, Manolo, TORRICELLA, Ágata, “Atlante comparato dell’ architettura contemporânea”, *Modo*, n. 69, 1984, p. 44 - 53. Mendini abandonou direcção da *Modo* em 1981, lugar que tinha ocupado desde a sua fundação em 1977.

¹⁷⁵⁵ BRANZI, Andrea, “Libanizzazione generale”, *Modo*, n. 69, 1984, p. 45.

¹⁷⁵⁶ Foi publicada uma breve caracterização do trabalho de cada um dos oito arquitectos, ao que se seguiram quadros comparativos de obras, agrupados por temas, como por exemplo “arquitetura e lugar”, “arquitetura e cidade”, “o alojamento”, “o detalhe”, entre outros, nos quais cada obra aparece representada por uma pequena fotografia, identificação do autor e da obra e em certos

¹⁷⁴⁶ A organização directiva da *Domus* baseia-se na rotatividade do director principal a cada cinco anos. FIELL, Charlotte & Peter, “Preface”, in Charlotte & Peter Fiell (ed.), *Domus 1928 – 1999, vol I, 1928 - 1939*, Hong Kong, Taschen, 2006, p. 6. O referido número 655 da *Domus* de 1984 foi o último dirigido por Mendini, a quem se seguiu Maria Giovanna Mazzocchi, a filha do fundador da *Doms*, Gianni Mazzocchi, que morreu em Outubro daquele ano. SPINELLI, Luigi, “domus under Alessandro Mendini”, in Ibidem, p. 6, 7. Mendini continuou como editor responsável até Julho / Agosto de 1985.

¹⁷⁴⁷ SPINELLI, Luigi, “domus under Alessandro Mendini”, in ibidem, p. 6, 7.

¹⁷⁴⁸ Mendini afirmou que a sua maneira de trabalhar consistia em “entrelaçar as coisas, promovendo acções por um lado, em culturas distantes e marginais, e por outro, nas ‘pós-avant-garde’ culturas da Europa”. MENDINI, Alessandro, “The Birth of ‘Neo – Modern’”, in Ibidem, p. 8, 9.

¹⁷⁴⁹ Ibidem.

¹⁷⁵⁰ MENDINI, Alessandro, entrevista por correio electrónico, 29/6/2012.

¹⁷⁵¹ Ibidem.

Também a *L'architettura, cronache e storia* Zevi publicou uma entrevista de Siza no número 363 de 1986, depois de na década de 60 ter de tentado publicar o trabalho do arquitecto português mas sem sucesso, tal como referimos no primeiro capítulo¹⁷⁵⁷.

Destacamos desta entrevista a resposta de Siza quando lhe perguntaram sobre as suas referências, não tanto pelas que mencionou que são algumas das já conhecidas até àquela data, mas pelas relações que estabeleceu entre parte delas e como dessa forma explicou como se pode correr o risco de se ser simplista ao falar em referências de forma pouco reflectida. Siza explicou que depois de ter desenhado uma casa considerada parecida com outra de Loos, viu uma imagem de uma obra de Terragni cujo tema da fachada era o mesmo¹⁷⁵⁸. Noutro edifício que afirmou ter sido influenciado por Stirling, também diz ter sido influenciado pela arquitectura do Porto, que por sua vez foi bastante influenciada pela presença dos Ingleses naquela cidade, sentida fortemente desde o século XVIII¹⁷⁵⁹.

A publicação do referido artigo de Vitale em 1984 na *Domus*, conhecido veículo do pós-moderno de Mendini como referimos, não foi o único sintoma da complexidade do momento que se vivia.

Desta feita, Nicolín, um arquitecto por nós referido pelo seu empenho na divulgação da arquitectura portuguesa, director da *Lt I*, assinou um artigo no número 661 da *Domus* de 1985, ainda sob a responsabilidade editorial de Mendini, sobre o trabalho do arquitecto Tomás Taveira, intitulado “Primavera Portoghese, Tomás Taveira”¹⁷⁶⁰ [fig.A3.14].

casos, um muito breve texto. GIORGI, Manolo, TORRICELLA, Ágata, *Ibidem* p. 46 - 53.

¹⁷⁵⁷ A revista de periodicidade mensal foi dirigida por Zevi desde a sua fundação em 1955 até ao ano da sua morte em 2000. A revista foi encerrada em 2005. <http://www.fondazionebrunozevi.it/19331944/frame/profilo/profiloframeset.htm> acedido a 16/12/2013. A entrevista foi realizada em Veneza, em 28 de Outubro de 1985. Foi ilustrada por elementos gráficos, fotografias da Bouça, Quinta da Malagueira e casa António Carlos Siza, desenhos rigorosos e esboços da Malagueira e da casa António Carlos Siza. PETRANZAN, Margherita, SCHIESARI, Domenico, “Tecnologia – progetto; Intervista-dialogo com Álvaro Siza,” *L'architettura, cronache e storia*, n. 363, 1986, p. 71 - 74.

¹⁷⁵⁸ *Ibidem*, p. 72.

¹⁷⁵⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁶⁰ Este artigo foi ilustrado por desenhos rigorosos e fotografias de obras de Taveira. São elas o edifício Amoreiras e o edifício de escritórios na Avenida 24 de Julho. NICOLIN, Pierluigi, “Primavera Portoghese, Tomás Taveira”, *Domus*, n. 661, 1985, p. 2 – 5.

Nicolín confessou no seu artigo uma dúvida que entendeu ser merecedora de reflexão: se o neo-realismo não se teria enganado relativamente às necessidades básicas das pessoas¹⁷⁶¹. Em seu entender, Portugal era o local certo para se fazer essa discussão por se ter criado um contraste forte entre aquela corrente e o pós-modernismo¹⁷⁶². Conhecedor da realidade do SAAL e da Revolução dos Cravos chegou a escrever que quando vieram conhecer os tempos revolucionários, provavelmente cegos pela necessidade de autoconhecimento, poderão ter tido uma visão simplificadora¹⁷⁶³. E na discussão que propôs indicou o lado vencedor, ao chamar de “*derrotada*” escola do Porto para além de “*comprometida, reflexiva, purista, neo-realista*”, por contraponto à “*hedonista, populista, pluralista e pró-Americana área cultural de Lisboa*”¹⁷⁶⁴.

É interessante notar que se referiu ao Porto como uma escola, fazendo jus ao facto de ter sido o primeiro autor internacional a sugerir aquela designação, como vimos no capítulo anterior, e a Lisboa como uma área cultural, de significado vago e imperscrutável.

Mendini explicou-nos em entrevista que este artigo resultou de uma viagem a Lisboa, realizada a convite de Taveira, que se tinha deslocado a Itália para o conhecer pessoalmente¹⁷⁶⁵. Mendini, em conjunto com Franco Purini, também por nós anteriormente referido a propósito do seu interesse pelo SAAL, deslocaram-se para um seminário de vários dias na Universidade de Lisboa, tendo também feito uma visita ao escritório de Taveira¹⁷⁶⁶.

Taveira comentou-nos em entrevista que organizou “*todos os anos*” um simpósio sobre o pós-modernismo na Escola de Belas Artes em Lisboa, dos quais não tem qualquer registo¹⁷⁶⁷. Afirmou terem vindo a estes simpósios pessoas como Maurice Culot, Léon Krier, David Morton, Peter Eisenman, Michael Graves, John Andrews, James Stirling, que conhecera na Bienal de Veneza em 1980,

¹⁷⁶¹ *Ibidem*, p. 2.

¹⁷⁶² *Ibidem*.

¹⁷⁶³ *Ibidem*.

¹⁷⁶⁴ *Ibidem*.

¹⁷⁶⁵ MENDINI, Alessandro, entrevista por correio electrónico, 29/6/2012.

¹⁷⁶⁶ *Ibidem*.

¹⁷⁶⁷ TAVEIRA, Tomás, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.

Smithsons e Cedric Price¹⁷⁶⁸. Markham em entrevista disse-nos também ter estado presente Peter Davey, o então director da *Architectural Review*, que segundo Markham parece não ter ficado muito impressionado com o trabalho de Taveira¹⁷⁶⁹.

Mendini disse-nos que Taveira manteve um contacto constante com ele, uma vez que o trabalho do arquitecto português, que Mendini considera “*exuberante, bastante peculiar e internacional*” se aproximava da pesquisa que o Studio Alchimia desenvolvia na época, grupo que Mendini também integrava¹⁷⁷⁰. Mendini afirma que apesar de Taveira não pertencer ao grupo Alchimia, que o acompanhava e transportava as experiências para as suas obras¹⁷⁷¹.

Por seu lado, Nicolín em entrevista, informou-nos que ficou “*envergonhado*” por ter participado naquele seminário, pois não se tinha apercebido que se tratava daquilo que designa como uma manobra de relações públicas de Taveira¹⁷⁷². Taveira entende que Nicolín era membro do Partido Comunista e totalmente contra a arquitectura pós-modernista, pelo que acha que terá escrito o artigo por simpatia a Mendini, tendo sido afastado meses depois da *Domus*¹⁷⁷³. Nicolín explicou-nos que este seu sentimento de vergonha foi agravado, quando os arquitectos seus amigos do Porto tomaram conhecimento da sua participação e a sentiram como uma traição¹⁷⁷⁴. Em seu entender, Taveira era um “*pós-moderno*” em Lisboa, uma espécie de “*Michael Graves*”, um homem de negócios com sucesso e com relações com os EUA, enquanto que os seus amigos do Porto eram “*marxistas*”¹⁷⁷⁵.

¹⁷⁶⁸ Ibidem. No seu livro *Reescrever o Pós-Moderno*, Figueira escreveu que as conferências ocorreram em 1982 e em 1983 e mencionou outros participantes como Charles Jencks, Steven Izenour e Edward Jones. FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno. Sete Entrevistas*, Porto, Dafne Editora, 2011, p. 133

¹⁷⁶⁹ MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 10/6/2012.

¹⁷⁷⁰ MENDINI, Alessandro, entrevista por correio electrónico, 29/6/2012.

¹⁷⁷¹ Ibidem. Neste grupo eram fomentadas as discussões e as trocas de experiências. Foi promovido por Mendini, tendo mudado de nome ao longo do tempo: Studio Alchimia, depois Zona Alchimia em 1983 e Nuova Alchimia em 1984. Sottsass, um dos membros do grupo, acabou por sair e fundar outro grupo designado Memphis de Milão, o qual acabou por adquirir dimensão internacional. MONTANER, Josep Maria, *Después del movimiento moderno. arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1983, p. 214.

¹⁷⁷² NICOLIN, Pierluigi, entrevista telefónica, 29/01/2013.

¹⁷⁷³ TAVEIRA, Tomás, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.

¹⁷⁷⁴ NICOLIN, Pierluigi, entrevista telefónica, 29/01/2013.

¹⁷⁷⁵ Ibidem.

No entanto, entre estas afirmações de Nicolín em 2013 e o artigo que escreveu na *Domus* em 1985 há uma grande distância, pois naquela altura não se mostrou tão seguro quanto ao lado a defender e revelou mesmo incertezas de ordem pessoal. É interessante testemunhar como as pessoas reescrevem a sua própria história à luz dos acontecimentos posteriores, e nessa reescrita alteram em simultâneo as páginas da História.

Sob a direcção de Mario Bellini, cargo que ocupou entre 1986 e 1989, a arquitectura portuguesa foi publicada na *Domus* além do atrás referido artigo de Vitale no número 688 de 1987. Bellini era um designer que se dedicava ao planeamento, influenciado por E. Nathan Rogers de quem tinha sido aluno¹⁷⁷⁶, o que talvez justifique a maior frequência de publicação de arquitectura portuguesa na *Domus* sob a sua direcção.

Siza foi o arquitecto português mais publicado¹⁷⁷⁷, mas também foram referidos outros como Carrilho da Graça, Jorge Nuno Monteiro e José Paulo dos Santos, para além de Távora e Alves Costa publicados por Vitale. Em relação à publicação do trabalho de Siza é de salientar que tenha sido sublinhada a proximidade entre

¹⁷⁷⁶ SPINELLI, Luigi, “domus under Alessandro Mendini”, in Charlotte & Peter Fiell (ed.), *Domus 1928 – 1999, vol I, 1928 - 1939*, Hong Kong, Taschen, 2006, p. 6, 7.

¹⁷⁷⁷ O trabalho de Siza foi publicado em três números da *Domus* sob a direcção de Bellini, no número 677 de 1986, número 679 de 1987 e no número 696 de 1988. No número 677 da *Domus* de 1986 foi publicada a proposta de Siza para o concurso internacional de ideias por convite para a exposição universal de Sevilha a ocorrer em 1992, ao lado dos dois projectos vencedores de Emilio Ambasz e pela equipa de Fernandez Ordoñez e de outros quatro projectos, de Bohigas, Gregotti, R. Krier, Moneo. O projecto foi publicado através de uma planta e de um breve texto descritivo, ocupando aproximadamente meia página A4. TEBALDI, Mirko, “Siviglia: concorso di idee per l’esposizione universale 1992”, *Domus*, n. 677, 1986, p. 88. Cada projecto ocupou uma página A4, à excepção do de Siza que divide um A4 com o projecto vencedor da equipa de Ordoñez. Ibidem, p. 80 - 88. O concurso foi ganho em ex-aequo por Emilio Ambasz e pela equipa de Fernandez Ordoñez, Martinez Calzon, Del Diestro e Perez Pita. Siza foi convidado a participar entre outros arquitectos internacionais como Gregotti, Stirling, R. Krier, Bohigas, Moneo, Baldweg, Ortiz-Cruz, Oiza, Trillo Leyva e a Escola de Arquitectura de Sevilha. Ibidem, p. 80 - 88. No número 679 da *Domus* de 1987 foi publicado o Pavilhão Carlos Ramos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto de Siza. A apresentação foi completada por elementos gráficos, desenhos rigorosos, fotografias e esboços. É de referir que os esboços publicados foram realizados “*a duas mãos*” durante uma conversa que Venezia manteve com Siza. VENEZIA, Francesco, “Álvaro Siza. Nuovo padiglione universitario, Porto”, *Domus*, n. 679, 1987, p. 52-61. Este projecto foi apresentado por um texto de Francesco Venezia, por sua vez introduzido por um texto identificado pelas iniciais V.M.L., que colocamos a hipótese de corresponderem a Vittorio Magnago Lampugnani. L., V. M., “Álvaro Siza. Nuovo padiglione universitario, Porto”, Ibidem, p. 52. No número 696 da *Domus* de 1988 foram publicadas as duas casas de Siza em Haia. Esta obra é apresentada por um texto da autoria de Umberto Barbieri e elementos gráficos, desenhos rigorosos, esboços e fotografias. BARBIERI, Umberto, “Álvaro Siza. Edificio per abitazioni con negozio e bar, L’Aia.”, *Domus*, n. 696, 1988, p. 25 - 31.

os arquitectos Venezia e Siza no número 679 da *Domus* de 1987 [fig.A3. 41]; e que no número 696 da *Domus* de 1988 o artigo que acompanhou a publicação das duas casas em Haia ainda abra, dezasseis anos depois, com a citação do texto de Gregotti publicado no número 9 da *Controspazio* de 1972¹⁷⁷⁸ [fig.A3. 58], contribuindo para a perpetuação do conceito de estar à margem.

No número 683 da *Domus* de 1987 foi publicado o evento *Archs under 35*¹⁷⁷⁹ no qual participaram os arquitectos portugueses, Carrilho da Graça, Santos e Monteiro que foram convidados por Siza a participar na iniciativa inserida no âmbito de Florença - Capital Europeia da Cultura, em 1986¹⁷⁸⁰.

Aquele evento contou com a participação de trinta arquitectos com menos de 35 anos de idade de dez países diferentes, escolhidos por outro arquitecto reconhecido de cada um desses países¹⁷⁸¹. Como referimos, Siza foi um dos dez arquitectos, juntamente com Alan Colquhoun de Inglaterra, Jean-Louis Cohen da França e Luigi Snozzi da Suíça, entre outros¹⁷⁸². De acordo com o depoimento de Santos, foram definidas três zonas de intervenção em Florença, junto do Arno, sendo que em cada uma delas trabalharam 10 arquitectos¹⁷⁸³. Esta iniciativa deu origem a uma exposição constituída por vinte e oito projectos e respectivo catálogo; e a um congresso, para o qual foram convidados os dez arquitectos europeus responsáveis pela selecção dos trinta arquitectos jovens¹⁷⁸⁴.

O referido artigo da *Domus* terminou com uma nota crítica sobre o processo de selecção, pois o autor entende ser visível uma “*dependência da linguagem dos*

¹⁷⁷⁸ L., V. M., “Álvaro Siza. Nuovo padiglione universitario, Porto”, *Domus*, n. 679, 1987, p. 52. BARBIERI, Umberto, “Álvaro Siza. Edificio per abitazioni con negozio e bar, L'Aia”, *Domus*, n. 696, 1988, p. 25.

¹⁷⁷⁹ R., E., “Progetti di architetti ‘under 35’ per Firenze”, *Domus*, n. 683, 1987, p. 4, 5.

¹⁷⁸⁰ Ibidem.

¹⁷⁸¹ Ibidem.

¹⁷⁸² Os outros arquitectos foram: Oriol Bohigas da Espanha, Adolfo Natalini de Itália, Oswald Mathias Ungers da Alemanha, Miroslav Masak da Checoslováquia, Aldo van Eyck da Holanda e Hermann Czech da Áustria. Ibidem.

¹⁷⁸³ SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.

¹⁷⁸⁴ A exposição esteve patente no Forte di Belvedere entre 21 de Fevereiro e 15 de Março de 1986, e no Palazzo Vecchio entre 9 e 16 de Maio de 1986. O congresso ocorreu no final de Abril do mesmo ano. R., E., “Progetti di architetti ‘under 35’ per Firenze”, *Domus*, n. 683, 1987, p. 4, 5. Apesar dos esforços desenvolvidos não nos foi possível aceder ao catálogo.

mestres” o que dificulta a “*descoberta de ‘novas soluções’ para a Architectura Europeia*”¹⁷⁸⁵.

A relação entre Mendini e Taveira, talvez graças às suas afinidades, prolongou-se ao longo dos anos.

Mendini escreveu um breve texto sobre o trabalho de Taveira, em particular sobre os seus objectos de design que veio a ser publicado no número 3, 4 da revista britânica *Art & Design* de 1987, número intitulado *The Post Modern Object*, e a sua parte final foi republicada no número monográfico 196 da revista japonesa *a+u* de 1987¹⁷⁸⁶.

A revista *Art & Design* era mais um título lançado por Andreas Papadakis, que como referimos no capítulo anterior era proprietário da *Architectural Design* tendo contribuído para a divulgação do estilo pós-moderno historicista¹⁷⁸⁷.

No seu texto, Mendini referiu que Taveira era o protagonista do pós-moderno em Portugal, cuja obra das Amoreiras começava a ter bastante publicidade internacional, a qual tinha sido descrita como “*um dos maiores desenvolvimentos do Pós-modernismo na Europa*”¹⁷⁸⁸. Mendini explicou como o princípio que norteia o desenho de Taveira em arquitectura, em seu entender a “*transfiguração*”, também estava presente no desenho de objectos¹⁷⁸⁹.

Como acabámos de indicar, o número 196 da *a+u* de Toshio Nakamura de 1987 foi monográfico sobre o trabalho de Taveira¹⁷⁹⁰ [fig.A3. 50].

Nakamura contou-nos em entrevista que o seu primeiro contacto com o trabalho de Taveira aconteceu através de um número da revista Norte-Americana *Progressive Architecture* de 1985 onde este foi publicado, tendo Nakamura

¹⁷⁸⁵ Ibidem.

¹⁷⁸⁶ MENDINI, Alessandro, “Tomás Taveira”, *Art & Design. The Post Modern Object*, vol. 3, n. 3/ 4, 1987, p. 42. MENDINI, Alessandro, “Pregnant with appeal and a multitude of questions”, *a+u architecture and urbanism*, n. 196, 1987, p. 135.

¹⁷⁸⁷ Papadakis tinha, entretanto, lançado entre outros, periódicos como *Architectural monographs* e *Journal of Philosophy and the Visual Arts*.

¹⁷⁸⁸ MENDINI, Alessandro, “Tomás Taveira”, *Art & Design. The Post Modern Object*, vol. 3, n. 3/ 4, 1987, p. 42.

¹⁷⁸⁹ Ibidem.

¹⁷⁹⁰ A capa deste número da *a+u* é uma fotografia do edifício Amoreiras em Lisboa de Taveira. *Recent Works of Tomás Taveira. a+u architecture and urbanism*, n. 196, 1987.

ficado chocado por ser totalmente oposto à sua ideia de arquitectura que lhe pareceu uma “*infeliz estilização do Pós-modernismo*”¹⁷⁹¹.

David Morton, editor da *Progressive Architecture*, lugar que ocupou por mais de uma dezena de anos, antes de integrar a editora Rizzoli em 1987, publicou no seu número 12 de 1985 o trabalho de Taveira, acompanhado por um artigo de sua autoria¹⁷⁹² [fig.A3. 19]. Este seu texto veio a integrar o catálogo da exposição itinerante *Tendências da Arquitectura portuguesa*, por indicação de Taveira, e também a pretexto desta exposição aquando da sua passagem pelo Brasil, foi republicado no número 98 da revista brasileira *Projeto* de 1987¹⁷⁹³, os quais analisaremos adiante.

Argumentamos que este texto de Morton deve ter sido influenciado por Taveira, por ser atravessado pelas questões relacionadas com o seu posicionamento na cena nacional da arquitectura, as mesmas que nos referiu em entrevista, apesar de paradoxalmente negar a sua preocupação com elas. Assim, em nosso entender, se justifica que o artigo seja atravessado pelo posicionamento político de Taveira e a referência, ainda que breve, a Siza. Morton posiciona Taveira em termos políticos usando a arquitectura como justificação. Afirma que Taveira é um “*verdadeiro socialista*” por ter construído vários milhares de habitações sociais, recusando alegadas afirmações de que seria de direita por realizar uma arquitectura dita nacionalista, a qual teria sido imposta por Salazar, o que entende ser uma questão extemporânea depois da pluralidade que a Revolução dos Cravos tinha permitido¹⁷⁹⁴. No entanto, admitiu o uso do ornamento e da alusão à história justificada pelo apreço que Taveira tem pelo património do seu país¹⁷⁹⁵. De passagem mencionou Siza como o expoente mais conhecido do racionalismo via Tendência italiana, adoptado no Porto pós-revolução de 25

¹⁷⁹¹ NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

¹⁷⁹² <http://www.architectmagazine.com/design/rizzoli-architecture-editor-david-morton-promoted.aspx> acedido a 14/4/2014 O artigo foi ilustrado por elementos gráficos dos projectos, esboços, desenhos rigorosos e fotografias: Amoreiras, edifício de escritórios Satélite e Carlos I, edifício de habitação Olaias. MORTON, David, “P – M in Portugal”, *Progressive Architecture*, n. 12, vol. 66, 1985, p. 62-71.

¹⁷⁹³ MORTON, David, “P-M em Portugal”, *Tendências da Arquitectura portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, 1987, p. 64, 65. MORTON, David, “O pós-moderno em Portugal”, *Projeto*, n. 98, 1987, p. 97, 98.

¹⁷⁹⁴ MORTON, David, “P – M in Portugal”, *Progressive Architecture*, n. 12, vol. 66, 1985, p. 62.

¹⁷⁹⁵ Ibidem.

de Abril e não em Lisboa, grupo que acusava quem usasse elementos alusivos à história como sendo de direita¹⁷⁹⁶. Por último, Morton detalhou a influência de arquitectos seus contemporâneos, como Graves, Bofill e Stirling sobre a arquitectura de Taveira¹⁷⁹⁷.

Como dizíamos, apesar da má opinião sobre a arquitectura de Taveira através deste número da *Progressive Architecture*, Nakamura dedicou um número monográfico da *a+u* àquele arquitecto português em 1987. Justificou-nos em entrevista a existência de tal número como uma retribuição pessoal, por ter sido bem recebido por Taveira e pela sua família na sua viagem com a esposa a Lisboa. No entanto, quando o confrontámos com um desacordo entre datas, pois informou-nos que a visita a Lisboa ocorreu no ano seguinte ao congresso em Pomona que teve lugar em 23 a 25 de Janeiro de 1989, sendo que a referida edição da *a+u* é anterior, Nakamura não nos conseguiu dar mais razões para aquela publicação¹⁷⁹⁸. Registamos a facilidade com que Nakamura assumiu uma explicação de carácter pessoal, como suficiente para justificar uma opção editorial, mesmo quando não apreciava a arquitectura em causa, como parecia ser o caso. Por outro lado, Nakamura acrescentou em entrevista que a publicação dos capítulos 26 e 27 do livro de Frampton *Modern Architecture: a Critical History* neste número da *a+u* não tinha qualquer relação com a publicação de Taveira, pois resultava do seu projecto pessoal de tradução para Japonês do livro de Frampton, cujos capítulos publicava mensalmente¹⁷⁹⁹.

Embora Nakamura não o possa confirmar, afirma que pode ter sido ele o autor da entrevista a Taveira publicada naquele número da *a+u*¹⁸⁰⁰. Foram publicados

¹⁷⁹⁶ Ibidem.

¹⁷⁹⁷ Ibidem, p. 63.

¹⁷⁹⁸ Nakamura explicou-nos que conheceu e falou com Taveira, apesar de ter sido desaconselhado a fazê-lo, numa festa realizada após o congresso na State Polytechnic University, em Pomona, Califórnia. Neste congresso debatia-se o regionalismo crítico, tendo Nakamura sido convidado para integrar o painel editorial em conjunto com Tzonis e Fernández-Galliano. NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

¹⁷⁹⁹ FRAMPTON, Kenneth, “Modern Architecture: a Critical History. Part II Chapter 26, chapter 27”, *a+u architecture and urbanism*, n. 196, 1987, p. 11-20. NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

¹⁸⁰⁰ Ibidem. A entrevista, cujo autor não foi identificado, foi ilustrada com esboço, fotografias do conjunto das Amoreiras e da sua maquete, do interior da sala de uma casa e ainda esboços para um banco e floreiras. “Interview with Tomás Taveira”, *a+u architecture and urbanism*, n. 196, 1987,

vários projectos, bem como objectos desenhados por Taveira, estes últimos acompanhados por dois breves textos: a republicação da parte final do artigo de Mendini publicado no número 3,4 da revista *Art & Design* de 1987, por nós analisado, e um artigo de Pierre Restany¹⁸⁰¹, com um carácter laudatório e bastante pessoalizado. Destacamos a entrevista e o artigo de Michel Toussaint Alves Pereira¹⁸⁰², de entre os textos publicados.

Toussaint dedicou maior parte do seu texto à caracterização da sociedade portuguesa e da cena da arquitectura nacional, como enquadramento da arquitectura de Taveira.

Referiu os percursos divergentes das escolas de Lisboa e do Porto a partir dos anos 50, tendo a primeira se desenvolvido a partir do sistema Beaux-Arts e a segunda assumido desde logo a modernidade sob a direcção de Carlos Ramos¹⁸⁰³. Quando Taveira depois de colaborar no escritório de Conceição Silva, se estabeleceu individualmente, actividade que acumulava com a do ensino na escola de Lisboa, passou a afirmar-se cada vez mais como um arquitecto que se distinguia entre os demais e construía edifícios marcantes na paisagem, icónicos e com cores brilhantes, produção que no entender de Toussaint correspondia ao desejo da sociedade que liberta da guerra colonial e longe dos tempos difíceis procurava o prazer¹⁸⁰⁴. Segundo Toussaint, Taveira era o fazedor dos sonhos e dos mitos que a sociedade desejava, tendo ficado sob os holofotes dos media como “*self made man*” e como arquitecto¹⁸⁰⁵.

p. 80-86.

¹⁸⁰¹ Os projectos publicados através de elementos gráficos, esboços, desenhos rigorosos e fotografias, acompanhados por uma breve ficha técnica são os seguintes: “Satellite Building”, ibidem, p. 35-42; “D. Carlos I Building”, ibidem, p. 43-50; “Olaias Housing Complex”, ibidem, p. 51-64; “Amoreiras Towers Complex”, ibidem, p. 65-79; “Chelas Housing Complex”, ibidem, p. 87-94; “National Outland Bank”, ibidem, p. 95-100; “National Tax Impost Building”, ibidem, p. 101-106; “Faro Training and Educational Center”, ibidem, p. 107-115; “Miece Factory”, ibidem, p. 116-120; “Office and Shopping Building at Marquês de Pombal Square”, ibidem, p. 121-123; “Lisbon East Bus Station”, ibidem, p. 124-129; “Martim Moniz Urban Renewal”, ibidem, p. 130-132; e termina com a publicação de objectos produzidos pelo arquitecto “New Transfiguration”, ibidem, p. 133-138. RESTANY, Pierre, “New Transfiguration”, Ibidem, p. 136.

¹⁸⁰² O dossier abre com uma nota biográfica e uma introdução. “Tomás Taveira”, ibidem, p. 29; PEREIRA, Michel Toussaint Alves, “Essay: Tomás Taveira and his work”, ibidem, p. 31-34.

¹⁸⁰³ PEREIRA, Michel Toussaint Alves, “Essay: Tomás Taveira and his work”, ibidem, p. 31.

¹⁸⁰⁴ Ibidem, p. 32.

¹⁸⁰⁵ Ibidem, p. 34.

Em suma, em nosso entender, Toussaint descreveu alguém nos antípodas do que seria um arquitecto da escola do Porto, a quem pensamos estar a referir-se quando afirmou que Taveira era um “*desafio à tradição dos arquitectos de restrição, criticismo e isolamento*”¹⁸⁰⁶. Por último, é interessante notar que acabou o seu texto com uma dúvida sobre como resistiria a arquitectura de Taveira se a sociedade mudasse, o que perspectivava com a entrada na então CEE, apontando uma possível busca de fontes locais e nacionais¹⁸⁰⁷.

Na entrevista, Taveira teve oportunidade de explicar o seu entendimento sobre a arquitectura e situar a sua produção. Digamos que, tal como afirmou, demonstrou ter um entendimento bastante livre e criativo da arquitectura.

Taveira explicou que num trabalho de um arquitecto podem coexistir, ou que cada arquitecto pode optar por várias das correntes, correntes essas que designou indiferentemente como neo-modernas ou pós-modernas¹⁸⁰⁸. Identificou como principais, quatro correntes que explicou terem começado a desenvolver-se desde a década de 70: uma baseada no “*genius loci*” como elemento fundamental para a “*invenção de novos objectos arquitectónicos*”, outra baseada no “*Neo – Racionalismo*” dos anos 20, outra que designou como postura “*folk*” baseada nas “*formas e na organização espacial de algumas regiões (Venturi)*”, e por último, a que disse ser conhecida como neo-clássica, que pretende restabelecer as ligações com a História e o passado¹⁸⁰⁹. É através da manipulação destas correntes que Taveira justificou ter criado o que designou como a “*retórica ou o mito do Medievalismo*” “*dentro da poesia do Pós-Moderno*” relativamente ao edifício das Amoreiras; por entender que Lisboa é uma cidade sobretudo medieval, sendo possível estabelecer relações com o passado e com o “*genius loci*”¹⁸¹⁰. Taveira concretizou: as três torres das Amoreiras têm formas antropomórficas, o que para ele significa uma manifestação neo-clássica, sendo que as das extremidades são masculinas e a central feminina, embora todas três medievais, pelo que se concretizou o mito medieval, dos guerreiros a defenderem a sua dama¹⁸¹¹.

¹⁸⁰⁶ Ibidem.

¹⁸⁰⁷ Ibidem.

¹⁸⁰⁸ “Interview with Tomás Taveira”, ibidem, p. 83, 84.

¹⁸⁰⁹ Ibidem, p. 83.

¹⁸¹⁰ Ibidem, p. 84.

¹⁸¹¹ Ibidem.

Taveira manifestou uma posição ambígua relativamente ao movimento moderno, rejeitou-o e reagiu contra ele, essencialmente por ter cortado com a história e por ter falhado ao nível do urbanismo, ao mesmo tempo que declarou ter realizado vários trabalhos característicos daquele movimento, e que a própria habitação das Amoreiras foi pensada como um trabalho “moderno”, movimento que acredita ainda não ter acabado mas estar a ser transformado através de uma revisão¹⁸¹². Uma das reacções ao movimento moderno traduziu-se na apologia que Taveira fez do uso da cor, valor que deve em seu entender ser recuperado por ser uma das características da história¹⁸¹³.

É de notar que uma das consequências negativas que Taveira apontou ao movimento moderno foi o facto de ter tornado possível qualquer “*pessoa inculta*” fazer arquitectura¹⁸¹⁴. Percebemos que para si a profissão do arquitecto deve ser valorizada em tal extensão, que quando questionado sobre a sua pouco frequente colaboração com artistas, explicou que resolveu tornar público o seu entendimento de que o arquitecto deve abarcar outras áreas, à maneira renascentista¹⁸¹⁵.

É de referir que Taveira refutou as críticas que comparavam o edifício das Amoreiras às obras de Bofill, por entender serem feitas só pela aparência, o que entende ser vazio de sentido¹⁸¹⁶.

Os registos que encontrámos no período coberto pela presente dissertação quanto à divulgação internacional da arquitectura de Taveira são sobretudo artigos em publicações periódicas, aos quais acresceu a participação na exposição *Tendências da Arquitectura portuguesa* com início em 1986 e longa itinerância internacional, que analisaremos adiante, bem como em exposições designadamente *Quatro Arquitectos portugueses* e *Arquitectura Ibérica Actual*, ambas em Espanha, em 1986¹⁸¹⁷, que referimos anteriormente.

Apesar de Taveira ter desvalorizado em entrevista a publicação do seu trabalho no número 30 da revista francesa *Architecture mediterrannee* de 1987, por entender ser superficial e com pouco impacto, o arquitecto foi ali apresentado como o representante da nova tendência da arquitectura portuguesa, plasmada no edifício das Amoreiras¹⁸¹⁸ [fig.A3. 43]. Siza voltou a ser referido neste artigo por alegadamente ter mudado de posição quanto à crítica relativamente aos excessos formais em arquitectura¹⁸¹⁹, sem que, no entanto, tenha ficado claro o teor da suposta mudança.

No atrás referido número 34 / 35 do *The Architects' Journal (AJ)* de 1988 foi dada uma notícia muito breve da construção da sede do Banco Nacional Ultramarino de Taveira, sendo mencionada a controvérsia que as suas obras pós-modernistas levantavam¹⁸²⁰. Foi citada uma afirmação de Taveira na qual afirmava a sua arquitectura ser uma reacção contra o modernismo, que se tinha transformado na norma e num movimento não democrático¹⁸²¹.

Quando questionado por nós, Taveira disse-nos que a divulgação do seu trabalho ocorreu na década de 80, mencionando Morton como a pessoa que o divulgou nos EUA, Mendini e Restany em Itália, Nakamura no Japão, todos por nós mencionados¹⁸²². Acrescenta também Papadakis, por nós também referido, como seu amigo e editor no Reino Unido, o qual veio inclusivamente a editar um livro monográfico sobre Taveira em 1990, com prefácio de Geoffrey Broadbent, que de acordo com Taveira se ofereceu para o escrever¹⁸²³. Taveira afirma ter sido praticamente sempre convidado por Papadakis para os simpósios anuais que organizava em Londres, pela amizade e pelo que teria a aportar àqueles

¹⁸¹⁸ Entrevista a Tomás Taveira a 14/12/2011, Lisboa. O texto foi ilustrado por elementos gráficos das Amoreiras, esboços, desenhos rigorosos e fotografias. D'ESTRIER, Henry, “‘Amoreiras’: modernisme et post-modernite a Lisbonne”, *Architecture mediterrannee*, n. 30, 1987, p. 205 – 216

¹⁸¹⁹ Ibidem, p. 206. Siza tinha sido referido noutro artigo sobre a arquitectura de Taveira, no número 12 da *Progressive Architecture*, texto que foi depois reeditado no catálogo da exposição *Tendências da Arquitectura portuguesa* em 1986. MORTON, David, “P – M in Portugal”, *Progressive Architecture*, n. 12, vol. 66, 1985, p. 62-71.

¹⁸²⁰ Esta nota não assinada foi inserida no capítulo “News”. “Bankable Taveira; Architects: Tomas Taveira and Raquel Coutinho”, *Architects' Journal*, n. 34, 35, 1988, p. 12.

¹⁸²¹ Ibidem.

¹⁸²² Entrevista a Tomás Taveira a 14/12/2011, Lisboa.

¹⁸²³ *Tomás Taveira: Architectural works and designs*, Londres, Academy Editions, 1990. É de referir que este livro teve edição simultânea nos EUA. Entrevista a Tomás Taveira a 14/12/2011, Lisboa.

¹⁸¹² Ibidem, p. 80 - 86.

¹⁸¹³ Ibidem, p. 85, 86.

¹⁸¹⁴ Ibidem, p. 83.

¹⁸¹⁵ Ibidem, p. 84, 85.

¹⁸¹⁶ Ibidem, p. 81, 82.

¹⁸¹⁷ Em síntese: no número 661 da *Domus* de 1985, no número 12 da *Progressive Architecture* de 1985, no número 30 da *Architecture Mediterrannee* de 1987, no número 34 da *Art & Design* de 1987, no número monográfico 196 da *a+u* de 1987, no número 98 da *Projeto* de 1987; no número 34, 35 da *Architects' Journal* de 1988.

encontros¹⁸²⁴. Encontrámos registo no número 7/8 de 1992 da *Architectural Design* de Papadakis, de um congresso intitulado *Academy Forum. Popular Architecture* que terá ocorrido em Novembro de 1991, na sequência do qual foram publicados contributos dos seus participantes naquele número da revista, nomeadamente de Taveira¹⁸²⁵.

Taveira referiu-nos ainda outras participações noutros eventos. Disse-nos ter sido convidado para proferir conferências em dois encontros anuais dos arquitectos escoceses em St. Andrews e na Universidade da Califórnia¹⁸²⁶. Acrescenta que um desenho seu terá integrado uma exposição de desenhos de arquitectura, provavelmente no ano de 1988, na galeria Max Protetch em Nova Iorque, actualmente galeria Meulenstein; mas quando a contactámos, a galeria escreveu não se lembrar de Taveira¹⁸²⁷. Taveira junta à lista de divulgadores do seu trabalho, Michael Graves e Pilar Viladas, que trabalhava com a revista *Progressive Architecture* e foi co-autora de um livro que muito valoriza como teorizador do movimento pós-moderno em arquitectura, intitulado *Freestyle: The New Architecture and Interior Design from Los Angeles*¹⁸²⁸. No decorrer da nossa conversa, Taveira explica o que significava o conceito de “*exposição*” naquela altura, que para ele consistia na apresentação dos projectos aos alunos, nas escolas onde ensinavam, e não o conceito de exposição que se tem hoje. Daí que, Taveira considere “*exposições*” a mostra de projectos seus por amigos, como Graves por exemplo, no âmbito das aulas que davam em vários locais internacionais. Afirma que era um ambiente muito “*scholar*”, afastado do mundo real, vivido nas Universidades, e que era feito de encontros pessoais, nos quais se trocavam informações e se divulgava o trabalho das pessoas; pelo que não lhe era possível satisfazer o nosso pedido de especificação dos locais e datas das exposições mencionadas no seu curriculum vitae.

¹⁸²⁴ Ibidem.

¹⁸²⁵ De Taveira foi publicado um artigo intitulado “Tomas Taveira. The Traditional Transfigured as POP”, ilustrado com imagens do edifício Carlos I, do BNU, de vários objectos design, e desenhos para a reconstrução do Chiado. TAVEIRA, Tomás, “Tomas Taveira. The Traditional Transfigured as POP”, *POP Architecture. A Sophisticated Interpretation of Popular Culture?*, *Architectural Design*, n. 7/8, *Architectural Design Profile*, n. 98, 1992, p. 69 – 73. Neste congresso participaram entre outros, Robert Maxwell, Robert Stern, Charles Jencks, Theo Crosby, Geoffrey Broadbent, Cedric Price e, como referido Taveira.

¹⁸²⁶ TAVEIRA, Tomás, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.

¹⁸²⁷ TAVEIRA, Tomás, entrevista por correio electrónico, 19/12/2011.

¹⁸²⁸ TAVEIRA, Tomás, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.

Esta explicação é melhor entendida, se atendermos à descrição de Taveira sobre o início da generalização da discussão do que era o trabalho do arquitecto junto de um público mais alargado em Portugal. Ele atribui este momento inicial à inauguração do Amoreiras, que ocorreu em 1985, que por ter sido um choque trouxe o tema da arquitectura para a praça pública¹⁸²⁹. Segundo a explicação de Taveira, nessa altura houve uma certa pressão para que fossem mostrados os desenhos de arquitectura, com o objectivo da população ficar a conhecer também esse aspecto da profissão, coisa que terá acontecido no referido momento da inauguração¹⁸³⁰. Argumentamos que esta narrativa tem um objectivo fundacional, na qual se quer fazer coincidir a origem de um certo discurso disciplinar com a sua própria actividade profissional.

Taveira quando questionado por nós sobre como entende que se terá processado a divulgação internacional da arquitectura portuguesa, “*acusa*” Portas, como a pessoa que “*fez e desfez reputações, independentemente da capacidade das pessoas*”. Começa por afirmar que a divulgação do seu trabalho se centrou na década de 80 do séc. XX, como afirmámos acima, e que na década de 90 a escola do Porto já se tinha imposto. Acrescenta que sentiu e continua a sentir ataques constantes pessoais e ao seu trabalho perpetrados por parte daquilo que designa como “*intelligentsia da arquitectura portuguesa*”¹⁸³¹. Ilustra esta afirmação, por exemplo, com um artigo escrito por Portas intitulado “As amoreiras eram umas farpas cravadas no dorso da cidade”, com a sua exclusão de exposições como uma relativa aos anos 60/70 que teve lugar em Serralves ou a Europália, quando tinha obras bastante significativas, embora diga ter tido uma exposição na cooperativa Árvore. Taveira explicou que Portas já era uma pessoa influente quando perdeu o concurso para um lugar na carreira académica para Frederico George, na década de 60, e na sequência disso, anos mais tarde, foi para o Porto, onde como diz, exerceu “*tráfico de influências*”. Taveira afirma que “*Portas é o inventor da escola do Porto*” e vai mais longe, dizendo que a sua influência “*castrou*” a actividade criativa de Siza, que em seu entender era muito melhor arquitecto no início da carreira.

¹⁸²⁹ Choque que Raquel Coutinho, a colaboradora mais próxima de Taveira na época, terá antecipado ainda na fase de desenho ao contrário do próprio Taveira. Ibidem.

¹⁸³⁰ Não foi elaborado qualquer catálogo relativo a esta exposição. Taveira estende esta ignorância sobre a profissão do arquitecto, também ao estrangeiro, nomeadamente aos EUA. Ibidem.

¹⁸³¹ Ibidem.

Taveira considera que é exagerado o valor atribuído ao trabalho de Siza e que existe um efeito designado pelo crítico de arte Achille Bonito Oliva como “crítica parasitária”¹⁸³². Assistiu à sua conferência em Itália com as pessoas do grupo Studo Alchimia de Mendini, na qual Oliva quis significar por “crise parasitária” a repetição por parte dos intermediários culturais de pessoas com valor já firmado, empolando desta forma a sua própria dimensão e a das pessoas visadas, não correndo o risco de apostar em novos valores¹⁸³³. Taveira afirma que a constante divulgação por parte de Siza de pessoas como Souto de Moura e Carrilho da Graça, entre outros, e a actividade da Ordem dos Arquitectos vão consolidando a divulgação de uma certa arquitectura. No entanto, o que mais lhe incomoda é, em seu entender, não serem tidas em consideração mais do que uma corrente de arquitectura, à semelhança da pintura ou do cinema.

Também por essa razão, para além de não entender o significado do conceito de “*regionalismo crítico*”, Taveira ter-se-á desentendido com Frampton, num congresso em LA¹⁸³⁴, o qual supomos ter sido o mesmo congresso onde Nakamura falou com Taveira. Taveira considera que Frampton e Maxwell nos EUA e Portas em Portugal “*castraram*” a arquitectura por muitos anos, e afirma que o pós-modernismo está a ser reabilitado por certas pessoas, sem designar nomes. Taveira entende que Siza é um arquitecto pós-moderno, tal como Távora.

Taveira enriqueceu aquela narrativa com pormenores biográficos, querendo sempre deixar claras as suas origens humildes, proletárias Lisboaetas, por oposição às origens aristocráticas de Portas e de Távora. O seu discurso sobre si próprio é a de um “*self-made man*” construído por mérito e esforço. O seu percurso diz ter sido a de um operário com 14 anos, como serralheiro mecânico na Companhia da Carris, que veio a concluir o curso de arquitectura, onde foi aluno de Portas que lhe deu um 20, que passou por ser desenhador no escritório do Teotónio Pereira de manhã e arquitecto à tarde no gabinete de Conceição Silva. Acrescenta que já depois de ser professor catedrático, fez uma pós-graduação no MIT nos anos de 1977 e 1978, e que mais tarde integrou aquilo que chama a “*movida*” do Bairro Alto¹⁸³⁵.

¹⁸³² Ibidem.

¹⁸³³ Ibidem.

¹⁸³⁴ Ibidem.

¹⁸³⁵ Taveira terá obtido o lugar de Professor Catedrático em 1974. Ibidem.

Como vimos, Nakamura assumiu posições contraditórias plasmadas nas referidas publicações do número monográfico 196 da *a+u* sobre Taveira em 1987, sendo que tinha publicado anteriormente de forma pioneira no Japão um número monográfico sobre Siza no número 123 da *a+u* em 1980 e voltou a publicar um projecto seu no número 191 de 1986, tendo reforçado a sua opinião sobre a qualidade do trabalho deste arquitecto português, tal como referimos.

Ainda no mesmo ano de 1987 foi referido o trabalho de Siza em outros dois números da *a+u*: no número 205, no qual de entre um elevado e variado número de arquitectos internacionais foi publicado um projecto de Siza, e num número extra dedicado monograficamente ao IBA 87 em Berlim, através do seu edifício para aquela cidade que veio a ser conhecido como Bonjour Tristesse. No número 205 da *a+u* de 1987 foram publicadas maioritariamente habitações unifamiliares de mais de trinta arquitectos internacionais, sendo o único arquitecto português publicado Siza, com uma casa na Quinta da Malagueira¹⁸³⁶ [fig.A3. 51]. O número da *a+u* dedicado ao IBA assumiu-se como um guia para aquela exposição, que tal como o IBA, se dividiu em duas partes: a apresentação dos projectos e edifícios realizados para as áreas da cidade novas, dirigida por Josef Paul Kleihues, e a apresentação da exposição “Step by step” do ano anterior que foi montada pelo “IBA velho”, dirigido por Hardt-Waltherr Hämer e dedicado à renovação urbana, onde se insere a obra de Siza¹⁸³⁷. É de assinalar que foi editado um livro com uma tradução para espanhol dos textos deste número da revista *a+u*¹⁸³⁸.

¹⁸³⁶ Os outros arquitectos cujos trabalhos foram publicados são: Xaver Nauer Urs B. Roth, Frank Kraysenbühl, Panos Koulermos, Erwin Peter Nigg, Harry Seidler and Associates, Manfredo Zernig, José A. Pizarro, Sol Madridejos / Juan C. S. Osinaga / Alejandro Vicens, Pierre Hebbelink, Franz C. Demblin, Anna Marria Fundarö, J H Eccleston Johnston Jr, Michael Stephen Zdepski, Adolf Schmölder, Swetik Korzeniewski, Batter Kay, Roger C. Ferri & Associates, Jun Itami Architect & Research Institute, Jeremiah Eck, The Joseph Boggs Studio, Franz C. Demblin, Helmut Christen, Kellogg H. Wong, Paul J. Byrne, Chipperfield Associates, Jiricna Kerr Associates, Schwartz / Silver Architects, Pierre Zoelly, Hermann & Valentiny, Jo Crepain e Platou Arkitekter A. S.. O projecto foi publicado através de um breve texto, não assinado, e de elementos gráficos, fotografias e desenhos rigorosos. “House of Quinta da Malagueira. Álvaro Siza Vieira”, *a+u architecture and urbanism*, n. 205, 1987, p. 29 -33. Em 1989, Nakamura voltou a dedicar um número especial monográfico ao trabalho de Siza intitulado *Álvaro Siza 1954-1988*.

¹⁸³⁷ A exposição repartiu-se entre o Museu Nacional de Arte e a própria cidade. Cada uma das duas partes deste número da revista incluiu vários mapas e textos de enquadramento. “International Building Exhibition Berlin 1987”, *a+u architecture and urbanism*, May extra edition, 1987, p. 240.

¹⁸³⁸ *a+u International Building Exhibition Berlin 1987. Traduccion al Castellano*, Santiago de Compostela, ASPPAN, 1987.

Nakamura comentou-nos em entrevista que o seu interesse pela arquitectura portuguesa estava relacionado com os seus contactos com Eisenman e Frampton. Nas frequentes visitas a Nova Iorque estreitou a sua relação com Eisenmann, que o aconselhou sobre as tendências da arquitectura, nomeadamente sobre os países que seriam importantes num futuro próximo para a cena internacional da arquitectura, de entre os quais Eisenman destacou Portugal¹⁸³⁹. Também se tornou próximo de Frampton, sendo conhecedor da sua opinião sobre o trabalho de Siza ser um exemplo do conceito de regionalismo crítico, embora Nakamura discorde da característica regionalista¹⁸⁴⁰. Nakamura referiu-nos os arquitectos portugueses que contactou naquela época, Siza, Taveira, Santos e Souto de Moura. O facto de ter os contactos de Souto de Moura na sua agenda, disse-nos significar que o terá contactado no período em que dirigiu a *a+u*, lembramos que foram vinte e cinco anos entre 1971 e 1995, mas lamenta não ter publicado nenhuma obra deste arquitecto.

Nakamura confirmou-nos em entrevista que Siza se tornou num “*alvo principal de publicação*”, apesar da atitude do arquitecto português inicialmente não facilitar os elementos para publicação, atitude então comum entre a maioria dos arquitectos, no entanto, tal terá mudado a dada altura tornando-se mais fácil. Foi na cerimónia da entrega do prémio Pritzker a Siza em Chicago em 1992 que Nakamura conheceu pessoalmente o arquitecto português, pois Nakamura era membro do júri, lugar que ocupou entre 1991 e 1999¹⁸⁴¹. Embora nos tenha confessado e lamentado não ter tido a oportunidade de visitar as obras de Siza, continua a achar que ele é um dos arquitectos interessantes do mundo, e afirma que o seu trabalho está “*enraizado em estratos profundos, bem como na relação espaço / tempo (...) enraizado no Modernismo ortodoxo com deliberado desvio do ortogonal assim como os seus detalhes fluidos*”¹⁸⁴².

A opinião de Nakamura sobre o papel da mediatização da arquitectura é interessante atendendo à sua função de editor de uma revista de vocação internacional durante vinte e cinco anos. Nakamura disse-nos não acreditar que a informação em arquitectura possa ter uma dimensão internacional, chegando mesmo a afirmar que esta deve ser local e privada. Acrescentou que quanto mais local for o trabalho de um arquitecto, mais global este acabará por ser. E

¹⁸³⁹ NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.

¹⁸⁴⁰ Ibidem.

¹⁸⁴¹ Nakamura voltou a encontrar-se com Siza na Kisho Kurokawa's World Design Conference em Nara no Japão, em 1995. Ibidem.

¹⁸⁴² Ibidem.

em contradição com a sua aparente postura anti-mediatização da arquitectura, acabada de declarar, lembrou-nos que alguns arquitectos que foram objecto de edições especiais da revista *a+u* vieram mais tarde a receber prémios Pritzker, como Siza, Norman Foster, Richard Rogers, Rem Koolhaas, Herzog & de Meuron e Zaha Hadid. Por outro lado, afirmou com algum exagero que “*em 25 anos da sua actividade como editor da a+u a eleição de um arquitecto para publicação esteve sempre baseada na sua ligação pessoal com ele*”¹⁸⁴³, o que antevimos com a publicação de Taveira, mas que não se confirma relativamente à publicação de Siza.

Em 1986 quando surgiu a oportunidade de organizar uma exposição sobre arquitectura portuguesa de iniciativa estatal, para a qual se previa e desejava uma longa itinerância, Carlos Duarte, o arquitecto encarregue da sua organização, de acordo com Graça Dias, quis mostrar a pluralidade da arquitectura nacional, com elevada qualidade independentemente das opções tomadas, pelo que não quis repetir mais uma exposição só de Siza ou da chamada escola do Porto¹⁸⁴⁴. Quando Carlos Duarte telefonou a Graça Dias, com quem trabalhava na revista *Arquitectura*, a convidá-lo para colaborar na organização da exposição, já tinha definido o seu nome e quais os arquitectos que a iam integrar, quase todos da mesma geração mas na sua opinião com trabalhos bastante diferentes¹⁸⁴⁵. Chamar-se-ia *Tendências da Arquitectura portuguesa* e seriam exibidas obras de cinco arquitectos: Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente e Tomás Taveira.

Assim, por iniciativa do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal (SEC) foi organizada a exposição que teve uma longa itinerância com início em Barcelona em 1986, tendo passado pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires em 1987, Lisboa em 1989, Estrasburgo, Macau e Bombaim em 1990, Nova Deli e Pequim em 1991 e Tóquio em 1992¹⁸⁴⁶.

¹⁸⁴³ Ibidem.

¹⁸⁴⁴ Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa.

¹⁸⁴⁵ A exposição teve como comissário geral o arquitecto Carlos S. Duarte e como comissário adjunto o arquitecto Manuel Graça Dias. Lourdes Simões de Carvalho também era comissária adjunta. Ela era a pessoa que trabalhava na Secretaria de Estado da Cultura encarregue de dar apoio à exposição e principalmente de estabelecer os contactos que levariam à sua itinerância. Ibidem.

¹⁸⁴⁶ A Secretaria de Estado da Cultura, na altura a cargo de Teresa Patrício Gouveia, queria levar a exposição a vários sítios com o objectivo de divulgar a arquitectura portuguesa, cujo projecto continuou além da sua direcção e já sob a égide de Pedro Santana Lopes. Ibidem.

De acordo com Graça Dias foi Nikias Skapinakis, pintor português e amigo de Carlos Duarte, que na altura trabalhava na SEC, que falou inicialmente da possibilidade de organização de uma exposição de arquitectura a Duarte¹⁸⁴⁷.

Graça Dias explicou-nos em entrevista que foi o responsável pela execução da exposição sempre com a supervisão de Duarte¹⁸⁴⁸. Foram expostas um considerável número de obras de cada arquitecto, sendo o número de painéis igual para cada um, enquanto que o número de maquetes era variável¹⁸⁴⁹. A exposição era ainda completada com dez a sete esboços originais de cada arquitecto, encaixilhados em molduras madeira, com uma cor diferente por

¹⁸⁴⁷ Ibidem.

¹⁸⁴⁸ Graça Dias contou-nos que fez as primeiras visitas aos escritórios dos arquitectos acompanhado de Duarte, excepto ao de Vicente que conhecia bem e com quem tinha colaborado. Posteriormente fez a proposta para os painéis aceite por Duarte e voltou aos escritórios para definir o material da exposição, desenhos e maquetes com os arquitectos, que já tinham entretanto feito uma selecção prévia. Graça Dias explicou que relativamente às maquetes estava previsto serem feitas de novo, para uniformizar a sua imagem e escalas, mas por ser muito caro a SEC não disponibilizou verba, pelo que tiveram que se valer das maquetes dos próprios arquitectos, e fazer as caixas para o transporte à medida de cada uma. Dias lembrou por exemplo que as maquetes dos trabalhos de Taveira eram grandes e coloridas, que as do Siza eram brancas e bonitas, mas com formatos muito variados, e que a maquete da Escola de Benfica do Hestnes era a maior, porque o edifício era grande e tinha muito terreno envolvente e por isso a mais difícil de transportar, mas também bonita. Ibidem.

¹⁸⁴⁹ De Siza foram exibidas as piscinas de Leça da Palmeira, a casa Alcino Cardoso em Moledo do Minho, as agências bancárias em Oliveira de Azeméis e em Vila do Conde, a casa Beires na Póvoa do Varzim, a Bouça e S. Victor no Porto, a Malagueira em Évora e o Centro de Actividades culturais em Santo André. De Hestnes foram exibidos a Praça Institucional em Lisboa, a Casa da Juventude, a habitação social João Barbeiro e a cooperativa “Lar para Todos” em Beja, o SAAL FONSECAS / Calçada em Lisboa, a escola em Benfica, a casa J. Alex em Sintra e a cervejaria “Os Gordos” em Lisboa. De Cunha foram exibidos o edifício do Diário do Minho, a estalagem S. Bento e o armazém e cozinha da Casa de Saúde do Bom Jesus em Braga, Igreja do Cristo-Rei em Sacavém, o santuário do Cristo-Rei em Almada, os edifícios da praça José Régio em Vila do Conde e as instalações de uma Fraternidade Religiosa em Vila Nova de Famalicão. De Vicente foram exibidos a Igreja do Olivais e o conjunto habitacional em Telheiras em Lisboa, a Junta de Freguesia da Parede, a intervenção na Casa dos Bicos em Lisboa, uma casa privada, edifícios industriais, hotel na Praia Grande, a habitação social Fai Chi Key e o plano da Praia Grande em Macau. De Taveira foram exibidos o complexo habitacional de Olaias, o edifício de escritórios na Av. D. Carlos I, o Amoreiras, a central de camionagem do Areeiro, a sede do Banco Nacional Ultramarino, a fábrica Miece em Lisboa, o centro de Formação Profissional de Faro, e objectos de design. DUARTE, Carlos S., *Tendências da Arquitectura portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989, p. 71. Os painéis tinham uma dimensão de um A0 ao alto, com legendas sumárias em português e inglês, que identificavam o trabalho e pouco mais, de forma a ser imediatamente perceptível. Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa.

autor, os quais eram montados numa parede única, e uma fotografia de grande dimensão de cada arquitecto¹⁸⁵⁰.

Graça Dias informou-nos que no dia da inauguração ou no dia seguinte realizavam-se conferências por alguns dos arquitectos, sendo que no caso de não ser possível estarem presentes era Graça Dias e Duarte que as proferiam¹⁸⁵¹. Graça Dias explicou que Duarte fazia uma conferência mais generalista sobre a história da arquitectura portuguesa contemporânea, na linha do texto que assinou no catálogo e que de seguida, Graça Dias enquadrava o trabalho de cada um dos autores relacionado-o com o de outros autores contemporâneos ou mais novos que não estavam referenciados na exposição¹⁸⁵².

Apesar de ter sido possível financiar a deslocação de todos os arquitectos a Barcelona, acabaram por ir só Cunha e Hestnes que fizeram as conferências¹⁸⁵³. Graça Dias lembrou que a exposição foi acolhida pelo Colégio de Arquitectos em Barcelona, a qual teve um grande impacto, com uma grande promoção, tendo estado presentes bastantes arquitectos da cidade na inauguração e nas conferências¹⁸⁵⁴.

No Brasil, em 1987, de acordo com Graça Dias a entidade de acolhimento foi o Instituto dos Arquitectos Brasileiros, tanto no Rio de Janeiro como em S. Paulo, o que levou ao envolvimento de Paulo Mendes da Rocha, que era na altura Presidente do Instituto dos Arquitectos¹⁸⁵⁵. Segundo Graça Dias, no Rio de

¹⁸⁵⁰ De acordo com Graça Dias, Carlos Duarte fez questão de que estivessem numa posição central relativamente ao trabalho de cada arquitecto na exposição uma fotografia de cada um, num painel com o dobro da dimensão dos painéis de projecto, de 2 A0, tendo todas as fotografias sido tiradas por Mário Cabrita Gil de forma a serem todas similares, as quais são reproduzidas no catálogo. Ibidem.

¹⁸⁵¹ A SEC fazia os contactos, nos quais pedia o desenho do espaço disponível para realizar a exposição. Perante estes, Graça Dias fazia um pré-dimensionamento para ver se era possível, tendo recusado um ou dois locais propostos. Deslocava-se aos locais dois ou três dias antes da data marcada da inauguração, para precaver qualquer imprevisto. Levava consigo um kit com material para fazer algumas colagens se se tivesse partido alguma coisa das maquetes, material e para limpar os painéis. As desmontagens das exposições não eram acompanhadas por Graça Dias, pois tal seria mais um encargo para a SEC. Duarte começou por pedir à SEC verba para irem os cinco arquitectos às inaugurações e realizarem as apresentações, tendo-se chegado a acordo que de cada vez se deslocariam um ou dois arquitectos por uma questão de gestão de verbas. Ibidem.

¹⁸⁵² Ibidem.

¹⁸⁵³ Siza e Taveira não foram e Vicente estava em Macau. Ibidem.

¹⁸⁵⁴ Ibidem

¹⁸⁵⁵ Como no Brasil a Associação dos Arquitectos se organiza por cidades, a do Rio de Janeiro é

Janeiro a exposição terá tido lugar numa galeria e em S. Paulo no SESC Pompeia da Lina Bo Bardi¹⁸⁵⁶. No entanto, no número 98 da revista Brasileira *Projeto* de 1987 foi declarado o apoio da revista e anunciado que a exposição iria estar patente no Centro Empresarial do Rio de Janeiro e nas Oficinas Culturais Três Rios em São Paulo¹⁸⁵⁷ [fig.A3.49].

Foi a primeira vez no período do nosso estudo que a arquitectura portuguesa foi referenciada naquela revista, tendo sido referido que esta era pouco conhecida no Brasil, para além de algumas obras de Siza¹⁸⁵⁸. A propósito desta exposição foram reproduzidos textos ou sínteses sobre arquitectura portuguesa; como uma síntese do texto de Carlos Duarte que abriu o catálogo, o texto de David Morton sobre o trabalho de Taveira, um texto de Victor Consiglieri e Teixeira Lopes, no qual foi feito um ensaio comparativo sobre as diferenças entre o trabalho de Siza e de Taveira¹⁸⁵⁹, que analisaremos adiante.

Incluiu ainda um texto original de Jorge Jauregui intitulado “A próxima visita de um mestre” sobre a obra de Siza¹⁸⁶⁰. Neste texto, Jauregui elogiou o seu trabalho, sem, no entanto, acrescentar nada de significativo ao que vinha sendo escrito, em detrimento dos outros arquitectos patentes na exposição, chegando mesmo a afirmar que não entendia a escolha de alguns, que não identificou¹⁸⁶¹.

independente da de S. Paulo. Graça Dias lembra-se do atraso de dois ou três dias na inauguração da exposição no Rio, devido a problemas em desanfaldegear o material, o que acabou por deixar Duarte sozinho a controlar o processo de montagem da exposição. Ibidem.

¹⁸⁵⁶ Ibidem.

¹⁸⁵⁷ No Rio de Janeiro a exposição terá estado em exibição entre 22 de Abril a 9 de Maio, e em S. Paulo a partir do fim de Maio de 1987.”Tendências da Arquitectura portuguesa em cinco leituras”, *Projeto*, n. 98, 1987, p. 95, 96.

¹⁸⁵⁸ No breve texto introdutório à exposição foram citadas palavras de Graça Dias de apresentação sumária de cada um dos cinco arquitectos, através das quais tentava aliciar à visita. Ibidem, p. 95.

¹⁸⁵⁹ DUARTE, Carlos S., “Arquitetura portuguesa, dos anos 30 à atualidade”, ibidem, p. 90, 91. MORTON, David, “O pós-moderno em Portugal”, ibidem, p. 97, 98. Este texto tinha sido originalmente publicado no número 12 da revista *Progressive Architecture* de 1985, tendo sido por nós oportunamente analisado. MORTON, David, “P – M in Portugal”, *Progressive Architecture*, n. 12, vol. 66, 1985, p. 62, 63. CONSIGLIERI, Victor, LOPES, Teixeira J., “Álvaro Siza e Tomás Taveira, dois arquitectos portugueses”, *Projeto*, n. 98, 1987, p. 92 – 94. Este texto tinha sido publicado na revista portuguesa, *Jornal Arquitectos*, em 1986. CONSIGLIERI, Victor, LOPES, Teixeira J., “Álvaro Siza e Tomás Taveira, dois arquitectos portugueses”, *Jornal Arquitectos*, n. 51, 52, 1986, p. 16, 17, 25.

¹⁸⁶⁰ JAUREGUI, Jorge Mário, “A próxima visita de um mestre”, *Projeto*, n. 98, 1987, p. 96, 97.

¹⁸⁶¹ Ibidem.

Argumentamos que o texto de Consiglieri e Lopes é bastante interessante, salvo alguns excessos de sistematização, por contextualizarem culturalmente de forma alargada o trabalho de Siza e de Taveira sob uma perspectiva original. Neste sentido é de salientar que tenham considerado Siza e Taveira ambos arquitectos pós-modernos. Justificam a sua afirmação por ambos os arquitectos revitalizarem a arquitectura reabilitando a história, num contexto de crescente influência da cultura norte americana por oposição à decadência europeia, situando o trabalho de Siza como representante da cultura europeia e o de Taveira como pró-americano, num confronto entre duas culturas que entendem vir a ser premente no futuro próximo¹⁸⁶². Não deixaram no entanto de referir que o fenómeno de importação de referências arquitectónicas se fez sentir ao longo das épocas em Portugal com maior ou menor intensidade, mas o que agora tinha mudado era que a sua origem tinha deixado de ser a Europa para passar a ser os EUA¹⁸⁶³. Explicaram ainda a capacidade dos EUA assimilarem a cultura europeia, levada maioritariamente pelos arquitectos que fugiram da Segunda Guerra Mundial, de a assimilar, transformar e voltar a exportar para a Europa, numa acção a que deram continuidade nomeadamente através do que os autores designaram como marketing cultural, na qual integraram a atribuição de bolsas a estrangeiros, como a que Taveira usou no MIT entre 1977 / 78¹⁸⁶⁴.

Detalharam as características do trabalho de ambos os arquitectos, que afirmaram ser bastante diferente, num esforço de sistematização plasmado inclusivamente em quadros, assim como os classificaram relativamente a outros arquitectos pós-modernos internacionais¹⁸⁶⁵. Destacaram características principais, como o purismo de Siza, que entendiam ter impacto na arquitectura mundial dos anos 80, e o “*eclectismo sistemático*” de Taveira, tanto nas referências que usava na sua arquitectura como nas teorias e conceitos que usava para a justificar¹⁸⁶⁶. Argumentamos que de facto a palavra eclectismo faz jus talvez mais que à obra de Taveira ao seu discurso, como ficou patente na entrevista no número 196 da *a+u* de 1987, por nós oportunamente analisada.

¹⁸⁶² CONSIGLIERI, Victor, LOPES, Teixeira J., “Álvaro Siza e Tomás Taveira, dois arquitectos portugueses”, Ibidem, p. 92 – 94.

¹⁸⁶³ Ibidem, p. 92.

¹⁸⁶⁴ Ibidem.

¹⁸⁶⁵ Ibidem, p. 92 – 94.

¹⁸⁶⁶ Ibidem.

Graça Dias comentou-nos que em Buenos Aires em 1987, apesar da exposição ter sido integrada numa Bienal de Arquitectura, aliás a única situação em que foi incluída noutro evento, o que parecia ser um factor aliciante à partida acabou por não resultar e foi quase ignorada¹⁸⁶⁷. Graça Dias apontou duas razões: por ter ocupado um espaço secundário em relação aos percursos principais da Bienal e por aquele evento ter uma vocação marcadamente comercial, onde autores e imobiliárias pagavam para participar¹⁸⁶⁸. Apesar de Taveira não se ter envolvido com a exposição, acabou por aparecer em Buenos Aires e proferir uma conferência, mas fora do âmbito da exposição e integrada na Bienal de Arquitectura¹⁸⁶⁹. Por seu lado, Taveira explicou-nos que foi convidado por uma pessoa amiga de Papadakis para proferir uma conferência em Buenos Aires a propósito daquela exposição¹⁸⁷⁰. Mas de facto, Taveira demonstrou algum distanciamento, dizendo só lembrar-se de Siza e de Cunha de entre as pessoas que a integraram e dando o respectivo catálogo como perdido¹⁸⁷¹.

Siza foi só à inauguração da exposição em Estrasburgo em 1990 porque Graça Dias conseguiu convencê-lo que iriam ver Ronchamp que Siza nunca tinha visitado¹⁸⁷². Vicente foi a Nova Deli em 1991, montou a exposição sozinho e deve ter sido o único a fazer a conferência, pois Graça Dias não foi e tanto quanto se lembra Duarte também não¹⁸⁷³. Vicente também se deslocou ao Japão em 1992 onde se encontrou com Duarte e Graça Dias¹⁸⁷⁴. Graça Dias comentou-nos que a deslocação a Pequim foi integrada numa visita de Pedro Santana Lopes à China, o então Secretário de Estado da Cultura, que se deslocou acompanhado por uma comitiva de intelectuais, nomeadamente Agustina Bessa-Luís¹⁸⁷⁵.

¹⁸⁶⁷ Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa.

¹⁸⁶⁸ Ibidem.

¹⁸⁶⁹ Ibidem.

¹⁸⁷⁰ Taveira acrescentou que esta pessoa fazia parte de um círculo de “gente culta, pintores, escultores e artistas de teatro”. Entrevista a Tomás Taveira a 14/12/2011, Lisboa.

¹⁸⁷¹ Ibidem.

¹⁸⁷² Em Estrasburgo a exposição foi acolhida numa respeitável escola de arquitectura. Aqui as conferências estiveram a cargo de Siza e Graça Dias. Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa.

¹⁸⁷³ Terá sido a única exposição que Graça Dias não montou, de resto explicou-nos que na altura dava aulas em Lisboa e apesar de ter um assistente que as assegurava, era complicado justificar tantas saídas do país. Ibidem.

¹⁸⁷⁴ Ibidem.

¹⁸⁷⁵ Acrescentou que a exposição foi preparada de uma forma apressada e acolhida por uma escola

Depois das inaugurações e das conferências ficavam os catálogos como apoio à exposição¹⁸⁷⁶ [fig. A3. 24 a 30]. O catálogo, com o mesmo título da exposição, foi realizado por Duarte e Graça Dias e foi sendo editado nas línguas de cada local; tendo sofrido maiores alterações na edição japonesa, na qual Duarte acrescentou um texto que desenvolvia mais o período da actualidade da arquitectura portuguesa¹⁸⁷⁷.

De acordo com o editorial da edição portuguesa assinado por Duarte, a exposição tinha como objectivo transmitir uma ideia da arquitectura que se fazia em Portugal no momento, através da escolha de cinco arquitectos com caminhos divergentes e por vezes polémicos¹⁸⁷⁸. Referiu os nomes de Siza e Taveira para ilustrar o amplo espectro da arquitectura nacional de então, descrevendo-o desde o rigor de Siza com referências ao racionalismo europeu dos anos vinte até ao “*pós-modernismo pop*” de Taveira¹⁸⁷⁹. Duarte foi também o autor de um texto que afirmou descrever o movimento moderno em Portugal, abarcando o período entre os anos 30 e a actualidade, o qual antecede a publicação dos projectos e que em seu entender permite uma melhor compreensão dos mesmos¹⁸⁸⁰.

No catálogo seguem-se apontamentos da autoria de Graça Dias sobre o trabalho de cada um dos cinco arquitectos, segundo escreveu para que funcionasse “*como memórias para quando desta Exposição já só restarem folhas impressas*”¹⁸⁸¹.

De acordo com Graça Dias, cada um dos cinco arquitectos seleccionou as imagens e os textos críticos que quiseram ver integrados no catálogo¹⁸⁸². No caso

de arquitectura local. Ibidem.

¹⁸⁷⁶ Ibidem.

¹⁸⁷⁷ A primeira versão foi realizada em Espanhol, seguiu-se em Português, tendo os Brasileiros incluído uma separata com Português do Brasil, o Francês, o Inglês que serviu as cidades Indianas, o Chinês e por último, Japonês. O catálogo Japonês foi o único caso em que foi a entidade que acolheu a exposição que o realizou, neste caso a Associação dos Arquitectos, o qual seguiu de perto a estrutura original mas teve uma capa nova. Ibidem.

¹⁸⁷⁸ DUARTE, Carlos S., “Objectivos de uma exposição”, *Tendências da Arquitectura portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989, p. 7.

¹⁸⁷⁹ Ibidem.

¹⁸⁸⁰ DUARTE, Carlos S., “A Arquitectura portuguesa, Dos Anos Trinta à Actualidade”, Ibidem, p. 9 - 25

¹⁸⁸¹ DIAS, Manuel Graça, “Cinco Ensejos”, Ibidem, p. 27 – 29.

¹⁸⁸² Cada um dos arquitectos foi apresentado com uma breve biografia, seguida de um texto escrito

de Siza foi Portas quem escreve um artigo sobre a sua obra¹⁸⁸³; de Hestnes foi Willy Serneels¹⁸⁸⁴; de Cunha foi Toussaint¹⁸⁸⁵; de Vicente foi reproduzido um extracto de um livro de autoria de Jerzy Wojtowicz e William Fawcett¹⁸⁸⁶; de Taveira foi David Morton¹⁸⁸⁷, cujo texto tinha sido publicado no número 12 da *Progressive Architecture* de 1985, por nós anteriormente analisado.

É interessante notar no texto de Portas algum desconforto, aliás confessado, com as últimas obras de Siza, como indiciámos atrás. Portas, um dos principais

por uma pessoa convidada por eles, sendo por último publicados alguns projectos. GRAÇA DIAS, Manuel, entrevista, Lisboa, 7/5/2013.

¹⁸⁸³ O artigo foi ilustrado por fotografias da Bouça, Piscina de Leça, agências bancárias em Oliveira de Azeméis e em Vila do Conde e de São Victor no Porto. PORTAS, Nuno, “Álvaro Siza”, Ibidem, p. 32, 33. De seguida foi dedicada uma página a cada um dos seguintes quatro projectos de Siza: casa Alcino Cardoso em Moledo do Minho; Casa Beires na Póvoa do Varzim e casa em Ovar, ibidem, p. 34 - 37.

¹⁸⁸⁴ O artigo foi ilustrado por imagens da Escola de Benfica, da Casa da Juventude em Beja e habitação social João Barbeiro em Beja, por serem estas as obras em foco no seu texto. Willy Serneels foi apresentado no catálogo com arquitecto, professor da Unidade Pedagógica 8 (UP8), Paris e Director do Instituto Superior de Arquitectura Saint Luc, Bruxelas. SERNEELS, Willy, “Convite a uma descoberta”, Ibidem, p. 40 - 42. De seguida foi dedicada uma página a cada um dos seguintes três projectos de Hestnes Ferreira: Escola de Benfica; Cooperativa “Lar para todos” em Beja; e SAAL FONSECAS / Calçada em Lisboa, ibidem, p. 43- 45.

¹⁸⁸⁵ O artigo foi ilustrado por fotografias do edifício do jornal “Diário do Minho”, da estalagem de S. Bento em Braga, dos armazéns e cozinha da Clínica do Bom Jesus em Braga e um corte da igreja de Nevogilde do Porto, e reproduções do tríptico de Santa Joana Princesa de Aveiro, de duas capas da revista *Arquitectura*. PEREIRA, Michel Toussaint Alves, “Luiz Cunha – tempos recentes”, Ibidem, p. 48, 49. De seguida foi dedicada uma página a cada um dos seguintes três projectos de Luiz Cunha: Estalagem de S. Bent; Centro Psico-geriátrico na Parede; e Santuário Nacional de Cristo – Rei que excepcionalmente ocupa duas páginas, ibidem, p. 50 - 53.

¹⁸⁸⁶ Este livro resultou da recolha das aulas e seminários que os autores proferiram aos alunos do Departamento de Arquitectura da Universidade de Hong Kong entre 1984 e 1985. WOJTOWICZ, Jerzy, FAWCETT, William, *Architecture: formal approach*, Londres, Academy Editions, 1986. A parte do artigo reproduzido é ilustrada por dois desenhos feitos por computador que constituem exercícios à volta da linguagem de Vicente e uma fotografia de parte de um edifício de habitação de Vicente. WOJTOWICZ, Jerzy, “Os limites do convencional”, *Tendências da Arquitectura portuguesa...* p. 56, 57. De seguida é dedicada uma página a cada um dos seguintes quatro projectos de Vicente: habitação privada; habitação social Fai Chi Key; Casa dos Bicos; e o Plano da Praia Grande, ibidem, p. 58 - 61.

¹⁸⁸⁷ MORTON, David, “P-M em Portugal”, *Progressive Architecture*, n. 12, 1985, p. 62 – 71. O artigo reproduzido neste catálogo é ilustrado por fotografia e esquisso do edifício Satélite em Lisboa de 1973 / 84, uma fotografia dos edifícios de Cristino da Silva no Areeiro em 1948 e um desenho rigoroso da habitação social em Almada de 1984. MORTON, David, “P-M em Portugal”, *Tendências da Arquitectura portuguesa...*, p. 64, 65. De seguida é dedicada uma página a cada um dos seguintes quatro projectos de Taveira: o complexo Amoreiras; o edifício de escritórios na Av. D. Carlos I; o complexo das Olaias; e a sede do Banco Nacional Ultramarino, ibidem, p. 66 - 69.

responsáveis pela ideia propalada de Siza estar à margem, declara o fim da validade daquela circunstância¹⁸⁸⁸, e parece-nos ser precisamente essa mudança que está na origem daquilo que o incomoda.

Portas entendia haver dois períodos na obra de Siza, antes e depois dos primeiros anos da década de 70, sem que, no entanto, entenda existir uma relação causa efeito entre aqueles períodos e a revolução¹⁸⁸⁹. Parece-nos ser mais determinante para o desconforto de Portas aquilo que afirmou quando escreveu que Siza está “*agora cada vez menos isolado do circo internacional*”, constrói no estrangeiro e vem sendo cada vez mais reconhecido¹⁸⁹⁰, por entender que isso é a causa da mudança que considera ter existido nas suas obras. Se as obras do primeiro período estavam intimamente ligadas ao sítio, levando Portas a concordar com a classificação de regionalista, porém muito filtrada por referências de carácter internacional; nas obras do segundo período a preponderância das suas influências recai para referências ao discurso internacional, parecendo querer alertar para uma certa permissividade negativa na arquitectura¹⁸⁹¹ e isso, para Portas parece ser menos interessante ainda que admita não ser de menor qualidade. O lamento com um certo tom nostálgico é sintetizado pelo próprio Portas de forma clara: “*Siza, arquitecto do Porto, que nos deixara uma impressionante colecção de obras “por” (si próprias) parece ter agora (arquitecto do mundo), necessidade de nos confrontar com outra e não menos impressionante colecção de obras “contra” (o que rejeita à sua volta).*”¹⁸⁹²

É de notar que constitui uma prática habitual a promoção de itinerância de exposições, como acabamos de verificar relativamente à referida *Tendências da Arquitectura portuguesa* e como verificámos no capítulo anterior relativamente à exposição monográfica de Siza, a qual teve a sua primeira exibição no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão em 1979.

Carlos Castanheira, que depois da desmontagem daquela primeira exposição monográfica de Siza se tornou o responsável pela realização de outras mostras

¹⁸⁸⁸ PORTAS, Nuno, “Álvaro Siza”, Ibidem, p. 32, 33.

¹⁸⁸⁹ Ibidem.

¹⁸⁹⁰ Ibidem.

¹⁸⁹¹ Ibidem.

¹⁸⁹² Ibidem, p. 33.

suas, comentou-nos em entrevista que se seguiu àquela exposição outra que teve lugar no Centro Pompidou de Paris em 1990¹⁸⁹³. Esta instituição tinha como prática rentabilizar o dinheiro investido na montagem das exposições através do seu posterior aluguer a outras entidades¹⁸⁹⁴. Castanheira lembra-se desta exposição ter estado patente ainda no mesmo ano de 1990 em Madrid e em 1991 em Sevilha, sem conseguir precisar outros locais, nem lembrar-se de qual o limite que o Centro Pompidou impunha ao seu aluguer¹⁸⁹⁵. Depois do que designou como “*produção Pompidou*” seguiu-se o que designou como “*produção Santiago de Compostela*”, a qual ocorreu no âmbito da inauguração do Museu de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, desenhado por Siza, em 1995¹⁸⁹⁶. Esta exposição fez itinerância por Matosinhos, San Marino e Copenhaga, também com uma lógica pragmática subjacente de recuperação de investimento¹⁸⁹⁷. Assim, percebe-se que algumas das exposições de Siza ocorrem por ciclos, os quais têm por base uma selecção de material produzido

por Siza, que vai sendo atualizada e alterada, até que ocorra uma nova selecção de material.

Esta informação bem como algumas das anteriormente expostas levam-nos a reflectir sobre a ponderação que devemos estabelecer entre razões de ordem pragmática e outras de ordem ideológica que muitas vezes em conjunto estão na base de algumas decisões teorizadas à posteriori.

¹⁸⁹³ Entrevista a Carlos Castanheira a 5/8/2013, Vila Nova de Gaia.

¹⁸⁹⁴ Dispunham inclusivamente de fichas de empréstimo onde estavam registados todos os dados relativos a cada peça, e de regulamentos onde tudo estava registado relativamente aos gastos de produção, como despesas com hotéis e deslocamentos da equipa e director da instituição. Ibidem.

¹⁸⁹⁵ Ibidem.

¹⁸⁹⁶ A exposição que ocorreu em Santiago de Compostela teve como comissários Castanheira e Pedro de Llano. Teve como base o material da exposição que tivera lugar no Pompidou, sendo que Castanheira actualizou os projectos, acrescentou fotografias da família, a parte escolar de Siza com textos e desenhos feitos por ele, os desenhos aos quadradinhos que fazia com o irmão que escrevia os argumentos e as aguarelas, completando desta forma o quadro do jovem promissor escultor / arquitecto, acrescentou ainda peças de design e muitas maquetes. Ibidem.

¹⁸⁹⁷ Castanheira comentou-nos que a ida da exposição a Matosinhos aconteceu na sequência de uma entrevista sua ao jornal português *Expresso* na qual ele fazia referência à falta de interesse em Portugal para receber a exposição. Depois do vereador da cultura da Câmara de Matosinhos, Vieira da Fonseca, ter lido esta entrevista, chamou Castanheira para uma reunião na qual ficou acertada a realização da exposição na garagem da Câmara, que se transformou para esse efeito. Castanheira explicou que terá sido uma das maiores exposições que fez, à qual juntou mobiliário desenhado por Siza. A exposição foi inaugurada pelo Presidente da República Jorge Sampaio, com grande afluência de público na inauguração. Castanheira e Llano levaram a exposição a um mosteiro em San Marino, onde cada projecto estava colocado em cada cela, tendo para a ocasião sido editado o respectivo catálogo em Italiano. Na Dinamarca, a exposição teve lugar no Museu de Arquitectura, num armazém de madeira. Entretanto, ocorreram problemas políticos que levaram ao afastamento da directora do Museu de Santiago, bem como ao afastamento de Llano como comissário, ficando Castanheira como único comissário. Castanheira lembrou que não gostava de repetir a exposição exactamente igual, pelo que sempre que era possível actualizava projectos e incluía novas maquetes nos orçamentos. Entrevista a Carlos Castanheira a 5/8/2013, Vila Nova de Gaia.

3.4.

A consagração internacional de Siza

Tal como avançámos no início da presente dissertação, este último período foi fortemente marcado pela atribuição em simultâneo de quatro prémios internacionais a Siza no ano de 1988¹⁸⁹⁸, pois significa obviamente um ponto alto da sua carreira e, quanto ao tema que nos diz respeito, o culminar da divulgação da arquitectura portuguesa, em particular a de Siza. Foram eles o Prémio Europeu de Arquitectura da Comissão das Comunidades Europeias / Fundação Mies van der Rohe, a Medalha de Ouro de Arquitectura do Conselho Superior dos Colégios de Arquitectos de Espanha, o prémio Alvar Aalto na Finlândia e o Prémio Prince of Wales da Universidade de Harvard. Argumentamos que a atribuição destes prémios abriu caminho à posterior atribuição do prémio Pritzker a Siza em 1992, pois este tem um carácter de consagração de uma carreira.

Em Espanha foram atribuídos a Siza dois prémios: o Prémio Europeu de Arquitectura da Comissão das Comunidades Europeias / Fundação Mies van der Rohe atribuído ao banco Borges & Irmão em Vila do Conde e a Medalha de Ouro de Arquitectura do Conselho Superior dos Colégios de Arquitectos de Espanha.

A obra de Siza foi a primeira a ser premiada pelo comumente conhecido como prémio Mies van der Rohe, instituído em 1987 e destinado a premiar obras de arquitectura construídas no espaço da Comunidade Europeia¹⁸⁹⁹ [fig.A3.56].

¹⁸⁹⁸ É de referir que o primeiro prémio que Siza recebeu foi em Portugal. Em 1982 foi-lhe atribuído o Prémio de Arquitectura pelo Departamento Português da Associação Internacional de Críticos de Arte, e no mesmo ano de 1988 foi-lhe atribuído o Prémio de Arquitectura pela Associação de Arquitectos portugueses.

¹⁸⁹⁹ http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=8&Itemid=3&lang=es acedido a 26/6/2013. Este prémio é uma de entre as actividades de promoção da arquitectura contemporânea levadas a cabo pela Fundação Mies van der Rohe. Esta fundação foi criada em 1983 pela Câmara Municipal de Barcelona com o objectivo de reconstruir o pavilhão alemão desenhado por Mies van der Rohe para a Feira Internacional de Barcelona de 1929. <http://www.miesbcn.com/es/fundacion.html> acedido a 27/6/2013. Os primeiros contactos para a sua reconstrução foram realizados em 1959 por Bohigas, que escreveu a Mies sobre essa possibilidade, a qual ele aceitou. No entanto, só em 1980 é que Bohigas pode retomar este projecto enquanto director do Departamento de Urbanismo da Câmara de Barcelona, cuja obra veio a ser concluída em 1986. Ainda não tinha passado um ano sobre a sua conclusão quando em 1987 foi assinado um protocolo entre a Câmara de Barcelona e a Comunidade Europeia para a instituição do prémio de

A agência bancária em Vila do Conde foi seleccionada de entre uma lista de setenta edifícios com uma enorme diversidade de programas e escalas, como é aliás recomendado pelas regras do prémio¹⁹⁰⁰, mas também com características arquitectónicas bastante diferentes. É de salientar que de entre os setenta edifícios iniciais se encontravam dois edifícios de outros dois arquitectos portugueses, uma casa de Souto de Moura e um pavilhão desportivo de Byrne, que Frampton referiu como obras saídas da escola do Porto; tendo passado para a lista restrita de vinte e quatro edifícios, os designados nomeados, a Câmara Municipal de Matosinhos de Alcino Soutinho¹⁹⁰¹.

Argumentamos que o número e variedade de pessoas envolvidas na indicação das obras se reflectiu na respectiva lista. Fizeram parte do júri e da comissão de especialistas arquitectos que conheciam a arquitectura portuguesa e que desempenharam um papel importante na sua divulgação como Frampton, que ocupava o lugar de presidente do júri, Burckhardt, Gregotti, mas também Bofill, Hollein e Solà-Morales que não encontrámos na divulgação da arquitectura nacional até então ou não se envolveram tão activamente¹⁹⁰². Da comissão de

arquitectura “Mies van der Rohe das Comunidades Europeias”. O prémio funciona com nomeações prévias de edifícios propostas por uma comissão de especialistas, por associações de arquitectos europeias e um conselho assessor e pelos próprios membros do júri. Cabe ao júri seleccionar a obra vencedora, por voto secreto, e as obras a integrar a exposição itinerante bem como o respectivo catálogo. Na sua primeira edição, em 1988, foram consideradas excepcionalmente as obras concluídas no período dos quatro anos anteriores, sendo daí em diante o prémio bienal. Nesta edição de 1988, o júri fez inicialmente uma selecção mais restrita de vinte e quatro edifícios de entre aproximadamente setenta, indicados pelos membros do júri e da comissão, tendo o edifício de Siza sido o vencedor após uma sucessão de votações. http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=8&Itemid=3&lang=es acedido a 26/6/2013; e “Act of the Jury of the Mies van der Rohe Award for European Architecture”, *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990, p. 8, 9.

¹⁹⁰⁰ http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=23&Itemid=36&lang=es acedido a 26/6/2013.

¹⁹⁰¹ Argumentamos que provavelmente por lapso Frampton considerou Byrne como elemento da escola do Porto. FRAMPTON, Kenneth, “Act of the Jury of the Mies van der Rohe Award for European Architecture”, *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990, p. 16, 32, 33.

¹⁹⁰² Solà-Morales ocupou o lugar de secretário no júri. http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=8&Itemid=3&lang=es acedido a 26/6/2013. Alessandro Giulianielli, representante da Comissão Cultural da Comunidade Económica Europeia assistiu à reunião do júri, mas sem qualquer poder de intervenção. “Act of the Jury of the Mies van der Rohe Award for European Architecture”, *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990, p. 8.

especialistas fizeram parte nomes também por nós mencionados na presente dissertação, como Capitel, Lucan, Mateo, Wang, van Dijk e o português Mendes, entre outros, nomeadamente como Buchanan, Cohen e Dal Co¹⁹⁰³.

É realmente impressionante a obra de Siza ter sido escolhida tendo em conta a dimensão e importância das obras e dos arquitectos nomeados, pois embora Siza já fosse um arquitecto conhecido internacionalmente a escala da sua obra é claramente menor que as outras. De entre as obras nomeadas encontravam-se edifícios como o Lloyd's Bank de Rogers, o museu de Orsay de Aulenti, o centro cultural André-Malraux de Botta, o Museu de Arte Romana de Moneo, o Centro Cultural Árabe de Nouvel, entre outros¹⁹⁰⁴. Independentemente da inquestionável qualidade da obra que evidentemente não se mede pela sua dimensão, argumentamos que a decisão do júri pode ser reveladora de um certo voluntarismo em defender uma determinada atitude projectual, protagonizada desde algum tempo por algumas das pessoas envolvidas no júri, nomeadamente Frampton, Gregotti e Burckhardt.

Por outro lado, se quisermos ceder ao discurso das especificidades geográficas, podemos afirmar que uma iniciativa com origem num país da periferia, Espanha, se conseguiu impor através de uma estratégia de aliança com um centro internacional, a então Comunidade Económica Europeia, no centro do debate internacional disciplinar. É interessante verificar que esta questão, que se trata de facto da afirmação de um prémio de arquitectura, atravessou o texto de Frampton publicado no catálogo, pois contextualizou o prémio Mies em relação ao então já consagrado prémio Pritzker. Frampton considerou que o prémio Mies

resultou de um contexto no qual a Comunidade Europeia emerge económica e culturalmente, e também como afirmação perante o prémio Norte Americano Pritzker, fundado praticamente dez anos antes¹⁹⁰⁵. No entanto, também sublinhou que o âmbito geográfico de ambos é diferente, tendo o Pritzker uma ambição internacional, enquanto o Mies pretende premiar obras construídas no território europeu¹⁹⁰⁶. Nós acrescentamos outra diferença substancial, o Pritzker assume-se como um prémio de consagração de carreira, enquanto o Mies é atribuído a uma obra de um arquitecto.

Frampton explicou ainda a selecção dos vinte e quatro nomeados, dizendo que se pretendeu ilustrar os vários géneros de arquitectura que caracterizam aquilo que designou como a época pós-moderna em que se vivia. Agrupou as obras nomeadas sob os seguintes géneros, admitindo que não são classificações lineares ou estanques, e sobretudo resultam da sua subjectividade: High-Tech, Neo-Racionalismo, Contextualismo, Minimalismo, Estruturalismo e Neo-Historicista¹⁹⁰⁷. Apesar das qualidades que reconheceu naquela variedade de obras, Frampton concluiu que o ponto alto da criatividade na “*renovação Europeia da arquitectura moderna tardia*” se encontra na Península Ibérica¹⁹⁰⁸. Pelo que afirmou que a atribuição do prémio a Siza é também uma forma de homenagear uma “*cultura regional*” da qual ele é o seu representante mais destacado, estando a referir-se à escola do Porto¹⁹⁰⁹. Argumentamos que fica patente a defesa de Frampton do regionalismo crítico.

No respectivo catálogo do prémio Mies foi também publicado um texto de Solà-Morales sobre Siza, sobre o qual argumentamos que embora elogioso foi ainda atravessado pelo discurso à margem relativamente à obra de Siza. Assim, Solà-Morales considerou o percurso de Siza incompleto para quem recebe um prémio deste tipo, por ter pouca obra, ter realizado muitos projectos que não foram construídos, ter obras pequenas na periferia do Porto e alguns conjuntos maiores bastante incompletos¹⁹¹⁰. Neste aspecto entendemos sobressair a

¹⁹⁰³ Os restantes membros da comissão de especialistas eram: Hans Aspöck, Geert Bekaert, Shane de Blacam, Claudia Conforti, Orestis B. Dumanis, Ulrike Jehle-Schulte, Aristides Romanos; em http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=23&Itemid=36&lang=es acedido a 26/6/2013.

¹⁹⁰⁴ Os restantes edifícios seleccionados foram: galerias de arte em Londres de James Stirling, uma fábrica em Montrouge de Renzo Piano, o centro da Renault em Swindon de Norman Foster, um edifício residencial em Berlim de Aldo Rossi, o parque Creueta do Coll em Barcelona do escritório, MBM de Josep Martorell, Oriol Bohigas, David Mackay, edifícios de habitação em Veneza de Gino Valle, uma ponte em Barcelona de Calatrava, um edifício de escritórios em Frankfurt de Oswald Mathias Ungers, o edifício de habitação em Amesterdão de Herman Hertzberger, galeria de arte de Alan Colquhoun e John Miller, o museu em Gibelina de Francesco Venezia, a Câmara e a Casa da Ópera em Amesterdão, de Cees Dam, Wilhelm Holzbauer, a Faculdade de Artes em Amesterdão, de Theo Bosch, edifício de habitação em Paris, de Henri Gaudin, fábrica em Berlim, de Gustav Peichl, o edifício de escritórios em Alzate Brianza, de Adolfo Natalini e o hospital, França de Henri Ciriani. http://www.miesarch.com/index.php?option=com_mipress_anterior&lang=es&offset=2460&cerca=&autor=-1&oficina=-1&tipologia=-1&classificacio=-1&pais=-1&edicio=-1 acedido a 27/6/2013.

¹⁹⁰⁵ FRAMPTON, Kenneth, “The Mies van der Rohe Award for European Architecture. Notes on the Ianugural Prize”, in *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990, p. 10. O primeiro arquitecto laureado com o Pritzker foi Philip Johnson em 1979.

¹⁹⁰⁶ Ibidem.

¹⁹⁰⁷ Ibidem, p. 11 – 15.

¹⁹⁰⁸ Ibidem, p. 15, 16.

¹⁹⁰⁹ Ibidem, p. 16.

¹⁹¹⁰ SOLÀ-MORALES, Ignasi, “The Delicate Architecture of Álvaro Siza”, Ibidem, p. 26 - 31. O

diferença de atitude entre Frampton e o crítico espanhol; pois o primeiro colocou a arquitectura de Siza ao nível do que melhor se fazia internacionalmente em arquitectura sem qualquer constrangimento, enquanto que Solà-Morales, na esteira dos primeiros textos sobre o arquitecto português por nós analisados no primeiro capítulo, continuou a valorizar o seu trabalho realçando as condições difíceis em que o arquitecto português exerce.

Argumentamos que as seguintes duas edições dos prémios Mies van der Rohe, em 1990 e 1992, foram sendo mais permeáveis à arquitectura e aos arquitectos portugueses, patente no aumento do número de obras presentes na lista reduzida para votação do júri, bem como na presença de mais arquitectos portugueses nos seus órgãos de decisão.

Em 1990, foram nomeadas três obras de três arquitectos portugueses: de Siza, Souto de Moura e Carrilho da Graça¹⁹¹¹. Em 1992, foram nomeadas quatro obras de três arquitectos portugueses: de Carrilho da Graça, de Távora e duas obras de Souto de Moura¹⁹¹². Nesta edição, Siza passou a integrar o júri e Cabral de Mello

projecto da agência bancária em Vila do Conde foi publicado através de um texto e de elementos gráficos, desenhos rigorosos e fotografias, inclusivamente uma de Siza, o que ocupa oito páginas. “Awarded Project: Borges & Irmão Bank. Vila do Conde, Portugal, 1982 – 1986”, Ibidem, p. 18 - 25. Foram publicados os restantes vinte e três edifícios nomeados Cada um dos projectos ocupou quatro páginas e foram representados à semelhança da obra de Siza mas com menor extensão, através de um texto e de elementos gráficos, desenhos e fotografias, incluindo de cada um dos arquitectos. “Nominees for the Mies van der Rohe Award for European Architecture”, Ibidem, p. 32 - 125. No catálogo, foram também publicadas as regras do prémio e a acta do júri. “Rules for the Mies van der Rohe Award for European Architecture”, Ibidem, p. 8, 9; “Act of the Jury of the Mies van der Rohe Award for European Architecture”, Ibidem, p. 6, 7.

¹⁹¹¹ O edifício de Siza nomeado foi as duas casas e lojas na Holanda, o edifício de Souto de Moura foi o Centro Cultural da Secretaria de Estado da Cultura no Porto e o edifício de Carrilho da Graça foi a sede da Segurança Social em Portalegre. http://www.miesarch.com/index.php?option=com_mipress_anterior&lang=es&offset=2370&cerca=&autor=-1&officina=-1&tipologia=-1&classificacao=-1&pais=-1&edicio=-1 acedido a 11/7/2013. A constituição do júri e do conselho assessor coincidia com a do prémio de 1988, só com a adição de duas pessoas, Lluís Hortet, como director e Diane Gray, como coordenadora. http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=23&Itemid=36&lang=es acedido a 11/7/2013. O prémio em 1990 foi atribuído a Norman Foster pelo terminal de aeroporto de Stansted. http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=23&Itemid=36&lang=es acedido a 11/7/2013.

¹⁹¹² O edifício de Carrilho da Graça nomeado foi a piscina em Campo Maior, de Souto de Moura foram as casas em Alcanena e em Miramar e de Távora foi a casa da Quinta da Cavada. http://www.miesarch.com/index.php?option=com_mipress_anterior&lang=es&offset=2280&cerca=&autor=-1&officina=-1&tipologia=-1&classificacao=-1&pais=-1&edicio=-1 acedido a 11/7/2013. Destas obras foram publicadas no catálogo a piscina em Campo Maior de Carrilho da Graça e a casa em Alcanena de Souto de Moura. “Municipal Swimming Pool. João Luís Carrilho da Graça with Carlos Miguel Dias”, *Mies van der Rohe Pavilion. Award for European Architecture 1992*, Barcelona, Fundació Mies Van der Rohe, 1993, p. 40-43; “House in Alcanena. Eduardo Souto de

juntou-se a Mendes no conselho assessor¹⁹¹³.

A atribuição do prémio Mies a Siza teve ecos logo no ano de 1988 no número 115 da revista *Projeto* no Brasil.

Num artigo sobre o incêndio na Baixa em Lisboa e a escolha do arquitecto Siza para realizar o projecto da reconstrução foi referido que a decisão política do então presidente da Câmara de Lisboa Krus Abecassis foi suportada pelo crescente reconhecimento internacional de Siza, nomeadamente a atribuição do prémio Mies¹⁹¹⁴. No artigo, o autor afirmou que esta opção foi tomada em detrimento da realização de um concurso proposto pela Associação de Arquitectos e optando por uma atitude de projecto que privilegia a conservação, em detrimento da proposta protagonizada por Taveira que defendia a total alteração relativamente ao existente¹⁹¹⁵. O autor fez ainda referência à rivalidade entre a arquitectura do

Moura”, Ibidem, p. 124-127.

¹⁹¹³ Norman Foster foi o presidente do júri, juntando-se a Frampton e a Solà-Morales, Henri Ciriani, Herman Hertzberger, Henning Larsen, Francis Strauven, Elia Zenghelis que em conjunto com Siza contituem o novo júri. http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=23&Itemid=36&lang=es acedido a 11/7/2013. Para além dos portugueses Mello e Mendes integram o conselho assessor: Hans Aspöck, Rudolph Brouwers, Peter Buchanan, Richard Burdett, Roberto Collovà, Christian Devillers, Marc Dubois, Luis Fernández-Galiano, Leon Krier, Vittorio Magnago Lampugnani, Jacques Lucan, Caroline Mierop, Josep Maria Montaner, Pierluigi Nicolini, Shane O’Toole, Wolfgang Pehnt, Yannis Politis, Aristidis Romanos

, Yorgos Simeoforidis, Lucien Steil, John Tuomey e Hans van Dijk. O prémio em 1992 foi atribuído a Esteve Bonell, Francesc Rius pelo Pavilhão Municipal de Desporto em Barcelona. http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=23&Itemid=36&lang=es acedido a 11/7/2013.

¹⁹¹⁴ O artigo foi assinado por um correspondente da revista em Portugal, Emanuel Dimas de Melo Pimenta. Detém-se na maior parte da sua extensão sobre a descrição do incêndio, a procura das causas, a identificação de problemas da área e a burocracia na aprovação de projectos, sendo ilustrado por imagens da Baixa e do incêndio. PIMENTA, Emanuel Dimas de Melo, “Álvaro Siza é o escolhido: vai reconstruir o centro de Lisboa”, *Projeto*, n. 115, 1988, p. 51 – 56. É de referir que no número 7563 do volume 253 da *Building* de 1988 numa breve notícia, não assinada, inserida na secção “The week”, intitulada “Local competitions to rebuild Lisbon” foi publicada uma notícia informada pelas posições da Associação dos Arquitectos, dando conta que o presidente da Câmara de Lisboa tinha aceite realizar um concurso a nível nacional para a escolha do arquitecto que iria elaborar o projecto para a reconstrução da área ardida do Chiado. Acrescenta ainda que a Associação recomenda o respeito pelos edifícios de três pisos do séc. XVIII, sem propor qualquer imitação, e também uma mistura entre os usos de habitação e comércio de forma a fixar pessoas na área. “Local competitions to rebuild Lisbon”, *Building*, vol. 253, no. 7563 (36), 1988, p. 5.

¹⁹¹⁵ O autor fez eco da ainda indefinição do modo de concretização da reconstrução da Baixa, referindo a hipótese de Siza desenhar um plano geral ao qual poderiam estar associados vários escritórios nacionais ou inclusivamente estrangeiros. Ibidem, p. 55, 56.

Porto e de Lisboa e criticou negativamente a arquitectura de Taveira, que afirma ter pouca qualidade aludindo a uma certa opinião que circulava sobre os seus projectos estarem muito próximos dos de Bofill¹⁹¹⁶. É de notar que pela segunda vez num número da revista *Projeto* foram referidos os arquitectos Siza e Taveira, em ambas as situações em termos comparativos e pela mão de portugueses¹⁹¹⁷.

Como dizíamos em Espanha, foi atribuída a Medalha de Ouro de Arquitectura no mesmo ano de 1988, a Siza e a Alejandro de La Sota.

O arquitecto português foi o único arquitecto não espanhol a receber esta medalha entre 1981 e 2010, atribuído por um júri exclusivamente espanhol a arquitectos como Sert, Oíza, Bohigas, Chueca Goitia e Moneo¹⁹¹⁸. Argumentamos que a atribuição desta medalha de Ouro a Siza se revestiu ainda de maior importância, pois tinha havido um interregno fazendo com que esta entrega tivesse um certo carácter inaugural.

Foi no número 108 da revista *Arquitectos* de 1989 que encontramos registo da atribuição das Medalhas de Ouro no ano anterior¹⁹¹⁹. Rafael de La Hoz destacou no seu discurso as semelhanças entre os percursos de Siza e de Sota, aliando ambos a mestria profissional à exemplaridade de carácter, sendo que esta última característica é exigida pelos próprios estatutos¹⁹²⁰. Hoz enfatizou

¹⁹¹⁶ Ibidem.

¹⁹¹⁷ O outro número da revista *Projeto* a que nos referimos foi o número 98 de 1987, cuja publicação ocorreu a propósito da exposição itinerante *Tendências da Arquitectura portuguesa*, tendo também sido referida a arquitectura de Hestnes, Cunha e Vicente, por nós analisado.

¹⁹¹⁸ DE LA HOZ, Rafael, “Medallas de Oro de la Arquitectura. Discurso de D. Rafael de La Hoz”, *Arquitectos*, 108, 1989, p. 41. Esta Medalha de Ouro pode ser atribuída a arquitectos ou a chefes de estado ou elementos da família Real que se tenham distinguido no apoio à disciplina. É de assinalar que desde a reinstituição da Medalha de Ouro em 1981 ela tinha atribuída quatro vezes: ao Rei D. Juan Carlos, ao príncipe Aga Khan e aos arquitectos Candela e Sert. http://www.cscae.com/index.php?option=com_content&view=article&id=113&Itemid=141 acedido a 3/7/2013. A cerimónia de entrega do prémio foi presidida pelo Ministro de Obras Públicas e Urbanismo, Javier Sáez de Cosculluela, a qual teve lugar na Real Academia de Belas Artes de San Fernando. “Editorial”, *Arquitectos*, n. 108, 1989, s/p.

¹⁹¹⁹ Este capítulo da revista abriu com o discurso do arquitecto Rafael de La Hoz, sendo de seguida publicados os discursos de agradecimento de Sota e de Siza e um projecto de cada um dos arquitectos: o Centro Galego de Arte Contemporânea em Santiago de Compostela de Siza e o tribunal em Saragoça de Sota. O projecto de Siza foi publicado através de elementos gráficos, desenhos rigorosos e esboços. No seu discurso, Sota reflectiu sobre o que era a noção de património e os critérios para preservação. “Medallas de Oro de la Arquitectura”, Ibidem, p. 40 – 57.

¹⁹²⁰ O texto foi ilustrado por pequenos desenhos de Sota e de Siza, alternadamente, piscina de Leça, agência bancária em Oliveira de Azeméis e de Vila do Conde, Centro Cultural de Sines, edifício de habitação em Berlim. DE LA HOZ, Rafael, “Medallas de Oro de la Arquitectura.

a impossibilidade e simultaneamente a liberdade e o valor que representa o facto do trabalho de ambos os arquitectos não poder ser classificado numa categoria estilística nem integrar qualquer moda¹⁹²¹. Sustentou ainda que o termo “*contextualismo*” tantas vezes repetido tão pouco caracteriza o trabalho de ambos¹⁹²².

No seu discurso de agradecimento Siza falou sobre a intensificação da relação entre arquitectos portugueses e espanhóis em geral e a sua experiência pessoal em particular¹⁹²³. Afirmou sentir-se muito honrado por partilhar a atribuição da Medalha de Ouro com La Sota, por este ter sido sempre uma referência para si em termos pessoais e profissionais, que invoca nos seus momentos de desânimo¹⁹²⁴. É de notar que Siza tenha lembrado aquilo que considerou ter sido a sua primeira monografia, publicada na revista *Hogar y Arquitectura* por Carlos Flores, que lhe escreveu uma carta desejando que aquela publicação lhe desse ânimo para continuar “na luta”, o que afirmou ter acontecido¹⁹²⁵. Nós lembramos que esta publicação que Siza refere, a qual destacámos na presente dissertação, dista sensivelmente vinte anos da atribuição da Medalha de Ouro.

Siza tornou-se em 1988 o sexto arquitecto duma notável galeria de profissionais que receberam o prémio Alvar Aalto: tendo o primeiro sido o próprio Aalto em 1967, seguido de Hakon Ahlberg em 1973, James Stirling em 1978, Jørn Utzon em 1982 e Tadao Ando em 1985¹⁹²⁶.

Discurso de D. Rafael de La Hoz”, Ibidem, p. 40 - 43. DE LA HOZ, Rafael, “Medallas de Oro de la Arquitectura. Discurso de D. Rafael de La Hoz”, Ibidem, p. 41.

¹⁹²¹ Ibidem, p. 41 – 43.

¹⁹²² Ibidem, p. 42, 43.

¹⁹²³ VIEIRA, Álvaro Siza, “Palabras de agradecimiento de D. Álvaro Siza”, Ibidem, p. 45.

¹⁹²⁴ Ibidem.

¹⁹²⁵ Ibidem. Siza estava a referir-se ao número 68 da revista *Hogar y Arquitectura* de 1967, por nós analisada.

¹⁹²⁶ O prémio Alvar Aalto foi instituído em 1967 pela Associação Finlandesa de Arquitectos, pela Fundação para o Museu de Arquitectura Finlandesa e pela Sociedade de Arquitectura, com o objectivo de reconhecer o trabalho de arquitectos com dimensão internacional. SALMINEN, Pekka, “Alvar Aalto Medal 1988”, in *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988, p. 8.

Pekka Salminen, o presidente do júri, escreveu que a decisão foi unânime, em “*reconhecimento do significado universal do seu trabalho*”¹⁹²⁷. Salminen explicou que um factor importante para a decisão consistiu na afinidade entre o trabalho de Siza e o de Aalto, característica salientada também pela Ministra Finlandesa da Educação¹⁹²⁸.

Referiu como qualidades do trabalho de Siza nomeadamente o “*diálogo entre a cultura tradicional local e o fenómeno universal da actualidade*”, a capacidade de “*transformar aparentes contradições e paradoxos em sínteses*”, a criação de “*novas dimensões do significado da arquitectura*”, a capacidade de estabelecer ligações “*entre o passado e o futuro como uma contemporaneidade autêntica sem cair em sentimentalismos ou populismos estéticos*”¹⁹²⁹.

Para além do referido presidente, que representava a Associação Finlandesa de Arquitectos, integrava o júri outras personalidades finlandesas como: Jaakko Numminen, indicado pelo Ministério da Educação, Juhani Pallasmaa indicado pela Fundação para o Museu Finlandês da Arquitectura e Pekka Hellin indicada pela Sociedade de Arquitectura¹⁹³⁰. A estes juntaram-se Frampton e Carl Nyrén, arquitecto sueco, especialistas estrangeiros que de acordo com os estatutos do prémio deveriam ser convidados¹⁹³¹.

O prémio foi entregue a Siza num simpósio que teve lugar em Jyväskylä, a cidade natal de Aalto, tendo assistido aproximadamente quatrocentas pessoas de trinta e dois países¹⁹³² [fig.A3.63]. Depois da conferência proferida por Siza, o programa foi preenchido com conferências de Isosaki, Nyrén, Venezia, Glusberg e Frampton entre outros finlandeses que integraram um painel alternativo,

designadamente o por nós referido Markku Komonen, e incluiu ainda visitas a edifícios de Aalto¹⁹³³. Foram também apresentadas duas exposições: uma organizada pelo Museu Aalto com várias obras de Aalto e outra com trabalhos de antigos colaboradores de Aalto no foyer do Teatro da cidade de Jyväskylä¹⁹³⁴.

Importa realçar aquilo que argumentamos ter contribuído para a atribuição do prémio Alvar Aalto a Siza e que consideramos ter sido a divulgação do trabalho do arquitecto português na Finlândia. Esta divulgação foi maioritariamente realizada por Komonen, designadamente os dois artigos que escreveu sobre Siza na revista Finlandesa *Arkkitehti*, um em 1980 e outro em 1983, e a primeira exposição sobre Siza na Finlândia em 1982, que esteve patente em duas cidades, Helsínquia e Jyväskylä, todos por nós anteriormente analisados. No entanto, quando questionado directamente Komonen não nos respondeu sobre esta relação de eventual causalidade, que obviamente não será a única. Outro dado que empresta maior peso ao nosso argumento, prende-se com o facto de este prémio ser o resultado de uma iniciativa conjunta levada a cabo pela Associação Finlandesa dos Arquitectos e pelo Museu de Arquitectura Finlandês, tendo Komonen saído da estrutura do Museu de Arquitectura Finlandês dois anos antes da data de homenagem a Siza. Foi Salminen que fez uma referência clara à exposição de Siza organizada por Komonen em 1982 na Finlândia, no seu breve discurso de abertura do simpósio, explicando que aquela exposição permitiu ter contacto com o trabalho do arquitecto português¹⁹³⁵.

Destacamos das duas edições publicadas a propósito do prémio e do simpósio Aalto¹⁹³⁶ o texto de Marja-Ritta Norri, então directora do Museu de Arquitectura

¹⁹³³ “Programme”, Ibidem, s/p.

¹⁹³⁴ http://www.alvaraalto.fi/symposium_1988_en.htm acedido a 12/6/2014.

¹⁹³⁵ SALMINEN, Pekka, “Alvar Aalto Medal 1988”, Ibidem, p. 8.

¹⁹³⁶ A brochura comemorativa tem aproximadamente oito páginas, próximas do formato A5, onde foram publicadas a declaração do Conselho, um pequeno texto assinado por Siza, anteriormente editado, e uma breve biografia do arquitecto português. A brochura foi ilustrada por elementos gráficos: um esboço da Bouça, desenhos rigorosos e fotografia da Malagueira, desenhos e fotografia da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e do Pavilhão Carlos Ramos, e esboço e plantas da Agência Bancária de Vila do Conde. As fotografias são da autoria de Markku Komonen. *Álvaro Siza Vieira. The Alvar Aalto Medal, 1988*, Finlândia, The Finnish association of Architects, 1988. O livro relativo ao simpósio Alvar Aalto abriu com a publicação dos vários discursos das várias entidades envolvidas. Os discursos foram proferidos pela arquitecta Gunnel Adlercreutz, presidente do comité do Simpósio, por Jaakko Lovén, presidente da Câmara de Jyväskylä, por Pekka Salminen, presidente do Comité da Medalha Alvar Aalto e por Anna-Liisa Piipari, ministra da Educação. ADLERCREUTZ, Gunnel, “Opening Address”, in *The 4th*

¹⁹²⁷ Ibidem.

¹⁹²⁸ Ibidem. PIIPARI, Anna-Liisa, “Alvar Aalto Medal 1988”, Ibidem, p. 9.

¹⁹²⁹ SALMINEN, Pekka, “Alvar Aalto Medal 1988”, Ibidem, p. 8.

¹⁹³⁰ Ibidem.

¹⁹³¹ Ibidem.

¹⁹³² O simpósio ocorreu entre 19 e 21 de Agosto de 1988. Ibidem. A medalha foi entregue a Siza pela Ministra Finlandesa da Educação, Anna-Liisa Piipari, no primeiro dia. PIIPARI, Anna-Liisa, “Alvar Aalto Medal 1988”, Ibidem, p. 9. http://www.alvaraalto.fi/symposium_1988_en.htm acedido a 12/6/2014. O primeiro simpósio ocorreu em 1979, tendo desde aquele ano sido realizado com uma periodicidade de três anos, tendo sido a terceira vez que a entrega da medalha Alvar Aalto ocorreu durante o simpósio. *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988, p. 5.

Finlandesa, baseado numa entrevista a Siza e a conferência de Frampton [fig.A3. 61 e 62].

Da entrevista destacamos as afirmações de Siza relativas à sua relação com a poesia e desta com a sua arquitectura, à importância da teoria para a prática de arquitectura e à escola do Porto. É ainda interessante notar que Siza referindo-se com precisão ao termo lugar fixado por si e ao seu esforço de adaptação às suas características, tenha afirmado que é muito estimulante fazer esse exercício numa cidade que não conhecia anteriormente, nomeadamente no estrangeiro, o que por sua vez lhe permitia entender melhor as condições do seu país¹⁹³⁷.

Siza afirmou que por vezes tem uma necessidade vital de escrever poemas, mas que o faz para si, sem intenção de os publicar pois não acha que tenham qualidade¹⁹³⁸. Explicou porque é que aqueles exercícios de escrita nada têm que ver com a sua arquitectura, pelo facto do desenho ser uma forma de pensar ganhando distância das questões pessoais¹⁹³⁹. No entanto, entende que o inverso pode ser verdade, isto é, como escrever é um acto pessoal, pode reflectir algo relacionado com a sua arquitectura¹⁹⁴⁰. Acrescentou ainda que não queria que a sua arquitectura estivesse relacionada com os seus problemas pessoais¹⁹⁴¹.

Siza defendeu que é indispensável uma sólida base teórica para a realização de boa arquitectura¹⁹⁴². Entende que quando Aalto afirmou que tudo o que não fosse desenhar era desperdício de papel, estaria a reagir com exagero a algum

preconceito sobre arquitectura, ou a ironizar¹⁹⁴³. Acrescentou que foi muito influenciado por alguns dos textos que o próprio Aalto escreveu¹⁹⁴⁴. Ao mesmo tempo que afirmou que em Portugal há uma certa cultura do empirismo e que até pode concordar com aqueles que dizem que o movimento moderno no país não tem uma base teórica, explicou que houve sempre uma forte base académica baseada na Beaux-Arts e que depois da guerra os arquitectos portugueses entraram no debate disciplinar internacional¹⁹⁴⁵.

Para Siza, a escola do Porto é simplesmente uma instituição onde se ensina arquitectura¹⁹⁴⁶. Desmontou o respectivo fenómeno mediático a partir da abertura da informação num dado momento na Europa a vários países e regiões, e que pode ter sido transmitida uma ideia de uniformidade por talvez terem sido publicadas poucas obras¹⁹⁴⁷. Continuou dizendo que apesar de professores e alunos trabalharem em conjunto promovendo uma certa continuidade, que existem várias tendências, dando como exemplo o seu trabalho, Távora, Souto de Moura e Soutinho, e que tal ficará mais visível dada a elevada quantidade de trabalho que existe no momento para os arquitectos em Portugal¹⁹⁴⁸. Por outro lado, quando questionado sobre a sua formação referiu a importância de Carlos Ramos na reorganização da escola e sobretudo a influência de Távora¹⁹⁴⁹. Para Siza é exagerado falar-se num estilo do Porto, ou numa atitude especial do Porto em relação à arquitectura ou mesmo numa base teórica comum¹⁹⁵⁰. No entanto, nós entendemos haver alguma contradição nas palavras de Siza quando este se referiu à continuidade que se mantém através do trabalho em conjunto entre professores e alunos da escola e à influência de Távora no seu trabalho, pois estas duas situações parecem-nos contribuir para a noção alargada de escola como transmissora de princípios que rejeitou à partida.

International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988, p. 4, 5; LOVÉN, Jaakko, “Address of welcome”, Ibidem, p. 6, 7; SALMINEN, Pekka, “Alvar Aalto Medal 1988”, Ibidem, p. 8; e PIIPARI, Anna-Liisa, “Alvar Aalto Medal 1988”, Ibidem, p. 9. O extracto do texto de autoria de Siza aqui reeditado tinha sido publicado originalmente no número 159 da *Quaderns* de 1983 e posteriormente na monografia de Siza *Álvaro Siza, Profissão poética / Poetic Profession* de 1986, por nós analisado.

¹⁹³⁷ O texto de Norri baseado na entrevista foi ilustrado por elementos gráficos, uma foto de Siza, desenhos rigorosos da agência bancária em Oliveira de Azeméis, da Quinta da Malagueira, da casa Alcino Cardoso e fotografias da Bouça, das agências bancárias em Oliveira de Azeméis e Vila do Conde, da Malagueira. NORRI, Marja-Rita, “Views. Álvaro Siza”, in *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988, p. 14.

¹⁹³⁸ Ibidem, p. 19.

¹⁹³⁹ Ibidem.

¹⁹⁴⁰ Ibidem.

¹⁹⁴¹ Ibidem.

¹⁹⁴² Ibidem, p. 15, 16.

¹⁹⁴³ Ibidem, p. 15.

¹⁹⁴⁴ Ibidem, p. 16.

¹⁹⁴⁵ Ibidem.

¹⁹⁴⁶ Ibidem, p. 19.

¹⁹⁴⁷ Ibidem.

¹⁹⁴⁸ Ibidem, p. 19, 20.

¹⁹⁴⁹ Ibidem, p. 12.

¹⁹⁵⁰ Ibidem, p. 19.

Na sua conferência, Frampton dedicou-se ao tema da escola do Porto num artigo de grande fôlego¹⁹⁵¹. Frampton escreveu que deve muito ao colóquio *Architectures à Porto* e respectivo catálogo, naquele ano ainda não publicado, realizado em Clermont-Ferrand em 1987¹⁹⁵², no qual participou e foi por nós analisado. Argumentamos a importância que cada evento tem não só pelo seu valor em si, mas também pelo efeito de amplificação que tem em outros eventos.

De facto, Frampton revelou um conhecimento alargado e aprofundado da obra vários arquitectos do Porto, cujos exemplos foi dando para ilustrar aquilo que entendeu serem as características daquela escola, como obras de Távora, Siza, Souto de Moura, Soutinho, Domingos Tavares, Bernardo Ferrão, Carlos Portugal e João Álvaro Rocha.

Não foi a primeira vez que escreveu sobre o tema, o qual aprofundou neste artigo, tendo mantido a sua posição essencial. Tal como defendeu no seu texto publicado na monografia *Álvaro Siza, Professione poetica* em 1986, agora em 1988 Frampton continuou a defender que devia ser valorizada qualquer “*resistência marginal*”, qualquer “*criatividade colectiva*” perante a sedução generalizada do kitsch, facilitado pela crescente adesão à sociedade de consumo¹⁹⁵³. Em resposta às críticas que Portas fez no colóquio de Clermont Ferrand à escola do Porto constituindo uma alteração da sua opinião por nós oportunamente assinalada, Frampton considerou ser difícil pelo avanço do consumismo criar uma cultura popular aceitável, que Portas desejava que a escola fizesse¹⁹⁵⁴.

Embora Frampton tenha reconhecido a diversidade e a intensidade da obra dos arquitectos da escola do Porto, tal não constituiu para si uma negação da

existência de uma escola. Entendeu que a crença não confessada partilhada por aqueles arquitectos reconhecendo “*a arquitectura como uma contínua transformação no tempo*”, é o que está na base da escola se ter mantido “*criticamente lacónica em ambos os aspectos filosófico e tectónico*” e da “*fluidez lacónica da sua arquitectura inflectida regionalmente*”¹⁹⁵⁵.

Frampton atribuiu grande parte da responsabilidade desta postura a Távora¹⁹⁵⁶. À semelhança de outros autores como Bédarida, Wang e Vitale, Frampton destacou a sua importância para a escola, mas foi mais longe no detalhar daquelas razões. Destacou a sua prática profissional e sobretudo a sua actividade enquanto professor e director da escola, sobre o qual disse ter sido o único director no mundo a ter permanecido quarenta anos naquelas funções, sem que tenha perdido vitalidade e criatividade, mantendo-se pertinente a sua actividade pedagógica¹⁹⁵⁷. Aliás, Frampton identificou em Távora o início daquilo que designou como a “*linha lacónica*”, expressão que integrou o seu título; e que constituiu em seu entender a origem da escola, porque no seu trabalho como arquitecto demonstrou uma “*generosidade tectónica cada vez mais reforçada sem degenerar em exibicionismo estrutural*” e por também ser patente um “*racionalismo inflectido topograficamente*”, o que ilustrou com exemplos de obras suas¹⁹⁵⁸. Outro facto que terá contribuído para a sua consolidação foi o escritório de Távora ter servido como o que designou um local de pós-graduação informal, que formava profissionais que depois se tornavam professores na escola, tal como aconteceu com Siza, que por sua vez replicou o comportamento do seu mestre, à semelhança de outros escritórios¹⁹⁵⁹.

Ao longo do seu texto Frampton foi identificando referências internacionais em algumas obras e outras características mais frequentemente mencionadas. Referiu nomeadamente um delicado trabalho da pedra de “*alquímica brutalidade*”, que resultou da pesquisa sobre a arquitectura popular em Portugal, na qual atribuiu mais uma vez grande importância ao envolvimento de Távora; a “*integração de metáforas vanguardistas com formas vernaculares*”; e à semelhança de outros

¹⁹⁵¹ No livro relativo ao simpósio foram ainda publicados artigos e conferências de vários intervenientes, nomeadamente de Francesco Venezia e dos dois convidados estrangeiros do júri, Nyrén e Frampton. O texto de Frampton foi ilustrado por uma fotografia de Frampton e elementos gráficos relativos a projectos de vários arquitectos: de Fernando Távora, desenhos do projecto do CODA, do mercado de Santa Maria da Feira, da Pousada de Santa Marinha e uma fotografia do mercado; de Alcino Soutinho, desenhos de uma casa; de Bernardo Ferrão, desenhos de uma quinta; de João Álvaro Rocha, desenhos da piscina de Lamego; de Souto de Moura, fotografias de uma casa no Porto, do mercado de Braga, da casa no Algarve e respectivos desenhos; e de Siza, desenhos da Malagueira, da casa de Ovar, do jardim escola de Penafiel, da casa Alcino Cardoso, da piscina de Leça. FRAMPTON, Kenneth, “In search of a Laconic Line: A note on the School of Porto”, Ibidem, p. 100 – 115.

¹⁹⁵² Este texto resultou do trabalho posterior sobre a conferência que Frampton proferiu no Simpósio Alvar Aalto em 1988. Frampton agradeceu ao grupo Opus incertum, responsável pelos referidos colóquio e catálogo *Architectures à Porto*. Ibidem, p. 114.

¹⁹⁵³ Ibidem, p. 112.

¹⁹⁵⁴ Ibidem.

¹⁹⁵⁵ Ibidem, p. 105, 106.

¹⁹⁵⁶ Ibidem. Frampton referiu o mercado de Vila da Feira e a Pousada de Santa Marinha de Guimarães.

¹⁹⁵⁷ Ibidem, p. 102 - 106. Referimo-nos a Bédarida no número 7 da *AMC* de 1985, Wang no número 261 da *Arquitectura* de 1986, e Vitale no número 688 da *Domus* de 1987, todos por nós analisados.

¹⁹⁵⁸ FRAMPTON, Kenneth, “In search of a Laconic Line: A note on the School of Porto”, Ibidem, p. 105, 106.

¹⁹⁵⁹ Ibidem, p. 102.

autores como Bédarida, Wang e Vitale, também referiu a ênfase na topografia e no território, no entanto apontando duas maneiras até aí inauditas, através da modelação do lugar para receber o edifício, de acordo com a afirmação de Botta “*construir o lugar*”, e do tratamento do edifício como “*uma metáfora geológica*”¹⁹⁶⁰.

De entre este colectivo, Frampton destacou o trabalho de Souto de Moura marcado por um rigor minimalista que entende deixá-lo “*à parte das preocupações topográficas da Escola do Porto*”, o que também o faz distanciar-se do que designou como “*os ‘tics’ estilísticos idiossincráticos que estão entre as indulgências mais evidentes dos seguidores directos de Siza*”¹⁹⁶¹. Frampton salientou o particular trabalho com pedra de Souto de Moura; sobre as suas referências ao trabalho de Mies, também mencionado por Bru e Mateo, acrescentou lembrarem de forma inesperada Barragán e de um modo ténue a casa de vidro de Philip Johnson, entre outras referências¹⁹⁶².

Frampton acrescentou que a escola do Porto tem sido capaz de evocar o imaginário mágico e animista da sociedade rural portuguesa da primeira metade do século XX, cujo ambiente era similar ao do interior Japão, no seu processo de alteração e revitalização do discurso modernista¹⁹⁶³. Por último, afirmou ter querido prestar esta homenagem à escola do Porto, porque para além de querer honrar Siza através da caracterização do seu contexto cultural, esta se mantém como uma comunidade que através da sua produção diversa e de qualidade transcende a cultura decadente do “*star system*”¹⁹⁶⁴ [fig. A3.64].

Como dissemos, foi ainda atribuído a Siza um quarto prémio em 1988, o Prémio Prince of Wales da Harvard University, na sua primeira edição, pela obra da Malagueira, o qual partilhou com Ralph Erskine pelo Byker Redevelopment em Newcastle Upon Tyne [fig.A3. 68]. Este evento deu origem a uma exposição

¹⁹⁶⁰ Ibidem, p. 106 – 111. Referimo-nos a Vitale no número 655 da *Domus* de 1984, Bédarida no número 7 da *AMC* de 1985 e Wang no número 261 da *Arquitectura* de 1986, todos por nós analisados.

¹⁹⁶¹ FRAMPTON, Kenneth, “In search of a Laconic Line: A note on the School of Porto”, Ibidem, p. 111.

¹⁹⁶² Ibidem, p. 111, 112. Referido por Bru no livro *Arquitectura Europea Contemporânea* de 1987, e por Mateo no número 36 da *Rassegna* de 1988, todos por nós analisados.

¹⁹⁶³ FRAMPTON, Kenneth, “In search of a Laconic Line: A note on the School of Porto”, Ibidem, p. 112, 114.

¹⁹⁶⁴ Ibidem, p. 114.

e ao respectivo catálogo, que teve lugar no Gund Hall na Harvard University Graduate School of Design¹⁹⁶⁵ [fig.A3. 67]; a terceira com a participação de arquitectos portugueses, uma das quais monográfica sobre Siza por ocupar o lugar de professor Kenzo Tange em Harvard naquele ano, por nós analisadas.

Este prémio de desenho urbano estabelecido em 1986 destina-se a distinguir intervenções à escala urbana construídas nos dez anos anteriores em qualquer ponto do mundo, que tenham contribuído para a melhoria da qualidade de vida apontando um novo caminho para o desenho urbano¹⁹⁶⁶. O prémio tem como objectivo promover a missão pedagógica e intelectual da Escola de Design de Harvard, não querendo resumir-se à promoção de tendências, estilos ou habilidades tecnológicas, procurando antes reflexões elaboradas em questões significativas¹⁹⁶⁷.

Nesta edição foram nomeados quarenta e seis projectos, que se distribuíam na sua maioria pela América do Norte e Europa, e uma pequena percentagem na Ásia e Austrália¹⁹⁶⁸. O júri foi presidido por Peter Rowe, professor de arquitectura e director dos programas de desenho urbano na Escola, e constituído por Moneo, professor e director do departamento de arquitectura, Laurie Olin, professora de

¹⁹⁶⁵ A exposição ocorreu entre 25 de Outubro e 11 de Novembro de 1988. As outras duas exposições foram da responsabilidade de Wang, tendo dedicado uma a Siza e outra à arquitectura emergente europeia, na qual participaram Souto de Moura e José Paulo dos Santos, por nós ambas analisadas. O catálogo do Prémio Prince of Wales é constituído por textos iniciais sobre o prémio, breves descrições sobre o projecto Byker e a Malagueira e a declaração do júri assinada por Peter Rowe, o seu presidente, na qual foi feita uma análise detalhada de ambos os projectos vencedores, seguindo-se a sua apresentação. “The Prince of Wales Prize in Urban Design, 1988”, Ibidem, p.3; “The Byker Redevelopment Project”, Ibidem, p. 4; “The Malagueira Quarter Housing project”, Ibidem, p. 5; e “Jury Statement”, Ibidem, p. 7 - 11. Os projectos foram publicados através de um texto e de elementos gráficos, desenhos rigorosos, várias fotografias e no caso do projecto da Malagueira também através de esboços. “The Byker Redevelopment project. Newcastle upon Tyne, United Kingdom, 1969 – 82”, *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988, p. 12 – 23; e “The Malagueira Quarter Housing Project. Évora, Portugal, 1977 – Present”, *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988, p. 24 - 35. *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988.

¹⁹⁶⁶ Este prémio em nome de Verónica Rudge Green homenageou o Prince of Wales por ocasião da visita fez àquela instituição no ano de 1986, por altura da celebração do aniversário de 350 anos da Harvard University e dos 50 anos da sua Graduate School of Design. Os projectos a serem considerados para o prémio são indicados por um painel internacional de críticos, académicos e profissionais, sendo os projectos finalistas visitados pelos elementos do júri. “The Prince of Wales Prize in Urban Design, 1988”, Ibidem, p. 3.

¹⁹⁶⁷ Ibidem.

¹⁹⁶⁸ Ibidem.

arquitectura paisagista, Ada Louise Huxtable, crítica de arquitectura retirada e ex-membro do conselho editorial do *New York Times*¹⁹⁶⁹.

O júri decidiu focar-se em grandes projectos de habitação, e entende que as propostas de Erskine e Siza respondem de duas maneiras diferentes de pensar o projecto, cada uma delas baseada no seu local e época, com as quais se pode aprender¹⁹⁷⁰. É ainda de salientar que Portugal continuou a ser apresentado como um país com condições económicas desfavoráveis, neste caso por comparação com o Reino Unido, sendo que é considerada uma vantagem para o objectivo do prémio, a diferença de contexto económico dos dois projectos, pois permite estender as suas lições a um maior número de países no mundo¹⁹⁷¹.

Wang informou-nos que foi contactado por Peter Rowe, a propósito das suas imagens da Quinta da Malagueira, as quais pensa terem sido usadas no respectivo catálogo¹⁹⁷². Comentou-nos ainda que o facto de Siza estar a dar aulas nesse ano na Universidade está de alguma forma relacionado com a atribuição deste prémio¹⁹⁷³.

É de referir que no ano de 2013 este prémio voltava a ser atribuído a outro português, o arquitecto Souto de Moura pela obra do Metro do Porto.

¹⁹⁶⁹ Ibidem.

¹⁹⁷⁰ Ibidem.

¹⁹⁷¹ Ibidem.

¹⁹⁷² WANG, Wilfried, entrevista por correio electrónico, 16/7/2013. No entanto não conseguimos confirmar esta afirmação porque não é identificada no catálogo a origem das imagens.

¹⁹⁷³ Ibidem.



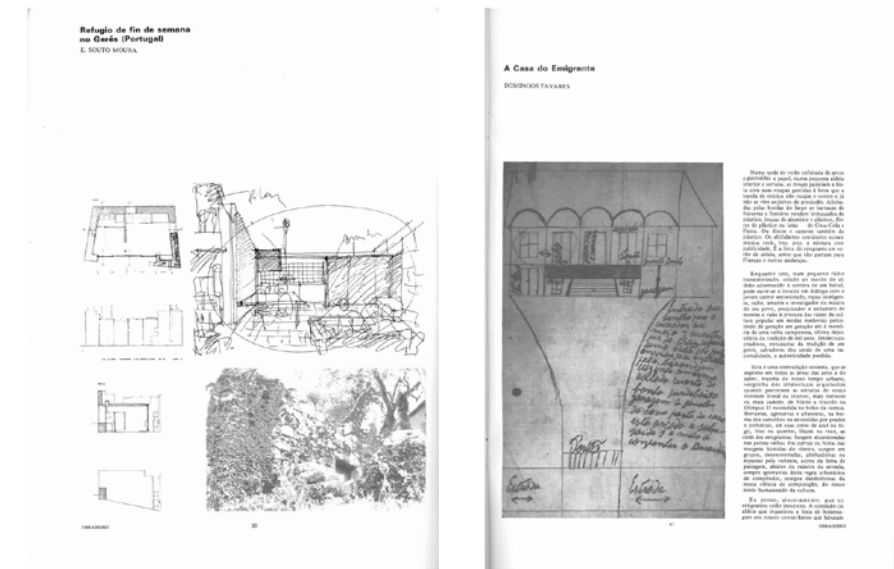
ANEXO 3

DOCUMENTOS ILUSTRATIVOS

Ano de 1984

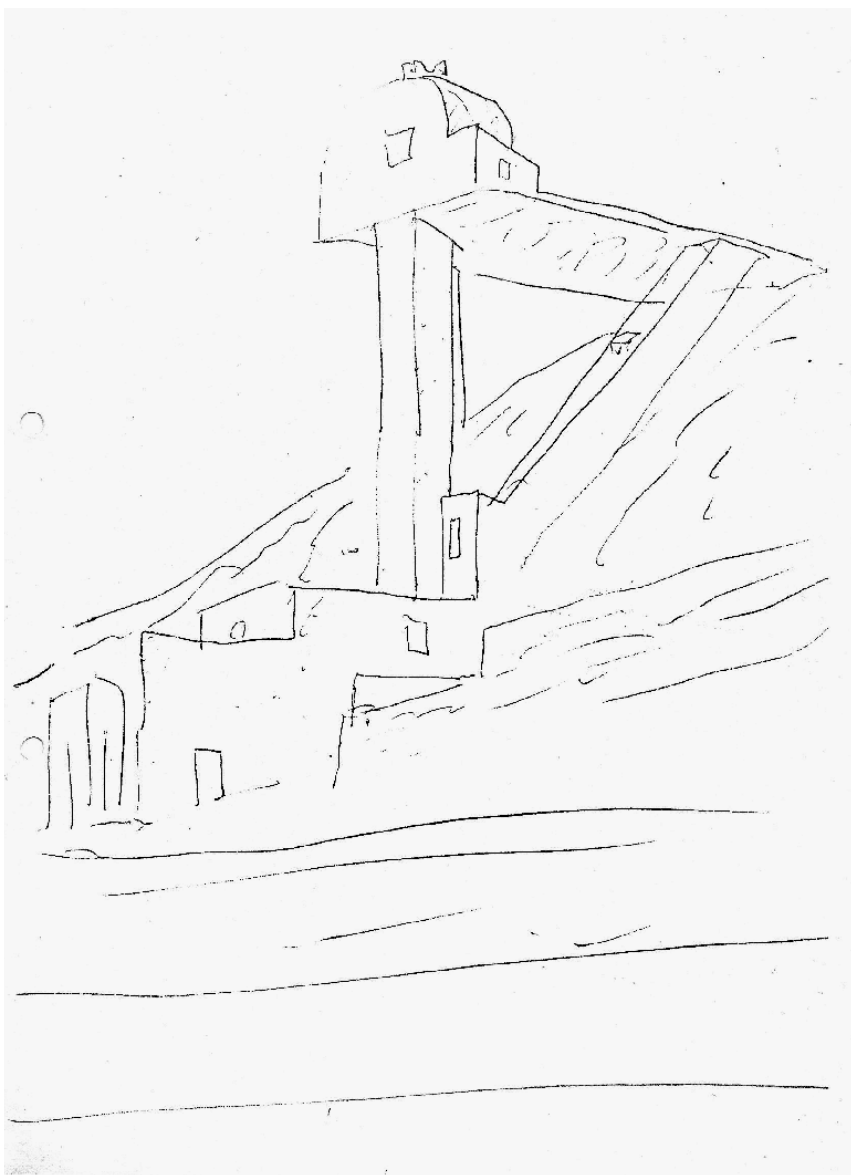
Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Alemanha, Reino Unido, Holanda, Estados Unidos da América e pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação na Áustria.

Em Espanha a arquitectura portuguesa participou em seis eventos. Foi publicada em quatro edições: nos números 9 e 10 da *Obradoiro*, através do trabalho de Souto de Moura e de Manuel Teles no primeiro número referido, e do trabalho de Alcino Soutinho e de um texto de Domingos Tavares no segundo número; no número 163 da *Quaderns*; e em *La casa unifamiliar. Últimas tendencias en una arquitectura de transición*, em ambas as últimas edições através do trabalho de Siza. Constata-se registo da participação de José Paulo dos Santos num simpósio sobre Arquitectura Europeia Contemporânea, o qual teve como consequência posterior no número 167 / 168 da revista *Quaderns* de 1985 / 1986. Constata-se a participação de Siza numa exposição intitulada *Exposición Nuevos Muebles*.

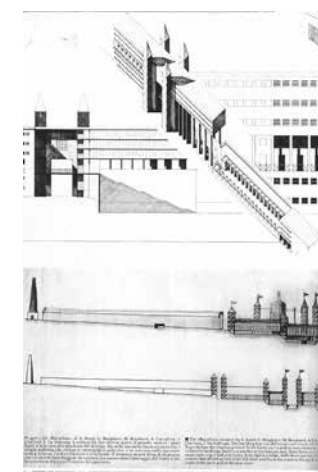
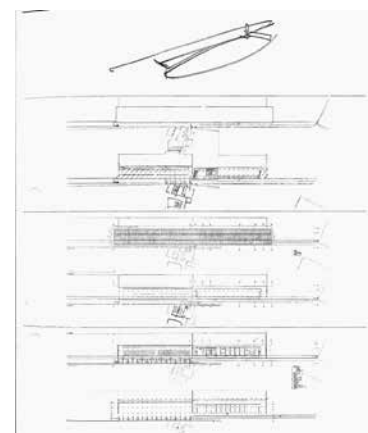


A3.1. *Obradoiro*, n. 9, 1984, p. 20.

A3.2. *Obradoiro*, n. 10, 1984, p. 41.

A3.3. *Quaderns*, n. 163, 1984, p. 60.

Em Itália a arquitectura portuguesa foi publicada em onze edições: em cinco números da *Casabella*, 498/499, 500, 501, 505 e 506, em todos através do trabalho de Siza, à excepção do número 501 no qual foi publicado o trabalho de Souto de Moura; no número 655 da *Domus*, através de obras de Charters Monteiro, Gonçalo Byrne, Duarte Cabral de Mello, João Luís Carrilho da Graça, Siza, Souto de Moura e Alcino Soutinho; em dois números da *Lt I*, 41 e 42; no número 69 da *Modo*; no número 226 da *Abitare*, nas últimas quatro edições referidas através do trabalho de Siza; e no número 2 da revista *Bauhaus*, através do trabalho de Souto de Moura.

A3.4. *Casabella*, n. 501, 1984, p. 39.A3.5. *Modo*, n. 69, 1984, p. 44, 45. | A3.6. *Domus*, n. 655, 1984, p. 12.

Em França a arquitectura portuguesa figurou em três eventos. Foi publicada em duas edições: no número 235 da *L'Ojd* e no número 351 da *Techniques et Architectures*, em ambas através do trabalho de Siza. Tivemos conhecimento da participação de Graça Dias numa exposição intitulada *Théorie de l'architecture* em Paris, a qual se tratava de uma colectiva de desenhos.

Na Alemanha a arquitectura portuguesa figurou em cinco eventos. Foi publicada em quatro edições: no número 40 da *Bauwelt*, através do trabalho de Siza, Souto de Moura e Adalberto Dias; na *Baumeister*; em *Bürgerbeteiligung in Portugal*; em *Zwischenbericht*, nas três últimas edições referidas através do trabalho de Siza. Constatou-se a participação da arquitectura portuguesa na exposição designada *The International Building Exhibition*, através do trabalho de Siza, e das intervenções SAAL de Pedro Ramalho, Rolando Torgo, Alfredo Matos Ferreira, Sérgio Fernandez e Alcino Soutinho.

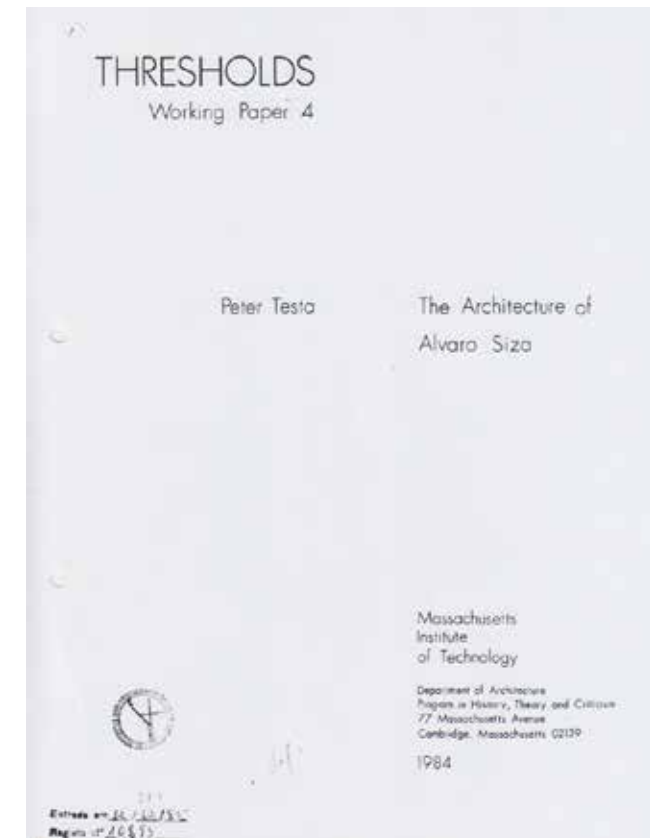
No Reino Unido a arquitectura portuguesa foi publicada em três edições: no número 11 / 12 da *Architectural Design*, *AD Profile 56*, no número 677 da *Building Design*, em ambas através do trabalho de Siza, e no número 6 da *AA Files*, através do trabalho de Souto de Moura, sendo os dois últimos artigos da autoria de Wilfried Wang.



A3.7. *Building Design*, n. 677, 1984, p. 26, 27.

Na Holanda a arquitectura portuguesa esteve patente numa exposição na Universidade de Tecnologia em Delft, conhecida como TU Delft em Janeiro, através do trabalho de Siza.

Nos Estados Unidos da América a arquitectura portuguesa foi publicada em duas edições: “The architecture of Alvaro Siza”, através do trabalho de Siza, e em “The scope of social Architecture”, através do SAAL e de um texto de Portas.



A3.8. TESTA, Peter, *The Architecture of Álvaro Siza*, Thresholds Working Paper, n. 4, Cambridge, MIT, 1984, p. capa

Na Áustria constata-se a publicação, pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação, de arquitectura portuguesa no número 104 da revista *Bauforum*, através do trabalho de Siza.

Ano de 1985

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Alemanha, Reino Unido, Estados Unidos da América, Japão e pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação no Egipto.

Em Espanha a arquitectura portuguesa figurou em sete eventos. Foi publicada em seis edições: no número 167 / 168 da *Quaderns*, através do trabalho de José Gigante / Francisco Melo e Souto de Moura, como consequência do seminário Arquitectura Europeia Contemporânea organizado no ano anterior; nos números 11 e 12 da *Obradoiro*, através do trabalho de Siza e Alcino Soutinho, no primeiro número referido, e através do trabalho de Adalberto Dias e Paula Silva no segundo número referido; no número 257 da *Arquitectura*; no número 4/5 da *Periferia* e no número 1 da *A&V*, através do trabalho de Siza nas últimas três edições referidas. A arquitectura portuguesa esteve ainda presente na Feira de Arte Contemporânea de Madrid, ARCO, através dos desenhos de Graça Dias.



A3. 9. *Obradoiro*, n. 11, 1985, p. 41. [arquivo: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia. Biblioteca

A3. 10. *Periferia*, n. 4 / 5, 1985, p. 12.

A3. 11. DIAS, Manuel Graça, *Hiper Modernistas com os "baixos ondulantes"*, Lisboa, Cómicos, 1985, p. capa.

Em Itália a arquitectura portuguesa figurou em nove eventos. Foi publicada em sete edições: nos números 514 e 518 da *Casabella*; no número 22 da *Rassegna*; no número 31/32 de *Spazio e Società*; através do trabalho de Siza nas quatro edições acabadas de referir; no número 661 da *Domus*, através do trabalho de Tomás Taveira; nos números 45 e 46 da *Lt I*, através de um texto de Byrne e do trabalho de Alcino Soutinho, respectivamente. A arquitectura portuguesa esteve patente na edição da Bienal de Veneza deste ano, através do trabalho de José Alberto de Miranda com Ângelo Bondioli, e de João Sérgio Santos Carreira; e numa exposição intitulada *La ricostruzione della città*. Berlino - IBA 1987, através do trabalho de Siza.



A3.12. *Casabella*, n. 514, 1985, s/p.

A3.13. *Lotus International*, n. 46, 1985, p. 46.

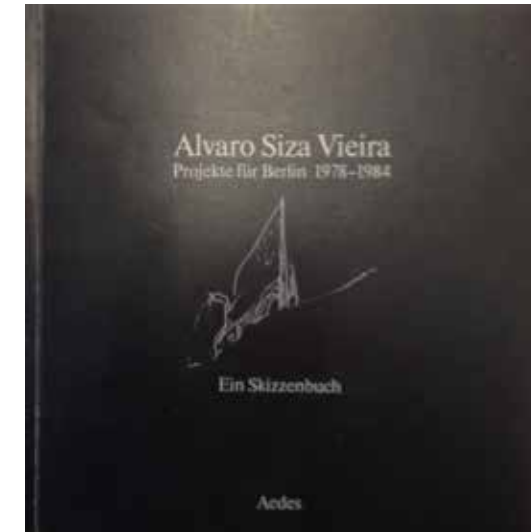
A3.14. *Domus*, n. 616, 1985, p. 2.

Em França a arquitectura portuguesa figurou em quatro eventos. Foi publicada em três edições: nos números 240 e 242 da *L'Ojd*, através do trabalho de Siza e Souto de Moura no primeiro número referido, e do trabalho de Siza no segundo número; e no número 7 da *AMC*, através do trabalho de Siza, Alcino Soutinho, José Gigante, Souto Moura, Virgínio Moutinho e Adalberto Dias. A arquitectura portuguesa participou na XIII Biennale de Paris, através do trabalho de Siza, Souto de Moura e Carrilho da Graça.



A3.15. *Vu de L'Interieur ou la Raison de L'Architecture*, Paris, Biennale de Paris. Architecture, 1985, p. capa. | A3.16. *AMC*, n. 7, 1985, p. 5, 6.

Na Alemanha a arquitectura portuguesa esteve patente na Galeria AEDES, através do trabalho de Siza.



A3.17. Álvaro Siza Vieira. *Projekte für Berlin 1978 – 1984, Ein Skizzenbuch*, Berlin, Aedes, 1985, capa. [arquivo: cortesia Brigitte Fleck]

No Reino Unido a arquitectura portuguesa foi publicada em três edições: no número 45 da *Architects Journal*; no número 7 da *9H*; e na segunda edição do livro de Kenneth Frampton intitulado *Modern Architecture, a critical history*, em todas através do trabalho de Siza.



A3.18. FRAMPTON, Kenneth, *Modern Architecture. A critical history*, London: Thames & Hudson, 1985, p. 313, 317.

Nos Estados Unidos da América a arquitectura portuguesa foi publicada em duas edições: no volume 66 número 12 da *Progressive Architecture*, através do trabalho de Tomás Taveira; e no livro intitulado *Architecture and city planning in the twentieth century*, através do trabalho de Siza.



A3.19. MORTON, David, "PM in Portugal", *Progressive Architecture*, n.12, 1985, p. 64, 65.

No Japão a arquitectura portuguesa foi publicada no livro *101 People Responsible for Foreign Architects Modern Architecture*, através do trabalho de Gonçalo Byrne.

No Egito a arquitectura portuguesa esteve patente pela primeira vez no período coberto pela presente dissertação na exposição que acompanhou o XV Congresso Mundial de Arquitectura da União Internacional de Arquitectos (UIA) no Cairo, através do trabalho de Siza.

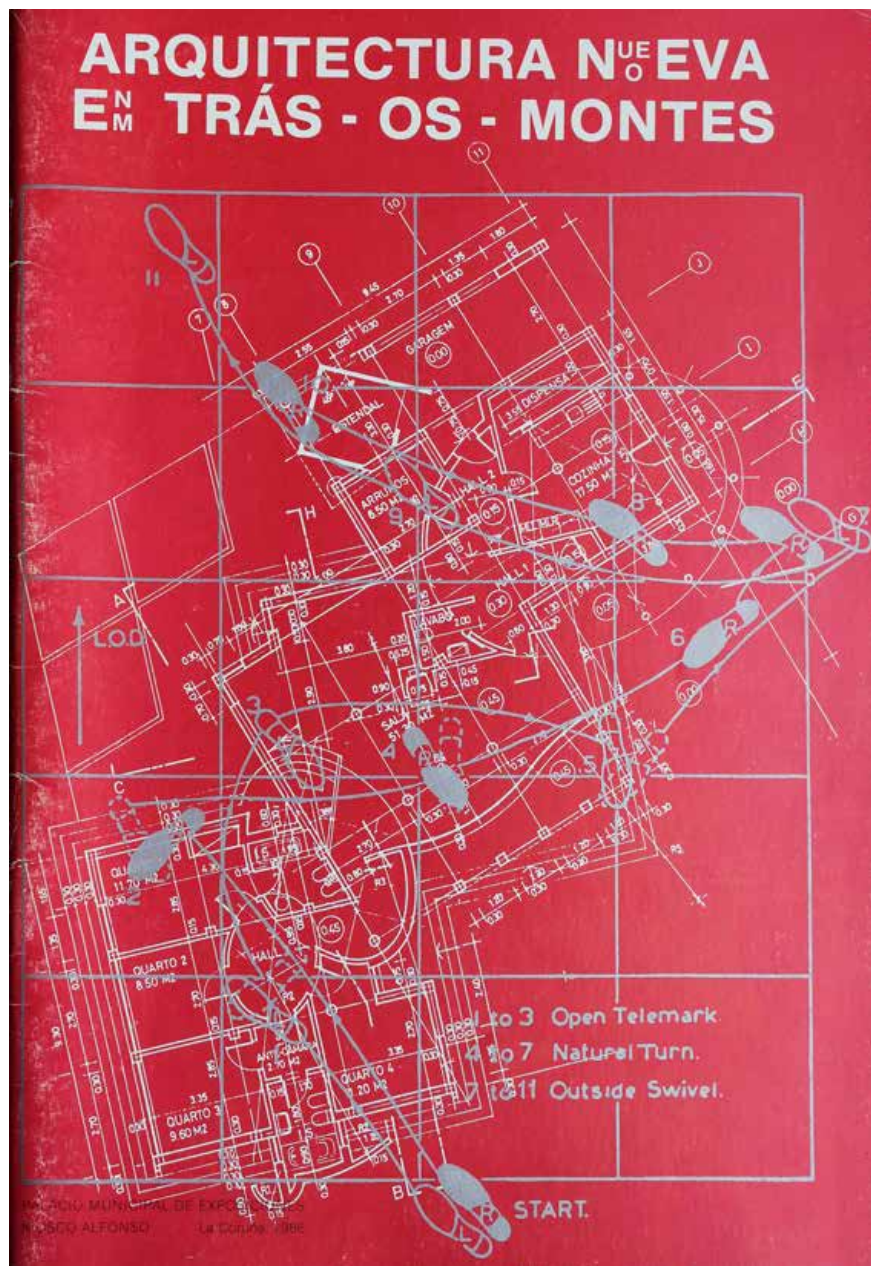
Ano de 1986

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Alemanha, Reino Unido, Suíça, Dinamarca, Estados Unidos da América, e Japão.

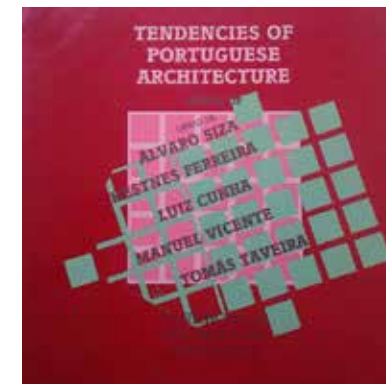
Em Espanha a arquitectura portuguesa figurou em sete eventos. Foi publicada em três edições: no número 169/170 da *Quaderns*, através do trabalho de Siza e Souto de Moura; no número 261 da *Arquitectura*, através do trabalho de Távora, Siza e Souto de Moura; no número 8 da *A&V Monografias de Arquitectura y Vivienda*, através do trabalho de Siza. A arquitectura portuguesa participou em quatro eventos: numa exposição de desenhos de arquitectura de Luiz Cunha, Manuel Graça Dias, Troufa Real e Tomás Taveira; numa exposição intitulada *Arquitectura Ibérica Actual*, através do trabalho de Luiz Cunha, Belém Lima, Chuva Gomes, Graça Dias, Troufa Real e Tomás Taveira; num Seminário intitulado *Arquitectura Nueva en Tras-os-Montes*, através do trabalho dos Pioledo, Manuel Graça Dias, Júlio Teles Grilo e de Egas José Vieira; e teve início em Barcelona a itinerância da exposição *Tendências da Arquitectura Portuguesa* que exibia trabalhos de Siza Vieira, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente e Tomás Taveira.



A3.20. *Arquitectura*, 1986, n. 261, p. capa. | A3.21. *Arquitectura Ibérica Actual*, Almagro, Galeria Fucares, 1986, capa. [arquivo: cortesia Belém Lima] | A3.22. Carta convite de Juan de La Calle a Belém Lima para participação na exposição *Arquitectura Ibérica Actual*. [arquivo: cortesia Belém Lima]



A3.23. *Arquitectura Nueva en Trás-os-Montes*, La Coruña, Palácio Municipal de Exposiciones Kiosco Alfonso, 1986, p. capa.



- A3.24. *Tendencias de la Arquitectura Portuguesa*, 1986, p. capa.
 A3.25. *Tendências da Arquitetura Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1987, p. capa.
 A3.26. *Tendencies of Portuguese Architecture*, Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990, p. capa.
 A3.27. *Tendances de L'Architecture Portugaise*, Lisboa, 1990, p. capa.
 A3.28. *Tendências da Arquitectura Portuguesa*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1990, p. capa.
 A3.29. *Tendências da Arquitectura Portuguesa*, Instituto de Arquitectura do Japão, 1992, p. capa.



A3.30. Convite *Tendências da Arquitectura Portuguesa*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1990.

Em Itália a arquitectura portuguesa figurou em onze eventos. Foi publicada em sete edições: nos números 526, 528 e 530 da *Casabella*, através do trabalho de Portas no último número referido, e do trabalho de Siza nos restantes números; no número 677 da *Domus*; no número 252 da *Abitare*, no número 363 da *Architettura*, *Cronache e Storia*, e no livro monográfico *Alvaro Siza, Professione Poetica*, através do trabalho de Siza, nas quatro últimas edições referidas. O projecto de Siza para a Giudecca foi exibido na exposição intitulada *Ridisegnare Venezia. Dieci progetti di concorso per la ricostruzione di Campo di Marte alla Giudecca*, os arquitectos José Paulo dos Santos, Jorge Nuno Monteiro e João Luís Carrilho da Graça foram escolhidos por Siza para participar na exposição *Archs under35*, a qual teve lugar em dois locais em Florença, e deu ainda origem a um congresso no qual Siza participou; Siza também participou na mesa redonda *L'innovazione nella città*.



A3.31. *Casabella*, n. 526, 1986, p. capa.



A3.32. *Álvaro Siza Professione Poética / Poetic Profession*, Milão, Electa, 1986, p. capa

Em França a arquitectura portuguesa foi publicada no número 248 da *L'Ojd*, através do trabalho de Siza.

Na Alemanha a arquitectura portuguesa foi publicada no volume 78, número 36 da *Bauwelt*, através do trabalho de Siza.

No Reino Unido a arquitectura portuguesa figurou em três eventos. Foi publicada em duas edições: no número 792 da *Building Design*, e no catálogo da exposição intitulado *International Building Exhibition, Berlin 1987: Examples of a New Architecture*, ambas através do trabalho de Siza. O trabalho de Siza foi objecto de uma exposição monográfica intitulada *Álvaro Siza, recent work* a qual teve lugar na Galeria 9H.



A3.33. *Álvaro Siza: Recent work*, Londres, 9H Gallery, 1986, p. capa.

A3.34. *Building Design*, 1986, p. 16, 17.

Na Suíça a arquitectura portuguesa foi objecto de uma publicação académica preparatória de uma visita de estudo a Portugal intitulada *Álvaro Siza Vieira: Porto: Lisboa: Seminar Woch*.

Na Dinamarca a arquitectura portuguesa foi publicada no número 6 da *Skala*, através do trabalho de Siza.



A3.35. *Skala*, n. 6, 1986, p. 12.

Nos Estados Unidos da América o trabalho de Siza foi objecto da sua primeira exposição naquele território, a qual teve lugar no MIT.



A3.36. *Álvaro Siza: Buildings and Projects*, Cambridge, MIT, 1986, p. capa.

No Japão a arquitectura portuguesa foi publicada no número 191 da *a+u*, através do trabalho de Siza.

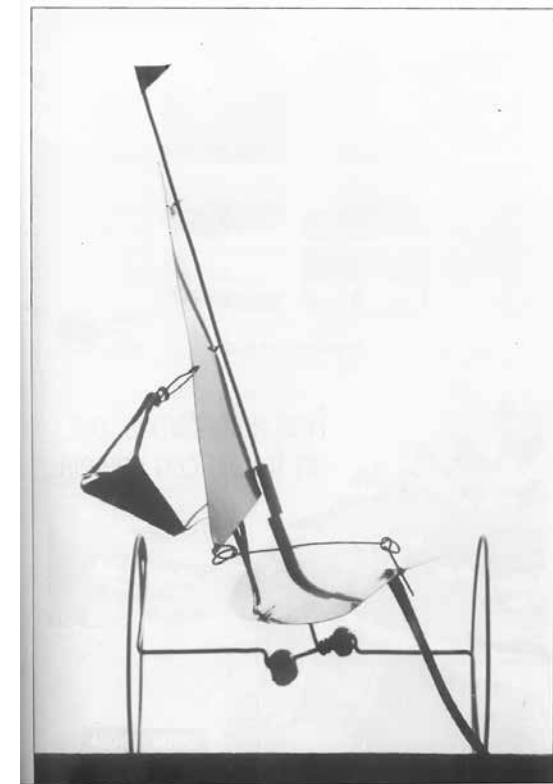


A3.37. *a+u*, n. 191, 1986, p. 112.

Ano de 1987

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Alemanha, Reino Unido, Holanda, Suíça, Dinamarca, Estados Unidos da América, Argentina, Brasil e Japão.

Em Espanha a arquitectura portuguesa figurou em seis eventos. Foi publicada em cinco edições: no número 13 da *Obradoiro*, através do trabalho de Siza, José M. Carvalho / José M. Soares / António Corte-Real, M. Correia Fernandes / L. Pinho Miranda, e de Virginio Moutinho; no número 175 *Quaderns*, através do trabalho de Siza; no número 4 da revista *Cyan*, através do trabalho do Pioledo; no livro *Arquitectura Europea Contemporânea*, através do trabalho de Siza, Souto de Moura, José Paulo dos Santos e José Gigante; e numa edição espanhola da revista Japonesa *a+u* dedicada ao IBA em Berlim, através do trabalho de Siza. Siza participou num encontro sobre arquitectura europeia contemporânea em Barcelona.



A3.38. *Obradoiro*, n. 13, 1976, p. 19.



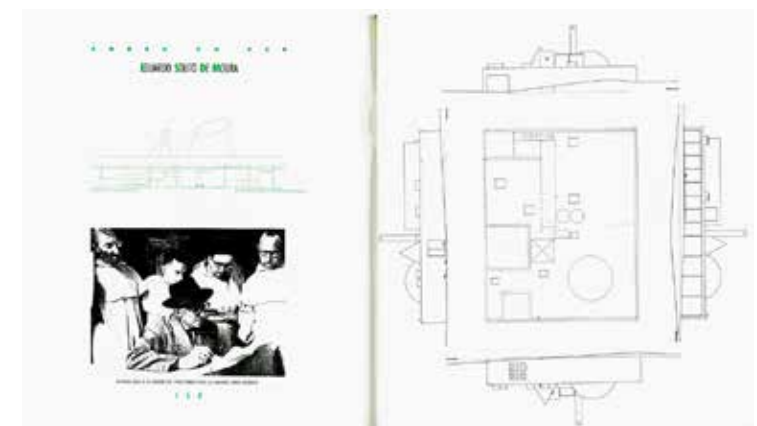
A3.39. *Cyan*, n. 4, 1987, p. 18. | A3.40. *Quaderns*, n. 175, 1987, p. 50.

Em Itália a arquitectura portuguesa figurou em dez eventos. Foi publicada em sete edições: em três números da *Domus*, no número 679 através do trabalho de Siza, no número 683 através de referências a José Paulo dos Santos, Jorge Nuno Monteiro, Carrilho da Graça e Siza, no número 688 através do trabalho de Fernando Távora e de Alexandre Alves Costa; em três números 534, 536 e 538 da *Casabella*, em todos através do trabalho de Siza e no último número referido também através do trabalho de Souto de Moura; no número 51 da *Lotus International*, através do trabalho de Siza e de um texto de Gonçalo Byrne. Adalberto Dias terá proferido uma comunicação integrada nas comemorações do cinquentenário da Faculdade de Arquitectura de Nápoles, a qual terá tido lugar no Maschio Angioino. Carrilho da Graça terá participado numa exposição intitulada *La Città e il Fume*; e Souto de Moura na exposição *Le Città immaginate, un viaggio in Italia, nove progetti per nove città* da XVI Trienal de Milão.



A3.41. *Domus*, n. 679, 1987, s/p. | A3.42. *Domus*, n. 688, 1987, p. 32.

Em França a arquitectura portuguesa figurou em cinco eventos. Foi publicada em três edições: nos números 216 e 218 da *Architecture Intérieure Cree*, através do trabalho de Souto de Moura e de Siza, respectivamente; e no número 30 da *Architecture méditerranéenne*, através do trabalho de Tomás Taveira. Um projecto de Souto de Moura foi publicado no catálogo da exposição “*Corbu vu par*”; os arquitectos Siza, Portas, Manuel Mendes, Souto de Moura, José Gigante, Adalberto Dias, João Álvaro Rocha e Miguel Guedes de Carvalho participaram num colóquio em Clermont-Ferrand que acompanhou uma exposição, a qual deu origem a um livro intitulado *Architectures à Porto* editado em 1990 sobre a obra de vários arquitectos do Norte de Portugal.



A3.43. *Architecture méditerranéenne*, n. 30, 1987, p. 205

A3.44. cartaz *Architectures à Porto*, 1987. [arquivo: cortesia Opus Incertum]

A3.45. Siza numa fotomontagem como monge a assistir a uma explicação de Corbusier. *Corbu vu par*, Paris, Pierre Mardaga Editeur, 1987, p. 158.

Na Alemanha a arquitectura portuguesa figurou em 2 eventos. Foi publicada no número 7 da *Baumeister*, através do trabalho de Siza; e integrou a exposição *The International Building Exhibition*.



A3.46. Postal de uma série humorística com a legenda: “Há coisas entre o céu e a terra. IBA Berlim 84 / 87” [arquivo: cortesia Brigitte Fleck] .

No Reino Unido a arquitectura portuguesa foi publicada no número 3 / 4 da revista *Art & design - Special issue. The Post-Modern object*, através do trabalho de Tomás Taveira.

Na Holanda a arquitectura portuguesa foi publicada no número 7 da revista *Archis*, através do trabalho de Siza.

Na Suíça a arquitectura portuguesa foi publicada no número 5 / 6 da revista *Faces*, através do trabalho de Souto de Moura.



A3.47. *Faces*, n. 5 / 6, 1987, p. 4, 5.

Na Dinamarca a arquitectura portuguesa foi publicada no número 13 da revista *Arkitekten*, através do trabalho de Siza.

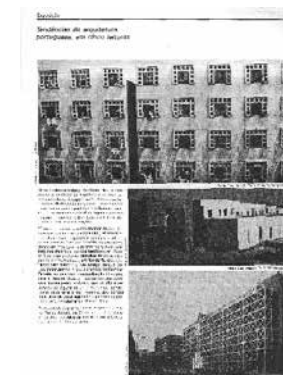
Nos EUA, a arquitectura portuguesa figurou em quatro eventos. Foi publicada no número 2 da *Assemblage*, no número 40 do *Journal of Architectural Education*, e no livro *Contemporary Architects*; através do trabalho de Siza em todos os números. O trabalho de Siza terá sido objecto de uma exposição na Columbia University.



A3.48. *Assemblage*, n.2, 1987, p. 63.

Na Argentina a arquitectura portuguesa foi objecto da exposição itinerante intitulada *Tendências da Arquitectura Portuguesa*, através do trabalho de Siza Vieira, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente e Tomás Taveira.

No Brasil a arquitectura portuguesa figurou em dois eventos. Foi publicada no número 98 da revista *Projeto*, a propósito da exposição itinerante intitulada *Tendências da Arquitectura Portuguesa*, através do trabalho de Siza Vieira, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente e Tomás Taveira.



A3.49. *Projeto*, n. 98, 1987, p. 95.

No Japão a arquitectura portuguesa foi publicada em três números da *a+u*, no número 196 praticamente monográfico através do trabalho de Tomás Taveira, no número 205 e num número especial através do trabalho de Siza.



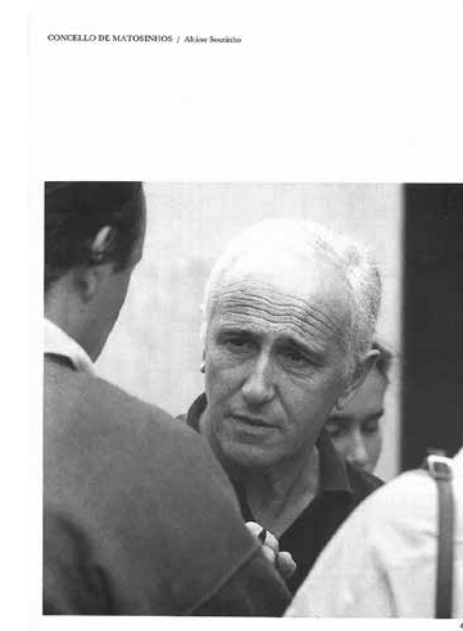
A3.50. *a+u*, n. 196, p. capa.

A3.51. *a+u*, n. 205, p. 31.

Ano de 1988

Constata-se a participação da arquitectura portuguesa em eventos em: Espanha, Itália, França, Reino Unido, Holanda, Finlândia, Brasil, e nos Estados Unidos da América.

Em Espanha a arquitectura portuguesa figurou em doze eventos. Foi publicada em oito edições: no número 14 da *Obradoiro* através do trabalho de Alcino Soutinho; em dois números, 176 e 178, da *Quaderns*, através do trabalho do Siza, tendo no segundo número sido também publicada uma obra de João Álvaro Rocha; em dois números, 271 / 272 e 275 / 276, da *Arquitectura*; no número 3 da *Arquitectura Viva*; e no número 16 da *A&V Monografias de Arquitectura y Vivienda*; no livro monográfico *Profesión Poética / Profissão poética*; em todas as últimas edições referidas através do trabalho de Siza. O arquitecto Adalberto Dias terá proferido uma comunicação na Faculdade de Arquitectura de Valladolid; e Alcino Soutinho terá participado no XVIII workshop da European Association for Architectural Education (EAAE). Foram atribuídos dois prémios a Siza: o Prémio Europeu de Arquitectura da Comissão das Comunidades Europeias / Fundação Mies van der Rohe, e a Medalha de Ouro de Arquitectura do Conselho Superior dos Colégios de Arquitectos de Espanha.



A3.52. *Obradoiro*, n. 14, 1988, p. 43.



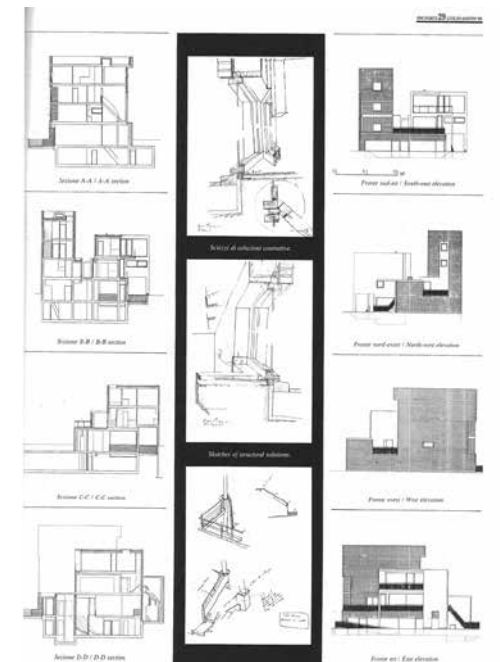
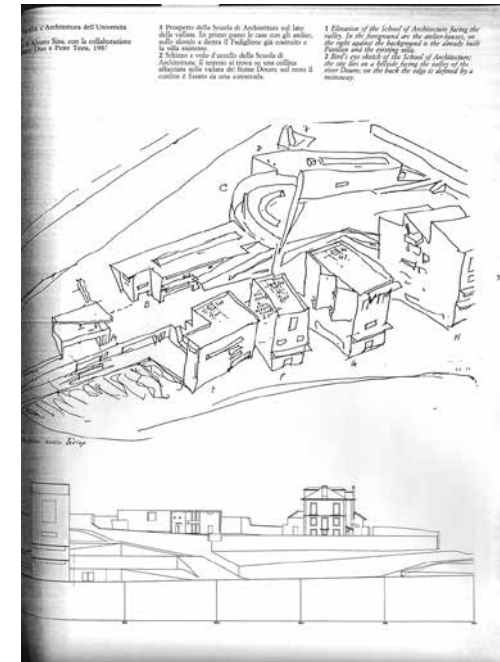
A3.53. *Arquitectura*, n. 271, 272, 1988, p. 172.

A3.54. *Arquitectura Viva*, n. 3, 1988, p. 38.

A3.55. *Quaderns*, n. 178, 1988, p. 30.

A3.56. Cerimónia de entrega do prémio Mies van der Rohe a Siza, 1988. Pasqual Maragall, então presidente da Câmara de Barcelona, entrega o prémio a Siza. [arquivo: Eugeni Bofill / FRIS - Fundació Mies van der Rohe].

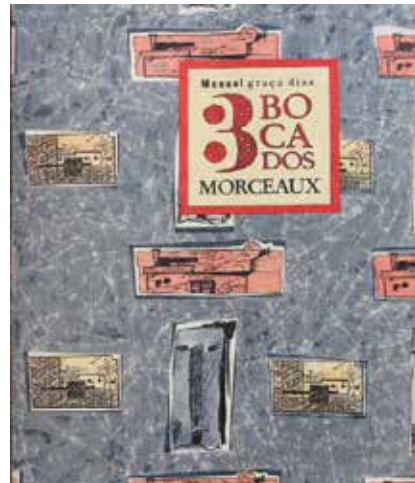
Em Itália a arquitectura portuguesa foi publicada em sete edições: em quatro números, 547, 548, 551 e 552, da *Casabella*; no número 696 da *Domus*, em todos estes números através do trabalho de Siza; no número 36 da *Rassegna*, através de referências ao trabalho de Siza e Souto de Moura; e no livro *Palermo 1991 - Nove Approdi per l'Esposizione Nazionale*, através do trabalho de Souto de Moura



A3.57. *Casabella*, n. 547, 1988, p. 5.

A3.58. *Domus*, n. 696, 1988, p. 29.

Em França a arquitectura portuguesa figurou em oito eventos. Foi publicada em seis edições: em três números, 19, 21 e 22, da *AMC*, através do trabalho de Siza, Alcino Soutinho e de Teotónio Pereira, respectivamente; no número 87 da *Le Mur Vivant*; na enciclopédia *Le grand atlas de l'architecture mondiale*; em ambos os números através do trabalho de Siza; e no livro *Cafés*, através do trabalho de Souto de Moura. Desenhos de Graça Dias integraram uma exposição intitulada *Trois morceaux* na galeria Arc en rêve; e o trabalho de Tomás Taveira terá integrado a exposição *Habitée 88*.



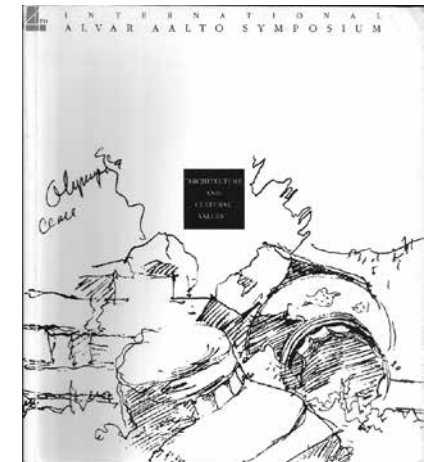
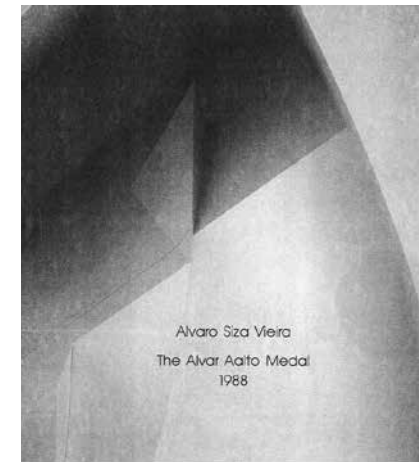
A3. 59. DRU, Line, ASLAN, Carlo, *Cafés*, Paris, Éditions du Moniteur, 1988, p.98.

A3. 60. DIAS, Manuel Graça, *3 Morceaux, 3 Bocados*, 1988, p. capa.

No Reino Unido a arquitectura portuguesa foi publicada em duas edições: no número 34, 35 do volume 187 no *The Architects' Journal (AJ)*, através do trabalho de Tomás Taveira; no número 7563 do volume 253 da *Building*, através de uma referência à abertura de concurso para a reconstrução do Chiado em Lisboa.

Na Holanda a arquitectura portuguesa foi publicada em duas edições: no número 12 da *Architect*, através do trabalho de Siza; e no número 4 da *Forum*, através do trabalho de Souto de Moura. Siza terá ainda sido referido em *Visie Op de Stad: Álvaro Siza in de Schilderswijk*.

Na Finlândia a arquitectura portuguesa figurou em cinco eventos. Foi publicada em três edições: no número 4 da *Arkkittehti*; na brochura comemorativa da atribuição da medalha Alvar Aalto; e na publicação referente ao quarto simpósio Alvar Aalto, em todas através do trabalho de Siza. Foi atribuída a Siza a medalha Alvar Aalto, e Siza proferiu uma conferência no quarto simpósio Alvar Aalto.



A3. 61. Álvaro Siza Vieira. *The Alvar Aalto Medal*, 1988, Finlândia, The Finnish association of Architects, 1988, capa.

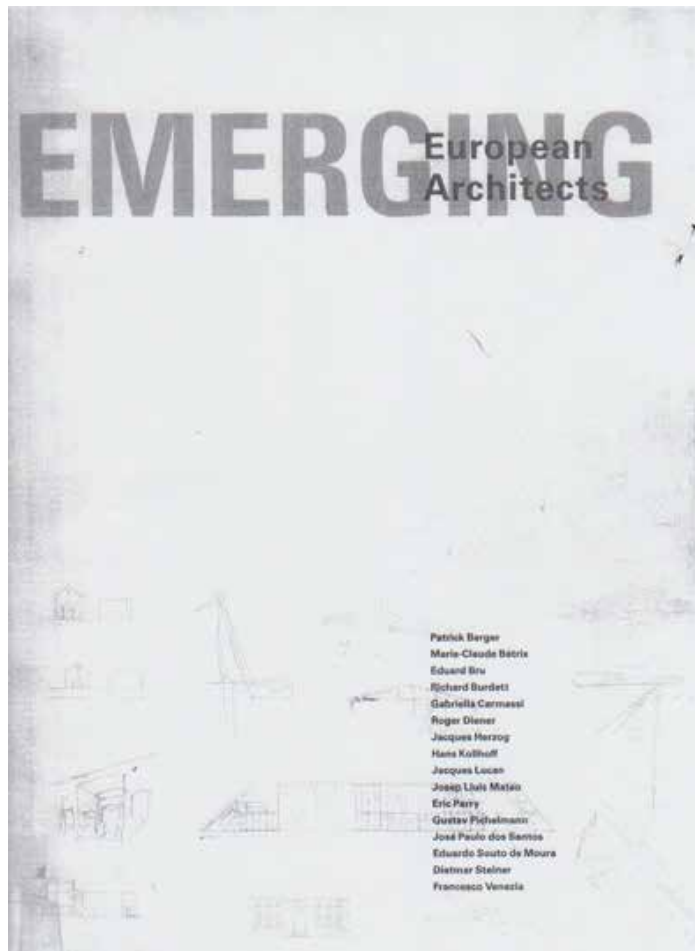
A3. 62. *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988, p. capa.

A3. 63. Na fotografia de baixo Siza está acompanhado de Elissa Aalto, a pessoa mais próxima dele, e da Ministra da Cultura Finlandesa de então, Anna-Liisa Piipari. *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988, p. 10.

A3. 64. Siza em conversa com Frampton durante o Simpósio Alvar Aalto, 1988. [arquivo: Alvar Aalto Foundation].

No Brasil a arquitectura portuguesa foi publicada no número 115 da *Projeto*, através do trabalho de Siza.

Nos Estados Unidos da América a arquitectura portuguesa figurou em cinco eventos. Foi objecto de três exposições: numa exposição cujo catálogo é intitulado *Emerging European Architects*, através do trabalho de Souto de Moura e José Paulo dos Santos; noutra exposição cujo catálogo é intitulado *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, através do trabalho de Siza; o qual terá sido também objecto de exposição de âmbito pedagógico na Universidade de Columbia. Foi atribuído a Siza o Prémio Prince of Wales, o qual deu origem a uma exposição e a um catálogo.



A3. 65. WANG, Wilfried, *Emerging European Architects*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988, p. capa.



A3. 66. WANG, Wilfried, SANTOS, José Paulo, *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988, s/p. | A3. 67. *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Harvard University Graduate School of Design, 1988, p. capa. | A3. 68. Siza, Ralph Erskine (à esquerda) e Peter Rowe (à direita) na exposição dos trabalhos de Siza. [arquivo: cortesia Frances Loeb Library, Harvard University Graduate School of Design.]

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A dissertação teve como objectivo reconstituir e entender a divulgação internacional da arquitectura portuguesa entre os anos de 1976 e 1988, pelo que os eventos ocorridos naquele período que contaram com a participação da arquitectura nacional fora do seu território constituíram o objecto de trabalho. Como eventos foram consideradas publicações em livros e em edições periódicas, exposições, conferências, congressos e atribuição de prémios. Foram identificados estes eventos, traçado o mapa da sua ocorrência, bem como os intermediários culturais envolvidos, as circunstâncias e o discurso teórico construído sobre a arquitectura portuguesa no referido processo de divulgação internacional.

Foi privilegiada a análise de fontes primárias consubstanciadas em documentos escritos, a qual foi completada pela leitura de outras fontes que permitiu um enquadramento mais alargado, bem como pela realização de entrevistas, encaradas como mais um instrumento de investigação. O cruzamento das informações provenientes destas diferentes fontes permitiu-nos aproximar da complexidade dos momentos que enriquece a história da divulgação internacional da arquitectura Portuguesa no período abordado pela presente dissertação. Com igual objectivo, foi privilegiado o quadro de relações entre os eventos e os intermediários culturais, tendo a redacção sido definida pelas suas linhas de força.

Por termos abordado aqueles eventos metodologicamente através de uma investigação marcada pelas fontes primárias, tal permitiu chegar a conclusões exegéticas sobre aspectos que ultrapassam o seu âmbito temático estrito, designadamente sobre algumas áreas da história e teoria da arquitectura portuguesa. Desde logo, adicionamos um contributo à história da arquitectura portuguesa, inexistente até à data, sobre a sua divulgação internacional. A referida metodologia permitiu averiguar a tese central proposta no início da dissertação, a qual reposiciona a arquitectura portuguesa como um epicentro de abordagens teóricas sob as quais se delinearam respostas críticas ao movimento moderno. Esta não vinha sendo a posição mais frequentemente veiculada, tendo sido a arquitectura portuguesa propalada como periférica, justificando o seu reconhecimento internacional em grande parte por alterações das circunstâncias internacionais que se terão tornado menos hegemónicas.

Definimos como crucial para a divulgação internacional da arquitectura portuguesa o período entre 1976 e 1988, por considerarmos ter sido aquele o período onde teve início o reconhecimento internacional de que hoje a arquitectura portuguesa é objecto. Por ser importante a sequência dos eventos uma vez que se interseccionam entre si em relações de causalidade em constante interacção, a dissertação foi estruturada cronologicamente.

O período entre 1976 e 1988 foi subdividido em três partes, as quais são possuidoras de características diferentes.

O ano de 1976, marcado pela original simultaneidade de eventos em Espanha, Itália, França e Alemanha, conjunto de países que designámos como *núcleo duro*, mereceu destaque particular por ter sido seminal para a divulgação internacional da arquitectura portuguesa. Tal facto foi demonstrado naquele capítulo da presente dissertação por contraste, através da breve análise dos anos precedentes, nos quais se verificaram participações esparsas no tempo e através de obras e de profissionais que não voltaram ou foram poucas vezes divulgados internacionalmente no período pós 1976, como são exemplo Viana de Lima, Januário Godinho, Formosinho Sanches, Eduardo Anahory, Agostinho Ricca, entre outros.

O período entre 1977 e 1983 constituiu-se como charneira, pois além de se verificarem algumas características da divulgação internacional de períodos anteriores também ali se consubstanciaram outras, próprias de períodos posteriores. Designadamente, o interesse pela obra e pensamento de Siza, o qual demonstrámos através do aumento de eventos de carácter monográfico e na publicação internacional das suas primeiras entrevistas, como é exemplo a entrevista publicada no número 44 da *AMC* de 1978, por Laureant Beaudouin e Christine Rousselot, e a primeira exposição monográfica organizada por Vittorio Gregotti no pavilhão de Arte Contemporânea de Milão de 1979. Neste período, entre 1977 e 1983, a arquitectura portuguesa esteve no centro da divulgação internacional, inclusivamente no cerne do debate teórico disciplinar, como demonstrámos através dos exemplos claros da presença da arquitectura de Siza no número 7/8 da revista britânica *Architectural Design*, num artigo de Kenneth Frampton, na exposição *La Modernité... un projet inachevé* em Paris, e no primeiro número da *Casabella* sob a direcção de Vittorio Gregotti, todos no mesmo ano de 1982, e todos se propunham discutir respostas à crise do movimento moderno. Demonstrámos ainda, através da enumeração e análise dos vários eventos ocorridos, a consolidação da divulgação nos países do designado *núcleo duro* e o alargamento da sua área de divulgação a países como Reino

Unido, Suíça, Finlândia, Holanda Bélgica e Grécia e além Europa, ao Japão, Canadá, Brasil, Colômbia, Argentina e Estados Unidos da América, bem como a extensão da divulgação internacional à obra de um maior número de arquitectos nacionais.

No período entre 1984 e 1988 verificou-se a proliferação de eventos e através destes a consolidação da divulgação internacional da arquitectura portuguesa. Como demonstrámos, tal concretizou-se nomeadamente através da continuidade da sua publicação em algumas revistas como as espanholas *Obradoiro*, *Quaderns*, *Arquitectura*, as italianas *Casabella* e *Lotus International* e as Francesas *L'Architecture d'Aujourd'Hui* e *AMC*, do constante crescimento de intermediários culturais envolvidos, bem como do alargamento contínuo demonstrado no período anterior, do interesse internacional por um maior número de arquitectos nacionais com trabalhos diferenciados. Referimo-nos nomeadamente à obra de arquitectos como Tomás Taveira, Manuel Graça Dias, Pioledo, tendo-se reforçado o interesse pelo trabalho de arquitectos da que começou a ser designada internacionalmente de forma sustentada no último ano do período anterior como escola do Porto, como Souto de Moura, Sérgio Fernandez, Alves Costa, Adalberto Dias, Melo – Gigante – Rocha, Carlos Prata, entre outros. A consagração internacional de Siza constituiu o corolário da divulgação internacional da arquitectura portuguesa, plasmada no elevado número de eventos dedicado à sua arquitectura e na atribuição de quatro prémios de origens internacionais diferentes no ano de 1988: de Espanha, a Medalha de Ouro de Arquitectura do Conselho Superior dos Colégios de Arquitectos, da Comunidade Europeia, o prémio Mies Van der Rohe, da Finlândia, a medalha Alvar Aalto, e dos Estados Unidos da América, o Prémio Prince of Wales da Universidade de Harvard; os quais antecederam em quatro anos a atribuição do Pritzker.

Retomamos os aspectos teóricos que descrevemos no capítulo Contextos, os quais enquadraram a presente dissertação constituindo também por esse facto, instrumentos operativos para sintetizar as conclusões alcançadas. Referimo-nos aos conceitos de intermediários culturais, ciclo do processo interpretativo em arquitectura de Juan Bonta e Epicentro Arquitectónico segundo Petra Çeferin.

Partindo do conceito de intermediários culturais identificámos na presente dissertação a existência de duas gerações, caracterizadas por mais aspectos comuns do que aqueles que as distinguem. Ambas são constituídas por personalidades de origem nacional e internacional, as quais perseguem o interesse comum pela arquitectura nacional e participam na sua consequente

divulgação. A maior diferença reside na ordem do seu surgimento, tendo o trabalho primordial dos intermediários culturais de primeira geração como o dos portugueses Nuno Portas e Hestnes Ferreira, entre outros, e os estrangeiros Vittorio Gregotti, Pierluigi Nicolini, Oriol Bohigas, Bernard Huet e François Burkhardt, entre outros, tido continuidade na actividade de José Paulo dos Santos e Carlos Castanheira, e dos estrangeiros Markku Komonen, Laurent Beaudouin, Brigitte Fleck, Hans van Dijk, Dorien Boasson, Toshiaki Tange, Toshio Nakamura e Wilfried Wang, entre outros. É ainda de assinalar que a segunda geração, em particular os elementos de origem internacional, na sua maioria, tomou conhecimento da arquitectura portuguesa através de eventos realizados pelos intermediários culturais da primeira geração, que vinham contribuindo há mais tempo para o conhecimento internacional da arquitectura portuguesa. Como demonstrámos, a primeira geração de intermediários culturais marcou indelevelmente a primeira parte do período investigado, sendo que a segunda geração contribuiu para o alargamento geográfico e temático da divulgação internacional da arquitectura portuguesa demonstrado na segunda parte do referido período. Alargamento este para o qual muitos foram contribuindo, tendo se juntado na terceira parte do período em análise, novos intermediários culturais como Luis Fernández-Galliano, Peter Testa, o grupo Opus Incertum, Daniele Vitale, entre outros. É de notar que o alargamento da divulgação de um conjunto maior de arquitectos nacionais se fez, em particular nos dois períodos iniciais através dos intermediários culturais de origem nacional, o que é compreensível pela sua maior facilidade em abarcar a realidade do seu país.

Tendo como referido o conceito de intermediários culturais como uma das perspectivas de abordagem, a investigação permitiu uma nova leitura sobre o papel dos arquitectos portugueses na divulgação da arquitectura do seu país. Estes foram mais activos e assumiram um papel mais preponderante como intermediários culturais do que habitualmente afirmam, quiçá por modéstia, ou por quererem fazer passar a ideia de que a arquitectura portuguesa foi descoberta por exclusivo mérito próprio e sem intervenção de intermediários nacionais. No entanto, em nossa opinião, tal terá acontecido sem qualquer premeditação, pelo que à falta de uma assunção assertiva por parte dos intervenientes, as suas acções foram confundidas com os seus discursos sobre a arquitectura nacional, os quais deixam transparecer uma ideia de uma certa desvalorização, como se dizia então, por estar à margem, o que acaba por subvalorizar também a sua actividade.

Muito recentemente, em 2011, na entrevista que tivemos oportunidade de fazer e numa entrevista publicada na revista portuguesa *Ler* em 2012, Nuno Portas assumiu o seu protagonismo na divulgação internacional da arquitectura portuguesa.

Foi bastante revelador termos constatado a determinação e influência em particular nas décadas de 60 e de 70 entre outros de Nuno Portas, por ter posto em acção uma estratégia, definida e designada, a qual se revelou bastante prolífica. Apropriando-se da *politique des auteurs*, Portas adequou-a à divulgação da arquitectura portuguesa. Assim, destacou um tema e um autor principal de entre outros secundários, isto é, como tema destacou a arquitectura de autor e como secundário os estudos sobre habitação social, e como autor principal destacou Siza e como secundários Fernando Távora do Porto, Teotónio Pereira e Manuel Tainha de Lisboa.

A influência de Portas é ainda mais significativa quando comparada com a acção do Estado Novo, errático e hesitante quando elegia sob qual arquitectura se fazia representar internacionalmente, como demonstrámos no primeiro capítulo. Relativamente à divulgação internacional da arquitectura nacional naquele período partilhamos da opinião de Pedro Vieira de Almeida sobre a arquitectura construída sob aquele Regime, quando este afirma que o Poder não impôs uma única forma de fazer arquitectura, tal como entendemos não ter imposto uma única corrente de arquitectura a ser divulgada. Importa lembrar que a maioria dos autores defende uma postura mais directiva e restritiva da parte daquele Poder quanto à construção de arquitectura, como Nuno Teotónio Pereira e José Manuel Fernandes, Nuno Portas e Ana Tostões, dividindo os dois primeiros dos dois últimos a data de tal actuação, pois para os últimos tal só terá acontecido depois da Exposição do Mundo Português em 1940, ainda que com algumas excepções. Como demonstrámos no primeiro capítulo, a representação do Estado Novo sob a forma de arquitectura foi oscilando entre um compromisso entre o moderno e o nacional do Pavilhão de Keil do Amaral da Feira de Paris de 1937, o nacional dos Pavilhões de Jorge Segurado nas Feiras de Nova Iorque e S. Francisco em 1939, o moderno do Pavilhão de Pedro Cid na Feira de Bruxelas de 1958 e da exposição itinerante *Contemporary Portuguese Architecture* de 1956 a 1958, e o estilo pós-moderno do Pavilhão de Frederico George, Daciano da Costa e do designer António Garcia na Feira de Osaka de 1970.

É de notar como vimos, que Portas em 1958 já tinha deixado clara a sua posição pouco favorável relativamente à realização de arquitectura modernista numa época em seu entender tardia. Tal posição, conjugada com a implementação

da sua referida estratégia, a qual teve relevante sucesso na recepção dos temas principais eleitos por si, a arquitectura de autor e de Siza, leva-nos a afirmar, assumindo o risco de um certo tom totalitário, que a acção de Portas, acabou por ser mais restritiva e directiva que a do Regime relativamente à divulgação da arquitectura, na medida em que conseguiu apagar os arquitectos modernistas de praticamente todas as páginas da imprensa especializada e dos placards das exposições no período pós 1976.

Houve outros arquitectos portugueses que tomaram iniciativas de realizar eventos como intermediários culturais com consequências para a divulgação internacional da arquitectura portuguesa.

A colaboração de Hestnes Ferreira com Bernard Huet foi indispensável à concretização do memorável número 185 da *L'Architecture d' Aujourd'Hui* de 1976, através do qual os referidos intermediários culturais de segunda geração tomaram conhecimento da arquitectura portuguesa e se tornaram também seus divulgadores como Markku Komonen, Brigitte Fleck e Laurent Beaudouin. O envolvimento de José Paulo dos Santos no meio disciplinar britânico nomeadamente na revista *9H* e na organização de exposições e conferências contribuiu para que a arquitectura portuguesa fosse ali discutida no início da década de 80, bem como figurasse na referida exposição *La modernité, un projet inachevé*...em Paris em 1982. Santos apresentou a arquitectura portuguesa a Wilfried Wang que a continuou a divulgar ao longo da sua vida profissional, nomeadamente nos lugares académicos que ocupou nos EUA e como director do Museu de Arquitectura de Frankfurt na Alemanha. Foi também no âmbito da *9H* que Santos e Josep Lluís Mateo, o posterior director da revista espanhola *Quaderns*, se conheceram. A colaboração de Carlos Castanheira com Dorien Boasson na preparação da exposição monográfica com itinerância pela Holanda sobre Siza e de dois números da revista *Wonen-Tabk*, um que serviu como catálogo da exposição e outro sobre a arquitectura em Portugal, ambos em 1983, foi relevante por ter permitido que se aprofundasse naquele país o conhecimento da arquitectura nacional.

Mais uma vez, a perspectiva de abordagem quanto à actividade dos intermediários culturais, desta feita em intersecção com a formulação de Epicentro Arquitectónico de Petra Çeferin, permitiu reposicionar uma ideia que vem sendo promovida por alguns portugueses quanto à elevada importância do SAAL, quer nas primeiras encomendas internacionais feitas a Siza, como por exemplo se pode concluir do texto algo ambíguo de Paulo Varela Gomes em 1995, quer na divulgação internacional da arquitectura portuguesa, como o

fazem por exemplo José Bandeirinha em 2011, Delfim Sardo, Nuno Grande e Pedro Ramalho em 2014. Demonstrámos que foi a qualidade da arquitectura de Siza que levou François Burkhardt e Brigitte Fleck a introduzir Siza em Berlim, bem como o facto de ter vindo a ser continuamente divulgado, o que fez por exemplo, com que Adri Duivensteijn conhecesse a sua obra e o convidasse a trabalhar em Haia, dez anos depois do SAAL ter ocorrido. Qualidade de certa arquitectura portuguesa, momento X na designação de Çeferin, que como demonstrámos, no sentido inverso da ideia referida recentemente veiculada, justificou a divulgação dos projectos e obras resultantes do SAAL, de entre os quais o trabalho de Siza é o mais frequentemente publicado, e que justifica também o aumento de eventos internacionais onde a arquitectura portuguesa figurou apesar e após o fim da vigência do programa SAAL.

Como vimos atrás, a referida acção de Nuno Portas constitui um exemplo da influência da actividade dos intermediários culturais no processo interpretativo em arquitectura. Outros intermediários culturais portugueses também influenciaram os conteúdos dos discursos propalados internacionalmente, quer através da curadoria dos eventos que realizaram quer através dos textos que escreveram.

Carlos Castanheira, ao colaborar na perspectiva editorial do referido segundo número dedicado à arquitectura portuguesa da *Wonen-Tabk* de 1983 e ao convidar Manuel Mendes para escrever naquela edição, Alves Costa e mais uma vez Nuno Portas, ao escreverem artigos na *9H* de 1983, foram as pessoas que introduziram nos meios internacionais de forma sustentada o conceito escola do Porto. Abriram assim espaço a um tema que se revelou um filão explorado em numerosos eventos internacionais, ou de acordo com a formulação de Bonta, um tema que passou a integrar as interpretações canónicas sobre a arquitectura portuguesa nos meios internacionais. É porém justo lembrar que como referimos, o primeiro registo que encontrámos da expressão escola do Porto foi num artigo de Pierluigi Nicolini, em 1981, quando se referia ao grupo de arquitectos que em conjunto com Siza se tinha envolvido nas operações SAAL, e que por não saber como designar sugeria chamar-se por ora, escola do Porto.

Como dizíamos, os artigos que aqueles arquitectos portugueses escreveram sobre a escola do Porto influenciaram de forma directa o processo interpretativo que se foi construindo, patente no que os intermediários culturais internacionais publicaram posteriormente sobre aquele tema, nomeadamente e para citar um exemplo, a sensibilidade ao contexto local é comum aos textos de Daniele Vitale em 1984, de Marc Bédarida em 1985, de Wilfried Wang em 1986, de Kenneth

Frampton em 1988 e de Eduard Bru em 1987, de entre outros aspectos, tal como demonstrámos.

Como vimos na presente dissertação, a expressão à margem constitui um exemplo de uma interpretação pré-canónica usada por um elevado número de intermediários culturais, concretizando o envolvimento social referido por Bonta. Uma vez mais, na origem do seu uso encontrámos um intermediário cultural português, Nuno Portas em 1967, que aplicou aquela interpretação à arquitectura de Siza, como vimos na presente dissertação. Não queremos no entanto, reclamar a originalidade da expressão como portuguesa, pois entendemos antes que ela fazia parte do espírito do tempo, o que certamente justifica em parte a sua partilha por vários arquitectos de diferentes nacionalidades, sendo que importa lembrar como vimos no capítulo Contextos, que os arquitectos portugueses estavam a par do que se passava internacionalmente em termos disciplinares.

Como referimos ao longo da presente dissertação, aquela expressão foi aplicada tanto à arquitectura de Siza como à da escola do Porto. Foi desdobrada classificando múltiplos aspectos, nomeadamente à margem geograficamente, à margem do poder, dos investidores, da estrutura de grande produção, da sociedade portuguesa, da sociedade capitalista, do contexto cultural dominante, da cultura arquitectónica internacional. É de salientar que esta expressão tenha sido reutilizada nomeadamente por Marc Bédarida em 1985, Pierre Alain Croset em 1987 e Kenneth Frampton em 1986 e 1988 para qualificar a escola do Porto, quando os intermediários culturais portugueses já não a mencionavam como característica principal. Relativamente à arquitectura de Siza depois de ter sido usada por Portas em 1967, 1970 e 1972, a expressão à margem e os vários aspectos referidos de que se revestia foram posteriormente usados por vários autores, com tónicas variáveis mas querendo significar o mesmo aspecto comum de periferia, como são exemplo Vittorio Gregotti em 1972, Rafael Moneo e Oriol Bohigas em 1976, Bernard Huet em 1976 e 1979, e Pierluigi Nicolini em 1979. Estes textos foram sendo reeditados em várias edições ao longo dos anos, tendo ocorrido a última vez dentro do nosso período numa monografia dedicada a Siza publicada em Itália em 1986, a qual foi reeditada em 1988 em Espanha, com excepção dos textos de Huet de 1976 e do texto referido Nicolini. É no entanto de referir que, apesar das analogias que se podem estabelecer entre estes textos e os de Portas, as citações que são indicadas claramente nos textos dos intermediários culturais internacionais são as proferidas por outros autores internacionais, como são exemplo as citações explícitas de afirmações de Gregotti nos textos referidos de Bohigas e de Moneo, relativas designadamente à atitude exclusiva inclusiva

e a comparação entre a obra de Siza e de Venturi, respectivamente. A expressão à margem voltou ainda a ser repetida por Umberto Barbieri e Ignasi de Solà-Morales em 1988.

Importa sobretudo sublinhar que como dissemos, embora a expressão à margem tenha uma conotação aparentemente depreciativa, foi paradoxalmente usada como forma de promoção e valorização da arquitectura nacional e, com proveitos.

É de salientar, no entanto, que Nuno Portas que como demonstrámos foi um dos principais intermediários culturais que mais contribuiu para o reconhecimento da arquitectura de Siza e também da escola do Porto, se tornou no final da década de 80, um dos seus maiores críticos, residindo na interpretação pré-canónica à margem a razão de tal mudança.

Ainda que num tom pouco assertivo, em 1986, Portas parece valorizar menos as mais recentes obras de Siza. Chegados ao final da década de 80, Portas vê Siza como um profissional integrado no ambiente disciplinar internacional, com consequências na sua produção arquitectónica, visíveis na sua maior permeabilidade a influências internacionais, isto é, o final da condição à margem que Portas tinha sido o primeiro a associar à arquitectura de Siza constituiu a razão da sua mudança de opinião. Por outro lado, relativamente à escola do Porto, e num certo sentido de forma contraditória em relação ao argumento apresentado quanto à arquitectura de Siza, Portas critica em 1987, o seu hermetismo fixado numa linguagem restrita, característica que por outro lado também estende à arquitectura de Siza neste texto, designadamente a incapacidade da sua arquitectura comunicar com as pessoas e a pouca abertura ao uso de outras ferramentas como modelos e tipos.

Mas estes textos, como vimos na presente dissertação, estavam em contra-ciclo relativamente ao processo interpretativo da arquitectura portuguesa, pois não tiveram o mesmo sucesso dos iniciais, suscitando mesmo a contra argumentação tanto de intermediários culturais portugueses, como Alves Costa, como de intermediários culturais internacionais, como Frampton, por exemplo. Em 1988, Alves Costa afirmou que havia sempre uma componente subjectiva na análise da realidade e na formulação de uma proposta, pelo que Portas não poderia acusar os arquitectos de não se deixarem contaminar pela realidade pois tal era difícil de ser verificado, e questionou-o como poderiam ser usadas as tipologias. Frampton, por seu lado, observou ser difícil criar uma cultura popular aceitável dado o avanço do consumismo.

É de acrescentar, que também os alegados protagonistas da escola do Porto, Siza em 1988 e Souto de Moura em 1987, negaram a existência de uma escola, coincidindo ambos no argumento da existência de uma variedade de linguagens. No entanto, este fundamento tinha sido dirimido por intermediários culturais como Daniele Vitale em 1984, Marc Bédarida em 1985 ou Wilfried Wang em 1986.

Como referimos no capítulo Contextos, Juan Bonta refere que o processo de formação de cânones acontece por filtração, muitas vezes com o objectivo de integrar o trabalho dos arquitectos em correntes.

O que nos importa também salientar é que na nossa investigação demonstrámos o cruzamentos dos momentos iniciais de formulação daquelas correntes com a divulgação da arquitectura portuguesa. Na presente dissertação explicámos o longo processo de construção do conceito de regionalismo crítico por Kenneth Frampton e demonstrámos como este foi contaminado pela arquitectura portuguesa, em pleno debate entre aquela corrente e o pós-moderno historicista, servindo como argumento enriquecedor da discussão. Frampton na entrevista que nos deu refez o percurso que o levou àquele conceito, a sua participação frustrada na Bienal de Veneza de 1980, o ambiente na Universidade de Columbia, o encontro com Dalibor Veselay que lhe mostrou Paul Ricoeur, a sua passagem pela direcção da revista *AD* entre 1961 e 1965, bem como a sua dívida à dupla Grega / Belga, Alex Tzonis e Liane Lefaivre que primeiro cunharam o termo. Verificámos que ainda aquele conceito não estava na forma que veio a ser conhecido, e Frampton usou a obra de Siza como exemplo, a qual surge inclusivamente em primeiro lugar num texto, bem como uma citação sua, daquele que até ali era apontado como um arquitecto pouco teórico, no texto publicado precisamente na revista britânica *Architectural Design* em 1982, o meio privilegiado de divulgação do pós-moderno historicista, constituindo a primeira vez que Frampton escreveu sobre a obra do arquitecto português. Em 1983, Frampton atribuiu o nome de regionalismo crítico àquele conceito quando publicou um artigo na revista norte-americana *Perspecta*, mantendo-se as referências a Siza, sendo esse o conteúdo que foi publicado em 1985 ao integrar a segunda edição do livro *Modern Architecture, a Critical History*. É de notar que mais uma vez Frampton publicou num meio que lhe era adverso e favorável à divulgação do pós-moderno historicista, como era a *Perspecta*, a revista de arquitectura de Yale. Na terceira edição do livro *Modern Architecture, a Critical History*, em 1992, Frampton incluiu a escola do Porto e, na quarta edição, em 2007, acrescentou uma particular referência à arquitectura de Souto de Moura.

No entanto, também verificámos que a integração das obras em correntes que Bonta refere não é um processo definitivo. A presente dissertação demonstrou a existência da discussão em particular relativamente ao regionalismo crítico quando aplicado à arquitectura de Siza, nomeadamente feita por Peter Testa em 1984 cuja contestação à parte do regionalismo do conceito elaborado por Frampton consitiu uma das suas motivações para realizar a sua tese de mestrado, o mesmo aspecto que Yehuda Safran refutou em 1986. É no entanto de salientar que o próprio Frampton não usou aquele conceito de forma taxativa sempre que reflectiu sobre a arquitectura de Siza, como é exemplo o que escreveu em 1985, e que também o problematiza, como o vimos fazer em 1986, nomeadamente com uma citação de Siza no sentido da inclusão de culturas estrangeiras de 1983.

Se como demonstrámos a filiação das obras em correntes teóricas não é definitiva, também nem as ditas correntes teóricas de arquitectura, nem mesmo os protagonistas das suas apologias são absolutos nas suas posturas, como vem a parecer com o seu ulterior desenvolvimento ou como vem a posicionar por vezes, a posterior reescrita da história. Assim, avançamos relativamente à formulação de Bonta, que a própria constituição das correntes teóricas estará sujeita a contingências similares às que identificou relativamente ao que designou como processo interpretativo em arquitectura.

Tornou-se evidente ao longo da presente investigação, que as correntes teóricas posteriormente etiquetadas com nomes aparentemente reconhecíveis por todos, designadamente o referido regionalismo crítico de Frampton e o pós-moderno historicista, maioritariamente divulgado por Charles Jencks, para citar duas que foram mais usadas na divulgação da arquitectura nacional no período considerado, em particular no momento da sua elaboração resultam da conjugação de um conjunto de factores, de geometria variável e de contornos ainda por definir para todos os intervenientes.

Demonstrámos que muitas das selecções feitas para os eventos resultaram nalguns casos da intuição dos seus responsáveis, como ficou patente nas entrevistas de por exemplo José Paulo dos Santos, Wilfried Wang e Toshio Nakamura, que afirmaram basear a sua escolha na sua relação pessoal com os arquitectos, ou de Pierluigi Nicolini que disse que o desenvolvimento editorial da sua revista *Lotus International* tinha muito de accidental. Apesar Toshio Nakamura, enquanto director da *a+u*, ter sido pioneiro na publicação da arquitectura de Siza no Japão, através de um número monográfico em 1980, tal não o impediu de publicar Tomás Taveira, também num número monográfico em 1987. Alvin Boyarsky, que defendia a arquitectura realizada pelos estudantes da

escola que dirigia, a Architectural Association, e que em 1981 afirmava não ter interesse na arquitectura portuguesa, em 1983 convidou José Paulo dos Santos para realizar um ciclo de conferências com arquitectos oriundos de Espanha, Itália, Áustria, Suíça, Irlanda e Portugal. Jean Nouvel, que em 1982 organizou uma exposição designada *La modernité ou l'esprit du temps*, em contraponto à *La modernité... un projet inachevé*, na qual a arquitectura de Siza tinha figurado e onde não era defendida a continuidade do movimento moderno, três anos mais tarde seleccionou projectos de Siza, Souto de Moura e Carrilho da Graça para a exposição de arquitectura que organizou no âmbito da XIII Bienal de Paris. Em 1972, a obra de Siza foi publicada acompanhada por um texto de Nuno Portas e outro de Vittorio Gregotti, que seguirá a linha editorial de Ernest Nathan Rogers enquanto futuro director da *Casabella*, com o mesmo destaque da obra de Léon Krier, num número da revista italiana *Controspazio*. Esta revista foi considerada como o veículo privilegiado de divulgação do pós-modernismo em Itália, a qual era dirigida por Paolo Portoghesi, que veio a ser responsável em 1980 pela exposição na Bienal de Veneza designada *A presença do passado*, que se constituirá com um evento icónico da arquitectura pós-modernista revivalista de projecção internacional. A *Domus* de Alessandro Mendini, que tal como afirmou na entrevista que nos deu assumia inequivocamente a divulgação do pós-moderno historicista, foi palco de dois acontecimentos praticamente opostos. Em 1984 permitiu que fosse publicado um artigo de Daniele Vitale sobre a arquitectura nacional, mas o qual foi desvalorizado por Mendini na referida entrevista. Em 1985, Pierluigi Nicolín, que na altura já era conhecedor da arquitectura e da realidade portuguesas, concluiu num artigo publicado na mesma revista, na sequência de uma visita a Lisboa na qual conheceu a obra de Tomás Taveira, que a escola do Porto tinha sido derrotada, pois lhe parecia que o pós-modernismo melhor correspondia às necessidades das pessoas. No entanto, na entrevista que nos deu em 2013, Nicolín considerou que aquele artigo foi um erro.

É oportuno acrescentar que entendemos que a clarificação das correntes teóricas é um estado que acaba por nunca ser alcançado, pois talvez seja essa a condição exploratória intrínseca das correntes teóricas.

Ao longo da presente dissertação referimos todos os intermediários culturais nacionais e internacionais que contribuíram para a divulgação da arquitectura portuguesa através dos eventos que levaram a cabo e das reflexões que produziram, sobre uma variedade alargada de obras, que podem ser incluídas, e simplificando a linguagem, no espectro que vai desde o designado regionalismo crítico ao pós-moderno historicista, nas várias acepções e declinações que

estes conceitos têm para os diferentes autores. Através desta análise abrangente que realizámos, sem nos focarmos num qualquer arquitecto *a priori*, pudemos confirmar objectivamente a ideia que tínhamos no início da investigação, que no período do nosso estudo as obras ditas regionalistas críticas foram objecto de um maior número de eventos, em particular e com grande destaque para a arquitectura de Siza, a qual se tornou objecto central da atenção internacional relativamente à arquitectura portuguesa.

Se como demonstrámos, os intermediários culturais portugueses tiveram influência determinante no processo interpretativo da arquitectura nacional, tendo estado na origem de muitos dos seus conteúdos, o sequente desenvolvimento do seu processo interpretativo passou a integrar um número maior de intermediários culturais internacionais, o que, segundo as formulações de Bonta, significa a evolução do ciclo para a interpretação canónica. Consequentemente, poderia pensar-se que a importância dos intermediários culturais nacionais teria perdido relevância, mas como demonstrámos tal não aconteceu. Se como acima lembrámos as reflexões de Siza integraram a construção do conceito regionalismo crítico, em Frampton em 1982 e em 1986; demonstrámos igualmente que a construção do discurso canónico na formulação de Bonta, sobre uma certa arquitectura nacional e em particular sobre a arquitectura de Siza, passou pelo próprio discurso e pelo seu trabalho.

Desde logo as primeiras entrevistas de Siza, publicadas em 1978, 1980 e 1983, passaram a marcar o conteúdo dos intermediários culturais internacionais que escreveram sobre o seu trabalho, como por exemplo Pierluigi Nicolín em 1981, Eduardo Bru e Hans van Dijk em 1983, Peter Testa em 1984, Kenneth Frampton em 1985 e Josep Lluís Mateo em 1988. O ponto mais frequentemente referido é o relativo à relação que Siza estabelece entre os seus projectos e a envolvente. O próprio Siza ao longo das suas reflexões encontrou em 1988 a palavra que veio sintetizar aquele ponto, a palavra lugar; que anteriormente tinha referido como sítio em 1980, existente em 1983 e ‘circunstâncias’ em 1985. De facto o termo lugar tinha sido já usado por Daniele Vitale em 1984 e Wilfried Wang em 1986 em relação à arquitectura da escola do Porto. É interessante notar que aconteceu um desvio entre a interpretação pré-canónica, centrada na relação da arquitectura portuguesa, em particular a de Siza, com factores exógenos, tida como à margem, para na fase canónica se centrar na produção arquitectónica, e muita da sua discussão passar pelas reflexões em torno das relações que estabelece com o lugar onde intervém.

No entanto, é de salientar que houve neste período contribuições dissonantes do discurso canónico sobre a arquitectura de Siza enriquecedoras, como as levadas a cabo por Kenneth Frampton em 1985, onde referia que Siza tem uma capacidade para manipular a complexidade em arquitectura, revelando e traduzindo fisicamente as suas fragilidades e tensões e em simultâneo oferecer alternativas e um ponto de apoio num mundo em constante revolução; um aspecto similar ao referido por Luis Mansilla em 1986, onde propõe como chave de leitura a torsão, presente em várias obras de Siza, que com o seu esforço mantem o conjunto em tensão unido, tensão essa retomada por Eduardo Bru em 1987.

O trabalho de Siza foi de tal forma dominante na divulgação internacional da arquitectura portuguesa que algumas vezes as suas características foram tomadas pelas da escola do Porto, sem que os autores questionassem a metonímia em causa, como foi exemplo Marc Bédarida em 1985 e Eduard Bru em 1987. É assim incontornável concluir que a construção internacional da narrativa sobre a arquitectura portuguesa passou pela arquitectura de Siza, e em grande medida foi feita por similitude ou por contraste em relação àquela. São exemplo os textos de Eduard Bru em 1987, de Josep Lluís Mateo e de Kenneth Frampton em 1988 sobre a arquitectura de Eduardo Souto de Moura. Bru foi o autor que mais aproximou o trabalho de Souto de Moura do de Siza da segunda metade da década de 60, ainda que tenha apontado algumas diferenças específicas, e Frampton embora entenda que ambos pertencem à designada escola do Porto afirma que Souto de Moura está mais distante das preocupações tipológicas e longe dos seguidores dos aspectos mais superficiais do estilo de Siza, sendo que Mateo via o percurso de Souto de Moura a afastar-se do de Siza. Ou ainda os textos de David Morton em 1985 e de Henry d'Estrier em 1987 que escrevendo sobre a arquitectura de Tomás Taveira mencionaram o trabalho e a opinião de Siza, como expoente da arquitectura racionalista em oposição à arquitectura de Taveira e é assinalada uma mudança de opinião de Siza quanto ao ornamento em arquitectura sem a especificar, respectivamente, o que revela a importância do arquitecto do Norte na cena da arquitectura.

Importa na conclusão da presente dissertação, uma vez caracterizada a divulgação internacional da arquitectura portuguesa, lembrar qual o universo de arquitectos em Portugal no período entre 1976 e 1988 para termos a noção da escala do significado desta divulgação.

Os arquitectos inscritos em Portugal no ano de 1975 eram 740, sendo de ressaltar que a inscrição não era obrigatória naquela época, tendo aquele número crescido para 3 648 em 1988. Em 1978 foi formada a Associação de

Arquitectos Portugueses, a qual em 1988 pode assumir a função de credenciação de profissionais, formalizando-se como Ordem em 1998. Em 1979 foram criadas as Faculdades de Arquitectura de Lisboa e Porto, tendo-se efectivamente concretizado a autonomização das Belas Artes nos anos de 1984-85, sendo que o ensino privado surgiu no ano seguinte com a Escola Superior Artística do Porto, e em 1988 / 89 com a Universidade Lusíada, o mesmo ano em que abriu o terceiro curso público de arquitectura na Universidade de Coimbra. Estes dados recordam-nos como era incipiente a instituição arquitectura na definição de Colomina, o que por sua vez põe em evidência a relevância do impacto internacional que teve a divulgação da obra de um pequeno universo de profissionais incipientemente implantado à data.

É interessante atentar que o argumento basilar ‘à margem’ que ecoou ao longo dos textos nos quais certa arquitectura portuguesa se auto descreveu e foi descrita por outros, radica na sua essência no que parece ser o afastamento a um centro. Mas cabe perguntarmos de que centro se fala quando arquitecturas da Suíça e da Áustria são ali desconhecidas? Ou quando dois estudantes, Santos e Wang conseguem introduzir a arquitectura portuguesa no meio Londrino avesso a outras arquitecturas que não a local? Somos levados a considerar que o próprio centro pode ser fruto de uma construção teórica, feita sugerimos talvez, pelos próprios países que se auto - remetem para as periferias. Estes parecem regozijar-se quando entendem ter conquistado o centro através da divulgação da sua arquitectura, mas sob o ponto de vista de quem está no centro, tal pode não ter sido mais que a superação do seu auto centrismo, radicado talvez num provincianismo proteccionista.

Um grave risco do argumento à margem é o da efectiva marginalização dos que se consideram como periferias, pela sua validação depender da existência de um centro. Tal risco foi identificado por Josep Lluís Mateo em 1987 e está na base de críticas a teorias como o regionalismo crítico promovidas por autores como Josep Maria Montaner em 1983. Parece-nos desnecessário correr tal risco de submissão a partir do momento que Petra Čeferin nos abriu a possibilidade de pensarmos em termos de epicentro arquitectónico; constituindo o que poderia ser uma realização perfeita da tão apregoada condição pós-moderna, não fosse aquele conceito identificar fenómenos anteriores à própria pós-modernidade, questionando por isso a veracidade daquela condição, ou pelo menos a datação da sua origem.

Em última análise, entendemos que foi a qualidade intrínseca da arquitectura, como já aludimos atrás a propósito do SAAL, enquadrada pela teoria de Petra Čeferin sobre o momento X, a razão última da divulgação frequente da arquitectura portuguesa. Outros preferirão chamar-lhe a identidade da arquitectura nacional, o que nos parece inclusivamente consentâneo com a teoria de epicentro. Em suma, entendemos que o conceito teórico epicentro arquitectónico se adequa à arquitectura portuguesa no período estudado, e que libertando-nos de complexos, nos permitirá certamente ir mais longe quando pensamos sobre ela, sobre nós.

Chegados ao final deste estudo sobre a divulgação internacional da arquitectura portuguesa, no período em que foram lançadas as bases do reconhecimento internacional da arquitectura nacional, fica evidente a pertinência de dar continuidade a esta investigação relativamente aos anos posteriores.

É de notar que a presente dissertação se debruçou sobre um tempo em que os intermediários culturais foram capazes de ultrapassar a fronteira de Portugal, a qual era ainda fisicamente definida, tendo sido posteriormente aprofundada a sua integração num espaço geográfico, económico, social e político alargado, falamos da Comunidade Europeia mas sobretudo do desenvolvimento da globalização, pelo que será interessante perceber se, e como, esta substancial alteração de circunstâncias influenciou a divulgação internacional da arquitectura portuguesa. Importará perceber qual a distribuição geográfica do elevado número de eventos ocorridos, se se manteve o papel basilar dos países do *núcleo duro*, quais as edições especializadas internacionais que continuaram, como por exemplo a *Obradoiro*, a *Arquitectura Viva*, a *A&V*, a *Casabella*, a *Domus*, a *a+u*, ou quais começaram a publicar, designadamente no momento em que as plataformas de divulgação passaram a integrar os meios digitais, quais arquitectos e que arquitectura portuguesa, sendo que o trabalho de Souto de Moura ganhou maior projecção internacional no período imediatamente posterior, que intermediários culturais nacionais e internacionais continuaram, como por exemplo François Burkhardt, Bernard Huet, Vittorio Gregotti, Luis Fernández-Galiano e Wilfried Wang, e quais começaram a interessar-se pela arquitectura nacional, e por último, como foi construído o seu processo interpretativo, se os próprios intermediários culturais nacionais continuaram a basear o seu discurso no modelo centro / periferia como por exemplo Jorge Figueira e Pedro Gadinho, ou procuraram outros modelos de descrição como por exemplo Nuno Grande e Ana Vaz Milheiro, e qual a influência que produziram. Tal investigação dará continuidade ao capítulo que aqui iniciámos sobre a

história da divulgação internacional da arquitectura portuguesa, constituindo sempre uma oportunidade de reflexão sobre o posicionamento internacional da arquitectura portuguesa e em paralelo contribuindo para a sua auto-reflexão, ambos, aspectos decisivos para o contínuo debate informado essencial à sua vitalidade e capacidade de pontuar a cena disciplinar internacional.

- 1990, Lisboa: Imp. Nac.-Casa da Moeda Paris: Centre Georges Pompidou, 1990.
- À la recherche de l'urbanité. savoir faire la ville, savoir vivre la ville*, Paris, Academy Editions, 1980.
- a+u *International Building Exhibition Berlin 1987. Traduccion al Castellano*, Santiago de Compostela, ASPPAN, 1987.
- Act of the Jury of the Mies van der Rohe Award for European Architecture”, *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990.
- “Adalberto Dias”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga Éditeur, 1990.
- “Agence de la Banque Borges e Irmão, Vila do Conde. 1978 – 1980”, *L' Architecture d' Aujourd' Hui*, n. 211, 1980.
- “Agence de la Banque Caixa Geral de Depósitos, Matosinhos. Projet, 1980”, *L' Architecture d' Aujourd' Hui*, n.º 211, 1980.
- “Agence de la Banque Pinto e Sotto Maior, Lamego. 1972 – 1973”, *L' Architecture d' Aujourd' Hui*, n.º 211, 1980.
- “Agence de la Banque Pinto e Sotto Maior, Oliveira de Azeméis. 1971 – 1974”, *L' Architecture d' Aujourd' Hui*, n.º 211, 1980.
- “Alcino Soutinho”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga Éditeur, 1990.
- “‘Álvaro Siza é un architetto fuori moda...’ conversazione con Vittorio Gregotti”, *Casabella*, n. 744, 2006.
- “Álvaro Siza Quartier de Malagueira Évora 1977 – 1982, Portugal”, in *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*, Paris, Moniteur, 1982.
- Álvaro Siza Vieira. The Alvar Aalto Medal, 1988*, The Finnish association of Architects, Finlândia, 1988.
- “Álvaro Siza Vieira. Casa Unifamiliar a Oporto, 1967 – 70”, *Lotus International*, n. 9, 1975.
- “Álvaro Siza Vieira. Gruppo di abitazioni a Caxinas, 1970”, *Lotus International*, n. 9, 1975.
- “Álvaro Siza Vieira. La nuova Facoltà di Architettura di Porto / The new Faculty of Architecture in Porto. presentazione di Wilfried Wang”, *Casabella*, n. 547, 1988.

“Álvaro Siza Vieira. Studio per abitazioni economiche a Oporto, 1974”, *Lotus International*, n. 9, 1975.

“Álvaro Siza Vieira”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Álvaro Siza Vieira”, *Casabella*, n. 518, 1985.

“Álvaro Siza Vieira”, *Vu de l'intérieur ou la raison de l'architecture: Biennale de Paris. Architecture*, Paris, Mardaga, 1985,

Álvaro Siza, *Profesión poética / Profissão poética*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1988.

Álvaro Siza, *Professione poética / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

“Alvaro Siza, projets et réalisations 1970 – 1980”, *L' Architecture d' Aujourd' Hui*, n. 211, 1980.

Álvaro Siza: *Recent work*, Londres, 9H Gallery, 1986.

“Álvaro Siza. Centro Gallego de Arte Contemporaneo en Santiago de Compostela”, *Arquitectos*, n. 108, 1989.

“Alvaro Siza”, in Franco Raggi, “Europa / América, Architetture urbane alternative suburbane”, Venezia, Edizioni “La Biennale di Venezia”, 1978

“Álvaro Siza”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza*, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

“Amoreiras Towers Complex”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

“António Corte-Real”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

Architectures à Porto, Liège, Pierre Mardaga Éditeur, 1990.

“Architettura nella città storica”, *Lotus International*, n° 18, 1978, Março.

“Argomenti / News, Casa Cardoso a Porto, di Eduardo Souto de Moura. All' ombra di Mies”, *Casabella*, n. 538, 1987.

“Argomenti / News. Álvaro Siza premiatissimo”, *Casabella*, n. 552, 1988.

“Argomenti / News. Álvaro Siza. Esquissos de viagem / Travel Sketches”, *Casabella*, n. 548, 1988.

“Argomenti / News. Ultimate le due case di Álvaro Siza all' Aja”, *Casabella*, n. 548, 1988.

Arquitectura Ibérica Actual, Almagro, Galeria Fucares, 1986.

Arquitectura Nueva en Trás-os-Montes / Arquitectura Nova em Trás-os Montes, La Coruña, Palácio Municipal de Exposiciones Kiosco Alfonso, 1986.

“Arte povera. Arquitecto: Álvaro Siza”, *A&V Monografias de Arquitectura y Vivienda*, n. 8, 1986.

“Atelier Gigante”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Avant-propos”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Awarded Project: Borges & Irmão Bank. Vila do Conde, Portugal, 1982 – 1986”, *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990.

“Banca Borges & Irmão. Vila do Conde”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

“Bankable Taveira; Architects: Tomas Taveira and Raquel Coutinho”, *Architects' Journal*, n. 34, 35, 1988.

“Bernardo Ferrão – Francisco Barata”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Bibliographie”, *L' Architecture d' Aujourd' Hui*, n. 211, 1980.

“Biographie”, *L' Architecture d' Aujourd' Hui*, n. 211, 1980.

“Biography”, “List of the works”, *A+U Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

“Bonjour tristesse. Storia di un progetto / Bonjour Tristesse. Story of a Project”, *Lotus International*, n. 41, 1984.

“Carlos Portugal”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Carlos Prata – Henrique de Carvalho”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Casa Beires, Portugal, Álvaro Siza Vieira”, in David Mackay, *La casa unifamiliar*, Barcelona, GG, 1984.

“Centro de Actividades Culturales y Servicios de San Andrés. Sines. 1982”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

“Chelas Housing Complex”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

“Competition for a restaurant at Pico do Arreiro, centre-west zone of the isle of Madeira, Álvaro Siza Vieira”, *Lotus International*, n. 11, 1976.

“Concorsi internazionali / international competitions”, *Álvaro Siza, Professione*

poética / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

“Concursos. Concurso de ideas. Centro Cultural de La Defensa Madrid 1988”, *Arquitectura*, n. 275 – 276, 1988 – 89.

“Construire à Venise. Interview de Bernard Huet par David Mangin”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 248, 1986.

“Coopérative Domus, Bairro da Pasteleira, Porto. 1972”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

Corbu vu par, Bruxelas, Pierre Mardaga Editeur, 1987.

“D. Carlos I Building”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

“Development plan of Moita near Lisbon 1975”, *Lotus International*, n. 10, 1975.

“Diário do Governo, 6 Agosto 1974 – Dispatch”, *Lotus International*, n. 10, 1975.

“Domingos Tavares”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Dossier. Le logement.”, *AMC*, n. 22, 1988.

“École ‘Paula Frassinetti’, Porto. Projet, 1975”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Editorial”, *Arquitectos*, n. 108, 1989, s/p.

“Editorial”, *Arquitectura*, n. 257, 1981.

“Editorial”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“editorial”, *Obradoiro*, n. 10, 1984.

“Editorial”, *Obradoiro*, n. 11, 1985.

“Editorial”, *Obradoiro*, n. 12, 1985.

“Editorial”, *Obradoiro*, n. 14, 1988

“editorial”, *Obradoiro*, n. 9, 1984.

“Eduardo Souto de Moura. Café du Marché. Braga. 1984”, in Line Dru, Carlo Aslan, *Cafés*, Milão - Paris, Electa - Moniteur, 1988.

“Eduardo Souto de Moura”, *Corbu vu par*, Bruxelas, Pierre Mardaga Editeur, 1987.

“Eduardo Souto de Moura”, in Wilfried Wang, *Emerging European Architects*, Nova Yorque, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

“Eduardo Souto de Moura”, *Vu de l’interieur ou la raison de l’architecture: Biennale de Paris. Architecture*, Paris, Mardaga, 1985.

“Eduardo Souto Moura. Casa II. Nevogilde. Oporto. 1984”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

“Eduardo Souto Moura”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

El Consejo de Redacción, “Editorial”, *Arquitectura*, n. 228, 1981

“El espacio público urbano. 1. Oriol Bohigas. 2. Fernando Montes. 3. Aldo Rossi. 4. Álvaro Siza”, *Proa*, Bogotá, 1982.

“Elenco dei collaboratori / List of collaborators”, *Álvaro Siza, Professione poética / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

“Ensemble d’ habitations ‘Mobil’, Matosinhos. Projet, 1972”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Ensemble d’ habitations Caxinas, Vila do Conde. 1970 – 72”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Ensemble d’habitations Quinta da Malagueira, Évora, 1977”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Ensemble d’habitations SAAL, Bouça, Porto. 1973 – 1977”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Escalier, maison Calem, Foz du Douro. 1975”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Exposição, Tendências da arquitectura portuguesa, em cinco leituras”, *Projeto*, n. 98, 1987.

“Faculté d’Architecture, Porto, Portugal, par A Siza, Diaz, P. Testa, architectes”, *le mur vivant*, n. 87, 1988.

“Faro Training and Educational Center”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

“Fernando Távora”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Fragments d’un entretien”, *L’Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 272, 1990

“Galerie d’ art, Porto. 1973”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Hestnes Ferreira”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa,

Galeria Almada Negreiros, 1989.

“House of Quinta da Malagueira. Álvaro Siza Vieira”, *a+u architecture and urbanism*, n. 205, 1987.

“International Building Exhibition Berlin 1987”, *a+u Architecture and Urbanism*, May extra edition, 1987.

“Interview d’ Álvaro Siza”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Interview with Tomás Taveira”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

“Isolati e strade ad Alter do Chão”, *Domus*, n. 655, 1984.

“João Carreira”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“João Luís Carrilho da Graça”, *Vu de l’interieur ou la raison de l’architecture: Biennale de Paris. Architecture*, Paris, Mardaga, 1985.

“José Alberto Miranda, Angelo Bondioli”, *Terza Mostra Internazionale di Architettura: Progetto Venezia*, Milão, Electa, Biennale di Venezia, 1985, vol. I.

“João Sérgio Santos Carreira”, *Terza Mostra Internazionale di Architettura: Progetto Venezia, vol. I*, Milão, Electa, Biennale di Venezia, 1985, vol. I.

“José Manuel Soares”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“José Paulo dos Santos”, in Wilfried Wang, *Emerging European Architects*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

“Jury Statement”, *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988.

“L’ Architettura e le sue convenzioni / Architecture and its conventions”, *Lotus International*, n. 32, 1981.

La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes, Paris, Moniteur, 1982.

“La realizzazione del quartiere Quinta da Malagueira a Évora, Portogallo”, in Pasquale Lovero, “La generazione dello Z.E.N. Évora, Vittoria, Palermo: tre quarteri a confronto / / The Z.E.N. generation. Évora, Vitoria, Palermo: three quarters compared”, *Lotus International*, n. 36, 1982.

La ricostruzione della città: Berlino IBA - 1987, Milano, Triennale di Milano, Electa Editrice, 1985.

“Linee di azione dei tecnici in quanto tecnici”, *Lotus International*, n. 13, 1976.

“Lisbon East Bus Station”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

“Local competitions to rebuild Lisbon”, *Building*, vol. 253, no. 7563 (36), 1988.

“Lotissement Barbara de Souza, Ovar. Projet, 1972”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Luiz Cunha”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

“Maison à Azeitão, Setúbal. Projet, 1973”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Maison Alcino Cardoso, Moledo do Minho, 1971”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Maison António Carlos Siza, Santo Tirso. 1976 – 1978”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Maison Beires, Povoia do Varzim, 1973 – 1976”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Maison Francelos, Vila Nova de Gaia. Projet, 1980”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Maison Maria Margarida, Arcozelo. Projet, 1979 – 1980”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Maison Marques Pinto, Porto. Projet, 1972”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

“Manuel Correia Fernandes”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Manuel Graça Dias. Lisboa 1953”, in Manuel Graça Dias, *Hiper Modernistas com os ‘baixos ondulantes’ Hiper Modernists with undulating ground-levels*, Lisboa, Cómicos – Espaço Inter – Média, 1985.

“Manuel Vicente”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

“Maria da Graça Nieto”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Martim Moniz Urban Renewal”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

“Matosinhos”, *Álvaro Siza, Profissão poética / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

- “Medallas de Oro de la Arquitectura”, *Arquitectos*, n. 108, 1989.
- “Mercado”, *Quaderns*, n. 163, 1985/1986.
- “Mieze Factory”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.
- “Miguel Guedes de Carvalho”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.
- “Modernismo senza dimenticare la storia’ conversazione con Álvaro Siza”, *Casabella*, n. 744, 2006.
- “National Outland Bank”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.
- “National Tax Impost Building”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.
- “New Transfiguration”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.
- “News Review. Álvaro Siza Vieira’s Guggenheim Transformation”, *UIA International Architect*, n. 4, 1981.
- “Nominees for the Mies van der Rohe Award for European Architecture”, *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990.
- “Nuno Portas al Poder”, *Arquitecturas Bis*, n.2, 1974.
- “Office and Shopping Building at Marquês de Pombal Square”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.
- “Olaias Housing Complex”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.
- “Ouverture sur L’Europe. Le cadre de Vie Professionnel”, *le mur vivant*, n. 87, 1988.
- “Parque Municipal de Conceição y Pabellón de Ténis. Matosinhos. 1957”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.
- “Pedro Ramalho”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.
- “Piscine de Görlitzer Bad, Kreuzberg, Berlin. Projet, 1979”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.
- Porto. Lisboa. Álvaro Siza Vieira. Seminar Woche, Zurich, Eidg. Technische Hochschule, 1986.
- “Portugal alter 25th April”, *Lotus International*, n. 10, 1975.
- “Portugal. Casa de Chá e Restaurante Matosinhos. Arquitecto: A. Siza Vieira”, *Architecture, Formes et Fonctions*, 1969.

- Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988.
- “Progetti e realizzazioni recenti in Portogallo / Recent projects and buildings in Portugal”, Álvaro Siza, *Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.
- “Progetto di concorso per un quartiere residenziale al Campo di Marte / Competition project for a residential quarter at Campo di Marte”, in Marco De Michelis, “Nuovi progetti alla Giudecca. Tipi di edificazione e morfologia dell’isola” / “New projects at the Giudecca. Building types and morphology of the island”, *Lotus International*, n. 51, 1987.
- “Programme”, *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlandia, Alvar Aalto Symposium, 1988.
- “Project uit de school van Porto”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983.
- “Projets et réalisations”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n.º 211, 1980.
- Proyecto y Didáctica: ¿Hacia una Nueva Idea de Academia? – Seminário Internacional de Arquitectura y Diseño Urbano en U.S.A. Y España*, Madrid, Servicio de Publicaciones del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1983.
- Recent Works of Tomás Taveira”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.
- “Rénovation du quartier Barredo, Porto. Projet, 1976”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n.º 211, 1980.
- “Rénovation du quartier São Victor, Porto. 1974 – 1977”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n.º 211, 1980.
- “Restaurant Pico Arieiro, Ile de Madère. Projet, 1975”, *L’ Architecture d’ Aujourd’ Hui*, n.º 211, 1980.
- “Restructuration du Campo di Marte, Giudecca, Venise. Álvaro Siza e José Paulo dos Santos”, *L’Architecture d’Aujourd’Hui*, n. 242, 1985.
- “Rules for the Mies van der Rohe Award for European Architecture”, *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990.
- “SAAL. architectes, quel avenir ?”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976, p.78, 81.
- “SAAL. Operation at Setúbal – Forte Velho”, *Lotus International*, n. 10, 1975.

“San Leucio: cinque poposte per un territorio / San Leucio: Five Territorial Porposals”, *Casabella*, n. 505, 1984.

“Satellite Building”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

“Schlesische Strasse, Block 121. Restricted Competition 1980. First Prize Álvaro Siza Vieira, Porto / Portugal”, in Josef P. Kleihues, Heinrich Klotz, *International Building Exhibition Berlin 1987. Examples of New Architecture*, Londres, Academy Editions, 1986.

Secretariado Nacional de Informação, Sindicato Nacional dos Arquitectos, *contemporary portuguese architecture 1958*, Washington D. C., The Smithsonian Institution, 1958.

“Sergio Fernandez”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

“Siza i Vieira, banca a Vila do Conde”, *Domus*, n. 655, 1984.

“sumario”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

Terza Mostra Internazionale di Architettura: Progetto Venezia, vol. II, Milão, Electa, Biennale di Venezia, 1985.

The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988.

“The Byker Redevelopment project. Newcastle upon Tyne, United Kingdom, 1969 – 82”, *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988.

“The Byker Redevelopment Project”, *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988.

“The Malagueira Quarter Housing Porject. Évora, Portugal, 1977 – Present”, *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988.

“The Malagueira Quarter Housing project”, *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988.

“The Prince of Wales Prize in Urban Design, 1988”, *Prince of Wales Prize in Urban Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Graduate School of Design, 1988.

“Tomás Taveira”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

“Tomás Taveira”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

“Transformación del antiguo. Convento de Santa Marinha da Costa. Parador de Guimarães. 1976 – 1985”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

“Urbanistic Reorganization Fraenkel Embankment, Blocks 70 and 89 Survey 1979. Álvaro Siza Vieira, Porto / Portugal”, in Josef P. Kleihues, Heinrich Klotz, *International Building Exhibition Berlin 1987. Examples of New Architecture*, Londres, Academy Editions, 1986.

“Virginio Moutinho – Carlos Machado”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

Vu de l'intérieur ou la raison de l'architecture: Biennale de Paris. Architecture, Paris, Mardaga, 1985.

ABRAMS, Janet, “Name to reckon with”, *Building Design*, n. 532, 1981.

ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo, 1934 – 1940*, Livros Horizonte, 1998.

ADLERCREUTZ, Gunnel, “Opening Address”, in *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988.

ALCOLEA, Rubén A., “La construcción de un mito Richard J. Neutra en Europa”, in *Las revistas de arquitectura (1900 – 1975) crónicas, manifiestos, propaganda. Actas Preliminares*, Pamplona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra, 2012.

ALLIES, Bob, “Architectural import, *The Architects' Journal*, n.4, vol. 177, 1983.

ALMEIDA, Maria Rita Pais Ramos Abreu de, *A Emergência da Arquitectura Portuguesa no Contexto Europeu no Pós-Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, Dissertação de mestrado em construção, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2004.

ALMEIDA, Pedro Vieira, “Un Analisis de la Obra de Siza Vieira”, *Hogar y Arquitectura*, n. 68, 1967.

ALMEIDA, Pedro Vieira; FERNANDES, José Manuel, “A Arquitectura Moderna em Portugal”, *História da Arte em Portugal*, vol. 14, Lisboa: Alfa, 1986.

ALMEIDA, Pedro Vieira, *A Arquitectura no Estado Novo, uma leitura crítica, Os Concursos de Sagres*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

ALMEIDA, Pedro Vieira, “A criação teórica. Theoretical Creation”, *JA*, n. 244, 2012.

AMUNATEGUI, Javier Bellosillo, “Introducción”, *Proyecto y Didáctica: ¿Hacia una Nueva Idea de Academia? – Seminario Internacional de Arquitectura y Diseño Urbano en U.S.A. Y España*, Madrid, Servicio de Publicaciones del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1983.

ANDRADE, Sérgio, C., “‘Siza permite-nos pensar a arquitectura de uma forma diferente’ Entrevista de Sérgio C. Andrade a Mirko Zardini”, *Jornal Público*, 2014, 6 de Novembro.

ANDREU, Laureano Sabater, “Siza Vieira, Alvaro”, in Gerd Hatje (org.), Laureano Sabater (revisão 3ªed.), *Diccionario Ilustrado de la Arquitectura Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S. A., 1975.

ANGELILLO, Antonio, *Álvaro Siza, Scritti di architettura*, Milão, Skira, 1997.

ANGELILLO, Antonio, *Álvaro Siza, Scritti di architettura*, Milão, Skira, 1997.

ANGELILLO, Antonio, *Álvaro Siza. Writings on Architecture*, Milão, Skira, 1997.

ANGELILLO, Antonio, *Siza, Architecture writings*, Milão, Skira, 1997.

ANGELILLO, Antonio, *Siza, Architecture writings*, Milão, Skira, 1997.

AVON, Annalisa, VRAGNAZ, Giovanni, “Aspetti del minimalismo in architettura”, *Rassegna*, n. 36, 1988.

B., J., “Siza - en overlevende arkitekt fra Oporto”, *Arkitekten*, n. 4, 1975.

BAGLIONE, Chiara, *Casabella 1928-2008, Milão*, Arnoldo Mondadori Editore, Mondadori Electa Spa, 2008.

BANDEIRINHA, José António, “Preâmbulo”, in José António Bandeirinha., *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

BAPTISTA, Luís Santiago, MELÂNEO, Paula, “Entrevista a Hans Ulrich Obrist. ‘A esperança de ser um contributo para a empatia no planeta’”, *Arq/a*, n.

98, 99, 2011.

BARBIERI, Umberto, “Álvaro Siza. Edificio per abitazioni com negozio e bar, L’Aia.”, *Domus*, n. 696, 1988.

BAROSS, Paul, STÜSSI, Robert, *Excursion to Portugal. October 1981. Bouwcentrum International Education*, Roterdão, Bouwcentrum International Education, 1981.

BEAUDOIN, Laurent, ROUSSELOT, Christine, “Entretien avec Álvaro Siza”, *AMC Architecture Mouvement Continuité*, nº 44, 1978.

BEAUDOUIN, Laurent, ROUSSELOT, Christine, “‘Ce que j’écris n’est pas à moi’”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n.º 211, 1980.

BEAUDOUIN, Laurent, ROUSSELOT, Christine, “Un immeuble d’angle à Berlin. Álvaro Siza”, *AMC*, n.2, 1983.

BÉDARIDA, Marc, “Dossier sur L’École de Porto”, *AMC*, n. 7, 1985.

BENEVOLO, Leonardo, *Historia de La Arquitectura Moderna*, Barcelona, Gustavo Gili, 2002, 8ª ed..

BESCH, J. D., “Álvaro Siza Vieira. Progetti per L’ Aja / Projects for the Hague. presentazione di J. D. Besch”, *Casabella*, n. 538, 1987.

BOHIGAS, Nuno, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d’Arte Contemporânea di Milano, 1979.

BOHIGAS, Oriol, “Álvaro Siza Vieira”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

BOHIGAS, Oriol, “Álvaro Siza Vieira”, *Arquitecturas Bis*, n. 12, 1976, Março, p.11 – 16.

BOHIGAS, Oriol, “Disseny, Arquitectura i Urbanisme: A Portugal també els arquitectes fan la guerra pel seu compte”, *Serra D’Or*, n. 101, 1968.

BOHIGAS, Oriol, in Muriel Emanuel (ed.), *Contemporary architects*, Londres, The Macmillan Press, 1980.

BOHIGAS, Oriol, *Once Arquitectos*, Barcelona, La Gaya Ciencia, 1976.

BONTA, Juan Pablo, *Sistemas de significación en arquitectura*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1977.

BORGES, José António Brás, *Eduardo Anahory, percurso de um designer de arquitectura, dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*, Lisboa: Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, 2010

BOTTINEAU, Yves, "AMARANTE, Carlos Luiz Ferreira da Cruz (1748 – 1815)", Diccionario de arquitectos. De la Antigüedad a nuestros dias, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1981.

BOTTINEAU, Yves, "ANTUNES, João (activo de 1683 a 1734)", Diccionario de arquitectos. De la Antigüedad a nuestros dias, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1981.

BOTTINEAU, Yves, "ARRUDA, Diogo de (†1527)", Diccionario de arquitectos. De la Antigüedad a nuestros dias, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1981.

BOVONE, Laura, "Os novos intermediários culturais, considerações sobre a cultura pós-moderna" in Carlos Fortuna, *Cidade, Cultura e globalização*, Celta, 1997.

BRANDOLINI, Sebastiano, CROSET, Pierre-Alain, "Strategie della modificazione 1 / Strategies of modification 1", *Casabella*, n. 498 / 499, 1984.

BRANDOLINI, Sebastiano, CROSET, Pierre-Alain, "Strategie della modificazione 2 / Strategies of modification 2", *Casabella*, n. 498 / 499, 1984.

BRANDOLINI, Sebastiano, CROSET, Pierre-Alain, "Strategie della modificazione 3 / Strategies of modification 3", *Casabella*, n. 498 / 499, 1984.

BRANZI, Andrea, "Libanizzazione generale", *Modo*, n. 69, 1984.

BRU, Eduardo, "'L' obra de Siza està en contínua evolució...'", *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983.

BRU, Eduardo, "Casa Beires", *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983.

BRU, Eduard, *Arquitecturas europeas*, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1986.

BRU, Eduard, MATEO, Josep Lluís, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1986.

BYRNE, Gonçalo, "Ingegneria come arte civica. L'ascensore di Santa Justa a Lisbonna", *Lotus International*, n. 45, 1985.

BYRNE, Gonçalo, "A Proposal for Urban Architecture", *9H*, n. 2, 1980.

BYRNE, Gonçalo, "Byrne, Quartiere a Setúbal", *Domus*, n. 655, 1984.

BYRNE, Gonçalo, "Quelques prémices pour une architecture nouvelle", *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 185, 1976, p.32, 33.

BYRNE, Gonçalo, Ricostruire nella città. La Lisbona di Pombal" / "Rebuilding in the city. Pombal's Lisbon", *Lotus International*, n. 51, 1987.

BYRNE, Gonçalo, CABRITA, António, «Géométrie A Lisbonne. logements collectifs à Chelles» *Techniques et Architecture*, n. 332, 1980.

C., A., "Álvaro Siza Vieira en Madrid", *Arquitectura*, n. 228, 1981.

C., G. R., (Gabriel Ruiz Cabrero), "Escuela de Arquitectura. Oporto. 1985", *Arquitectura*, n. 261, 1986.

CABRAL, Manuel Villaverde, (coord.), BORGES, Vera, Relatório Profissão: arquitecto /a, Lisboa, estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos, 2006.

CALVO, José Ramón López, PINTO, António Cerveira, "Copia de Vasari y Alberti / Copia de Vasari e Alberti", *Arquitectura Nueva en Trás-os-Montes / Arquitectura Nova em Trás-os Montes*, La Coruña, Palácio Municipal de Exposiciones Kiosco Alfonso, 1986.

CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima, *Casabella*, 523, 1986.

CARREIRA, João, "Dentist Surgery. Oporto", *9H*, n.5, 1983.

CASSIRER, Brigitte, "Entretien avec Álvaro Siza", *AMC*, n.2, 1983.

CASTANHEIRA, Carlos, BOASSON, Dorien, "Porto. Momenten uit de geschiedenis van een stad", *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983.

CASTANHEIRA, Carlos, DIJK, Hans van, BOASSON, Dorien, *Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal*, 1984.

CATERINA, Paolo di, LENZA, Gettina, MONTANO, Pier Giulio, "San Leucio: un problema di architettura", *Casabella*, n. 505, 1984.

CAVIEZEL, Nott, "Switzerland since the 1970s: from Ticino Tendenza to pluralism", in Petra Čeferin, POŽAR, Cvetka, (ed.), *Architectural Epicentres. Inventing Architecture, Intervening in Reality*, Liubliana, Architecture Museum, 2008.

ČEFERIN, Petra, *Constructing a Legend, The International Exhibitions of Finnish Architecture 1957 – 1967*, Helsínquia, SKS, 2003.

ČEFERIN, Petra, POŽAR, Cvetka, (ed.), *Architectural Epicentres. Inventing Architecture, Intervening in Reality*, Liubliana, Architecture Museum, 2008.

ČEGERIN, Petra, “Introduction. Inventing Architecture, Intervening in Reality”, in Petra Čegerin, Cvetka Požar, (ed.), *Architectural Epicentres. Inventing Architecture, Intervening in Reality*, Liubliana, Architecture Museum, 2008.

ČEGERIN, Petra, “Finland Wonderland: Architectural Laboratory at the Edge of Europe”, in Petra Čegerin, POŽAR, Cvetka, (ed.), *Architectural Epicentres. Inventing Architecture, Intervening in Reality*, Liubliana, Architecture Museum, 2008.

CENTRE D’ESTUDIS D’URBANISME RICARD BOIX - JORDI BORJA, “Movimientos urbanos en Portugal”, *Jano Arquitectura*, n. 39, 1976.

CERVELLÓ, Marta, “Entrevista a Álvaro Siza Vieira”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986.

CHASLIN, François, “Les deux périodes Émery, d’un tournant l’autre”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 272, 1990.

CHEMETOV, Paul, ALLAIN-DUPRÉ, Elisabeth, BRAUSCH, Marianne, GARCÍAS, Jean-Claude, RAYON, Jean-Paul, BORIE, Vincent, “Compte rendu de mandat”, in *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*, Paris, Moniteur, 1982.

CHENU, Laurent, LOPEZ, Carlos, “Un pays en voyage. A propos de deux réalisations d’Eduardo Souto de Moura”, *Faces*, n. 5/6, 1987.

CODDOU, Flávio, “La Génesis de Arquitecturas Bis”, in José Manuel Pozo, Héctor García-Diego Villarías, Izaskun Garcia (coord.), *Las revistas de arquitectura (1900-1975): crónicas, manifestos, propaganda*, Pamplona, T6 ediciones, 2012.

COHEN, Jean-Louis, ELEB, Monique, “Paris in the Mirror of Time”, in Jean-Louis Cohen, Monique Eleb, *Paris Architecture 1900 – 2000*, Paris, Norma Éditions, 2000.

COLLOVÀ, Roberto, “Action Building”, *Lotus International*, n. 37, 1983.

COLLOVÀ, Robert, “La casa a Ovar”, *Casabella*, n. 514, 1985.

COLOMINA, Beatriz, “Architectureproduction”, in Kester Rattenbury (ed.), *This Is Not Architecture. Media constructions*, Londres, Nova Iorque, Routledge, 2002, p. 207 – 221.

COLQUHOUN, Alan, “Modern Architecture and the Liberal Conscience”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982.

CONCEIÇÃO SILVA, João Pedro, CONCEIÇÃO SILVA, Francisco Manuel (coord.), *Francisco da Conceição Silva, arquitecto, 1922 / 1982*, Sociedade Nacional de Belas Artes, 2007.

CONCEIÇÃO, Luís, HÉNAULT, Odile, “À bâtons rompus, Álvaro Siza”, *Section a*, n. 4, 1983.

CONSIGLIERI, Victor, LOPES, Teixeira J., “Álvaro Siza e Tomás Taveira, dois arquitectos portugueses”, *Projeto*, n. 98, 1987.

CORREIA, Graça, *Ruy Jervis d’Athouguia – A Modernidade em Aberto*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008.

CORREIA, Nuno, *O Nome dos Pequenos Congressos. A primeira geração de encontros em Espanha 1959-1967 e o pequeno congresso de Portugal*, Barcelona: Universidade Politècnica da Catalunya, ETSAB, 2009/2010.

COSTA, Alves, “L’esperienza di Oporto”, *Lotus International*, n. 18, 1978.

COSTA, Alexandre Alves, “Beelden van een bevrijde stad. Het korte leven van de SAAL in Porto”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983.

COSTA, Alexandre Alves, “Oporto and the Young Architects: some clues for a reading of the works”, *9H*, n.5, 1983.

COSTA, Alexandre Alves “L’Operazione SAAL / The SAAL operation”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

COSTA, Alexandre Alves, “Notas Imprecisas sobre arquitecturas Ajenas.”, *Arquitectura Nueva en Trás-os-Montes / Arquitectura Nova em Trás-os Montes*, La Coruña, Palácio Municipal de Exposiciones Kiosco Alfonso, 1986.

COSTA, Alexandre Alves, “Álvaro Siza: Architect of Porto and of the World”, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, Nova Iorque, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

COSTA, Alexandre Alves, “Notes pour une caractérisation de l’architecture portugaise”, Liège, Pierre Mardaga Editeur, 1990.

COSTA, Alexandre Alves, “1974 – 1975. O SAAL e os Anos da Revolução”, in Annette Becker, Ana Tostões, Wilfried Wang (org.), *Arquitectura do Século XX. Portugal*, Munique, Prestel, Pelouro da Cultura e Tempos Livres / Departamento para a Ciência e Arte do Município de Frankfurt am Main, Deutsches Architektur-Museum, Portugal-Frankfurt 97, 1997.

COSTA, Alexandre Alves, “Prefácio”, in José António Bandeirinha, *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

COSTA, Alexandre Alves, *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa, Outros Textos sobre Arquitectura Portuguesa*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2007.

COSTA, Alexandre Alves, “A Problemática, a polémica e as Propostas da Casa Portuguesa”, in *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa, Outros Textos sobre Arquitectura Portuguesa*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2007.

COSTA, Alexandre Alves, Prova de Agregação, Aula Novembro de 1994, Porto, Edições Faup, 2ª ed., 2007.

COSTA, Alexandre Alves, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1150, 29 de Outubro a 11 de Novembro de 2014.

COSTA, Alexandre Alves; DIAS, Adalberto; SOUTINHO, Alcino; VIEIRA, Álvaro Siza; TAVARES, Domingos; MOURA, Eduardo Souto de; FERNANDEZ, Sérgio, [sem título], Luís Serpa (coord.), *Depois do Modernismo*, Lisboa, 1983.

CROCI, Valentina. “The Italian Architectural Press”, *Architectural Design*, n. 3, 2007.

CROSET, Pierre-Alain, “Berlino’ 87: la costruzione del passato / Berlin’ 87: Building the Past”, *Casabella*, n. 506, 1984.

CROSET, Pierre – Alain, “The appeal of form”, *Álvaro Siza: Recent work*, Londres, 9H Gallery, 1986.

CROSET, Pierre-Alain, “Álvaro Siza Vieira. Banca a Vila do Conde / Bank in Vila do Conde”, *Casabella*, 526, 1986.

CROSET, Pierre-Alain, “L’isolato di Messina / The Messina urban block, com uno scritto di Marcello Vittorini”, *Casabella*, 523, 1986.

CROSET, Pierre-Alain, “Salemi e il suo territorio / Salemi and its territory”, *Casabella*, n. 536, 1987.

CROSET, Pierre-Alain, “Présentation”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

CROSET, Pierre-Alain, “Scuole in Portogallo di Alvaro Siza. La svolta di

Penafiel. Una conversazione com Álvaro Siza”, *Casabella*, n. 579, 1991.

CRUELLES, Bartolomeu, “Escritório Pioledo, Vila Real, Portugal. Dialogo en la Periferia”, *Cyan*, n. 4, 1987.

CUECO, Jorge Torres, GÓMEZ, Raul Castellanos, CALABUIG, Débora Domingo, “Serra D’Or, 1979 – 70: Hacia una Arquitectura Realista”, in *Las revistas de arquitectura (1900 – 1975) crónicas, manifestos, propaganda. Actas Preliminares*, Pamplona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra, 2012.

CUNHA, Luiz Sarmento de Carvalho e Cunha, “Portugal. The search for an Authentic Architecture” in John Donat (coord.), *World Architecture One*, Londres, Studio Books London, 1964, p.84 – 93.

D’ESTRIER, Henry, “‘Amoreiras’: modernisme et post-modernite a Lisbonne”, *Architecture mediterraneenne*, n. 30, 1987.

DALMAU, Josep, “Henri Lefebvre: La urbanización y el Estado”, *Jano Arquitectura*, n. 39, 1976.

DALMAU, Josep, “Manuel Castells: La interacción entre el Estado y los movimientos sociales urbanos”, *Jano Arquitectura*, n. 39, 1976.

DANTEC, Jean-Pierre Le, “La période Huet, une entreprise critique”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 272, 1990.

DAVID, Brigitte “Le SAAL ou l’exception irrationnelle du système”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

DE LA HOZ, Rafael, “Medallas de Oro de la Arquitectura. Discurso de D. Rafael de La Hoz”, *Arquitectos*, 108, 1989.

DIAS, A., “Edifício de oficinas e comercio en Vila do Conde (Portugal)”, *Obradoiro*, n. 12, 1985.

DIAS, A., SILVA, P., “Concurso para o novo edifício do Parlamento de Açores”, *Obradoiro*, n. 12, 1985.

DIAS, Adalberto, “Apartment Blocks. Ofir”, *9H*, n.5, 1983.

DIAS, Adalberto, “Shopping Gallery and Offices. Vila do Conde”, *9H*, n.5, 1983.

DIAS, Adalberto, SOUTINHO, Alcino, COSTA, Alexandre Alves, SIZA, Álvaro, TAVARES, Domingos, MOURA, Eduardo Souto, FERNANDEZ, Sérgio, in SERPA, Luís (coord.), *Depois do Modernismo*, Lisboa, Depois do Modernismo, 1983.

DIAS, Manuel Graça, *Hiper Modernistas com os 'baixos ondulantes' Hiper Modernists with undulating ground-levels*, Lisboa, Cómicos – Espaço Inter – Média, 1985.

DIAS, Manuel Graça, *3 Morceaux. 3 bocados*, Lisboa, 1988.

DIAS, Manuel Graça, “Cinco Ensejos”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

DIAS, Manuel Graça, “Veinte años de libertad. La arquitectura Portuguesa desde la Revolución”, A&V, Monografías de Arquitectura y Vivienda, n. 47, 1994.

DIAS, Manuel Graça, FIGUEIRA, Jorge, “Álvaro Siza: de ‘arquitecto da participação’ a ‘arquitecto do branco’”, *Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, Da identidade da arquitectura portuguesa*, n. 22, 2013.

DIJK, Hans van, “De kwetsbare transformaties van Siza”, *Wonen-Tabk*, n. 9 – 83, 1983.

DIJK, Hans van, “Kritisch regionalisme en de School van Porto”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983.

DONAT, John, (Coord.) *World Architecture One*, Londres, Studio Books London, 1964.

DORFLES, Gillo, *A arquitectura Moderna*, Lisboa, Edições 70, 1986.

DRU, Line, ASLAN, Carlo, *Cafés*, Milão - Paris, Electa - Moniteur, 1988.

DUARTE, Carlos S., “A Arquitectura Portuguesa, Dos Anos Trinta à Actualidade”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

DUARTE, Carlos S., “Arquitetura portuguesa, dos anos 30 à atualidade”, *Projeto*, n. 98, 1987.

DUARTE, Carlos S., “Objectivos de uma exposição”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

DUARTE, Carlos S., *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

DUARTE, Carlos, “1961/1974: L'ouverture néo-capitaliste”, *L'Architecture*

d'Aujourd'hui, n. 185, 1976.

DUNSTER, David, “Maid in USA”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982.

ECHEVARRÍA, José Luís, “Twenty Years of Spanish Architecture: From Site Specificity in Catalan Architecture to *On Site* at MoMA”, in Petra Čeferin, POŽAR, Cvetka, (ed.), *Architectural Epicentres. Inventing Architecture, Intervening in Reality*, Liubliana, Architecture Museum, 2008, p. 120 – 133.

EMANUEL, Muriel, (ed.), “Siza, Álvaro.”, *Contemporary architects*, Londres, The Macmillan Press, 1980.

EMANUEL, Muriel, (ed.), *Contemporary architects*, Londres, The Macmillan Press, 1980.

ÉMERY, Marc, “La tranquille révolution d' Álvaro Siza”, *L' Architecture d' Aujourd' Hui*, n.º 211, 1980.

EUGÈNE, Reynald, “Portugal. L' hôtel de ville de Matosinhos”, *AMC*, n. 21, 1988.

F., R., “Un pavillion dans un parc. Álvaro Siza, architecte”, *AMC*, n. 19, 1988.

FERLENGA, Alberto, “Dal convento al museo. Un progetto di Alcino Soutinho a Amarante (Portogallo) / From convent to museum. A project at Amarante (Portugal) by Alcino Soutinho”, *Lotus International*, n. 45, 1985.

FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Nuno Teotónio; “A Arquitectura em Portugal” in *Arquitectura*, 142, 1981.

FERNANDES, José Manuel, “Duas ou três coisas que sei dele... Deux ou trois choses que je sais de lui...”, in Manuel Graça Dias, *Hiper Modernistas com os 'baixos ondulantes' Hiper Modernists with undulating ground-levels*, Lisboa, Cómicos – Espaço Inter – Média, 1985.

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luís, “Je em souviens. Portugal desde España, memorias y encuentros”, *Arquitectura Viva*, n. 112, 2007.

FERNÁNDEZ, Ángela Rodríguez, “La Revisión Crítica de la Arquitectura Moderna en Las Revistas Españolas. Los primeros artículos de Rafael Moneo y la conciencia de la superación de la ortodoxia moderna”, in José Manuel Pozo, Héctor García-Diego Villarias, Izaskun Garcia (coord.), *Las revistas de arquitectura (1900-1975): crónicas, manifestos, propaganda*, Pamplona, T6 ediciones, 2012.

FERNANDEZ, Sérgio, *Percursos, Arquitectura Portuguesa 1930-1974*, 2ª. Edição. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988.

FERNANDEZ, Sérgio, “Arquitectura Portuguesa, 1961 – 1974”, in Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang (org.), *Portugal, Arquitectura do Século XX*, Munique, Prestel, 1997.

FERREIRA, Raul Hestnes, “Le 25 Avril 1974 ... et les architectes”, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 185, 1976, p.59.

FIELL, Charlotte & Peter (ed.), *Domus 1928 – 1999, vol I, 1928 - 1939*, Hong Kong, Taschen, 2006.

FIELL, Charlotte & Peter (ed.), *Domus 1928 – 1999, vol IX, 1980 - 1984*, Hong Kong, Taschen, 2006.

FIELL, Charlotte & Peter (ed.), *Domus 1928 – 1999, vol X, 1985 - 1989*, Hong Kong, Taschen, 2006.

FIGUEIRA Jorge, *Escola do Porto: um Mapa Crítico*. Coimbra: edarq, Edições do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2002.

FIGUEIRA, Jorge, *A periferia Perfeita. Pós- Modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos 60 – Anos 80*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009.

FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o Pós-Moderno*, Porto, Dafne Editora, 2011.

FIGUEIREDO, Rute, *Arquitectura e Discurso crítico em Portugal (1893-1918)*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

FLORES, Carlos, “La obra de Álvaro Siza Vieira”, *Hogar y Arquitectura*, n.º 68, 1967, Janeiro, Fevereiro, p. 34, 35.

FOSTER, Kurt W, “On Modern Architecture”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982.

FOUCAULT, Michel, “o que é um autor?”, Vega, 1992, 3ª ed..

FRAMPTON, Kenneth, “The Status of Man and the Status of His Objects”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982.

FRAMPTON, Kenneth, “Avant Garde and Continuity”, *Architectural Design*, 52

7/8, *AD Profile* 42, 1982.

FRAMPTON, Kenneth, “Place, Production and Architecture”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982.

FRAMPTON, Kenneth, “Towards a Critical Regionalism: Six points for an architecture of resistance”, in Hal Foster, *The anti-aesthetic: essays on post-modern culture*, Michigan, Bay Press, 1983.

FRAMPTON, Kenneth, “Critical Regionalism: modern architecture and cultural identity”, *Modern Architecture, a Critical History*, Londres, Nova Iorque, Thames & Hudson, 1985.

FRAMPTON, Kenneth, “Al punto fermo del mondo che ruota / At the still point of the turning world”, *Casabella*, n. 514, 1985.

FRAMPTON, Kenneth, “Europa y la continuidad del proyecto moderno / Europe and the continuity of the modern Project”, *Quaderns*, n. 163, 1985/1986

FRAMPTON, Kenneth, “Poesis e trasformazione: l'architettura di Álvaro Siza / Poesis and transformation: the architecture of Álvaro Siza”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

FRAMPTON, Kenneth, “Preface”, in Wilfried Wang, *Emerging European Architects*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

FRAMPTON, Kenneth, “In search of a Laconic Line: A note on the School of Porto”, in *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988.

FRAMPTON, Kenneth, “The Mies van der Rohe Award for European Architecture. Notes on the Ianugural Prize”, *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990.

FRAMPTON, Kenneth, “Prospects for a Critical Regionalism”, in Robert A. M. Stern, Alan Palttus, Peggy Deamer (ed.), *Re reading Perspecta. The First Fifty Years of the Yale Architectural Journal*, Cambridge, London, The MIT Press, 2004.

FRAMPTON, Kenneth, “World architecture and reflective practice”, *Modern Architecture, a Critical History*, Londres, Nova Iorque, Thames & Hudson, 2007.

FRAMPTON, Kenneth, “Architecture in the Age of Globalization: topography, morphology, sustainability, materiality, habitat and civic form 1975 – 2007”,

Modern Architecture, a Critical History, Londres, Nova Iorque, Thames & Hudson, 2007.

FRAMPTON, Kenneth, “On the road: an AD Memoir / En el camino: Memorias de AD”, in *Architects’ Journeys: Building, Travelling, Thinking / Los Viajes de los Arquitectos: Construir, Viajar, Pensar*, Pamplona, T6 Ediciones, 2011.

FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XX*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1974.

FRANÇA, José Augusto, “1930/1948: le fascisme pur et dur”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

FRANÇA, José Augusto, *A Arte e a sociedade portuguesa no século XX: 1910 a 1980*. Lisboa: Horizonte, 2ª edição, 1980.

FRANK, Susan, IAUS, *the Institute for Architecture and Urban Studies: an insider’s memoir*, Bloomington, Author House, 2010.

FRANKE, Klaus, *La ricostruzione della città: Berlino IBA - 1987*, Milano, Triennale di Milano, Electa Editrice, 1985.

FRECHILLA, Javier, “Fernando Távora. Conversaciones en Oporto”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

FURTADO, Gonçalo, CASTELO, Pedro, *Tracing Portugal*, Londres, Architectural Association, 2004.

FURTADO, Gonçalo, “Notas sobre o nosso (Pós)Moderno”, *Jornal dos Arquitectos*, Ordem dos Arquitectos, nº 208, Lisboa, 2002.

FURTADO, Gonçalo, *Beyond the Pencil: The Construction of the Critical Project*, PEI, 2005.

FURTADO, Gonçalo, LIMA, Luís, “Arquitectura e Investigação. Sobre a experimentação e reprodução do conhecimento na academização actual”, *Arq.a*, n. 98 / 99, 2011.

GADANHÓ, Pedro, “Escassez & Deslocação”, in Pedro Gadanho, Luís Tavares Pereira, (coord.), *influx. arquitectura portuguesa recente*, Porto, Civilização, 2004, 2ª ed. (1ª ed. 2003).

GADANHÓ, Pedro, *Arquitectura e mediatização generalista, 1990-2005: uma crítica cultural do campo arquitectónico*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2007.

GASSER, Manuel, “The Calouste Gulbenkian Museum in Lisbon”, *DU*, n.º 395,

1974, Janeiro, p. 2 – 47.

GIGANTE, Jorge, MELO, Francisco, “Central Telefónica. Vila Nova de Gaia.”, *Quaderns*, n. 163, 1985/1986.

GIGANTE, José, “Central telefónica, Vilanova de Gaia – Oport (Portugal)”, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1986.

GIORGI, Manolo, TORRICELLA, Ágata, “Atlante comparato dell’architettura contemporanea”, *Modo*, n. 69, 1984.

GLUSBERG, Jorge (ed.), *Architectural design, AD Profile 56*, volume 54. No. 11/12, 1984.

GOMES, Paulo Varela, “Arquitectura, os últimos vinte e cinco anos”, PEREIRA, Paulo (direcção), *História da Arte Portuguesa, Arquitectura portuguesa do século XX*. Lisboa: Temas e Debates, volume 3, 1995.

GOMEZ, Carlos Perez, “The Potential of Architecture as Art”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile 42*, 1982.

GRAÇA, João Luís Carrilho da, “Desasosiego, Desassossego”, *Arquitectura Nueva en Trás-os-Montes / Arquitectura Nova em Trás-os Montes*, La Coruña, Palácio Municipal de Exposiciones Kiosco Alfonso, 1986.

GRAÇA, João Luís Carrilho da, “Dessins tordus. Estes desenhos tortos” in Manuel Graça Dias, *3 Morceaux. 3 bocados*, Lisboa, 1988.

GRANDE, Nuno, “Portugal: território, cidade e arquitectura. Da Nação-navio ao País-arquipélago”, *Descontinuidade, Arquitectura Contemporânea, Norte de Portugal*. Porto: Editora Civilização, Setembro 2005.

GRANDE, Nuno, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1150, 29 de Outubro a 11 de Novembro de 2014.

GREGOTTI, Vittorio, “Architetture recenti di Álvaro Siza. Presentazione di Vittorio Gregotti”, *Controspazio*, n. 9, 1972.

GREGOTTI, Vittorio, “La passion d’Alvaro Siza, selon Vittorio Gregotti”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

GREGOTTI, Vittorio, “Oporto”, *Lotus International*, n. 18, 1978, Março.

GREGOTTI, Vittorio, ROTA, Ítalo (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d’Arte Contemporânea di Milano, 1979.

GREGOTTI, Vittorio, “Le operazioni SAAL: un bilancio”, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d’Arte Contemporânea di Milano, 1979.

GREGOTTI, Vittorio, “Architetture recenti di Alvaro Siza”, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d’Arte Contemporânea di Milano, 1979.

GREGOTTI, Vittorio, “L’ossessione della storia”, *Casabella*, n. 478, 1982.

GREGOTTI, Vittorio, “The recent architectural Works of Álvaro Siza”, *design + art in greece*, n. 14, 1983.

GREGOTTI, Vittorio, “Modificazione / Modifiction”, *Casabella*, n. 498 / 499, 1984.

GREGOTTI, Vittorio, “Venezia città della nuova modernità”, *Rassegna*, n. 22, 1985.

GREGOTTI, Vittorio, “Arquitecture recenti di Álvaro Siza”, *Álvaro Siza, Profissão poética / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

GREGOTTI, Vittorio, “Editoriale”, *Rassegna*, n. 50, 1992.

GREGOTTI, Vittorio, “A revolução dos cravos: 1974”, *Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, Da identidade da arquitetura portuguesa*, n. 22, 2013.

GRILO, Júlio Teles, “La Forêt près du dauphin. A Floresta junto ao golfinho”, in Manuel Graça Dias, *3 Morceaux. 3 bocados*, Lisboa, 1988.

GUEDES, Pancho (coord.), *Manifestos, Ensaios, Falas, Publicações*, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2007.

GULIN, Francisco Couto, “La lección de un maestro”, *Q*, n. 43, 1981.

HÄMMER, Hardt-Waltherr, “Urban Renewal. Demonstration Areas. Luisenstadt and Kreuzberg SO 36”, in Josef P. Kleihues, Heinrich Klotz, *International Building Exhibition Berlin 1987. Examples of New Architecture*, Londres, Academy Editions, 1986, p. 240 – 243.

HATCH, C. Richard, *The Scope of Social Architecture*, Nova Iorque, New Jersey Institute of Technology, Van Nostrand Reinhold Company, 1984.

HUET, Bernard, “Portugal An II”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

HUET, Bernard, “Álvaro Siza, architetto”, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d’Arte Contemporânea di Milano, 1979.

HUET, Bernard, “Álvaro Siza, arquitecto 1954-1979”, *Álvaro Siza, Profissão poética / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

ISASI, Justo F., “Entrevista com Álvaro Siza”, *Arquitectura Viva*, n. 3, 1988.

JAUREGUI, Jorge Mário, “A próxima visita de um mestre”, *Projeto*, n. 98, 1987.

JENCKS, Charles (ed.), “Free Style Classicism: the Wider Tradition”, *Architectural Design*, 52 1/2, *AD Profile* 39, 1982.

JENCKS, Charles, *Movimentos Modernos em Arquitectura*, Lisboa, Edições 70, 1987.

KLEIHUES, Josef Paul, “Un non-luogo. I progetti di concorso per il Prinz Albrecht Palais a Berlino / A non-place. Competition designs for the Prinz Albrecht Palais in Berlin”, *Lotus International*, n. 42, 1984.

KLEIHUES, Josef P., “Examples of a New Architecture”, in Josef P. Kleihues Heinrich Klotz, *International Building Exhibition Berlin 1987. Examples of New Architecture*, Londres, Academy Editions, 1986.

KLEIHUES, Josef P., KLOTZ, Heinrich, “Interview on the IBA Exhibition”, in Josef P. Kleihues, Heinrich Klotz, *International Building Exhibition Berlin 1987. Examples of New Architecture*, Londres, Academy Editions, 1986.

KLEIHUES, Josef P., KLOTZ, Heinrich, *International Building Exhibition Berlin 1987. Examples of New Architecture*, Londres, Academy Editions, 1986.

KOMONEN, Markku, “Neilikavallunkku - Mouksen Arkkitehti”, *Arkkitehti*, n.7, 1980.

KOMONEN, Markku, “Portugalilaisen kaupunkitradition heijastuksia, Álvaro Siza uusi suunitema historillisessa Evorassa / Echoes of the Portuguese urban tradition. Álvaro Siza’s new plan in old Évora”, *Arkkitehti*, n. 8, 1983.

KOOLHAAS, Rem, OBRIST, Hans Ulrich, *Project Japan: Metabolism Talks*, Colónia, Taschen, 2011.

L., J., “Histoire des Projets”, *AMC*, n. 19, 1988.

LAMPUGNANI, Vittorio Magnago, *Architecture and City Planning in the Twentieth Century*, Nova Iorque, Van Nostrand Reinhold Company, 1985.

LASH, Scott, URRY, John, *Economies of signs and space*, Londres, Sage Publications, 1999.

LIPSTADT, Hélène, “The building and the Book in César Daly’s Revue Générale de l’Architecture”, in *Architectureproduction*, 1988.

LIPSTADT, Hélène, “Can ‘art Professions’ Be Bourdieuean Fields of Cultural Production?: The Case of the Architecture Competition”, *Cultural Studies*, 17: 3-4, 2003.

LIPSTADT, Hélène, “Experimenting with The Experimental Tradition, 1989-2009: On Competitions and Architecture Research”, in Magnus Rönn et al. (org.), *The Architectural Competition: Research Inquiries and Experiences*, Stockholm, Axlbooks, 2010.

LLORENS, Tomàs, *Arquitectura, história y teoria de los signos : el symposium de Castelldefels*, Barcelona, Publicaciones del Colegio Oficial de Arquitectos de Cataluña y Baleares, La Gaya Ciencia, 1974.

LOPES, Diogo Seixas, “Tendenza: the Sound of Confusion”, comunicação apresentada por Diogo Seixas Lopes no Colóquio Geschichte und Theorie im Architekturunterricht, Bibliothek Werner Oechslin, Novembro 2009.

LOPES, Elza, *Arquitetura Portuguesa Face à Globalização*, Orientação de Professor Doutor Gonçalo Furtado, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2011 – 2012.

LOPES, Nuno Ribeiro, “House in Évora”, *9H*, n.5, 1983.

LORENZONI, Giovanni, “Manifattura antica e impresa moderna”, *Casabella*, n. 505, 1984.

LOVÉN, Jaakko, “Address of welcome”, in *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988.

LOVERO, Pasquale, “La generazione dello Z.E.N. Évora, Vittoria, Palermo: tre quarteri a confronto / / The Z.E.N. generation. Évora, Vitoria, Palermo: three quarters compared”, *Lotus International*, n. 36, 1982.

LUCAN, Jacques, *Architecture en France (1940 – 2000): Histoires et Teories*, Paris, Le Moniteur, 2001.

M. C. G., “Nuno Teotónio Pereira et João Paciência: le retour à l’urbain”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Álvaro Siza - Uma questão de medida. Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009, Março. (tradução de Vera Cabrita) edição Portuguesa da edição em França de MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Álvaro Siza - Une question de mesure*, Paris, Groupe Moniteur, Département Architecture, 2008.

MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Álvaro Siza - Uma questão de medida. Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009, Março. (tradução de Vera Cabrita) edição Portuguesa da edição em França de MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Álvaro Siza - Une question de mesure*, Paris, Groupe Moniteur, Département Architecture, 2008.

MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent, *Álvaro Siza, uma questão de medida. Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009.

MACKAY, David, “Spain”, in Vittorio Magnago Lampugnani (ed.), *The Thames and Hudson Encyclopaedia of 20th Century Architecture*, Londres, Thames and Hudson, Nova Iorque, Harry N. Abrams, Inc., 1986.

MADEIRA, Cláudia, *Novos notáveis, os programadores culturais*, IV Congresso Português de Sociologia.

MAGNAGO LAMPUGNANI, Vittorio, *Architecture and city planning in the twentieth century*, Nova Iorque, Van Nostrand Reinhold Company, 1985.

MAGNANI, Carlo, “Il Concorso dello ICAP di Venezia per Campo di Marte alla Giudecca / The Venice IACP competition for Campo di Marte on the Giudecca island. con uno scritto di Carlo Trevisan”, *Casabella*, n. 518, 1985.

MAGNANI, Carlo, “Utilità dell’architettura”, *Casabella*, n. 505, 1984.

MANGADA, Eduardo, “Viajera y sin fronteras”, *A&V Monografías de Arquitectura y Vivienda*, n. 16, 1988.

MANSILLA, Luís M., “Álvaro Siza Vieira”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

MARCONI, Francesco, *Trajectórias*, (em preparação).

MARCONI, Francesco, “Portugal – Operação SAAL”, *Casabella*, n.º 419, 1976.

MARCONI, Francesco, “Portugal – Operação SAAL”, *Casabella*, n.º 419, 1976.

MARCONI, Francesco, *Trajectórias*, (em preparação).

- MARIN, Luís, “Quale futuro per l’Expo?”, *Casabella*, n. 528, 1986.
- MARKHAM, Geoff, “School on the hill”, *Building Design*, n.531, 1981.
- MARKHAM, Geoff, “Top link”, *Building Design*, n.530, 1981.
- MARQUES, Carlos Vaz, “Nuno Portas Continuar a Narrativa”, *Ler*, n. 115, 2012.
- MARTINS, Ana Sofia Ferreira, *Arquitectura e Media. O Papel e Impacto das Revistas de Arquitectura no Final do Século XX*, Prova Final para Licenciatura em Arquitectura, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2006.
- MATA, Sara de la, PORRAS, Fernando, “Entrevista Álvaro Siza”, *Arquitectura*, n. 271 - 272, 1988.
- MATEO, José Luís, “Artiscità e progetto nella situazione europea”, *Rassegna*, n. 36, 1988.
- MATEO, Josep Lluís, “Cuestiones pendientes”, *Quaderns*, n. 163, 1985/1986.
- MATEO, Josep Lluís, “Proemio”, *Quaderns*, n. 163, 1985/1986.
- MATEO, Josep Lluís, “Proyecto y verdad”, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1986.
- MATEO, Josep-Lluís, “Si qualsevol descripció suposa una interpretació...”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983.
- MATOS, Ana Sofia R. F. da C. P. S. de, *Zeitgeist – O Espírito Do Tempo António Garcia – Design e Arquitectura nas décadas de 50-70 do século XX. Depois da obra, o futuro*, Tese de Mestrado em Museologia e Museografia, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2006.
- MAXWELL, Robert, “The 10 New buildings exhibition”, *Building Design*, n. 626, 1983.
- MCINTYRE, Anthony, “Italian Job”, *The Architects’ Journal*, n. 45, 1985.
- MELLO, Duarte Cabral de, “Vitor Figueiredo: La misère du superflu”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.
- MELLO, Duarte Cabral de, ALMEIDA, Maria Manuel Godinho de, CHALBERT, Miguel, FERREIRA, Vicente BRAVO, “Quartiere delle cooperative ad Alverca”, *Domus*, n. 655, 1984.
- MENDES, Manuel, “De School van Porto. De mythe, de schaduw, het gezicht, het geheugen, het verlangen, mogelijke ontmoeting, op zoek naar een (on)

- werkelijk idee”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983.
- MENDES, Manuel, “Porto, école et projets 1940-1986”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.
- MENDINI, Alessandro, “Pregnant with appeal and a multitude of questions”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.
- MENDINI, Alessandro, “Tomás Taveira”, *Art & Design. The Post Modern Object*, vol. 3, n. 3/ 4, 1987.
- MICHELIS, Marco De, “Nuovi progetti alla Giudecca. Tipi di edificazione e morfologia dell’isola” / “New projects at the Giudecca. Building types and morphology of the island”, *Lotus International*, n. 51, 1987.
- MICHELLIS, Marco de, “Scompaginamenti. Note sul frammento, la citazione, la decomposizione”, *La ricostruzione della città: Berlino IBA - 1987*, Milano, Triennale di Milano, Electa Editrice, 1985.
- MILHEIRO, Ana Vaz, “Arquitectura portuguesa 2000-2005: um guia temporário”, *2G Dossier Portugal 2000-2005*, Barcelona: editorial Gustavo Gili, 2005.
- MIT Committee on the Visual Arts (org.), *Álvaro Siza: Buildings and Projects*, Cambridge, Albert and Vera List Visual Arts Center, MIT, 1986.
- MONEO, José Rafael, “Comments on Siza’s Architecture”, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.
- MONEO, Rafael, “Arquitecturas en las Margenes”, *Arquitecturas Bis*, n. 12, 1976.
- MONEO, Rafael, “The Contradictions of Architecture as History”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982.
- MONTALBÁN, Manuel Vázquez, “Coloquios en La Garriga. Racionalismo, Arquitectura, Butifarras y Musica Dispersa”, *Triunfo*, n. 416, 1970.
- MONTANER, Josep Maria, *Después del movimiento moderno. arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1983.
- MONTEIRO, José Charters, NOBREGA, José da, PRATA, José Lopo, MARTINS, Artur Pires, “La ciudad de Lisboa”, in Salvador Tarragó, Justo G. Beramendi, (org.), *Proyecto y ciudad historica*, Santiago de Compostela,

Publicacións do Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1977.

MORA, Emiro, “4. Álvaro Siza”, *Proa*, Bogotá, 1982.

MORENO, José Ramón, “Arquitectos Viajeros. The risk of the Alien”, *A&V Monografías de Arquitectura y Vivienda*, n. 16, 1988.

MORGAN, Ann Lee, NAYLOR, (ed.), Colin, “Álvaro Siza”, *Contemporary Architects*, Chicago e Londres, St. James Press, 1987.

MORGAN, Ann Lee, NAYLOR, (ed.), Colin, “Álvaro Siza”, *Contemporary Architects*, Chicago e Londres, St. James Press, 1987.

MORTON, David, “O pós-moderno em Portugal”, *Projeto*, n. 98, 1987.

MORTON, David, “P – M in Portugal”, *Progressive Architecture*, n. 12 vol. 66, 1985.

MORTON, David, “P-M em Portugal”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza*, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

MOURA, Eduardo Souto de, “An ‘Amoral’ Architect”, *9H*, n. 2, 1980.

MOURA, Eduardo Souto de, “Café del mercado, Braga (Portugal)”, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1986.

MOURA, Eduardo Souto de, “Casa II”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986.

MOURA, Eduardo Souto de, “Mercado municipal en Braga (Portugal)”, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1986.

MOURA, Eduardo Souto, “City Market, Braga”, *9H*, n.5, 1983.

MOURA, Eduardo Souto, “Casa Taxa de Farias (Porto)”, *Obradoiro*, n. 9, 1984.

MOURA, Eduardo Souto, “HIATHOUGUIA e o ‘Mapa’”, in Graça Correia, *Ruy Jervis d’Athouguia – A Modernidade em Aberto*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008

MOURA, Eduardo Souto, “L’attrait de la différence”, *AMC*, n. 21, 1988.

MOURA, Eduardo Souto, “Refugio de fin de semana no Gerês (Portugal)”, *Obradoiro*, n. 9, 1984.

MOURA, Eduardo Souto, “Weekend House, Gerês”, *9H*, n.5, 1983.

MOURA, Eduardo Souto, “Lerma o un romper de alas”, Proyecto y Didáctica: ¿Hacia una Nueva Idea de Academia? – Seminario Internacional de Arquitectura y Diseño Urbano en U.S.A. Y España, Madrid, Servicio de Publicaciones del

Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1983.

MOURA, Eduardo Souto de “Café del Mercado. Braga.”, *Quaderns*, n. 163, 1985/1986.

MOURA; Eduardo Souto de, “LA piscina de Leça, 25 años después”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

MOUTINHO, Virgínio, “Old Peoples’s Home. Estarreja”, *9H*, n.5, 1983.

MULAZZANI, Marco, “‘Álvaro Siza è un architetto fuori moda...’ conversazione con Vittorio Gregotti”, *Casabella*, n.744, 2006.

NESBITT, Kate (ed), *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architecture theory 1965-1995*, Novva Iorque, PAP, 1996.

NETO, Maria João de Mendonça e Costa Pereira, “Processo de profissionalização da arquitectura em Portugal – da Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos à Ordem dos Arquitectos”, *Revista Lusófona de Arquitectura e Educação*, n. 4, 2010.

NICOLIN, Pierluigi, “Il metodo di Siza”, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d’Arte Contemporanea di Milano, 1979.

NICOLIN; Pierluigi, “Alvaro Siza: tre progetti per Kreuzberg. Fraenkelufer – Kottbusserstrasse – Schlesisches Tor / Alvaro Siza: three projects for Kreuzberg. Fraenkelufer – Kottbusserstrasse – Schlesisches Tor”, *Lotus International*, n. 32, 1981.

NICOLIN, Pierluigi, “L’esperienza berlinese / The Berlin experience”, *Alvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

NICOLIN, Pierluigi, “Primavera Portoghese, Tomás Taveira”, *Domus*, n. 661, 1985.

NICOLIN, Pierluigi, “Quinta da Malagueira. Évora”, Álvaro Siza, *Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

NICOLIN, Pierluigi, “Tracce e tracciati”, *La ricostruzione della città: Berlino IBA - 1987*, Milano, Triennale di Milano, Electa Editrice, 1985.

NICOLIN, Pierluigi, DEROSI, Pietro, SIOLA, Uberto, PORTAS, Nuno, “Argomenti / News. ‘L’ innovazione nella città.’ Per punti, per zone, o la città?”,

Casabella, n. 530, 1986.

NICOLIN; Pierluigi, “Alvaro Siza: tre progetti per Kreuzberg. Fraenkelufer – Kottbusserstrasse – Schlesisches Tor / Alvaro Siza: three projects for Kreuzberg. Fraenkelufer – Kottbusserstrasse – Schlesisches Tor”, *Lotus International*, n. 32, 1981.

NORRI, Marja-Rita, “Views. Álvaro Siza”, in *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988.

NOUVEL, Jean, “The architecture exhibition as implicit criticism”, *Vu de l’interieur ou la raison de l’architecture: Biennale de Paris. Architecture*, Paris, Mardaga, 1985.

NUNES, Maria Leonor, “Nuno Portas. Uma experiência mítica”, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1150, 29 de Outubro a 11 de Novembro de 2014.

OLIVEIRA, Paula de, MARCONI, Francesco, *Política y proyecto: una experiencia de base en Portugal*, Barcelona, Gustavo Gili, 1978

OLIVEIRA, Paula, MARCONI, Francesco, *Política y proyecto: una experiencia de base en Barcelona, Portugal*, Editorial Gustavo Gili S. A., 1978.

P., G., “Alcino Soutinho. Museo-Biblioteca ad Amarante”, *Casabella*, n. 493, 1983.

PALANCO, Rafael López, “L’Esposizione e il Piano”, *Casabella*, n. 528, 1986.

PALANCO, Rafael López, MARIN, Luis, “Siviglia 1992. Il concorso di idee per l’Esposizione Universale. Seville 1992. The ideas competition for the World Exhibition”, *Casabella*, n. 528, 1986.

PEGGIO, Eugénio, *La ricostruzione della città: Berlino IBA - 1987*, Milano, Triennale di Milano, Electa Editrice, 1985.

PEREIRA, Michel Toussaint Alves, “Essay: Tomás Taveira and his work”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196, 1987.

PEREIRA, Michel Toussaint Alves, “Luiz Cunha – tempos recentes”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

PERIEL, Monserrat, “Entrevista realizada por Monserrat Periel, Porto, 1988”, *Quaderns*, n. 178, 1988.

PETER, John, *The Oral History of Modern Architecture: Interviews With the Greatest Architects of the Twentieth Century*, Nova Iorque, Harry N. Abrams, 1994.

PETRANZAN, Margherita, SCHIESARI, Domenico, “Tecnologia – progetto; Intervista-dialogo com Álvaro Siza,” *L’architettura, cronache e storia*, n. 363, 1986.

PIIPARI, Anna-Liisa, “Alvar Aalto Medal 1988”, in *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988.

PIMENTA, Emanuel Dimas de Melo, “Álvaro Siza é o escolhido: vai reconstruir o centro de Lisboa”, *Projeto*, n. 115, 1988.

POLIN, Giacomo, “Argomenti / News. Il mercato municipale di Braga”, *Casabella*, n. 501, 1984.

PORPHYRIOS, Demetri (ed.), “Classicism is not a Style”, *Architectural Design*, 52 5/6, *AD Profile* 41, 1982.

PORPHYRIOS, Demetri, “The ticket is no Sacred Grove”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982.

PORTAS, Nuno, “Sobre la Joven generacion de arquitectos portugueses”, *Hogar y Arquitectura*, n. 68, 1967.

PORTAS, Nuno, “Arquitecturas marginadas en Portugal”, *Cuadernos summa-nueva visión*, n. 49, 1970.

PORTAS, Nuno, “prefácio”, in Bruno Zevi, *História da Arquitectura Moderna*, Lisboa, Arcádia, vol. I, 1970.

PORTAS, Nuno, “Note sul significato dell’architettura di Álvaro Siza nell’ambiente portoghese”, *Controspazio*, n. 9, 1972.

PORTAS, Nuno, “A evolução da Arquitectura Moderna em Portugal, Uma Interpretação”, in Bruno Zevi, *História da Arquitectura Moderna*, II vol., Lisboa, Arcádia, 1973.

PORTAS, Nuno, “Política Urbana y Vivienda en Portugal”, in Tomàs Llorens, *Conferencias de Nuno Portas, Campos Venuti, Luís López*, Barcelona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Cátedra de Urbanismo, Seminario de Urbanismo, 1975.

PORTAS, Nuno, “Portugal: Realidad Urbana, Política de Vivienda y Papel del Técnico”, in Tomàs Llorens, *Conferencias de Nuno Portas, Campos Venuti*, Luís López, Barcelona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Cátedra de Urbanismo, Seminario de Urbanismo, 1975.

PORTAS, Nuno, “Portugal”, in Gerd Hatje (org.), Laureano Sabater (revisão 3ªed.), *Diccionario Ilustrado de la Arquitectura Contemporânea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S. A., 1975.

PORTAS, Nuno, “A propôs du travail de Vítor Figueiredo”, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 185, 1976.

PORTAS, Nuno, “Note sul significato dell'architettura di Álvaro Siza nell'ambiente portoghese”, in Vittorio Gregotti, Italo Rota, (colab.), *Alvaro Siza, architetto 1954-1979*, Milano, Idea Editions, Edizioni del Padiglione d'Arte Contemporânea di Milano, 1979.

PORTAS, Nuno, “Notas sobre la intervención en la ciudad existente”, *Quaderns*, n. 155, 1982.

PORTAS, Nuno, “Nuno Portas entrevista Joan Antonio Solans”, *Quaderns*, n. 154, 1982.

PORTAS, Nuno, “Portugal: the contextual interpretation and the importation of models”, *9H*, n.5, 1983.

PORTAS, Nuno, “Algunos contrastes entre las experiencias urbanísticas española y portuguesa”, *Obradoiro*, 1983.

PORTAS, Nuno, “Casa para Amalia Magan”, *Obradoiro*, 1983.

PORTAS, Nuno, “Argomenti / News. 'L' innovazione nella città.' Per punti, per zone, o la città?”, *Casabella*, n. 530, 1986.

PORTAS, Nuno, “La ricerca di un luguaggio / The search for a language”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

PORTAS, Nuno, “Álvaro Siza”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1987.

PORTAS, Nuno, “Interrogations sur l'architecture de Porto”, *Architectures à Porto*, Liège, Pierre Mardaga, 1990.

PORTAS, Nuno, “Interrogations sur l'architecture de Porto”, in *Architectures à*

Porto, Liège, Pierre Mardaga Éditeur, 1990.

PORTAS, Nuno; MENDES, Manuel, *Arquitectura Portuguesa: anos sessenta, anos oitenta*. Porto: Fundação de Serralves, 1991.

PORTAS, Nuno, “Pioneiros de uma revolução”, *Jornal de Letras e Artes*, 13 de Dezembro de 1961; 24 de Janeiro de 1962; 18 de Abril 1962. Artigos reeditados em PORTAS, Nuno, *Arquitectura(s), História e Crítica, Ensino e Profissão*, Porto: Faup publicações, 2005.

PRATA, Carlos, “Family House. Vila Praia de Âncora”, *9H*, n.5, 1983.

QUAGLIA, Tiziana, POLLI, Giorgio, *Ridisegnare Venezia. Dieci progetti di concorso per la ricostruzione di Campo di Marte alla Giudecca*, Veneza, Marsilio, 1986.

R., E, “Progetti di architetti ‘under 35’ per Firenze”, *Domus*, n. 683, 1987.

RAGGI, Franco, “Europa / América, Architetture urbane alternative suburbane”, Veneza, Edizioni “La Biennale di Venezia”, 1978.

RAMALHO, Pedro, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1150, 29 de Outubro a 11 de Novembro de 2014.

RAMOS, Rui, “A segunda Fundação (1890-1926)” in *História de Portugal*, (dir. José Mattoso), vol. VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

RAVETLLAT, Pere Joan, “Europa y la continuidad del proyecto moderno. Pere Joan Ravetllat entrevista a Kenneth Frampton / Europe and the continuity of the modern Project. Pere Joan Ravetllat interviews Kenneth Frampton”, *Quaderns*, n. 163, 1985/1986.

RAYON, Jean-Paul, “Álvaro Siza Vieira. Il quartiere Malagueira a Évora / Álvaro Siza Vieira. Malagueira housing Project at Évora”, *Casabella*, n. 478, 1982.

RAYON, Jean Paul, “Álvaro Siza és un dels arquitectes més publicats...”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983.

REIS, Sofia Borges Simões dos, *74-86 Arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa*, Dissertação de Mestrado no âmbito do curso de especialização em Estudos Avançados em Arquitectura, Território e Memória, orientada pelo professor arquitecto Mário Kruger, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2007.

RESTANY, Pierre, “New Transfiguration”, *A+U Architecture and Urbanism*, n. 196.

RIHA, Rado, “Architecture and its Revolutions”, in Petra Čeferin, POŽAR, Cvetka, (ed.), *Architectural Epicentres. Inventing Architecture, Intervening in Reality*, Liubliana, Architecture Museum, 2008.

RIVERA, Pilar Cos i, “SIZA VIEIRA, Álvaro (Matosinhos (Portugal), 1933)”, *Diccionario de arquitectos. De la Antigüedad a nuestros días*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 1981.

ROCHA, João Álvaro, “Ampliação de uma central telefónica”, *Quaderns*, n. 178, 1988.

RODRIGUES, Inês Lima, “‘No Son Genios Lo Que Necesitamos Ahora’ Las Relaciones Entre La Escuela de Barcelona y La Escuela de Oporto A Través de Las Revistas (1961 – 1974)” in *Las revistas de arquitectura (1900 – 1975) crónicas, manifestos, propaganda. Actas Preliminares*, Pamplona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra, 2012.

ROSSI, Aldo, “Comunicaciones leídas en la sesión de clausura”, in Salvador Tarragó, Justo G. Beramendi, (org.), *Proyecto y ciudad histórica*, Santiago de Compostela, Publicacións do Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1977.

ROUSSELOT, Christine, BEAUDOUIN, Laurent, “Entretien avec Álvaro Siza”, *AMC*, n. 44, 1978.

ROUSSELOT, Christine, BEAUDOUIN, Laurent, “A conversation with Álvaro Siza”, *design + art in greece*, n. 14, 1983.

RUIZ CABRERO, Gabriel, *El Moderno en España. Arquitectura 1948 – 2000*, Sevilha, Madrid, Tanais Ediciones, 2001.

RUMPF, Peter, “Argomenti / News. L’ultimo concorso IBA”, *Casabella*, n. 500, 1984.

RYKWERT, Joseph, “Introducción”, Xavier Gëll (ed.), *Arquitectura Española Contemporánea. La década de los 80*, Barcelona, Gustavo Gili, 1990.

SAFRAN, Yehuda, “Bank at Vila do Conde 1980-85”, *Álvaro Siza: Recent work*, Londres, 9H Gallery, 1986.

SAFRAN, Yehuda, “City segments”, *Building Design*, n. 792, 1986.

SALMINEN, Pekka, “Alvar Aalto Medal 1988”, in *The 4th International Alvar Aalto Symposium. Architecture and Cultural Values*, Finlândia, Alvar Aalto Symposium, 1988.

SANTOS, José Paulo dos, “Two projects by Álvaro Siza, one for West Berlin and

one for Vila do Conde in Portugal”, *9H*, n. 2, 1980.

SARDO, Delfim, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1150, 29 de Outubro a 11 de Novembro de 2014.

SECCHI, Bernardo, “Il concorso per l’ área di piazza Matteotti-la Lizza a Siena / The competition for the area of Piazza Matteotti-la Lizza in Siena”, *Casabella*, n. 552, 1988.

SEGAWA, Hugo, “The Irrational Epicentre: Architecture of Brazil from 1943 to 1960”, in Petra Čeferin, POŽAR, Cvetka, (ed.), *Architectural Epicentres. Inventing Architecture, Intervening in Reality*, Liubliana, Architecture Museum, 2008.

SERNEELS, Willy, “Convite a uma descoberta”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

SERPA, Luís (coord.), *Depois do Modernismo*, Lisboa, 1983.

SILVA, Cristina Emília, FURTADO, Gonçalo, “Uma conversa com Kenneth Frampton. História, Resistência Crítica e Interesses Actuais”, *Arq.a*, n. 86 / 87, 2010.

SILVA, Cristina Emília R, FURTADO, Gonçalo, “Ideias da Arquitectura Portuguesa em viagem”, Coimbra, *Joelho, revista do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra*, n.3, 2012.

SILVA; Cristina Emília, FURTADO, Gonçalo, “Investigando a Internacionalização: as lições da primeira obra além - portas do mais mediático arquitecto Português”, *BA Boletim dos Arquitectos*, n. 229, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2013.

SILVA, Cristina Emília, FURTADO, Gonçalo, “A construção do Conhecimento internacional sobre a Arquitetura Portuguesa, anos 80 do séc. XX”, in *Cabo dos trabalhos, Revista eletrónica dos Programas de Doutoramento do Centro de Estudos Sociais em parceria com a Faculdade de Economia, Faculdade de Letras, Faculdade de Direito, Faculdade de Ciências e Tecnologia e Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, (CES UC), 2014.

SILVA, Cristina Emília R, FURTADO, Gonçalo, “A Divulgação Internacional da Arquitectura Portuguesa, 1977 – 1983”, in Ângela Salgueiro, Maria de Fátima Nunes, Maria Fernanda Rollo, Quintino Lopes, eds., *Internacionalização da*

Ciência. Internacionalismo Científico, Lisboa, Caleidoscópio, 2015.

SILVA, Gomes da, “Cassiano Branco (1898/1970): l’exception et la règle”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

SIZA, Álvaro, “Préexistence et désir collectif de transformation”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 191, 1977.

SIZA, Álvaro, “1975. Memoria de Sevilla”, *Separata. Literatura, Arte y Pensamiento*, n.3, 1979.

SIZA, Álvaro, in Muriel Emanuel (ed.), *Contemporary architects*, Londres, The Macmillan Press, 1980.

SIZA, Álvaro, “Álvaro Siza: Le nouveau quartier Malagueira, Évora, Portugal”, *ARQ*, n. 14, 1983.

SIZA, Álvaro, ““Un arquitecte va ser cridat””, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983.

SIZA, Álvaro, “La major part dels meus projectes no han estat mai realitzats...”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983.

SIZA, Álvaro, “Vuit punts ordenats a l’atzar...”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983.

SIZA, Álvaro, “Avelino Duarte House, near Ovar”, Jorge Glusberg (ed.), *Architectural design, AD Profile 56*, volume 54. No. 11/12, 1984.

SIZA, Álvaro, “Casa Baía. 1983”, *Quaderns*, n. 163, 1984.

SIZA, Álvaro, “L’ Effet Réglementaire. Habitation particulière”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 235, 1984.

SIZA, Álvaro, “Una esquina en Kreuzberg”, *A&V Monografías de Arquitectura y Vivienda*, n. 1, 1985.

SIZA, Álvaro, “Oporto Pabellón de la Escuela de Arquitectura”, *Periferia*, n. 4/5, 1985, 1986.

Siza, Álvaro, “Venecia. Concurso Internacional para la reestructuración del Campo de Marte”, *Periferia*, n. 4/5, 1985, 1986.

SIZA, Álvaro, “Berlin was the city of rigour”, *Álvaro Siza: Recent work*, Londres, 9H Gallery, 1986.

SIZA, Álvaro, “Condensare la complessità”, *Casabella*, n. 526, 1986.

SIZA, Álvaro, “Corner building on the Schlesisches Tor”, *Álvaro Siza: Recent*

work, Londres, 9H Gallery, 1986.

SIZA, Álvaro, “Premessa di Álvaro Siza / Foreword by Álvaro Siza”, *Álvaro Siza, Professione poetica / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, n. 6, Milão, Electa / The Architectural Press, 1986.

SIZA, Álvaro, “On Materials”, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

SIZA, Álvaro, “Un parcours singulier et engagé”, *AMC*, n. 21, 1988.

SIZA, Álvaro, “Viviendas y Locales en la Haya”, *Arquitectura*, n. 271 - 272, 1988.

SMITH, G. E. Kidder, *The New Architecture of Europe*, Norwich, Pelican Books, 1962.

SNODGRASS, Adrian, COYNE, Richard, *Interpretation in Architecture. Design as a way of thinking*, Londres, Nova Iorque, Routledge, 2006.

SOLÁ-MORALES, Manuel, “¿Spínola en Barcelona?”, *Arquitecturas Bis*, n. 2, 1974.

SOLÀ-MORALES, Ignasi, “The Delicate Architecture of Álvaro Siza”, *Mies van der Rohe Award for European Architecture*, Mies van der Rohe Foundation e V+K Publishing, 1990.

SOLÀ-MORALES, Ignasi, “Arquitectura Española del Siglo XX. Tres ideas para una interpretación”, *Guía de Arquitectura de España 1920 – 2000*, Madrid, Tanais Ediciones, 1998.

SOLANS, Juan António, “Portugal e o seu futuro”, *Arquitecturas Bis*, n. 2, 1974.

SOTA, Alejandro de la, “Alejandro de la Sota. Juzgados en Zaragoza”, *Arquitectos*, 108, 1989.

SOTA, Alejandro de la, “Palabras de agradecimiento. D. Alejandro de La Sota”, *Arquitectos*, 108, 1989.

SOUTINHO, Alcino, “Casa Grade. (Algarve)”, *Obradoiro*, n. 10, 1984.

SOUTINHO, Alcino, “Casa no Minho”, *Obradoiro*, n. 10, 1984.

SOUTINHO, Alcino, “Concello de Matosinos”, *Obradoiro*, n. 14, 1988, p. 43 - 55.

SOUTINHO, Alcino, “Remodelação da biblioteca – museo Albano Sardoeira”,

Obradoiro, n. 11, 1985.

SOUTINHO, Alcino, “Soutinho, museo e biblioteca ad Amarante”, *Domus*, n. 655, 1984.

SOUTO DE MOURA, Eduardo, “Souto de Moura, mercado comunale a Braga”, *Domus*, n. 655, 1984.

SOUTO, Maria Helena, MARTINS, João Paulo, “Pavilhões Portugueses Nas Exposições Universais do Séc. XIX”, in PEREIRA, João Castel – Branco (coord.), *Arte Efêmera em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

SOUTO, Maria Helena, *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*, Lisboa, Colibri, 2011.

STRECKER, Bernard, “Ensemble d’habitations, Berlin – Kreuzberg. Projet 1979”, *L’Architecture d’Aujourd’ Hui*, n. 211, 1980.

TAFURI, Manfredo, “Architecture and ‘Poverty’”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982.

TARRAGÓ, Salvador, BERAMENDI, Justo G., (org.), *Proyecto y ciudad historica*, Santiago de Compostela, Publicacións do Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1977.

TAVARES, Domingos, “A casa do Emigrante”, *Obradoiro*, n. 10, 1984.

TAVARES, Domingos, *Da Rua Formosa à Firmeza*, Porto, Edições do curso de arquitectura da e.s.b.a.p., 1985, 2ª ed..

TAVARES, André, *Tráficos do Moderno: episódios da presença do betão armado nas estratégias dos projectos de arquitectos portugueses*, Tese de Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2008.

TÁVORA, Fernando, in John Donat (coord.), *World Architecture One*, Londres, Studio Books London, 1964.

TÁVORA, Fernando, “École primaire à Vila Nova de Gaia, Portugal. Fernando Távora, architecte”, *L’Architecture d’Aujourd’ Hui*, n. 123, 1965 / 1966.

TÁVORA, Fernando, “Casa de vacaciones. Ofir. 1957”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

TEBALDI, Mirko, “Siviglia: concorso di idee per l’esposizione universale 1992”,

Domus, n. 677, 1986.

TEIXIDOR, Pepita, “Casa Luís Rocha”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983.

TEIXIDOR, Pepita, “Entrevista realitzada a Porto, l’Abril de 1983”, *Quaderns*, n. 159, Barcelona, 1983.

TEIXIDOR, Pepita, “Siza, interview af Pepita Teixidor. Siza, interview by Pepita Teixidor”, *Skala*, n. 6, 1986.

TELES, Manuel, “Casa Gaia (Porto)”, *Obradoiro*, n. 9, 1984.

TERRÉS, Juan Zamora, “Los arquitectos ante la sindicación en Portugal”, *CAU: Construcción, Arquitectura, Urbanismo*, n. 36, 1976.

TESTA, Peter, “Álvaro Siza three projects”, *Assemblage*, n. 2, 1987.

TESTA, Peter, “Álvaro Siza”, MIT Committee on the Visual Arts (org.), *Álvaro Siza: Buildings and Projects*, Cambridge, Albert and Vera List Visual Arts Center, MIT, 1986.

TESTA, Peter, “Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal 1987 – “, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

TESTA, Peter, “Tradition and Actuality in the António Carlos Siza House”, *Journal of Architecture Education*, vol. 40, n. 4, 1987.

TESTA, Peter, “Unity of the Discontinuous: Álvaro Siza’s Berlin Works”, *Assemblage*, n. 2, 1987.

TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza / The architecture of Álvaro Siza*, Porto, Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988.

TESTA, Peter, *Thresholds Workin Paper 4, The architecture of Álvaro Siza*, Cambridge, Massachusetts Institute of Technology, 1984.

TOSTÕES, Ana, “Arquitectura Portuguesa do Século XX: Eclectismo, revivalismo e a ‘casa Portuguesa’” in Paulo Pereira (dir.), *História da Arte Portuguesa*, Temas e Debates, 1997, vol. 3.

TOSTÕES, Ana, *Os verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1997.

TOSTÕES, Ana, *Fundação Calouste Gulbenkian. Os edifícios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, *Edifícios Centrais*, 2006.

TOSTÕES, Ana, Fotobiografias Século XX, Direcção de Joaquim Vieira: Pardal Monteiro, Lisboa, Círculo de Leitores, 2009.

TOSTÕES, Ana, “A diáspora ou a arte de ser português”, *Camões - revista de Letras e Culturas Lusófonas – Da identidade da arquitetura portuguesa*, n. 22, 2013.

TOSTÕES, Ana, *A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015.

TRIGUEIROS, Luiz, (ed.), *Eduardo Souto de Moura*, Lisboa, Editorial Blau, 1994.

VANLAETHEM, France, “Entrevue avec Álvaro Siza”, *ARQ*, n. 14, 1983.

VASCONCELOS, José Carlos, “editorial”, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1150, 29 de Outubro a 11 de Novembro de 2014.

VEEN, René van, “De illegale bouw in Lissabon”, *Wonen-Tabk*, n. 22, 23 – 83, 1983.

VEGA, Célia Marín, “CAU. Disidencia desde la Arquitectura (1970 – 1974)”, in José Manuel Pozo, Héctor García-Diego Villarías, Izaskun Garcia (coord.), *Las revistas de arquitectura (1900-1975): crónicas, manifestos, propaganda*, Pamplona, T6 ediciones, 2012.

VENEZIA, Francesco, “A house of Quinta da Malagueira quarter at Évora. Nuno Lopez” *Lotus International*, n. 37, 1983.

VENEZIA, Francesco, “Álvaro Siza. Nuovo padiglione universitario, Porto”, *Domus*, n. 679, 1987.

VENEZIA, Francesco, “Construito in loco. Álvaro Siza a Evora”, *Lotus International*, n. 37, 1983.

VENTURA, Nico, “L’acqua come opportunità”, *Rassegna*, n. 22, 1985.

VICENTE, Manuel, “1948 / 1961: espoirs déçus et remous culturels”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

VICENTE, Manuel, “Fernando Távora, L’inquiétude d’un homme tranquille”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 185, 1976.

VIDLER, Anthony, “Una frittata di Classici”, *Casabella*, n. 478, 1982.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Restaurant by the sea, Boa Nova” in John Donat (coord.), *World Architecture One*, Londres, Studio Books London, 1964.

VIEIRA, Álvaro Siza, “L’isola proletária come elemento base del tessuto urbano”, *Lotus International*, n.º 13, 1976.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Tres intervenciones en la ciudad de Oporto”, in Salvador Tarragó, Justo G. Beramendi, (org.), *Proyecto y ciudad historica*, Santiago de Compostela, Publicacións do Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1977.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Préexistence et désir collectif de transformation”, *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n. 191, 1977, Maio - Junho.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Il procedimento iniziale. Tre Opere.”, *Lotus International*, n. 22, 1979.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Alcino Cardoso House”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “António Carlo’s House”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Bank in Oliveira de Azeméis”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Bank in Villa do Conde Project”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Beires House”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Boa Nova Restaurant”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Bouça Resident’s Association Housing”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Caxinas Housing Estate”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Leça Swimming Pool”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Malagueira District Project”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Manuel Magalhães House”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Office Building Project”, *a+u Architecture & Urbanism*,

n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Quinta da Conceição Swimming Pool”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “S. Victor Resident’s Association Housing”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Swimming Pool in Berlin Project”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “to catch a precise moment of fluttering image in all its shades”, *a+u Architecture & Urbanism*, n. 123, 1980.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Concurso de anteproyectos para el Museo de Arte Contemporáneo de las Palmas de Gran Canaria. La seleccion del proyecto”, *Arquitectura*, n. 257, 1981.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Casa do Dr. Machado”, *Obradoiro*, 1983.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Vacation House a Moledo do Minho (1972), *Parametro*, n. 121, 1983.

VIEIRA, Álvaro Siza, “L’accumulazione degli indizi / The accumulation of the clues”, *Casabella*, n. 498 / 499, 1984.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Un territorio saturo di architettura”, *Casabella*, n. 505, 1984.

VIEIRA, Álvaro Siza, in, Carlos Castanheira, Hans van Dijk, Dorien Boasson, *Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal*, 1984.

VITALE, Daniele, “10 anni dopo..., costruire in Portogallo”, *Domus*, n. 655, 1984.

VIEIRA, Siza, “Banca Borges & Irmão, en Vila do Conde (Portugal)”, *Obradoiro*, n. 11, 1985.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Agencia bancária”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Me gustaría construir ...”, *Quaderns*, n. 169/170, 1986.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Piscina de Leça. Matosinhos. 1961 – 66”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Condensar ela complessità”, *Casabella*, n. 526, 1986.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Agencia bancaria, Vila do Conde (Portugal)”, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1986.

VIEIRA, Álvaro Siza, SANTOS, José Paulo, “Concurso internacional para la nueva estructura del Campo de Marte en la Giudecca, Venecia (Italia)”, *Arquitectura Europea Contemporánea*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1986.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Barcelona, una evocación”, *Quaderns*, n. 175, 1987.

VIEIRA, Álvaro Siza, “El pabellón de la Facultad de Arquitectura”, *Quaderns*, n. 175, 1987.

VIEIRA, Álvaro Siza, “106 Viviendas en La Haya”, *Quaderns*, n. 178, 1988.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Dos viviendas unifamiliares”, *Quaderns*, n. 178, 1988.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Enseñanza y Proyecto”, *Quaderns*, n. 176, 1988.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Facultad de Arquitectura de Oporto”, *Quaderns*, n. 176, 1988.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Palabras de agradecimiento de D. Álvaro Siza”, *Arquitectos*, n. 108, 1989.

VIEIRA, Álvaro Siza, “Building a House”, in Antonio Angelillo, Álvaro Siza, *Writings on Architecture*, Milão, Skira, 1997.

VINCE, Agnès, “Nuno Teotónio – Habitat Intermédiaire – Lisbonne”, *AMC*, n. 21, 1988.

VINDUM, Kjeld, “Álvaro Siza introduktion”, *Skala*, n. 6, 1986.

VITALE, Daniele, “Fundo de Fomento: Setúbal, città nuova”, *Domus*, n. 655, 1984.

VITALE, Daniele, “Portugal, events and echoes”, *Domus*, n. 655, 1984.

VITALE, Daniele, “Due edifici di due architetti portighesi”, *Domus*, n. 688, 1987.

VITALE, Daniele, “Encontros e desencontros entre Itália e Portugal”, *Unidade*, n.7, E/I/Migrações, 2008.

WANG, Wilfried, “Editorial”, *9H*, n. 2, 1980.

WANG, Wilfried, “Berlin Game”, *Building Design*, n. 677, 1984.

WANG, Wilfried, “Catholic Rationalism. AA Lecture Series: The young generation 12 October – 1 December 1983”, *AA Files*, n. 6, 1984.

WANG, Wilfried, “House in Ovar, Portugal, 1984”, *9H*, n.7, 1985.

WANG, Wilfried, “Álvaro Siza Vieira”, *Vu de l’interieur ou la raison de*

l'architecture: Biennale de Paris. Architecture, Paris, Mardaga, 1985.

WANG, Wilfried, “Eduardo Souto de Moura”, *Vu de l’interieur ou la raison de l’architecture: Biennale de Paris. Architecture*, Paris, Mardaga, 1985.

WANG, Wilfried, “Maison Duarte, Ovar, Portugal, 1984, Álvaro Siza Vieira”, *L’Architecture d’Aujourd’Hui*, n. 240, 1985.

WANG, Wilfried, “Marché et Café, Braga, Portugal, 1984, Eduardo Souto Moura”, *L’Architecture d’Aujourd’Hui*, n. 240, 1985.

WANG, Wilfried, “Álvaro Siza. House in Ovar”, *A+U*, n. 191, 1986.

WANG, Wilfried, “Arquitectos de Oporto. Távora, Siza, Souto – Moura. Una identidad no lineal”, *Arquitectura*, n. 261, 1986.

WANG, Wilfried, “Foreword”, in Wilfried Wang, *Emerging European Architects*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

WANG, Wilfried, “Introduction”, in Wilfried Wang, José Paulo Santos, *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

WANG, Wilfried, “Un fórum per l’architettura”, in “Álvaro Siza Vieira. La nuova Facoltà di Architettura di Porto / The new Faculty of Architecture in Porto. presentazione di Wilfried Wang”, *Casabella*, n. 547, 1988.

WANG, Wilfried, *Emerging European Architects*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

WANG, Wilfried, SANTOS, José Paulo, Alvaro Siza. *Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*, Nova York, Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design, 1988.

WHITE, Hayden, “The Fictions of factual representation”, in Dana Arnold, *Reading Architectural History*, Londres, Nova Iorque, Routledge, 2002.

WINKLER, Robert, *Das Haus des Architekten, La Maison de l’Architecte, Architect’s Homes*, Zurique, Verlag Gisberger, 1955.

WOJTOWICZ, Jerzy, “Os limites do convencional”, *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Lisboa, Galeria Almada Negreiros, 1989.

ZARDINI, Mirko, “Dalla città alla roca: un concorso a Salisburgo / From the city to the rock: a competition in Salzburg. con uno scritto di Johannes Voggenhuber e un’ intervista com Luigi Snozzi”, *Casabella*, n. 534, 1987.

ZEVI, Bruno, “How Old the Modern is!”, in Kenneth Frampton (ed.), “Modern Architecture and the Critical Present”, *Architectural Design*, 52 7/8, *AD Profile* 42, 1982.

Endereços virtuais

<http://architecturalassociation.ie/category/podcast/>

<http://archiviofoto.unita.it/index.php?f2=recordid&cod=13942&codset=BIO&pagina=71>

<http://archpaper.com/news/articles.asp?id=3818#VpKabLaLRdg>

http://biblioteca.aq.upm.es/biblioteca_digital/3revistas.html

<http://casabellaweb.eu/the-magazine/the-editors-i-direttori/>

<http://centrededesign.smugmug.com/Expositions1981-1995/Colloque-Architecture-et/>

<http://digital-libraries.saic.edu/cdm/landingpage/collection/caohp>

<http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/23517/1/2000%2016.pdf>

<http://goo.gl/d7Lu32>

<http://goo.gl/FiHVqg>

<http://goo.gl/gNbWD2>

<http://goo.gl/JcBESh>

<http://goo.gl/YQZjum>

<http://rccs.revues.org/4158>

<http://sounds.bl.uk/Oral-history/Architects-Lives>

<http://web.mit.edu/4.163J/BOSTON%20SP%202011%20STUDIO/Urban%20Design%20Docs/03.%20Urban%20Design%20Reader/L.%20Krier%20Urban%20Components.pdf>

<http://www.aaschool.ac.uk/VIDEO/lecture.php?ID=2212>

http://www.alvaraalto.fi/symposium_1988_en.htm

http://www.alvaraalto.fi/symposium_1988_en.htm

http://www.ara.cat/arabassas/l-entrevista/entrevista-antoni-bassas-josep-lluis-mateo_3_1419488041.html
<http://www.archimagazine.com/dperdicaro.htm>
<http://www.architectmagazine.com/design/rizzoli-architecture-editor-david-morton-promoted.aspx>
<http://www.architectsjournal.co.uk/>
<http://www.arquitecturaviva.com/es/Shop/Article>
<http://www.bdonline.co.uk/>
<http://www.bl.uk/reshelp/findhelprestype/sound/ohist/ohcoll/oharch/architecture.html>
http://www.calpolylametro.com/2012/events/10_lecture_testa/index.html
http://www.culture.si/en/ARK_-_Institute_for_Architecture_and_Culture
<http://www.editorialelotus.it/web/about.php>
<http://www.editorialelotus.it/web/documents.php>
<http://www.gold.ac.uk/art/research/staff/mn/01/>
<http://www.henninglarsen.com/about/history/skala.aspx>
<http://www.ica.org.uk/12350/About-Us/About-Us.html>
<http://www.ica.org.uk/29440/Archive/ICA-Archive.html>
<http://www.idz.de/en/sites/309.html>
<http://www.independent.co.uk/news/obituaries/monica-pidgeon-influential-editor-of-architectural-design-for-more-than-30-years-1818794.html>
<http://www.independent.co.uk/news/obituaries/monica-pidgeon-influential-editor-of-architectural-design-for-more-than-30-years-1818794.html>
<http://www.labiennale.org/en/architecture/history/3.html?back=true>
<http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=flores-carlos>
http://www.miesarch.com/index.php?option=com_content&view=article&id=8&Itemid=3&lang=es
http://www.miesarch.com/index.php?option=com_mipress_anterior&lang=es&offset=2460&cerca=&autor=-1&oficina=-1&tipologia=-1&clasificacio=-1&pais=-1&edicio=-1

<http://www.miesbcn.com/es/fundacion.html>
<http://www.plea2013.de/impressions/>
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n63/n63a08.pdf>
http://www.stipo.info/Artikel/ReUrba_interview_Hardt_Waltherr_H%C3%A4mer
<http://www.testawaiser.com/>
<http://www.triunfodigital.com/index.php>
<http://www.triunfodigital.com/mostradorn.php?a%Flo=XXV&num=416&imagen=16&fecha=1970-05-23>
http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/revistas/murphy2
<http://www.umemagazine.com/aboutus.aspx>
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/12.048/4080?page=3>
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/12.048/4080?page=4>
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/12.048/4080?page=4>
http://www1.ci.uc.pt/murphy/murphy/murphy%20_%20projecto%20editorial.html
http://www2.cca.qc.ca/pages/Niveau3.asp?page=irha_bibliographie_periodiques&lang=eng
<https://dialnet.unirioja.es/>
<https://goo.gl/dTIzB4>
<https://goo.gl/lpWEWI>
<https://goo.gl/vhmNHd>
<https://www.facebook.com/mecanooarchitecten/photos/pcb.954423424591528/954423054591565/?type=1&theater>
https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/6526/releases/MOMA_1988_0029_29.pdf?2010
<https://www.youtube.com/watch?v=3m357AYyleE>

Entrevistas

- ALVES COSTA, Alexandre, entrevista telefónica, 30/11/2015.
- AMARAL, Keil do, entrevista, Aveiro, 13/1/2012.
- BELÉM LIMA, António, entrevista por correio electrónico, 12/11/2013.
- BOTERO, Álvaro, entrevista por correio electrónico, 14/1/2016.
- BROWNE, Nigel, entrevista por correio electrónico, 21/8/2012.
- BURKHARDT, François, entrevista por correio electrónico, 29/7/2012.
- CAPITEL, Antón, entrevista por mensagem electrónica, 6/6/2013.
- CASABELLA, Xan, entrevista por correio electrónico, 3/4/2013.
- CASTANHEIRA, Carlos, entrevista por correio electrónico, 25/1/2013.
- CASTANHEIRA, Carlos, entrevista, Vila Nova de Gaia, 5/8/2013.
- CROSET, Pierre-Alain, entrevista por correio electrónico, 9/7/2012.
- CROSET, Pierre-Alain, entrevista por correio electrónico, 29/3/2014.
- CUNHA, Luiz, entrevista telefónica, 14/11/2011.
- FERNÁNDEZ-GALIANO, Luís, entrevista por correio electrónico, 14/5/2012.
- FERREIRA, Hestnes, entrevista, Lisboa, 1/6/2012.
- FLECK, Brigitte, entrevista por correio electrónico, 4/10/2012.
- FLECK, Brigitte, entrevista por correio electrónico, 11/12/2012.
- FRAMPTON, Kenneth, entrevista, Nova Iorque, 23/10/2009.
- GRAÇA DIAS, Manuel, entrevista, Lisboa, 7/5/2013.
- HAGELSKJAER, Anne, entrevista por correio electrónico, 3/12/2012.
- KEIDING, Martin, entrevista por correio electrónico, 30/11/2012.
- KOMONEN, Markku, entrevista por correio electrónico, 9/10/2012.
- KOMONEN, Markku, entrevista por correio electrónico, 1/11/2012.
- LUCAN, Jacques, entrevista por correio electrónico, 18/4/2012.
- MARCONI, Francesco, entrevista por correio electrónico, 24/10/2012.
- MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 8/6/2012.
- MARKHAM, Geoff, entrevista por correio electrónico, 10/6/2012.
- MATEO, Josep-Lluís, entrevista por correio electrónico, 11/3/2013.
- MELLO, Duarte Cabral, entrevista, Lisboa, 14 /12/2011.
- MENDINI, Alessandro, entrevista por correio electrónico, 29/6/2012.
- MONTEIRO, Charters, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.
- NAKAMURA, Toshio, entrevista por correio electrónico, 11/8/2013.
- NICOLIN, Pierluigi, entrevista telefónica, 29/01/2013.
- NIETO, Fuensata, SOBEJANO, Enrique, entrevista por correio electrónico, 17/5/2013.
- PORTAS, Nuno, entrevista, Porto, 13/12/2011.
- PORTAS, Nuno, entrevista por correio electrónico, 23/2/2015.
- ROUL, Christian, BOUCHAUDY, François, BOGAZC, Philippe entrevista por correio electrónico, 14/6/2014.
- SAFRAN, Yehuda, entrevista, Nova Iorque, 22/10/2009.
- SANTOS, José Paulo dos, entrevista, Porto, 24/10/2012.
- SANTOS, José Paulo dos, entrevista por correio electrónico, 8/11/2012.
- TANGE, Toshiaki, entrevista por correio electrónico, 21/8/2012.
- TANGE, Toshiaki, entrevista por correio electrónico, 26/9/2012.
- TAVEIRA, Tomás, entrevista, Lisboa, 14/12/2011.
- TAVEIRA, Tomás, entrevista por correio electrónico, 19/12/2011.
- TESTA, Peter, entrevista por correio electrónico, 7/8/2013.
- TOUSSAINT, Michel, entrevista, Lisboa, 7/5/2013.
- WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 3/10/2012.
- WANG, Wilfried, entrevista telefónica, 19/11/2012.
- WANG, Wilfried, entrevista por correio electrónico, 16/7/2013.

ÍNDICE INTERMEDIÁRIOS CULTURAIS E AUTORES DAS OBRAS

Índice intermediários culturais e autores das obras

- Abrams, Janet 20, 21, 223, 224, 229, 375, 545
- Adamczysk, Georges 188
- Alfieri, Bruno 113, 117, 118, 415
- Allies, Bob 239, 240
- Almeida, Pedro Vieira de 31, 46, 56, 86, 497
- Amaral, Francisco Pires Keil do 7, 20, 43, 45, 68, 72, 83, 86, 92, 137, 138, 144, 403, 497
- Anahory, Eduardo 50, 74, 75, 76, 77, 84, 85, 155, 156, 494, 524
- Angelillo, Antonio 91, 111, 522
- Athouguaia, Ruy d' 46, 50, 72, 77, 78, 79, 82, 83, 138, 139, 155, 156, 527, 542
- Auzelle, Robert 45, 74, 80, 81
- Azevedo, Rogério de 86, 277
- Barata, Francisco 210, 398, 513
- Bárbara, José de Santa 92
- Bartlett, Basil 221
- Battisti, Emilio 121, 168, 170
- Beaudouin, Laurent 20, 40, 176, 177, 496, 498, 539
- Beck, Haig 217, 364, 374
- Bédarida, Marc 313, 341, 499, 500, 502, 506
- Bellini, Mario 381, 419
- Boasson, Dorien 147, 152, 200, 202, 203, 205, 206, 207, 308, 496, 498, 556
- Bohigas, Oriol 7, 19, 20, 35, 75, 83, 113, 129, 139, 155, 190, 211, 212, 304, 343, 420, 446, 496, 500, 515
- Borja, Jordi 116, 526
- Botero, Álvaro 7, 20, 212
- Boudet, Dominique 358
- Boyarsky, Alvin 41, 223, 503
- Braga, Jorge 112
- Branco, Cassiano 86, 137, 144, 550
- Brandolini, Sebastiano 345
- Broadbendt, Geoffrey 427, 428
- Bru, Eduard 20, 325, 500, 506
- Burdett, Richard 230, 449
- Burkhardt, François 7, 20, 145, 294, 379, 496, 499, 508
- Burkhardt, Lucius 147
- Byrne, Gonçalo 139, 204, 209, 216, 218, 295, 297, 299, 319, 346, 351, 465, 472, 480
- Cabral, Bartolomeu Costa 45, 95
- Cabrero, Gabriel Ruiz 270, 330, 525
- Cabrita, António Reis 139, 168, 204, 209, 218, 221, 228, 295, 297, 299
- Cagnardi, Augusto 261, 262, 299
- Calvo, José Ramon 409, 410, 412
- Capitel, Antón 90, 270, 330
- Carreira, João 230, 307, 398, 399, 516
- Carreira, João Sérgio Santos 323, 469, 516

Carvalho, Henrique 210, 398, 413

Carvalho, José Luís 318, 319

Carvalho, José M. 210, 316, 319, 479

Carvalho, Miguel Guedes de 395, 398, 399, 481, 518

Castanheira, Carlos 7, 20, 147, 151, 152, 192, 200, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 227, 441, 442, 496, 498, 499, 525, 556, 562

Castells, Manuel 116, 314, 529

Cavaca, Rogério 210

Cervelló, Marta 328

Chemetov, Paul 20, 39, 256, 257, 526

Cid, Pedro 70, 71, 78, 139, 497

Collovà, Roberto 168, 263, 277, 347, 363, 449

Conceição, Luís 188, 527

Consiglieri, Victor 436, 437, 527

Cooper, Jackie 217, 364, 374

Corrales, Mateo 331

Corte-Real, António 210, 319, 479, 512

Costa, Alexandre Alves 7, 20, 22, 29, 30, 31, 33, 151, 170, 173, 204, 209, 210, 230, 233, 307, 355, 368, 370, 397, 410, 480, 527, 528, 529

Costa, Daciano da 73, 155, 497

Croset, Pierre-Alain 7, 20, 261, 268, 269, 339, 342, 345, 346, 347, 348, 396, 399, 405, 524, 528, 562

Cruells, Bartolomeu 412

Cunha, Luiz Sarmiento Carvalho e 79, 80, 81, 529, 562

David, Brigitte 108, 141, 142, 529

Dias, Adalberto 33, 111, 132, 210, 230, 252, 273, 289, 307, 308, 316, 318, 333, 360, 395, 398, 399, 413, 466, 468, 470, 480, 481, 485, 495, 511, 528, 529

Dias, Manuel Graça 7, 19, 20, 31, 32, 33, 37, 145, 150, 151, 407, 408, 409, 411, 433, 434, 438, 439, 468, 473, 488, 495, 517, 530, 531, 535, 536

Dijk, Hans van 147, 152, 192, 200, 204, 205, 206, 207, 209, 283, 449, 496, 505, 525, 530, 556

Donat, John 79, 80, 157, 529, 530, 552, 554

Dorfles, Gillo 77, 530

Duarte, Carlos 44, 81, 86, 138, 433, 434, 435, 436, 439, 530

Duivensteijn, Adri 151, 204, 499

Düttmann, Martina 145, 146, 164

Eisenman, Peter 40, 41, 46, 87, 106, 129, 149, 323, 325, 417

Émery, Marc 75, 134, 181, 182, 184, 185, 357, 531

Eugène, Reynald 359, 531

Fawcett, William 440

Feireiss, Kristin 379

Fernandes, Manuel Correia 316, 319, 398, 517

Fernandez, Sérgio 31, 32, 33, 172, 210, 233, 318, 380, 398, 466, 495, 528, 529, 532

Ferrão, Bernardo 172, 193, 210, 398, 456, 513

Ferreira, Hestnes 7, 20, 41, 46, 47, 83, 134, 136, 139, 141, 143, 169, 181, 182, 204, 228, 229, 299, 422, 433, 434, 439, 440, 473, 483, 496, 498, 512, 515, 517, 521, 530, 542, 544, 546, 549, 558, 562

Figueiredo, Vítor 86, 138, 540, 546

Fleck, Brigitte 7, 19, 20, 145, 149, 164, 186, 380, 471, 482, 496, 498, 499, 562

Flores, Carlos 91, 155, 451, 532

Frampton, Kenneth 7, 20, 37, 57, 103, 113, 188, 213, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 268, 316, 320, 321, 347, 348, 355, 356, 371, 423, 445, 447, 456, 457, 458, 471, 494, 499, 500, 502, 505, 506, 526, 531, 532, 533, 534, 535, 541, 545, 547, 549, 552, 559, 562

França, José Augusto 137

Frechilla, Javier 270, 332, 534

Galiano, Luis Fernández- 7, 20, 57, 382, 383, 384, 385, 386, 449, 508

Gandra, Hernâni 71, 72, 138

Gangneux, Marie-Christine 138

Garcia, António 73, 155, 497, 540

George, Frederico 73, 155, 429, 497

Gigante, Jorge 204, 210, 230, 319, 321, 325, 413, 535

Gigante, José 204, 210, 321, 325, 360, 395, 413, 468, 470, 479, 481, 535

Glusberg, Jorge 406, 535, 550

Godinho, Januário 45, 71, 77, 79, 80, 138, 494

Gomes, Cândido Chuva 412, 473

Gomes, Silva 138

Gomez, Carlos Tamm 227, 228

Graça, João Luís Carrilho da 216, 220, 365, 408, 410, 448, 465, 476, 516, 535

Gregotti, Vittorio 20, 36, 37, 83, 96, 97, 98, 100, 118, 125, 129, 130, 131, 139, 148, 155, 172, 173, 177, 191, 192, 193, 194, 196, 263, 264, 269, 292, 344, 349, 350, 355, 494, 496, 500, 504, 508, 511, 523, 535, 536, 537, 543, 546

Grilo, Júlio Teles 33, 408, 410, 411, 473, 536

Guedes, Pancho 80, 226

Guenzi, Carlo 117

Gulin, Francisco Couto 270, 536

Guy, Michel 256

Hämer, Hardt-Waltherr 148, 382, 431

Haslam, Geoff 209

Hatch, Richard 313

Hays, Michael 393

Hénault, Odile 188, 527

Hoz, Rafael de La 450, 451, 529

Huet, Bernard 37, 39, 83, 113, 136, 137, 139, 140, 141, 193, 194, 195, 256, 355, 357, 358, 496, 498, 500, 508, 514, 536, 537

Jauregui, Jorge 436, 537

Kleihues, Josef Paul 148, 237, 351, 381, 431

- Komonen, Marku 198
- Lampugnani, Vittorio 314, 315, 537, 539
- Lazenby, Martin 237
- Lima, António Belém 7, 19, 20, 411
- Lima, Viana de 46, 71, 77, 79, 80, 137, 138, 194, 266, 494
- Llorens, Tomàs 89, 90, 538, 545, 546
- Lobo, Vasco 138
- Lopes, Filipe 141
- Lopes, Nuno Ribeiro 230, 307, 333, 538
- Lopes, Teixeira 436, 437, 527
- López, Xan Casabella 7, 19, 273, 298
- Losa, Arménio 46, 71, 86, 137, 138
- Lucan, Jacques 7, 20, 38, 39, 135, 175, 186, 190, 256, 258, 449, 538, 562
- Mansilla, Luís Moreno 332
- Manta, João Abel 71, 72, 138
- Marconi, Francesco 7, 20, 47, 107, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 168, 169, 170, 171, 172, 289, 539, 544, 562
- Markham, Geoff 7, 19, 20, 209, 226, 228, 229, 365, 418, 540, 562, 563
- Martins, José da Nóbrega Sousa 400
- Mata, Sara de la 334, 335, 336, 540
- Mateo, Josep Lluís 7, 20, 231, 276, 313, 319, 321, 324, 325, 326, 498, 505, 506, 507, 524, 540
- Maxwell, Robert 237, 375, 428
- Mello, Duarte Cabral de 7, 20, 33, 46, 138, 225, 255, 401, 465, 540
- Melo, Francisco 204, 210, 319, 321, 325, 413, 468, 535
- Mendes, Manuel 31, 32, 210, 318, 395, 397, 401, 481, 499, 540, 541, 547
- Mendini, Alessandro 7, 20, 117, 414, 417, 418, 419, 421, 504, 541, 563
- Michellis, Marco de 381, 541
- Miguel, Carlos de 35, 83
- Miller, John 222, 377, 446
- Miranda, José Alberto 323, 516
- Miranda, Manuel 137, 139
- Moneo, Rafael 35, 36, 83, 123, 124, 125, 223, 242, 343, 405, 500, 531, 541
- Monteiro, Jorge Nuno 419, 476, 480
- Monteiro, José Charters 7, 20, 133, 400, 541
- Monteiro, Porfírio Pardal 45, 137, 138, 554
- Moreno, José Ramón 384, 385, 542
- Morton, David 417, 422, 427, 436, 440, 472, 506, 542
- Moura, Eduardo Souto de 33, 82, 111, 132, 210, 221, 230, 252, 320, 321, 323, 325, 339, 340, 360, 365, 372, 398, 448, 506, 512, 514, 515, 526, 528, 542, 543, 554, 558
- Moutinho, Virgínio 210, 230, 316, 319, 333, 360, 413, 470, 543
- Nakamura, Toshio 7, 20, 213, 214, 216, 364, 421, 422, 423, 432, 496, 503, 563
- Newman, Michael 20, 237
- Nicolin, Pierluigi 7, 20, 113, 118, 168, 172, 193, 195, 196, 260, 261, 262, 264, 339, 351, 355, 381, 416, 418, 449, 496, 499, 500, 503, 504, 505, 543, 563
- Nieto, Fuensanta 7, 20, 334
- Nieto, Maria da Graça 132, 252, 398, 399, 517
- Norri, Marja-Ritta 453
- Nouvel, Jean 39, 254, 257, 259, 366, 504, 544
- Oliveira, Paula de 121, 544
- Opus Incertum 19, 313, 382, 395, 397, 481, 496
- Paciência, João 33, 138, 143, 538
- Papadakis, Andreas 40, 241, 421
- Pereira, Michel Toussaint Alves 424, 440, 544
- Pereira, Nuno Teotónio 67, 77, 138, 294, 497, 531, 538
- Pessoa, Alberto 71, 72, 77, 78, 138, 139
- Pinto, António Cerveira 408, 409, 410, 525
- Pinto, Santiago 138
- Ponti, Gio 77, 415
- Portas, Nuno 7, 20, 29, 31, 32, 44, 45, 67, 70, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 95, 96, 98, 104, 107, 108, 128, 138, 153, 155, 158, 159, 169, 170, 171, 193, 230, 232, 275, 276, 289, 292, 301, 305, 307, 314, 339, 355, 397, 440, 441, 496, 497, 499, 500, 501, 504, 518, 540, 543, 544, 545, 546, 547, 563
- Portoghesi, Paolo 20, 33, 37, 102, 129, 245, 256, 325, 415, 504
- Portugal, Carlos 398, 399, 456, 513
- Prata, Carlos 210, 230, 307, 333, 398, 413, 495, 513, 547
- Purini, Franco 121, 168, 170, 260, 261, 262, 268, 323, 343, 406, 417
- Raggi, Franco 130, 131, 162, 263, 512, 547
- Ramalho, Pedro 141, 152, 153, 204, 210, 380, 398, 466, 499, 518, 547
- Ramalho, Raúl Chorão 138
- Ramos, Carlos 43, 45, 86, 137, 144, 194, 253, 266, 327, 328, 342, 354, 359, 368, 383, 393, 419, 424, 453, 455
- Rayon, Jean Paul 257, 277, 281, 547
- Real, Troufa 37, 407, 412, 473
- Regàs, Rosa 109
- Restany, Pierre 424, 547
- Restrepo, Luis 212
- Ribeiro, José Aleixo de França Sommer 75, 84
- Rocha, João Álvaro 319, 320, 330, 395, 456, 481, 485, 548, 571
- Roncati, Flora Ruchat 413
- Rossi, Aldo 36, 37, 42, 118, 128, 129, 132, 149, 170, 211, 212, 237, 246, 274, 304, 343, 400, 405, 446, 515
- Rota, Ítalo 192, 535
- Rousselot, Christine 40, 59, 176, 177, 178, 183, 186, 191, 205, 494, 523, 548
- Rowe, Peter 459, 460, 491
- Ryckwert, Joseph 103, 118, 268
- Safran, Yehuda 7, 20, 363, 375, 376, 377, 503, 548, 563
- Salminen, Pekka 451, 452, 453, 454, 548

Sanchez, Formosinho 46, 138

Santos, José Paulo dos 7, 20, 214, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 232, 235, 249, 255, 257, 277, 286, 320, 321, 325, 344, 354, 357, 364, 365, 366, 368, 372, 374, 375, 377, 380, 419, 420, 459, 463, 476, 479, 480, 490, 496, 498, 503, 504, 516, 519, 548, 563

Scott-Brown, Denise 130

Segurado, Jorge 43, 70, 497

Serneels, Willy 440, 549

Serpa, Luís 31, 33, 406, 407, 528, 529, 549

Silva, Conceição 71, 77, 138, 139, 424, 430, 527

Silva, Cristino da 86, 138, 440

Silva, Gomes da 137, 550

Soares, José Manuel 252, 318, 398, 399, 516

Sobejano, Enrique 7, 20, 334, 563

Solà- Morales, Ignasi de 447

Solá-Morales, Manuel 108, 551

Soutinho, Alcino 33, 46, 206, 210, 267, 296, 306, 316, 317, 318, 319, 333, 351, 360, 380, 398, 401, 445, 456, 463, 465, 466, 468, 469, 470, 485, 488, 511, 528, 529, 531, 544, 551, 552

Studio PER: Oscar Tusquets, Lluís Clotet, Cristián Cirici, Pep Bonet 214, 285

Tainha, Manuel 45, 71, 77, 82, 87, 95, 497

Tange, Toshiaki 7, 20, 212, 213, 214, 215, 216, 277, 294, 496, 563

Tavares, Domingos 8, 33, 35, 233, 273, 292, 316, 317, 398, 456, 463, 514, 528, 529, 552

Taveira, Tomás 7, 20, 37, 226, 407, 416, 417, 418, 421, 422, 423, 424, 425, 427, 428, 433, 434, 436, 437, 438, 439, 469, 472, 473, 481, 482, 483, 484, 488, 495, 503, 504, 506, 512, 515, 516, 517, 519, 520, 521, 527, 530, 541, 542, 543, 544, 546, 549, 558, 563

Távora, Fernando 45, 71, 77, 79, 80, 82, 95, 108, 138, 155, 156, 172, 193, 194, 210, 253, 266, 286, 289, 332, 398, 456, 480, 497, 515, 534, 552, 554

Teixidor, Pepita 60, 206, 277, 278, 279, 280, 281, 405, 553

Teles, Manuel 316, 317, 463, 553

Telmo, Cottinelli 43, 138

Testa, Peter 7, 20, 214, 367, 368, 382, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 467, 496, 503, 505, 553, 563

Vanlaethem, France 54, 188, 189, 205, 554

Vasconcelos, Maurício de 46, 138

Vásquez Montalbán, Manuel 87, 110

Veen, René van 209, 554

Venezia, Francesco 260, 261, 262, 263, 343, 419, 446, 456, 554

Venturi, Robert 35, 40, 89, 125, 129, 323

Vicente, Manuel 33, 41, 46, 49, 137, 138, 139, 141, 143, 422, 433, 434, 439, 473, 483, 512, 515, 517, 521, 530, 542, 544, 546, 549, 554, 558

Vieira, Álvaro Siza 60, 91, 93, 113, 117, 124, 127, 128, 129, 131, 132, 147, 193, 200, 207, 215, 217, 244, 263, 269, 270, 271, 275, 303, 304, 324, 325, 327, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 342, 343, 345, 347, 348, 355, 358, 365, 382, 413, 431, 451, 471, 477, 511, 512, 513, 516, 518, 521, 523, 525, 528, 532, 539, 547, 555, 556, 557, 558

Vieira, Egas José 410, 411, 473

Vitale, Daniele 20, 37, 105, 132, 313, 333, 341, 371, 382, 399, 400, 401, 402, 496, 499, 502, 504, 505, 556, 557

Wang, Wilfried 7, 20, 32, 151, 218, 219, 220, 221, 223, 235, 236, 257, 320, 332, 333, 341, 342, 358, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 371, 372, 373, 374, 375, 377, 394, 460, 466, 490, 491, 496, 498, 499, 502, 503, 505, 508, 511, 514, 516, 527, 532, 533, 541, 551, 553, 557, 558, 563

Wojtowicz, Jerzy 440, 558

Zardini, Mirko 344, 522, 558

Zevi, Bruno 29, 36, 67, 93, 104, 242, 545, 559

BIOGRAFIA

Cristina Emília R Silva é licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (1999) e Doutorada pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2016), com apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Trabalhou com os arquitectos Nuno Grande e Pedro Gadanho (1999/2000), com o arquitecto João Álvaro Rocha (2002/2008), e tem desenvolvido atividade profissional liberal. É co-fundadora e sócia da Cultour, que desde 2004 tem como missão divulgar a arquitectura contemporânea portuguesa. É professora auxiliar convidada na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto desde o ano letivo 2018 / 2019 (com interrupção no ano 2019/2020). É coordenadora da Associação Pró-Arquitectura João Álvaro Rocha (desde 2020).

FICHA TÉCNICA

Título: A Divulgação Internacional da Arquitectura Portuguesa 1976-1988

Autor: Cristina Emília Ramos e Silva

ISBN: 978-989-35184-0-3

Design gráfico: Carla Santos Costa

Edição: Fundação Serra Henriques

© Os conteúdos apresentados nas publicações da Fundação Serra Henriques são da responsabilidade exclusiva dos seus autores. Distribuição gratuita.

Lisboa, FSH 2023



FUNDAÇÃO SERRA HENRIQUES